



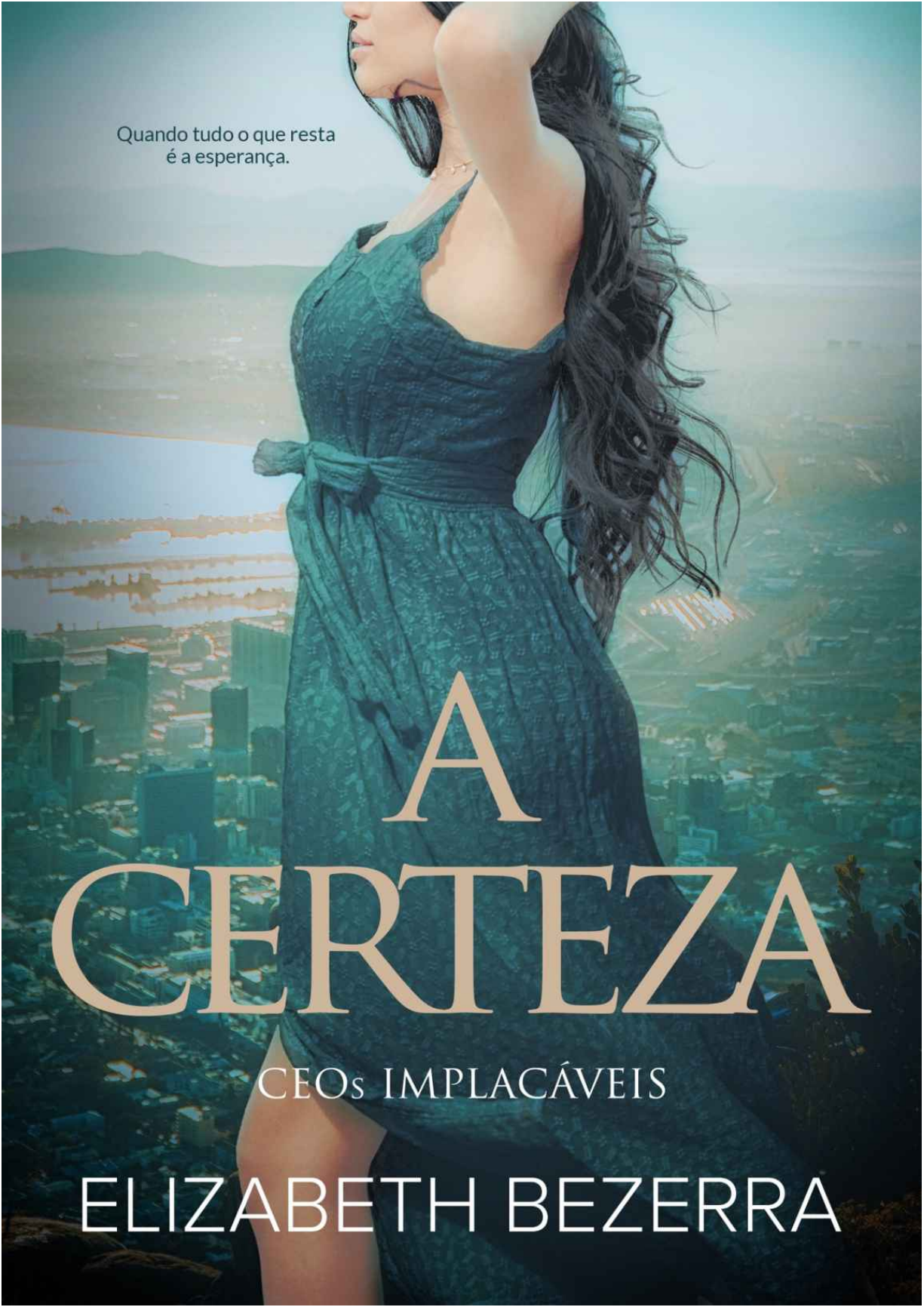
Quando tudo o que resta
é a esperança.

A CERTEZA

CEOs IMPLACÁVEIS

ELIZABETH BEZERRA





Quando tudo o que resta
é a esperança.

A CERTEZA

CEOs IMPLACÁVEIS

ELIZABETH BEZERRA

A CERTEZA

NOTA DA AUTORA

Acho que é mais uma conversa entre nós do que uma nota, precisamente.

Esse livro foi dividido em duas partes. O antes e depois do acidente da Lídia.

Calma!

Não matem a autora aqui. :) Não haverá um terceiro livro deles. As duas partes estão neste mesmo arquivo.

Optei assim, porque algumas pessoas desejam ler apenas os fatos acontecidos após *Seu Erro* e *O Acerto*. Outros já desejam a história muito mais detalhada, do começo ao fim, como eu imaginei.

Eu sei o que *eu queria e precisava* contar na história do casal, com todos os sentimentos e acontecimentos envolvidos.

Se deseja ler a partir do que aconteceu no livro do Pedro, pode iniciar pela segunda parte: **Capítulo 29**.

Escrever sobre pessoas reais, com sentimentos reais, erros e acertos reais, não é uma tarefa fácil. Mexe muito com o autor, e esse ganhou o posto de livro mais complicado de escrever para mim.

Eu sei que não vou agradar todo mundo, a quem agradar, já ficarei imensamente feliz.

A todos que me incentivaram, apoiaram, entenderam meus bloqueios de escrita e tiveram paciência comigo durante essa longa espera, os meus sinceros agradecimentos.

Vocês me fazem desejar continuar.

Boa leitura.

CAPÍTULO 1

LÍDIA

Se existia algo em que tinha total certeza, era o meu amor por Fernando. Nós tivemos uma longa história juntos. Cheia de encontros e desencontros. Ainda haveria muito o que contar, pois eu desejava ter longos e felizes anos ao lado dele.

Mas, o meu amor?

Ah, isso nunca mudaria em mim. Eu tentei, busquei de todas as formas esquecê-lo e só acabei ainda mais apaixonada.

Entregue. Completamente dele. Sua submissa.

E isso não me faz me sentir menor ou menos mulher, pelo contrário. Mesmo durante o sexo, enquanto era guiada por ele ao caminho do prazer, ele me respeitava. Cuidava de mim. Entendia os sinais do que poderia me agradar ou não.

Fora da cama, ele me dava atenção. Tratava com carinho. Ouvia os meus sonhos e compreendia os meus temores. Ele não era apenas o homem com quem sempre sonhei. Ele era o meu Fernando. A melhor versão de si mesmo, buscando todos os dias me fazer feliz. E cumpria essa meta desde o momento que eu acordava ao que dormia, sonhando com ele.

Por isso, o que eu tinha acabado de afirmar, ou melhor, decidido, ser dele de todas as formas que imaginava, que sentia precisar, antes mesmo de termos avançado mais para dentro da Paradise, onde mergulharia ainda mais fundo dentro de seu mundo de sexo e prazer, precisava ser revelado antes de

tudo. Não seria o que eu veria lá dentro a formar minha decisão; Fernando conseguira isso em cada momento que passamos juntos. Sendo nós mesmos, ou o Dom e sua submissa.

— Você nunca deixa de me surpreender, Lídia — afirmou ele, quando nos após o nosso beijo tórrido.

Fernando baixou a minha máscara que ocultava parte suficiente do meu rosto, para eu não ser reconhecida.

— Isso é ruim? — abri um sorriso provocativo, e assim que seus olhos ardentes se fixaram nos meus, tive plena consciência de que eu estava brincando com fogo.

E as chamas dele eram perigosas demais para que eu me arriscasse muito.

— Não, mas às vezes eu fico preocupado. — Não surgiu um sorriso sacana como eu esperava.

Seu olhar estava realmente sério ao me encarar. De certa forma, eu achava essa confissão algo a se comemorar. Assim como qualquer homem bonito, atraente e sedutor, Fernando tinha autoconfiança demais. E eu não podia negar que sentia uma satisfação secreta em saber que eu era a mulher que conseguia abalar, ao menos um pouco, as estruturas dele.

— Vamos? — Ele estendeu a mão para mim e entrelacei nossos dedos, permitindo que ele me guiasse pelo corredor à meia-luz.

Apesar de um pouco nervosa, não consegui deixar de notar como as paredes eram branquíssimas, os acabamentos no gesso das extremidades em tons dourado, e ao erguer meu olhar para o teto, deparei-me com várias pinturas de corpos nus. Não apenas homens e mulheres despidos, mas em pleno ato sexual, que apesar de, em um primeiro momento, causar um leve choque, ficava impossível não perceber que o artista que retratara a cena tinha muito talento.

Quando chegamos ao final do corredor, encontramos uma jovem parada, sustentando uma bandeja nas mãos. Tudo o que ela vestia eram rodela feitas de couro presas aos mamilos, com tiras que balançavam a cada movimento, e uma calcinha minúscula do mesmo tecido.

Ao nos aproximarmos mais da garota, notei que as inúmeras cores enfeitando a bandeja tratava-se de fitas.

— Amarela quer dizer que você está aberta a convites — Fernando apontou uma delas antes de começar a explicar seu significado — Azul, tudo é permitido. Não há regras. Do que ou com quem.

— Você quer dizer sado?

O pouco que consegui pesquisar, descobri que pode existir prazer na dor, inclusive que algumas pessoas só conseguiam chegar ao ápice assim, mas após ver algumas fotos e vídeos, realmente essa era a única prática que me faria recuar.

— Tudo. — O tom firme, combinado com o seu olhar profundo, fez minha coluna arrepiar — Mas sado não é mais a minha praia.

Isso queria dizer que um dia já foi algo que ele seguia.

Tendo minha identidade protegida pela máscara, enfrentei meu constrangimento com coragem e me dei conta de uma coisa importante.

— Por quê? O que mudou? — Fernando tinha dito que sadomasoquismo não era mais a sua praia, mas um dia foi — Há quanto tempo foi isso?

Novamente, seu olhar cheio de intensidade fixou em mim.

— Você. — Seu polegar tocou levemente a minha bochecha — Você surgiu e mudou tudo, Lídia.

Pelo visto, o meu suspiro apaixonado foi expressivo o suficiente para fazer a mulher à nossa frente exibir um sorriso encantado, como também ficou claro aqui o quanto eu era novata no assunto.

— Vermelho, que está acompanhada — ele seguiu com as explicações, pegou uma das pulseiras vermelhas na bandeja e meus devaneios tiveram que ser deixados para outro momento — Significa que ninguém pode tocar em você. Apenas eu tenho esse direito.

Observei, atônita, Fernando pegar o meu pulso e prender a pulseira vermelha em volta dele, depois o levou aos lábios, depositando um beijo gentil, mas quando a ponta de sua língua tocou a minha pele, o meu coração bateu um pouco mais rápido.

— Mas eu pensei que...

Devo confessar que milhares de fantasias, algumas um pouco assustadoras — essas preferi tentar ignorar — tinham passado por minha cabeça durante todas as horas que antecederam nossa chegada à Paradise. Como ter outra vez uma mulher dividindo a cama com a gente, e nos pensamentos mais absurdos, duas delas e até outro homem. Eu tinha tentado preparar a minha mente para tudo.

— Não essa noite, minha menina — afirmou Fernando, ao conseguir ler a confusão em meu rosto que a máscara tentava esconder — Vai apenas olhar. Conhecer. Assistir.

Ele passou o polegar em meus lábios, e os senti começarem a arder com o seu toque.

— E claro, jogarmos um pouco juntos.

Era esse tipo de cuidado que me referia. Fernando sabia que, apesar de me mostrar corajosa, tudo isso era novo para mim. Ele não me jogava na cova cheia de escorpiões, fazia-me entrar pouco a pouco, de forma que nenhum deles viesse a me picar.

— Você confia em mim? — Sua mão fechou em meu rosto e o olhar profundo buscou o meu — Sabe que nunca faria nada para machucá-la, certo?

Assenti, balançando a cabeça entre seus dedos, enquanto a emoção formava um nó em minha garganta. Eu estava pronta, assim como queria viver todas essas experiências com ele. Apenas com ele.

Deixamos o corredor para trás e entramos em uma sala bem iluminada. Havia pessoas circulando com copos nas mãos, em grupos, acomodadas nos sofás, algumas delas próximas a janelas, bebendo, outras ao redor de uma mesa degustando, conversando. Inicialmente, tudo parecia comum. Uma reunião normal, como das muitas que já compareci com o meu irmão.

A única coisa que denunciava um pouco o lugar que estávamos e o que aconteceria aqui, além do corredor cheio de pinturas no teto e a recepcionista com a bandeja com as pulseiras, eram os garçons, usando calça social, mas com peito nu, carregando taças de champanhe e outros tipos de bebidas. Ah, também avistei algumas mulheres com o mesmo tipo de lingerie sexies ou com a fantasia similar da mulher na recepção.

— Aqui é o lugar que geralmente as pessoas se reúnem antes de irem para os outros ambientes, onde outras cenas acontecem — informou Fernando, enquanto eu finalizava minha rápida avaliação pela sala.

— E aquela escada? — indaguei, apontando a larga escada que tinha um lindo tapete vermelho decorando-a — Onde dá?

O sorriso brilhou em seus olhos antes mesmo de se formar em sua boca.

—irá conhecer em breve.

Não era uma resposta simples à minha pergunta. Sua expressão determinada me avisava que se tratava de uma promessa. A expectativa disso fez meu sangue ferver e o meu coração pulsar em batidas aceleradas.

— Quer comer algo?

— Não — respondi apressadamente.

Encarei-o com um sorriso desafiante. Nós sabíamos bem que não era exatamente de comida que ele estava falando.

— Não está com fome? — A voz aveludada soava tão sedutora como ele conseguia ser.

— Não... — Virei até ficar de frente para ele, depois ergui minhas mãos, pousando-a em seu peito largo — não de comida, se me entende.

Com Fernando, eu tinha um apetite voraz por sexo. Nunca era o suficiente e eu sempre me via desejando mais.

Por alguns instantes, ficamos apenas encarando um ao outro. Com nossos olhos famintos trocando promessas de prazer infinito e sem reservas.

Então as mãos dele começaram a ganhar movimento em meu corpo. Uma desceu por minha coluna, vagorosamente, tendo o poder de me colocar em chamas apenas com esse toque, e a outra segurou firme meu pescoço. Seus olhos se fixaram em mim, e o brilho selvagem deles fizeram os meus joelhos perderem um pouco das forças.

Senti a leve carícia de seus dedos em minha pele quente, antes de descerem por meu colo, e Fernando agarrar meu seio já sensível com sua mão firme.

Nos aproximamos mais, como se imãs invisíveis nos puxassem um para o outro. Ele se inclinou o suficiente para que sua boca chegasse à minha e sua língua corresse meu lábio de uma extremidade a outra. Havia tanto tesão entre nós, meu corpo estava tão vivo e consciente dele, que o burburinho de música, vozes e a consciência de que havia muitas pessoas à nossa volta deixou de ter importância. Fernando tinha o poder de me enfeitiçar, de me manter conectada a ele de uma forma surreal.

Tudo o que eu desejava era que ele findasse com essa tortura, deliciosa, devia confessar, que seus lábios faziam em minha boca e as mãos

provocavam em mim, e que ele nos conduzisse a um lugar onde pudéssemos dar vazão a todo esse desejo nos incendiando.

— Senhores? — O chamado distante fez Fernando se afastar e senti-me angustiada com isso — Damas? A Paradise está aberta.

Quando me virei em direção à voz, avistei um homem, em um elegante terno escuro, se dirigir em direção a maciças portas duplas de madeira e abri-las.

Conforme as pessoas deixavam pouco a pouco seus lugares, consegui observar que eu não era a única pessoa a manter o meu rosto oculto. Havia três ou quatro mulheres e dois homens também.

— Algumas desejam o anonimato — murmurou ele, como se novamente tivesse lido a minha mente ao me conduzir para outro corredor — Absoluto.

Possivelmente deveriam ser figuras públicas como artistas, pessoas ligadas à lei, esportistas ou políticos, que teriam muito a perder se fotos ou vídeos deles vazassem para a imprensa.

— O que acontece na Paradise fica aqui, certo?

— Deveria — ele murmurou, sério — Mas sempre há alguém que quebra as regras.

— Você nunca teve medo?

— Medo? — Ele me encara, sério.

— Extorsão. De alguém jogar ao grande público o que você faz. — Virei meu rosto para ele quando precisamos parar para que um grupo entrasse no próximo cômodo — Quem você é.

Demos mais alguns passos, e pude notar, com meus olhos cada vez mais curiosos e atentos, que os jogos de luzes faziam a casa parecer ainda mais lúdica.

— Não conseguiriam nada. — Havia um certo tipo de dureza em seu rosto, mas de alguma forma, eu sabia que não estava direcionada a mim — Não tenho vergonha do que sou, Lídia. O que as outras pessoas pensam não me importa.

Fernando tinha razão. Não devíamos passar a vida querendo agir ou fazer o que as pessoas achavam correto para nós. Cada um deveria cuidar de si mesmo e se importar menos com o que os outros fazem. Cabia a nós mesmos enfrentar as tristezas e sair em busca da felicidade. O que é certo para alguns, poderia ser completamente errado para outros, mas o respeito, esse deveria pertencer a todos, dar e receber.

Sei que eu estar aqui chocaria muitas pessoas, como amigos mais íntimos e familiares. Mas eu não me arrependia de nenhuma das escolhas que fiz até aqui. E queria conhecer ainda mais esse mundo que fascina Fernando e começava a me fascinar também.

— Pronta? — A pergunta surgiu no mesmo momento em que paramos na entrada da grande sala, e os meus olhos abriram-se, surpresos.

Imaginar o que veria aqui e ter o cenário completo diante de mim são coisas completamente diferentes.

Se eu estava pronta?

Bom, definitivamente, essa, sim, era uma excelente pergunta.

CAPÍTULO 2

FERNANDO

Aguardei a sua resposta que veio com um audacioso manear de cabeça. Isso manteve tanto a minha admiração por Lúdia como o meu divertimento sádico, escondidos em uma expressão impassível. Por mais corajosa que ela quisesse aparentar, para provar a mim ou a si mesma que era capaz de passar por tudo que veria na Paradise com bravura, ninguém estava realmente pronto para a sua primeira vez em uma casa como essa.

Ainda conseguia me lembrar de como fiquei assustado, e em um primeiro momento, chocado, quando Rosa, a prostituta escolhida por meu pai para me tornar um homem de verdade – segundo suas palavras – levou-me a um lugar como esse. Bem menos luxuoso, claro, mas o objetivo de todos era o mesmo.

Conseguir sexo e prazer sem limites.

— Quando você quiser, nós podemos ir... — Parei em frente a ela antes que avançássemos mais para dentro do salão, onde as luzes, fumaças, música e gemidos davam uma prévia do que iríamos encontrar ao seguir adiante.

— Está tudo bem, Fernando. — A confirmação veio em um tom decidido, seguido de um sorriso que me fez puxá-la para mim.

No passado, com outra companhia, jamais teria cogitado a possibilidade de sair daqui essa noite sem ter conseguido o que eu viera procurar. Eu simplesmente colocaria a garota receosa dentro de um táxi, se ela apresentasse dúvidas em fazer parte do jogo, que a levaria de volta para

a sua vida baunilha e retornaria para dentro da casa em busca de outra mulher que buscasse os mesmos prazeres que eu.

Mas Lídia era diferente de todas as outras mulheres, que nunca conseguiram passar de um mero número ou nome em minha agenda de contatos. Nós tínhamos uma história juntos. O que sentíamos, o que vivemos até aqui, era profundo e maior, intenso o suficiente para ir além de nós. Talvez, finalmente, eu estivesse pronto a admitir que eu estava...

— Brandão? — A voz conhecida cortou os meus pensamentos e virei em direção ao casal que se aproximava de nós.

Aron Möller era um empresário alemão com quem Pedro fazia negócios e também um dos membros mais antigos e importantes da Paradise. Alguns diziam que a casa pertencia a ele, mas o verdadeiro dono nunca mostrou sua cara publicamente aos associados.

Ao seu lado, grudada em seu braço, parecendo mais pegajosa que erva daninha, estava Natasha. Ela tinha chegado ao clube através do irmão de Lídia e chefe dela. Não sou puritano, encontrava-me bem longe disso, mas não achava uma ideia muito inteligente Pedro foder a secretária, e pior ainda, que ela fosse para a cama com um dos sócios dele, mas todos eram adultos, a forma como conduziam essa relação, no mínimo estranha, dizia respeito apenas aos três.

— Aron — cumprimentei-o com um aceno de cabeça e fiz o mesmo com ela apenas por educação, algo nessa mulher não me descia — Natasha.

Talvez tenha sido o fato que, fora da Paradise, ela tenha tentado jogar o seu charme em mim. Eu poderia estar sendo extremamente julgador ou até um pouco preconceituoso, mas acreditava que Natasha buscava apenas um homem financeiramente bem-sucedido que viesse a dar a ela a vida cheia de luxo com que devia sonhar.

— Faz algum tempo que não o vejo. — Vóltei a encarar Aron e notei que, apesar de se dirigir a mim, fixava toda a sua atenção em Lília, revelando a mim o real motivo de sua aproximação — Mas consigo entender perfeitamente o porquê.

Por instinto, ou qualquer outro sentimento forte que não soube definir nesse momento, entrelacei os meus dedos mais firmes nos de Lília e a mantive bem colada a mim.

— Quem é a bela dama mascarada? — indagou Aron.

Seus olhos brilhavam de forma que não me agradavam nem um pouco.

Eu nunca tive ciúmes de nada. Sempre me encarei como um homem um tanto controlador, mas não possessivo, com coisas e principalmente sobre as pessoas. Nem mesmo quando via o amor e carinho que Pedro e Lília recebiam dos pais, enquanto eu não tinha nada dos meus, traziam-me pensamentos invejosos.

Bem diferente do que sentia nesse momento. Lília era minha, e não estava disposto a compartilhá-la com ninguém nesse momento. Não essa noite, pelo menos.

— Isso não é da sua... — comecei a responder em um tom duro, para que ficasse esclarecido a Aron que ela estava fora de qualquer joguinho que estivesse surgindo em sua cabeça.

— Vênus — Lília colocou a mão livre em meu braço e respondeu por cima das minhas palavras, conseguindo não só a minha surpresa, como a atenção de todos nós — Essa noite, apenas Vênus. Acho que é tudo o que o senhor precisa saber, por enquanto.

Contive um gemido angustiado. Compreendia a intenção de Lília, mas eu sabia que sua resposta apenas se tornaria combustível, inflamando ainda mais a curiosidade de Aron, e isso a tornaria um desafio para ele. E aqui somos movidos por desafios.

Ao encarar o seu sorriso confiante, que eu gostaria de fazer desaparecer com o meu punho, constatei que tinha acontecido exatamente isso.

— Um nome bastante incomum, não é, querida? — destacou Natasha com um olhar indisfarçável e nada amigável para Lília, antes de sussurrar a Aron, num tom suficientemente alto e proposital para que pudéssemos ouvir suas palavras com um toque de veneno: — É comum aqui, na profissão dela, usarem nomes de guerra.

A ideia era sermos os mais discretos possíveis, de forma a manter a identidade de Lília protegida, mas eu não ficaria ouvindo alguém tão vulgar como Natasha, incomodada pela beleza e frescor juvenil daquela que passou a ver como rival, rebaixá-la para se sentir melhor.

— Ela não é uma prostituta. — Afastei-me de Lília por um momento e agarrei um dos braços da loira dissimulada com força o suficiente para fazê-la ficar nas pontas dos pés e me encarar com o olhar assustado — Retire o que disse. Agora.

— Eu...eu... só pensei que... — ela balbuciou, nervosa.

Tanto seu braço, que ainda mantinha firme em minha mão, como seu olhar arrependido, tentavam fugir de mim.

— Mesmo que ela fosse uma prostituta, isso não é da sua conta, Natasha. Se tentar falar com ela assim mais uma vez, vai se arrepender amargamente disso.

Eu acabaria com qualquer um que tentasse ferir Lília, mesmo que não fizessem a menor ideia de quem ela era. Uma das herdeiras bem-educadas e ricas do país. Mesmo que fosse apenas uma garota de programa, não aceitaria qualquer um que tentasse humilhá-la perto de mim.

— Está tudo bem. Vamos manter a calma aqui. — Aron e sua voz macia interviram, e ele me impeliu a soltá-la — Tenho certeza de que ela

não quis ser indelicada, certo, Natasha?

A loira balbuciou um pedido de desculpa tão falso quanto ela, que nem mesmo Aron parecia acreditar, mas como eu não estava disposto a arruinar minha noite com Lídia por causa de alguém tão insignificante quanto Natasha, obriguei-me a me acalmar e tornei a colocar o meu braço protetor em volta dela.

— Vênus, a versão romana da deusa do amor, certo? — indagou Aron em seu espanhol arrastado, mas compreensível, como foi durante toda a conversa — E essa preciosidade é sua, Fernando?

A pergunta de Aron me incomodou tanto quanto o sorriso cínico que via surgindo em seu rosto, ao devorar Lídia através do vestido justo.

Eu sabia muito bem o que ele estava pensando. No lugar dele, antes de tudo mudar, da minha vida virar uma bagunça emocional provocada por Lídia, teria feito o mesmo ao me deparar com uma jovem tão atraente e misteriosa quanto ela.

— Cada pedacinho pelo qual você está babando, Aron. — Apesar de minha afirmação tê-lo feito rir, mantive minha expressão fria.

— O que o aborrece, Brandão? — Desta vez foi ele que me encarou com um olhar muito sério — Dividir nunca foi um problema para você antes. Lembra?

Quando não estava bancando o conquistador barato, como agora, ou no caso, me incomodando com seu interesse em minha acompanhante, Aron normalmente era um cara agradável. Fosse para um jantar descontraído ou em uma noite intensa de orgia.

Sim, já compartilhamos algumas mulheres ou participamos de algumas cenas juntos. Eu, ele, Nick e Pedro.

E assim como eu, Aron gostava e dominava muito bem o Shibari, uma técnica de amarração japonesa muitas vezes utilizada no mundo BDSM,

principalmente dentro do termo *bondage*, para práticas de restrição física.

— Não hoje — respondi secamente.

O problema era que não gostava de vê-lo rodeando Lída. Aron era rico, tinha boa aparência e era um Dom experiente.

Droga!

Que merda estava acontecendo comigo?

Eu nunca senti esse tipo de insegurança antes. Não sobre ser um Dominador.

E enquanto nos enfrentávamos em uma conversa silenciosa, cheguei à conclusão de que parecíamos dois felinos rosnando um para o outro, tentando marcar um território maior, em busca de ganhar o respeito de nossas fêmeas. Isso parecia completamente ridículo.

— Bom. Se mudar de ideia — ele voltou a envolver a cintura de Natasha e ela se enroscou mais a ele —, sabe como e onde me encontrar. Poderíamos nos divertir todos juntos essa noite.

Definitivamente, não. E isso não apenas porque tinha prometido a mim mesmo ir um pouco mais devagar com Lída hoje. Ainda não estava pronto para voltar a dividi-la. Depois da garota na jaula, e obviamente agora, descobri que tenho essa possessividade que me deixava inquieto.

— Lembrarei disso — respondi, pronto a nos encaminhar para o outro lado do salão.

— Ah, Fernando? — Ele ergueu a mão para tocar o pescoço de Lída, mas o olhar feroz que dei a ele o fez recuar — Acho que deveria cuidar desse detalhe da próxima vez. Evitará confusões no futuro.

Havia uma regra que Aron nunca iria quebrar. Ele não tocaria na submissa de outro Dom, a menos que fosse um presente oferecido a ele, pelo próprio.

— Sem dúvida, esse lindo pescoço merece uma joia — disse Aron antes de finalmente nos deixar em paz.

Aron se referia à coleira. Não era regra que Lídia usasse uma, mas todas as submissas que tive possuíram. Evidentemente que eu ficaria feliz pra cacete se ela aceitasse usar, mas isso era algo que ainda precisaríamos conversar.

— Acha que ela me reconheceu? — Lídia indagou, completamente alheia ao turbilhão dentro de mim, quando voltamos a circular pelo ambiente — A secretária do meu irmão?

Isso seria realmente um grande problema. Aron não falaria dessa noite fora dessas paredes, mas Natasha poderia se tornar um grande inconveniente no futuro.

— Ela estava mais preocupada em tentar apagar o seu brilho para o Aron, do que interessada em saber quem você é.

Nunca consegui entender esse tipo de competitividade feminina. Embora soubesse que alguns homens instigavam isso para se sentirem conquistadores, eu não era assim.

— Esqueça a Natasha, tudo bem? — Toquei parte de sua bochecha, que a máscara deixava à mostra, com a ponta dos dedos e escorreguei para os seus lábios — Eu disse que hoje seria diversão... —Trouxe-a para mais perto de mim e aproximei nossas bocas: — E prazer.

Que só eu daria a ela, ninguém mais.

— Eu mal posso esperar por isso. — Lídia agarrou-se à minha camisa quando a tomei para um beijo fervorosamente apaixonado. As suas respostas aos meus toques faziam meu desejo por ela aumentar ainda mais.

Aron, Natasha, Pedro... qualquer um além de nós foram sendo deixados para trás.

O desejo de minhas mãos, ao correrem freneticamente por ela, era arrancar o maldito vestido justo de seu corpo pecaminosamente sexy e a foder agora mesmo. Mas eu queria mostrar um pouco mais da Paradise, do que acontecia aqui antes de nos arremessarmos aos jogos sexuais e de prazer.

Com seu suspiro de protesto, desgrudei seus lábios inchados dos meus e voltei a colocá-la ao meu lado. A cada passo que dávamos, mais desse mundo ia se revelando aos olhos dela através de casais e grupos interagindo.

Uma submissa em uma sessão de *biting*^[1] com seu dom.

A Dominatrix usando sua *cane* em seu escravo em uma prática de cock and ball^[2].

— Quem são eles?

Virei em direção aos dois homens que cruzaram por nós e Lídia encarava com curiosidade. Eram as únicas pessoas aqui dentro com permissão para qualquer tipo de arma de fogo.

— São Monitores de Masmorra — respondi, trazendo sua atenção de volta para mim — Podem ser homens ou mulheres que ficam responsáveis por fazer que a SSC seja respeitada.

— As palavras de segurança? Pensei que segui-las fosse uma regra.

— Há sempre os que podem confundir um pouco as coisas ou tentam usar de forma errada. Se algum babaca passar do ponto, bancando o machão, achando que isso os torna um dominador, machucando alguma garota, além do que que ela iria permitir, eles estão aqui para fazê-los entender o quanto estão errados.

Existia uma grande diferença entre sexo pesado, até mesmo sádico com um pouco de violência, com agressão física gratuita de quem não conhecia os próprios limites e nem respeitava o do outro. Ninguém aqui,

que conhecia e respeitava nossa filosofia, concordaria com essa prática errada. Violência mascarada de sexo selvagem.

— Nunca vi a intervenção deles ter sido requisitada aqui — garanti a ela, levando sua mão aos meus lábios, enquanto via sua respiração voltando a se normalizar — Mas sempre estará segura comigo, Lídia.

Qualquer um que ousasse imaginar feri-la não sairia vivo daqui. Era mais do que uma afirmação, mas um juramento.

Depois de termos explorado o salão e Lídia ter se deparado com cenas que a deixou claramente chocada, como *fist fucking* e sadismo, deixei-a sozinha por um breve momento para conferir a reserva desta noite.

— Pronta? — Retornei a ela, que olhava curiosa e meio tímida um *ménage à trois* acontecendo no palco.

— Você sempre me pergunta isso — destacou ela, abrindo um sorriso divertido para mim.

— É importante que me diga como se sente com o que vê — voltei a afirmar —, para permitir-se experimentar.

E não apenas porque era uma regra, a minha mais importante regra. Mas porque era Lídia. Sua segurança emocional e física vinha antes do sexo. Precedendo a tudo. E eu desejava que todas as experiências fossem prazerosas e inesquecíveis para ela, tanto quanto eram para mim.

— Às vezes, acho que você me conhece mais do que eu mesma, Fernando. — Por causa da máscara cobrindo sua face, ocultando assim suas reais emoções, eu não sabia definir se isso era algo que a incomodava ou aceitava com resignação — Pelo menos, o que o meu corpo deseja e nunca tinha explorado.

Quando nos permitimos despirmos de certos preconceitos e que deixamos nossos corpos nos guiar pela busca do prazer, tudo ficava mais

claro e realmente parecia que uma venda era tirada dos nossos olhos.

— Venha comigo. — Busquei sua mão e guiei-a entre as pessoas ao nosso redor.

Em um determinado ponto antes de nosso destino, diante de olhares animados e ansiosos pelo espetáculo que veriam, tornando nossa caminhada um pouco mais difícil, consegui guiá-la até ficarmos em frente à imensa caixa coberta por um pano preto de cetim.

— O que vamos ver? — inquiriu Lúdia, assim como os demais, bastante interessada em saber o que haveria embaixo do tecido escuro — Outra apresentação?

— Um show? Sim. — Fiz sinal com a cabeça para que os dois homens, um em cada lado da grande caixa encoberta, puxassem as cordas — Mas a nossa cena.

Enquanto Lúdia observava a gaiola de vidro, pouco a pouco sendo revelada, eu estudava seu rosto ganhando diferentes expressões.

Confusão. Receio, e a mais importante de todas, fascínio com o que via surgir diante de seus olhos curiosos.

Coloquei-me atrás de suas costas, e desci minhas mãos pela lateral de seu corpo até as prender em sua cintura.

— Um jogo — respondi, colando os meus lábios em seu ouvido, e senti seu corpo estremecer contra o meu em resposta — O nosso jogo.

E ele será incrível!

CAPÍTULO 3

LÍDIA

Foi tudo uma preparação para essa noite, meditei.

A escolha do vestido preto de corte simples e corpete decotado, que evidenciava cada detalhe em meu corpo, acentuando todas as minhas curvas femininas e que fazia com que me sentisse sexy, mas também parecesse elegante. Os saltos altos enfatizando as minhas pernas torneadas e bronzeadas.

Os únicos adornos em mim eram um simples par de brincos e a máscara veneziana cobrindo o meu rosto. Do pedido para que não usasse calcinha por baixo do vestido, a cada cena que assisti, ora com espanto, ora com curiosidade entre os casais e grupos, foram uma espécie de preparativo para o nosso momento de agora.

Ajaula.

Todos os objetos visíveis dentro dela.

As pessoas olhando em volta da grande caixa de vidro, em expectativa para presenciarem o show.

Esse era o nosso jogo.

Não iria mentir, cada passo que dava em direção à grande jaula de vidro causava em mim um turbilhão de sentimentos. Mas bastou o olhar de Fernando encontrando o meu, a segurança que me passava e o desejo que via brilhar neles, ansioso pela experiência única que iríamos compartilhar, com o pedido silencioso de que continuasse a confiar nele e

me permitisse mergulhar nos desafios que seu mundo representava, para trazer de volta a coragem e a certeza de que, sim, faria isso por ele, mas por mim mesma também.

Nem tudo o que vi durante o meu breve *tour* pela Paradise me deixava confortável ou corajosa a praticar, mas entrar nessa grande bolha transparente com ele, me entregar de forma que jamais tinha fantasiado antes, ir além dos meus limites, empolgava, excitava e me deixava louca por Fernando, mais do que eu poderia descrever.

Eu deveria estar maluca. Só poderia estar delirando, e qualquer pessoa friamente racional jogaria essa verdade sobre mim, mas eu realmente não me importava com quem estivesse além dessas paredes que nos protegiam. Não me importava com ninguém que não fosse capaz de entender que todos nós tínhamos desejos secretos e fantasias ousadas, mas os que nos diferia, Fernando e eu dos demais, das pessoas comuns, era que não temíamos nos entregar a isso, por causa de julgamentos que deveriam ficar do lado de fora da Paradise.

E ao me entregar a Fernando, render-me a ele, sentia-me livre.

— Vem comigo? — A pergunta surgiu segundos antes de a porta ser travada atrás de mim.

Estava nítido, em seu olhar firme, que Fernando mandaria tudo ao inferno se minha resposta fosse negativa. Como sempre, a decisão estava em minhas mãos, e eu escolhia continuar.

Meu corpo e mente desejavam isso como se uma febre ardesse por toda a minha pele.

— Sempre — Encurtei a pouca distância que existia entre nós, abrindo um sorriso que o fez ficar mais tranquilo —, Senhor.

O brilho ardente em seus olhos e expressão compenetrada mostravam-me que o Dom tomava o seu lugar, mas ao pousar minha mão

vacilante em seu pescoço, quando senti sua veia pulsar ao meu toque e notar que seu coração batia na mesma velocidade frenética que o meu, constatei que essa outra parte dele, a que eu amava, continuava ali, em alerta, pronta para emergir a qualquer momento que eu me sentisse acuada.

— Perfeita — ele sussurrou e segurou o meu rosto.

Ele beijou suavemente o canto dos meus lábios. Depois os seus olhos viajaram de cima a baixo pelo meu corpo, e o desejo que via neles fez o meu corpo queimar ainda mais e meus joelhos enfraquecerem.

Fernando passou a ponta da língua molhada por meus lábios e virou-me de costas para ele em seguida. Um sorriso bonito surgiu em seu rosto. Eu enxergava apenas o Mestre, seguro e confiante de todos os prazeres que proporcionaria a nós e a quem possivelmente viesse a nos observar. E assim como o seu Dom, a submissa que existia em mim deixava a recatada Lídia para trás.

Após alguns passos curtos, eu me vi pressionada entre ele e a parede de vidro, enquanto a jaula suavemente era erguida, ficando quase três metros suspensa do chão, dando-nos ampla visão do salão e das pessoas espalhadas em torno de nós.

— Abra as pernas — ele ordenou em um tom rouco em meu ouvido, e a cada sopro de suas palavras sussurradas, as mãos moviam-se lentamente sobre mim.

Obedeci ao seu comando mais rápido do que os meus olhos conseguiam piscar. O meu corpo tinha vontade própria, e ele respondia ao chamado do desejo que o Mestre invocava em mim. Era preciso muito pouco para que ele me deixasse excitada, e esta noite o meu corpo antecipava que teríamos algo especial. Nossa química estava tangível no ar e qualquer um nos observando poderia sentir isso.

— Mais... — Quando sua mão fechou em volta do meu seio, ansiosamente dolorido pelo seu toque, os meus mamilos imediatamente ficaram duros e minha boceta sentiu os primeiros sinais de que seria uma noite intensa — O que você vê lá embaixo?

A pergunta veio enquanto ele deslizava a mão por debaixo do meu vestido e os dedos seguiam de encontro à minha vagina molhada — Diga.

Estremeci, sentindo meu calor aumentar quando ele deslizou a ponta do polegar até o meu clitóris inchado.

— Eu vejo... — Fernando iniciou pequenos círculos em meu ponto de prazer, e isso me levou a espalmar as mãos contra a parede e inclinar meu quadril em sua direção.

Como sempre, quando ele iniciava essa doce tortura em mim, a razão me faltava e eu pouco conseguia me concentrar nas pessoas ao nosso redor.

— Olhe para baixo e observe cada um deles — ele insistiu e se inclinou sobre mim — O que você vê?

Ele afastou os cabelos de minha nuca para novamente espalhar beijos quentes e macios sobre a minha pele.

— Pessoas — ofeguei e respondi de forma irracional, era impossível descrever o que conseguia observar quando ele introduzia dois dos seus longos e grossos dedos em mim — Elas... elas... Oh, meu Deus!

— Pessoas fodendo? — completou ele, o que eu parecia incapaz de fazer ao ter seus dedos entrando e saindo em um ritmo vertiginoso — Dando prazer uns aos outros, como nós?

Assenti com um fraco movimento de cabeça, apoiando-a em seu ombro, enquanto o meu corpo se esfregava contra o dele, movendo-nos fluidamente nessa dança eroticamente sensual. Juntos, nossos corpos

geravam um calor, uma espécie de imã que nos mantinha presos em nosso próprio mundo.

Quando a minha mente começou a girar, sentindo que gozaria com as estocadas firmes de seus dedos, Fernando os afastou de mim. Virou-me para ele e buscou minha boca de forma sedenta. Eu podia sentir o desejo, em seu beijo e quando pressionou-se contra mim. A língua dele invadindo a minha boca, beijando-me ardentemente, enquanto seguia a me acariciar através do tecido frágil do vestido.

Gemi baixinho ao ter sua mão ao redor do meu pescoço, a outra acariciava os meus seios e beliscava um dos mamilos eretos.

Fernando sorria, maliciosamente, quando começou a tirar o vestido de mim. O safado sabia exatamente o que estava fazendo para me ter alucinada e em suas mãos, pela longa e prazerosa noite que nos aguardava.

Com a mesma tortura vagarosa, despiu-se diante de meu olhar fascinado. Ele segurou o membro ereto e duro, movendo seus dedos sobre eles, deliciando-se com a reação que causava em mim.

— Em posição — ordenou ele, e esse era meu comando para que ficasse de joelhos, o que não hesitei em fazer, rapidamente dobrando-os até tocarem o chão — Boa menina.

Fernando afagou o meu rosto com carinho. Enquanto continuava a se tocar, para a minha admiração e deleite, seu pau engrossava mais em sua mão. Eu estava morrendo de vontade de levá-lo à minha boca, faria isso a noite toda, sentindo-o quente e duro, assistindo Fernando se desfazer para mim.

Ele avançou lentamente, direcionando o seu membro para minha boca.

— Abre — ordenou com a voz macia, mas possuía um ar de quem sabia que seria prontamente atendido.

Obedeci instantaneamente, imediatamente, abrindo mais minha boca, e o lambi, chupando delicadamente a glândula de seu pau inchado. Suavemente tomando mais de seu eixo em minha boca. Passei a chupar mais fundo e com mais desejo a cada movimento que fazia com minha boca.

Fernando gemeu. Ele apoiou as mãos abertas sobre a parede de vidro da gaiola. Seu olhar em brasa acompanhava a minha performance, enquanto eu sentia minha intimidade ficar mais úmida, os meus seios mais pesados e meu clitóris inchando ainda mais de excitação.

Ousadamente, fiz a minha língua girar ao redor de seu membro e levava-o em minha boca tanto quanto eu conseguia. Tomando mais e mais, até seu pau atingir fundo a minha garganta. As lágrimas acumulando em meus olhos não me impediam de deslizar um pouco mais para baixo e fundo.

Eu podia ouvir os gemidos dele e sussurros que vinham ao redor de nós, mas toda a minha atenção estava voltada para Fernando e a todo prazer que queria dar a ele.

— Ah... — Ouvi seu grunhido selvagem antes de que, com um agarre firme, me fizesse ficar de pé — Caralho!

Ele passou a ponta do polegar em meus lábios lambuzados e me puxou para um beijo carregado de desejo, causando em mim uma sensação quase etérea, como se estivesse nada menos que flutuando nos braços dele.

Fernando se afastou um pouco e deixou seu olhar intenso varrer o meu corpo nu. Circulou à minha volta, sem pressa, devorando cada curva

em mim, como eu notava outros homens e até mesmo mulheres admirarem através das paredes de vidro.

Mal iniciamos a nossa cena e já tínhamos atraído muitos olhares curiosos e excitados com nossa interação. Em algum momento fixei minha atenção nos rostos desconhecidos, acreditei ter avistado Aron entre eles, mas não encontrei Natasha por perto. Fiquei um pouco aliviada. Embora soubesse que ela estivesse aqui pelos mesmos motivos que eu, buscando sexo e prazer, não gostava da ideia de que ela nos observasse a distância. Que visse Fernando em ação com a sua submissa. Talvez fosse apenas ciúmes bobos de minha parte, mas era assim que eu me sentia.

— Lídia? — A voz imperativa me fez tornar a prestar atenção exclusivamente nele, e eu encarei as duas cordas compridas que desciam do teto, que ele segurava — Nós vamos jogar com as cordas. Ok?

Assenti.

Fernando era um especialista em *shibari* e sua técnica de amarração já garantia um grande espetáculo para quem nos assistia. Em nossa intimidade e em momentos de descontração, eu tive breves demonstrações de suas habilidades com os nós, mas o que ele começava apresentar essa noite, passando a corda em pontos diferentes do meu corpo, representava uma obra prima.

Era como se Fernando criasse um novo traje feito de cânhamo^[3] em mim, posicionando as cordas por debaixo e entre os meus seios.

Fiquei paralisada, enquanto os desenhos geométricos começavam a ganhar formato e me faziam vibrar com a sensação sensual da corda deslizando por minha pele.

— Alguns podem descrever o karada como uma prisão de cordas — ele murmurou enquanto eu assistia, fascinada, os seus dedos, tão seguros e

meticulosos, trabalharei em mim — Eu vejo como uma carícia. Como uma dança entre o casal.

Com destreza, ele deslizou uma ponta no espaço entre os dois nós em minha barriga e puxou-a para trás, novamente enrolando-a em um espaço semelhante em minhas costas, repetindo o processo em vários pontos diferentes.

— É um ato de entrega e devoção.

Depositou um beijo primeiro em meu pescoço e outro nos seios, quando o arreio finalmente foi finalizado em volta dos meus braços.

— De nós dois — ele concluiu com voz sedutora.

O meu corpo começava a sentir a excitação e a emoção do prazer antecipado. Mas tudo o que eu poderia fazer no momento era observá-lo se afastar e trazer para perto de mim uma barra de ferro, onde me colocou sentada.

— Veja como eles te desejam — Fernando sussurrou atrás de mim, e com as duas mãos separou minhas coxas, mantendo as minhas pernas abertas — No entanto, sou o único que pode tê-la.

Eu deveria me sentir acanhada, brutalmente exposta, invadida pelos olhares famintos e desejosos, fixados em mim, mas enquanto Fernando seguia a me acariciar, deslizar os seus lábios macios em minha pele e sussurrar promessas sexuais e quentes em meu ouvido, meu corpo, já extremamente sensível, só conseguia sentir o desejo crescer.

— Só minha. — Ele me beijou com força, a sua língua mergulhando fundo em minha boca.

Era o paraíso e o inferno na Terra, enquanto eu ansiava, esperando; não, desejando-o febrilmente dentro de mim.

— Fernando... — implorei e estremeci ao sentir meus mamilos endurecerem e levemente incharem com o toque habilidoso de seus lábios.

Seu olhar firme alertou-me de que eu deveria ter paciência, e da bancada ao nosso lado, o vi retirar uma corrente de prata, que tinha grampos para mamilos em cada uma de suas extremidades, e os colocou em mim.

Fernando levou cada um dos meus seios à boca e os chupou, puxando, sugando forte e longamente. Minha cabeça inclinou para trás, e a sensação de prazer pulsava em minha vagina, deixando-a molhada e dolorida.

Ele retornou à bancada, e desta vez voltou com a chibata. Passou a ponta sobre as minhas costas, ombros, seios, ao longo das minhas coxas, e quando menos esperei, seu chicote acertou meu sexo sensível, fazendo-me sobressaltar e gemer alto, incontrolável, ao passo que Fernando tomava o controle do meu corpo e fazia a minha excitação crescer velozmente.

A cada batida e estremecimento de meu corpo em reação a elas, via seu sorriso aumentar, expressando sua satisfação ao que me provocava. Ele estava realizado em ser o meu Mestre, enquanto eu me entregava completamente como sua submissa.

Fernando começou a me acariciar com sua língua em cada ponto sensível que o chicote tocava, e quando chegou em minha vagina, lascivamente excitada, abri-me mais para ele. Fechei os olhos enquanto ele pressionava nela os seus lábios e um vibrador, fazendo-me contorcer para frente e para trás, gemendo baixinho, movendo os meus quadris ritmicamente de encontro à sua boca.

— Ah... — Luxúria e prazer transfiguravam o meu rosto, o prazer cada vez mais perto querendo transbordar de mim — Por favor! Fernando...

Eu queimava por ele. Precisava que estivesse em mim.

Ele se ergueu, beijou-me rudemente e com luxúria, apertando-me contra ele. Esfregou o seu pau de cima para baixo em minha abertura molhada. Torturando-me por longos segundos antes de mergulhar em minha vagina ansiosa.

— Ahh... — gritei de prazer.

Nossos gemidos levitavam em torno de nós. A cada estocada longa e sensual, minha respiração acelerava. O calor em meu corpo crescia rapidamente. À medida que minha excitação aumentava, eu ficava mais apertada em volta de seu pau, meus músculos pulsantes massageando seu eixo, levando-nos à borda.

Fernando diminuiu o ritmo, querendo que o prazer durasse mais tempo. Puxou suavemente a corrente pendurada em meus mamilos, ao mesmo tempo que saía e voltava a se afundar dentro de mim. Eu gemia e me contorcia, indo ao seu encontro. Ele repetia com estocadas mais fortes, mais intensas e mais profundas.

Três... quatro... oito vezes.

Mais uma vez, e minha vagina se comprimiu, e a sensação de prazer me levou ao limite.

— Goza pra mim, minha menina.

Estremeci quando ele empurrou mais forte e profundo. Eu estava perdendo o controle, caindo, sendo tragada por um orgasmo que vinha em ondas enormes e intensas que percorriam o meu corpo, fazendo-me gritar e gemer cada vez mais alto.

Fernando veio comigo, estremecendo e derramando dentro de mim o seu prazer.

Depois de alguns minutos e as nossas respirações quase voltando ao normal, ele afastou delicadamente o meu rosto, que tinha apoiado em seu peito, e me beijou carinhosamente.

De relance, notei que nossos *voyeurs* tinham, pouco a pouco, se dispersado e agora estavam entretidos em suas próprias buscas pelo prazer. A gaiola também tinha voltado ao chão.

Em silêncio, ele começou a desfazer a amarração em volta do meu corpo, que foi relaxando em suas mãos cuidadosas.

Fernando nos vestiu com um robe de cetim, que deslizou como uma carícia por minha pele, e um pouco antes de chegarmos à porta, estaquei, chamando sua atenção.

— Nossas roupas?

Ele sorriu. Eu adorava essa mistura de sorriso de menino-homem travesso.

— Vão nos levar no quarto depois.

— Quarto? — indaguei, tentando não demonstrar como voltava a ficar animada.

Pelo seu olhar intensificando, como todas as outras vezes, falhei miseravelmente.

— A noite está apenas começando, querida.

Sorri em assentimento enquanto recebia toques suaves de seus lábios nos meus.

— Por enquanto, acho que precisamos de um banho — sugeriu ele.

Eu amava tomar banho com ele. Sempre era uma experiência prazerosamente única.

Como todo o resto da noite prometia ser.

CAPÍTULO 4

FERNANDO

Eu tinha caído fundo e tão rápido nesse precipício chamado amor, que sempre que eu olhava para baixo e me via descer ainda mais, uma grande parte dentro de mim se sentia assustada.

Quando os sentimentos fraternais por Lídia haviam mudado? Ao decorrer dos anos, ao ver a atração entre nós começar a surgir? Foi quando a tive por tanto tempo longe de mim, nos anos que moramos fora e a saudade que parecia querer esmagar o meu peito fizera esse sentimento transbordar, obrigando-me a aceitar que desejava Lídia como mulher? Ou foram os dias na fazenda, que transformaram o puro desejo em um sentimento mais forte e tão bonito quanto ela? Teria despertado essa certeza após a nossa experiência dessa noite intensa, na Paradise?

Possivelmente foi uma soma de tudo isso. Cada um desses momentos nos trouxe até aqui. Mas não podia negar que ver Lídia dentro da gaiola de vidro, completamente entregue, doando-se a essa aventura com a mesma paixão que eu sentia, desmontou-me completamente.

Ela me tinha no chão há muito tempo, mas hoje essas emoções foram intensificadas. E talvez eu não soubesse com exatidão o momento que dei o primeiro passo em direção a esse precipício, mas eu sabia agora, tendo seu corpo nu enroscado ao meu, que eu estava completa e perdidamente rendido a essa menina, que com bravura, insistência e com o amor que

nunca ninguém tinha me oferecido antes, fizera as camadas de gelo em volta do meu coração começarem a derreter.

Era assustador, não podia negar. Ninguém nunca teve tanto poder sobre mim assim. Mas eu não queria e nem podia recuar nessa jornada. Estava mais do que pronto a continuar a mergulhar, cada vez mais rápido e fundo, no precipício de sentimentos que Lúdia me apresentava.

Mostrando mais sobre o Dom que existia em mim e despertando a submissa que habitava nela. Sendo apenas como Fernando e Lúdia, um casal comum comendo pipoca e vendo filmes bobos na TV, ou cavalgando felizes enquanto explorávamos a fazenda. Viver todos os momentos importantes compartilhados com a família dela e o que restara da minha. Eu poderia ter e oferecer o melhor dos dois mundos a Lúdia, e eu tinha fome de tudo isso.

E foi com um sorriso, que mal notei surgir em meus lábios, que deslizei minha boca pelo seu ombro até chegar à sua nuca. Como esperado, a minha carícia a fez estremecer levemente contra meu corpo e sua pele ganhar pequenas bolinhas de arrepios.

— Ei, acorda, dorminhoca — sussurrei em seu ouvido.

Não resisti e mordi a sua orelha, passando a ponta da língua no ponto exato que sabia que iria mexer com ela. Como imaginei, ela se espreguiçou como uma gatinha sendo despertada e girou na cama, ficando de frente a mim.

— Hum... — Sua mão macia e delicada correu pelo meu peito, enquanto seu olhar sonolento, mas com a chama do desejo começando a surgir, fixou em mim, e não precisava explicar o que a mistura de tudo isso me causava — Amo a forma que me acorda. Você poderia ser meu despertador particular todas as manhãs. O que acha? Isso realmente não seria nada ruim para mim.

Eu não sabia dizer o que me afetava mais: seus dedos percorrendo minha pele, indo para uma direção perigosa, ou o sorriso safado curvando o canto de seus lábios tentadores.

— Querida... — Como esse era um jogo feito a dois, fechei uma mão em volta de seu seio, a outra corri por seu corpo na mesma velocidade carregada de tortura e sensualidade que ela fazia comigo, encontrando logo depois sua boceta deliciosamente molhada e quente —, acordá-la não seria a única coisa que iria fazer.

— E o que... — Ela estremeceu, fechando os olhos quando enfiei dois dedos dentro dela e comecei a massagear seu clitóris com o polegar, movimentando-os em uma sincronia perfeita — o que faria?

Se era difícil Lúdia raciocinar com minhas carícias, ter os seus dedos delicados envolvendo o meu pau, deslizando de cima para baixo, lentamente e fazendo-o engrossar cada vez mais, também não tornava isso fácil para mim.

— Primeiro — curvei-me o suficiente para conseguir colocar seu mamilo, começando a ficar inchado, em minha boca — Chupar você inteirinha. Depois foder essa boceta gostosa com minha boca e...

Mexi os dedos dentro dela e encontrei o ponto em que o prazer dela ficaria ainda mais intenso.

— ... com os meus dedos — movi-os com um pouco mais de velocidade, e isso a fez pressionar os dedos no meu ombro enquanto soltava lamúrias de tesão — e com minha boca.

Geralmente, eu fazia que ela chegasse no limite, mas a deixava na borda, pronta a cair.

— E com o meu pau.

Não existia nada que desejasse mais nesse momento do que isso, me enterrar dentro dela enquanto ouvia seus gemidos cheios de desejo.

Sua boceta me acolheu quente, molhada, pulsando, ficando mais estreita em torno de meu pau. A luxúria que isso provocava nos incendiava, enquanto buscávamos ferozmente pelo prazer. E ele chegou forte, explosivo, roubando nossas energias, como sempre.

Eu eternizaria esse momento, se pudesse. Com Lídia agarrada a mim e meus dedos correndo preguiçosamente por suas costas delicada.

— Ei? — Segurei-a pelo queixo e ergui o seu rosto em direção ao meu — Nada de apagar novamente. Nós temos que ir embora.

Primeiro, ela deu uma rápida conferida em volta e apurou os ouvidos, buscando saber o que acontecia atrás das paredes à nossa volta. Esse era um dos poucos quartos da casa que garantiam algum tipo de privacidade, e eu o tinha reservado com a jaula no salão principal, para o caso de Lídia ter pensado recuar em algum momento da experiência, o que surpreendentemente não aconteceu.

— Já acabou?

Sorri ao notar o início de um desapontamento começar a surgir e acariciei seus lábios com meus dedos.

— Está muito longe disso, querida. Essas pessoas sabem bem como aproveitar uma festa.

A confusão em seu rosto era natural. O que fugia do habitual eram os sentimentos profundos que essa garota provocava em mim, mudando tudo.

— A nossa também não acabou ainda, nós vamos continuar em outro lugar.

Fiz uma varredura completa com o meu olhar em seu corpo perfeito, e como ela reagiu a isso reverberou em mim, deixando meu pau mais duro.

— Onde?

— No apartamento. — Colei nossos lábios e trocamos um beijo profundo e apaixonado — O que vim procurar aqui essa noite, Lídia, já tenho exatamente onde deveria.

Tivemos algumas horas incríveis e memoráveis na Paradise, mas agora eu queria que cada suspiro, gemido e grito de prazer de Lídia pertencessem apenas a mim.

Com ela, sou um maldito egoísta fodido.

— Em meus braços.

Dominador. Controlador. Possessivo.

Tudo isso me descrevia, mas, acima de tudo, eu era completamente maluco por ela.



Deixar Lídia em casa foi a parte mais difícil do dia seguinte. Vê-la se afastar com um sorriso no rosto, provando que a noite e as horas que nos mantivemos dando prazer um ao outro foram perfeitas. Foi foda. E uma certeza ficava cada vez mais pujante em meu peito. Eu não queria mais ter que me afastar dessa garota.

Mas antes que eu pudesse dar qualquer passo importante, havia um assunto que precisava resolver, na verdade, uma conversa sincera e esclarecedora que deveria realizar.

Assim, quando entrei em casa, o telefone já estava em meu ouvido.

— Pedro?

— Oi, Fernando. Eu estava justamente pensando em você. — O tom urgente em sua voz me fez rapidamente ficar em alerta — A gente precisa conversar.

Quem tem culpa, tem medo. Foi o meu primeiro pensamento após a rápida declaração de Pedro, concluir que ele sabia de tudo sobre sua irmã e eu. O que me fez pensar em quanto ferrado eu estaria.

— Claro. Hum...

— Você pode vir à cobertura, em torno de duas horas?

O abatedouro do Pedro?

Era na grande cobertura de luxo, que tinha apresentado a ele como um bom investimento imobiliário, que ele levava as mulheres para suas noites de orgias. Algumas vezes usada para receber os membros mais seletos da Paradise.

— Estarei aí.

Fiquei por um momento encarando o telefone desligado quando a ligação foi encerrada. Questionando-me se deveria contar o ocorrido à Lídia ou não. Acabei optando por esperar para ver o que aconteceria após minha conversa com Pedro, antes de envolvê-la na história. E sabendo como minha menina é, ela chegaria ao irmão antes de mim. E conhecendo Pedro como eu conhecia, nesse momento era melhor que esse acerto de contas fosse apenas entre nós dois.

LÍDIA

Quando estamos felizes com nossas escolhas e decisões, parece que nos sentimos incrivelmente corajosos para enfrentar qualquer obstáculo colocado à nossa frente. Era assim que eu me via quando Fernando me deixou, após nosso fim de semana perfeito.

Eu sentia que o peso desse segredo de nossa relação começava a me sufocar. Então a primeira coisa que fiz, depois de guardar minhas coisas

no quarto, principalmente a máscara que sabia não ser a última vez que usaria, independente da verdade ser revelada. A coloquei em uma caixa, guardando-a em um espaço muito especial dentro do closet, depois segui em direção ao quarto de Pedro, em mais uma tentativa de ter uma sincera e corajosa conversa com o meu irmão.

Para minha decepção, ele não estava lá, nem no escritório, academia ou em um dos outros cômodos da casa. A governanta também não tinha qualquer informação do paradeiro dele, além da informação que tinha saído na noite anterior.

O telefone de Pedro encontrava-se fora de serviço, e eu só não estava entrando em pânico devido à dificuldade de falar com ele, porque pelo que me lembrava do que Fernando tinha me contado, era que o nosso anjo da guarda, também conhecido como Nick, manteria meu irmão entretido para que nós pudéssemos ter nossa noite de aventura em paz.

Enviei uma mensagem para Pedro, perguntando se estava tudo bem. Eu acreditava que ele ainda estivesse com Nick, no hotel ou esticando seu fim de semana no seu abatedouro, que ele acreditava que eu desconhecia, se divertindo com alguma garota que tenha conhecido durante a noite de farra.

Restava-me agora ter apenas um pouco mais de paciência e fazer uma nova tentativa em um momento oportuno. Parte da minha razão acusava-me que estava como sempre, adiando o inevitável. A outra parte, e essa tinha uma voz mais poderosa em meu peito, dizia que eu tinha o direito de aproveitar um pouco mais a paz da minha relação com Fernando, antes de meu irmão começar a surtar sobre isso.

No fundo, eu sabia que estava agindo como uma menininha covarde, mas tudo bem. Acho que conseguia me perdoar por, pela primeira vez na

vida, agir com um pouquinho de egoísmo. Assim, essa guerra mental comigo mesma durou bem pouco tempo.

Eu tinha assuntos menos conflitantes para pensar, como a comemoração do meu aniversário e as festas de fim de ano que se aproximavam.

Sentia que desta vez seriam bem mais animadas, pois já eram mais esperadas por mim do que no ano anterior. Por isso, quando retornei à tranquilidade de meu quarto, fiz mais uma ligação importante.

— Zia Nina? — A chamei, animada, assim que fui atendida.

Desde que retornei ao Brasil, conversávamos o máximo possível por telefone. Após ter finalmente abandonado boa parte da tristeza que a partida de Luca causou, minha tia vinha se dedicando com afinco, tanto à pousada como à vinícola. O trabalho mantinha sua mente ativa como o coração mais calmo.

— Querida, estava pensando em você agora há pouco. — O tom de sua voz foi levemente baixando e logo passou a ser um sussurro quase abafado — Eu não sei se esses dois me divertem ou deixam irritada.

Esses dois a quem ela se referia, sem sombras de dúvidas, deveriam ser Rafaela e Philipo. Os dois não se bicavam, e a cada relato que Zia Nina fazia, eu só conseguia chegar à conclusão de que tanta faísca tinha mais a ver com a atração que os dois sentiam um pelo outro, algo que se recusavam a admitir, do que antipatia de verdade.

— As coisas não evoluíram nada, desde que conversamos no início da semana passada? — perguntei a ela.

Rafaela é minha velha amiga de infância e Philipo era um cara legal. Nunca poderei esquecer que no momento que minha tia mais precisou do nosso apoio, ele esteve presente. Ele foi um grande suporte para ela, ajudando também nos negócios. Eu desejava muito que o confuso casal

pudesse se entender e que minha amiga teimosa e maluca finalmente encontrasse o amor que tanto procurava.

— Há alguns dias, cheguei a acreditar que sim... — ela fez uma breve pausa após um suspiro — mas agora, não sei. De qualquer forma, prefiro não interferir. Já fiz o suficiente, sugerindo que Rafaela ficasse em seu lugar na pousada.

Um dos motivos que me fizeram voltar a São Paulo com coração tranquilo, por deixar tia Catarina lá, foi minha amiga ter se prontificado em cuidar dela. Mas a verdade é que as mulheres Santini, o que tinham de frágeis tinham de corajosas e determinadas. No fundo, sempre soube que minha tia ficaria bem.

— Mas não foi por isso que você ligou — constatou ela.

— Realmente, não. O meu aniversário está chegando, mas não terá uma festa nem nada.

Corri meus dedos pelo travesseiro enquanto falava com ela. Comemorar meu nascimento era uma coisa importante, mas eu não queria uma festa como os meus dezesseis anos, com muitas pessoas, ostentação e lembranças que preferia manter esquecidas.

— Eu gostaria que a senhora viesse. — Depois da minha mãe, ela era a figura materna mais próxima que eu conhecia, seguida da minha avó paterna.

Eu ainda tinha a minha avó Olga, da parte dos Santini, e ficamos realmente mais próximas quando passei essa longa temporada na Itália.

Por não ter tido filhos, tia Catarina foi muito presente na vida de Pedro e principalmente na minha desde que nascemos.

— Bom... essa sempre é uma época realmente complicada aqui na pousada e vinícola, mas... — ela fez uma pausa significativa, e eu estava tristemente me preparando para sua recusa, quando suas palavras

seguintes me surpreenderam — Talvez seja algo bom. Um pouco de tempo e privacidade para você sabe quem.

Um grande sorriso surgiu em meu rosto, não apenas pela felicidade de saber que Zia Nina estaria comigo em uma data tão importante, mas também porque entendia perfeitamente de quem ela falava discretamente.

— Então, a senhora virá mesmo? — indaguei, contente.

— Me dê alguns dias para deixar tudo encaminhado por aqui e chego um ou dois dias antes do seu aniversário.

Já tinha o meu *nonno* e Nick ao meu lado. E eu tinha certeza de que Zia Nina, assim que a confidenciasse sobre a minha relação, digamos, secreta, seria mais um acréscimo positivo para fazer meu irmão entender que não era errado Fernando e eu estarmos tão apaixonados.

— Mal posso esperar você chegar, tia Catarina.

Com essa afirmação fazendo festa em minha mente, levei o telefone ao meu peito quando a nossa ligação foi encerrada.

Não seria uma grande festa de aniversário, mas seria um aniversário com grandes surpresas.

Eu rezava para que tudo acabasse bem.

CAPÍTULO 5

FERNANDO

Que eu teria uma difícil conversa e ajuste de contas com Pedro, não era nenhuma novidade. Passei o restante do tempo, após o fim de nossa ligação, remoendo o que acreditava precisar dizer a ele, para conseguir convencê-lo de que sua irmãzinha e eu juntos somos mais do que perfeitos; era o certo. O que me surpreendeu foi encontrar Nick, com um olhar sério, do outro lado da porta que foi aberta para mim.

— É melhor você entrar — avisou ele, dando mais espaço para que eu fizesse isso — E veja com os seus próprios olhos.

Pelo visto, não apenas a surpresa, como as indagações causadas pela preocupação que estava bem nítida em meu rosto, fez Nick permanecer em silêncio enquanto eu entrava.

Inicialmente, vi apenas os vestígios, do que fora uma garrafa de uísque, estilhaçada no chão, um copo quebrado próximo a ela, uma mancha escura que eu preferia pensar não ser sangue e muito menos de quem era.

Eu o avistei em frente à janela, seu corpo estava amparado contra o parapeito. Ele segurava um copo com uísque quase vazio em uma mão e a outra estava enrolada com um tecido branco, manchado de vermelho.

— Pedro?

Aparentemente, ele mantinha-se longe demais em seus pensamentos para me ouvir ou me ignorava de forma proposital.

— O que aconteceu, Nick? — indaguei em um tom brando e virei-me em direção ao ruivo.

Assim como na ligação que Pedro solicitou que eu viesse ao seu apartamento, cheguei a questionar se ele descobrira que Lídia e eu estávamos mantendo em segredo dele. Mas eu conhecia meu amigo o suficiente para saber que, se fosse esse o caso, seus punhos já teriam acertado o meu rosto, pelo menos umas duas vezes desde que cheguei.

— Você se divertiu, Fernandinho? — Nick deu dois passos largos até se jogar sobre o sofá, indicando o quanto parecia fatigado, e moveu os dedos da mão esquerda, que apenas nesse momento eu notei estarem esfoliados — Porque a minha noite foi bem agitada.

Já tinha cansado de repetir ao ruivo como eu odiava o apelido que me deu, mas como sempre, ele fazia isso apenas para me irritar, só que no momento não era isso que me importava.

Como estava óbvio que não receberia qualquer informação de Nick, caminhei até Pedro, disposto a arrancar as informações dele nem que fosse a base de socos e pontapés.

— Pedro? — disse em um tom alto e duro o suficiente para finalmente conseguir sua atenção — Você pode me dizer que porra está acontecendo aqui?

Eu já tinha presenciado muitas facetas de meu amigo. O jovem aventureiro querendo conquistar o mundo. O que se sentia destruído com a morte dos pais e com a responsabilidade de administrar um império e criar uma garotinha confusa. O Dom em ação. Mas o Pedro que me encarava agora exibia demônios que nunca imaginei existir dentro dele.

— A placa era fria — As palavras foram emitidas de forma clara e branda, rapidamente me colocaram em alerta.

— O quê?

— A maldita placa que conseguiram identificar no vídeo de segurança, do carro estranho circulando próximo à casa.

Ele verteu o que restara de bebida no copo, e a garrafa que mantinha apoiada na janela ganhou sua atenção enquanto tornava a encher o copo.

— Era fria. Eles usaram a mesma placa de um caminhoneiro — disse ele — Só que o homem estava com o filho no hospital, sendo operado naquele dia, no outro lado do país.

Recordo que Pedro tinha feito uma pequena viagem nos dias que Lúdia e eu passamos na fazenda, justamente para investigar a possível ligação do homem com a placa identificada e o assassinato dos pais dele.

— Sabe o que isso significa, Fernando? — A pergunta amarga trouxe o gosto aos meus lábios.

— Seria impossível ele estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Ou seja, mais uma vez, Pedro andou na direção errada. Parecia que ele se encontrava preso em um labirinto que nunca chegava ao fim.

— E aquele desgraçado do investigador teve a coragem de dizer que isso acontece o tempo todo. Criminosos usam placas frias para não serem rastreados — A raiva pela injustiça de nunca terem colocado as mãos nos assassinos de seus pais e a amargura de sentir que isso poderia estar cada vez mais longe, eram algo percebíveis em sua voz abalada — O que acho, é que teríamos resultados melhores se a polícia fosse mais eficiente. Mas eles não estão ligando, não é?

Em um acesso de raiva, o copo que ele segurava ganhou o mesmo destino violento que a garrafa estilhaçada no chão.

— Ninguém liga — murmurou ele, esfregando o rosto — Ninguém liga para quem assassinou os meus pais.

Eu ligava, assim como Lúdia e toda a família dele, que também sentira a dura perda. Todos nós desejamos que o crime tivesse uma solução e os

devidos culpados pagassem por isso, mas diferente de Pedro, não tinha se tornado uma obsessão para nenhum de nós.

— Já parou para pensar que talvez isso seja um sinal? — indaguei a ele, trazendo sua atenção a mim.

— Sinal?

— Você já fez de tudo, Pedro. Gastou tempo e muito dinheiro em busca de resposta — Virei para Nick em busca de apoio, mas tudo que ele fez foi um sinal, pedindo que eu fosse cauteloso — Talvez seja a hora de dar um descanso a seus pais e a si mesmo. A vida continua, cara.

Eu tinha vindo até aqui para falar com Pedro sobre sua irmã. E achei que estivesse relativamente preparado para encarar sua fúria e decepção em relação a isso, mas o olhar carregado de rancor que ele me direcionava agora não me parecia muito diferente do que receberia, quando a verdade do que mantenho escondendo dele viesse à tona.

— Eu nunca irei desistir — Com passos largos, ele parou à minha frente, nossos rostos ficando rente ao outro e seus olhos se fixando nos meus — Nunca, entendeu bem?

Havia uma grande tensão envolvendo todos nós. Qualquer palavra errada, uma pequena tragédia poderia acontecer.

Não adiantava tentar forçar a barra e fazer meu amigo pensar com racionalidade, quando Pedro se deixava levar pelas emoções, o melhor era esperar que reduzissem a intensidade. Quando ele metia algo na cabeça, ninguém, além dele mesmo, conseguia fazê-lo desistir.

— Me diz, o que você faria se naquele dia não tivesse chegado a tempo de impedir que sua mãe fizesse uma tragédia com a arma?

A comparação não era muito justa. Minha mãe sempre foi instável, mental e emocionalmente. Eu não tinha uma resposta correta para isso. Ainda mais porque nossa relação sempre foi tensa e complicada. Foi preciso que

ela ficasse debilitada para que tivéssemos uma ligação mais afetuosa e próxima.

— Bom... eu...

— Você os amava também, Fernando — ele se exasperou — Mas se é capaz de esquecer, eu não posso. Acho que nunca irei conseguir isso.

Essas foram suas últimas palavras antes de seguir em direção ao quarto, tendo uma nova garrafa de uísque como companhia. Eu queria poder ajudá-lo nessa luta, a exorcizar seus demônios internos, mas não tinha a menor ideia do que fazer.

Assim como uma fera arredia, no momento, o melhor era deixar que ele se acalmasse.

— Pela sua cara quando abri a porta — disse Nick com um olhar de pesar —, sinto que mais uma vez você perdeu a oportunidade, não é mesmo?

Como sempre, quando não se deixava levar por suas piadinhas irritantes, o ruivo estava certo.

— Não dá para dizer nada com o Pedro assim — Esfreguei o meu rosto, consternado — Ele vai se sentir traído, Nick. Isso é foda pra cacete.

Com toda razão, Pedro ficaria muito furioso comigo e sua irmã. A consciência disso fazia com que me sentisse mal pra caramba por continuar mentindo para ele. Com isso, eu via que essa bola de neve só continuava a crescer.

— E o que houve aqui? — Apontei a desordem no chão e a mão dele machucada.

— O plano era entreter o Santini, para que você tivesse a sua noite especial na Paradise, lembra? — ele fez uma careta ao mover um dos dedos doloridos, mas isso não impediu que um sorriso debochado surgisse depois — A gente estava se divertindo muito, numa boate nova que conheci, isso foi

antes de ele receber a maldita ligação do investigador com a atualização do caso, e, bom...

Acompanhei seu olhar em volta do pequeno caos espalhado pela sala.

— Isso aqui não é nem a pior parte. O Santini queria socar alguém, e sempre tem um imbecil no mundo pedindo por isso. E o resto é detalhe.

Para mim, era loucura. Eu não sabia como Nick podia achar tudo isso divertido, mas entender a cabeça dele era algo que eu já tinha desistido de tentar.

— A Lídia já sabe sobre isso? — indaguei a Nick.

— Não. O Pedro não quer envolver a irmã em nada. Você sabe que ele superprotege ela.

— Até demais — murmurei mais para comigo mesmo.

Eu já tinha seguido por esse caminho e meu excesso de cuidado com Lídia apenas tinha nos afastado e me levado a fazê-la sofrer.

— Sobre o que você falou, eu acho que tem razão.

— Em relação ao que, Nick?

— O Pedro tem que dar um tempo nessa merda, ou a cabeça dele vai pirar.

— Ele não vai desistir — encarei-o com desânimo — Depois de hoje, acho que ele não vai desistir nunca, e isso me preocupa.

Essa busca incessável por algo que nunca viesse a descobrir poderia abalar sua sanidade?

— O Pedro tem que encontrar alguma coisa — disse Nick — Ou alguém que seja mais importante do que buscar justiça por uma tragédia que aconteceu há anos.

Até bem pouco tempo atrás, eu teria rido da declaração de Nick. Nunca acreditei que alguém pudesse se tornar tão importante em nossas vidas para mudá-la, para nos fazer mudar.

Bom, isso foi antes de Lúdia e os muros que ergui para mantê-la longe de mim terem desmoronado.

— Acho que ele precisa dar um tempo — continuou ele — Esfriar a cabeça e voltar renovado. Como você fez.

Realmente, passar um tempo longe de tudo que me deixava maluco foi benéfico, tanto para me dar coragem para procurar ajuda profissional, para entender meus traumas e receios que me travavam, como reabasteceu minhas energias para lutar pelo que realmente me importava.

— Acho que você é a melhor pessoa para conseguir fazer com que ele faça isso, Nick. A pergunta é... está disposto?

Eu sabia que o que pedia a ele não era fácil. Exigiria de Nick tempo e empenho, mas ele era o cara certo para fazer Pedro relaxar e obrigá-lo ao que não fazia há muito tempo: se divertir um pouco. Porque o sexo louco que praticava não contava.

— Isso é resposta suficiente para você? — Ele ergueu a mão inchada — Porque a gente teria quebrado aquela boate inteira, se não tivessem nos colocado para fora.

— Nick? — encarei-o, sério — Poderia ser diversão sem brigas?

Com ele é sempre tudo ou tudo. Às vezes, parecia que Nick corria contra o relógio, engolindo o mundo.

Eu queria que Pedro relaxasse, e não que eu tivesse que visitá-los em um quarto de hospital.

— Ah, como vocês dizem? — Ele levou a mão boa ao queixo, fingindo meditar — Dou um boi para não entrar numa briga e uma boiada para não sair dela.

— Nick!

— Fique tranquilo — Ele ergueu a mão e me deu um sorriso presunçoso — Eu cuido de tudo. Você só não estraga as coisas do outro lado,

ok?

O outro lado, ele queria dizer Lília. Eu não tinha motivo algum, ou melhor, nenhuma intenção de estragar nada. Estava tudo indo bem e tranquilamente perfeito entre nós, para que permitisse algo ou alguém arruinando o que temos.

— Você cuida dos detalhes e eu cuido do Pedro.

O Santini não estava sozinho, como ele poderia estar pensando agora. Além de mim, que o considerava como um irmão, Nick provava, a cada dia ser o cara incrível que realmente era. E em nosso meio, amizades assim eram difíceis de se manter e encontrar.

— Nick, você poderia...

— Ficar de babá para que o Santini não faça mais nenhuma merda hoje? — Ele indagou, já meio que respondendo ao pedido que iria fazer — Infelizmente, algo me diz que não será a primeira vez que terei de fazer isso.

Eu esperava que Nick estivesse realmente muito errado em relação à sua declaração.

— Está indo contar o que aconteceu a Lília? — indagou ele, quando me acompanhou até a porta.

— Não posso ter segredos com mais ninguém, principalmente com ela.

E Lília já tinha me provado que tinha mais sagacidade e força do que poderíamos imaginar.

— Mas, primeiro, eu quero ter uma conversa com esse investigador.

Não sou o tipo de pessoa ligada a superstições e sexto sentido, mas havia algo nessa história toda de investigação que me incomodava.



Eu sabia que Pedro não estaria na Santini, quando chegasse à sua empresa. Ele tinha me informado que teria um almoço e dois encontros de negócios essa tarde.

Lidar com Natasha não era algo que gostava, mas era a pessoa que ia conseguir me dar a informação que precisava sem ter que recorrer a Pedro e despertar sua desconfiança.

— É sempre uma alegria vê-lo, Fernando — A loira me olhou de cima a baixo e não escondeu os pensamentos safados ao me ver — Veio se desculpar, pela forma rude que me tratou na Paradise?

Nem morto. O meu desejo era reafirmar a ameaça.

— Você sabe as regras, certo? — A encarei, sério.

— O que acontece na Paradise — disse ela, pouco contente — Fica na Paradise.

Mesmo sendo o novo passatempo de Aron, ela sair dizendo coisas que deveriam ser mantidas apenas entre os jogadores, ou importunar os mesmos com o que vira e acontecera ali, poderia fazê-la ser considerada uma pessoa não bem-vinda na casa.

— Então, se veio atrás do Pedro, ele não está.

Tudo bem que Natasha transasse com Pedro, Aron ou qualquer outro cara que eu conheça, mas isso não nos fazia amigos íntimos, e ela estava na porra do trabalho dela, o mínimo que deveria fazer é mostrar-se um pouco profissional e se dirigir a mim de forma mais formal.

— Sei disso, senhorita Natasha, acabei de falar com ele ao telefone — Tentei ser o mais cordial a falar com ela, mas o desprezo dentro de mim tornava a missão quase impossível — É você que vim ver.

Os lábios vermelhos se alargaram mais em um sorriso que ela queria fazer parecer sexy, mas em mim só causou enfadamento mesmo, me fez pensar em que caminho os seus pensamentos estavam indo.

— Preciso da sua ajuda — esclareci rapidamente — Preciso de um número de telefone.

O sorriso esmoreceu um pouco ao ver que minha intenção não tinha relação alguma com o meu pau enfiado em sua boceta.

— Telefone?

— O detetive que Pedro contratou para investigar sobre os seus pais.

Ela me encarou, séria dessa vez. Apesar de querer se passar por uma, seja lá por qual motivo Natasha devia achar necessário, ela não era burra.

— Houve um acidente em uma das minhas obras, com funcionários feridos — Era uma meia-verdade, houve mesmo um pequeno acidente em uma das obras que assino, mas a culpa foi totalmente do funcionário que ignorou o uso de um dos equipamentos de proteção exigidos — Acho que foi criminoso e quero saber mais a fundo. Se há alguém com quem preciso me preocupar.

Por sorte, o homem só tinha torcido o pé com a queda e ficara alguns dias em casa, mas Natasha precisava de uma história que parecesse bem convincente para não desconfiar das minhas reais intenções.

— O Pedro garantiu que esse homem é bom, e quero saber o que ele poderia fazer por mim.

— E por que não pediu diretamente ao Pedro?

Essa era uma pergunta esperada e um tanto quanto óbvia vindo dela.

— Não quero que ele se preocupe com algo que possivelmente seja cisma da minha cabeça — disse a ela — O Pedro já anda bem estressado esses dias.

— Nisso temos que concordar. Sempre foi uma pessoa difícil, mas ultimamente, anda intragável.

Palavras erradas novamente, não era nada inteligente dizer ao melhor amigo do seu chefe o quão babaca ele poderia ser. Mas não estou

interessado em fazer intrigas sobre Natasha, e acho que saber disso a deixava tranquila em se expressar sem temor, ou era só uma funcionária que desconhecia seu devido lugar.

— Então — Olho para o relógio em meu pulso, tentando indicar que, ao contrário dela, meu tempo era precioso — Consegue me ajudar no que pedi?

Eu deveria ter pedido para Nick resolver esse assunto. O charme dele e sua safadeza a fariam entregar a informação, assim como abrir suas pernas em alguns minutos. Não, bastava o Pedro envolvido com essa naja.

— Me dê um minuto — disse ela, abrindo uma das gavetas em sua mesa, de onde tirou uma agenda, depois anotou um telefone e nome no verso de um dos cartões da S.A — Aqui está. Amadeu Garcia. Espero que ele possa te ajudar, porque com o Pedro, parece que só o deixa mais maluco sempre que fala com ele.

Era exatamente o que vinha me intrigando, e da mesma forma que não conseguia explicar minha antipatia com Natasha desde que a conheci quando veio trabalhar com Pedro, isso me incomodava.

— Obrigado, Natasha. O Pedro realmente tem sorte de ter alguém tão eficiente quanto você — Se a ironia contida em minha voz foi perceptível para ela, não sei dizer, o sorriso querendo ser sedutor foi a resposta ao meu comentário — Gostaria de pedir que...

Guardei o cartão no bolso do terno e, desta vez, eu que abri um sorriso sedutor.

— Isso ficasse entre a gente.

Ela se inclinou para frente, fazendo com que o decote no vestido mostrasse uma generosa parte de seus seios, tornando impossível ignorá-los ao serem cinicamente oferecidos a mim. Era difícil não enxergar os dois melões, resultado do bom trabalho de algum cirurgião.

— Como é o nosso segredinho sobre a garota?

Levei alguns segundos para a perguntar ter uma reação sobre mim. Não pela surpresa de ela ter a ousadia em fazê-la, mas pela fúria que rapidamente me invadiu.

— O que está dizendo, Natasha?

— Você não quer que o Pedro saiba sobre esse... hum, favor — Sua voz é extremamente calma e macia — Mas o que ele faria se descobrisse que você está transando com a irmã dele? Não apenas isso, mas que a tem levado à Paradise e mostrado todo o seu lado pervertido a ela.

Ela sabia. A vagabunda tinha ligado os pontos e reconhecido a Lídia na Paradise. Isso me fez ter certeza de duas coisas: Natasha é mais esperta e observadora do que eu pensava, como também pode se tornar alguém muito perigosa em minha relação com Lídia.

— O que te disse ainda está de pé — Inclinei-me sobre a mesa, e fechei minha mão firme em seu pescoço. A olhei duro e de forma ameaçadora — Não se meta com ela e nem nesse assunto. Você não vai gostar do que eu posso fazer, Natasha.

Em se tratando de Lídia, sou capaz do inimaginável para defendê-la. Eu tinha punido a mim mesmo e a ela, buscando distância enquanto tentava mantê-la segura de mim, e essa mulher asquerosa não tinha ideia do que eu seria capaz de fazer com quem ousasse tentar machucá-la.

— Eu fico fora disso — Seu olhar ousado enfrentou o meu — E você fica de fora entre mim e Pedro. Sei que não gosta de mim e nunca fez questão de esconder. Mas eu amo o Pedro.

— Ama o Pedro e abre as pernas para o Aron?

— Não faço nada diferente do que vocês fazem.

Em certa parte, ela tem razão, e eu nunca julguei qualquer mulher levando o mesmo estilo de vida que nós. Só que Natasha fazia de tudo de

forma deturpada e carregada de interesse. Ela usava o sexo como forma de chamar a atenção de Pedro, mas não sabia como ter o essencial para mantê-lo interessado nela. Pedro era a primeira opção, visto que ela alegava ter sentimentos – dos quais não acredito – e Aron é uma garantia, caso tudo saia errado. Ou seja, ela é fria e ardilosa. Sua ameaça a mim comprovava isso.

— O Pedro é bem grandinho e sabe o que fazer da vida dele — Soltei-a antes de fazer alguma besteira, como torcer seu pescoço — E você vai cair sem a minha interferência.

— Isso é algo que vamos ver. — O sorriso petulante me irritava tanto quanto a afirmação cínica.

Eu desejava que Nick, que sempre estava certo em nos avaliar, tivesse razão e alguma mulher chegasse ao coração de gelo de Pedro, como a irmã dele fizera comigo. Seria um enorme prazer ver essa pose confiante de Natasha morrer.

— E você — disse, arrumando meu terno — Nunca mais ouse me ameaçar. Calmo, sou muito perigoso, Natasha, mas acuado, causo estragos irreparáveis.

Desta vez, vi que meu aviso, frio e seco, causou o efeito desejado e ela perdeu um pouco da pose.

— Eu não vou dizer nada, não se preocupe.

Não sei em até que ponto podia confiar nessa sua promessa. As coisas iam se complicando cada vez mais, e esse relacionamento Romeu e Julieta com Lídia podia estar com os dias contados. Mas, por enquanto, tinha outra visita a fazer e alguém para esclarecer algumas coisas.



O escritório do Garcia ficava na Vila Mariana, para onde segui assim que consegui que sua secretária agendasse um horário com ele ainda essa tarde.

Um escritório simples, mas aparentemente bem-organizado e respeitável.

— Senhor Brandão? — A jovem, que não deveria passar dos vinte anos, tinha as bochechas vermelhas ao se dirigir a mim — O Dr. Garcia irá atendê-lo agora.

Olhei-a por um breve instante. Não sabia dizer se o rosto em chamas era uma reação a mim ou ao calor que o ventilador ligado pouco ajudava a amenizar nessa tarde quente. De qualquer forma, decidi ignorá-la e associar ao rosto de bochechas vermelhas e tentando esconder um sorriso ao dia quente mesmo.

Passei por ela na porta entreaberta, não sem ouvir um – *ai meu Deus* –, sussurrado antes de a porta ser fechada.

— Senhor Brandão — Um homem, por volta dos cinquenta anos, ergueu-se de sua cadeira e estendeu a mão ao me ver entrar.

— Senhor Garcia — cumprimentei-o e aceitei a cadeira que me indicava.

— O que o traz ao meu escritório, à procura de um investigador?

— Pedro Santini — Fui direto ao assunto — Um dos seus clientes, certo? O senhor sabe quem eu sou?

— Não poderia manter a placa em minha porta se não soubesse quem você é.

— Muito bem. Então vamos ao assunto e sem enrolação. O senhor, há algum tempo, vem investigando sobre o assassinato dos pais do meu amigo — Fixei meu olhar nele, não queria deixar nenhum detalhe em sua reação passar despercebido — Mas vem encontrando nada, além de pistas falsas.

Acredita mesmo que esse caso possa ser resolvido? Porque eu só vejo o meu amigo andar em círculos.

O homem não teve qualquer mudança em sua expressão. E isso só podia levar a duas conclusões: ou era completamente seguro naquilo que faz e minha crítica não o abalava, ou estava fazendo o possível para esconder o descontentamento e não levantar ainda mais minhas desconfianças de que, na verdade, apenas vem enchendo a cabeça de Pedro com lorotas, ganhando tempo e dinheiro fácil com meu amigo e uma tragédia que assolou uma família inteira.

— Esse é um caso muito complicado, Sr. Brandão. Algumas evidências desapareceram, e o descaso da polícia na época tornam as investigações de agora mais lentas.

— A minha pergunta é — insisti em um tom frio —, acredita que esse caso pode mesmo ter solução?

— Como disse ao Sr. Santini, a busca por respostas pode ser um caminho sem fim.

Não era essa a resposta que queria ouvir ou vim esperando receber.

— Por que não libera meu amigo de promessas vazias, então? Isso tudo só tem o deixado fora de si, ficar andando em volta de informações que não o levam a lugar algum. Ao menos que seja interessante a alguém que ele ande em um labirinto completamente cego.

O homem não era estúpido, e pelo olhar, agora sim, contrariado, entendeu bem o que eu quis dizer.

— Às vezes, eu acho que tem alguém jogando pistas falsas — disse ele e me encarou de um jeito esquisito — Que esconde as sujeiras antes que eu chegue muito perto. E se for o caso, só poderia ser uma pessoa muito próxima ao Sr. Santini, temendo que ele finalmente descubra tudo.

Podia até fazer sentido o que Garcia dizia, mas quem próximo a Pedro poderia estar envolvido em algo tão cruel e podre?

Seus amigos mais íntimos são Nick e eu. Bom, o ruivo não estava em nossas vidas quando aquela tragédia horrível aconteceu, então não fazia sentido algum ele estar jogando com Pedro. A não ser que o detetive estivesse insinuando que eu....

— O Pedro é meu irmão. Eu mataria e morreria por ele — Inclinei-me sobre sua mesa e o encarei duramente — Não ouse insinuar algo como isso novamente.

Mas que porra! Parecia que hoje eu tinha tirado o dia para lidar com pessoas cretinas.

— Entendo, senhor Brandão, mas você precisa entender que esse é o meu trabalho. Desconfiar de tudo e de todos.

Assim como eu e os meus dois pés atrás com ele. Só que, no momento, assim como Natasha, não havia nada que eu pudesse fazer. Mesmo que eu conseguisse fazer com que Pedro dispensasse o homem, outro iria entrar no seu lugar, e eu queria ver de perto até onde Garcia teria coragem de ir se for mesmo o charlatão que eu suspeitava.

— Pois tenho um novo trabalho para o senhor — falei calmamente e tirei o talão de cheques do bolso interno do terno e rabisquei as informações necessárias na folha que destaquei — A partir de hoje, tudo o que tiver para dizer ao Pedro irá informar a mim.

Estendi o cheque a ele e observei-o analisar o quanto podia ser generoso.

— Normalmente, não aceitaria algo como isso — disse em uma sinceridade que não consegui acreditar — Mas sobre uma coisa concordamos. Toda essa história tem deixado seu amigo bastante abalado.

Acho que você saber o que acontece o ajude a manter o pé firme, sempre que alguma pista acabar frustrada.

Como a das placas frias, por exemplo.

Estava em dívida com Pedro. Desde que saí do Brasil, para fugir de meus sentimentos por Lúdia e iniciar o tratamento de minha mãe, deixei de observar meu amigo de perto, importando-me apenas com os meus sentimentos e sofrimento. Bem, as coisas precisam mudar.

— Esse é meu contato — disse a ele, entregando meu cartão, onde também coloquei meu número pessoal — Informe-me de qualquer novidade, não importa quando ou onde.

A minha conversa com Garcia continuou me deixando em um lugar nebuloso, mas pelo menos agora cuidarei do assunto mais de perto, como prometi a Lúdia.

Pensar nela fez um sorriso surgir em meu rosto.

Precisava vê-la. Contar o que aconteceu no apartamento do Pedro e essa visita ao investigador. Eu esperava que ela lidasse bem com tudo isso.

Por um instante, desejei apenas que ela fosse aquela menininha de ursinho na mão, me pedindo um abraço. Não, eu voltaria um pouco mais no tempo e evitaria que a grande desgraça caísse em sua família.

Tudo poderia ter sido tão diferente.

Será mesmo que, com Marcelo e Isabella Santini vivos, ainda nos apaixonaríamos loucamente um pelo outro?

— Fernando?

Seu sorriso surpreso e brilho feliz em seus olhos, ao me ver entrando em seu quarto, responderam ao meu questionamento.

Não importava como as coisas poderiam acontecer com seus pais vivos ou não. O que sentimos, a forma que nos entregamos é inevitável. Como se fôssemos duas almas destinadas a outra.

CAPÍTULO 6

LÍDIA

Estava lutando contra a sonolência gostosa que os movimentos tranquilos dos dedos de Fernando faziam em meus cabelos. Eu amava nossos momentos tranquilos e juntinhos como esse, tanto quanto os quentes e intensos durante o sexo, como o que tivemos alguns momentos antes de desabarmos na cama, para recuperarmos um pouco das nossas energias, após o orgasmo explosivo.

Mesmo que o trapaceiro tivesse escolhido o momento que eu estava bem preguiçosa em seus braços, para me narrar como tinha sido tenso seu encontro com Pedro, e assim conseguir evitar que eu saísse apressada da cama e fosse correndo encontrar o meu irmão e despejar sobre ele toda a minha indignação e preocupação de como ele vem agindo.

Por outro lado, fiquei feliz que, diferente das outras vezes, onde Fernando teria tentado me proteger de um aborrecimento, escondendo o assunto, ele viera até mim e contara tudo, inclusive sua visita ao detetive contratado por Pedro para continuar a investigar o caso da morte dos nossos pais.

Eu também queria justiça para o que acontecera, mas não às custas da minha paz e sanidade. E sabia que meus pais não desejariam isso também. Se existia algo que eu tinha certeza no mundo, era como eles nos amavam, a mim, a Pedro e a Fernando. Nenhum dos dois iria querer que eu dedicasse a minha vida toda a uma procura que apenas me deixaria mais frustrada e

amarga. E era pensando nisso que, de alguma forma, eu tentava ficar forte e seguir em frente.

Nesse aspecto, posso afirmar que sou mais fria que o meu irmão, porque se eu tivesse qualquer pista sobre quem arrancou meus pais de nós, agiria com calma e paciência, e não permitiria que as emoções me comandassem.

— Eu concordo com o Nick, e acho que você tem razão — comecei a dizer o que pensava de toda essa história, quando sua narrativa chegou ao fim — Mas eu acredito que, mais do que uma viagem de férias para desestressar um pouco e o fazer enxergar o caminho destrutivo que está seguindo, meu irmão precisa mesmo é de alguém.

— Alguém?

Ergui o rosto de seu peito para encontrar o dele, perfeito, me encarando. Por um instante, apenas me perdi nos cristalinos e intensos olhos azuis, até sua carícia em minha bochecha me fazer despertar desse transe.

— Um amor. — Me aconcheguei de volta aos seus braços e soltei um suspiro quando ele me apertou mais contra si.

Parecíamos um bolo de linha, emaranhados um no outro, e não desejava mais nada além disso. Apenas continuar curtindo essa tranquilidade e felicidade de estarmos juntos. E sempre que meditava sobre isso, fazia uma rápida oração, pedindo que nada e ninguém viesse estragar a nossa paz.

— O Pedro passou todos esses anos se dedicando a três coisas importantes para ele — murmurei, enquanto passava a ponta dos meus dedos em seu braço musculoso e forte — A mim, a achar quem matou os nossos pais e à Santini.

Posso afirmar que exatamente nessa ordem. Bom, até descobrir esse lado secreto da vida dele, mas como eu não sabia dizer se ser um Dom era

tão enraizado nele e importante como acontecia com Fernando, por enquanto deixaria isso de fora.

— E você acredita que se apaixonar por alguém — Fernando até tentou, comprimindo os lábios em seguida, mas eu detectei o divertimento em suas palavras — seria toda a solução dos problemas de Pedro?

Os homens se achavam tão espertos para tantas coisas, mas no que era realmente fundamental, como o amor e relacionamentos, não passavam de garotinhos perdidos.

— O que eu acho é que o amor pode mudar as pessoas. As transformar em alguém melhor — disse com convicção e firmeza — Você pode se divertir sobre isso, mas é verdade. O Pedro precisa ter alguém, além de mim, a quem dedicar seu carinho e atenção. Uma mulher que o faça se sentir amado e não dê apenas algumas horas divertidas de sexo, como a que vocês têm.

— Vocês têm? — questionou Fernando, girando nossos corpos na cama para ficar sobre mim — Creio que há um pequeno equívoco nesse seu discurso, minha menina.

Ótimo.

De toda a minha narrativa romântica, ele só tinha dado importância mesmo à última parte?

— Não posso mudar o meu passado. — Desta vez quase fui eu a rir de seu olhar atazanado, enquanto sua mão macia corria pelo meu corpo — Mas, que eu saiba, o meu pau não tem procurado outra boceta desde que encontrou a sua.

Quando seus dedos deslizaram lentamente para dentro de mim, mordi o canto dos meus lábios, restando um gemido.

— Isso foi uma tentativa de ser romântico, senhor? — Afastei um pouco mais minhas coxas para que ele tivesse mais espaço para mover sua

mão em mim — Porque está conseguindo outra coisa, na verdade.

Fernando sabia exatamente como e onde me tocar para que, em segundos, eu estivesse molhada e implorando por ele.

— Posso ser romântico. — Ele beijou meu pescoço, e seus lábios descenderam lentamente por minha pele até que ele abocanhasse meu mamilo, fazendo-me estremecer de prazer — Mas não é o que realmente quer. O que seu corpo deseja agora é ser fodido.

A combinação de seus dedos, movendo-se dentro de mim, e sua boca devorando os meus seios não era menos brutal e arrebatadora que suas palavras safadas.

O orgasmo explodiu em meu corpo sem que eu tivesse força ou controle sobre ele.

Meu corpo ainda estremecia quando Fernando me colocou de quatro sobre a cama. Eu agarrava o lençol com os meus dedos, enquanto ouvia a embalagem de preservativo ser rasgada, e soltei um grito abafado quando o senti entrar duro e forte dentro de mim.

As suas mãos firmes e dedos longos marcando minha pele, seus quadris batendo impetuosamente contra minha bunda e seu pau inchando mais em minha boceta, rapidamente me deixaram enlouquecida e gemendo seu nome.

Outra vez fui arrebatada por um orgasmo explosivo, mas muito mais intenso e longo, extinguindo de mim o que me restava de energia e fôlego. Senti o corpo dele desabar sobre o meu, após liberar com um urro seu próprio prazer.

— Eu acho que isso — Fernando afastou carinhosamente os fios emaranhados dos meus cabelos grudados em meu rosto suado — confirma exatamente a sua teoria. O amor muda as pessoas.

Se o sexo já não tivesse me deixado destruída, com toda certeza a declaração dele teria feito isso.

— Está admitindo que me ama, senhor Brandão?

Apesar do humor em minha voz, por dentro, sentia-me derreter como manteiga, e fiz um esforço danado para não me transformar em uma bobona chorosa.

— Isso não estava claro desde o início? — Seus dedos continuaram a carícia gentil em minha bochecha e ele abriu um sorriso largo — Você me mudou, Lídia. Faz isso todos os dias. Porra, se isso não é amor, o que mais seria?

Toquei seu rosto, desenhando-o com a ponta dos meus dedos. Eu amava suas sobrancelhas bem desenhadas, o nariz que parecia ter sido esculpido por um artista talentoso, a boca carnuda e perfeita, o queixo quadrado que dava a ele um ar másculo e bonito. Cada detalhe em Fernando poderia me manter admirando-o por horas, mas o que me conquistava mesmo a cada dia, era ver como, mais e mais, ele entregava seu coração a mim, sem qualquer temor em se machucar.

— Sabe, estive pensando sobre algo que Aron disse na Paradise — Fui passando a ponta dos dedos, nos cantos dos seus lábios que rapidamente desfez o sorriso — A respeito da coleira. De eu não ter uma para indicar que você é o meu Dom.

Observei Fernando ficar tenso. Ele se remexeu na cama, mas não permiti que se afastasse e me agarrei mais a ele. Então ele levou o braço esquerdo para trás da cabeça e encarou o teto. Esse era um ponto delicado.

— Não é uma regra que você use uma, Lídia.

Eu sei que Fernando nunca me importaria nada. A nossa relação, apesar de no momento ser um tanto complicada, estava sendo construída na base da

paciência e respeito, principalmente nesse mundo novo que estava sendo apresentado a mim.

— Mas e se eu quiser? — Seu rosto abismado veio de encontro ao meu.

Tinha um sorriso desafiante ao olhar para ele. Sei que o peguei de surpresa.

— Por que você iria querer isso? — Ele me encarou, com divertimento agora — Sei que no sexo gosta que eu tenha o controle. Que a leve para onde nunca imaginou ir antes. Mas fora da cama você é geniosa, Lídia, usar uma coleira...

— A gente não pode chegar a um meio-termo? — Saio de seu abraço protetor e me sento ao seu lado na cama — Você está certo. Acho que não conseguiria ser comandada por você o tempo todo, mas enquanto estivermos jogando, gostaria que soubessem a quem pertencem, porque, de certa forma, mostrará a quem você pertence também.

— É uma forma nova de ver as coisas.

— Algumas regras são essenciais, como a SSC, mas a gente não pode fazer as nossas próprias regras? — Sua expressão é séria ao ouvir o meu discurso, mas seus olhos não conseguem esconder a diversão — Mente aberta, lembra? Para tudo.

— Isso seria algo realmente importante para você?

Assenti, balançando a cabeça levemente. Havia um brilho intenso escurecendo seus olhos claros.

— Farei isso acontecer.

Soltei um gritinho empolgado e pulei em seu colo, enchendo seu rosto de beijos. Provavelmente, qualquer garota moderna acharia que estou ficando maluca, mas ninguém, fora do nosso mundo, do que estamos vivendo e descobrindo juntos, que nunca tivesse vivido de forma tão intensa como

nós dois, seria capaz de entender. E estava tudo bem, o que sentia e como Fernando me fazia sentir, ele e toda essa forma peculiar que encarava o sexo, me fascinava. Me fazia feliz e, para mim, sempre será o que importa.

— Sempre achei que fosse apaixonada por você — Toquei seus lábios e ele abocanhou o meu dedo, fazendo-me rir — Mas nada se compara ao que realmente sinto agora. E quando penso que...

— Não pense — ele pediu, e sua boca cobriu a minha em seguida, em um beijo tão apaixonado que me deixou desnorreada em segundos — A gente vai resolver tudo. Prometo.

Eu acreditava nele, mas existiam coisas na vida que, por mais que tentássemos, não éramos capazes de controlar.

Mas, por enquanto, precisávamos pensar em uma forma de ajudar o meu irmão e de finalmente contar a ele sobre nós. E eu esperava que até esse momento finalmente chegar, nada surgisse para abalar minha relação perfeita com Fernando.



A chegada de tia Catarina veio como um frescor, trazendo um pouco de calma aos dias tensos e corridos que eu vinha enfrentando. Com a aproximação do meu aniversário, eu ficava cada minuto mais ansiosa.

— Eu ainda não acredito que você está aqui, Zia Nina — disse a ela mais uma vez, quando entramos no quarto que ela sempre ocupava ao nos visitar — Eu sinto muito a sua falta.

Os últimos dois anos passei na Itália, morando com ela, ajudando na pousada e chalés, enquanto minha tia tentava lidar com a dor que a morte do marido causava em seu coração quebrado.

Sabia que, apesar do sorriso, os olhos um pouco mais vivos e brilhantes ao me encarar, no seu peito ainda carregava uma profunda tristeza. Mas ela era uma Santini. Era uma mulher forte e ia conseguir seguir em frente. Talvez, em algum momento do futuro, seu coração voltasse a se abrir para alguém.

— Também senti muito a sua falta, querida. — Observei-a depositar a mala sobre a cama e depois sentar-se do outro lado, batendo sobre o colchão para que eu fizesse o mesmo — Toscana não é a mesma sem você. Mas pelo que vejo, você parece bem mais feliz do que quando saiu de lá.

Apesar de toda correria desses dias, da ansiedade e preocupação, não tinha como negar, estou feliz. Como nunca estive antes, e isso transparecia em mim.

— Tanta coisa aconteceu, tia Catarina — disse a ela quando acolheu minha mão entre as suas — Nem sei por onde começar.

— Eu sou toda ouvidos, Lúcia. Você sabe que é a filha que nunca pude ter.

E ela era como a mãe que perdi. Com quem eu deveria estar tendo essa conversa.

— Eu amo o Fernando. Não como irmão, porque crescemos juntos e por um longo tempo nos vimos assim — disparei de uma só vez, sem dar chance para enrolação, e enfrentei seu olhar, esperando encontrar algum tipo de choque — Eu o amo como homem e ele me ama como mulher.

A cada pessoa da minha família que ia revelando isso, tornava o peso de manter esse segredo em meus ombros menor.

— Bom, eu meio que sempre suspeitei disso. — Ela sorriu, e eu soltei o ar, ficando mais relaxada — Mas nunca tive certeza do que ele

poderia sentir por você, além do carinho de irmã. Então, finalmente se entenderam?

— Mais ou menos, Zia Nina.

— Eu não entendo. Você gosta dele e me disse que Fernando gosta de você. Qual o problema?

Além de ele ser um Dom e tudo que vem implicado a isso? Não que Fernando ser um Dom realmente fosse um problema para mim. A cada nova descoberta que fazia, via-me surpreendentemente mais fascinada por tudo que encontrava ou vivenciava. Mas sobre isso ainda não podia ou me sentia confortável em falar com minha tia. Era algo tão nosso e tão íntimo que, por enquanto e o quanto for necessário, mantereí entre nós.

— O Pedro. O grande problema é o meu irmão.

— Hum... — Ela refletiu por alguns segundos sobre o que eu disse a ela. — Ele ficará bastante surpreso, não vamos negar. Mas o Pedro não pode ditar como você viverá a sua vida, Lídia.

— Você está coberta de razão, titia, mas, bom, as coisas estão um pouquinho mais complicadas do que imagina — segui disparando, quase sem uma pausa para respirar enquanto o seu olhar paciente se fixava em mim — É por isso que estou mais do que feliz com sua presença aqui, principalmente no meu aniversário, ela é importante. Preciso de seu apoio. Aliás, preciso de todo apoio que possa encontrar, mas acho que meu irmão precisa de ajuda.

— Muito bem. O que está acontecendo com o *bambino*?

— Tem a ver com os nossos pais... — falei, e isso fez tia Catarina estalar a língua, inconformada.

Assim como eu, meus avós dos dois lados, que perderam os filhos, todo o restante da minha família ou pessoas que nos cercavam e amavam, gostariam que o crime tivesse uma resolução justa, com culpados

pagando, mas nenhum de nós ficou tão sedento por justiça, a ponto de ficar cego para todo o resto, como Pedro.

E nos minutos seguintes, contei a ela sobre o comportamento de Pedro. Em como eu receava pela sanidade dele. O quanto temia que tudo isso viesse a se tornar perigoso ou levar o meu irmão para um caminho de autodestruição e sem retorno.

PEDRO SANTINI

Sabia que não tinha agido racionalmente nos últimos tempos, e que para minha família e amigos, estou à beira da insanidade.

Talvez eles tivessem razão e eu estivesse mesmo deixando-me consumir pelo ódio e frustração, que o tempo só fazia crescer em meu peito.

Eu buscava por respostas, e sempre que as tinha tão perto de mim, que acreditava que enfim a justiça seria feita, que parte da culpa que sempre senti em relação à morte dos meus pais fosse finalmente tirada dos meus ombros, vinha o destino com um grande balde de água fria me fazer voltar à estaca zero.

E isso, sim, tem me deixado perturbado. Não pude ajudar os meus pais em vida. Não estive ao lado deles quando precisaram e nada poderia fazer após a sua morte.

Nem toda a minha fortuna, influência e poder que possuía eram suficientes para me dar respostas. Para me dar justiça. Era como se eu andasse às cegas em um labirinto. Ou como se fosse um ratinho burro, seguindo um pedaço de queijo até a minha ratoeira.

Às vezes, penso que alguém brincava comigo. Que tudo não passava de um jogo que eu ainda não sabia quais eram as regras.

E se o inimigo estivesse bem mais próximo do que eu imaginava? E se ele ainda for um perigo para Lídia ou para alguém mais de minha família?

Novamente eu seria incapaz de proteger aqueles que amo e veria a história toda se repetir diante dos meus olhos?

Essas perguntas, entre muitas outras, rodavam a minha cabeça o tempo todo. Muitas vezes tirando o meu sono e a minha paz.

Só havia uma coisa que me fazia sentir um pouco de controle.

Ser um Dom.

O controle no sexo.

Prazer.

Exatamente nessa ordem e sem nenhum envolvimento emocional, tornando tudo complicado.

Não tinha tempo para romances e nem estava à procura disso.

Então, buscava *sexo* e *prazer* em minhas visitas à Paradise ou com minha secretária, com quem tive momentos de diversão, há alguns meses. Mas como tudo na vida, nosso caso tinha de acabar. Não era mais tão empolgante como antes e, além disso, agora ela estava com Aron. Um dos membros mais importantes e antigos do nosso clube, alguns arriscam a dizer que era o fundador e proprietário de todas as filiais espalhadas pelo mundo. Ele nunca afirmou ou negou. O alemão gostava de todo esse mistério em volta dele.

— A reunião só é daqui a duas horas — As palavras de Natasha foram sussurradas em meu ouvido quando se colocou atrás de mim — Não tem nada mais importante antes disso.

Observei sua mão correr pelo meu peito de forma lenta e sensual, até se infiltrar por dentro de minha calça.

— Natasha... — Contive sua mão começando a se mover em meu pau — Não está com Aron agora?

A minha pergunta deveria deixá-la envergonhada e a levar a se afastar, mas minha secretária era descarada demais para isso.

— Deixe que com o alemão eu me entendo. — Seus lábios deslizaram suavemente por meu pescoço.

Meu corpo respondendo às suas investidas é apenas uma reação física.

— Apenas me deixe ajudá-lo a ficar mais relaxado para a reunião com os velhos italianos. — Sua voz tinha quase que um tom suplicante e que me fazia achar desnecessário para algo que eu só veria como um momento e nada mais.

Com um sorriso denunciando todas as suas más intenções, ela girou a minha cadeira, colocando-se de joelhos à minha frente, e seus dedos ágeis começaram a trabalhar para liberar o meu pau da calça. Com meu membro já rijo, apontando em sua direção, ela se jogou como uma faminta sobre ele, presenteando-me com um boquete bem-feito.

Sempre que eu fodia Natasha, principalmente no escritório, algo me dizia que combinar sexo e trabalho poderia não acabar muito bem. Mas no instante seguinte, eu ignorava a voz da razão e mandava tudo ao inferno.

Era só a porra de uma trepada. Certo?

Acho que buscava nisso algum tipo de emoção, que, no fim, sempre me fazia sentir o mesmo. A gente transava, chegávamos ao orgasmo e toda excitação acabava na mesma velocidade que começou.

Era como se eu tivesse um buraco em minha vida, que por mais que jogasse coisas dentro dele, como mais dinheiro e mais sexo, ainda assim,

continuava vazio e crescendo. Sentia falta de algo que nem mesmo conseguia descrever, mas continuava procurando.

— Chega! — Parei sua boca movendo-se em meu pau e agarrei os seus cabelos, fazendo-a erguer o rosto vermelho para mim — Fica de quatro.

Apesar de Natasha estar fazendo um bom trabalho com sua boca macia em meu pau, deixando-o cada vez mais duro, desejava acabar logo com isso.

— Vou meter em seu rabo. — Tenho um palavreado sujo no sexo, mas usava-o agora, dando mais uma oportunidade de que ela fique indignada e caia fora.

Encarei-a fixamente, esperando o momento de ser chamado do grande babaca que sou, mas a cachorra apenas sorriu novamente e imediatamente seguiu o meu comando, colocando-se na posição ordenada.

Ela era uma vadia que gostava de sexo sujo, e eu não sabia fazer de outra maneira, então, pelo menos nesse aspecto, nós combinávamos bem. Era só a procura louca por um orgasmo fodido.

Eu ia dar a ela, prometi a mim mesmo ao colocar o preservativo. E a mim.

— Pedro! — Seu grito, tanto de dor, mas muito mais de prazer, trancaram uma outra parte da minha mente.

Apenas o sexo importava agora.

— Isso. Me fode — Os gemidos ficaram altos, constantes e exigentes — Ah...

— Gosta de ter esse rabo fodido, não é? — provoquei, enrolando seus cabelos em meus pulsos e puxando sua cabeça para trás, enquanto meu quadril batia cada vez mais rápido e forte em sua bunda.

— Só você — ela murmurou.

A voz manhosa não me enganava, nem mesmo a afirmação que me deu. Não conhecendo Aron como conheço. Natasha era o tipo de amante que dizia a um homem o que achava que ele esperava ouvir, mas seu feitiço ensaiado não tinha poder sobre mim. Nenhuma mulher chegava tão longe, e cinicamente tinha a certeza de que nunca chegará.

— Isso, caralho! — Soquei mais e mais fundo.

Natasha estremeceu, gritando meu nome, e o orgasmo potente a fez choramingar. Eu liberei o meu prazer logo em seguida. Aproveitei cada sensação que o sexo me proporcionava, em cada gota que derramei no preservativo antes de desabar na cadeira.

Tudo acabou.

Foi uma trepada boa, mas a minha mente já começava a engrenar em outros assuntos. Como no encontro de negócios, dentro de quase uma hora, por exemplo.

— Bem, já teve o que veio buscar — disse a Natasha, ainda de joelhos — Pode voltar ao seu real trabalho agora.

Agora, sim, tenho seu olhar cheio de fúria caindo sobre mim. E de certa forma, ela estava certa. Mas quem insistiu nesse jogo foi ela. Foram as suas fichas que ela quis arriscar.

— Precisa ser sempre assim, Pedro?

Embora parecesse, não sou um babaca o tempo todo. Normalmente preferia as garotas que encontrava na Paradise, curtíamos o momento e cada um seguia o seu rumo após a diversão. Não havia corações magoados.

Então esse era o grande problema de foder e continuar fodendo a minha secretária. As coisas podiam ficar mais pessoais.

— Porra, Natasha! Nós já conversamos sobre isso.

Desta vez, o olhar rancoroso não causou nenhuma reação em mim. Sempre fui honesto com ela.

— Não pode me prometer nada além disso. — O tom amargo acompanhou o ar rancoroso em seu rosto — Mas isso não o impede de ser gentil, Pedro. Acho que o que dizem é verdade. Você tem uma pedra no peito, em vez de um coração.

Não podia refutar isso. Quando o assunto era negócios, frieza era a minha qualidade principal. Sou impaciente com erros e implacável em dar uma lição a quem os cometesse ou se colocasse em meu caminho.

— Só que até o gelo derrete, querido.

Estava prestes a retrucar sua afirmação com uma pergunta sarcástica, quando a porta da sala foi aberta, me fazendo ter que me recompor às pressas, enquanto Natasha procurava rapidamente ajeitar o vestido. Não que fosse ajudar muito, o penteado que desfiz em seus cabelos denunciava bem o que estivemos fazendo, há alguns minutos.

— Pedro?

Lídia encarou nós dois, e sua expressão não era nada amigável. Por mais que desejasse que minha irmã fosse a garotinha de tranças correndo pela casa e ralando os joelhos, precisava admitir que minha irmãzinha cresceu e que era inteligente o suficiente para saber o que aconteceu aqui.

— Lídia — Empurrei a cadeira em direção à mesa e discretamente fechei o zíper e o cinto em minha calça — Você não avisou sobre a visita e nem aguardou ser anunciada.

— Teria feito isso, se... — Ela encarou Natasha com um olhar de reprimenda, depois voltou a mim da mesma forma — sua secretária estivesse no lugar dela.

— Estivemos resolvendo um assunto. — Sorri para as duas.

— Sim, estou vendo — Lídia devolveu com desagrado.

Não era da conta de minha irmã o que eu fazia, mas era completamente ridículo ela agir como minha mãe e tentar me passar um sermão.

— Você pode ir, Natasha.

Minha secretária não precisava de um novo convite para fugir dos olhares acusadores e constrangedores de minha irmã.

— Avise Humberto para ficar de prontidão, pretendo sair em alguns minutos.

Apesar do restaurante escolhido para o encontro de negócios não ser longe da S.A., o trânsito, sempre caótico de São Paulo, não dava chance para relaxar. Um acidente acontecia do nada e ficávamos presos em um engarrafamento por horas.

— Vai me dizer o porquê da visita? Você nunca vem aqui.

— Pois eu acho que deveria vir mais.

— Lídia! Não tenho humor ou tempo para as suas provocações.

Seu olhar magoado, diferente do de Natasha, mexeu comigo.

— Você nunca tem tempo para nada, Pedro.

Eu tentei fazer o melhor que pude por ela, enquanto lidava com a grande responsabilidade de assumir os negócios da família. Mas tinha de admitir, em relação à minha irmã, não foi o suficiente.

— É sobre o meu aniversário — ela continuou, alheia em como suas palavras me atingiram.

— Eu já disse que tem carta branca para fazer o que quiser. A festa que quiser, não importa quanto custe.

Desde os dezesseis anos que Lídia não fazia uma festa. Ela passou os últimos anos, após aquele dia, se recusando a ter uma. Para falar a verdade, na posição de uma garota como ela, herdeira de uma grande fortuna que eu trabalhava dia a dia para multiplicar, minha irmã era pouco

exigente. Ela tinha classe, gostava de coisas boas, mas nunca realmente me exigia nada.

— Não quero uma festa cara, Pedro. Quero ter todos que amo ao meu lado. Por isso, quando o vovô sugeriu isso essa manhã, decidi que é uma boa ideia comemorar na Lucchese. Apenas com a família e amigos muito íntimos.

Agora fazia muito sentido Lúdia ter vindo até aqui. Ela sabia que essa atualização nos planos me deixaria incomodado.

— Por que não em casa, se deseja algo mais íntimo? Além disso, tem muito mais espaço.

— Porque em casa não tem o calor de um lar — ela disse firmemente, e seu tom de voz foi diminuindo — Não mais, depois de tudo. Nossos pais se foram e parecia que o calor foi com eles.

— Bem, mas poderia...

— Pedro! — Ela se aproximou mais de minha mesa, depois tocou o meu rosto — Você precisa dar mais atenção ao vovô. Ele sente a sua falta.

E eu não sabia lidar com o velho Lucchese. Não mais. Não quando me trazia tantas lembranças que tentava manter guardadas em meu peito.

— Por favor. Faça isso por mim.

E essa era uma guerra perdida. Lúdia era a pessoa que mais me importava nessa vida.

— Tudo bem — Dei-me por rendido e fiquei de pé para pegar o meu terno — Tem algo mais que queira me dizer?

Notei o que achei ser um ar angustiado se formar em seu rosto. Seus olhos desviaram de mim e ela encarou o chão.

— Lúdia?

Qualquer coisa que pudesse a estar preocupando, eu poderia resolver. Ela apenas precisava confiar em mim.

— Bem, eu...

A porta da minha sala novamente foi aberta, e Natasha, agora completamente refeita do nosso sexo quente, ressurgiu.

— Senhor, o carro já está esperando.

Fiz um sinal para que ela se afastasse em silêncio. Nada estaria acima de Lúdia. Ela só precisava me dizer e eu ordenaria que a reunião fosse cancelada.

— Lúdia.

— Não é nada importante. A gente conversa depois.

Eu não sentia isso, mas não iria pressionar. Se eu desejava que Lúdia fosse mais aberta comigo, precisava dar espaço a ela.

— A gente se vê em casa — Caminhei até ela e beijei sua testa antes de me dirigir à porta.

Parei no meio do caminho e virei-me para olhá-la, de costas para mim, os braços em volta de si mesma. Como uma garotinha perdida.

Amo a minha irmã. Sei que ela me ama também, mas será que estive, por todos esses anos, preocupado demais em protegê-la e lhe dar uma vida confortável e de luxo, que deixei de lado o principal?

Ser alguém mais próximo e íntimo de minha irmã. Deixar que ela também chegasse mais próxima de mim, ao ponto de sermos mais sinceros e conseguirmos abrir os nossos corações um ao outro.

Bem, parecia que a minha lista de questionamentos estava apenas crescendo.

CAPÍTULO 7

FERNANDO

Havia dois sentimentos me dividindo: confusão pela ideia inesperada de Lúdia de usar a coleira, e o contentamento por saber que o pedido tinha partido dela, mesmo que de uma forma curiosamente adaptada.

— Senhor? — A voz do gerente da joalheria me afastou dos pensamentos com quem vinha lidando nos últimos dias — Aqui está.

Uma caixa preta e de veludo foi colocada à minha frente, sobre o balcão de vidro. O homem a virou para mim e a abriu. Fiz o pedido há pouco menos de uma semana, e por ser um desenho completamente exclusivo, desenhado por mim mesmo, foi preciso que eu pagasse um valor bem acima do mercado, para que fosse fabricada em tão pouco tempo. Mas avaliando a peça agora, vejo que valia cada centavo que eu paguei.

— Ficou perfeita. Diga ao Sr. Munhoz que ele foi além das minhas expectativas.

O colar tinha cerca de um centímetro e meio de espessura. Era feito de ouro branco, cravejado com minúsculas pedras de diamantes, e no centro, várias delas formando um S delicado.

As medidas de Lúdia foram tiradas para que a joia ficasse justa ao seu pescoço, mas de forma que não a ferisse ao se movimentar. Algumas pessoas poderiam facilmente avaliá-la como uma joia cara, bela e comum,

mas cada pessoa que a admirasse na Paradise, não teria dúvidas do seu real significado.

— Ele ficará feliz em saber que ficou satisfeito, senhor — disse o homem com um sorriso satisfeito, e logo me despedi dele.

Amanhã será o jantar de aniversário de Lídia, então pedi que essa noite ela ficasse comigo em meu apartamento. Depois de amanhã, as coisas poderiam mudar drasticamente, e eu precisava de um pouco dessas horas juntos, onde podemos ser nós dois, sem julgamentos e olhares desapontados.

Então, assim que abri a porta do apartamento e fui recepcionado pela música que parecia tocar na cozinha e o aroma vindo do mesmo lugar, deixei o mundo exterior de fora.

O cheiro delicioso, assim como o som baixinho de sua voz acompanhando a canção, me guiou até ela. Parei no arco da entrada e a observei se movimentar entre a mesa e o fogão.

Eu disse a Lídia que poderia pegá-la em casa logo que saísse da joalheria, mas ela insistiu em vir diretamente para cá, alguns minutos antes de mim. Agora sei o porquê.

Quem olhasse apenas na superfície, nas fotos de jornal na coluna social, nas festas ou jantares de negócios, nunca poderia imaginar que a bela, educada e invejada herdeira Santini poderia agir como uma garota comum e cozinhar, por exemplo.

Sim, ela tinha quem cozinhasse para ela, organizasse suas coisas e até a vestisse, se desejasse, mas gostava de ter um pé na realidade. Ela conseguia ter o melhor dos dois mundos, com o luxo e os privilégios que o sobrenome Santini proporciona a ela e a simplicidade e vida feliz que os Lucchese lhe dão. Isso me fazia a admirar cada vez mais.

Lídia Santini Lucchese sempre conseguia me surpreender e encher de luz e calor cada um dos meus dias ao lado dela.

— Você já chegou. — Seu olhar finalmente me avistou, e ainda com a espátula na mão, ela veio ao meu encontro, presenteando-me com seu sorriso perfeito — O jantar ficará pronto em breve.

Envolvi sua cintura com as minhas mãos e a puxei para mim. Seus braços envolveram meu pescoço quando ela ficou nas pontas dos pés, para colocar os lábios nos meus.

Tinha fome, muita fome *dela*. E demonstrei isso com beijos ferozes e apaixonados. Podíamos simplesmente afastar as peças íntimas um do outro e nos atracar no chão, sobre a mesa, usar a parede como apoio durante o momento quente.

Mas Lídia, absurdamente mais determinada que eu, conseguiu me afastar. O sorriso safado, nos lábios inchados e vermelhos, era tão provocativo quanto o brilho em seus olhos.

— Primeiro, o jantar. — Ela apontou a espátula em minha direção e a usou como escudo para me manter afastado — Depois a diversão. Comporte-se, garotinho, ou não terá sobremesa.

Que seria ela, com toda certeza, meditei com um sorriso sacana surgindo em meu rosto, que ela correspondeu erguendo a sobrancelha, avisando que sabia bem a direção dos meus pensamentos. Tínhamos uma conexão inexplicável.

Meu pau, pulsando dentro da calça, dizia para mandar tudo à merda, enquanto minha consciência, após o sorriso empolgado que Lídia me deu, alerta-me para manter a calma. Afinal, ela estava se esforçando, e o cheiro que vinha das panelas confirmava isso.

— O que você está fazendo?

— Uma receita do vovô — Uma careta, deliciosamente atraente, surgiu em seu rosto, colocando minha resistência ainda mais a prova — É a primeira vez que tento e espero que tudo dê certo.

— Você tem jeito com isso. Eu não sei nem fritar um ovo.

— Porque nunca se empenhou.

Era verdade. Tinha quem cuidava do apartamento e mantinha as minhas roupas limpas e bem engomadas, e também que fizesse a comida, quando não, solicitava algo pelo aplicativo. Eu não tinha que me preocupar com nada além da construtora e imobiliárias, a fazenda, minha mãe, e agora, Lídia.

— Sei que pode se sair bem, se realmente tentar — afirmou ela — Lembra daquela vez, no Natal? Pedro, você e eu?

Impossível esquecer a mais uma noite que deveria ter sido especial em família, mas que os meus pais conseguiram estragar, levando-me outra vez a procurar na casa dos Santini o que nunca tive em casa. Um lar.

Nós cozinhamos juntos naquela noite, após Lídia ter errado uma das receitas do velho Lucchese, e depois de comermos, acabamos vendo filmes de terror até cairmos no sono. Um trio esquisito de pessoas para quem olhasse de fora, mas que inegavelmente se amavam.

— Bom, e há algo que posso fazer essa noite, senhora máster chef?

Ela olhou em volta da mesa, onde cada item estava espalhado de forma organizada.

— Pode começar cortando aquelas cenouras em rodela finas?

Esse, sim, seria um desafio e tanto, mas era bem melhor do que cortar cebolas, como ela fazia.

— Então vamos lá — avisei, tirando o meu terno e colocando-o em uma cadeira. Arregacei as mangas enquanto ela me entregava um avental.

Em seguida, ela aumentou um pouco mais o volume e começou a cantarolar “Um dia de domingo.” Apesar de preferir um bom rock, essa música de Tim Maia com Gal Costa era um clássico.

— *Faz de conta que ainda é cedo...* — E a meu ver, de forma um pouco desafinada de minha parte, rendi-me à canção e cantamos juntos — *Tudo vai ficar por conta da emoção.*

Faz de conta que ainda é cedo. E deixa falar a voz do coração.

Porra!

Tudo nessa garota era extremamente sexy para mim, e passei a maior parte dos minutos seguintes tendo meus olhos grudados nela. Na forma que seus lábios se moviam ao cantar. Como fechava os olhos, mergulhando na música. Os sorrisos encantadores que me dava. Seus dedos movendo-se graciosamente, mesmo tendo algo tão perigoso nas mãos, como uma faca, e isso me fazia pensar em jogar com ela. Em correr com a lâmina em sua pele macia e...

— O que você tanto está olhando, senhor Brandão? — Lídia perguntou, após concluir mais uma de suas tarefas, enquanto eu nem tinha chegado à metade da primeira.

Que ela era sexy. Não importava onde estivéssemos ou o que ela estivesse fazendo. Lídia era fodidamente sexy para mim.

— Você não está chorando — Suprimi meus pensamentos um tanto intensos — Cortou as cebolas e não derramou uma lágrima. Isso é algo que deve me preocupar.

— Ah, sim — Ela pegou um copo que esteve ao seu lado na mesa e caminhou lentamente até mim, de maneira notoriamente sexual — Sou uma garota casca grossa.

Isso não era nenhuma novidade para mim.

— Não tenho dúvidas disso.

— Mas tem a ver com alguns truques que o vovô me ensinou — Ela levou o copo com água à boca, e cada um dos seus movimentos foram executados para me provocar — Um pouco de água na boca e...

Seu discurso foi interrompido quando fechei minha mão em volta de seu pescoço e a puxei para um beijo.

Foda-se a água. Foda-se até a boa vontade que tive em ser um cara romântico. Um homem tinha seus limites, e essa pequena provocadora testara cada um deles desde que coloquei os meus pés no apartamento.

— Fernando! — Ela gemeu, quando meus dedos correram entre suas coxas e seguiram caminho até sua boceta coberta pela calcinha úmida.

Tão molhadinha para mim como o meu pau parecia querer estourar minhas calças, de tão duro que estava.

— Se gosta de provocar, querida — Deslizei dois dedos dentro dela, e ela estremeceu em meus braços quando comecei a movê-los no ponto que lhe dá prazer — Tem que estar pronta para o que vai receber.

Os meus cabelos foram agarrados com firmeza, e ela ergueu o rosto mais para mim, exibindo um ardente olhar de desafio.

— E o que seria, senhor?

Sexo entre nós nunca era chato.

Igual.

Cansativo.

E em vez de responder à sua pergunta atrevida, afastei os utensílios da mesa e a fiz se inclinar sobre ela. Separei suas pernas com um movimento rápido e empurrei a calcinha rendada, e cada vez mais molhada, para o lado.

Eu poderia simplesmente meter em sua boceta que implorava por isso e com apenas algumas estocadas nos fazer gozar, mas minha boca estava sedenta e faminta, tanto quanto o meu pau.

Fiquei de joelhos, alisei suas coxas com ambas as mãos e as mantive bem abertas. Afastei os lábios vaginais e caí de boca e com vontade em sua boceta quente.

— Ah... — A primeira lambida a fez se remexer em minha direção.

Sua mão agarrou firme a borda da mesa, e eu segui me deliciando com sua fruta doce, macia e que me deixava tão excitado como fazia com ela.

A torturei como nunca fiz antes, e quando Lúdia implorou, dizendo que estava no limite, permiti que gozasse em minha boca, e engoli tudo o que tinha a me oferecer. E eu queria mais; podíamos ter mais, e eu tenho, socando meu pau duro e fundo dentro dela. Com velocidade e por mais vezes que o prazer de estar em sua profundidade estreita me permitia contar.

— Oh... — O gemido escapou dos meus lábios, acompanhando meu prazer no mesmo momento que ela se entregou a mais um orgasmo que nos fez estremecer.

Fiquei por um instante caído sobre ela, tentando encontrar forças em algum lugar em mim para me afastar.

Foi quente. Foi sexy. E nos deixou marcados, como todas as vezes que fomos.

A ajuda para nos movermos, ou interrupção, indesejada veio com o apito vindo do fogão.

— O meu assado! — Lúdia saltou da mesa e dos meus braços e correu em direção ao forno.

Por sorte, foi só um aviso de que o tempo que havia colocado para a carne assar tinha atingido o limite. E se mostrava tão suculenta como ela havia se empenhado para que ficasse.

— Dizem que o mal do homem está na carne — disse a ela, e em vez de um sorriso, recebi um olhar de repreensão.

Dei dois belos orgasmos a ela, no mínimo eu deveria ser colocado em um altar.

— Bem, apesar das distrações — ouvi-a dizer.

— Distrações? — Coloquei minha calça no lugar, evitando transparecer meu divertimento.

Lídia e sua forma inesgotável de me encantar e surpreender.

— Parece que está tudo bem — Ela fechou os olhos em agradecimento, depois de inspecionar sua arte.

— Está longe de ficar bem — murmurei. Voltei às cenouras e levei uma à boca, provocando-a com o sorriso mais perverso que consegui dar enquanto mastigava — Mas vamos chegar lá.

Vi, extremamente convencido, o que minhas palavras causavam a ela. Concentrei-me completamente na missão que me foi dada. Cortar as cenouras. Em rodelas. Finas. Sem distrações desta vez.



Cozinhar ainda não se tornou minha atividade preferida na vida, mas fazer isso com Lídia foi divertido e prazeroso, em todos os sentidos, devia dizer.

Agora estávamos na sala de jantar, após a refeição, que por sinal estava mais gostosa do que poderia ter julgado, sendo embalados por um jazz romântico. Na verdade, quase não nos movíamos. Só queríamos estar nos braços um do outro, nos deixando envolver pela música.

— Eu tenho uma coisa para te dar.

Ela ergueu o rosto que mantinha apoiado em meu peito e me encarou com um ar sonhador.

— Deveria ter dado logo após o jantar — Passei o dorso da minha mão em sua bochecha — Mas eu não consigo manter as minhas mãos longe de você por muito tempo, não é mesmo?

Ah, que sorriso. Ele desarmava um homem em guerra.

Refreei meu desejo de beijá-la, sabia bem onde isso iria nos levar, e agora existia outra parte em mim exigindo vir à superfície. Então apenas segurei a sua mão e a guiei até o balcão ao longo do bar, onde deixei a caixa.

— Eu quero que saiba — Cobri sua mão e falei alguns segundos antes de ela começar a abrir a caixa: — que pode mudar de ideia a qualquer momento.

Tentei ler alguma coisa em sua expressão, mas ela era um enigma que não conseguia decifrar, pelo menos agora.

— Uau — ela murmurou ao abrir a caixa e encontrar o colar dentro dela — É a minha coleira?

— Se ainda quiser.

Depois daquele dia que me fez o pedido, conversamos muito sobre o assunto. Não houve argumento que eu pudesse dar a ela que a convencesse de que poderia estar tomando uma decisão da qual viesse a se arrepender no futuro.

— Ouça, Lídia. A submissa usar uma coleira para um Dom é um passo muito importante. Significa entrega e confiança — Ergui seu rosto e a fiz olhar para mim — Você usar a coleira para mim tem um significado muito maior do que isso. Você entende?

Vi em seus olhos mais do que as palavras dela seriam capazes de responder.

— Que eu também me entrego e confio em você. Isso não pode ser quebrado.

— Não vai — ela disse, tocando o meu rosto.

— Nunca — afirmei, beijando sua mão.

Estávamos indo profundo demais, mergulhando intensamente, e se algo desse errado, ia nos destruir completamente.

— É isso mesmo que você quer?

— Sim — ela murmurou a palavra que transformou tudo.

Vi não apenas a submissa dentro dela indo de encontro ao seu Dom, mas nós dois indo de encontro ao outro.

— Vire-se.

Ela obedeceu.

Afastei os cabelos em sua nuca, torcendo e colocando-os sobre seu ombro. Peguei o colar na caixa aveludada e o passei por seu pescoço. O toque da joia fria a fez estremecer, e eu beijei sua pele, causando o mesmo efeito.

— Agora quero que suba. Vá até o quarto — ela sabia perfeitamente a que quarto estou me referindo — Quero que fique apenas com o colar e me espere chegar.

Ela sussurrou sua aceitação, na forma que devia se dirigir a mim. Vi-a se afastar e subir a escada, a mão deslizando delicadamente sobre o corrimão como eu gostaria de fazer com sua pele nua.

Andei pela sala, esperando o tempo necessário. Fazia parte do jogo mantê-la curiosa e ansiosa pelo que estava prestes a acontecer.

Olhei para o meu reflexo em um dos vidros espelhados do bar. Reconheci a pessoa, mas também vi, através dos olhos indomáveis, quem agora está no controle.

Ele.

O Dom.

CAPÍTULO 8

DIOGO

Desviar dinheiro da Santini não era algo que eu poderia continuar fazendo por muito tempo. Mas até que a ordem que dei em relação ao calhorda que acreditava poder me chantagear fosse executada, de forma que não deixasse rastro que levassem até mim, o melhor era fazê-lo pensar que eu seguiria mantendo o seu bico calado, através dos envelopes polpudos que ele exigia receber. Como todo chantagista, o valor aumentava significativamente.

Tinha uma reserva fora do país, que comecei a desviar da S.A ainda quando Marcello Santini estava vivo, mas esse dinheiro estava destinado para uma emergência, um imprevisto quando as coisas saíssem do controle. E eu sabia muito bem como as coisas podiam sair do controle, e desta vez desejava estar preparado.

Quando o pai do Pedro começou a desconfiar de que havia algo entre as contas e os relatórios financeiros, chegando próximo demais da verdade, não me restou outra alternativa, a não ser executá-lo. Inicialmente, o plano era apenas dar fim a ele, me aproximar da viúva como um bom amigo e conquistar o despedaçado coração partido. Fosse convencendo-a de que a melhor opção para ocupar a cadeira da presidência era eu, em vez do seu herdeiro farrista e irresponsável, ou pelo casamento, direito que conquistaria ao me unir à família Santini. Só que Isabella fez exatamente aquilo que o marido implorara para que não

fizesse: reagiu à nossa simulação de assalto com o intuito de executar seu marido, e quando ela tirou a máscara que cobria o meu rosto, não tive alternativa, além de enforcá-la com o próprio lenço que tinha no pescoço, presente do marido, bem diante de seus urros e lamentos desesperados.

Esse foi o ponto fora de controle. E em vez de uma morte, precisei encobrir duas. Impedir que qualquer pista que me conectasse ao crime fosse deixada e eliminar as poucas que foram encontradas pela polícia.

Pedro, arrasado pelo luto e pela culpa de ter estado longe dos pais quando tudo ocorrera, além de precisar ser apoio para a irmã desolada, não conseguira acompanhar o início das investigações como deveria, e isso me deu tempo e vantagem para encobrir tudo. Fernando, tão arrasado quanto os amigos, com a morte das únicas pessoas que o trataram como filho, apenas aceitou a explicação da polícia, sem muitos questionamentos. Ele estava muito mais preocupado em dar apoio a Pedro e à Lídia, do que fazer as perguntas necessárias que obrigassem os investigadores a irem a uma direção correta para a solução do crime.

Ainda bem que o ruivo maldito não estava tão presente na vida deles como agora. Esse, sim, seria difícil de conseguir manipular. O que me levava à grande questão: o que fazer com o americano intrometido. Precisava saber mais sobre ele.

— Você sabe o que fazer — Deixei um pouco de lado meus pensamentos e entreguei o envelope ao homem silencioso em meu apartamento — Não pode ocorrer falhas.

Ele apenas assentiu e pegou o envelope que, em vez de ser mais um cala-boca para o detetive traidor, significava o pagamento de João por seu serviço hoje.

Aprecio homens como Rodrigues. Que sabem o seu papel e não exigem nada além do que foi acordado. Um criminoso, mas com palavra.

Fazia o seu preço e não tinha ambições além disso. Era por isso que continuávamos trabalhando juntos por tanto tempo. Cada um sabia o seu verdadeiro lugar nessa história, e João era esperto o suficiente para entender que tentar passar a perna em mim, dificultando os meus planos de chegar ao topo, só prejudicaria a ele mesmo. E ele tinha muito a ganhar ao meu lado.

— Trouxe o telefone? — perguntei antes que ele saísse.

Hoje em dia, apesar do pouco recurso e investimento do governo, a polícia estava um pouco melhor do que há quase dez anos. Por isso precisava de um número frio e que não deixasse pegadas até mim.

— Garcia? — murmurei após alguns segundos de espera até ser atendido — O Santini já está aí?

— Chegará em alguns minutos.

— E você lembra bem o que dizer a ele? — enquanto falava, fiz um sinal para que João seguisse para a execução do planejado — Precisa ser completamente convincente.

— Você acha mesmo que isso é uma boa ideia?

— O Santini é como um ratinho cego de laboratório, farejando um pedaço de queijo. Tão faminto pela verdade, que o que você disser irá acreditar.

— Mas e aquele amigo dele? O Pedro está no limite e Fernando no meu cangote.

— Sim, você me lembra isso toda semana. O quanto é difícil lidar com o Brandão.

Garcia quebrou nosso acordo ao tentar tirar vantagem, acreditando que eu pudesse ficar em suas mãos. Mas eu sabia bem como lidar com todos que se colocavam em meu caminho.

— Não leve para o lado pessoal, Diogo. Já conversamos sobre isso. Apenas acho justo que, se vou continuar a me arriscar por você, e agora em dobro — Sua fala mansa me irritava tanto quanto sua crença de que pode me tratar como um idiota —, preciso ter uma recompensa à altura, você não acha?

Sempre soube que um homem que não conseguia ser fiel e honesto com seu cliente, cedo ou tarde morderia a minha mão. O que não contava era que Fernando fosse agir e acelerar esse processo.

— João irá entregar o dinheiro no escritório assim que Pedro sair daí, como combinado — reafirmei a ele — Lembre-se de que precisa deixar as câmeras ligadas e funcionando.

— Ainda não entendi o quê...

— Apenas faça o que digo, Garcia. Não vou deixar que a gravação acabe em mãos erradas. Vou usá-la apenas no momento certo. Além disso, se você cair eu caio junto, certo?

— Tudo bem — Ele pareceu novamente convencido — Vou seguir exatamente conforme as instruções.

— Faça isso — ordenei e desliguei.

Assim que a ligação foi encerrada, dei play na música, que começou a vibrar na sala do meu apartamento. Retirei o chip do aparelho de celular e joguei-o na privada. Fiz uma dose de uísque ao retornar e permiti que o meu corpo relaxasse no sofá.

Depois de hoje, teria que deixar o atormentado Santini um pouco de lado e me concentrar mais em sua irmã. Suellen poderia ser uma apaixonada, obcecada, mas ela tinha razão na sua observação durante a visita que me fez. O casal estava indo longe demais.

Eu esperei que o mundo sujo de Fernando fizesse a mimada herdeira Santini fugir como um coelhinho assustado, mas assim como o irmão dela,

Lídia tem uma mente corrompida. Era tão depravada e de alma imunda como todos eles. Se mereciam, e Fernando e ela ficariam perfeitos juntos, se eu não tivesse outros planos para eles.

Agora era a hora de trazer a garota para o meu lado. A vagabunda era esperta, e com ela sei que precisava ser bem mais cuidadoso do que com os outros. O que poderia tornar outra parte da minha vida bastante complicada.

Clara.

CAPÍTULO 9

LÍDIA

A primeira coisa que vi, ao abrir os meus olhos, foi o lindo buquê de rosas vermelhas e cartão, em cima do travesseiro ao meu lado.

*“Que seu dia seja como você, perfeito.
Com amor, Fernando.”*

Abrindo um grande sorriso, toquei uma das rosas delicadas e levei o buquê ao meu rosto, absorvendo o perfume gostoso. As flores eram lindas e não consegui deixar de ficar emotiva com o gesto de carinho de Fernando.

Como sempre, tivemos uma noite quente no quarto de jogos, mas não foi nem um pouco menos intensa quando decidimos terminar a noite em seu quarto. Era curioso que sempre dávamos espaço ao Dom e sua submissa, mas, no final, acabávamos como Fernando e Lídia.

Eu gostaria de ficar mais tempo na cama, meditando sobre isso e outras coisas, ou melhor, esperando que Fernando viesse me tirar dela, mas o telefone vibrando na mesinha ao meu lado me fazia lembrar que hoje minha agenda estava cheia de compromissos.

Além dos cuidados de beleza, que vou permitir me dar sem qualquer culpa na consciência – não que as cultive muito, devo confessar, pois não sou uma garota deslumbrada, mas sei aproveitar todas as vantagens que

minha situação financeira me dá – também tinha que ver com o vovô se cada detalhe para o jantar desta noite estava seguindo como o esperado.

— Alguém está ficando mais velha, e graças a Deus não sou eu.

— Obrigada pelos parabéns, Rafaela. Isso foi... algum tipo de felicitação, certo? Ah, e bom dia para você também.

— Dia? Oh, é verdade. Estou algumas horas na sua frente.

— E alguns meses também.

— Eu sabia que você faria questão de lembrar.

— Nós estamos ficando velhas.

— Perto dos trinta — ela emitiu um suspiro consternado que me levou a rir.

— Muito velhas mesmo.

— Eu queria estar aí. Faríamos uma festa incrível.

— E eu gostaria que estivesse aqui. Mas não, eu não desejo uma festa incrível.

Já tinha tudo que qualquer pessoa desejaria ter, mas se pudesse pedir algo ao soprar as velas de aniversário que o vovô não apenas insistiu em fazer, mas prometeu que teria, era apenas paz para o coração do Pedro e que ele não surtasse quando contássemos a ele que estou completamente apaixonada por seu melhor amigo. O homem que deveria ter apenas me visto como sua irmãzinha intocada, mas que cederia à atração e sentimentos incontrolláveis também.

— Como estão as coisas por aí? E um certo italiano?

— Você se lembra daquela cigana?

Nós encontramos com a mulher em Portugal. Rafaela ficou completamente animada com a leitura de mão que a cigana fez nela, mas a mim, a senhora apenas me encarou por um longo tempo e disse que havia coisas que era melhor nem querer saber.

— Que achei um pouco doida?

— Ela não era doida, apenas exótica e sábia. A cigana disse que meu amor viria de longe. De muito longe.

— Foi por isso que você teve uma longa fila de namorados estrangeiros?

— Talvez. Não sei. Inconscientemente, acho que sim, mas... desta vez, acho que ela pode estar certa e...

— Você e Philipo finalmente estão juntos?

— Vamos dizer que a caminho disso. A gente ficou junto ontem à noite. Você sabe que, quando digo junto...

Os dois tiveram uma tórrida noite de amor. Bem, estávamos em sintonia em relação a isso. E conhecendo um pouco do sangue quente de Philipo, pelo menos para brigar, acho que podia dizer que minha amiga teve momentos bastante agradáveis.

— Eu entendi, Rafaela. Fico feliz por vocês. Eu torço para que tudo dê certo, porque são meus amigos. O Philipo é um cara legal.

— Certo. Vamos ver o que rola. Mas sabe quando você tem a certeza?

Voltei a encarar as flores em meu colo. Desde os meus 16 anos, acho que um pouco antes disso, tive essa certeza que ela estava falando. O meu amor por Fernando e a convicção de que ele sempre será o único para mim.

— Bom, eu sei que você tem muita coisa para fazer hoje e as coisas aqui ficam bastante agitadas nessa época do ano. Feliz aniversário, querida.

— Obrigada, e me liga quando tudo ficar mais calmo. Tenho algumas coisas muito importantes para te contar, amiga.

Nos despedimos, e a ligação de Rafaela apenas abriu fila para outras. Eu levei quase uma hora para conseguir sair do quarto. Falei com Zia Nina e com meus avós paternos, que sentiam não estar aqui para comemorar o meu aniversário comigo. Respondi as mensagens dos meus dois tios, também na Itália, e prometi visitá-los em breve. E tentei ser muito breve com vovô e tio Oberto, já que vou vê-los mais tarde.

Eu tinha muitas pessoas que se importavam comigo e as quais eu amo, mas a que fez o meu dia ter um colorido diferente estava vistoriando uma linda mesa de café da manhã, e graças aos meus passos na pontinha dos pés, não me viu me aproximar e abraçar sua cintura.

— Bom dia! — Meu sorriso tinha a mesma empolgação da minha voz — Eu amei as flores. São lindas. Obrigada.

Ergui-me o máximo que fui capaz de conseguir e deposei um beijo em sua nuca.

Fernando gemeu, mas não parecia ser uma reação ao meu carinho.

— Estou suado e fedorento da corrida — queixou-se, fazendo-me circular em volta dele.

De forma alguma. Acho que homens como ele nunca ficariam fedorentos. Há aquele cheiro de homem, uma mistura da loção pós-barba e o cheiro natural de sua pele, mas fedorento, jamais.

Deliciosamente suado, ah, isso eu tinha de concordar. Eu o lamberia inteirinho como meu café da manhã.

— Para mim está perfeito.

Ele me encarou e passou sua mão da minha bochecha até a nuca.

— Você se levantou muito cedo, hoje. Iria te acordar mais tarde — ele murmurou, e seu rosto veio ao encontro do meu.

— Ainda preciso ver alguns detalhes com o vovô — expliquei e me delicieei com seu nariz esfregando no meu, em um carinhoso beijo de

esquimó.

— E por falar nisso, feliz aniversário, minha menina.

Depois Fernando me beijou; doce, delicado, cheio de sentimentos, e meu coração se abriu como uma flor.

Não preciso fazer grandes pedidos, nem hoje à noite ou em qualquer dia em minha vida. Estava vivendo os meus sonhos agora.

Com ele.



A sorte de se morar em uma casa grande, é que não precisamos chegar na pontinha dos pés, após termos passado a noite fora de casa. Eu vinha me beneficiando muito disso nos últimos tempos, mas não tive a mesma sorte essa manhã.

— Lídia? — Os pelos dos meus braços e nuca chegaram a arrepiar ao ouvir a voz do meu irmão.

Ele estava jogado no sofá, por isso não o vi quando passei, a caminho da escada. Retrocedi alguns passos e fui até ele.

Droga. Não gostei nada do que vi. Meu irmão parecia ter sido atropelado por um caminhão ou um desses moradores de rua. Em nada lembrava o superpoderoso e temido CEO do Grupo Santini.

— Passou a noite toda aqui, no sofá? — perguntei, me sentando no braço do móvel.

Ele apenas balançou a cabeça e esfregou o rosto com as duas mãos.

— Você dormiu na casa do vovô?

Desde Júlio, não apresento nenhum pretende a Pedro. E não sou uma pessoa de muitos amigos. Também não sou o tipo de garota que sai

ficando a torto e a direito com carinhas de balada. Embora cada vez mais eu descubra em mim uma Lídia que não sabia existir.

— Não.

— Hum... — Ele me encarou com curiosidade, tentando ler algum sinal — Não dormiu na casa do vovô?

Respirei fundo e pedi aos céus um pouco de paciência.

— Pedro, se você quer saber onde dormi ou com quem eu dormi, é só me perguntar.

Acho que minha colocação o chocou, e finalmente meu irmão começou a me ver como realmente sou. Uma mulher adulta e dona de si mesma.

— Bem. Você já é maior de idade — Ele se levantou e pegou seu terno caído no chão — Como sempre me diz, não posso passar a vida toda querendo controlar a sua.

Que lindo. O único momento que ele deveria agir como um irmão superprotetor e sufocante, Pedro agia exatamente ao contrário.

— Além do mais, é o seu aniversário. Não quero que se aborreça — Então ele me olhou fixamente, parecia que tinha algo que queria dizer, algo que o atormentava, mas no último segundo, mudou de ideia — Mesmo que às vezes não pareça, só quero a sua felicidade, Lídia. Se ao menos você for feliz, todo o resto não importa mais.

Importava, sim. Pedro e a felicidade dele também eram importantes.

Mas eu decidi deixar o assunto para mais tarde. Queria que ele estivesse tranquilo e em paz essa noite.

— Tudo terá valido a pena — sussurrou ele, beijando minha testa, depois seguiu em direção à escada.

A vida era complicada, ou somos nós que tendemos a complicar as coisas?

Não tinha tempo para ficar filosofando sobre isso.

Era o meu aniversário. Pretendia ter um perfeito jantar de comemoração com as pessoas que amo e que tudo ocorresse bem, e tinha que correr. Essa noite começaria um novo capítulo em minha vida, que eu mal podia esperar para começar.

FERNANDO

Enquanto a via ressonar na cama, em alguns momentos presa em um sono agitado, dava-me cada vez mais conta de que não havia mais nada que eu pudesse fazer. Nem para mudar o nosso passado, tampouco para construir um futuro diferente. O tempo dela estava acabando.

— Ainda me lembro de quando ela vinha aqui, antes de se casar com o seu pai — ao mesmo tempo que falava baixinho, Serafina passava a mão suavemente em minhas costas — Tão diferente.

O amor tem o poder de transformar as pessoas, transformava-as em um ser humano melhor. Lídia costumava me dizer isso o tempo todo, e tenho, cada vez mais, acreditado em suas palavras. Ela me mudava o tempo todo. Mas o amor, na verdade, a falta dele, como foi no caso de minha mãe, também podia transformar alguém em uma versão horrível de si mesmo.

— Acha que algum dia ela foi feliz, Fina?

— A felicidade é algo desejado por todos e alcançado apenas por quem se permite — Suas palavras me fazem refletir em quanto tempo me neguei, ao manter Lídia longe — Acho que em alguns momentos ela foi. No início, talvez.

Antes de eu nascer, quem sabe. Quando minha mãe tinha algum tipo de esperança de que pudesse conquistar o amor e o respeito do meu pai.

— Talvez se o Sr. Brandão tivesse notado a doença dela antes. Eu sempre vi que tinha algo errado — ela confessou, e ficamos alguns instantes em silêncio, quando minha mãe se agitou na cama — Se ele tivesse tido mais paciência.

Mas ele não teve e condenou a todos nós a anos de sofrimento, frieza e distanciamento. Era por isso que, diferente dela, que era apenas uma mulher doente, lutando em seu pouco tempo de vida, eu não conseguia dar o meu perdão a ele. A cada dia que via minha mãe confundir-me com o ex-marido e enxergava em uma pequena trouxa de tecidos velhos o filho amado, sabia que se o passado tivesse sido diferente, se a doença dela e o descaso de meu pai não tivessem contribuído para que ela ficasse amarga e distante, teríamos uma relação completamente diferente. Uma relação que toda mãe e filho deveriam ter e que só encontrei uma parcela disso através de Isabella Santini.

— Eu vou antecipar a consulta com o médico dela para essa semana — avisei tanto à Serafina quanto a enfermeira ao lado da cama — O helicóptero virá buscá-las no domingo. Qualquer alteração antes disso, devo ser comunicado imediatamente.

— Sim, senhor — disse a mulher, e Serafina me acompanhou até a porta.

Serafina era o mais próximo de uma avó que tive a chance de ter. Seu afeto comigo e atenção, mesmo que a distância, também contribuíram para que eu não crescesse um jovem ainda mais cheio de traumas e solitário. Eu vinha muito à fazenda buscar o calor do seu abraço.

— Você é um bom menino — Seus dedos enrugados acariciaram minha face — Um grande homem. Nunca esqueça disso, tudo bem?

Não era sobre perfeição que ela se referia, todos tínhamos defeitos e algo a melhorar. Era sobre ser alguém bem diferente do meu pai.

— Eu vou tentar, Serafina — Beijeí sua testa com carinho — Eu vou tentar.

Não apenas por mim, mas por uma garota cuja possibilidade de me ver machucando-a de novo é impossível para mim.

— Ah, antes de ir — Ela buscou algo no bolso do avental branco — Entregue isso à menina Lídia. Pedi que fizesse na vila. Sabe, com aquela índia que mora no final da estrada.

O presente estava envolto em um papel dourado, mas manusear ao pequeno pacote, percebi que se tratava de algum tipo de joia.

— É um amuleto — ela revelou, e a encarei com um olhar divertido.

Serafina era uma mulher tão religiosa quanto supersticiosa. Eu sempre a provocava, dizendo que ela tinha que decidir que lado iria debandar. Não dava para ir às missas e fazer visitinhas ao povo indígena que ela constantemente visitava em busca de reforços de proteção.

— Um amuleto?

— Vai protegê-la. Sei que não acredita nessas coisas, mas...

Sabia bem aonde iria dar o início do sermão, e como sempre, quando o assunto se desviava para esses lados, decidi sair à francesa.

— Tudo bem, Serafina, prometo entregar a ela essa noite. Agora tenho que ir.

— Você deveria começar a acreditar — insistiu ela, enquanto me acompanhava até a porta e depois até o meu carro — Acreditar em alguma coisa. A fé é boa parte do caminho, Fernando.

Eu sempre acreditei em mim. No que sou ou não capaz de fazer. Até onde conseguia ir e o que conseguia alcançar. Sem decepções ou esperanças falsas.

A fé era boa parte do caminho. Esse pensamento intrigante foi me acompanhando em boa parte do retorno até em casa. Na outra, a lembrança de um olhar carinhoso e um sorriso provocador me fez pisar mais fundo no acelerador, em direção a ela.



Eu gostava da família Lucchese, mesmo agora se resumindo ao avô de Lídia e seu tio Oberto. O velho patriarca ainda tinha pulso firme, como no dia que veio sondar minhas intenções com sua neta, mas com ela, se derretia feito manteiga. Oberto não ficava longe. Ele era uma versão um pouco mais light do pai, mas me daria umas boas coças se me visse arrancar uma lágrima da única sobrinha. Os dois, apesar de serem uma grande ameaça à minha integridade física, caso saísse da linha ao me portar como um babaca, proporcionavam a nós o calor familiar que foi se perdendo quando Isabella e Marcello se foram.

E fico feliz, e de certa forma aliviado, que pelo menos com um deles, no caso o avô, teríamos apoio essa noite, se a reação de Pedro sobre minha relação com sua irmã fosse negativa.

— Nervoso, Fernandinho?

Não precisei me virar em direção à voz para saber quem se aproximava.

— Até quando vai me chamar assim, Nick?

Apelidos. Você os ignorava e eles perdiam a importância, ou reagia a isso e eles te perseguiram para sempre. Bem, essa regra não se aplicava a Nick. Ignorei inúmeras vezes as suas provocações, mas ele sentia prazer em usá-las quando bem entendesse.

— Isso aborrece você? — ele me perguntou, sério.

Quase podia acreditar em sua expressão meditativa, se em seus olhos não houvesse aquele brilho de divertimento.

— O que você acha, Nickzinho?

— Ah, sim, aborrece — Ele suspirou e puxou a cadeira, se sentando ao meu lado — Por isso eu vou continuar.

Patife.

Se as qualidades de Nick, como ser um grande amigo, confiável e fiel, não se destacassem nele mais do que seu humor irritante, acho que teríamos saído no braço algumas vezes. O'Connor conseguia tirar qualquer santo da sua zona de conforto.

— Então, você está nervoso? Porque eu, confesso, estou manchando as fraldas.

— Está se cagando, você quer dizer.

O ruivo falava bem o português, melhor do que muitos gringos que conheço, mas às vezes lhe faltavam expressões menos formais.

— É isso aí, borrando minha cueca de merda. Acha que o Santini vai reagir como?

Conhecendo o Pedro?

— Primeiro, um soco na cara — Apontei meu rosto, depois o dele — No fim, ele vai se acalmar.

O problema para o Pedro encarar não era apenas o fato de eu estar transando com a irmã dele, bem debaixo do seu nariz, mas o tipo de sexo que gostamos e praticamos. E vou ser sincero, no lugar dele, se ela fosse a minha irmã, não sei se reagiria diferente. Sim, é bem machista e hipócrita, mas éramos assim. Provamos a grama do vizinho, mas não deixamos ninguém chegar perto da nossa.

— Nesse caso — ele passou a mão no rosto e voltou a ficar de pé — Vou encher a cara. Cu de bêbado não tem dono, não é mesmo?

— O que está dizendo? Essa frase não se aplica a isso — Se ele queria quebrar um pouco da minha tensão, tinha conseguido — Além disso, você não bebe, apenas finge.

Ele me encarou com surpresa. Uma surpresa genuína desta vez. Bom, Sr. O'Connor, você não era o único a saber observar as pessoas.

— É a festa de aniversário da Lindinha...

— Jantar — o corriji.

Apenas Nick tinha autorização de chamá-la assim sem me aborrecer.

— E vou precisar do gelo que restar no copo.

— Espero que não.

O Nick não fez nada de errado, a não ser apoiar Lúcia e eu, enquanto tentávamos descobrir a atração e sentimentos que víamos crescer entre nós. Não havia motivo para Pedro ficar irritado com ele, mas estávamos falando do Santini. De nós três, ele sempre foi o mais passional. Ele atacava antes que a presa pudesse fazer algum movimento. Eu estudava antes de dar o primeiro passo, e Nick, bom, esse era o gatinho brincando com o rato, antes de devorá-lo. Tão diferentes, mas unidos por uma amizade que nos tornava irmãos.

Por isso que era difícil pra cacete ter mentido para Pedro todo esse tempo. E não me referia apenas do momento que fodi sua irmã pela primeira vez. Isso vinha acontecendo há anos, desde que me dei conta de que não a via mais como minha irmãzinha, que a desejava como mulher.

— *Anyway* — ouvi Nick dizer e acompanhei seu olhar em direção à porta — Eles chegaram.

Primeiro vi Zia Nina sendo recebida festivamente pelo *nonno* Lucchese, seguido por Oberto. Depois Pedro recebeu os cumprimentos de

forma bem menos acalorada, fazendo todos em volta se retraírem um pouco. Em seguida, surgiu ela, que com seu sorriso e presença marcante derreteu toda a geleira que seu irmão conseguiu carregar.

Tive um passado bastante agitado, conheci mulheres interessantes e lindas, mas Lídia... Nossa! Ela sempre conseguia me fazer perder o ar.

O vestido prateado, elegante e sexy na medida certa, causava o efeito desejado em mim, mesmo estando a alguns metros consideráveis dela, mas o que praticamente me tirou o chão, fazendo o coração chegar a congelar dentro do meu peito, foi a joia que vi brilhar em seu pescoço.

— Interessante, Fernandinho — Nick murmurou ao meu lado e bateu em meu ombro — Realmente, muito interessante.

Claro que o ruivo chegou à conclusão óbvia. Meus olhos rapidamente se afastaram de Lídia e foram em busca de Pedro. Ele conversava, de certa forma, amigavelmente com o tio, e quando me olhou por alguns segundos, não vi sinal de raiva ou rancor, como previ. O que não estava fazendo o menor sentido. Esse, definitivamente, não era o Pedro.

Mas quando o sorriso estonteante e o olhar cheio de luz de Lídia caíram sobre mim, decidi continuar a tentar me manter calmo.

“Senti saudade.” Ela apenas movimentou os lábios, cobertos por um batom vermelho, mas consegui lê-los perfeitamente.

— Ela é linda, não é? — indagou Nick — Confesse, Brandão. Você nunca teve chance de escapar disso.

— Não mesmo — respondi em um sussurro.

Minha conexão com Lídia veio antes do desejo carnal. Começou quando, pela primeira vez, a mãe dela colocou o pacotinho rosa em meu colo. Quando nossos olhares se conectaram. Ela era para mim o que sou para ela. Não dava para quebrar esse laço. Nunca.

— Então, *bambina*? — A voz do nonno se sobressaiu às demais e ele levou Lúdia para a grande mesa arrumada — Está tudo como você desejava?

Ela confirmou com um sorriso radiante e começou a mostrar ao avô os detalhes que a agradaram mais. Essa era uma reunião bem íntima, familiar, e os únicos amigos presentes eram eu e Nick. Ela merecia uma festa com muitas pessoas e fogos de artifícios, como foi no seu aniversário de dezesseis anos, mas Lúdia realmente não se importava com nada disso. Estar com quem ela amava era mais importante do que qualquer comemoração cheia de ostentação. Conseguia entender, como também admirar isso. Ela já tinha perdido muitas pessoas — os pais, o Luca — para entender que o que realmente importava eram os momentos como esse.

Como que atraídos por um ímã, nossos olhares novamente se buscaram. Retribuí seu sorriso feliz, que só foi quebrado quando Pedro se colocou entre mim e Nick.

— E sua mãe?

Para que Pedro me perguntasse isso, sem que seus olhos estivessem chispando de fúria, significava que ainda estava no escuro.

— O tempo nunca esteve a favor dela. Não há nada de novo.

— Acho que nunca me vi dizendo isso, mas, pelo menos você ainda a tem.

É como tenho pensado nesses últimos anos.

— Ok, crianças, deixem os assuntos deprimentes para o dia seguinte — Nick entregou um copo de vinho a cada um de nós — Hoje a noite é daquela jovem. Fazê-la feliz é o melhor presente que podemos dar a ela, não é mesmo, Pedro?

Ele estava prestes a dizer algo a Nick, quando o avô se aproximou, pedindo para ter algumas palavras em particular com ele.

Nick se juntou a Oberto e Zia Nina, e eu aproveitei para arrastar Lúdia para dentro da cozinha.

Ao nos ver sozinhos, fiz primeiro o que tanto desejava desde que a vi chegar: busquei seus lábios com fome e um desejo furioso. Prendi-a contra a parede e meu corpo pressionou o dela. Minhas mãos foram incapazes de se manterem quietas. Elas deslizaram por sua cintura, uma correndo até um dos seios, valorizados pelo decote do vestido, e a outra correndo por suas coxas, infiltrando-se por baixo de seu vestido justo.

Quando os meus dedos tocaram a boceta nua, estremeci junto com ela.

— Porra, Lúdia! Você quer me enlouquecer?

Passar o jantar inteiro, sabendo que ela estava sem calcinha, iria me deixar fissurado.

— Estou conseguindo? — Seu olhar estava vidrado de paixão enquanto a tocava.

Sabia que podia fazê-la gozar em apenas alguns minutos, se quisesse. Mas além de arriscado, pois não sabíamos em que momento Pedro e *nonno* poderiam retornar, a pequena provocadora merecia passar a mesma tortura que me impunha. Então, após uma carícia em seu clitóris que a fez estremecer e morder os lábios, me afastei.

Se ela queria jogar, deveria saber que quem dá as cartas sou eu, principalmente quando estava usando a coleira.

— Você está com o colar — Coloquei-me ao seu lado, apoiando-me contra a parede — Não lembro de termos falado sobre isso.

— Não quero que o Pedro apenas saiba de tudo — ela me disse, ficando de lado para me encarar — Eu quero que ele veja. Que essa é uma

opção minha e me orgulho disso.

A sua confissão revirou algo dentro de mim. Saí de casa afirmando que essa noite o Dom ficaria quieto, silencioso, mas com Lúdia isso era completamente impossível. Ela me levava ao limite como nenhuma outra já conseguiu. A coleira que ela tinha sobre mim era muito mais poderosa do que a que ela exibia no pescoço delicado.

— E como ele reagiu quando a viu com ela? — Toquei o S da joia, depois deslizei o dedo por seu pescoço — O que você disse?

— Inicialmente eu iria dizer a verdade. O que ela significa, mas Zia Nina disse que foi um presente dela.

— Por que ela disse isso? Ela sabe que...

— Foi um presente seu, e não o significado. Mas como ainda não era o momento de dizer nada ao Pedro, ela achou que deveria vir ao meu socorro. O meu irmão acha que o S é de Santini.

Pedro não era capaz de ver o óbvio, mas de certa forma fazia sentido. Ele nunca conseguiria imaginar que o S é de submissa e que sua irmãzinha tem um Dominador. Que eu sou o Dom para quem ela se curva.

Mas os últimos meses, com todas as tentativas fracassadas de encontrar alguma pista que levasse aos assassinos de seus pais, têm deixado meu amigo fora de si. Às vezes sinto que o destino, ou talvez alguém, esteja brincando conosco.

Não tive oportunidade de dizer a Lúdia que ela tinha se arriscado demais essa noite. Dizer a Pedro que estamos juntos já ia ser uma grande surpresa para ele. Ouvimos as vozes de Pedro e o *nonno* Lucchese se aproximando, e nos afastamos, indo de volta ao salão.

— Deixe o passado para trás, *bambino* — Consegui ouvir *nonno* Lucchese dizer antes de fechar a porta atrás de mim — Ou poderá se ferir ainda mais no caminho.

Era por causa de conselhos assim que Pedro tentava evitar o avô. A voz da experiência e da razão. Assim como Lília, eu gostaria que ele tentasse se reaproximar do *nonno*. Havia tantas coisas que ele conseguiria aprender se conseguisse escutá-lo.

Quando Lucchese retornou, deu o sinal para que todos pudessem se acomodar. Ele galantemente puxou a cadeira para Catarina e depois se sentou ao seu lado. Pedro passou por ele, se sentando ao lado da tia. Oberto então ocupou a cadeira vazia ao lado do pai. Lília se acomodou ao meu lado e buscou minha mão por debaixo da mesa, e Nick ocupou a cadeira no meu lado direito.

— Vai dar tudo certo — Lília sussurrou para mim.

Lembrei do que Serafina disse essa tarde.

— A fé é o caminho de tudo — disse a ela, que me encarou com espanto — O quê? Acha que é a única a surpreender?

— Definitivamente, não.

Sorrimos. Senti uma espécie de paz ao olhar em seus olhos, que só encontro igual quando estou na fazenda, cavalgando nos campos.

Olhei para Pedro, buscando algum sinal de que ele tenha lido, de alguma forma, essa conectividade que trocava com a irmã dele. Sua atenção estava no copo que ele circulava a borda com os dedos.

Bem. Não seria uma noite fácil.



Apesar de cada hora que passava eu sentia a ansiedade crescendo, os momentos passados, durante o jantar, foram bastante descontraídos.

Ninguém conseguia ficar rabugento por muito tempo, tendo duas figuras divertidas como Nick e Oberto. Até mesmo Pedro, que depois da conversa com o avô ficara mais sisudo, começou a se soltar. Além disso, Zia Nina e Lúdia traziam toda suavidade em torno de cinco homens diferentes e de personalidade forte.

Na hora do bolo, o *nonno* exigiu que fosse feito de forma tradicional, ou como ela acusou, como se tivesse ainda cinco anos. Apagaram-se as luzes, as velas foram acesas e ela fez o pedido de aniversário.

— Eu daria o primeiro pedaço para cada um de vocês — disse ela, emocionada, segurando o pedaço de bolo — Porque cada um é importante para mim à sua maneira. Mas...

Aceitei seu olhar cheio de desculpa, dando-lhe um sorriso, e ela fez o mesmo com Pedro, que também parecia não levar isso para o lado pessoal. Ele sabia que Lúdia o amava, e a quem ela pretendia dedicar o gesto, merecia tanto quanto ele.

— Mas, vovô, o senhor é o meu lado quentinho do coração — Acho que o único momento que vi o velho Lucchese se emocionar tanto, foi no enterro da filha e do genro — É meu amigo. Confidente. Parceiro nas minhas traquinagens, e eu te amo muito.

Somos fodões, cada cara em volta da mesa preferia pensar assim, mas não havia um olho, diante da interação entre os dois, que não estivesse pelo menos úmido.

— O segundo vai para o Pedro, claro. Você fez o possível para me criar, me dar o carinho e a atenção que precisava, mesmo com toda responsabilidade em suas costas — ela disse, entregando o segundo pedaço de bolo a ele — Nunca duvide do quanto te amo e te respeito, meu irmão.

Os dois trocaram provocações cheias de carinho.

— Ainda continua em terceiro lugar, Fernandinho — Nick não perdeu a chance de me provocar, mas dessa vez levei no bom humor.

— Mas ainda tenho o terceiro lugar — respondi a ele o mesmo que disse da outra vez — Já você...

A comemoração e descontração durou até todos serem servidos. Havia chegado o momento de toda a verdade ser revelada, notei isso ao encarar o olhar determinado de Lúdia e ela voltar a segurar minha mão embaixo da mesa.

— Vamos nessa — afirmei, afagando os seus dedos.

Talvez estivéssemos valorizando isso mais do que o necessário, e a reação de Pedro fosse bem diferente do que imaginávamos. Afinal, ele ama a Lúdia e nós sempre tivemos uma relação afetuosa. Ele é o irmão que não pude ter, e sei que os sentimentos em relação a mim são recíprocos.

Peguei o garfo sobre a mesa, levando-o em direção à taça para fazer um tintilar para chamar a atenção de todos, mas minha mão parou no ar ao vê-lo atender a ligação. A expressão que ele fez é tensa demais para eu conseguir ignorar.

— Pedro? — chamei por sua atenção, e acho que minha voz carregou tensão suficiente para fazer todos olharem em nossa direção.

— Sim. Eu vou o mais rápido possível.

— O quê? — Lúdia saltou da cadeira, e eu fiz o mesmo, colocando a mão em suas costas nuas e alisei, pedindo que se mantivesse calma — Você não vai a lugar nenhum, Pedro. É o meu aniversário, e eu preciso...

— O Garcia está morto. Alguém atirou nele em seu escritório — ele disse em tom angustiado, ao olhar para a irmã — Não é como se eu tivesse escolha, Lúdia.

— Quem é Garcia? — Ela balbuciou com voz de choro.

Entendia sua frustração, por dentro também estou rugindo como um leão acorrentado.

Tudo estava indo bem. O jantar, o Pedro baixando a sua guarda. O momento de dizer a verdade.

— É o detetive, querida — a relembrei — O detetive contratado pelo Pedro.

O mesmo homem que eu tinha ameaçado ficar de olho.

O silêncio que tomou conta do local é cada segundo mais insuportável.

— O que você tem a ver com isso? — indagou ela — Deixe a polícia cuidar do caso.

— Só que era justamente da polícia. Querem falar comigo.

— Por quê? — desta vez é Nick a se pronunciar.

— Parece que fui a última pessoa a vê-lo com vida, ontem à noite, e...

— Isso o torna suspeito do caso — concluí por ele.

Essa merda não podia estar acontecendo agora.

Outro caso de assassinato envolvendo a família Santini.

Quanta merda eles ainda seriam capazes de suportar e ainda continuarem unidos?

CAPÍTULO 10

LÍDIA

Comecei a pensar que carregava a maldição do aniversário. Desde os meus treze anos que não consigo comemorar essa data sem que algo trágico estrague a noite.

— Não posso acreditar nisso — murmurei, com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu sei — Fernando inspirou fundo, parecendo tão frustrado quanto eu.

Enquanto todos rodeavam Pedro, em busca de mais informações, Fernando me levou em direção à cozinha.

— Estamos andando em círculos, Fernando e parando sempre no mesmo lugar — murmurei, sentindo-me derrotada.

Cruzei os braços, evitando pegar qualquer coisa que pudesse arremessar contra a parede.

Estava muito zangada. Não com Fernando ou o meu irmão, mas com a vida, que insistia em brincar de marionete com todos nós.

Às vezes, penso que deve ter alguém muito malvado, planejando todos esses tipos de absurdos que nos acontecem, mas quem poderia ter tanto ódio de minha família?

Isso não fazia sentido, e percebia que apenas tentava buscar justificativas, respostas onde não havia.

— Sei que está chateada, e eu te entendo, Lídia, mas...

— Precisamos apoiar o meu irmão — concluí o discurso antes dele.

Jogar qualquer outra merda na cabeça do Pedro, nesse momento, apenas o irá deixar ainda mais desnortado. Eu queria gritar, espernear como uma garotinha, mas não podia fazer isso, precisava manter a calma, embora agora me parecesse algo quase impossível.

— Vem cá — Fernando me puxou pelos braços cruzados e me envolveu em um abraço protetor.

— Vai ficar tudo bem — Sua voz suave tinha o intuito de tentar me acalmar, e quase conseguiu.

E se não ficar bem?

E se for apenas mais um sinal de que essa nuvem negra, se formando sobre nossas cabeças, é um prelúdio de uma densa tempestade chegando? Quando as minhas lutas iriam acabar e eu teria um pouquinho de paz?

Eu não merecia isso?

— Fernando? — Nick surgiu na porta, e eu nunca vi o ruivo tão sério, destacando ainda mais a gravidade da situação — Você vem? Para a delegacia.

— Eu também vou — respondi antes de Fernando se manifestar.

Ele me encarou firme, e já imaginei o que pretendia dizer.

— É melhor, não, Lídia. Aquele não é um ambiente para você.

Encarei-o, completamente brava e pronta para uma boa discussão. Já passei da fase que eles poderiam me tratar como uma criança indefesa.

— Não acho que...

— Sei que você é capaz de enfrentar qualquer coisa, mas Pedro não vai gostar de te ver por lá — afirmou Fernando, e pela sua expressão, percebi que não era apenas meu irmão que não ficaria feliz com isso — Além disso, não sabemos quanto tempo isso tudo pode demorar.

— Ele tem razão, lindinha — disse Nick em inglês, diante da situação tão tensa é mais fácil para ele conseguir se expressar melhor, já que o português não é sua língua nativa, apesar de ele falar muito bem — E o seu avô parece não ter reagido a tudo isso muito bem. Seria bom que você ficasse aqui com ele.

Jogo sujo do Nick. Eu não conseguiria insistir em ir com eles sabendo disso agora.

— Está bem, vou ficar aqui com o vovô, mas me mandem notícias. Não importa o que seja.

Os dois assentiram. Fernando beijou minha testa e sussurrou outra vez que vai ficar tudo bem. Precisava acreditar nele. Contudo, antes de chegar à porta para seguir Nick, pareceu se recordar de algo e retornou.

— A Serafina pediu para que desse isso a você — Ele entregou um pacotinho prateado — Ela disse que é um amuleto da sorte ou alguma coisa assim.

Desfiz o laço, puxando uma das pontas, e depois tirei do embrulho uma pulseira artesanal. Era delicada e muito bonita.

— É linda, mas acho que chegou tarde demais.

— Você sempre foi uma garota de fé, Lídia — Ele ergueu o meu queixo e colheu com o polegar uma lágrima deslizando em minha bochecha — Não perca isso agora. Acho que é a única que consegue ter fé por todos nós.

Fernando tinha razão, não podia fraquejar agora e me afogar em autopiedade, bancando a chorona e nem egoísta. O problema que Pedro estava prestes a enfrentar era bem pior do que o fim desastroso de uma noite tão esperada por mim.

— Tudo bem.

Ele me beijou. Agarrei-me a ele e não quis mais soltar.

Era preciso. Pedro precisava de seus amigos agora.

Observei-o sair e fiquei na cozinha um pouco mais, pelo menos até me sentir mais calma. O vovô estava de volta à mesa, tendo tio Oberto e Zia Nina ao seu lado.

Nick tinha razão. A notícia pegou o velho Lucchese de jeito.

Por mais que a relação entre Pedro e o vovô tenha ficado mais distante, depois da morte de nossa mãe, ele ama o Pedro, mais do que o cabeça-dura do meu irmão conseguiria imaginar.

— *Nonno*, você tem que tentar ficar calmo — Ajoelhei em frente a ele e peguei suas mãos frias e trêmulas — Vai ficar tudo bem.

— Ah, *bambina*, o menino não vai aguentar mais isso.

Olhando para cada um de nós, eu me perguntava, quem conseguiria aguentar?

Um homem que perdeu a filha, o outro a irmã, a mulher que não faz muito tempo tinha enterrado o marido, e a garota órfã. Todo mundo apreensivo por alguém que amava, cujo crime, que sabemos que ele não cometeu, estava pairando em sua cabeça.

— Vem, vamos para casa, vovô — Ajudei-o a se levantar e se amparar em mim — Vou dar os seus remédios e a gente espera notícias lá dentro.

E essa seria uma longa noite, bem diferente da que eu tinha imaginado.



As horas passaram arrastadas. Tentei me manter calma, principalmente por causa do vovô, mas era muito difícil aguardar notícias, me sentindo completamente impotente. Enviei algumas mensagens para Fernando e Nick.

Eles me disseram que Pedro estava prestando depoimento e que nossos advogados estavam com ele. O mais importante era impedir que qualquer nota vazasse no jornal.

Quando meu telefone vibrou, no meio da madrugada, meu coração pulou pela boca.

— Fernando? — sussurrei, afastando-me da cama para não acordar meu avô, que finalmente conseguiu dormir — Pedi que me mantivesse informada de cada notícia.

— Não havia muito o que dizer. Nick e eu ficamos do lado de fora, esperando.

— E qual o veredito?

— Não estamos em um julgamento ainda e nem espero chegarmos lá — Sua voz soou bastante cansada, todos nós estávamos tensos e apreensivos — O seu irmão foi o último cliente na agenda do Garcia, e a secretária informou tê-los deixado sozinhos no escritório, antes de ir embora.

— Só que isso não prova nada, certo? — indaguei, apreensiva.

— Mas a fita de segurança, sim. Encontraram uma na sala dele, e está passando pela perícia agora. Por enquanto, vamos ter de aguardar.

— E o Pedro? Como ele está lidando com tudo?

Ouvi seu suspiro e mordi meu lábio com força. Fiz o possível para segurar as lágrimas querendo saltar de meus olhos.

— Realmente não sei te dizer, Lídia. Ele parece calmo.

— E isso é bom ou ruim?

— Não sei, querida. Vamos para o apartamento dele. Você vai ficar bem?

A resposta correta é não, mas não desejava ser um motivo de preocupação para o Pedro e nem para o Fernando. Então afirmei que sim, que ia ficar bem.

Trocamos mais algumas palavras carinhosas antes de encerrarmos a ligação.

FERNANDO

Não quis deixar Lúdia ainda mais preocupada, mas ela estava completamente certa no que disse. Estávamos andando em círculos. O Pedro, nessa busca incessante de encontrar os culpados pela morte de seus pais, e nós dois tentando encontrar uma forma de dizer a ele que temos uma relação que vai além do carinho entre pessoas que cresceram juntas, de irmãos de consideração, como ele enxerga a mim e a Lúdia.

Era como se, a cada passo que dávamos, algo trágico nos fizesse precisar recuar. Era impossível jogar mais uma merda na cabeça do Pedro agora.

— Então, o que o delegado disse? — Nick, que retornava do bar, entregou um drinque a mim e a Pedro.

Ele não retornou em busca de algo para beber, em vez disso, se jogou em uma poltrona de frente a nós dois.

— O homem que invadiu o escritório do Garcia não tem as mesmas características físicas que as minhas — Pedro respondeu logo após um longo gole em sua bebida, tornando a ter minha atenção exclusiva para ele — E estive lá alguns minutos depois que saí.

Ele não quis iniciar o assunto quando o vimos sair da sala do delegado. A conversa precisava ser feita em um ambiente seguro. O lugar mais seguro para Pedro, nesse momento, era o flat, por isso o acompanhamos até aqui e também para dar todo apoio que ele pudesse precisar.

— Mas a fita precisa ser analisada, para saber se não houve qualquer tipo de alteração — ele tomou mais um gole antes de continuar: — Por enquanto, me enquadro apenas no possível papel de testemunha.

Soltei o ar e dei um demorado gole em minha bebida. Nunca tive dúvidas de que ele não tinha nada a ver com esse caso de assassinato. Como qualquer pessoa em risco, ele se defenderia se fosse o caso, mas não via Pedro planejando e colocando em prática o assassinato de alguém.

— Então tudo acabou? — indagou Nick, dividindo a atenção entre mim e Pedro — Foi só uma noite bem ruim, certo?

— Ainda precisam encontrar o culpado, Nick — Pedro depositou o copo na mesinha, causando um ruído desconfortável entre os vidros — E manter esse caso longe da imprensa. Impedir que meu nome seja ligado a isso, é o mais difícil de tudo.

E um empresário de sucesso como ele estar ligado a um crime, era um prato cheio para uma imprensa faminta por notícias polêmicas.

— A verdade sempre aparece, Pedro — Toquei firme seu ombro, deixando claro que tinha nosso apoio — Estaremos ao seu lado. Não importa o que aconteça.

Assim como eu e Nick, Pedro não era o tipo de pessoa que gostava de ver o controle de tudo sendo tirado de nossas mãos. Mas não havia o que fazer nesse caso, além de aguardar e esperar que a polícia fizesse o melhor trabalho possível.

— Eu não tenho nada a ver com a morte do Garcia... — ele começou a dizer.

— Oh, cara, nós sabemos que não — afirmou Nick — Nunca tivemos dúvida disso.

— Mas, e se eu tiver?

— O que você quer dizer? — Nick pareceu confuso, mas sabia onde Pedro estava querendo chegar.

Esse mesmo sexto sentido me fez procurar o detetive sem que ele soubesse.

— O Garcia me chamou em seu escritório, porque afirmou que tinha pistas novas — A calma do Pedro, até o momento que deixamos a delegacia, começava a fazer sentido para mim.

Ele esteve o tempo todo tentando unir as peças desse quebra-cabeça.

— Pistas realmente reais — ele dividiu a atenção entre nós dois, nos encarando seriamente — E se quem o matou quisesse me impedir de chegar até elas? E se o Garcia estivesse mesmo perto demais?

— Só quem o executou poderá dar essa resposta.

O que também quer dizer que se o assassino não fosse encontrado, voltaríamos a antes: à estaca zero.

— Ou que você deve deixar essa história para lá, Pedro — Nick apoiou os cotovelos nas pernas e descansou o queixo sobre as mãos cruzadas — Você está obcecado em saber coisas do passado, mas não se dá conta de que há assuntos no presente muito mais importantes para se preocupar.

Encarei Nick com um olhar fulminante. Que merda ele acha que está fazendo?

— Como o que, Nick? — Pedro ficou de pé.

O Santini esquentado estava apenas esperando o momento certo de se manifestar.

Nick se ergueu também e não recuou.

— Algo como a relação entre...

Ah, merda.

Saltei do sofá, me colocando entre os dois.

— Nick... — dei-lhe um olhar de advertência.

— A relação entre...? — exigiu Pedro.

— Você e seu avô. O homem ficou realmente mal.

Respirei, aliviado. Nick me encarou, dizendo com os olhos tudo o que já ouvi dele sobre jogar toda a merda no ventilador.

— O *nonno* está bem — Pedro liberou um sorriso nervoso.

— Não, está não — reafirmei o aviso de Nick — O *nonno* sente a sua falta, Pedro, mais do que possa imaginar, e hoje ele ficou realmente abalado.

— E tem a Lídia. Sabemos o quanto a ama e que fez o melhor para criá-la, mas realmente conhece a sua irmã, Pedro? Seus sonhos? O que ela quer? Quem realmente ela é?

— Acho que o que o Nick quer dizer — disse a ele —, é que está passando tempo demais olhando para o passado e perdendo coisas importantes do presente.

— Foque um pouco menos nos que já partiram e pense mais em quem ainda está aqui — continuou Nick. Detectei uma vibração bastante emotiva nas palavras dele e me perguntei se havia algo que nos mantém escondido — Talvez você não tenha tanto tempo com as pessoas que ama, como você imagina.

Pedro inspirou fundo, soltando o ar pesadamente, esfregou o rosto e se afastou de nós, indo em direção à janela. Seus olhos deviam estar passeando pela cidade iluminada pelas luzes da noite, mas sei que seus pensamentos estavam mais distantes.

— É difícil — respondeu ele, levando as mãos aos bolsos da calça.

— Nós sabemos que é — afirmei em um sussurro — Mas precisa tentar, meu amigo. Precisa deixar o passado para trás.

Eu, mais do que ninguém, sabia como era duro virar as costas a tudo o que nos marcou, em deixar exatamente ali e fechar a caixa.

Não tínhamos mais o que dizer.

O silêncio imperou.

Cada um tinha coisas bastante profundas para meditar.

Um tempo depois, Pedro decidiu se recolher e Nick o acompanhou, seguindo a um dos quartos de hóspede.

Permaneci na sala e enviei uma mensagem a Lídia. Deixei-a o mais tranquila possível em relação a tudo o que aconteceu, e prometi nos vermos pela manhã.

Estirei-me no sofá, mas sabia que não conseguiria manter os meus olhos fechados. Havia muito o que pensar.

CAPÍTULO 11

LÍDIA

Os dias seguiram tensos. Nossos advogados fizeram o impossível para que as investigações em cima do meu irmão não vazassem para a imprensa. Só que toda essa situação o deixou um pouco mais arredio e estressado do que o normal.

— Já está provado que o Pedro não teve nada a ver com a morte do Garcia — Fernando me explicava, enquanto meus dedos brigavam para tentar desfazer o nó em sua gravata — Pelo menos, não diretamente.

Estávamos em seu apartamento. Vim para cá preparar um jantar para nós dois e esperar Fernando retornar da S.A., onde estive com Pedro e Nick, recebendo as últimas atualizações vindas de nossos melhores advogados, que dessa vez, garantiram que o caso estava sendo definitivamente encerrado.

— O que quer dizer com isso? — Consegui desatar o nó na gravata, e ele levou minha mão aos seus lábios, passando a língua suavemente pelos nós dos meus dedos.

Isso me causou um frenesi que fez todo o meu corpo reagir ao seu carinho sensual. Nós tínhamos essa química bem difícil de controlar, não importava onde estávamos ou a situação. Nossas fagulhas sempre estavam acesas, esperando o momento de incendiar.

— Ele poderia ter mandado matar, por exemplo.

— Mas o Pedro não fez isso! — disse a Fernando, me desgrudando dos seus braços — Ele nunca faria isso. Certo?

Conheço o meu irmão. Eu jamais conseguiria vê-lo como um assassino cruel e frio.

Mas e se fosse levado ao limite, ou se fosse obrigado a se defender?

Ele seria mesmo capaz de matar?

Não!

O Pedro tinha sangue quente, e por mais que se achasse o homem mais poderoso do mundo, sua forma intensa de enxergar as coisas era a sua única inimiga. Ele não era cruel e muito menos covarde, de atacar seu inimigo sem dar a chance de uma luta justa.

— Eu sei disso, Lídia. Apesar de o seu irmão ter andado no limite nesses últimos meses, não acredito que ele tenha feito algo ao Garcia — Seu tom de voz era calmo, mas ainda estava muito longe de me sentir assim — O problema é que, se não tivessem encontrado aquela fita, provando não ser ele no momento do crime...

A gravação que Fernando se referia era a fita de segurança resgatada do escritório do investigador, e que mostrava Garcia sendo assassinado. Ela deixou claro que o homem que atirou nele era menor que o Pedro e mais robusto. Homem e arma foram encontrados alguns dias depois, quando o corpo do criminoso foi encontrado sem vida, após uma briga entre gangues.

A arma na mão dele batia com a do teste da balística, tirando das costas do meu irmão o peso da culpa, levando a polícia a encerrar o caso como mais um crime de assalto, seguido de morte.

Era impossível impedir que essa história trágica, de certa forma, não nos fizesse lembrar da morte dos meus pais, com a diferença que pelo

menos a família do Garcia ia conseguir dormir em paz, sabendo que o assassino dele teve um fim merecido.

— Arma com verdadeiro culpado encontrado, mas isso poderia ter se tornado uma mancha bastante difícil de conseguir limpar nos negócios.

— Danem-se os negócios — interrompi-o, tendo o meu semblante transtornado pela raiva — Só quero que o meu irmão fique bem.

Fernando me puxou de volta para ele, e quando me abraçou, beijando os meus cabelos, comecei a me acalmar.

— O Pedro vai ficar bem, querida. Ele é mais forte do que você imagina.

Assim eu esperava. Estava cansada de ver todos que amo pagarem por algo que não tinham provocado. Primeiro os meus pais, agora o meu irmão.

Ele beijou os meus lábios com um carinho e cuidado que rapidamente me fez derreter em seus braços.

— E a gente? — indaguei, enquanto seus beijos começavam a descer pelo meu pescoço, enquanto suas mãos acariciavam meus seios, cada vez mais sensíveis e desejosos por seus toques.

— O que tem nós dois?

Seus lábios estavam a poucos centímetros do mamilo enrijecido, que ele expôs ao baixar uma das alças do meu vestido.

O sopro de sua respiração, acariciando a minha pele, me levou a comprimir uma perna na outra.

— Vamos ficar bem?

— Não estamos bem? — A intensidade com que me olhou era como uma nova carícia em mim.

— Sabe do que... — arfei quando sua boca fechou em volta do meu mamilo sensível e sua língua molhada brincou com ele — ...estou falando,

Fernando.

Nossos olhos se encontraram. Os dele intensos, e os meus emitindo uma chama que irradiava de todo o meu corpo. Fogo que somente ele sabia como provocar.

— Estou pronto para enfrentar seu irmão no momento que quiser.

— Sério?

A pergunta não era justa. Eu que estive protelando, querendo encontrar o momento ideal, e ainda acho isso.

— Corrigindo — ele sussurrou, e sua mão correu suavemente por meu corpo até chegar entre as minhas pernas, tocando o ponto mais sensível em mim — Qualquer momento depois disso.

Dois de seus dedos longos e grossos entraram em mim. Eles giraram, tocaram em pontos que rapidamente me fizeram curvar o corpo para trás e afastar um pouco mais as minhas coxas para ele. Os meus gemidos pertenciam a Fernando. O prazer que me causava a cada carícia era todo dele.

Já estava em outro mundo, quando sua boca tomou o lugar dos seus dedos e ele passou a me foder com sua boca, arrancando de mim gritos incontroláveis, enquanto mantinha minhas pernas sobre os seus ombros e minhas costas apoiadas contra a parede.

Gozei em sua boca, mas ainda não foi suficiente para ele. Ambos em pé, me pressionou, desta vez de frente para a parede, mantendo uma das minhas pernas erguidas, segurando as minhas coxas, e antes que pudesse buscar uma lufada de ar, seu membro rijo e impiedoso invadiu-me com vontade.

Seu quadril bombeou em mim com força, enquanto minhas unhas arranhavam a parede, buscando algo em que pudesse buscar apoio.

— Aiii... — Cada estoca forte, dura, ritmada, causava em mim um prazer impossível de descrever.

Sou uma cadelinha implorando por ele, e sua mão em volta de meu pescoço era como a coleira com a qual ele tinha todo o controle sobre mim, e eu gostava disso. A forma como me fazia sentir dele, entregue e apaixonada.

Nossos orgasmos chegaram juntos. Forte. Intenso. Sacudindo a nós dois. Até desabarmos no chão, extasiados.

Permanecemos assim por um tempo, normalizando a respiração e recuperando as energias. Depois ele me pegou em seu colo e me levou para o segundo andar. Tomamos banho juntos. Tivemos mais uma rodada apaixonada, debaixo do chuveiro, para ser mais exata.

Vesti um dos seus pijamas e descemos juntos para que eu finalizasse o jantar que estava preparando para nós.

No final, fomos para o sofá dividir uma garrafa de vinho e conversar. Nada que viesse a estragar a noite ou nos deixar tensos. Nos damos essa trégua apenas para aproveitar a companhia um do outro.

— Às vezes, penso em assumir algum cargo na Santini — confidenciei a ele. Não era a primeira vez que confessava minha vontade de fazer algo de útil com a minha vida — Em outras, em ajudar no restaurante do vovô. Quem sabe expandir os negócios. Como já pensei fazer algo voltado a turismo e hotelaria e ajudar a Zia Nina.

— Não precisa ter pressa em tomar uma decisão, Lídia.

Esfreguei os meus pés enroscados nos dele, antes de me contorcer em seus braços para olhá-lo.

— Pressa? Fernando, já tenho vinte e quatro anos, esqueceu? Preciso fazer algo da minha vida. Ser uma dondoca com cartão de crédito

ilimitado pode ser o sonho de muitas pessoas, mas já não é o suficiente para mim.

Sentia-me cheia de energia. Assim como ele e Pedro, queria sentir que sou boa em algo.

— De qualquer forma, estamos no último mês do ano, use esse tempo para refletir melhor.

Ele tinha razão, e antes de me aventurar para uma futura e promissora vida profissional, precisava resolver questões pessoais.

— O Natal está chegando — Alisei seu peito com a ponta dos meus dedos e fiquei impressionada em como ele era bonito — Acho que esse pode ser um bom momento.

— Um bom momento?

— De falar com o Pedro. Sabe... Sobre nós.

Fernando me encarou, tenso. Sabia o que passava em sua mente conturbada.

— Escuta. Foram dias bastantes difíceis para ele, para todos nós — Virei, sentando-me em seu colo, fechando as minhas mãos em seu rosto — Vamos dar esse tempo que Pedro precisa para não surtar.

— Ele vai surtar. É inevitável isso, Lídia.

Fernando tinha razão. Só que era mais do que covardia me dominando. Sentia algo, como que um aviso que me fazia recuar um passo a cada dois que eu dava.

— Então acho que sou eu que preciso disso. Só mais alguns dias de paz, tudo bem?

Tinha de novo aquela estranha e inexplicável sensação de que havia uma nuvem negra se aproximando de nossas cabeças.

Era mais do que namorar escondido o melhor amigo do meu irmão. Envolveria quem eles eram, o estilo de vida que os tornavam únicos. E algo

mais espreitando no escuro.

— Tudo irá se ajeitar — Fernando afirmou, levando-me de volta para o seu peito — Eu prometo isso.

Agarrei-me a essa promessa tão forte como me agarrei nele.

FERNANDO

Fazia quase uma semana que estávamos na fazenda. O nosso Natal, reunindo as famílias Brandão, Santini, Lucchese e um convidado que não poderia faltar, Nick, seria comemorado aqui. A ideia partiu de Lídia, devido ao delicado estado de saúde de minha mãe, que infelizmente, a cada dia, vinha se complicando mais. E também porque esse lugar se tornou especial para nós dois.

Nossa chegada foi festiva, deixando Serafina animada e bastante contente com nossa presença. Até minha mãe, inicialmente um pouco confusa, sentiu-se contagiada com as pessoas felizes à sua volta.

Logo no segundo dia, fomos divididos em um grupo de homens e mulheres, o que inicialmente não me deixou nada feliz. As mulheres se enfiaram na cozinha, planejando e organizando a ceia. Os homens ficaram incumbidos de toda decoração ou qualquer outro assunto que fôssemos requisitados para ajudar.

O que quase não era solicitado nos últimos dias, então passei mais tempo mostrando o funcionamento da fazenda para Pedro e Nick, do que recebendo tarefas novas.

Pescamos, tiramos onda de Nick fugindo de um touro bravo — claro que gravei isso — andamos a cavalo e exploramos o máximo possível da

região. Acho que consegui fazer os meus amigos entenderem todo o meu amor que sinto por essas terras e como é uma extensão de mim.

O Fernando livre.

A parte mais complicada era manter Pedro alheio às minhas mãos, que mal conseguiam se manter longe de sua irmãzinha – Nick tinha ajudado bastante a mantê-lo distraído – e de ter que me enveredar para o quarto dela, noite após noite, depois que todos se recolham para dormir.

— Ai! Porra! — resmunguei ao bater outra vez minha canela contra o ferro da cama.

Todas as malditas noites foram assim. Chegar sorrateiramente no quarto de Lúdia e machucar a canela ao tentar encontrá-la no escuro.

O que me deixava um pouco menos irritado era que esse inferno acabava essa noite.

— Isso não tem graça, Lúdia — resmunguei como um garotinho contrariado ao ouvir o risinho dela ecoar no escuro.

Enquanto sentia que ia enlouquecer a qualquer momento, com essa situação ridícula, Lúdia era como uma menininha se divertindo com sua traquinagem preferida.

— Oh, meu Romeu. Achei que dessa vez viria pela janela — A filha da mãe provocou quando suas mãos finalmente conseguiram me encontrar no escuro, puxando-me para a cama com ela.

— Já disse que quebrar o pescoço — Seria no mínimo o que aconteceria, caso eu resolvesse bancar o Homem-Aranha, escalando paredes até sua janela — está fora de cogitação.

— Mas seria romântico, não acha?

— Desde quando morrer é romântico?

— Julieta morreu por amor.

Apesar de termos algo em comum com o casal, a história de amor proibido, tinha ideias bem diferentes de como a nossa iria terminar.

— O único jeito que nós dois vamos morrer hoje, querida — iniciei, puxando e arrancando a camisola de seu corpo sexy — é fodendo um ao outro.

— De um jeito bom — ela sussurrou em meus lábios.

— De prazer, apenas de prazer.

Após um longo e apaixonado beijo, agarrei sua cintura e a fiz virar de costas para mim, colocando-a sobre o colchão. Alisei suas coxas e dei um tapa em sua bunda, fazendo-a saltar para frente.

— Oh... — seu gemido de tesão foi como uma carícia em mim.

Devorei-a com os meus olhos famintos. Da janela aberta, vinha a luz da lua brilhando em nossos corpos, como prata. Via perfeitamente cada um de seus contornos, as curvas generosas e sensuais, enquanto o rosto encoberto pela penumbra do quarto tornava tudo ainda mais misterioso e exótico.

— O travesseiro — ordenei, e Lídia rapidamente o procurou, fincando os dentes sobre ele.

Deslizei meus dedos em sua boceta molhadinha, fazendo-a estremecer, e provei um pouco do seu mel, antes de cair de boca e com vontade.

Seus gemidos ecoavam abafados. Levei-a ao limite, me levei ao limite, antes de me afundar em sua cavidade, quente e macia. Era mais do que sexo, ambos sabíamos disso. Com Lídia tenho essa conexão mais do que carnal, que nunca tive com outra mulher. Era como se completássemos um ao outro e nos tornássemos uma coisa só.

Era único, e cada vez mais me vejo viciado nela.

Lídia era minha cura, mas também podia se tornar minha ruína sem que ao menos ela se desse conta disso.

CAPÍTULO 12

LÍDIA

Quando despertei, Fernando já não estava mais no meu quarto. Foi assim em todas as manhãs desde que chegamos aqui. Tenho levado tudo com bom humor, mas essa brincadeira de nos esconder, manter em segredo o que sentíamos, já estava começando a deixá-lo arredio.

Eu entendia. Também queria contar de uma vez por todas ao meu irmão o que rolava entre a gente. Em momentos quando estamos juntos, rindo ou conversando, minha parte racional dizia que estávamos fazendo uma tempestade em copo d'água e que talvez Pedro reagiria bem diferente do que imaginávamos ou temíamos. Que ele me amava, e que passada a mágoa inicial, conseguiria entender e nos perdoar.

Mas o meu coração, o grande medo que o rondava, em todos os momentos que surgia alguma iniciativa para falar a verdade, me fazia recuar.

Por isso escolhi a fazenda para termos esse momento em família, principalmente porque Pedro aceitou o convite de Nick de fazerem uma merecida e longa viagem de férias juntos. Eu esperava que esses dias aqui, vendo tanta beleza e tendo contato constante com a natureza, fizessem o meu irmão relaxar, assim quando a verdade fosse revelada, não causaria nele nenhum sentimento de revolta ou traição.

E para mim, desta vez o plano estava dando certo. Diferente dos dias antes da nossa chegada aqui, Pedro tem estado bem mais relaxado e

feliz. No fim, acho conseguiria refletir e aceitar melhor que nos apaixonarmos foi algo que não conseguimos evitar.

Por isso me mantive todos os dias bastante animada, e hoje não seria diferente. Era véspera de Natal. Tudo estava organizado para que tivéssemos uma noite mágica.

Assim, após me espreguiçar por longos e necessários segundos – ainda tenho em meu corpo sinais do homem apaixonado e intenso que Fernando é – e com um sorriso bobo aberto de orelha a orelha, levantei-me da cama, seguindo dançando e cantarolando até o banheiro.

O cheiro na cozinha era maravilhoso: café, canela e outros aromas que fui tentando identificar enquanto entrava e observava Serafina fazer várias viagens do balcão até a mesa. Zia Nina mexia algo em uma panela no fogão.

— Bom dia, Zia Nina — abracei-a por trás e dei a Serafina o meu melhor sorriso — Bom dia, Fina.

Ambas me responderam alegremente, retribuíram o meu sorriso carinhoso e voltaram a prestar atenção em seus afazeres.

— Sente-se para tomar o seu café, menina — convidou Serafina, separando uma cadeira para que eu me acomodasse diante da mesa cheia de coisas — Tudo já está adiantado, mas organizar os detalhes finais também dá trabalho, se apresse, que ainda temos muito o que fazer.

Além da nossa família, o convite para comemorar o Natal foi estendido a ela e a alguns dos funcionários que cuidavam da fazenda. Ou seja, seria uma grande e empolgante festa.

— Onde está o vovô? E todo resto da casa?

O *nonno* foi o único homem que teve permissão de ficar na cozinha com a gente. Tanto para que eu pudesse ficar de olho nele e atenta aos seus horários de medicação, mas também por sua boa mão para fazer

comidas gostosas. Inicialmente, até achei que Serafina e meu avô pudessem se estranhar, mas o *nonno* é um velho conquistador de marca maior. Ele não competia com ela, ao contrário disso, sempre tinha elogios e galanteios sinceros dos dotes culinários dela, que deixavam Serafina frequentemente ruborizada.

— Foi com Fernando ver o corte das carnes para o churrasco — avisou Serafina, colocando um enorme copo de leite fresco em minha frente.

Leite de vaca tirado na hora. Eu amo.

— Seu irmão e o diabinho ruivo foram pegar alguma coisa na cidade.

— Você o adora, não é mesmo? — Pelo meu sorriso brincalhão, ela sabe que estou me referindo a Nick.

Quem conseguia ficar imune ao charme de O'Connor?

— Cada um dos três, para falar a verdade — ela deu de ombros e começou a mexer em algo em uma grande panela preta — Mas aquele ruivo... Ele é danado.

— Nick é terrivelmente encantador — acrescentou Zia Nina, em seu tom sempre suavemente calmo.

Gostava de vê-la sorrir, mesmo que seja das provocações e palhaçadas que Nick faz. Sei que Zia Nina ainda sentia muita falta de seu marido Luca, mas a cada dia ela se recuperava um pouco mais de sua perda.

— Eu o amo demais também — disse às duas — Nick tem sido mais do que um amigo pra gente.

Ele é como um irmão e sou grata por tê-lo em nossa vida.

Depois da confissão, que não repetirei diante dele para não elevar ainda mais seu ego gigante, foquei a minha atenção na travessa de bolo de

cenoura com cobertura de chocolate, que Serafina colocou na mesa.

Tudo seguia tranquilamente para um merecido e esperado dia feliz.



Estava caçando em minha maleta de maquiagem um gloss que gostaria de usar essa noite, quando senti duas mãos puxarem minha cintura e um par de braços fortes envolver o meu corpo.

— Fernando — sussurrei seu nome e perdi completamente a voz e o sentido quando ele me virou para ele.

Ele era lindo de qualquer jeito, mas com a camisa azul, combinando perfeitamente com o tom perfeito dos seus olhos, e o jeans ajustado em seu corpo sexy, o homem estava de tirar o fôlego.

— O que faz aqui, seu maluco?

Por ser uma das pessoas incumbidas na organização e preparação da ceia para essa noite, fui uma das últimas a subir para começar a me arrumar. Mas os convidados já começavam a chegar há algum tempo, e provavelmente quase todo mundo já devia estar aproveitando o início da festa.

— Quero tê-la alguns minutos só para mim, antes de precisar dividi-la com todo mundo.

Sua declaração só não me fez derreter completamente porque os beijos que ele espalhou em meu pescoço conseguiram ter uma reação mais calorosa.

— E também... — O surto de beijos finalizou no decote do vestido em meus seios, fazendo cada pedacinho de minha pele arrepiar — Para falar do colar. Você o trouxe?

— Você fala daquele colar?

Antes de irmos para a fazenda, Fernando pediu que eu o colocasse na minha mala. Naquele momento, acreditei que ele tivesse planejado alguma cena que pudéssemos nos colocar no papel de Dom e submissa, mas os dias foram tão corridos e ocupados que, todas as noites, a única coisa que pensávamos era aplacar a atração que sufocávamos durante o dia e passarmos o maior tempo possível nos braços um do outro.

— Sim, aquele colar.

Virei-me em seus braços, abri a primeira gaveta na penteadeira e peguei a caixa quadrada onde estava a joia.

— Você não acha que pode ser um risco? — indaguei e, incerta, entreguei a caixa a ele.

Fernando abriu e olhou a joia por um instante, antes de me responder.

— As mentiras acabam essa noite, certo? — ele me encarou com firmeza. Diferente de mim, que ainda tinha uma parcela pequena de pavor, Fernando estava decidido sobre o que queria — É a forma mais clara de dizer ao Pedro que o que temos vai muito além do que ele imagina.

Uma coisa que aprendi, e que venho aprendendo mais sobre eles, era que isso, tudo relacionado a esse estilo de vida em relação ao sexo, era algo intrínseco neles. Uma parte forte de quem eles eram. Fernando me declarar como sua submissa ao meu irmão era mais do que um pedido de casamento, por exemplo. Aliás, acreditava que um pedido de casamento o deixaria menos chocado.

Era um mundo cheio de sensualidade e segredos, com tons misteriosos e escuros, onde estavam completamente imergidos, e se viam livres e completos, mas que o meu irmão desejava me deixar de fora, considerando-me inocente e frágil demais para viver.

— Tudo bem para você?

Encontrei os seus olhos através do espelho. Ele aguardava pacientemente pela minha resposta. Fernando era o Dom, o mestre que me guiava para conhecer e entender melhor as minhas emoções e desejos, mas a decisão de seguir em frente, não importando quais sejam as opções, sempre iam estar em minhas mãos, e o que sempre me deixava segura com ele, em respeito a isso, era saber que ele nunca quebraria essa regra.

— Pronta — respondi com um sussurro, mas firme.

Ele afastou os cabelos de minha nuca, jogando-os para a frente do meu ombro. Seus dedos passaram delicadamente pela pele do meu pescoço. Me tocou com seus lábios, em uma carícia suave e sensual. Fechei os olhos para absorver melhor cada sensação que ele me provocava. Em seguida, senti a joia fria envolver o meu pescoço. Um novo beijo, e fui novamente colocada em frente a ele.

— Menina — O dorso de sua mão tocou a minha face, e vi, derretida, todo carinho por mim transmitido através de seus olhos — Não importa o que aconteça, Lídia. Você sempre será a minha menina.

Era tudo que precisava ouvir para que qualquer temor em meu peito esmorecesse. O amor nos dava coragem. Fernando me deixava mais forte.

— Eu te amo — balbuciei, alguns segundos antes de sua boca tocar a minha.

Tinha paixão nesse beijo, mas também uma grande quantidade de delicadeza e carinho.

Nossos corpos reagiram, mas eram nossos corações e almas que se nutriam do que sentíamos.

Ficamos assim o máximo de tempo que nos permitimos ter. Uma outra parte do nosso mundo nos aguardava através da porta.

— Está tudo lindo, você não acha? — Paramos no meio do caminho para olharmos melhor a decoração dentro da casa.

Havia uma grande árvore de Natal, que nós decoramos juntos na segunda noite que passamos aqui. E foi uma noite bem descontraída e divertida, por sinal. Havia muitos presentes embaixo dela. Ao redor, algumas guirlandas e luzes coloridas piscando por todos os lugares.

O lado de fora não ficou nada a desejar. Fernando, Pedro, Nick, tio Oberto e alguns peões da fazenda fizeram um bom trabalho para deixar tudo bem decorado e acolhedor.

Por falar em Pedro, ele foi o primeiro a nos avistar saindo da casa. Ainda tinha o braço grudado no de Fernando, mas ele não expressou nenhum sinal de incômodo. A reação seria igual se me visse assim com o Nick.

Em relação ao colar em meu pescoço, se percebeu, possivelmente ainda considerava a explicação de tia Catarina, que foi um presente dela dado a mim. O S, que poderia ser de Santini, tem um significado bem diferente.

— Já houve outros natais aqui — confidenciou Fernando ao começarmos a circular pelo gramado.

Avistamos um grupo de mulheres rodeando o *nonno*: Serafina, minha tia, a mãe de Fernando e a enfermeira. Marta, apesar de fisicamente debilitada, parecia tranquila. Não sei se estava em seu mundo de fantasia ou absorvendo um pouco da festiva realidade.

— Mas essa noite é diferente, sabe — ele me disse e paramos para sorrirmos e cumprimentarmos uma ou outra pessoa que passava por nós.

— Acho que faltava vida. Calor. Pessoas realmente felizes.

Entendia o que ele queria dizer. Em todos os anos que meus pais estiveram conosco, e após nossa perda também, Fernando buscou em

nossa casa o que sempre faltou em seu próprio lar. O amor de uma família. Porque não tinha a ver com quanto dinheiro se tem ou uma mesa bonita e farta, mas de compartilharmos com quem amamos momentos especiais.

— Então obrigado, Lídia.

— É por nós — falei, emocionada, procurando entre os rostos conhecidos os que tinham uma grande parte do meu coração — Tudo isso é por todos.

Não apenas por mim e por ele, mas por cada pessoa presente essa noite, agradecendo quanto nossas vidas são preciosas.

— Agora, por essa noite, chega de pensamentos melancólicos — arrastei-o até uma mesa próxima e retirei do *cooler* duas garrafas geladas de cerveja — Vamos beber, comer, dançar e nos divertir. Amanhã será um novo dia.

— O dia, você quer dizer.

— Exatamente — Olhamos para a mesa onde Pedro estava com tio Oberto e Nick. Os três pareciam focados em algo engraçado que o ruivo estava contando — Você sempre diz que tudo vai ficar bem. Acredite nisso.

O meu irmão estava sorrindo e parecia feliz.

Tudo iria se ajeitar. No que mais poderia acreditar, se não nisso?

FERNANDO

Amor e lealdade.

São dois sentimentos fortes. Em minha vida, o segundo sempre teve mais relevância do que o primeiro. Claro que amava coisas como o

trabalho, os prazeres do sexo, a fazenda.

Só que a lealdade, isso era algo que me unia a Pedro e a Nick. Os caras que se tornaram mais que amigos. Porra, eles eram meus irmãos. A minha família. Enganar qualquer um deles não era algo que me deixava confortável comigo mesmo.

Sensação que me incomodava hoje mais do que o normal. Talvez porque a conversa que precisávamos ter finalmente seria colocada à prova.

— Bom dia, Fina.

— Caiu da cama, menino?

Olhei rapidamente em volta da cozinha, antes de respondê-la. Excluindo ainda muitas travessas de comida espalhadas pelo longo balcão de madeira, o restante estava o mais limpo e organizado possível.

— Não sou eu que deveria fazer essa pergunta? O que faz aqui, em sua semana de folga?

Ela me encarou de um jeito bronco e colocou a jarra de ferro para café em cima da mesa.

— E vou querer folga para fazer o quê? — resmungou ela e continuou montando a mesa do café da manhã — Já estou em uma idade que se a gente para, depois os ossos não se mexem mais.

— Há outras formas de mexer os ossos, Serafina — disse com um olhar provocador, antes de surgir com a tacada final — Mas eu acho que tem um certo italiano bem disposto a ajudar sobre a questão dos ossos.

Desde a primeira visita do *nonno* à fazenda, percebi seus galanteios e nítido interesse em Serafina. Inicialmente, deduzi que o velho Lucchese, como qualquer homem, estava apenas querendo exibir suas asas de pavão, mas essa nova semana juntos, principalmente ontem à noite, durante a festa de Natal, concluí que talvez algo mais profundo pudesse surgir entre eles.

E isso me levou a um segundo e incômodo pensamento: Lídia estava me transformando em um bobo e ridiculamente tolo, vendo romance em tudo.

— Querido, não são só os ossos que ele poderia mexer, fique sabendo — recebi de volta a provocação que me deixou chocado.

— Serafina — assoviei, espantado.

— O quê? — Ela colocou a mão na cintura e me encarou firmemente — Acha que por que somos velhos estamos mortos?

Ela sempre foi para mim como uma vizinha querida, mas devo concordar com ela. Havia alguns homens e mulheres, próximos a idade deles, que já vi se aventurarem na Paradise. Eu não me via perdendo o desejo que sentia por Lídia, por pelo menos algumas décadas de anos.

— Você pode mexer os ossos e, hum... — pigarreei, desconfortável, um merecido castigo por ter gracejado com o assunto — Qualquer outra parte que quiser, com quem quiser, mas essa ainda é sua semana de folga.

— Mas eu ainda mando na minha cozinha.

Eu nunca pensei diferente, e por experiência própria, sei que é melhor não contrariar isso. Era a vida que ela gostava de ter no campo, deixava-a feliz e se sentindo útil, então não ia levantar discussão sem sentido.

— Ok. Pode, pelo menos, se sentar e tomar café comigo, Serafina?

Ela aceitou o meu pedido, feliz, e iniciamos uma conversa sobre o sucesso da festa. Era interessante constatar que as pessoas por quem mais sentia carinho no mundo não tinham qualquer laço sanguíneo comigo. Lídia, Pedro, Nick, a própria Serafina. Pessoas que me ajudaram a não enlouquecer e nem ser contaminado pela criação fria que tive.

Ainda estávamos compartilhando nossas impressões, quando Lídia se juntou a nós. Estava tão ansiosa para conversar com o irmão quanto eu.

— Acho que seu irmão não deve se levantar tão cedo — avisei a ela — Quer dar uma volta pela fazenda comigo?

Ela concordou, animada. O dia estava bonito. Decidimos caminharmos até a gruta e passamos um tempo nos divertindo dentro da água.

Quando retornamos, enviei uma mensagem a Pedro e a Nick, pedindo que nos encontrassem no escritório.

O ruído foi o primeiro a surgir. Fiquei aliviado. Dependendo da reação de Pedro, a presença de Nick era fundamental para acalmar os ânimos.

— Escuta, vocês sabem bem como dar uma festa — disse Nick ao observar Lúdia caminhar de um lado a outro da sala, demonstrando o quanto se sentia nervosa — Mas como acabar com ela está no mesmo nível. Galera, a gente nem abriu os presentes.

Sabia quais eram suas intenções, mas suas piadas, a cada cinco minutos, não estavam ajudando. De qualquer forma, não tive oportunidade de dizer isso a ele, no instante seguinte à sua observação irônica, a porta foi aberta e Pedro surgiu em frente a ela.

Chegou o momento.

— Fernando... — Ele me encarou sério, mas com cautela também.

Cheguei rapidamente a cogitar se em algum momento da noite Lúdia e eu baixamos a guarda demais e ele finalmente sacou o que estava rolando entre a gente.

— Não entra em parafuso, ok? — A pergunta dele foi suficiente para ter a certeza de que o motivo de sua apreensão não tinha nada a ver comigo e sua irmã — A sua mãe....

Enquanto ele falava, notei atrás dele a enfermeira começar a surgir.

Lúdia veio para o meu lado. Ela segurou a minha mão.

Escutei Pedro, a enfermeira aflita, sem na verdade realmente ouvir o que diziam.

O círculo girou.

Paramos no mesmo lugar.

Mais uma vez.

CAPÍTULO 13

LÍDIA

O que era pior, perder alguém importante em nossas vidas abruptamente, ou vê-la definhar diante dos nossos olhos a cada dia?

Sabia que Fernando nunca teve uma relação boa com Marta, mas ela era a mãe dele. Não era fácil para ninguém ver sua mãe morrendo e não poder fazer muita coisa. Ela estava em um excelente hospital, sendo cuidada pelos melhores médicos e enfermeiras, mas o resultado seria o mesmo, em algum momento seu corpo, cada vez mais frágil, iria parar de lutar.

Era triste ver que ele sentia mais falta do que não teve, do que nunca viveria com ela, e que infelizmente não havia muitas lembranças felizes para o acalantar quando Marta partisse. As melhores, ou mais calmas que ele tinha, estavam ligadas à sua doença, quando ela nem conseguia se lembrar de quem ele era.

— Fernando? — Toquei seu ombro, e ele teve um pequeno sobressalto antes de olhar para mim.

Estávamos no hospital, esperando a chegada do médico. Desde que entramos no quarto de Marta, ele fez como em todos os dias que viemos visitá-la e passar um tempo com ela: manteve-se firme ao lado da cama da mãe.

— Vou buscar um café — avisei a ele em um sussurro, não querendo atrapalhar a mãe dele que estava em seu sono tranquilo — Quer algo para

comer? Eu não acredito que tenha comido alguma coisa no trabalho.

— Apenas café. Não tenho fome agora.

Tinha um sermão preparado na ponta da língua, para alertá-lo que descuidar da sua saúde não ajudaria em nada, mas como sei que não seria absorvido, pelo menos nesse momento, fiz o de sempre. Em casa, faria com que se alimentasse melhor.

— Eu já volto.

Às vezes, sentia que ele precisava ter esses momentos sozinhos com ela, e o deixei no quarto. Achava que tinha coisas a dizer a ela. Fernando era um bom filho, embora Marta não tenha sido, a sua vida toda, uma boa mãe. Ele era um bom homem também, com defeitos, mas uma pessoa incrível.

Antes de ir para a cafeteria, aproveitei para ligar para o Pedro. Ele estava fazendo um tour pela Europa com Nick. No começo, eles quiseram adiar a viagem por causa da mãe de Fernando, mas ele insistiu para que seguissem com seus planos, com meu total apoio, claro. Nenhum de nós tinha cabeça para lidar com mais um problema e também não queríamos ter de ficar calculando cada passo que dávamos, temendo uma nova catástrofe em nossas cabeças.

Tomei meu café em uma tranquila e bonita área com jardim, refletindo sobre o meu passado, presente e o que aguardava para o futuro.

Na verdade, não sei. Às vezes, me sentia como um náufrago sendo conduzido pelas ondas, alheia de qual seria o seu destino.

Mas era inútil pensar no que já passou e se martirizar com o que ainda estava para acontecer. O presente que importava, afirmei a mim mesma.

Voltei à cafeteria, pedi um expresso para Fernando e comprei também uma barra de cereal.

Tinha a mente um pouco mais tranquila quando saí do elevador, que me deixou no andar do quarto de Marta. Ela estava no penúltimo, à esquerda do longo corredor. Mas não foi isso que, no momento, me fez localizá-lo com certa facilidade.

Fernando estava do lado de fora e notei que conversava com alguém. Não era o médico ou qualquer uma das enfermeiras. Parei no lugar, observando a cena.

Reconheci a garota, era a mesma que teve uma conversa estranha comigo no restaurante um outro dia, e a menos que estivesse muito doida, também acho que a vi na Paradise.

Quem é essa garota e o que ela faz aqui?

Que eles se conheciam bem, não havia mais nenhuma dúvida para mim. A forma que ela o olhava, que tocava seu braço ou tentava segurar sua mão enquanto ele a encarava duramente, confirmavam isso.

O ciúme rapidamente começou se manifestar em mim. Não sou tola, a vida toda vi Fernando se envolvendo e circulando com várias mulheres, o que sempre me fez sofrer muito. Sei que ele tem um passado, mas as coisas eram diferentes agora. Todas elas tiveram suas chances de tê-lo.

Estou aqui agora e não vou a lugar algum.

Respirei fundo e decidi calmamente ir até eles. Essa garota só precisava entender que nós estávamos juntos e nos deixar em paz. Deixá-lo em paz. Já tínhamos problemas demais até aqui.

— Lídia?

Meus passos foram paralisados quando uma mão tocou o meu ombro.

Deparei-me com um rosto conhecido. Um que fazia muito tempo que não via.

— Júlio?

Era inesperado revê-lo, porque depois do nosso término, qualquer relação entre nós foi rompida a pedido dele.

— Oi... hum... que surpresa vê-lo aqui. Alguém está...

Sei que magoei muito o Júlio ao não ter conseguido resistir a Fernando, quando ainda estávamos juntos. Mas mesmo que ele não tenha acreditado na época, e possivelmente ainda não acredite hoje, ele era uma pessoa pela qual tinha muito carinho. Por toda sua família, para falar a verdade. Meu interesse em saber se tudo estava bem era o mais sincero possível.

— É um dos hospitais que faço residência — ele explicou, e somente após a declaração prestei devida atenção na roupa dele e no crachá em seu peito.

Esse era um dos melhores hospitais em São Paulo, e Júlio sempre foi um aluno aplicado e estudioso.

— Claro. Em breve, o Dr. Júlio.

— Esse é o plano, embora, você sabe, nem sempre é possível seguir os planos.

A culpa me bateu outra vez. Acho que nunca vou me perdoar por esse erro. Não apenas por ter traído Júlio, mas por nunca ter dado a ele o que esperava de mim.

— Júlio, eu...

— Não importa mais, Lúcia — suas palavras chegaram antes que eu pudesse concluir as minhas, acho que estava bem nítido em meus olhos o quanto ainda me sentia envergonhada.

Ele tocou meu ombro com carinho, e conseguiu um sorriso de mim.

— Aquilo já ficou no passado.

Estudei-o por um segundo, tentando ver se era uma forma de encarar o que aconteceu ou se realmente ele estava bem. Júlio parecia sincero. A

vida seguia em frente, e estava feliz por ele.

Não tinha muito com o que reclamar. Sempre fui e sou cercada por grandes homens, Júlio não era diferente.

— Está visitando alguém?

Cheguei a mover os meus lábios para responder à pergunta, quando vi a garota que estava com Fernando passar como um furacão, ao meu lado. Foi muito difícil não notar o olhar rancoroso que me deu antes de entrar no elevador.

— Querida — Fernando sussurrou em meu ouvido e seu braço envolveu minha cintura, puxando-me para ele — Você demorou.

Apesar do gesto e palavras carinhosas, sua expressão não era nada feliz, principalmente ao encarar Júlio.

— Fernando, se lembra do Júlio? — indaguei, esperando aliviar o clima.

Ele movimentou a cabeça, mas a carranca se manteve. Júlio ficou desconfortável, e eu também.

— Bom — Júlio pigarreou, depois me encarou — A gente se vê, Lídia.

O braço de Fernando me envolveu mais, claramente possessivo, e não fui a única a notar isso.

— Até logo, Júlio.

Observei-o seguir pelo corredor e depois abrir uma porta, entrando em um dos quartos.

Virei-me para Fernando, disposta a confrontá-lo sobre seu comportamento rude, mas ele nos conduziu em direção ao elevador, com cara de poucos amigos.

— Vamos embora.

— Fernando...

— Aqui não, Lídia.

Eu sou a única pessoa que deveria estar furiosa aqui, mas concordei que esse não era o melhor lugar para levantar questões que precisavam ser esclarecidas.

A cobertura não ficava longe do hospital, eram apenas quase quinze minutos dentro do carro, tempo que tentamos não nos deixar consumir pela tensão.

— Ok — falei assim que passamos pela porta — Qual o problema com você?

— O problema comigo?

Ele seguiu em direção ao bar.

— Está carrancudo desde que saímos do hospital. É por causa do Júlio ou da garota com quem estava discutindo?

— Por que aquele rapaz iria me incomodar? — a pergunta veio acompanhada de um sorriso sarcástico — Sobre Suellen, já disse que não tem por que se preocupar com isso.

Bom, pelo menos agora ela tem um nome.

— Não venha me dizer que essa garota não é ninguém, como naquele dia no restaurante. Eu os vi juntos hoje. Quem ela é ou foi para você?

Estávamos irritados, cheios de ciúmes e desconfianças.

Não tinha sido dias fáceis para nenhum de nós dois, principalmente para Fernando, mas essa questão precisava ser esclarecida antes de ser encerrada.

Ele me encarou firmemente, mas deixei claro, em minha expressão, que não iria recuar.

Vi-o tomar o drinque em apenas um gole, depois dar as costas a mim, apoiando as mãos sobre o balcão.

— Você quer saber quem foi a Suellen...

Eu precisava, essa era a forma mais correta de explicar como me sentia.

— Suellen foi minha submissa antes de você.

A revelação me pegou de surpresa. Eu esperava algo como alguém que ele tinha apenas levado para cama algumas vezes, ou no máximo uma amante por um tempo maior.

— Sua submissa?

Isso colocava a garota em uma posição acima de todas as outras que passaram pela vida dele.

— Foi quando estive nos Estados Unidos.

E eu morando na Itália com Zia Nina.

— Quanto tempo? — balbuciei, sem saber se queria a resposta.

— Lídia — Meu nome foi pronunciado com tom de alerta.

— Por quanto tempo, Fernando? — voltei a insistir com a voz fraca.

— Quase dois anos.

Durante boa parte do período que estivemos longe. Aquela mulher estivera na vida dele, exercendo um papel importante demais e por um tempo bastante significativo.

— Você disse que não tinha importância. E nós dois sabemos como isso... — Meu coração apertou dentro do peito ao lembrar uma de nossas conversas, quando me explicou o que significava sermos Dom e submissa — Que ser um Dom é importante para você.

Um compromisso profundo.

— Não foi exatamente como está pensando. Tecnicamente, seguimos todos os passos. Mas só o meu corpo estava lá. Foram dias sombrios para mim, Lídia. Sabia o que sentia por você, mas me negava a aceitar. Não ter você estava me consumindo. Deixando louco.

Ele se aproximou e segurou minha cintura. Quis me afastar, mas não consegui. Tudo ainda era um grande choque para mim.

— Quis acreditar, tentei me empenhar para que Suellen preenchesse o imenso vazio que você deixou no meu peito — Ele segurou o meu rosto e afagou o meu lábio com delicadeza — E quando entendi que ninguém conseguiria isso, voltei para casa decidido a enfrentar tudo. A ter você.

Entendo que às vezes buscamos refúgios para tentar fugir do que nos machuca a alma. O tempo que passei na Itália busquei isso, mas mesmo ouvindo Fernando afirmar que sua relação Dom e submissa com Suellen não teve a mesma intensidade que a nossa, só conseguia pensar que durante aquele momento que ele estivera mergulhado nas sombras, foi ela a estar ao seu lado.

— Ela o quer de volta? — balbuciei.

— Mas eu quero você — Seus olhos intensos, cravados nos meus, me encararam com uma intensidade forte demais para que pudesse duvidar — Apenas você.

Sua boca buscou a minha, sofregamente.

— Preciso de você — ele murmurou em meus lábios. Entreguei-me ao beijo apaixonado, aos toques de suas mãos ansiosas, arrancando minha roupa e fazendo minha pele arder — Você e ninguém mais.

Não gostava da ideia dessa garota surgir do nada e ficar rodeando Fernando o tempo inteiro. Mas se ele ofereceu a ela um terço do que dedicava a mim, e não falo apenas na parte sexual, era compreensivo o fato de Suellen ainda ser tão apaixonada por ele.

Mas nós estávamos juntos agora. O sentimento que nos unia e toda a nossa história eram fortes demais. E quando se tratava de quem amo, lutava com todas as minhas forças.

CAPÍTULO 14

FERNANDO

Já fazia quase um mês que minha mãe estava hospitalizada. Venho quase que todos os dias aqui. Sentava-me ao lado de sua cama, como agora, segurava sua mão, falava do meu dia com ela ou sobre as reformas na fazenda. Criava um elo que deveria ter surgido entre nós com o meu nascimento.

Havia uma pequena melhora em seu quadro de saúde, mas os médicos sempre diziam que em casos como o dela, devemos desejar o melhor e estar pronto para o pior. Eu não sei qual das duas opções estavam pesando mais em minha balança. Só que havia duas coisas me ajudando a suportar esses dias e semanas incertas: o meu trabalho e Lúcia. A primeira mantinha a minha mente em turbilhão, ocupada, e a segunda me trazia paz.

Eu nunca tive um relacionamento muito bom com minha mãe, na verdade, não tivemos qualquer relacionamento enquanto eu crescia, sua obsessão por meu pai me mantinha sempre de fora, mas ela ainda era a minha mãe.

Foi sua doença que, infelizmente, nos aproximou de forma errada. Me fazia sentir empatia por ela, acho que até mesmo carinho. Hoje conseguia ver e aceitar que grande parte de sua indiferença foi causada por sua instabilidade mental. Era por isso que dava o meu perdão a ela, e

o mesmo já não acontecia com o meu pai. Minha mãe era vítima de uma doença, e ele era apenas puro egoísmo e crueldade.

Mas se havia algo que aprendi em todos esses anos, e com algumas boas sessões de terapia, é que não podemos nos culpar por sentimentos que as pessoas não podem nos dar. Não havia nada de errado naquele garotinho, para que seus pais não o amassem como deveriam. Sou culpado apenas por meus atos e escolhas.

Livrar-me dessa corrente de culpa foi o primeiro passo para parar de lutar contra os meus sentimentos por Lídia e enxergar que, com ela, poderia construir um futuro diferente.

— Fernando? — O sussurro baixo me tirou da profunda meditação na qual estive mergulhado, e encarei a mulher abatida em frente a mim.

Na maior parte das vezes, encontrava minha mãe dormindo ou presa demais em seus retornos ao passado para se dar conta de minha presença. Não havia razão alguma para imaginar que este momento fosse diferente.

— Aqui está ele — Mostrei o boneco ao lado do corpo dela, que sempre o visualizava como seu recém-nascido — O seu bebê.

Minha mãe olhou intrigada o objeto, depois retornou os olhos questionadores a mim.

— Não, você — Ela me encarou atentamente, espantosamente lúcida, para dizer a verdade — O meu filho, Fernando.

Encarei-a em choque. Era como se, de repente, todas as palavras me escapassem.

Minha mãe estava me vendo como realmente era?

Não a figura do meu pai, um médico ou qualquer outra pessoa que sua mente quisesse projetar, mas eu, seu filho.

— Mamãe? — Prendi sua mão um pouco mais forte entre as minhas — Sabe quem eu sou?

— É o Fernando — Um sorriso surgiu, tímido, mas estava lá, iluminando seu rosto, mas logo ele ganhou um ar de tristeza e um leve tremor — Eu sinto muito, filho.

Nós dois sabíamos sobre o que ela queria dizer.

Era sobre o tempo perdido e principalmente o tempo que não teríamos mais.

— Tudo bem, mãe. Isso não importa mais. Nós estamos juntos agora.

Pelo quanto isso for durar.

— Acho que nunca disse que te amo — A declaração surgiu quando seus olhos voltaram a se fechar, e o breve momento de lucidez começou a ir embora enquanto ela voltava a perder a guerra contra o sono e o cansaço que sua doença lhe causava — Mas eu amo. Acredite nisso.

Eu realmente acreditava nisso. E era como se finalmente um grande peso fosse arrancado de meu peito. À sua maneira, Marta me amava, mesmo que não tivesse sido capaz de demonstrar.

— Também te amo, mãe.

Não tinha certeza se ela me escutou, mas acreditava que minhas ações, os cuidados que tive com ela nos últimos anos, foram provas suficientes de que isso era verdade.

Fiquei por mais alguns minutos ao lado de seu leito, e a primeira coisa que fiz ao sair do quarto foi procurar o médico. relatei a ele o que aconteceu. Foi a primeira vez, desde que a tirei da clínica nos Estados Unidos, que minha mãe me reconheceu.

— A mente é algo realmente complexo. A doença de Marta a faz navegar entre fantasia e realidade, infelizmente, cada vez mais pendendo para as ilusões que cria para si mesma — ele reforçou uma das

explicações que todos eles me disseram — Isso pode acontecer de novo, um flash de lucidez, como nunca mais voltar a si.

— Então isso não significa uma melhora?

— Fernando, eu tenho trinta e dois anos de profissão. Já vi coisas inacreditáveis acontecerem, mas nada é certo, para o melhor ou para o pior — disse o doutor — Se você é uma pessoa de fé, acredite nela.

— E esteja pronto para o bem ou para o mal — finalizei por ele.

Conversamos um pouco mais sobre todo o estado clínico de minha mãe. O médico sugeriu trocar as medicações e fazer novos testes que pudessem ajudar suas atividades neurológicas, como também deixou esclarecido possíveis efeitos colaterais.

Ao chegar ao meu carro, liguei para Lúdia. Ela sempre era a primeira pessoa que pensava em contar quando algo bom ou ruim acontecia em meu dia.

— Estou tão feliz com isso — Seu tom de voz indicava o quanto ela estava emocionada com a minha breve interação com a minha mãe — Tão feliz por você. A gente precisa comemorar isso.

— A espero no apartamento. Vou pedir o jantar para nós dois.

— Eu posso fazer...

— Não. Eu peço o jantar. Guarde suas energias para mais tarde, senhorita Santini.

Essa noite tinha desejos um pouco mais apimentados.

— E, Lúdia? — chamei-a alguns segundos antes de desligar — Traga a coleira.

Não podia vê-la, mas a puxada de ar e o quanto a conheço me fizeram imaginar a bela expressão em seu rosto bonito.



Verifiquei o quarto mais uma vez, conferindo se tudo que pretendia utilizar, durante o jogo com Lídia, estava em seu devido lugar. Fazia um bom tempo que não entrávamos aqui. Andava preocupado com muitas coisas, e ela, além de todo suporte que dava e seus cuidados com o *nonno*, também andava bastante ansiosa para o retorno de Pedro, ainda sem data definida.

Apesar disso, o sexo entre nós seguia cheio de desejo, como no início. Talvez, nas últimas semanas, um pouco mais baunilha do que estou acostumado, mas, ainda assim, ardente e apaixonado.

Quando desci, também chequei as garrafas de vinho e se a comida, entregue há alguns minutos, continuava aquecida. Recebi há poucos minutos sua mensagem, avisando que estava a caminho, era só preciso aguardá-la chegar. Pensar nisso me fez sorrir. Eu fui um belo cretino em boa parte do passado, e geralmente eram as mulheres que esperavam por mim. Lídia mudou tudo em minha vida, e são essas mudanças que me tornavam um homem melhor, porque desejava ser alguém melhor para ela.

Estava na metade da seleção de uma playlist para essa noite, quando ouvi a campainha tocar. Inicialmente, achei estranho. Lídia tinha a chave do apartamento. Talvez, em sua euforia, ela tenha esquecido de pegá-la, concluí, indo em direção à porta.

— Suellen?

O sorriso morreu em meus lábios e uma fúria ganhou lugar em meus olhos ao vê-la se aproveitar da minha surpresa momentânea para passar por mim.

— Como você subiu?

— Eu vi o seu carro chegando no prédio, entrei alguns segundos antes da passagem fechar.

— Por que está aqui?

— A gente precisa conversar, Fernando.

Não sei qual sentimento por ela devia, nesse momento, levar mais em consideração. Manter a raiva por sua ousadia de ter vindo aqui, ou pena por tanta falta de amor-próprio e a obstinação comigo, que já começava a acreditar beirar a loucura.

Virei-me para ela, mas mantive a porta aberta, deixando claro que sua visita não era desejada.

— Acho que já conversamos o suficiente, Suellen.

— Não, você disse coisas — ela murmurou, e a declaração me deixou um pouco mais possesso com sua grande capacidade de enxergar tudo completamente diferente do que realmente é — Mas nunca me escutou de verdade.

Respirei fundo. A última coisa que precisava hoje era lidar com suas sandices.

— Está esperando alguém? — sua pergunta surgiu assim que deu uma longa conferida na mesa posta romanticamente para duas pessoas.

— Desde quando isso é da sua conta?

Recebi um olhar rancoroso. Sinceramente, preferia mil vezes que Suellen sentisse raiva de mim do que continuasse a manter a esperança.

Eu coloquei um ponto final em tudo que tínhamos antes mesmo de retornar para casa, para Lídia. E já deixei bem esclarecido para Suellen que o pouco que tivemos estava, definitivamente, acabado.

Sei que uma boa parte da preocupação de Lídia sobre Suellen, durante nossa discussão no outro dia, tinha base no ciúme, mas precisava

admitir, suas desconfianças, pelo menos em relação aos recentes comportamentos da jovem, acabavam por fundamentar suas teses.

Querendo ou não, os quase dois anos que mantive a jovem como minha submissa nos colocou em uma relação longa, mesmo que fosse apenas baseada em sexo. Eu, mais do que ninguém, sei a importância da responsabilidade afetiva, mas por mais que tenha sido sempre honesto com Suellen, isso não impediu que despertasse nela algum sentimento por mim.

E essa merda não era nada boa.

— É ela, não é? Aquela garota mimada e...

— Vou avisar mais uma vez, Suellen — A interrompi e dei três passos rápidos em sua direção, segurando-a pelo braço com firmeza — Deixe a Lídia fora disso!

Andava tendo muita paciência com Suellen, mas tudo tinha um limite, e já avisei que seus ataques a Lídia não seriam aceitáveis.

— Ouça, Suellen — diferente da última vez que conversamos no hospital, que discuti com ela, na verdade, decidi ser mais paciente — Lamento que os sentimentos, que ainda acha sentir por mim, não possam ser correspondidos.

— Acha? Você acha que sinto? — Os olhos marejados e a expressão de sofrimento ao me encarar, de alguma forma, me deixaram desconcertado. Era humilhante ver qualquer pessoa dando tanta importância a quem não pode corresponder de volta — O que vivemos foi único. Você foi o meu primeiro Dom e o único.

— Fui, Suellen. Isso já não existe mais! — falei com firmeza e retornei à a porta que mantive aberta — Você precisa entender isso de uma vez por todas e seguir em frente.

— Mas o amo... — o sussurro veio acompanhado de um soluço baixinho, e para minha surpresa, ela se colocou na posição de submissão — É o único que sabe o que preciso, o que desejo, que me conhece melhor do que eu mesma.

Durante seu discurso acalorado, algo ficou bem nítido para mim. Não era Suellen que estava apaixonada pelo Fernando. Era a submissa nela obcecada pelo Dom. E esse era um jogo bastante perigoso, um jogo que nunca deveria ter sido iniciado.

— Levante-se, Suellen — Segurei-a pelos ombros e a fiz se erguer — Não faça isso. Você precisa de ajuda.

— Eu não estou maluca! — Seus berros e socos contra o meu peito me fizeram afastá-la de mim — Não estou maluca.

Eu já pensava que Suellen estava completamente fora de si, e até mesmo estaria disposto a pagar por um tratamento psicológico se ela conseguisse entender que suas ações não poderiam ser consideradas normais.

— Eu fiz terapia — disse com cautela, mantendo as duas mãos em frente ao meu corpo para que ela soubesse que não representava qualquer ameaça física e que só queria ajudá-la — Isso não é errado e nem quer dizer que seja maluca.

— Eu não sou — murmurou repetidas vezes, tornando-me ainda mais cauteloso — A culpa é dela. Ela nunca vai conseguir ser o que você quer. O que você precisa. Eu sou. Sempre fiz o que me pediu. Eu fiz tudo, Fernando.

Lídia era o que precisava desde que nasceu, primeiro preenchendo minha vida como família, amiga, e agora como mulher, por quem sou completamente apaixonado.

— É mais do que isso, Suellen. Eu amo a Lídia. As duas coisas acabam se completando.

— Mas você poderia me amar, não poderia? — A urgência que vi em sua pergunta trouxe em mim apenas um sentimento: pena. Ninguém merecia receber de outra pessoa algo como isso — Se a gente tivesse tempo...

— O nosso tempo acabou.

Precisava ser duro com ela, por ela, mas principalmente por mim e Lídia. A verdade podia ferir, mas ela também podia ser libertadora.

Ouvi o soluço, mas mantive-me impassível no lugar.

Um alerta vindo de um telefone quebrou a caminhada silenciosa de Suellen em direção à porta. Verifiquei, e não era o meu. Ela não respondeu à mensagem que recebeu. Parou no lugar e me encarou com os olhos cheios de súplica.

Isso precisava ter fim.

— Adeus, Suellen — Peguei o seu pulso, disposto a guiá-la até o elevador.

— Espere! — Ela estacou no lugar. Rangi os dentes, tentando ainda encontrar paciência em mim — Vou deixá-lo em paz, depois disso.

Seus dedos grudaram em meu rosto como tentáculos. Foi tudo muito rápido, principalmente pela surpresa que me dominou. Meus lábios não se moveram, mas a boca volumosa permaneceu grudada à minha.

Agarrei seus pulsos e arranquei suas mãos presas em meu rosto. O destino de sua boca colada à minha seria igual.

— Fernando?

O chamado angustiado chegou aos meus ouvidos antes mesmo que eu afastasse Suellen.

— Lídia — Afastei Suellen e toda a minha atenção foi à garota com olhos marejados me encarando com decepção.

Porra. Inferno.

Essa merda não deveria estar acontecendo.

CAPÍTULO 15

LÍDIA

Estava feliz por Fernando ter tido um momento tão especial com a mãe dele. Embora ele não falasse muito sobre o assunto, sabia bem que essa ainda era uma questão que o machucava bastante, e esse breve instante de lucidez que Marta conseguiu ter tirará do peito dele um pouco de toda a mágoa que carregou por anos.

Acho que agora, mesmo que sua saúde não venha a melhorar, ele conseguirá lidar com tudo o que vier a acontecer, de forma um pouco menos tensa e pesada. Até seu lado mais picante, em relação ao sexo, voltava a aflorar. E eu sou a pessoa que mais tem a ganhar com isso.

Não me queixo de termos vivido como um casal comum nessas últimas semanas, mas eu sentia grande falta do homem insaciavelmente apaixonado, que só ele conseguia ser. Dos jogos, do frenesi, de cada desafio que ele me mostrava, de me ver mergulhando em um mundo desconhecido, misterioso, mas que a cada dia vem me fascinando mais.

Por isso, assim que finalizamos a ligação, parti animada para um merecido banho de banheira, renovei a depilação e usei os meus melhores hidratantes corporais para deixar minha pele macia e cheirosa.

Levei algum tempinho no closet, para escolher o vestido mais bonito e sexy, um que assim que Fernando colocasse os olhos, a sua única intenção fosse arrancá-lo de mim. Depois de alguns minutos em frente à penteadeira, decidi aplicar uma maquiagem suave, caprichando apenas um

pouco mais na máscara de cílios, valorizando mais os meus olhos que ele gostava tanto.

Passei um dos perfumes que ele amava e depois finalizei, colocando em volta do meu pescoço o colar, a coleira que marcava Fernando como o meu dono.

Olhei-me no espelho antes de me preparar para sair. Costumava dizer que Fernando mudava na pele de Dom. Parecia que todo o magnetismo, intensidade e sensualidade que ele já tem se multiplicavam. Mas via que comigo não era diferente. Sentia-me outra mulher na pele de sua submissa. E diferente do que a palavra implicava, via-me mais forte e corajosa.

Toquei o pingente brilhante em forma de “S” e abri um grande sorriso. Estava mais do que pronta, sentia-me ansiosa por cada minuto da noite incrível que teríamos.

— Boa noite, senhorita Lúcia — O motorista me recepcionou com um olhar cordial e abriu a porta antes que eu chegasse ao carro.

Quando Pedro estava na cidade, Humberto era o motorista dele, e eu geralmente sou atendida por outro funcionário quando solicitado, mas desde que meu irmão viajou, o senhor simpático ficava disponível a mim.

— Boa noite, Humberto — cumprimentei-o com um sorriso maior ainda — Vou para o apartamento do Fernando.

— Sim, senhorita.

— Você não precisa me esperar ou me trazer de volta — avisei a ele, alguns segundos antes de entrar no carro — Voltarei com o Fernando depois.

Ele assentiu, e assim que me viu devidamente acomodada, fechou a porta, deu a volta no carro e tomou seu lugar no volante.

Durante o caminho, mantivemos uma conversa agradável. Ele falou um pouco da esposa e das filhas, de quem tinha muito orgulho.

Por um instante, pensei em meu pai, me perguntando se ele também sentiria orgulho de mim. Sei que do Pedro ele teria muito. Meu irmão, como meu pai sempre esperou dele, havia se transformado em um grande empresário, fazendo cada um dos negócios da família crescer e ter impressionantes resultados financeiros.

Quando chegamos ao prédio, o funcionário reconheceu o carro e liberou a entrada, e seguimos para o estacionamento.

— Obrigada, Humberto. Tenha um bom descanso.

— Uma excelente noite, Srta. Santini.

O carro se dirigiu à saída e fui para o elevador, que me levaria diretamente até a cobertura de Fernando. Estava nervosa. Acho que ansiosa era a maneira mais correta de descrever o que sentia. Mas de um jeito bom. Depois de mais um andar, finalmente estaria nos braços do homem que fazia meu coração explodir de amor a cada dia.

Tinha um grande sorriso no rosto quando a porta do elevador se abriu. Antes de sair, reservei um instante para procurar a chave dentro da minha bolsa. Assim que achei, me dirigi ao corredor, feliz.

O sentimento, como o sorriso que sustentava em meu rosto desde que saí de casa, morreu quando me deparei com a cena que fez minhas pernas vacilarem e meu coração despedaçar.

Suellen estava aqui. Não apenas aqui, mas grudada e beijando Fernando como se ela tivesse todo o direito de fazer isso.

E ela não podia!

— Fernando!

O meu grito o fez se afastar dela e me encarar, completamente transtornado.

— Lídia — ele murmurou, angustiado.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Não queria chorar. Não podia chorar, mas o ciúme e a tristeza comprimindo o meu peito tornavam tentar impedir isso muito difícil.

Eu me vi voltando ao passado. À época que ele desfilava com lindas mulheres, não se dando conta de como vê-lo com outras me feria.

— Amor — Ele caminhou rapidamente até mim e segurou firme os meus ombros — Não é nada disso que está pensando.

Queria acreditar nele. Algo forte dentro de mim me dizia que devia acreditar nele, e não no que os meus olhos viram.

— É sério? Porque ela está aqui? — Apontei para a jovem, que atrás dele me lançava um sorriso cheio de provocação e autoconfiança — E você estava beijando-a.

Ele soltou um rugido. Seus dedos cravaram em mim como se temesse me deixar escapar. A vontade que tinha era realmente ir embora. Era o que teria feito no passado, mas estava cansada de fugir.

— Ela me beijou, Lídia, fui pego de surpresa.

Soltei um sorriso irônico, e ele segurou o meu rosto, obrigando-me a encarar o dele.

— Eu sei, isso é muito ridículo, mas é a verdade, Lídia.

Pela forma como ele me olhava, via sua angústia, e assim como eu, o sofrimento brilhar em seu rosto, me confirmando que Fernando dizia a verdade.

— Por que ela está aqui?

— É difícil explicar.

— Vim dizer ao Mestre o que sinto. Que o amo e sempre vou amar.

Fernando comprimiu os lábios, e a fúria que vi flamejar em seus olhos foram dirigidas à garota. Ele virou em direção a ela, mas não me

soltou ou se afastou de mim.

— Vai embora, Suellen. Você já fez o suficiente.

Ao contrário do que pensei, ela não discutiu com ele. Consentiu com ar e gestos submissos. Fixei meu olhar na parede quando começou a se aproximar de nós, a caminho do elevador.

Dedos frios tocaram a minha pele, assim como a joia em meu pescoço. Foram meros segundos, pois Fernando rapidamente a afastou de mim, mas foi o suficiente para voltar a ter minha atenção nela.

— O Mestre sempre teve muito bom gosto — ela disse com um sorriso cheio de veneno — Eu também recebi o colar. E também tive promessas e juras de amor.

— Já chega, Suellen! — O tom de voz de Fernando tinha um claro sinal de aviso.

Aviso que ela estava claramente empenhada em ignorar, apenas para me atingir.

— Mas veja bem onde me encontro agora.

— Mendigando atenção de um homem que não te quer? — rebati, disposta a fazê-la entender que eu não era a garota boba que ela pensava.

Ela me encarou furiosamente, mas o nosso olhar se desconectou quando Fernando a agarrou pelo braço e a arrastou para dentro do elevador.

— Pode se vangloriar, Santini, mas logo ele também se cansará de você, e aquele colar logo pertencerá a outra pessoa. Isso não vai durar. É uma promessa.

Havia algum tipo de desafio cintilando no olhar dela. Não gostava nada do perigo que vi nesse olhar, mas se Suellen queria brigar por Fernando, bom, ela iria saber que eu também poderia.

— Você nunca será o que ele precisa.

Consegui ouvir suas últimas palavras antes que a porta se fechasse. Vi Fernando encostar a testa contra o metal frio do elevador e respirar profundamente.

— Ela vai brigar por você — avisei em um sussurro fraco.

Ele se virou e me encarou. A situação tensa era difícil para nós dois. De um lado, existia essa maluca, um fantasma de seu passado, obcecada por ele; do outro, eu fazia o possível para não colocar em dúvida toda a nossa trajetória até aqui.

E não se tratava apenas de Suellen ou qualquer mulher que ele tenha levado para a cama que colocava isso em xeque, mas sim, Fernando. O que ele era e como viveu todos esses anos. Seu amor por mim era forte como eu realmente acredito, ou seu lado mais carnal, seus instintos selvagens, em algum momento precisariam estar livres?

— Então será uma luta solitária — ele murmurou quando chegou diante de mim e me puxou para os seus braços — A única guerra que vou lutar é por você, Lídia. É tão difícil acreditar nisso? Depois de tudo?

Não, não era. Meu coração enxergava tudo como realmente devia ser, mas a mente é perigosa. Os olhos são traiçoeiros, porque o ciúme nos deixa cegos.

— Acha que eu sou o suficiente? — Dessa vez permiti que minhas lágrimas transbordassem, porque é por ele.

— Não... — Seus dedos gentis acariciaram os meus lábios, fazendo-os formigar com seu toque — Você é tudo, Lídia. Tudo.

A declaração, romântica e bonita, foi mais do que suficiente para acalmar meu espírito atormentando, mas ainda havia aquela vozinha me cutucando.

— Mesmo sem o Dom e submissa. Apenas nós dois, sendo nós dois?

Não que eu fosse realmente exigir isso dele, saltei fundo demais nessa história e agora era como se também fizesse parte de quem sou.

Seus olhos intensos me analisaram. Mergulhei nele, indo cada vez mais fundo na profundidade que eles tinham.

— Só que a gente não precisa mudar nada — ele afagou o meu rosto — Porque é isso que nos torna perfeitos juntos. Os dois lados da moeda.

Mas e se não fosse possível? E se eu fosse uma garota comum, a quem todo o mundo sombrio dele me assustasse? Ou qualquer outro motivo colocasse um muro entre o que queremos e pudéssemos ter?

— Não pense nisso, Lídia. Não pense em Suellen ou qualquer veneno que tenha tentado jogar sobre nós.

— É bem difícil, com essa mulher cercando e surgindo em todos os lugares. Rondando você.

Eu precisava que ele entendesse que até podiam ser tolos os meus receios, mas eles eram reais.

— Como se sentiria se fosse o Júlio, cercando qualquer lugar que eu estivesse, soltando declarações de amor?

A menção do meu ex-namorado fez o seu rosto fechar em uma expressão dura.

— Isso é completamente diferente — ele disse, irritado, me soltando, caminhando em direção ao apartamento.

— Diferente por quê? — O segui, batendo a porta atrás de mim.

Estava tudo errado. Era para estarmos desfrutando de um delicioso jantar, concluí ao ver a mesa preparada para a gente. Em vez de dirigirmos palavras ríspidas e olhares zangados um ao outro, deveríamos estar presos ao jogo de sedução que antecederia a nossa aventura no quarto de jogos.

Uma ex-submissa surgindo do inferno e as inseguranças sobre Fernando, que achei já ter superado, jogaram o momento, que deveria ser especial, pela janela.

— Por que é diferente?

Pensando racionalmente, sei que estava puxando a corda demais, cutucando a onça, mas eu também sabia como era Fernando, em como ele se fechava, mantendo todos os pensamentos perturbadores guardados dentro de si.

— Porra. Porque eu não fui o primeiro a foder com ela!

Sabia que a fúria chismando em seus olhos não era exatamente direcionada a mim. Não tinha como apagar que Júlio foi o meu primeiro, como não tinha como ignorarmos que Suellen foi sua submissa antes de mim.

— Isso foi bem machista, sabia?

Quer dizer, ele podia ter sua submissa e uma fila de mulheres passando por sua cama, enquanto eu devia permanecer virgem e intocada, esperando por ele?

— Eu sei, mas é o que é, Lídia.

— É exatamente no ponto que quero chegar. O Júlio é passado, mas a Suellen quer ser o presente — encarei-o, igualmente furiosa e magoada — E vai continuar sendo, se colocando entre nós, se não for dado um basta.

— O que quer que eu faça? Que torça o pescoço dela? Porque realmente, nesse momento, é o que desejo fazer.

Ele esfregou o rosto. Estava em guerra com tudo isso. Precisava ser justa com ele, toda essa merda acontecendo entre nós não era culpa de Fernando, não era culpa minha, mas se a bola de neve continuasse a rolar, em algum momento iria esmagar a nós dois.

— Não sei. Mas faça algo antes que ela afaste, definitivamente, nós dois.

— Se você acha que o que sentimos — A mágoa com que me encarou fez coração ficar menor dentro do peito — seja frágil dessa maneira, então não sentimos o mesmo.

Bom, era isso que acontecia quando se puxava a corda mais do que deveríamos. O que caísse sobre nós poderia ser esmagador.

— Aonde você vai? — As lágrimas deslizavam grossas e quentes por meu rosto, ao vê-lo pegar o terno e caminhar para a porta.

Essa jogada Suellen tinha vencido. Na verdade, eu tinha dado a vitória a ela.

— Preciso pensar — murmurou ele — Sozinho.

Desolada. Era como me sentia ao vê-lo sair pela porta, enquanto meu coração gritava para tomar coragem e impedi-lo.

Burra! Burra! Burra!

Foi o que me ouvi dizer antes de sair do transe e correr até ele.

— Fernando... — sussurrei para a porta fechada do elevador, esmurrando-a com o meu punho.

Cheguei tarde.

Talvez não tão tarde, concluí, seguindo para as escadas. Praticamente saltei sobre cada degrau, mas quando cheguei à garagem, apenas avistei a traseira de um de seus carros sumindo.

Passei um bom tempo ali, olhando para o nada, condenando-me por tanta estupidez. O meu coração estava tão gelado como a minha pele e roupas, do tempo que permaneci na garagem fria.

Retornar e ver a mesa intocada, as garrafas de vinho no balde de gelo, cada detalhe da decoração romântica, só me fez enxergar como fui

ridiculamente ciumenta, fazendo exatamente o que jurei não permitir que Suellen tentasse fazer conosco: nos separar.

Tudo ia se resolver quando Fernando regressasse de seu momento para reflexão, disse a mim mesma, enquanto seguia em direção ao quarto, mas isso não tornou a espera menos dolorosa.

Passei pelo quarto de jogos, vi a cena cuidadosamente montada. Soltei um soluço e segui correndo para a suíte principal, o quarto de Fernando, nosso quarto sempre que estava aqui.

“*O amor não machuca, Lídia.*” Lembrei as palavras do *nonno* ao me confortar no meu aniversário de dezesseis anos. “*Nós que machucamos ele.*”

Deitei-me na cama, abraçando os meus joelhos, os soluços me fazendo sacudir.

Acho que o *nonno* estava certo. Nós precisamos encontrar uma forma de parar de ferir o amor.

De nos machucar tanto.

DIOGO

Meus encontros com Suellen eram sempre cansativos e aborrecidos. Em todo o tempo era *Fernando, Fernando, Fernando*.

A ladainha nunca cessava.

Eu poderia estar com Clara e sua irmã irritante, mas tive que inventar uma viagem de negócios para colocar em prática o plano com Suellen.

— Sei que ele pode voltar a gostar de mim... — entreguei o docinho que a fazia feliz e a deixava mais calma, e aguntei um pouco mais das

suas lamentações, até começar a fazer efeito.

Causava-me asco que alguém pudesse ser tão patético e amar outro mais do que a si mesmo. Mas apesar de todo o desprezo que tinha por ela, a garota psicologicamente instável ainda era uma peça fundamental em meu jogo.

— Aquela garota estúpida — os lamentos repetitivos me fizeram querer levantar minha bota e pressionar sobre o pescoço dela, como esmagaria uma barata — Por que ela tem tudo e não tenho nada?

Fiz essa mesma pergunta em relação a Pedro Santini, mas diferente de Suellen, em vez chorar pelos cantos, sonhando com planos ridículos de conquistar o que quero, agi friamente e aguardei o momento certo de agir.

Como agora. Se tinha algo que percebi observando o Santini todos esses anos, é que ele e seus amigos eram mais fracos quando estavam sozinhos. Esse era o momento de atacar o Fernando, onde mais lhe doeria. E o desgraçado nem poderá contar com os amigos para ajudá-lo na queda.

— Por que não a tira do caminho de uma vez? — Suellen refez a pergunta que sempre repetia ao nos vermos.

Executar Lúdia deixaria o Santini louco, e isso poderia fazer as empresas caírem magicamente sobre o meu colo. Mas seria um plano alto e arriscado demais. Dessa vez, alguma pista poderia chegar até mim, e sabia, mais do que ninguém, como manter um assassinato encoberto era difícil.

O meu plano tinha as maiores chances de terem sucesso do que o desespero de Suellen. Fazer um a um cair sem saber de onde vinham cada golpe.

— Fernando iria embora, como da outra vez, e eu o manteria longe.

— Criança, as coisas não são assim, mais do que nunca agora precisamos ter cuidado — ajeitei o cabelo dela com cuidado e falso

carinho — Seu trabalho essa noite foi perfeito, mas está apenas começando.

Ela me encarou com um olhar cheio de dúvida e desespero.

— Só que foi ela que ficou lá com ele. É ela que Fernando sempre escolhe. Os dois sempre acabam juntos no final.

— Não por muito tempo, Suellen. A dúvida já está sendo plantada há algum tempo.

Escutas no apartamento dele. Pessoas vigiando seus passos. Rastreador em cada um dos seus carros. Um belo investimento, mas que me permitia estar alguns passos à frente de Fernando Brandão.

Eu podia calcular cada um dos meus movimentos, como quando coloquei Suellen no prédio e enviei a mensagem, avisando que Lídia havia chegado.

E mesmo com os riscos de Suellen colocar tudo a perder, perdendo a razão devido à sua instabilidade emocional, no fim acabara exatamente como eu tinha planejado.

O início da ruína de cada um deles.

Fernando.

Lídia.

O'Connor, se ficasse em meu caminho.

E, finalmente, Pedro Santini.

CAPÍTULO 16

FERNANDO

Um recorrente e, agora vejo, inútil conselho do meu pai, era que nunca entregasse meu coração a alguém.

“O amor enfraquece o homem, depois ele te destrói.”

Essas palavras, por muito tempo, ficaram fixadas em minha mente, fazendo-me evitar qualquer tipo de envolvimento que não fosse meramente sexual. Eu tive uma fila de mulheres bonitas entrando e saindo da minha cama, antes que tivesse a chance de aprender os seus nomes ou me interessar em conhecê-las melhor.

Relacionamentos nunca estiveram em minhas prioridades. Até que a mulher certa derrubou os meus muros, me fez mergulhar de cabeça. Mas, ainda assim, os temores continuam aqui, as vozes que ouvia por anos, em muitos momentos de fragilidade, como os de hoje, retornavam feito fantasmas.

Suellen disse a Lídia, apenas para desestabilizá-la, que ela não era o que eu precisava. Lídia era tudo o que desejava e precisava, mas e se for eu que não era o bastante para ela? Se não for capaz de ser o bastante?

O que me fez sair chateado do apartamento, precisando de um tempo para acalmar os ânimos e evitar dizer coisas ainda mais absurdas, não foi a crise de ciúmes justificada de Lídia, mas a dúvida que ela ainda carregava no peito em relação ao amor que sentia por ela.

Não era a Suellen ou qualquer tentativa maldosa de nos envenenar que poderia colocar tudo em risco, mas a falta de confiança. Doeui-me saber que Lúdia ainda não conseguia enxergar com tanta clareza como sou louco por ela.

Relacionamento nunca foi para mim, mas estava tentando. Ser o melhor, fazer o melhor, dar o melhor de mim a ela. Eu não tinha um manual; como em tudo que me entregava de corpo e alma, seguia os meus instintos. E para mim, a Suellen não tinha qualquer importância e não representava qualquer ameaça que Lúdia pudesse acreditar.

Era assim que eu via as coisas, mas talvez estivesse errado.

— Nick? — Assim que a ligação foi atendida, percebi o som de música.

— Fala, Fernandinho — O tom festivo, o jeito irritante com que me chamou, deixavam claro que eu estava interrompendo um momento de diversão — Já está com saudades?

Não era a primeira ligação que fazia para ele. Conversávamos bastante a cada avanço da viagem e ele me mantinha a par sobre Pedro. O intuito ou o desejo inicial era que ele tivesse saído em uma jornada de autoconhecimento, mas de acordo com a maioria dos relatos de Nick, eles tinham transformado o *tour* em uma aventura cheia de orgias. Bem, talvez fosse isso que Pedro precisava, extravasar nem que fosse através do sexo.

— Você está sozinho?

— Hum... não exatamente — ele tentava se destacar ao som alto da música.

— Está com o Pedro?

Não sabia exatamente por que liguei para O'Connor. Sendo sincero, na verdade, acho que sabia, sim. Ignorando as piadas irritantes que Nick

fazia em metade do tempo, ele sempre tinha um olhar mais frio e coerente para tudo.

— Hum... não exatamente — murmurou ele, e notei que o som começava a diminuir — Ele está com umas gostosas asiáticas. Sabia que elas fazem as melhores massagens do mundo? E nem vou te dizer...

— Olha, Nick, se está ocupado, ligo em outro momento.

Não queria saber de suas aventuras sexuais, quando nesse momento eu deveria estar fazendo o mesmo, se Suellen não tivesse estragado tudo.

— Não. O dia será longo — ele disse, e sua voz estava completamente clara sem o som da música — Se você ligou, é porque deve ser importante.

— Eu não quero realmente atrapalhar sua festa.

Acho que, na verdade, buscava justificativa para fugir da conversa que eu mesmo procurei com Nick. Sempre foi difícil me abrir com as pessoas, até mesmo para Pedro, que sempre foi o mais próximo a mim. Tenho tentado mais com Lídia, mas ainda assim há muitas que mantenho trancadas.

— Onde você está?

— No banheiro. E não se atreva a dar risada. É o único lugar com relativa calma.

Estava carregado demais de tensão para fazer chacota com ele agora, mas em um futuro próximo, o ruivo não iria escapar.

Lembrei rapidamente do que Lídia disse sobre como seria benéfico ao Pedro se apaixonar e direcionar toda a energia que tem dentro de si para o amor. Já com Nick, queria mesmo ver a cara dele quando estivesse diante da queda. Porque quando a garota certa surgia, ninguém ficava imune.

— Não vou rir, Nick. Não hoje.

— Ok. Chega de enrolação e desembucha logo.

Contei a ele tudo o que aconteceu enquanto Nick me escutava em silêncio. Desde minha conversa inesperada com minha mãe, à minha briga com Lúdia por causa de Suellen.

— Eu entendo que tudo isso de relacionamento para você é um negócio novo. É uma merda que acho que não saberia lidar.

— Você está realmente sabendo ajudar, Nick — repreendi de forma irônica.

— O que estou querendo dizer é que é completamente normal você ficar confuso. Os dois se irritam e brigam às vezes. Meus pais faziam isso muito.

— Os meus também, mas não quero ser uma cópia do meu pai. E nem ter o relacionamento tóxico que eles tiveram.

— Mas relacionamento é relacionamento, e ninguém tem uma varinha mágica. O ciúme e a insegurança da Lúdia são legítimos. Por que foi tirar essa mulher dos infernos, Fernando?

— Eu não tirei — Meus dentes trincaram ao responder a ele — A maluca simplesmente apareceu.

— Mas você terá que dar um jeito nela — afirmou ele o que já tinha conhecimento — E não adianta fugir do problema sempre que ele surgir. Os dois precisam encarar e tentar resolver o assunto. Às vezes a falta de diálogo é pior do que uma briga, pois nunca dá para saber o que o outro está pensando.

O ruído irritante tinha razão. Meus pais sempre gritaram um com o outro e saíam batendo a porta, ficando dias sem se falar. Acho que a minha fuga de hoje era uma reação do que sempre vi a minha vida inteira.

— Você está certo — murmurei.

— O quê? Acho que não ouvi direito — o cretino provocou.

— Volta para sua festa, Nick.

A gargalhada que ele soltou me contagiou. Sentia-me mais calmo e com a mente mais límpida sobre o que era preciso fazer para afastar Suellen.

— Obrigado por tudo — disse, antes de desligar.

Nick era um bom ouvinte, e para surpresa geral, um ótimo conselheiro também.

Assim que desligamos a ligação, só tinha um pensamento em minha mente.

Voltar para casa.

Assim que entrei, notei que a mesa de jantar estava exatamente como deixei e as garrafas de vinho continuavam esquecidas dentro do balde.

Sabia que, apesar de nossa discussão, Lúdia estava aqui. Não havia como explicar, mas sentia a presença dela me chamando. Apesar disso, meu coração não deixou de ficar aliviado ao vê-la encolhida na cama.

Tirei os sapatos com a ajuda dos pés, depois com as mãos ansiosas arranquei o terno, a camisa e a calça antes de me aproximar da cama. Com o movimento do colchão, ela abriu os olhos. Estavam vermelhos, não apenas por ter pegado no sono, mas porque nossa briga também a deixou muito afetada.

Lúdia ainda podia ter, devido a todo o meu histórico de mulherengo, algum receio do grande amor que sentia por ela, mas eu não tinha qualquer dúvida do que ela sentia por mim.

Era por isso que nunca seria capaz de desistir dela. De desistir de nós. Não importava quantas pedras ou Suellens tentassem surgir em nosso caminho.

— Amor, me perdoa — disse a ela, cobrindo seu corpo com o meu.

Seus lábios tremeram e notei os olhos ficarem úmidos.

— Não. Me perdoa você. Era um dia especial, e eu...

Silenciei seu discurso de desculpas, colocando meus dedos sobre seus lábios.

— Isso não importa mais. Estamos juntos de novo. Só isso importa.

Ela passou os braços em volta de meu pescoço e eu busquei sua boca para um beijo faminto. Eu tinha imaginado, essa noite toda, uma cena no quarto de jogos, que nos levaria à plenitude do prazer, mas nesse momento, a conexão era diferente.

Era apaixonada, quente, carregada de desejo intenso um pelo outro, mas era mais como um encontro de almas.

CAPÍTULO 17

LÍDIA

Notícias ruins não chegam apenas em dias ruins.

Eu aproveitava uma ensolarada tarde de sábado, em frente à piscina, quando meu telefone tocou.

— Ela se foi, Lídia — foram as únicas palavras de Fernando antes que eu começasse a chorar e sair apressada para dentro de casa.

— Estou indo até aí, querido.

Não tive tempo ou oportunidade de criar algum laço afetivo com Marta, mas ela era uma pessoa que eu conhecia e que nos últimos tempos passei a conviver mais. Só que a maior parte da tristeza pulsando em meu peito vinha por Fernando.

Acho que não importava como Marta o tenha tratado no passado, mãe é mãe. Ele iria sentir falta dela, do pouco que conseguiu conquistar durante sua doença e de tudo que nunca poderiam viver no futuro.

Segui para o meu quarto o mais rápido possível. Vesti roupas confortáveis e um par de tênis. Sabia como todo esse processo de liberar o corpo, cuidar dos detalhes do velório e enterro poderiam ser demorados, e queria ficar ao lado de Fernando todo o tempo.

— Senhorita — murmurou Humberto, levantando-se rapidamente do seu posto ao me ver chegar apressada na garagem.

— Para o hospital, Humberto — disse sem esperar que ele abrisse a porta, enfiando-me rapidamente dentro do carro — Vá o mais rápido que

puder, por favor.

Ele já conhecia o endereço. Pelo menos umas quatro vezes por semana, eu comparecia ao hospital para fazer companhia a Marta, para que Fernando pudesse ter um pouco mais de paz para trabalhar e cuidar de outros assuntos.

Durante o caminho, liguei para Pedro. Fernando já tinha dado a notícia a ele, e me afirmou que Nick, que retornara ao Brasil há alguns dias, também estava indo para o hospital. O meu irmão tinha a data de retorno agendada para o dia seguinte, mas devido às circunstâncias, iria cancelar todos os seus compromissos finais e voltar imediatamente para casa.

— Lídia, não saia do lado dele — Não era preciso que Pedro me pedisse isso, mas como ainda desconhecia o quão profunda nossa relação estava, apenas afirmei que não ia a lugar algum — O Fernando parece forte, mas em relação aos pais... a mãe dele, na verdade.

Fernando não era muito de se abrir, eu vinha tentando que fizesse mais isso comigo. Mas em relação à mãe dele, os sentimentos sempre foram muito claros. Além disso, ninguém, por mais seguro que demonstrasse ser, conseguia ser forte o tempo todo. Todos nós tínhamos nossos pontos fracos e fragilidades, o de Fernando foram seus pais ausentes.

Ceguei ao hospital e, graças a Deus, Nick já estava aqui. Fernando conversava com o médico, e quando me aproximei deles, o ruivo me abraçou, e assim que o doutor fez as últimas considerações, me joguei nos braços de Fernando.

— Sinto muito — Mesmo com o mar de lágrimas embaçando os meus olhos, consegui ver a tristeza profunda marcando o rosto dele — Eu sinto muito, meu amor.

Não que a morte de Marta tenha nos pegado completamente de surpresa, mas nos últimos dias ela teve uma melhora considerável. Na maior parte dos momentos que interagiu com Fernando esteve lúcida e lembrara dele como seu filho.

Felizmente, Marta conseguira pedir perdão a ele antes de partir. Ao menos essa lembrança boa ele poderia guardar. Mas se foi suficiente para preencher o vazio que ele carregou a vida inteira, apenas o coração dele, depois que tudo isso passar, poderia dizer.

As horas seguintes carregavam o peso que a morte trazia. Dessa vez não me sentia capaz de ajudar em qualquer decisão, e Nick deu esse suporte a Fernando. Eu me mantive presente, ao seu lado, vigilante para que ele não desmoronasse, e se viesse a acontecer, que ele soubesse que estava ao seu lado.

Pedro chegou perto do dia clarear. O corpo de Marta já estava a caminho da funerária. Como a causa da morte dela já era conhecida, a liberação do corpo foi relativamente rápida.

Meu irmão, Nick e Fernando, na medida que foi lembrando, avisaram a todas as pessoas que poderiam se interessar em comparecer ao velório e enterro.

— Meu menino — Serafina surgiu, emocionada e nos emocionando — Sinto muito, minha criança. Do jeito dela, sei que te amava, querido.

Serafina gostava de Marta, acho que acima de tudo, ela a compreendia, a sua doença, pelo menos. E penso que isso a fez amar tanto Fernando e dar toda atenção e carinho que aquele menino solitário precisava enquanto crescia.

A fazenda era o lugar preferido do Fernando, não apenas por ser esplendorosa, mas por causa de Serafina e como fez dela um lar para ele.

O pai do Fernando não apareceu, sequer enviou uma coroa de flores para a mulher que era a mãe do seu único filho, e nem mesmo fez uma ligação. Enviou uma mensagem, curta e seca.

Achava o Sr. Brandão uma pessoa horrível e amarga.

Enquanto o homem frio nos dava o prazer de sua ausência, outra, no entanto, causava um grande desconforto com a presença indesejada, pelo menos para mim.

— O que ela faz aqui? — indaguei a Nick ao meu lado.

O ruivo praticamente me obrigou a buscar um pouco de café, também para Fernando e Pedro, como para que eu pegasse um pouco de ar puro. Eu cuidava de Fernando e Nick, tadinho, vinha cuidando de todos nós.

— Apenas vá para o lado de Fernando — sussurrou Nick, entregando um dos copos de café que carregava — Eu lido com o resto.

Não gostava nada de ver Suellen ao lado de Fernando e nem me importava se Pedro ia perceber alguma coisa rolando entre nós. Quando me aproximei deles, afastei a garota com o meu corpo e abracei Fernando.

Eu realmente não queria fazer uma cena bem no velório da mãe de Fernando, mas essa garota precisava saber, de uma vez por todas, qual era o seu lugar, e se eu tivesse que gritar diante de cada pessoa presente para que ela entendesse, faria isso.

Mas não foi preciso que eu fizesse nada. Como prometeu, Nick cuidou de tudo, afastando uma Suellen furiosa de perto de Fernando. O meu irmão, intrigado com tudo o que assistia e por achar a jovem desrespeitosa e invasiva em uma situação tão delicada, seguiu Nick.

Havia um grande risco que Suellen, por vingança, deixasse escapar algo que revelasse o segredo que Fernando e eu temos mantido escondido

de Pedro esses meses todos, mas isso, nesse momento, não me importava. Estava cansada de esconder as coisas e mentir.

Contudo, minutos depois, quando eles regressaram, não havia qualquer acusação nos olhos do meu irmão, provando que Suellen não dissera nada ou Nick a tinha impedido.

Depois desse ocorrido, só levou mais algumas horas velando o corpo, e a procissão até o cemitério foi iniciada.

O padre fez um discurso bonito. Ele falou bastante sobre perdão e reencontrarmos quem amamos algum dia. Recordei do dia que estive aqui para enterrar os meus pais. Apenas uma menina de quatorze anos, sentindo-se sozinha e perdida no mundo. Não importava se fôssemos adultos ou crianças, perder os pais era sempre uma dor profunda.

Quando o louvor de despedida terminou, Fernando foi o primeiro a jogar um punhado de terra sobre o caixão. Eu vi as lágrimas que ele tanto segurou desde que o encontrei no hospital. Apertei sua mão com mais firmeza e deixei que as minhas lágrimas corressem soltas pelo meu rosto. Joguei a terra no caixão, e outras pessoas fizeram a mesma coisa, até que os funcionários do cemitério comessem a fazer seu trabalho. Após o caixão ser coberto e as flores e coroas de flores foram colocados no jazigo, as pessoas começaram a se afastar, restando apenas Fernando, Serafina, Pedro, Nick e eu.

Fernando pediu que Nick levasse Serafina para casa. Ela quis protestar, mas notou que ele precisava desse momento consigo mesmo. A despedida entre eles foi tocante, deixando a todos nós ainda mais emotivos.

— Vem, amigo, vamos para casa — pediu Pedro, conseguindo fazer com que ele se afastasse do túmulo.

A morte nunca era algo fácil de se enfrentar, não importava a situação.

Diferente do que Pedro tinha em mente, Fernando decidiu que queria ir diretamente para o apartamento dele. Seguimos todos juntos no mesmo carro, comigo entre os dois, mas Fernando estava com a mente longe demais para que pudéssemos trocar algum tipo de carinho que levantasse suspeitas do meu irmão.

— Obrigado por tudo o que fizeram — disse Fernando, jogando o terno escuro sobre o sofá — Mas acho que devem ir para casa descansar.

Pedro e eu nos encaramos. Eu sabia bem o que Fernando pretendia fazer, se distanciar e nos manter longe. Fazia parte do luto, nós também tivemos essa fase quando nossos pais morreram.

— Fernando... — iniciou Pedro.

— É sério, Pedro. Por favor. Foram horas bem exaustivas e preciso ficar sozinho. Eu juro que vou ficar bem.

Meu irmão assentiu. Estendeu a mão para mim e me conduziu para a porta, contudo, antes que chegássemos ao corredor, eu me soltei.

— Não vou deixá-lo sozinho — afirmei, os meus olhos cobertos de lágrimas.

— Lídia, é o que ele quer — afirmou Pedro com ar igualmente cansado, ele teve horas de voo, depois ficara o tempo todo ao nosso lado — Talvez o que precisa no momento.

— Sabe quando a mamãe e o pai morreram? Você tentou lidar com tudo da melhor forma possível — disse a ele, enxugando as lágrimas para que novas molhassem o meu rosto — Aquele dia você dormiu, por ter bebido um pouco para aguentar a barra ou de exaustão, mas o Fernando, ele ficou ao meu lado a noite toda. Eu vou ficar aqui, Pedro.

Acho que minha expressão foi firme o suficiente para convencê-lo. Ele afagou o meu rosto, depois deu um beijo carinhoso em minha testa.

— Cuide dele, e qualquer coisa não hesite em me ligar.

Assenti e fechei a porta. Quando retornei à sala, Fernando estava estirado no sofá. Aproximei-me dele e comecei tirando seus sapatos.

— Lídia? — Havia confusão e inquietação em seu rosto ao me ver.

— Pode pedir um milhão de vezes, mas não vou embora — afirmei, decidida — Mas prometo ficar em silêncio, se é isso que quer.

Ele sabia como era teimosa quando queria, então desistiu e permitiu que continuasse cuidando dele. Subimos juntos para o seu quarto. Tirei suas roupas, as minhas roupas, e fomos para o chuveiro. Lavei seu corpo, desejando poder lavar com água e sabão toda a dor e tristeza que ele pudesse estar sentindo.

Colocamos o robe e fomos para a cama. Nos abraçamos. Ficamos em silêncio, e juntos, levados pela exaustão, caímos no sono.

E por um momento, encontramos paz.

CAPÍTULO 18

LÍDIA

Dois meses depois

Ela continuava sobre as nossas cabeças, a nuvem negra que há algumas semanas eu sentia se aproximar de nós. E tudo pareceu ficar ainda pior após a morte de Marta.

Fernando tornou-se mais distante e calado no passar dos dias, mostrando que a partida dela o afetara mais do que ele queria admitir, até para si mesmo.

Como ele nunca se abria, era praticamente impossível conseguir imaginar o que exatamente estava se passando em sua cabeça. E isso, dia a dia, afetou a nossa relação, já muito frágil.

E se não fosse apenas isso, Suellen, sua ex-submissa, continuava sendo uma pedra em nossos sapatos, não nos dando um minuto de paz. Às vezes, pensava que seu intuito era nos enlouquecer. Não havia explicação maior para tanta perseguição e obsessão da parte dela. Ou era apenas uma garota louca mesmo.

Quando adolescente, eu via meninas na escola disputando a atenção dos garotos mais populares, e eu afirmava que jamais me colocaria nessa situação.

“Cuidado com o que diz, Lídia, o peixe sempre morre pela boca.”

Esse foi um dos poucos conselhos que meu pai conseguiu me dar e que batia na minha cara sem piedade. Não era que eu estivesse realmente

brigando por Fernando, Suellen tentava impor essa disputa e a guerra difícil entre nós.

E embora Fernando tivesse garantindo ter conversado com a garota diversas vezes, colocando-a em seu lugar e até solicitado um advogado para intervir, Suellen sempre conseguia encontrar uma forma de se aproximar de nós.

Um dia, surgiu no restaurante do *nonno* com a coleira dada por Fernando. E ela nunca perdia a oportunidade de esfregá-la em minha cara a cada oportunidade que me via. Dia após dia, incansavelmente, ela brotava em lugares públicos onde a vigilância era mais fácil de driblar, forçando um novo confronto entre nós, com o intuito de jogar todo o seu veneno e colocar em dúvida minha relação com Fernando. Cheguei ao ponto de sentir medo de sair de casa.

O estopim de toda essa adrenalina emocional, fúria e desestabilidade causada a mim, foi Suellen ter conseguido se colocar em uma cena conosco, durante um único evento às escuras, organizado por Aron, que convenci Fernando de participarmos.

A mulher maluca quase teria feito sexo com a gente, se Fernando não tivesse notado que algo estava errado. Esse dia, eu literalmente surtei, partindo com toda fúria para cima dela. Foi uma cena realmente deprimente, duas mulheres nuas, arrancando os cabelos uma da outra, enquanto todos os tipos de xingamentos eram proferidos.

E eu teria deixado Suellen muito machucada, se Fernando não tivesse reagido a tempo e me tirado da mansão de Aron. O jogo dela comigo era muito pior e venenoso, porque com Fernando ela fazia toda uma cena de lágrimas, envolvendo sofrimento de mulher rejeitada e apaixonada, quando comigo ela era pura provocação e deboche, ao notar que ele não estava a encarando.

Estava emocionalmente esgotada. Nem mesmo os dias que Suellen ficou presa, por ter quebrado uma medida protetiva, deixou-me mais calma. O que sentia pela garota deixou de ser um ciúme bobo e se tornou uma preocupação real de que fizesse algum mal, fisicamente falando, tanto a Fernando quanto a mim.

O grande problema com essa maldita garota era que ela sabia jogar com as armas certas, destacando coisas que me machucavam e que colocavam tudo em dúvida. Como o tempo que estive ao lado dele, na época que Fernando morou nos Estados Unidos, estudando e cuidando da mãe doente.

E que deu a ela a coleira de submissa, enquanto eu praticamente tive que implorar por uma. E que, sim, sobre o BDSM, Suellen tinha muito mais experiência do que eu. Ainda estou aprendendo o que gosto e quero me permitir, quando ela seria capaz de realizar qualquer pedido que ele ordenasse.

Depois desse dia, nunca mais nos aventuramos nesse campo, nem mesmo no quarto de jogos em sua cobertura. Achei que eu tinha forçado demais a primeira vez, devido ao luto recente pela mãe, mas na realidade, acreditava mesmo era que Fernando escondia algo de mim.

Ele estava diferente, e sentia que, pouco a pouco, o estava perdendo. Talvez não para Suellen ou qualquer outra mulher, mas para os demônios trancados dentro dele mesmo. Um lugar tão escuro que eu não conseguia chegar. E isso estava matando a nós dois lentamente.

E acho que hoje, depois de muito tempo com o coração apertado, olhando para as fotos e remoendo os sentimentos que elas me causavam, tinha aquela temível sensação de que o abismo entre nós ficaria ainda maior, dependendo do rumo que nossa conversa tomaria.

— Senhorita Lúdia? — Encarei a secretária de Fernando, que me resgatou desse momento reflexivo, apontando a porta entreaberta — Já pode entrar.

— Obrigada.

Parei um instante e respirei fundo, apertando o envelope contra o meu peito antes de entrar na sala de Fernando.

Ele estava em sua cadeira de espaldar alto. Confortável como um rei em seu trono, mas em vez de manto, a camisa azul, bem alinhada, combinava perfeitamente com os seus olhos turquesa. Os cabelos, que ele costumava desalinhar passando os dedos entre os fios, trazia uma desordem que combinava maravilhosamente bem com seu rosto bonito e marcante.

Fernando girava uma caneta dourada entre os dedos, e esse era o único sinal de que ele não estava tão tranquilo como o seu rosto frio e impassível queria demonstrar.

— Então? O que eu fiz dessa vez? — Era para ser uma pergunta irônica, mas via em seus olhos a inquietação.

— Por que acha que fez algo?

Devia ir direto ao assunto, mas não sabia se estava preparada para a resposta que podia receber.

— Não sei — Ele esfregou os olhos, exasperado, finalmente abandonando o porte de homem durão — Só venho fazendo merda ultimamente, não é mesmo?

Isso não era verdade. Estávamos brigando bastante, ele tinha razão, mas a culpa não era toda dele. Eu também tinha uma grande parcela de culpa em cada discussão.

— Esteve na Paradise, na quinta à noite? — Joguei o pacote, contendo as fotos, sobre a mesa dele e deixei que avaliasse por si próprio

minha presença repentina aqui.

O seu escritório não era o melhor lugar para resolvermos isso, mas não consegui ficar em casa, esperando o momento certo para ter respostas.

— O quê?

— Não minta para mim, Fernando — reforcei em um tom magoados: — Você esteve lá na quinta à noite?

Precisava que ele fosse honesto. As fotos poderiam ser antigas, e eu não queria cometer o erro de ser injusta com ele de novo, por causa de mais uma tentativa de intriga de Suellen.

Em vez de responder, Fernando tirou uma das fotos do envelope. A analisou com cuidado. Não havia nenhuma imagem comprometedoras dele em um jogo ou com alguma mulher. Apesar do lugar ser palco para noites de puro sexo e diversão, tudo que as fotos mostravam era Fernando em um canto do sofá, com um copo de uísque na mão.

— Fui com o Pedro e fiquei apenas alguns minutos — Apesar de sua aparente calma, os seus olhos estavam irascíveis — Estava me vigiando? Sério isso? Ainda é por causa da Suellen?

Suellen! Sempre Suellen, como uma ferida que não queria cicatrizar.

— Não!

Desta vez fui eu que o encarei com fúria.

— Eu não estou vigiando você. Mas, sim, parte dessa merda toda é por causa dela, provavelmente foi Suellen quem enviou essas fotos a mim essa manhã.

Porque tudo o que essa garota queria era nos separar. E meu ciúme e esse distanciamento de Fernando, a cada dia, estava conseguindo justamente isso.

— Esteve na Paradise sem mim?

Quando estávamos lá, eu me propunha a encarar qualquer tipo de aventura, nós dois sozinhos ou tendo outra pessoa jogando com a gente, desde que sempre estivéssemos juntos e de acordo.

— O que queria que dissesse ao seu irmão, Lídia? — indagou Fernando, exasperado — Vamos trazer a sua irmãzinha aqui para que a foda na frente de todo mundo?

Não era sobre o Pedro, e ele sabia disso.

— Poderia ter me falado e não ter me deixado descobrir por essas fotos — avisei, magoada — Por aquela garota.

Não houve qualquer acordo verbal entre nós sobre não podermos ir até a casa de BDSM ou qualquer evento sozinhos, mas, para mim, isso estava implícito em nossa relação. Fernando sempre me dizia que eu era diferente, que o que tínhamos e vivíamos juntos era diferente.

— Foda-se a Suellen! — Fernando segurou os meus ombros, e meu corpo foi pressionado pelo dele contra a mesa — Dane-se a Paradise. Essas malditas fotos e todo o resto. O problema não é esse.

— Qual é o problema?

Eu precisava que ele me falasse. Que se abrisse comigo. Seu olhar angustiado me alertou que Fernando estava lidando com questões bem mais profundas do que eu imaginava.

Eu o conhecia há tanto tempo, mas às vezes sentia que parecia que ainda existiam camadas suas que não conseguia alcançar.

— Fernando? — murmurei baixinho antes que, após um urro angustiado, sua boca cobrisse a minha, em um beijo tão apaixonado quanto a raiva que, há pouco, esteve dominando nós dois, e nossas mãos frenéticas arrancassem as roupas um do outro.

Fernando afastou todos os objetos da mesa, jogando-os no chão enquanto o meu corpo em chamas conectava a minha mente a esse instante

de loucura.

Ele me deitou sobre a madeira lisa e encaixou minhas pernas em sua cintura. O estalido da calcinha de renda sendo rasgada repercutiu na sala, cujo único som vinha das nossas respirações aceleradas.

Nós precisávamos conversar, e ele usou a única coisa que conseguiria me calar por alguns momentos. A atração que sempre foi muito forte entre nós e a qual eu quase nunca conseguia resistir.

— Ah! — O gemido saiu com um grito de prazer, quando se enterrou dentro de mim.

Duro, forte, profundo. Dando-me mais prazer do que achava ser capaz de suportar.

Fechei os olhos, delirando com cada arremetida intensa, e ele se curvou sobre mim, voltando a me beijar. Fizemos isso durante todo o tempo que ele me tomou com luxúria e desejo. Suas estocadas, duras e profundas, em poucos minutos nos fizeram explodir em um prazer tão sublime que os nossos corpos sacudiram.

E como tem sido na maior parte de todas as nossas brigas e discussões, acabamos da mesma forma, pondo um final em tudo com sexo.

O que apenas trouxe de volta a mim todas as incertezas e inseguranças daquela garota de dezesseis anos. Talvez, se nossa relação fosse normal, sem mentiras, sem segredos, se tivesse iniciado de uma maneira comum, eu não colocasse tantas coisas em dúvidas. Ou, quem sabe, eu estivesse, assim como Fernando, depois de tantas pancadas da vida, com um medo gigante boicotando o que temos de felicidade.

Consegui segurar o choro, mas um soluço dolorido escapou do meu peito. O corpo dele enrijeceu sobre o meu.

— É sobre isso — Após algum tempo sobre mim em silêncio, ele se afastou — Sobre toda essa merda que estou falando.

Ele se sentou no outro canto da mesa, de costas para mim.

— Não quero mais isso, Lídia. E não posso continuar fazendo isso com você.

Procurei algo para me cobrir, e só encontrei sua camisa ao lado do meu corpo e a usei para cobrir os meus seios.

— O quê... — balbuciei, nervosa, e me sentei na mesa — Do que você está falando, Fernando?

— Não importa o caminho que seguimos, o resultado é o mesmo. No fim, acabo sempre a magoando.

Estava tão em choque e pega pela surpresa, que não sabia o que dizer.

O meu coração ficou apertado dentro do peito e as lágrimas começaram a encharcam os meus olhos.

— Fernando — Toquei suas costas nuas, mas isso só fez com que ele se recolhesse mais e se afastasse de mim.

Sentia-me perdida. Insegura e com aquela sensação de que havia algo errado que não conseguia ver.

Ele caminhou até a porta. Queria que me encarasse, que dissesse, olhando em meus olhos, se era isso mesmo o que sentia. Porque acho que era apenas um escudo.

— Lutei muito contra isso. Tentei com todas as minhas forças — Ele finalmente me encarou, e o que vi em seu olhar, a dor, mas acima de tudo a desistência, de nós, de mim, talvez dele mesmo, fez o meu peito lentamente começar a sagrar e doer — No fim, acho que sou mesmo um pouco como o meu pai, e a outra parte, a loucura dela.

Ele falava sobre Marta e a doença, que a fez, por boa parte da vida, tratar o próprio filho com distanciamento e indiferença. A mesma

enfermidade que, no fim de tudo, acabou os unindo, infelizmente tarde demais.

— Não é! — consegui dizer apressadamente, apesar do aperto em minha garganta.

Levantei-me, pouco me importando com o resto do meu corpo nu, eu sairia assim na rua se fosse preciso para contê-lo e impedir que falasse coisas como essas — Você não é, Fernando.

— Eu fiz uma promessa, Lídia — Ele me encarou, atordoado, sua dor trazendo a minha. Estávamos nos machucando quando sabíamos que não queríamos isso — E não falo sobre o Pedro ou os seus pais. Mas uma promessa que fiz a mim mesmo, há muitos anos.

Eu não queria ouvir. Não queria saber onde essa história toda irá dar.

— A única pessoa que eu jamais iria machucar no mundo é você. Mas eu fiz isso no passado. Faço agora. Faço com o que eu represento. Com o que não posso ser ou te oferecer.

— Fernando...

— Um cara normal. Uma vida normal. Tranquila e feliz.

Eu não desejava uma vida normal, não da forma que ele pensava. E eu amo cada parte dele, das escuras às mais claras. Das turbulentas às mais tranquilas. Eu o amo do jeito que é.

Mas tudo entre nós, desde o início, foi como uma montanha-russa. Voando alto demais, intenso demais e rápido demais.

Contudo, acreditava que só precisávamos ter um pouco mais de calma e tempo para que as coisas pudessem se resolver, de voltarmos a encaixar tudo.

— Essa era a única promessa que não poderia quebrar. Acho que minha mãe tinha razão, no fim. Homens como eu, como o meu pai...

Atraídos demais pela escuridão, devorando a luz.

— Só trazem dor e destruição.

Essa foi uma conversa que Fernando teve com Marta no hospital, há alguns anos. Mas a mãe dele estava errada naquele dia e ele está errado agora, em voltar a acreditar nisso.

— Está terminando comigo... — minha voz falhou e o soluço liberou o choro que mantive preso dentro de mim — Com o que nós temos, por causa de uma profecia completamente absurda de sua mãe doente?

— Não. Estou colocando um fim por quem eu sou. Mas principalmente por quem não quero me tornar para você. Eu não vou continuar a fazer da sua vida um inferno.

Eu não conseguia acreditar nessa justificativa dele, a de que vivíamos um relacionamento tóxico, que ele seja ruim para mim. Não podia negar que nos últimos meses estávamos enfrentando muitos problemas. Mas nada anulava ou era maior do que tínhamos quando estávamos juntos. Do que o amor que sentíamos. Não podia ser.

Se ele não conseguia enxergar isso, voltamos ao início. A àquele Fernando que entendia a grandiosidade e intensidade dos nossos sentimentos, mas acreditava que, cedo ou tarde, isso iria nos levar à ruína. Porque só conseguia enxergar o bem e o mal em linhas opostas, pois tudo o que ele viu na vida foram as trevas.

Achei que eu fosse a luz. Ele dizia que eu era a sua luz.

— Fernando? — Caminhei apressadamente até ele, deixando sua imagem borrada diante de meus olhos, embaçados pelas lágrimas, me guiarem — Isso é por causa dela? Suellen nos ameaçou de alguma maneira?

Seus olhos se desviaram dos meus. Esperei a resposta que me confirme que era exatamente isso. E contra esse fato, podíamos lutar. Mas

seus lábios permaneceram cerrados. O silêncio era atordoante.

— É melhor ficar longe, Lúdia — dizendo isso, ele se inclinou e beijou o topo da minha cabeça, fazendo o meu coração, que não conseguia aceitar que essa fosse a despedida, doer ainda mais.

E era como se, dentro de mim, minha própria chama estivesse se apagando.

— Acaba assim? — sussurrei, quando vi sua mão tocar e girar a maçaneta.

Todas as vezes que brigávamos, temia que o momento como esse pudesse chegar. Agora o via tão real, que a dor que me causava era paralisante.

— Nunca deveria ter começado — Foram as últimas palavras, antes de vê-lo abrir a porta e, diante do meu coração ferido, partir.

Tinha meus dedos fincados em sua camisa, que preendi em meu peito enquanto as minhas lágrimas pesadas caíam sobre ela.

Como chegamos até aqui?

Como tudo que tivemos de bonito acabou dessa forma?

Em transe, os olhos embaçados, a garganta seca e doendo, recolhi minhas roupas. As vesti de forma mecânica, como se cada osso em mim estivesse doendo tanto quanto o meu coração.

Sentia-me perdida.

Não podia ir para casa.

Também não queria aborrecer e ir até o *nonno*, se nem sabia o que dizer a ele.

Saí do prédio a passos lentos e peguei o primeiro táxi que consegui encontrar. Passei o endereço ao motorista sem nem mesmo pensar sobre isso.

— Nick? — Solucei assim que ele abriu a porta de sua suíte e me encarou com a devida surpresa — Ele foi embora. O Fernando me deixou, Nick. Acabou tudo.

Ainda não sei o que me levou a procurar o ruivo. Acho que porque era o mais próximo de Fernando, de mim, e que conhecia toda a sua vida sombria e a nossa história proibida.

Apenas sabia que podia me abrir com ele e tentar entender aquilo que achava que não conseguia mais enxergar.

— Vem aqui, querida — Fui puxada para os seus braços e ele me carregou para dentro — Vai ficar tudo bem. Fique calma e me conte tudo.

A primeira parte do seu pedido foi tão difícil quanto a segunda. Mas Nick foi paciente e esperou o momento certo para que me sentisse bem e pudesse contar o que aconteceu, mostrando que tomei a decisão certa em procurá-lo.

CAPÍTULO 19

FERNANDO

Eu nunca tive a intenção de conhecer o céu, porque sempre vivi no inferno. Mas ela me trouxe a luz, o calor, a sensação de caminhar sob as nuvens. A esperança. E agora tudo o que eu tinha novamente era a escuridão, e desta vez com um vazio ainda mais profundo.

Lídia não estava aqui. A minha razão dizia que fiz a coisa certa. De arrancá-la do meu mundo manchado. Das insanidades de Suellen, e o mais importante, de mim. Eu nunca quis machucar a Lídia, mas era tudo o que eu tinha feito, mesmo me empenhando a fazer o contrário.

Isso era uma grande merda, concluí, jogando sobre a mala uma das camisas que tirei do closet sem nem mesmo olhar. Ao lado dela, o meu celular tremia sobre o colchão.

— Onde você está, Fernando?

— Fazendo a mala. Pretendo ir para a fazenda amanhã logo cedo.

— É melhor adiar esses planos por um tempo e tirar esse rabo daí agora mesmo. Você não vai gostar de ouvir o que tenho para dizer.

Nick era o tempo todo tão debochado, que quando ele realmente falava sério, tornava-se um motivo para se preocupar.

— Lídia?

Só ela era capaz de me desestruturar e abalar o meu mundo. Então, quando Nick contou que ela estava em uma das festas do Aron e que a

noite de hoje envolveria um dos leilões beneficentes, tudo ao meu redor ficou preto.

Que inferno Lídia pensava que estava fazendo, comparecendo a um dos eventos de Aron Müller sem mim, se candidatar ao leilão em uma festa onde qualquer homem poderia ter direito sobre ela e exigir coisas que ela jamais ousaria sonhar.

Quando a tornei minha submissa, introduzi e ensinei muitas coisas à Lídia, experiências que sabia que ela conseguiria suportar e até mesmo gostar, como o Shibari, as técnicas com lâminas e velas, mas existia muito mais que a deixaria chocada.

Cheguei à Paradise em um tempo recorde.

— Fernando Brandão — avisei a uma das recepcionistas na porta, e nem aguardei que ela conferisse o meu nome na lista.

Assim que cheguei ao grande salão, ouvi Nick gritar um lance significativamente alto, e assim que me avistou, veio rapidamente me encontrar.

— Onde ela está? — praticamente rugiu a pergunta para ele.

Antes que me respondesse, a avistei no mini palco onde algumas garotas estavam sendo leiloadas.

Vestindo apenas uma camisola branca, absurdamente sexy, os cabelos presos em um rabo de cavalo que balançava a cada movimento seu, com apenas a máscara que tinha dado a ela em nossa primeira noite aqui, escondendo o seu rosto, e salto alto sedutores, Lídia era exibida a olhares sedentos como se fosse um troféu.

— Por que você só me disse que ela estava aqui agora, Nick?

— Porque eu não sabia que era ela, até há alguns minutos, quando perguntou por você.

— O Pedro a viu?

— Se viu não reconheceu, ainda — avisou ele, e juntos fizemos uma rápida olhada pelo local, encontrando Pedro dividindo sua atenção entre Natasha e a garota com que provavelmente passaria a noite.

Apesar de fazer suas doações, Pedro não se interessava e nem se animava a participar dos leilões.

— Então, aqui está Vênus — ouvi Aron dizer, virando-a em direção a ele. Segurou a mão de Lúdia, levando-a aos seus lábios para um rápido beijo galante — A nossa linda e nova joia foi conquistada por Torres.

— Porra! — sibilou Nick — Esqueci de dar o próximo lance.

Ao que entendia, ele estava disputando Lúdia no leilão até o momento que eu chegasse, e nossa discussão de poucos minutos o tinha tirado, definitivamente, dos lances.

— Venham buscar o seu belo prêmio.

Um inferno que o maldito Torres ou qualquer outro iria.

Enquanto caminhava furiosamente até o local, avistei Lúdia, nervosa, procurar por alguém. Seja lá o que tivesse passado em sua cabeça oca, o plano não tinha dado certo, e agora cabia a mim consertar essa grande merda.

— Não chegue perto dela, Torres — avisei quando ele estendeu a mão para Lúdia.

— Fernando — não sabia dizer se o sussurro vinha da surpresa em me ver ou do alívio.

— Eu posso saber o que você tem a ver com isso? — indagou o homem, assumindo um ar invocado.

Levei cinco segundos para analisar o idiota que acreditava que poderia me enfrentar. Tínhamos a mesma altura, e as semelhanças acabam aí. Torres era moreno, bem mais magro do que eu, e usava um

bigode ridículo. Eu esperava resolver as coisas com ele de forma amigável, até mesmo cobrindo o lance que tinha dado por Lídia, mas se preferisse brigar, comparando a minha massa muscular com a dele, ficava nítido a qualquer um quem estaria em desvantagem.

— Tudo — respondi, passando por ele, e após segurar a cintura de Lídia, a puxei para mim — Eu tenho tudo a ver com isso.

— Se você queria a garota, deveria ter entrado no leilão.

— Pago o dobro do que você ofertou.

E nem estava interessado em saber quanto tinha sido. Se necessário, venderia a fazenda inteira para cobrir a dívida, mas Lídia iria embora comigo.

— Não quero o seu dinheiro, não importa o que queira pagar.

— Então vamos ter um problema aqui.

Passei Lídia para trás de mim e fui em direção à Torres.

— Rapazes, não é dessa forma que resolvemos as coisas.

Nesse momento, além da atenção de Aron, também chamávamos as dos outros membros e do público convidado presente.

— Fernando, precisa ficar calmo — Lídia sussurrou atrás de mim, apoiando as mãos em minhas costas.

— Tire-a daqui, Nick — pedi, sem desviar o meu olhar duro de Torres.

— Eu não vou a...

— Vamos, querida — Ouvi Nick dizer em cima dos protestos dela, enquanto a puxava pelo braço — Não piore as coisas ainda mais.

— Essa noite você é minha! — Torres entrou no caminho deles, e quando tentou puxar Lídia pelos pulsos, o resto da minha calma, se é que ainda tinha, foi para os ares.

— Eu disse para não tocar nela!

No segundo seguinte, tudo virou uma grande bagunça, que logo se transformou em um verdadeiro caos. Torres, apesar de magro, tinha conhecimento de artes marciais, e não foi um oponente tão fácil como imaginei. Só a fúria que eu sentia, acumulada muito antes dessa noite, me transformava em uma fera desejando por sangue.

— Que porra é essa, Fernando? — indagou Pedro, furioso, conseguindo me imobilizar contra o seu corpo pelo pescoço, enquanto Aron mantinha um dos meus braços para trás — Pare com isso, ou vai levar esse homem para o cemitério em vez do hospital.

Sua última frase me fez olhar para onde Torres estava caído e muito machucado. Staffs da Paradise tentavam ajudá-lo a ficar de pé, mas o homem estava bastante ferido. Não que eu estivesse ileso, mas comparando nós dois, ele estava realmente muito ruim.

— É só uma garota, cara — Pedro me disse a última coisa que ele poderia me dizer — Eu nunca o vi assim.

Não era apenas a porra de uma garota.

Era Lídia.

A irmã dele, que quase foi entregue a um desconhecido em uma das festinhas que costumávamos frequentar.

— É melhor você tirá-lo daqui, Santini — Aron avisou em um tom duro — Eu vou ver como resolver essa merda. Mas você sabe que ações como essa não são toleradas no clube.

Eu podia ser expulso, merecia isso e não estava ligando nem um pouco.

— Cadê o Nick? — indaguei quando Pedro começou a me arrastar para fora.

— Sei lá. Eu o vi arrastando a garota para algum lugar. Agora cale essa boca e não pense em fazer mais nenhuma merda até sairmos daqui.

Explicar a Pedro o motivo do meu surto, significaria ter de contar a ele tudo o que aconteceu entre mim e sua irmã. Nós dois termos tido uma relação, bem debaixo do nariz dele, já era uma coisa complicada, descobrir que de alguma forma tinha colocado Lídia nessa situação o deixaria insano.

Então apenas o acompanhei para fora e enviei uma mensagem a Nick.

“Estamos indo para o hotel.”

Recebi a mensagem de volta.

— Estou de carro — avisei a Pedro, quando percebi que nos encaminhávamos para o esportivo dele.

— Cara, eu sei que esses últimos tempo tem sido difícil para você. A morte da sua mãe e tudo o que isso significa — disse ele, em um tom paciente, embora seu olhar quisesse me matar — Mas não pode fazer merdas como essas.

Olha quem me dava um conselho desses. Pedro era praticamente uma bomba-relógio, sempre pronta a explodir.

— Só entra na merda do carro e não me faça te obrigar a fazer isso. Depois mandamos pegar o seu carro.

Não tínhamos tempo e nem esse era um local para discussão, então apenas entrei no carro dele e acabamos em minha cobertura.

— Vá tomar um banho e se livrar dessas roupas destruídas — pediu ele — Vou procurar alguma coisa para cuidar desses ferimentos.

Só concordei em atender seu pedido, porque esses minutos sozinhos me dariam a chance de falar com Nick tranquilamente.

— Como ela está? — indaguei assim que a ligação foi atendida.

— Preocupada. Chateada. Confusa. Se culpando — ele respirou fundo — Se eu soubesse que você iria surtar, quebrar quase que o lugar

inteiro e levar um homem para o hospital, teria apenas vencido o leilão e a entregado a você.

Talvez ele realmente devesse ter feito isso. Acontece que quando se tratava de Lília, eu nunca conseguia ser racional.

— O Pedro ainda está com você?

— Lá embaixo, no apartamento.

— Vai dizer algo a ele?

— Acha que posso fazer isso agora, Nick?

Ficamos em silêncio. A resposta era óbvia.

— Não é uma boa ideia — disse ele — E... quer falar com ela?

O que eu queria era que Lília estivesse aqui, comigo. Mas parecia que quanto mais desejávamos isso, menos conseguíamos alcançar.

Ainda mais depois do que fui capaz de fazer hoje.

Eu quase tinha matado alguém essa noite.

E eu não conseguia conceber que Lília tivesse o mesmo destino que a minha mãe, uma pessoa completamente ferida e destruída por causa de um homem.

— É melhor não — disse enquanto um nó gigantesco se formava em minha garganta.

— E o que digo a ela, Fernando?

Droga. Não era certo jogar essa responsabilidade nas costas de Nick.

— Fernando? — A voz angustiada de Lília surgiu na ligação — Desculpe. Sei que tudo foi culpa minha. Não deveria ter ouvido o...

— Não, Lília — encostei minha testa no vidro gelado do box — Eu perdi o controle. E isso só prova que não posso ficar perto de você.

— Mas, nós... — o soluço escapou de seus lábios e veio como um som torturante em meu ouvido — nos amamos.

— E só temos nos ferido também. Isso começou errado e pode terminar ainda pior. Essa noite prova isso. Perdi o controle, e não sei o que posso fazer...

Com Suellen, se sua insanidade a levar a fazer algo que afetasse Lúdia. Com tudo o que nos colocava no meio desse furacão.

— Então adeus, Fernando — Era como ter uma navalha bem afiada sendo fincada em meu peito.

— Lúdia...

Não era assim que deveria acabar. Nem mesmo deveríamos chegar ao fim.

— Espero que saiba o que está fazendo, meu amigo.

Eu não sabia. Pela primeira vez, desde que deixei aquele garotinho perdido para trás, me vi tão confuso. Dividido entre o que eu sentia e o que acreditava ser o certo a fazer no momento.

— Cuida dela por mim, Nick, por favor — foi a última coisa que eu disse antes da ligação ser encerrada.

Talvez eu não agisse conscientemente como o meu pai, mas as minhas ações e escolhas acabavam sempre ferindo quem eu amava. E machucar Lúdia era como me ferir duas vezes.



Eu fiz a escolha certa. Era o que vinha me dizendo durante toda essa semana que ficamos separados.

Então por que fazer a escolha certa me machucava tanto?

Já não conhecia mais o que era ter uma noite tranquila de sono. O trabalho não era mais tão importante e nem conseguia manter a minha mente distraída. Tudo o que fiz foi vagar pelo meu apartamento, colhendo lembranças de nós dois, que apenas me machucavam mais.

Em cada canto que olhava, eu via o sorriso de Lídia. Eu escutava o som da sua voz pelos corredores, e por mais que fossem lavados, os lençóis, travesseiros e cobertas tinham o perfume dos cabelos dela. Achava que, na verdade, o perfume estava mesmo impregnado em mim.

Nunca me senti tão miserável, ao ponto da dor corroendo o meu peito ser intensa o suficiente para me sufocar. Vivia em guerra com o que acreditava, com o que o meu coração queria ter.

Ela.

Tentei anestesiá-lo com todas as garrafas de uísque no bar, mas não era o bastante para me fazer esquecer. Pelo contrário, o álcool potencializava as lembranças, tornando-as mais vívidas, e em consequência disso, a dor ficava mais profunda e visceral.

Eu fiz o certo em proteger Lídia.

E se eu não tiver feito?

Disse à Lídia acreditar existir um pouco da insanidade de minha mãe dentro de mim. Mas loucura mesmo, eu enfrentava agora sem ela.

Sem a minha única parte de luz.

Exausto, olhei para o meu copo vazio, pensando se outra dose de uísque me ajudaria a dormir. Seguir dessa maneira não era algo bom. Podia lutar para não me tornar uma cópia do meu pai, mas se permanecesse por esse caminho, o meu destino final seria uma clínica de recuperação.

Precisava ter o controle de volta.

Eu precisava ter...

Minha autoanálise torturante foi interrompida quando a campainha tocou.

Era ela?

Lídia teria engolido esse orgulho ferindo a nós dois e viera me procurar?

Estaria cansada do meu pedido para que ficássemos longe, disposta a me convencer o quanto estúpido eu fui?

Eu só precisava que ela dissesse apenas duas palavras, e toda essa merda que nos mantinha longe perderia a importância.

Estava cansado de lutar.

Cansado de viver no escuro.

Eu toquei o céu uma vez e precisava voltar para lá.

— Você está vivo? É um alívio imenso descobrir isso.

— É você, Nick — cumprimentei, desapontado, quando o vi passar por mim sem convite e entrar no apartamento.

— Queria que fosse a lindinha, né? Bom, deixa eu te lembrar. Você a mandou pastar.

Bati a porta com impaciência. Eu odiava quando Nick tinha razão, e o desgraçado sempre tinha razão em tudo.

— Mas ela não vai vir correndo, dessa vez — continuou ele, ignorando o fato de que não estava em meus melhores dias, mas o ruivo não recuava com cara feia — E eu disse a ela que foi a melhor decisão que poderia ter tomado.

— Você disse o quê?

Nos encaramos. O cretino sorriu e eu fechei os meus dedos com força, todo o resto do meu corpo também foi ficando rígido.

— O que você ouviu — Nick cruzou os braços e deu um olhar panorâmico por toda a sala.

Copos jogados, garrafas vazias. Caixas de pizza e outras embalagens de comidas prontas esquecidas pelos cantos.

— Cara, você não está bem. Olha esse grande chiqueiro onde está vivendo.

— Me conte uma novidade, Nick — retruquei, chutando da poltrona duas latas de cervejas amassadas.

— Que você é um grande babaca, Fernandinho? — provocou, me fazendo olhar feio para ele — Ah, mas isso não é nenhuma novidade.

Eu queria ser ainda mais cretino e arrancar, com meu punho, cada um dos dentes branquíssimos que ele exibia no seu sorriso debochado. Mas era o Nick, e por mais que odiasse as verdades que jogava sobre mim, sabia que, no fundo, as suas intenções eram as melhores.

— Se você veio até aqui para me dar um sermão, Nick, saiba que a mesma porta de entrada é a de saída.

Ninguém precisava me dizer o quão estúpido eu fui, o meu dilema era conseguir lidar com o fato de que tinha que continuar sendo, pelo bem dela.

— Você falou com sua psicóloga sobre isso? — questionou Nick.

— Mandeí um e-mail — respondi com um sorriso sarcástico.

— Está de sacanagem comigo, Fernando? Não fode, cara.

Eu já nasci completamente fodido.

— Ela está nos Estados Unidos, ok. Liguei, mas não tenho cabeça para ficar no telefone ou em chamadas de vídeo.

— Por que você não vai até lá? Aproveita e pega alguns dias para pensar se desistir de Lúcia é realmente o que quer.

— Fugir de novo? Você sabe o que aconteceu na última vez que fiz isso.

Acabei nos afastando mais e me envolvi com Suellen. Isso causou sofrimento à Lídia no passado, causa agora e com certeza fará o mesmo no futuro.

— Olha. Eu sei que tudo isso foi complicado. O que teve de lidar nos últimos anos, e principalmente nesses meses, não foi fácil. A doença da sua mãe, sua aproximação com ela. Tudo o que vocês não viveram e que não vão ter tempo de recuperar. A morte dela em seguida e o vazio que isso te traz. Além de, claro, essa maluca no seu pé.

— Eu achei que não, Nick, mas a Suellen pode ser perigosa.

Não tenho medo por mim, mas se levada pela insanidade, a garota fizesse algo contra Lídia, nem imagino do que seria capaz. Aliás, eu sabia bem do que era capaz.

Porque amar alguém como amo a Lídia, algumas vezes exige sacrificar a nós mesmos e o que sentimos, como a esperança de felicidade, para que a outra pessoa fique bem, mesmo que longe de nós.

— Eu entendo. Entendo de verdade, cara, mas tomar certas decisões, com a cabeça quente ou confusa, não vai ajudar em nada.

— É mais complicado do que você pensa. Como viver sabendo que você machuca ou pode machucar quem mais ama? Que estar ao lado dela a coloca em perigo?

Eu simplesmente não conseguia suportar que, por minha causa ou ações, ferissem a Lídia. Esse era o meu grande e maior conflito desde que me dei conta do tanto que a amava.

— Há coisas que não dá para controlar, Fernando — ele ocupou o sofá em frente a mim — Às vezes tomamos decisões erradas e elas nos trazem consequências. E às vezes é difícil viver com os resultados disso.

Enquanto ele me encarava com olhar sério, não via mais o Nick irônico e o piadista. Acho que era a primeira vez que o via em sua própria escuridão.

— Você sempre me perguntou o que eu tentava esconder por baixo de toda palhaçada e bom humor — suas mãos se uniram e os polegares se moveram um no outro, mostrando o quanto estava tenso e desconfortável em levantar o assunto — O que vou te contar agora talvez o ajude de alguma maneira.

Não sabia se o que Nick tinha para me dizer iria mudar as decisões que tomei, mas estava mais do que disposto a ouvi-lo e tentar compreendê-lo, como ele sempre fez comigo. Porque temos mais do que uma amizade aqui. Assim como Pedro, Nick era o irmão que não tive, mas gostaria de ter.

LÍDIA

Como em todos os dias desde que Nick me deixou em casa, vinha tentando encontrar forças para conseguir me levantar. Sair da cama tem sido algo muito difícil. Todas as horas que seguiam a isso eram muito difíceis.

A maior parte do tempo queria apenas continuar deitada e dormir, mas quando fechava os meus olhos, mesmo antes disso acontecer, ele estava lá, na minha mente. Com seu sorriso perfeito, a voz que com apenas um sussurrar tinha o poder de fazer minha pele arrepiar, o olhar, seja me devorando em momentos de paixão ou apenas me encarando com carinho, que fazia o meu corpo amolecer.

Seus sorrisos e risos.

Os seus toques queimando cada pedacinho da minha pele que seus dedos percorriam.

Eu escutava sua voz dentro do meu silêncio. Eu via os seus olhos cristalinos dentro da minha escuridão. Sentia sua presença, mesmo ele não estando aqui, ao meu lado.

Eu deveria ter raiva por, mais uma vez, Fernando me levar, nos levar, por esse caminho de mágoa e sofrimento. Por me transformar nessa versão apática que eu me tornei. Em vez disso, ainda o amava mais do eu gostaria.

A minha mente alternava entre todos os momentos perfeitos que tivemos juntos e aquele em que precisei aceitar que chegamos ao fim.

Não havia para onde fugir, não dessa vez. Sem Fernando, sentia-me como que jogada no meio do caos, perdida entre ruídos, em imagens desfocadas ao redor. Vivendo no mais intenso e agonizante purgatório. Era como se tivessem arrancado uma parte de mim. A ferida sangrando e machucando em meu peito não dava um segundo de descanso.

Sobrevivia, mas não vivia. Entendia a preciosidade da vida, mas a cada noite solitária, desejava a morte.

Dia após dia.

Minuto a minuto.

— Senhorita Lídia?

A batida e o chamado na porta do meu quarto me fizeram encolher na cama.

Olhei para o relógio. Não era nenhuma surpresa perceber que já tinha passado das três da tarde e eu continuava no mesmo lugar, na mesma posição de quando acordei. Nem mesmo o corpo dolorido me incomodava mais. A dor que trazia no coração era maior, mais intensa, mais cruel.

— Não estou com fome, Maria — sequei o meu rosto, respondendo ao chamado da empregada.

Provavelmente foi enviada pela governanta para me avisar que eu deveria lembrar de comer.

— Desculpe, senhorita — ela insistiu, parecendo receosa — É que tem visita.

Não queria ver ou falar com ninguém, as únicas pessoas com quem ainda interagia era Pedro, de quem buscava manter escondido o meu ânimo, e na maior parte do tempo, o *nonno*, com quem tenho falado apenas por telefone, alegando ter pegado uma virose que me impedia de ir visitá-lo ou receber visitas, uma mentira que não sabia por quanto tempo ainda conseguiria sustentar, e Nick, que sempre vinha me visitar, tentando me colocar para cima.

O ruivo me acalmava, uma grande parte das vezes. E os conselhos dele, para que eu tivesse paciência e desse o tempo necessário para que Fernando colocasse a cabeça no lugar, às vezes me dava esperança, mas assim que ele saía, o desespero voltava pela mesma porta.

Foram incontáveis as vezes que me vi pegando o telefone ou dirigindo até o apartamento de Fernando, sem nunca tomar coragem para entrar.

“Antes de fazer qualquer besteira, você me liga, lindinha.”

Foi lembrar desse pedido de Nick e realmente o procurar, que me impediram de confrontar Fernando e implorar, se fosse necessário, a nos dar outra chance.

Sim. O amor nos fazia idiotas. Porque a dor de estar sem ele era maior que o meu orgulho.

— Quem é, Maria?

Não podia fugir do *nonno*, mas hoje não me sentia capaz de lidar com mais ninguém, nem mesmo com Nick.

— É o senhor Fernando — a resposta saiu quase que inaudível, mas se tratando dele, acho que poderia ler os lábios dela até mesmo com a porta grossa mantendo seu rosto coberto — Digo que está indisposta, senhorita?

Fernando estava aqui!

Essa foi a única coisa que o meu coração acelerado conseguiu entender.

Ele estava aqui.

Não falava com ele desde a nossa conversa pelo celular de Nick. O momento que a minha vida ruiu mais uma vez. Sem telefonemas, mensagens, nada, apenas a terrível distância e o silêncio entre nós.

— Não! — avisei, sem fôlego — Eu vou recebê-lo.

Movi-me rapidamente pela cama, me enroscando ainda mais na coberta, em uma lamentável e cômica confusão entre os meus braços e pernas, que me levaram de cara no chão, felizmente sobre o carpete macio.

— A senhorita está bem?

Eu nunca estive tão péssima em toda a minha vida, mas como sua pergunta se referia a toda a confusão e barulho que fiz no quarto, apenas garanti que sim e pedi que ela dissesse que Fernando aguardasse alguns minutos.

Corri, ainda meio que desnorteada, até o banheiro. A imagem que vi no espelho me fez gemer. Segui rapidamente para o chuveiro. Não sabia afirmar se um banho de um minuto iria resolver, mas não podia sair do quarto sem ao menos isso.

Escovei os dentes, e enquanto procurava às cegas qualquer peça para me vestir, passava o pente nos cabelos, tentando tirar a maior parte possível dos nós. Maquiagem não era um privilégio que poderia contar agora.

Com a impaciência de Fernando, se demorasse mais ele seria capaz de subir, e não queria que comprovasse em meu quarto o quão miserável me senti nesses dias.

Quando me senti o mais apresentável possível, deixei o quarto, dando o melhor de mim para não tropeçar em minhas pernas trêmulas.

Parei alguns instantes no topo da escada, para me recompor, buscando equilíbrio, mas não foi uma ideia acertada. Daqui podia vê-lo, caminhando de um lado a outro da sala. Assim como eu estava, Fernando parecia tenso e ansioso.

Respirei fundo e obriguei-me a tomar coragem. Um passo de cada vez, e assim consegui avançar, com o coração na boca, mas seguindo em frente.

— Fernando? — apenas emiti um sussurro, mas ele me escutou ou apenas sentiu a minha presença, virando-se rapidamente.

Se eu estive mal todos esses dias, com Fernando, pelo menos fisicamente, via que não foi diferente. A barba estava impressionantemente maior, as olheiras abaixo dos olhos eram escuras e profundas, indicando noites mal dormidas, e os cabelos, sempre ajeitados, pareciam mais opacos e sem vida.

— Lídia — ele sussurrou o meu nome como se precisasse fazer isso para ter certeza de que eu estava mesmo aqui.

Eu não sabia exatamente como agir. A única coisa que eu queria era me jogar em seus braços. Estava reunindo toda força que ainda restava dentro de mim para não fazer exatamente isso.

Em vez de jorrar sobre ele todos os sentimentos gritando em meu peito, apenas indiquei com a mão um dos sofás, que ele ignorou. Decidimos, ambos, ficarmos em pé.

— Como você está? — Ele perguntou após alguns momentos angustiantes de silêncio, onde apenas nos encaramos.

— Quer que eu seja sincera?

Ele recuou ao ouvir isso. Não queria iniciar o nosso reencontro com uma nova discussão, mas não conseguia mais continuar fingindo que estava bem, para ninguém, muito menos para ele.

Estou sofrendo.

Estávamos sofrendo por algo que Fernando, a todo custo, queria evitar, mas que estava causando dor. A nós dois.

— Sei que não esperava me ver aqui e... — Ele caminhou, nos dando maior espaço, mas pensava que nem mesmo um muro até o céu conseguiria isso.

A nossa conexão estava além do que os olhos podiam ver. Ele sabia disso tanto quanto eu.

— Eu nem deveria, para ser sincero.

— Por que não?

— Lídia...

— Não me vem com Lídia! — encarei-o, agora furiosa.

E lá se foram todos os conselhos de Nick pela janela.

— Veja como estou. Como você está. Então, me diz se isso é realmente certo?

Ainda havia uma luta dentro dele, via pela forma que seu rosto ficava atormentado.

— Nunca disse que era o certo, mas que era o melhor a fazer no momento.

“Não adianta atacar as defesas dele. Precisa agir quando elas desarmarem.”

Precisava manter as palavras de Nick vívidas em minha cabeça, mas com Fernando aqui, tão perto, apenas ao erguer de minha mão, ser racional era muito difícil.

— Por que você veio, Fernando?

Saudade?

Não duvido.

Arrependimento pela decisão que tomou?

Pelo visto, ainda não.

Isso estava claro em sua expressão determinada.

— Eu vou viajar.

— Claro — Entre a frustração e raiva que a notícia me causava, eu sentia mágoa — Mentir e fugir é sempre a melhor saída, não é mesmo?

— É exatamente o contrário — ele murmurou e deu dois passos em minha direção.

Ele ergueu a mão na altura do meu rosto, e fechei os meus olhos, ansiosa por seu toque, que não chegou.

Voltei a abri-los enquanto ele refugiava as mãos nos bolsos de trás da calça. A tormenta em seu rosto provocava a minha.

Queria gritar com ele. Dizer o quanto estava sendo teimoso e idiota.

— Da outra vez, eu parti sem dizer nada e a magoei.

A viagem em si foi devido ao falecimento de Luca, mas o desejo de continuar na Itália, onde morei por aqueles dois anos, foi mesmo em parte por causa de Fernando, e outra porque Zia Nina precisava de mim. Mas mesmo que ela não precisasse, a decisão teria sido a mesma.

— Então é uma despedida?

— Não. Só preciso resolver algumas questões.

— Por quanto tempo?

— Alguns dias, uma semana, talvez mais.

Eu não sabia exatamente explicar por que, mas desta vez, sentia que essa viagem, apesar de me doer saber que realmente ele estaria longe, era necessária. Havia algo diferente da última vez que nos vimos, apesar de nada ter realmente mudado.

— Promete que vai se cuidar, Lídia?

Não era um pedido fácil de cumprir. Mas se fosse para voltar a sermos o que éramos, ao que tínhamos antes; não, uma versão melhorada e mais confiante de nós mesmos, faria o possível para continuar a me manter em pé.

— Eu vou tentar.

— Posso ligar ou... — observei, no seu tom de voz, na forma de me encarar, que ele estava despedaçado, eu também estava assim — Ou enviar um e-mail, quem sabe?

Um fio de esperança, certo?

Sentia um fio de esperança, ou talvez estivesse apenas me enganando e me agarrando a isso.

— Ficarei esperando.

Não apenas por uma ligação, uma mensagem no celular ou o maldito e-mail ao qual ele se referia, mas esperando Fernando lutar, destruir os seus demônios internos e voltar para casa. Esperar o tempo que fosse preciso, pois eu sabia, com toda certeza em meu coração, que nosso amor era forte demais, era algo que nunca iria conseguir matar dentro de mim.

Meus olhos já estavam marejados, quando ele se aproximou mais. Assim como fez em seu escritório, ele se aproximou para beijar minha

cabeça.

Minha mente dizia tenha calma, mas o meu coração se desesperava diante da despedida inevitável.

Então ele começou a ser afastar. Suas costas eram a única coisa que via através dos meus olhos embaçados. Tomando coragem, mandei tudo ao inferno.

— Fernando! — segurei firme o braço dele e o puxei para mim.

Ignorei o seu olhar chocado e apenas grudei a minha boca na sua, antes que tivesse a chance de me afastar. Mas Fernando não fez isso, pelo contrário, assim que nossas bocas se encontram, me prendeu mais apertado em seus braços fortes.

O gemido sofrido que escapou de seus lábios, contra os meus, era o mesmo que ecoava dentro de mim.

Era sempre assim. Isso era o máximo que conseguíamos ficar distantes quando estávamos perto demais. A atração nos puxava como ímãs. Ela era forte demais e nunca tivemos controle sobre ela.

Em instantes, nossas mãos estavam por todas as partes dos nossos corpos, e o beijo foi se tornando cada vez mais quente.

— Lídia... — ele murmurou fracamente, quando nos afastamos em busca de ar.

Aproveitei desse momento em que Fernando estava tão fraco quanto eu, e o empurrei para o sofá, subindo em seu colo.

— Por favor... — pedi, aflita, enquanto meus dedos corriam por seu peito sob a camisa, buscando avidamente abrir o cinto — Eu preciso disso. Preciso de você, Fernando.

Não apenas de sexo. De Fernando. Da nossa conexão, que me fazia sentir que havia sentido no mundo.

Seus lábios se separaram, as mãos agarraram forte a minha cintura. Sabia que iria me dizer algo, então o beijei outra vez. Esfregando-me nele, mostrando com meu corpo, trêmulo e faminto por seus toques, como precisava dele.

Minha insistência, ou o desejo que ele também era incapaz de controlar, me fez vencer essa batalha. A guerra ainda estava muito longe de ser ganha.

E eu aproveitei cada momento de sua rendição.

Acaricieei o seu membro rijo, fazendo-o gemer roucamente em meu ouvido, e foi o meu doce som da vitória, pelo menos nesse momento.

Ergui o vestido, e ele destruiu mais uma das minhas calcinhas, rasgando-a. Fernando tocou minha intimidade molhada, e eu fechei os olhos de puro prazer.

— Isso é loucura — murmurou ele.

Concordava com isso. Estávamos ambos no meio da sala. Qualquer pessoa poderia aparecer. Um dos empregados, o meu irmão... mas não importava.

Nada importava. Apenas nós dois.

— Ah... — ele buscou os meus lábios, abafando o gemido que soltei quando, em uma estocada profunda, ele entrou em mim.

Cada centímetro em minha pele ficou arrepiada, e quando começamos a nos mover juntos, buscando o prazer, as nossas mentes estavam desconectadas de tudo.

Era um momento nosso.

— Porra... — ele gemeu em meus lábios. Via em seu rosto contorcido e testa suada, que o mesmo prazer que ele me causava, também estava sentindo.

Pouco a pouco, a cada movimento lento, mas profundo, íamos nos aproximando do ápice. Forte. Intenso. De estremecer todas as nossas estruturas até o nirvana chegar. E ele veio de forma tão poderosa, tão gigantesca, que parecia que iríamos nos desmanchar. Nos tornar partículas. Fernando gozou dentro de mim, e eu gozei junto com ele.

Entendia que isso ainda não resolvia nada, mas não me arrependia de ter acontecido.

— Lídia — sua mão correu carinhosamente por minhas costas.

Eu beijei o seu pescoço e comecei a me afastar dele. Nos desencaxar causou um fremito de prazer que me fez desejar recomeçar tudo de novo. Nossos corpos falavam melhor que as nossas mentes.

Caí ao seu lado e ajeitei o vestido. Os seus olhos profundos estavam focados em mim e em cada movimento que eu fazia. Não conseguia ler em sua expressão tudo o que pensava, mas não via arrependimento nele.

Fernando quis e precisou disso tanto quanto eu.

— Eu... — minha voz foi interrompida pelo toque do seu telefone.

Ele olhou para o aparelho ainda dentro do bolso.

— É o Pedro. Marquei de vê-lo.

Não queria outra despedida carregada de lágrimas, cheia de tensão e de sofrimento para nenhum de nós. Então me levantei, afastando-me dele.

— É melhor atendê-lo — murmurei enquanto o nó em minha garganta ainda me permitia falar.

Ele vacilou, ponderou e finalmente fez o que eu disse.

A conversa foi breve, pelo menos o suficiente para que Fernando conseguisse me alcançar na escada. Ele segurou o meu braço, mas não tive forças para o encarar.

— Isso... — seu polegar fez uma leve carícia em meu braço, a voz parecia estar tão estrangulada quanto a minha — não foi um adeus, certo?

Fechei os meus olhos, as lágrimas caíam quentes pelo meu rosto. Mordi o lábio para segurar um gemido.

— Não depende mais de mim, Fernando.

Eu o amava, só que agora, mais do que nunca, compreendia que quando o tivesse de volta, desejava-o por inteiro.

Sem fantasmas. Sem medo. Sem culpa. E sem mentiras.

Quando sua mão quebrou o nosso contato, subi correndo as escadas.

E não olhei para trás.

Não era a memória dele saindo pela porta que queria guardar comigo.

CAPÍTULO 20

FERNANDO

Era impressionante como muitas vezes andamos e paramos exatamente no mesmo lugar. Ano passado estive exatamente aqui, na sala da Dra. Koshy, recebendo o sinal verde para encarar o mundo e os meus fantasmas.

Muitas coisas mudaram desde aquele dia. A minha relação com Lídia mudou e ao mesmo tempo continuava igual. Queríamos ficar juntos, mas não encontrávamos a forma correta de fazer isso acontecer. Quando derrubávamos um muro, outro mais alto ainda se erguia e nos afastava cada vez mais.

Qual tipo de tragédia estaríamos fadados a viver, se jogássemos tudo ao inferno e nos permitíssemos, de forma completamente egoísta e irracional, apenas seguir o que nossos corações desejavam?

Sempre tive a cabeça bastante fodida, precisava admitir, mas nesse momento, era o meu coração que estava me destruindo.

Não conseguia mais viver sem essa garota. Durante quase todo esse tempo que ficamos longe, as mensagens que trocávamos não eram suficientes para aplacar toda angústia e saudade que sentia dela. Mas não existia ninguém mais a quem eu devia culpar, a não ser a mim mesmo. Todas as decisões que tomei foram para proteger Lídia, mas não havia nada que eu pudesse fazer para conseguir mantê-la a salvo.

— A morte da sua mãe foi um gatilho, e todo restante acontecendo em volta fez aquele velho Fernando ressurgir? — O tom, extremamente calmo, soava como uma cutucada.

— Se eu tivesse ficado ao lado dela desde o início? Se eu tivesse visto que não era apenas indiferença e maldade...

Mas tudo causado em consequência de sua instabilidade emocional.

— Ela ainda teria ficado doente.

— Sim, mas...

— Não estou aqui para dar as respostas que procura, mas ajudar a saber onde poderá encontrá-las. Mas posso te afirmar algo importante — ela se inclinou levemente em minha direção — Você tem de entender que a vida não se submete a você. Ela não se deixa ser dominada.

Eu não podia controlar tudo e nem a todos de acordo com o que eu desejava.

— Em relação às pessoas, ninguém é completamente maldade ou apenas bondade, Fernando. Todos nós temos esses dois lados dentro da gente. O bem e o mau. A diferença é qual lado queremos caminhar, na luz ou nas trevas?

Eu andei pela escuridão por muito tempo. Foi Lúdia quem quebrou as correntes que me aprisionavam e escancarou as portas, trazendo claridade para o meu mundo.

— Não é uma questão de merecimento. Sabe, a felicidade? — Ela ajeitou os óculos, e seu olhar analítico parecia conseguir desvendar a minha alma — Nunca foi questão de merecimento. Não importa como foram os seus pais, como trataram você, no que eles o fizeram acreditar, durante toda a sua vida, que merecia e você tenha aceitado como verdade. Nada do que foi dito define quem você é. Porque apenas você

pode determinar quem quer ser. São suas escolhas que o levam a esse caminho.

— E quando essas escolhas machucam quem eu amo?

— Você quer machucar as pessoas que ama?

— Não. Toda a minha luta é justamente contra isso. Só existe uma coisa que me aterroriza do que qualquer coisa no mundo...

Respirei fundo.

— Magoar a Lídia — ela concluiu por mim, colocando o bloco de notas e a caneta no banco ao seu lado — Mas você é responsável apenas por você. Vamos falar da Suellen. Você acredita que ela possa fazer algum mal à Lídia, se vocês seguirem com a relação, por isso está aqui agora, certo?

Não exatamente, mas confesso que a perseguição da minha ex-submissa e a dor que isso causava à Lídia tiveram um grande peso no pedido de darmos um tempo.

— Em partes, talvez — assumi logo de uma vez, precisava ser honesto, pelo menos aqui, comigo mesmo e com a doutora —, Suellen e suas loucuras tiveram uma grande importância.

— E se nesse momento que estamos conversando, essa garota, sua... — ela ajustou os óculos mais uma vez, e pelo visto, algo deixava minha competente médica desconfortável — ...submissa.

— Ex...

— Bom, se nesse momento, enquanto conversamos, ela procurar Lídia? Se as duas se desentenderem e...

— Não continue, doutora — avisei em um tom firme.

Ainda conseguia lidar com o fato de estarmos separados, porque sabia que Lídia estava bem e segura. Tinha um segurança vigiando os passos de Suellen sempre que ela deixava o prédio dela. Desde que vim

para os EUA, não existiu nenhuma tentativa dela de se aproximar da minha menina, fisicamente ou por telefone. Eu perderia completamente a minha sanidade em um mundo onde Lídia não estivesse presente.

Ela precisava estar bem, nem que eu apenas pudesse vê-la de longe.

— Ok. Um acidente, talvez?

Gemi no lugar. A sessão não estava sendo nada fácil hoje.

— A sua intenção é me deixar maluco? Porque, se continuar por esse caminho, irá conseguir.

— O que quero é que veja que não há controle. Não de tudo. Nem das pessoas ou da nossa própria vida.

Por isso que sempre tive a maior parte das minhas energias voltadas para o sexo. Nele sou dono de mim. Tudo acontecia exatamente como eu queria.

— Você acha que não pensei nisso, doutora? Tudo o que tenho feito nesses malditos dias é pensar sobre isso. Não é o que eu não posso controlar que me paralisa, mas o resultado das escolhas que faço.

— Ainda assim, não está em suas mãos. Exatamente, nada. Só dá para tentar tomar as melhores decisões e lidar com elas. Nesse caminho você pode se permitir a ser feliz ou se entregar à infelicidade. Mas a felicidade total, a segurança, a certeza de tudo, elas não existem, Fernando. É o ideal que todos buscamos, mas impossível de alcançar. Porque as pessoas erram, elas morrem, nos desapontam e vão embora, não é mesmo?

Ficar longe de Lídia nos fez infelizes em todas as tentativas. Tê-la comigo me trazia paz, assim como os riscos em feri-la, e isso me machucaria ainda mais.

— Você precisa ser mais forte que seus monstros internos, Fernando. É a única coisa que pode e deve tentar controlar.

Sabia que a Dra. Koshy estava certa em suas observações, em cada sessão que vinha, assim como Nick esteve certo quando comuniquei a ele sobre a minha viagem. Até eu mesmo já sabia disso, mas precisei experimentar outra vez a dor atroz que a ausência de Lídia me causava, para finalmente tomar a minha decisão.

— Eu vou voltar ao Brasil! — afirmei, decidido, enquanto começava a me levantar do divã — Obrigado novamente, doutora.

Nos despedimos, ela ressaltou que deveríamos continuar as sessões, mesmo por vídeo chamada pelo menos, até que todo esse turbilhão em minha vida fosse resolvido.

Realmente, a morte de minha mãe mexeu com minha mente mais do que acreditei que aconteceria, fazendo-me novamente recuar.

Mas tudo estava novamente claro agora.

Dentro do táxi, e enquanto o motorista dirigia de volta ao meu apartamento, verifiquei nas companhias aéreas os voos com destino ao Brasil. Reservei a passagem do mais próximo.

Quando cheguei ao quarto, joguei a mala sobre a cama, limitando-me a colocar dentro dela apenas as roupas que estavam dentro do closet. Tinha duas horas para chegar ao aeroporto, e na tarde seguinte estaria aterrissando em São Paulo.

— Estou voltando, Lídia — prometi, pegando a mala, saindo do apartamento sem olhar para trás.

E dessa vez, nada do que acontecesse me faria ficar longe dela.

LÍDIA

Esfreguei o vidro com força novamente, não que precisasse disso, já estava reluzindo o suficiente para ser usado como espelho. Na verdade, achava que fazia isso como forma de descarregar minhas energias e frustração.

— Oh, garota? Quantas vezes você vai esfregar isso aí? — indagou Nick, surgindo de seu quarto na suíte do hotel — Já limpou mais de cinco vezes em menos de uma hora.

— Eu vi uma manchinha aqui... — Antes que eu concluísse, ele tirou o pano e o produto de limpeza de minhas mãos.

Tenho dividido o meu tempo fazendo muitas visitas ao *nonno* e ao Nick. Ficar em casa, além de solitário, dava margens para que eu cultivasse pensamentos que não devia ter, como mandar tudo ao inferno e procurar Fernando nos Estados Unidos, seja lá onde ele estivesse se enfiado há mais de um mês.

— Ok — Nick colocou os utensílios de limpeza sobre o balcão do bar e pegou a minha mão, levando-me até o sofá, onde nos acomodamos — O que está deixando-a mais agitada do que o normal?

Nick tem sido um bom amigo. Seus conselhos e insistência para que eu tivesse paciência eram algumas das razões para manter minha sanidade mental. Isso porque não tinha muitas pessoas para quem contar o motivo da minha tristeza diária.

Tinha o Diogo, pessoa de quem me aproximei bastante nas últimas semanas, mas evitava falar de Fernando com ele.

— Ele ligou para você hoje?

— Ainda não. Aconteceu algo que eu não saiba? Vocês não brigaram...

— Não. Nós não brigamos.

Tudo o que recebia de Fernando eram mensagens, dizendo como foi o seu dia. Às vezes ele me mandava fotos de lugares bonitos que visitava, como parques, praias, museus, e pedia que eu descrevesse o meu dia. Ninguém se arriscava a levantar o ponto que levou à nossa separação e nem mesmo se voltaríamos a ficar juntos algum dia.

Éramos como se fôssemos velhos amigos separados por uma grande distância geográfica, se recusando a quebrar os laços que nos uniam. Como se deixássemos encubados nossos sentimentos verdadeiros.

— Ele só me manda mensagens, fotos, às vezes mensagens de voz — soltei um suspiro sofrido.

Eu não sabia dizer se era pior não ter nenhuma notícia sobre ele ou me torturar com essas pequenas doses de angústia.

— Não estou mais aguentando isso, Nick. E já faz três dias que não recebo qualquer notícia dele. Tem certeza de que ele não te disse nada?

E se Fernando tivesse ido a algum dos clubes da Paradise? Se ele tivesse conhecido alguém? Se realmente todo esse tempo longe estivesse começando a diminuir seus sentimentos por mim?

— Respira fundo, lindinha. Eu tenho poucas certezas na vida, mas uma delas é que aquele cara é louco por você.

Era ao que tinha tentado me agarrar durante todos esses dias, mas cada vez ficava mais difícil confiar nisso.

— Vou esperar até o evento do Pedro. Se Fernando não retornar, eu vou até ele, e terá que me dizer, olhando nos meus olhos, se quer ficar comigo ou não.

E não podia mais continuar vivendo nessa indecisão. Com o coração na boca sempre que o meu telefone tocava ou uma porta era aberta.

— Se é isso o que o seu coração quer — Nick me puxou para um abraço, e eu permiti que minhas lágrimas viessem, enquanto escondia o meu rosto em seu peito — Faz o que ele deseja, lindinha.

Fiquei com Nick mais um tempo, pelo menos até me ver calma o suficiente para voltar para casa. Não queria prendê-lo mais, sabia que deveria ter seus compromissos amorosos, e já abusei o suficiente.

Só que não queria ir para casa, e do jeito que estava, também não desejava preocupar o *nonno*, indo até o restaurante.

Ao sair do elevador, retirei o telefone da bolsa, pensando em ligar para Zia Nina ou Rafaela, e então me recordei que conversei com as duas no dia anterior. Não queria preocupá-las, mas eu tinha um sentimento tão estranho no peito. Uma espécie de premonição de que algo muito ruim estava próximo a surgir.

Desfiz-me desses maus pensamentos, e quando estava prestes a guardar o celular na bolsa de novo, ele tocou.

— Diogo?

Nosso primeiro contato do ano aconteceu quando estive na S.A., procurando Pedro. Diogo me convenceu a ir com ele a uma cafeteria próximo à empresa. Foi um momento agradável, ele era divertido e descaradamente galanteador. Pelo menos, por um tempo, suas tentativas em me fazer rir surtiram efeito.

Cheguei a ir com ele em dois eventos de negócios relacionados à Santini. Eu embarcava no papel de socialite afetada, pousando para as fotos, enquanto ele fazia o dele de executivo sério. Mas foram apenas alguns momentos de distração, quando eu chegava em casa, o vazio e a falta que Fernando me fazia levavam-me a dormir soluçando, chamando por ele.

— Oi, Lúdia. Estava pensando se você gostaria de sair para jantar?

Pensei em todas as alternativas anteriores, e que em casa só teria o meu quarto e um travesseiro que cansei de molhar com minhas lágrimas.

Por que não?

Diogo era um bom amigo. Gostava do tempo que passava com ele.

— Olha, estou no hotel do Nick. Pode ser aqui?

— Claro, chego aí em menos de uma hora.

— Combinado, então.

Depois de encerrarmos a ligação, fui ao restaurante pedir para reservar uma mesa, e já que precisava esperar por Diogo, resolvi entrar em algumas lojas que tinha no hotel para passar o tempo. Comprei uma saia nova, uma pulseira que gostei bastante, e quinze minutos antes do horário marcado, segui para o restaurante.

— Por aqui, senhorita — indicou a hostess, e quando comecei a segui-la, o meu telefone tocou.

A ligação não identificada fez aquela estranha sensação ressurgir. Meu sexto sentido dizia que não deveria atender, e até ignorei a chamada insistente por algum tempo.

Era um erro fazer isso, a minha mente acusava, mas, ainda assim, atendi.

— Alô.

CAPÍTULO 21

FERNANDO

Acreditei que a conversa que tive em meu escritório com Suellen, na presença de meu advogado, surtiria efeito. Mas no dia seguinte, pronto a iniciar uma nova etapa em minha vida, recebi as mensagens que provavam que as coisas não seriam tão fáceis como imaginei.

Inicialmente, decidi ignorá-las e cheguei a deletar a maioria sem ao menos ler. Eram pedidos de Suellen, implorando que eu fosse ao seu apartamento. Mas ela não precisava de mim, como dizia. O que Suellen realmente necessitava era ajuda psicológica.

Os torpedos seguiram aborrecidamente insistentes, e estava pronto para bloquear o número, algo que deveria ter feito desde o início, quando o último me chamou a atenção.

Era uma clara ameaça de suicídio.

Sim, eu sabia que poderia ser apenas mais uma de suas tentativas desesperadas de me atrair e tentar me manipular, mas não descartava que a maluca, para chamar a minha atenção, realmente fizesse uma loucura. E eu já tinha merda demais em minha cabeça para ter que carregar sob os meus ombros a morte de alguém. Contudo, o que me levou mesmo a tomar essa decisão de atender a chantagem foi outra razão.

— Senhor Brandão? — ouvi a voz do meu advogado meio minuto após ter realizado a chamada — Deixe-me adivinhar. Aquela jovem ainda está dando problema?

— Eu acho que dessa vez é a solução, Brito. Você pode me encontrar em alguns minutos? Vou passar o endereço e ir explicando no caminho.

— Claro que sim.

Antes de sair, enviei uma mensagem à Suellen, avisando que eu estava a caminho do apartamento dela. E enquanto dirigia, mantendo o máximo de cuidado na estrada, relatei ao advogado tudo o que aconteceu. Ele afirmou que havia uma chance de meu plano realmente dar certo.

Chegamos ao prédio de Suellen praticamente juntos. Um carro de ambulância, que solicitei assim que saí de casa, também já está aguardando nossas orientações.

— Você está pronto? — indagou o advogado, colocando uma das mãos em meu ombro.

Apenas assenti e seguimos para o apartamento de Suellen.

Ela ficou radiante ao me ver chegar, mas quando percebeu que havia mais pessoas comigo, principalmente os enfermeiros, conseguiu fugir para o banheiro em uma crise histérica.

Levou mais de uma hora para que eu finalmente conseguisse convencê-la a sair de lá. Suellen praticamente saltou em meu colo e grudou no meu pescoço quando abriu a porta. Só havia um jeito de levá-la à clínica: precisava ir junto.

— A quantidade de comprimidos que ela ingeriu e o tipo de medicamento que ingeriu — esclareceu o médico que seria responsável por atendê-la na clínica, atualizando-me de seu quadro antes que eu pudesse finalmente ir embora —, não causará nada mais que um desconforto estomacal. Para todos os efeitos, fizemos uma lavagem gástrica.

— Então, era apenas uma forma de chamar a minha atenção, como imaginei?

— Não posso afirmar isso sem uma avaliação psicológica. O senhor é parente da cliente?

— Não.

— Há alguém da família que eu possa conversar?

As investigações do detetive deram em apenas uma pessoa.

— A irmã, mas as duas parecem não se dar muito bem. Pelo que fui informado, as duas não se falam há alguns anos.

— Vamos entrar em contato, de qualquer forma. Ter um histórico familiar ajuda bastante.

— O meu advogado irá cuidar de tudo o que for preciso para a internação.

Ele concordou e indicou a funcionária para quem o Dr. Brito deveria se dirigir.

— Fique tranquilo, Fernando — disse o advogado enquanto me acompanhava até a saída — O que temos é suficiente para convencer o juiz de que a garota é um risco para os outros como para si mesma. Não irá vê-la tão cedo.

— Eu espero não precisar vê-la nunca mais, Dr. Brito.

Assim que saí da clínica e consegui relaxar no interior do meu carro, abri a primeiras mensagens de Lúdia, que perguntava onde eu estava. Com toda essa confusão, não consegui respondê-la. Além disso, não dava para explicar por telefone que estava de volta ao Brasil, e em vez de ir procurá-la, como deveria ter feito desde que cheguei, eu estava com Suellen

Conhecia Lúdia muito bem. O ciúme não a deixaria enxergar que o que fiz foi necessário para que finalmente tirasse a jovem,

definitivamente, do nosso caminho.

Respondi a mensagem, dizendo que estava indo buscá-la. Preferia que tivéssemos essa conversa em meu apartamento, sem a chance de alguém surgir para nos interromper.

Nenhuma resposta foi enviada de volta, até chegar à sua casa.

O quarto estava completamente vazio. Procurei em cada cômodo da casa, mas também não a encontrei em parte alguma. Busquei em meu telefone, para ver se havia alguma resposta dela nas mensagens.

“Onde você está?”

“Por favor, me liga.”

“O que está acontecendo?”

“Fernando, você está aqui?”

“Você está aqui?”

A última mensagem me inquietou.

— Talvez ela tenha ido para o apartamento — balbuciei, tentando convencer a mim mesmo.

Cheguei em um tempo recorde, e constatei que a tentativa foi igualmente frustrada. Só havia mais um local que imaginava onde Lídia pudesse estar, na casa do *nonno*. Era para ele que sempre corria quando ela achava que precisava de ajuda.

Foi Oberto quem me recebeu no restaurante, e para o meu desespero, avisou que, apesar de Lídia ter ligado para o avô, não tinha feito nenhuma visita.

— O que aconteceu, Fernando? — Seu olhar muito crítico só não me fez encolher porque minha preocupação com minha menina era maior — O que você fez a ela?

— Escuta, Oberto, eu não posso explicar nada agora, preciso saber onde a Lídia está.

Se existia o dedo de Suellen, como começava a ter certeza, Lídia estaria arrasada em algum lugar, acreditando que eu tinha retomado a relação de Dom e submissa com outra.

— Vou tentar ligar para ela — disse ele antes de se afastar para realizar a ligação — Talvez não queira falar com você, mas comigo ela fale.

Concordei e aguardei, andando de um lado a outro, extremamente nervoso. Quinze minutos depois e várias tentativas frustradas, finalmente desistimos.

— Eu vou para a mansão — avisou Oberto, agora igualmente preocupado, como eu — A casa é enorme e talvez você não tenha visto direito.

Lídia não era de ter comportamentos assim. Algo realmente preocupante havia acontecido com ela.

— E eu vou para a delegacia — avisei a ele.

— Por enquanto, não vamos dizer nada ao meu pai e ao Pedro — pediu Oberto.

Eu não gostava de ter que esconder algo tão importante para nenhum dos dois, mas era obrigado a concordar que o tio de Lídia tinha razão. Até que o desaparecimento de Lídia fosse considerado oficial, colocar o avô dela, um senhor de saúde frágil, e Pedro, completamente protetor, na jogada, só causaria mais alarde e confusão.

Talvez ela só tivesse saído para espairecer a cabeça e retornasse logo.

Sem mais demoras, seguimos os nossos caminhos. Na delegacia, pediram que eu abrisse um boletim de ocorrência e que aguardasse. O que fiz impacientemente, até Oberto chegar avisando que sua procura

também não dera em nada. Quase uma hora depois e várias ligações nossas sem nenhuma resposta de Lídia, o delegado nos chamou.

Enquanto passava a ele todas as informações necessárias, recebi uma ligação de Nick que não pude atender, seguido de uma mensagem pedindo que entrasse em contato assim que eu pudesse.

Apenas Nick sabia que eu estava de volta à cidade e, com certeza, queria me dar novos conselhos a respeito disso.

— Faremos o possível diante de todas as informações que nos deram — disse o delegado assim que saímos da sala dele — Mas estamos com falta de viaturas e a procura pode não ser tão rápida como gostaríamos.

Os minutos foram passando depressa, e cada segundo deles fui ficando em um estado de profunda agonia. Nunca senti tanto medo antes, e o desespero foi aumentando.

— Eu acho que... — Oberto pigarreou, limpando a garganta. Ele tentava se manter firme, mas o medo nele era tão visível quanto em mim — Acho que está na hora de avisar o meu sobrinho.

Embora eu não quisesse levar essa notícia ao meu amigo, sem qualquer sinal de Lídia que pudesse nos reconfortar, o tio deles, outra vez, estava com razão, já fazia tempo suficiente que ela estava desaparecida. Lídia nunca ficaria tanto tempo sem dar notícias, deixando a todos nós preocupados por um capricho. Alguma coisa estava acontecendo, e pensar nisso me deixava maluco.

— Eu vou fazer isso — avisei a ele.

Oberto concordou, agradecido, e eu fui para a saída da delegacia, procurando um local onde pudesse ter mais silêncio e tranquilidade para fazer a ligação, mas antes disso, tentei mais uma vez ligar para ela.

— O que você quer? — A resposta imediata e notoriamente ríspida, inicialmente me deixou paralisado.

— Lídia! — chamei, exasperado, apoiando minhas costas contra a parede — Meu Deus, Lídia, onde você está?

Ao mesmo tempo que sentia alívio em ouvir a sua voz, parte de mim começava a ficar furiosa.

— Você se importa mesmo, Fernando?

— O quê? Que merda é essa que está falando?

Claro que eu me importava com ela. Esses últimos minutos, sem saber onde estava e como estavam, quase me mataram de preocupação.

— Quando você voltou ao Brasil?

Droga. Lídia sabia, e eu temia a forma com que a notícia foi dada a ela.

— Escuta, querida...

— Você não pode responder, porque em uma única vez em sua vida — eu não gostava de notar a mágoa em suas palavras, nem como a sua voz parecia sair —, consegue ser honesto?

Sua acusação me pegou no ponto certo, mas eu não queria alimentar essa discussão com trocas de acusações sem sentido.

— Lídia, a gente precisa conversar.

Quando eu explicasse tudo, ela iria entender que só agi assim para o nosso bem.

— Se você me ouvir... Precisa confiar em mim.

— Confiar? Como vou confiar, se a cada lágrima que aquela garota derrama, você corre até ela?

— Não é...

— Não posso mais lidar com isso — A dor que sentia em sua voz causou um nó sufocante em minha garganta — Eu não consigo.

A ligação foi encerrada antes que eu pudesse implorar para que ela tivesse calma. Todas que fiz em seguida caíram diretamente na caixa de mensagem.

— Então? — Oberto surgiu atrás de mim — Como foi a reação do Pedro? Vai pegar o primeiro avião e correr para cá, certo?

No momento, Pedro estava na Itália, cuidando dos detalhes para a entrada da S.A na Fórmula 1.

— Não falei com ele.

— Mas, Fernando...

— Já tive notícias de Lília! Acabei de falar com ela por telefone.

— Falou com ela? E como Lília está? Onde a garota se meteu? O que está acontecendo, Fernando?

— Tivemos uma discussão. Eu não sei onde ela está, Oberto. Aparentemente bem, mas eu não. Preciso fazer uma ligação. Avise ao delegado que ela ligou, mas que ainda precisa seguir com a procura.

Assim que ele retornou à delegacia, liguei para Nick. Ele confirmou as minhas suspeitas de que Lília tinha conseguido a confirmação do meu retorno ao Brasil através dele, mas que não tinha nenhuma informação de onde ela se encontrava ou o que tinha acontecido depois.

Informei a ele onde estava, e Nick avisou que viria ao meu encontro.

Nick chegou quando Oberto e eu saíamos novamente da sala do delegado. As orientações eram as mesmas, eles continuariam averiguando e deveríamos passar qualquer informação nova que surgisse.

— O que fazemos agora? — indagou Oberto.

— Acho melhor você voltar para casa. Quem sabe Lídia decida ir ver o avô em algum momento. Nick e eu vamos voltar à casa dela e tentar falar com ela outra vez.

— Seja lá o que você fez à minha sobrinha, Fernando — Oberto me encarou com olhar duro —, acho bom você consertar isso logo.

— Eu vou.

Já passamos por coisas demais, para que eu permitisse que esse mal-entendido separasse a gente.

— Por enquanto, não vou dizer nada ao meu pai. Ele não aguentaria passar por esse baque — avisou ele — Vocês, encontrem alguma maneira de dizer isso ao Pedro.

Aguardamos Oberto sair, depois fomos para o meu carro. Afortunadamente, Nick tinha vindo de táxi, então pudemos seguir juntos para a casa de Lídia.

As horas foram passando. Chegamos a ir ao meu apartamento, ao hotel de Nick e retornamos à casa dos Santini.

Tanto Nick quanto eu fizemos incansáveis tentativas de falar com ela, sem sucesso algum. Até no apartamento de Júlio bati, mas ele também não teve qualquer contato com ela.

— Não é melhor sairmos e procurá-la mais?

— Nessa cidade gigantesca? — indagou Nick, abrindo os braços para explicar como minha sugestão parecia absurda — Seria como procurar uma agulha no palheiro. É melhor falar com o Pedro. Ele conhece bem a irmã e pode ter alguma ideia de onde ela possa ter se metido.

— Tudo bem.

De qualquer forma, Pedro precisava ser comunicado do ocorrido. Ele ficaria muito furioso, e com razão, ao saber que levamos tempo

demais para comunicar o ocorrido.

No instante que Nick buscou o celular dele para fazer a ligação, o meu começou a tocar em meu bolso. Apesar de não ter identificado o número de imediato, atendi rapidamente, pensando que pudesse ser Lília.

— Fernando? — A voz do outro lado da linha era irritantemente reconhecível — Aqui é o Diogo.

Meus dentes trincaram. Diogo era a última pessoa com quem queria conversar nesse momento.

— Desculpe, mas eu não posso atender...

— Espere! Não desliga — ele pediu rapidamente — É sobre a Lília.

Meu coração disparou e perdi o foco de tudo ao meu redor por alguns segundos.

— Lília? Sabe onde ela está? O que você fez com ela, Diogo?

Ele levou um tempo longo demais para responder a minha inquisição, e vi a indagação surgir no rosto de Nick. Para a sorte de Diogo, não estávamos frente a frente, ou meu punho acertaria seu rosto desprezível mais uma vez.

— Sei que não fiz nada além de ajudá-la, algo que você não foi capaz, preciso lembrar.

Ignorei a provocação por um momento, apenas buscar Lília e levá-la para casa me importava. A minha desavença com Diogo resolveria depois.

— Onde ela está?

— Em meu apartamento.

A resposta, por um instante, me deixou desnorteado.

— O quê?

— Ela está bem. Ouça... — houve uma pausa, e a ligação ficou muda.

— Diogo? — praticamente gritei ao telefone — Diogo!

— Acho que ela está acordando — ele retornou, falando rapidamente — Vou passar a localização, se quiser buscá-la é melhor que venha logo, Fernando.

Foi tudo o que me disse antes da ligação ser interrompida. Encarei o celular, ainda com minha mente confusa.

O que Lúdia estaria fazendo no apartamento do Diogo?

Corrigindo; justamente no apartamento do Diogo.

Raiva e ciúme cegos queriam me dominar, mas o pouco de racionalidade em minha mente avisava que eu precisava agir com ponderação. Assim como a minha ida inevitável ao apartamento de Suellen, com toda certeza, Lúdia teria uma explicação plausível para estar com Diogo.

— Preciso ir buscá-la imediatamente, Nick. Atualizo você de tudo depois.

Diogo disse que Lúdia estava segura, e para o bem dele, era melhor que realmente estivesse. Eu só conseguiria respirar aliviado quando a tivesse comigo.

— De jeito nenhum. Quero ver com os meus próprios olhos que a lindinha está mesmo bem.

— Alguém precisa avisar ao Oberto e ao delegado.

— Vou avisar ao tio dela, e ele se encarregará de comunicar à polícia — disse Nick.

Concordei. Seria bom ter alguém ao meu lado com a mente um pouco mais fria, como Nick, caso as coisas esquentassem mais do que o

previsto. Eu não suportava o Diogo, nunca gostei, para falar a verdade. Existia algo nele que me incomodava.

Quando chegamos ao carro, coloquei o endereço que Diogo enviou no GPS e dirigi o mais rápido possível. O prédio dele ficava em uma boa área da cidade, constatei assim que chegamos ao local. Mas não era o momento para o meu lado empresarial do setor imobiliário refletir sobre isso, precisava ver Lúdia urgentemente.

— Por que Lúdia está lá?

Era a pergunta que tenho feito desde a ligação de Diogo.

O que martelava em minha mente era que ele tinha interesse em Lúdia e nunca deixou isso escondido de ninguém, principalmente de mim.

Diogo, Júlio, Suellen.

Por que todos eles tinham que ressurgir justamente agora?

Inferno!

Assim que nos identificamos, o porteiro liberou nossa entrada. O elevador finalmente chegou ao andar selecionado, e assim que a porta foi aberta, procurei os números nas portas, em busca do apartamento de Diogo. Só foi preciso tocar a campainha uma vez, em menos de um minuto, ele surgiu diante de mim.

Não era Diogo que eu procurava.

Meus olhos vaguearam pela sala sobre os ombros dele, e finalmente a encontrei próxima a um sofá. Nossos olhos se conectaram. Um grande alívio bateu em mim quando confirmei que, pelo menos, fisicamente Lúdia estava bem.

No entanto, a dor que via em seu olhar magoado me fez congelar no lugar.

Essa merda estava muito fodida.

CAPÍTULO 22

LÍDIA

Suellen.

Não me surpreendia que a ligação viesse dela e, sinceramente, já nem sabia mais como reagir às provocações descabidas dessa garota maluca.

— Eu disse que ele voltaria para mim, não falei?

— Como conseguiu o meu número?

— Isso importa?! — indagou em um tom exaltado — Ouviu o que eu disse? Fernando está vindo me encontrar, e se duvida disso, basta vir e presenciar com os seus próprios olhos.

Isso não era verdade. Fernando estava nos Estados Unidos. Se ele tivesse retornado ao Brasil, teria me comunicado disso. Ou até mesmo a Nick, com quem falei há pouco.

— Não vou fazer o seu jogo, Suellen.

— Porque você é uma garota burra! Todos à sua volta a tratam como burra — ela berrou, furiosa — A garotinha que o irmãozinho quer proteger e o melhor amigo fode, mas não vai assumir nada. A pobre Lídia feita de cristal, frágil demais para ver a realidade.

— Não ligue mais para mim — avisei, o mais calma possível, não dando o prazer a ela de ver como parte de suas palavras ferinas mexiam comigo, porque uma boa parte do que Suellen dizia era verdade.

— Vou te enviar as mensagens e a localização do meu apartamento — disse ela, insanamente ignorando o meu aviso — Continue a se iludir, querida, ou venha ver com os seus próprios olhos, que o Mestre se cansou da garotinha chata que...

Encerrei a ligação antes que ela pudesse finalizar e atirei o meu celular em uma das minhas sacolas de compras.

Estava muito agitada para me sentar tranquilamente no restaurante, então fui em direção ao bar. Ao ocupar um dos bancos vazios, procurei novamente o meu telefone, fazendo uma ligação para Fernando.

Ele estava nos Estados Unidos e isso seria rapidamente comprovado. Eu não iria cair em alguma manipulação de Suellen, com o intuito de me enlouquecer.

Apesar de várias tentativas, nenhuma das minhas chamadas foi atendida. Enquanto isso, mensagens de Suellen chegavam como um bombardeio.

Afirmava a mim que tudo não passava de mais uma mentira de Suellen, uma tentativa baixa de querer me envenenar, mas era difícil não ficar abalada. Até porque, Fernando e eu, nas últimas semanas, andávamos pisando em ovos.

Um novo alerta com o sinal de mensagem me fez saltar no lugar. Diferente da ligação, prometi a mim mesma que não iria visualizar. Abri a lista de recebidos e bloqueei o contato, depois enviei a primeira de muitas mensagens a Fernando, perguntando onde ele estava e o que estava acontecendo para não obter nenhuma resposta dele. Isso nunca acontecia.

Provavelmente, ele estava concentrado no trabalho, usei essa explicação para me convencer.

Tentei falar com ele mais uma vez, sem sucesso.

Nick!

O ruivo, com toda certeza, iria confirmar tudo.

— Oi, Nick, desculpe te incomodar de novo.

— Você nunca incomoda, querida.

Isso não era verdade, o que mais tinha feito, em todas essas semanas, foi perturbar Nick com os meus dramas.

— Nick, preciso que diga e seja completamente sincero comigo. Quando Fernando chegou aqui? Ele está de volta a São Paulo?

— Então, já falou com ele?

Não era essa resposta que eu esperava, e ouvi-la me desestruturou completamente.

— Sabia que ele estava aqui quando conversamos, mais cedo?

— Escuta, lindinha...

Não aguardei que ele finalizasse. A decepção foi maior. Assim como Fernando, o Nick também tinha mentido para mim. Eu perguntei, no final dessa tarde, se ele tivera alguma notícia do amigo, e a verdade fora escondida.

Como Suellen tinha afirmado, todos me tratavam como uma garotinha boba.

Todo o meu corpo estava tremendo. Em uma mistura de desespero e raiva, quebrei a promessa que fiz e abri as mensagens enviadas por Suellen.

Eram dois prints de uma conversa. A primeira, uma mensagem de Fernando.

“Fique aí, estou indo.”

A segunda enviada pela própria Suellen a ele.

“Estarei esperando como gosta. Apenas eu e o colar.”

A localização estava lá, me chamando.

Mas eu não podia e nem conseguia me mover para confirmar o que Suellen desejava esfregar em meu rosto. Depois de tudo, Fernando tinha mesmo corrido para os braços dela.

Os meus olhos estavam embaçados demais para continuar relendo e me machucando com essa tortura.

— Senhorita? — o chamado do barman me fez desviar a atenção do telefone.

Pedi uma dose da bebida mais forte que ele pudesse me oferecer.

— Dia ruim? — O homem me perguntou, ao me ver virar o copo em minha boca como se bebesse água e depois tossir fortemente.

— Dias ruins — disse a ele, começando a sentir um calor queimar não apenas no meu estômago, como no restante do meu corpo também — Dias muitos ruins. Mais um, por favor.

Ele me estudou com calma antes de pegar o copo e servir mais uma dose.

— Querida, se eu fosse você, iria com calma.

Entendia a preocupação do homem, mas não estava interessada nela.

Gostava de uma taça de vinho durante a refeição, uma vez ou outra, minha tia produz as melhores safras. Mas eu não sou uma garota acostumada a beber, e isso estava claro.

— Pode deixar a garrafa aqui — avisei a ele.

Eu não precisava de um desconhecido, com olhar gentil, dizendo o quanto isso parecia estúpido. Tudo o que eu queria era que essa dor, crescendo como um buraco negro em meu peito, desaparecesse.

— Não tem alguém para você chamar e conversar? — insistiu o homem, ao me observar virar o terceiro copo — Um amigo, talvez?

Estava prestes a responder a sua pergunta, que a melhor pessoa para me ouvir nesse momento seria o meu *nonno*, a quem não podia procurar, quando alguém respondeu em meu lugar.

— Não sei se ainda somos amigos, mas eu a conheço — virei em direção à voz e avistei Diogo com um sorriso acolhedor.

Eu tinha esquecido completamente do nosso encontro.

— Pode deixar que eu cuido dela.

O barman me encarou atentamente, e eu afirmei, com um gesto de cabeça, que conhecia o Diogo.

— Você está bem, Lídia?

Sua pergunta, além de causar uma grande pontada em meu peito, me fez encará-lo com um olhar irônico.

— Estou sozinha, sentada em um bar, bebendo tudo o que não posso — minhas palavras eram cheias de agressividade, mas não era exatamente com Diogo que estou furiosa e magoada — Se isso é estar bem para você, sua vida deve ser muito triste.

— Sim. Tenho problemas, como todo mundo — disse ele com um sorriso gentil que me fez sentir vergonha, por ser tão agressiva com alguém que não tinha feito nada contra mim e cobriu a minha mão com a sua sobre o balcão do bar — Como sei que, às vezes, é bom desabafar, se quiser.

Em todas as vezes que nos vimos, Diogo sempre se mostrou gentil e atencioso comigo, mas eu não tinha certeza se queria compartilhar com ele mais de toda essa novela dramática que tenho vivido com Fernando.

— Ou podemos apenas tomar um porre juntos.

Considerarei o convite por um instante. Apesar de ter sido bem honesta com Diogo, em relação à impossibilidade de qualquer relacionamento, além de amizade entre nós, temia que deixar que

ficássemos cada vez mais próximos alimentasse essa esperança. Não queria errar com ele como fiz com Júlio, isso ainda pesava em minha consciência.

— A segunda opção, por favor.

A bebida não era solução para nada, mas nesse momento, só desejava esquecer tudo que vinha atormentando minha mente e coração.

Além disso, Diogo não era qualquer pessoa. Ele tinha um alto cargo na Santini, e era um conhecido da família há anos.

Concluí que poderia confiar nele. Já que restavam bem poucas pessoas em que eu pudesse fazer isso.

— Sou uma boba, não sou? — indaguei, depois de um longo tempo resumindo a minha relação complicada com Fernando.

— Não acho que seja boba — disse Diogo, substituindo o meu copo vazio por um outro com água — Mas que deve se hidratar um pouco e que eu deveria levá-la para casa.

— Não quero ir para casa — Minha língua parecia dormente em minha boca.

O telefone no balcão, que passei todo tempo até agora tentando ignorar, tocou mais uma vez e, furiosa, decidi finalmente atender.

A minha conversa com Fernando não foi nada agradável, principalmente porque ele não foi capaz de negar nenhuma das acusações que fiz.

Desliguei antes que eu pudesse dizer algo que machucasse mais a nós dois.

A minha relação com Fernando era de ódio e amor. Eu era completamente apaixonada por ele, sempre iria amá-lo com loucura, mas nesse momento, também me via dominada pela raiva que sentia por ele ter ido embora, e ao retornar, ir direto para os braços de Suellen.

As lágrimas vieram como uma tempestade que eu não conseguia conter.

— Vem, vou te levar daqui — ouvi Diogo dizer, reunindo as minhas coisas e me ajudando a levantar do banco.

— Não quero ir para casa.

Fernando poderia estar lá, ou pior, ele poderia não estar, qualquer uma das alternativas iria me ferir.

— Eu quero ir dançar — disse a ele, quando saímos do restaurante — Quero dançar, beber e esquecer de tudo.

Qualquer coisa que anesthesiasse essa dor esmagadora em meu peito.

— Se é isso que quer — disse Diogo, guiando-me para fora do hotel — Vamos sair para dançar. Conheço uma ótima casa noturna a alguns minutos daqui.

Para quem apreciava a vida noturna e badalada, São Paulo era um prato cheio. Em poucos minutos, estávamos dentro da casa noturna que Diogo citou.

Ele conseguiu uma mesa para nós. Ficamos revezando entre ela e a pista de dança. Eu me entregava a cada drinque e música tocando, como se não houvesse amanhã. Tentando esquecer não apenas a última hora conturbada, mas toda a minha existência. Mas não adiantava, as lembranças vinham, e com elas, o desespero que me deixava sem rumo.

— Agora já chega — disse Diogo, tirando de minhas mãos o drinque que eu tinha acabado de receber — Nós vamos embora.

— Não quero ir...

— Vamos para o meu apartamento — avisou ele, passando o braço em volta de minha cintura — Se quando ficar melhor quiser ir para casa, a levarei.

Na verdade, não importava para onde eu fosse. A dor, a gente carregava com a gente não importava para que lugar fôssemos.

Eu já estava cansada fisicamente, mentalmente e principalmente de forma espiritual.

Assim, deixei novamente que Diogo me conduzisse. Quando chegamos em seu carro, agarrei-me ao silêncio reconfortante e fechei os meus olhos, que só abri novamente por um instante quando senti que era carregada para algum lugar.

— Tudo bem, Lídia, vou cuidar de você — O ouvi murmurar e tornei a fechar os meus olhos.

Eu acordava e dormia várias vezes, em algumas delas, Diogo me levou ao banheiro para que pudesse vomitar. Ele também quis me dar água e um pouco de café.

Sentia-me bastante aérea ainda e um pouco enjoada quando abri os olhos por um momento. Vi a silhueta de Diogo, que estava parado em frente à janela.

— Tudo saiu como o esperado — O ouvi dizer com quem ele falava ao telefone — A garota está aqui, onde esperei que estivesse.

De que garota Diogo estava falando? Alguém estava aqui para vê-lo?

Eu precisava ir embora, ressalttei em pensamento. Mas parecia que a minha mente ainda rodava e meu estômago continuava embrulhado. Eu já não conseguia botar mais nada para fora e sentia que precisava colocar tudo.

Tentei me sentar, mas o fato de apenas mover a minha cabeça fez o mundo girar.

— Não. Ainda não. Mas nós cuidaremos do Santini, como fizemos com os pais dele.

Santini? Pedro? Os meus pais?

Do que Diogo estava falando?

— Primeiro, eu tenho que tirar Fernando do meu caminho — ele disse baixinho, e quando se virou, remexi-me na cama e disse coisas desconexas, fingindo estar mais afetada pela bebida do que realmente me encontrava — Até o momento, tudo está se encaixando muito bem, João. Mas se algo falhar, você já sabe o que deve fazer.

Enquanto o escutava, pressionei o meu pulso sobre a minha boca, controlando emitir qualquer ruído que denunciasse o quanto eu estava assustada.

— Elimine-o sem deixar rastros. — disse ele em um tom duro — Se for necessário, vamos eliminar cada um deles. Pedro, Fernando e Nick.

Isso era uma ameaça, não havia como interpretar de outra maneira.

Eu estava chocada, perturbada e enjoada com tudo o que tinha escutado. Ao mesmo tempo, lutando com um sentimento de negação e incredulidade.

Tinha mesmo escutado Diogo ameaçar a vida de Pedro e Fernando, e dado a entender que ele teve alguma participação no assassinato dos meus pais?

Quem Diogo realmente era e o que ele queria com a minha família?

Eu não teria as respostas agora. Ele encerrou a ligação e ouvi seus passos vindo em minha direção. A ânsia que eu sentia já não era mais devido à bebida, mas do fato de ter Diogo tão perto de mim e das suas mãos passando em meu cabelo.

— Você vai me levar exatamente aonde eu quero, Lúcia Santini — eu não podia ver o seu rosto desprezível, mas estava nítido em minha

mente — Os seus protetores serão os primeiros a cair, então depois será a sua vez.

Senti o seu corpo se aproximar mais de mim, e quando sua boca tocou o topo da minha cabeça, foi difícil não reagir a isso. A minha vontade era avançar na garganta do Diogo e dizer que comigo ele não conseguiria nada, mas o medo, com um pouco de racionalidade, me fez manter-me imóvel.

Não havia nada que condenasse Diogo em relação a tudo que o ouvi confessar.

Eu precisava de provas, e em nome dos meus pais, prometi consegui-las, custe o que custar.

Quando ele se ergueu e começou a se afastar, soltei lentamente o ar que tinha prendido. Arrisquei abrir os olhos e vi, através do espelho, Diogo parar em frente a um quadro, que ele removeu da parede, fazendo surgir um cofre embutido.

O seu rosto virou em minha direção, me obrigando a fechar os olhos.

Eu queria saber o que Diogo tirava de lá, mas sabia que já tinha arriscado muito.

Mantive os olhos fechados, enquanto ouvia os seus ruídos, depois um clique, como se estivesse trancando o cofre novamente, e o som abafado de seus passos, indicando que ele retornava para perto de mim.

Não existia nada que me dava essa certeza, mas eu sentia que tudo o que eu precisava saber estava ali dentro. Eu tinha que encontrar alguma forma de abrir esse cofre. E enquanto isso, agir como Diogo esperava, para manter Pedro e Fernando a salvo de qualquer crueldade que ele tivesse planejado a eles.

CAPÍTULO 23

LÍDIA

Despertei sentindo como se a minha alma tivesse sido arrancada do meu corpo durante o sono. Reorganizando os meus pensamentos rapidamente, tendo os flashes da madrugada inundando a minha cabeça. De certa forma, isso realmente tinha acontecido.

Durante anos, enquanto sofriamos por causa do assassinato dos nossos pais, tudo o que Pedro e eu mais desejávamos era que encontrassem os culpados e eles pagassem por isso. O meu irmão esteve, e eu achava que ainda estava, bem mais empenhado e obcecado por essa resposta do que eu. Quando, o tempo todo, o grande culpado nos rodeava.

Enquanto fingia dormir até que realmente fizesse isso, minha cabeça girou em diversas divagações.

Por que Diogo matou ou deu o comando para que matassem os meus pais?

O que ele ainda escondia?

E o que esperava conseguir comigo?

Para a última pergunta, eu tinha uma resposta bastante clara: a Santini. E a melhor forma de chegar a ela seria comigo. Embora nunca tivesse o desejo de exigir nada, achava que o meu irmão cuidava bem de tudo, eu tenho direito a cinquenta por cento da empresa e de todos os negócios da família.

Diogo almejava o mesmo que muitas pessoas ambiciosamente inescrupulosas desejavam: dinheiro e o poder que ele podia trazer.

Eu jamais iria permitir que ele conseguisse qualquer um dos dois. Não às custas das lágrimas e sofrimentos das pessoas que eu mais amava.

Precisava descobrir exatamente qual era o plano dele. E enquanto fingia dançar com sua música, descobrir o máximo possível que pudesse levá-lo para a cadeia.

Revelar o que tinha descoberto a Pedro estava fora de cogitação. Conhecia o meu irmão e, principalmente, eu sabia como essa história mexia com ele. Pedro seria capaz de matar Diogo com suas próprias mãos, em busca de justiça.

— Já está acordada? — estremeci ao ouvir a voz gentil, e que agora eu sabia ser tão falsa quanto ele.

Como eu pude acreditar que a aproximação de Diogo, durante todo esse tempo, fora amigável e sincera?

Fernando nunca tinha gostado dele, e agora eu entendia que era seu sexto sentido falando por ele e que eu deveria ter escutado, mantendo esse homem bem longe de mim.

— A minha cabeça dói — disse a ele, justificando meu semblante nada agradável por tê-lo perto de mim, embora eu realmente sentisse uma dor irritante — Tenho sede.

— É a ressaca — avisou ele, passando a mão em meu ombro — Bebeu demais, querida. Vou buscar um copo de água e uma aspirina para você.

— Obrigada — forcei-me a sorrir.

Quando Diogo se afastou, indo em direção ao banheiro, sentei-me rapidamente na cama. A primeira coisa que fiz foi verificar o meu

estado. Apesar da roupa desalinhada, não via qualquer vestígio em meu corpo de que tinham tentado tirá-la de mim. Sendo Diogo quem era, um homem vil, capaz das piores atrocidades, obviamente que me preocupava ter passado uma noite inteira ao lado dele.

Mas Diogo tinha objetivos maiores relacionados a mim, e não colocaria esse plano em risco, cometendo o erro de abusar de mim enquanto eu estivesse indefesa.

— Aqui — ele retornou ao quarto com o comprimido e indicou a garrafa de água na mesinha próxima à cama ao meu lado — Também acho que devia comer alguma coisa. Fará com que se sinta melhor. Vou preparar algo leve, e enquanto isso, pode usar o banheiro, e se quiser, pode pegar alguma roupa minha, para se sentir mais confortável.

De forma alguma eu colocaria qualquer coisa dele em meu corpo. Os únicos homens com quem já compartilhei roupas foram Júlio, na época que namorávamos, com e Fernando, em quase todas as noites que passava no apartamento dele. Com eles, tive um importante envolvimento emocional. Se Diogo fosse o meu amigo de verdade, ajudando-me após uma noite difícil, não teria problema algum em aceitar o oferecimento cordial. Mas não era assim. À minha frente, eu tinha o diabo em forma de gente.

— Vou aceitar a oferta do banheiro e a comida, mas depois preciso ir para casa — Dirigi meu olhar para o chão, eu precisava aprender melhor a disfarçar todo o desprezo que sentia por ele.

— Não precisa ficar tímida — disse ele, levantando o meu queixo com delicadeza — Na sua idade, beber e passar um pouco da conta é natural.

— Você é muito compreensível, Diogo — murmurei e toquei sua mão que ainda estava em meu rosto — Um grande amigo, na verdade.

Tenho sorte em tê-lo comigo.

Vi, pelo brilho que rapidamente surgiu em seus olhos, que isso era exatamente o que Diogo esperava ouvir.

— Que horas são? — indaguei e usei essa inquietação para me levantar e me afastar dele — Não avisei que passaria a noite fora e devem estar preocupados comigo.

Para ser mais correta, Fernando deveria estar louco à minha procura. A nossa breve discussão ao telefone era o que menos me importava agora. Queria ligar para ele, mas minha bolsa deveria estar na sala.

— Só está apenas amanhecendo — apontou ele, antes de confirmar o horário correto — Depois que comer, vou levá-la para casa, tudo bem?

Assenti, e assim que o vi sair, corri para o banheiro. A imagem que tive de mim no espelho me fez gemer, mas a bagunça que via em meus cabelos e roupa nem se comparava ao que existia em meu coração. No entanto, não tinha tempo para ficar lamentando o quão deplorável eu parecia. Lavei o rosto, ajeitei meus cabelos, fazendo um coque no alto da cabeça, usei a escova de dentes nova, que Diogo tinha deixado no balcão para mim, e escovei os dentes para tirar os vestígios do gosto amargo da bebida.

Encarando-me novamente no espelho, agora me sentia um pouco melhor. Retornei ao quarto vazio, e na pontinha dos pés, fui até a porta, depois até o final do corredor. Diogo não estava na sala. Avistei a minha bolsa jogada em uma poltrona, mas ela estava em um ângulo que ele poderia me ver da cozinha, se tentasse pegá-la. Caminhando silenciosamente, voltei para o quarto e fechei a porta lentamente.

A minha atenção foi diretamente para o quadro. As minhas pernas tremiam enquanto caminhava para ele, e as minhas mãos não estavam

diferentes quando comecei a removê-lo da parede.

Ali estava. O cofre que vi Diogo abrir quando fingia estar desacordada. Como todo cofre, ele precisava de uma senha para ser aberto, o que eu não tinha no momento, mas ao colocar o quadro no lugar, jurei descobrir.

Infelizmente, hoje eu não iria conseguir vasculhar o quarto e apartamento de Diogo, em busca dessa resposta. Eu precisava de tempo e um bom planejamento para chegar a esse objetivo.

Estava dando alguns passos para longe, quando a porta foi aberta segundos antes de ser pega em flagrante.

— Espero que goste de ovos mexidos e frios — sua expressão envergonhada quase que foi convincente — Meus talentos como cozinheiro limitam-se a isso.

Eu não queria nada dele, mas não podia levantar a mínima suspeita de Diogo, então apenas sorri e apresentei um semblante animado.

— Tenho certeza de que você é muito bom em outras coisas.

Como mentir, roubar e eliminar qualquer pessoa boa que se colocasse em seu caminho.

— Está delicioso — elogiei, após forçar mais uma garfada generosa a entrar em minha boca.

— Vindo de uma neta e sobrinha de um chefe de cozinha, que também sei que cozinha muito bem, isso é um elogio.

Eu não queria permanecer muito tempo aqui, por isso não enrolei muito para limpar o prato e poder sair desse apartamento.

Bebia o restinho do suco de laranja, quando a campainha tocou. Não fazia ideia de quem poderia estar procurando por Diogo tão cedo, mas isso aguçou a minha curiosidade. E quando Diogo pediu um minuto para abrir a porta, segui atrás dele, parando próximo ao sofá.

Quando avistei quem era a pessoa surgindo na porta, estaquei no lugar.

Fernando? Ele estava aqui!

O coração disparou em meu peito e meus joelhos ficaram moles feito geleia.

— Lídia.

Ele empurrou Diogo, passando por ele feito um furacão.

Dura como uma dobradiça enferrujada, dei um passo em direção a ele. Era como se num estalar de dedos, o tempo, os momentos de dor desde que ele partiu da minha casa, todos os dias longe, foi como se tudo desaparecesse, restando apenas nós dois.

— Fernando — balbuciei fracamente.

Parte de mim desejando correr até ele, mas a outra, mais importante, sabia que precisava manter distância. Já não se tratava de um desentendimento entre um casal que se amava, mas era o necessário para também mantê-lo em segurança. Se Diogo fizesse algo contra Fernando, para afastá-lo de mim, acho que seria a minha morte.

— Como você... — virei para Diogo, exibindo um olhar zangado que expressava realmente o que sentia — Avisou a ele?

— Como você disse que temia estarem preocupados... — justificou ele.

Outra mentira. Não havia um pinga de preocupação em Diogo relacionada a mim. Esse era mais um passo em seu plano sórdido de me separar do homem que amava. Ele sabia o quanto Fernando o desprezava e sentia ciúmes dele.

— Não vou conversar com você aqui — disse Fernando, levando a minha atenção para ele — Nem perto desse cara. Vamos embora...

Quando ele tentou pegar a minha mão, eu me afastei dele.

A encenação precisava começar, e o meu coração, já apertado, ficava ainda menor em meu peito.

— Não vou a lugar nenhum com você, Fernando — avisei, indo para perto de Diogo, que colocou a mão em minha cintura.

Eu conhecia esse olhar que Fernando deu para ele. O olhar possessivo e irritado por estarem tocando no que era dele.

— Se afasta dela, Diogo — rugiu Fernando, e sua expressão endurecia cada vez mais.

Eu nunca entendi tanta raiva que um nutria pelo outro, mas agora ficava esclarecido de ambos os lados. Fernando não suportava essa falsa, inocente tentativa de Diogo de se aproximar de mim, e sabia dos jogos sujos do homem ao meu lado.

— Esse é um pedido que ela deveria fazer, você não acha? — rebateu Diogo.

Vi Nick surgir ao lado de Fernando, e quando nós nos encaramos, chegamos à mesma conclusão pelo olhar.

Isso ia dar em merda.

Nick sussurrou algo no ouvido de Fernando, que manteve o olhar fixo na mão de Diogo ainda em mim.

Comecei a me afastar, tentando evitar alguma tragédia, mas foi apenas o suficiente para não ser atingida quando os dois, novamente, trocaram farpas antes de Fernando desferir um soco potente no olho direito de Diogo, que revidou, dando outro no canto da boca dele.

— Meu Deus! — gritei, apavorada, sem saber como agir — Faça alguma coisa, Nick!

Pelo ruído, acho que ele deixaria Fernando sentar seu oponente no cacete. Ele também não gostava de Diogo, que se pudesse e não fosse covardia o fato de serem dois contra um, também sairia aos socos.

— Já chega! — puxei Diogo para um lado, enquanto Nick tentava levar Fernando para o outro.

Diogo não deveria ter atizado a onça com vara curta, mas Fernando também não deveria ter perdido a paciência a esse ponto. Com Diogo, precisávamos agir mais com a inteligência do que com a força bruta.

— Chega, Fernando! — ordenou Nick, empurrando-o contra a parede.

— Por que você está aqui, justamente com esse desgraçado, Lídia?
— Fernando questionou, limpando o sangue no canto dos lábios.

Era como se eu lesse o mesmo livro várias vezes. A cena se repetia como uma fita sendo rebobinada.

— Por que você estava com a Suellen?

— Já disse que vou explicar, mas não aqui.

A história com a Suellen precisava de uma boa justificativa da parte dele, mas agora, nem de longe era o nosso maior problema. Depois de descobrir a verdadeira face de Diogo, eu tinha certeza de que Fernando teria uma boa explicação para ter ido procurá-la antes de mim. Porque, diferente de Diogo, mesmo que os sentimentos que Fernando sempre afirmou sentir por mim tivesse esfriado, ele jamais iria me machucar friamente.

— Você foi embora. Me deixou sozinha, e quando voltou, foi atrás dela — despejei em um tom acusador — Depois retorna como se nada tivesse acontecido, exigindo que vá com você?

— Venha comigo e posso explicar.

— Pois é, só que nesse momento, não quero ir e nem ouvir nada do que tem a me dizer.

— Lídia... — seu chamado era tanto de aviso como de angústia.

— Se não quiser, não precisa ir, Lúdia — disse Diogo — Nenhum deles controla você.

Esse era um conselho que um bom amigo daria, mas ele não era meu amigo. E suas intenc es não eram nada bondosas.

— Gostando ou não, você vai vir comigo — decretou Fernando, me encarando com uma expressão de quem não aceitaria recusa.

Diogo se colocou entre mim e ele, pronto para atacar.

— Ah, pelo amor de Deus! Nem Fernando e nem Diogo — Nick surgiu entre nós, e a forma que nos encarou avisava que retrucar seria como mexer em uma onça com vara curta — Eu vou levar a Lúdia para casa.

Os dois resmungaram contra Nick, uma nova e desnecessária discussão iria começar.

— Você vai desaparecer da minha frente, Diogo, ou te garanto o outro olho roxo — o aviso de Nick tinha um tom ameaçador o suficiente para amedrontar até mesmo a mim, que sabia que o ruivo era a pessoa mais pacífica do mundo — E você, Fernando, espera lá fora e tente esfriar a cabeça.

— Mas, Nick... — ouvi Fernando tentar se manifestar.

— Cara, você foi embora. Estragou tudo, como eu disse que iria fazer. Agora terá de lidar com as consequências disso — disse Nick com inegável impaciência — Pelo menos por agora.

As palavras duras de Nick atingiram Fernando em algum ponto, porque depois de me encarar com ar derrotado, ele simplesmente abaixou a cabeça e saiu do apartamento.

— Agora é com você, lindinha — O olhar de Nick suavizou ao voltar a me olhar — Pegue as suas coisas logo e vamos embora daqui.

Não havia nada que eu desejasse mais nesse momento do que dar as costas a Diogo. Não tinha energia e nem estrutura emocional para continuar fingindo para ele.

— Diogo, desculpe por tudo isso — falei, dissimulando arrependimento — Posso te ligar depois?

— Claro, querida — Quando ele se inclinou para beijar a minha testa, ouvi o resmungo de Nick atrás de mim.

Antes que o ruivo fizesse o mesmo que o amigo e desse um novo castigo físico em Diogo, pois era exatamente essa intenção que via nos olhos dele, peguei minha bolsa e disparei para fora.

Ao contrário do que imaginei, quando o vi sair, Fernando ainda não tinha ido embora. Ele estava escorado contra a parede, e assim que me viu, pude notar seu semblante magoado e carregado de dor.

— É melhor a gente cair fora logo dessa merda — Nick foi o único a se manifestar, indo para a saída.

Não olhei para Nick, seguindo na minha frente, e nem para Fernando, vindo atrás de mim, fazer isso me levaria a retroceder, e o meu coração já estava aflito o suficiente. Assim, seguimos silenciosamente para o elevador.

Quando chegamos à rua e paramos em frente ao carro que reconheci, virei furiosa para Nick.

— Mas esse é o carro do Fernando!

Agora, entendia bem por que ele permitiu que Nick me levasse para casa, só queriam me tirar do apartamento de Diogo.

— Mentindo para mim de novo, Nick? — Eu o encarei, cheia de fúria.

— Ah, não vem com essa. Quer dizer que as minhas mentiras só são úteis quando são para ajudar vocês?

Ele alertar isso fez com que eu procurasse me controlar um pouco.

O que eu queria mesmo era pular em Nick e dar um grande abraço nele. Diferente do que pensava, não estava brava com ele, mas eu precisava fingir que sim.

Eu não estava louca ou tive qualquer tipo de alucinação, ouvi com clareza Diogo ameaçar os meus três protetores, porque era isso que cada um deles significava para mim. Só que agora tinha chegado a minha vez de proteger os três, e eu faria de tudo, iria até às últimas consequências, para impedir que os planos sujos e sórdidos de Diogo tivessem sucesso.

— Agora entra no carro, garota.

Apesar de muda, fiz o que Nick me pediu. Ignorei a porta que ele mantinha aberta para mim e fui para o banco de trás do carro.

— Caramba, lindinha — Nick se sentou ao meu lado, após dar a volta no carro — Você também sabe como provocar.

Diferente do que eles poderiam estar imaginando, não era por capricho.

Nesse momento, eu precisava sacrificar a minha felicidade, os meus sentimentos por Fernando, para que todos nós ficássemos seguros.

FERNANDO

Lídia estava muito furiosa comigo, mas eu também não me sentia diferente em relação a ela. De todas as pessoas que poderia ter procurado em um momento de desespero, o infeliz do Diogo não era uma delas.

— Já me deixaram em casa — ela virou em direção a mim e Nick, com a intenção de nos dispensar — Agora podem ir embora.

Não mesmo!

— Nós vamos conversar — afirmei, agarrando o braço dela, e juntos seguimos em direção à escada.

Às minhas costas, ouvi Nick dizer que seu trabalho estava finalizado e que ele tinha cansado de bancar a babá. A verdade era que não foi uma noite fácil. Nós não dormimos um único segundo, e a preocupação com o sumiço de Lídia quase nos fez enlouquecer.

— Primeiramente... — iniciei assim que entramos em seu quarto — Não importa o quanto estiver zangada comigo. Nunca. Jamais. Volte a fazer algo sequer parecido com isso. Sumir sem deixar qualquer aviso?

Encarei-a, furioso e com desejos de sacudir seus ombros até que algum juízo entrasse em sua cabeça.

— Tem ideia do que isso poderia ter causado ao seu avô? Ou até mesmo ao Pedro, se tivéssemos chegado a contar a ele?

— Não foi minha intenção desaparecer. Eu não queria deixar ninguém preocupado. Só bebi demais e Diogo me levou para a casa dele.

— O último lugar do mundo que você deveria ir!

— Muito justo me dizer isso, Fernando, quando estava com ninguém menos que a Suellen — acusou ela, igualmente irritada — Por quem eu fiquei sabendo que você estava de volta.

— Precisei vê-la. Não quis vê-la. Essa é a grande diferença. Fiz todo o possível para manter aquela maluca longe. Pedido de restrição, ajuda do meu advogado — ressalttei, passando a mão pelo rosto enquanto buscava manter a calma — Eu fui embora para te manter segura.

— Você não pode fazer isso, porque... — Sua explosão foi interrompida bruscamente, e Lídia me deu as costas, indo em direção à

janela — Há certas coisas das quais não pode me proteger, Fernando.

Precisou de muita terapia e sofrimento para que eu finalmente entendesse isso.

— Mas eu vou continuar tentando, Lídia — caminhei até ela e a fiz se virar para mim — Eu vou continuar tentando te proteger. E pode ser que eu erre no caminho, mas sempre vou fazer isso.

Estiquei minha mão e a fechei em seu rosto atormentado.

— Porque eu amo você, e isso é mais forte que tudo.

Estava sendo brutalmente sincero, e pelo seu rosto emocionado, notava que ela sabia disso. Seus sentimentos por mim também eram muito fortes, eu sentia isso.

— Fui ver a Suellen porque ela tentou me chantagear com uma ameaça de suicídio.

— Meu Deus, mas... — Sua mão tocou o meu braço, expressando sua angústia e choque.

— Dentro do possível, ela está bem e agora sob supervisão médica. Acabou, Lídia. Não há mais nada a temer.

Para a minha inquietação, em vez de se jogar em meus braços, feliz, ela novamente se afastou, e seu olhar tinha um brilho alarmanamente atormentado.

— Fico feliz que a tenha tirado do seu caminho — murmurou ela.

— Do nosso caminho — ressaltei.

— Isso está longe de acabar, Fernando — De alguma forma, eu sentia que existia algo que Lídia tentava esconder de mim. — Isso. Nós dois. Não está funcionando mais.

— Eu sei que foi tudo muito complicado.

— Não foi complicado! — Ela se exaltou, me encarando com desespero — Foi doloroso. Ontem foi doloroso. E não consigo enxergar

nós dois, se não for assim.

Eu não conseguia acreditar que ela estava dizendo isso.

Que estivesse desistindo de nós.

— Se foi pela viagem, eu sei que...

— É por tudo, Fernando — seus lábios diziam uma coisa, mas seu rosto banhado pelas lágrimas dizia outra — Por todos esses anos. Por cada vez que me deixou sozinha. Por cada vez que senti o meu coração despedaçado. E, principalmente, pelo maior motivo. Suellen tinha razão, não posso ser quem você quer.

— Você não tem que se tornar qualquer coisa para mim, Lúdia — segurei o seu rosto, o desespero era tão forte em mim quanto via nela — Você é tudo o que preciso e quero.

— Mas eu não acho... — seus olhos fecharam quando as palavras começaram a sair de seus lábios — que você seja tudo o que eu desejo.

O choque de ouvir isso dela e a fígada que causou em meu peito fizeram-me afastar-me como se tivesse recebido uma potente carga elétrica.

— O que disse? — balbuciei fracamente.

— Que só amar, às vezes, não é o suficiente — a declaração fez como se outra estaca afiada fosse enfiada em meu peito — Desejo um relacionamento normal. Uma vida normal. Com uma pessoa normal. E isso, Fernando, você nunca poderá me oferecer.

Se Lúdia enfiasse inúmeras facadas em mim, não doeria tanto quanto isso. Porque eu poderia mover o mundo para tentar fazê-la feliz, mas se eu não fosse o suficiente, se estar ao meu lado, enfrentando todas as batalhas que viessem em nome do nosso amor, não fosse suficiente, não existia mesmo qualquer chance de um futuro para nós.

— Tudo o que vivemos não significa mais nada?

— Você disse que faria qualquer coisa por mim. É verdade?

Ser honesto colocaria a tampa do caixão sobre nós.

— Não faz isso, por favor — pedi fracamente.

— Então, deixe-me ir.

Por muito tempo, enquanto me achava dono de mim, sentia como se o mundo inteiro me pertencesse, na verdade, o meu mundo sempre esteve nas mãos dela, e agora estava sendo esmagado em seus dedos.

— É isso mesmo que você quer? Que eu vá embora?

Dor. Eu só conseguia ver dor nos olhos dela, a mesma dor que dilacerava o meu coração dentro do peito.

— Eu preciso que você vá.

Nunca me humilhei a ninguém e jamais cogitei a possibilidade de fazer isso, mas por Lídia, eu faria. Eu ficaria de joelhos enquanto imploraria que não desistisse de nós. Mas com a dor, também via algo muito importante em seu olhar que me aniquilava: a determinação.

— Então... — um grande nó ia sufocando a minha garganta — Acho que não há nada mais a fazer aqui.

Esquecendo o pouco de dignidade que ainda existia em mim, caminhei até ela e uni nossos lábios em um beijo breve, mas não ausente de emoção.

— Que você encontre a felicidade que não sou capaz de te dar.

Não importava onde a vida fosse nos levar daqui em diante. Se Lídia iria mesmo encontrar o homem perfeito, que daria a vida perfeita e dos sonhos que ela tanto desejava, não importava o quanto o meu coração se sentisse ferido. Eu sempre amaria essa garota, em relação a isso, nada poderia mudar.

— Adeus, querida — beijei carinhosamente a sua testa antes de partir.

Lutei de todas as formas que consegui.
Mas esse era o fim para nós dois.

LÍDIA

Eu estava destruída. Dizer todas aquelas coisas para Fernando, obrigá-lo a se afastar de mim e do nosso desejo de ficarmos juntos, me deixou literalmente no chão.

— Fernando — eu o sentia do outro lado, atrás da porta, assim como eu, tentando lidar e respirar com o sofrimento que nos reduzia a nada — É por nós.

Tudo o que eu fazia, o que era obrigada a sacrificar, era por nós. E eu me agarraria a essa dor, ao ódio por Diogo crescendo em meu peito, para me manter empenhada em deter esse homem asqueroso e o tirar do nosso caminho.

Eu só esperava; não, precisava ter fé, que enquanto isso, o amor que Fernando sentia por mim conseguisse ser tão forte como o que eu carregava em meu peito por ele. Que fosse mais forte e poderoso, e que no final dessa jornada, ainda encontrássemos o nosso final feliz.

— Eu vou destruir você, Diogo — jurei ao mover as minhas pernas no chão e abraçar os meus joelhos — Nem que seja a última coisa que eu faça.

CAPÍTULO 24

LÍDIA

O vestido preto e elegante representava bastante como eu estava me sentindo: em luto. E ao mesmo tempo havia esse sentimento, unido ao desejo de vingança e justiça, que me ajudou a levantar da cama essa manhã, fortalecer o meu lado emocional e vir a esse restaurante, ao encontro de Diogo.

— Por aqui, senhorita — disse o hostess ao ter a identificação confirmada.

Antes mesmo de passarmos por algumas mesas, avistei a figura desprezível de Diogo, concentrado digitando algo em seu celular. Eu estava atrasada alguns minutos de forma proposital.

— Lídia — Assim que me viu, ele se ergueu apressadamente para ajudar a me acomodar — Desculpe, mas preciso ressaltar que está belíssima, como sempre.

— Peço perdão pelo atraso, não conseguia me decidir qual brinco usar — fiz uma expressão afetada a ele, dando mais embasamento ao papel que começava a montar — Coisas de garotas, você sabe.

— Cada minuto valeu a pena — murmurou ele, tocando a minha mão sobre a mesa. Queria repudiar o seu toque, mas eu não podia — São esmeraldas, certo?

— Sim. Uma pequena extravagância que me dei quando passei uma temporada na Europa com a minha tia.

O garçom surgiu, trazendo os cardápios. Enquanto Diogo estudava a cartela de bebidas, eu fazia o mesmo, mas com ele. Eu precisava ser cuidadosa, se tinha uma coisa que ele já tinha provado, era sua inteligência e capacidade de manipular as pessoas.

— E como você está? Teve muitos problemas, depois que saiu do apartamento?

Eu precisava balancear um pouco de verdade com o que Diogo esperava ouvir de mim, para me tornar convincente a ele.

— O Fernando e eu... — mexi com a ponta do guardanapo sobre a mesa — A nossa relação é meio... complicada.

— Acho que já provei que pode confiar em mim, certo?

— Sim, já me deu conselhos valiosos, como o de ir ao baile de máscaras.

— Eu dei? — ele indagou, confuso.

— Não diretamente, mas o seu conselho de arriscar e ousar mais.

Aquele dia, eu tinha pensado que o incentivo de Diogo, para que enfrentasse os meus temores, fora sincero. Talvez ele apenas estivesse me manipulado.

— Você é meu amigo, certo? E amigos podem contar tudo um para o outro.

— Estou aqui, e sou todo ouvidos — felizmente, o sorriso cheio de charme já não funcionava em mim como antes.

— É um tanto complicado o que tenho a dizer. A maioria das pessoas não conseguiria entender.

— Eu nunca iria te julgar, querida — ele murmurou, e seus dedos fizeram uma pequena carícia em minha mão.

A repulsa chegava com um gosto amargo em minha boca, mas precisava fingir estar tudo bem. Era a minha vez de mover as peças.



A primeira parte do meu plano estava concluída, trazer Diogo para perto de mim. Transformá-lo em aliado enquanto acreditasse que poderia me manipular. Para que isso funcionasse, precisava tornar uma versão patética de mim mesma. Uma Lídia fraca, fútil, que facilmente poderia ser influenciada.

— Como estou? — indaguei a Diogo assim que descemos do carro.

Aceitar acompanhá-lo ao evento que o meu irmão estava promovendo, para anunciar o lançamento da Santini Racing na F1, podia ser considerado uma vitória de Diogo, mas culminava com o meu objetivo principal.

— Deslumbrante.

— Acha que ele estará aqui?

Desde que Fernando partira, deixando meu quarto e o meu coração vazios, não o tinha visto ou recebido qualquer tentativa de aproximação dele. Foi através de uma conversa, na qual tentei soar casual, que soube por Pedro que ele esteve, esse tempo todo, isolado na fazenda.

O nosso lugar, o refúgio de Fernando. Sempre que pensava que o fiz sofrer, um pouco mais de ódio eu sentia por Diogo, e era esse sentimento que me ajudava a suportar sua presença.

— Ele é o melhor amigo do Pedro — murmurou, baixo o suficiente para que apenas eu conseguisse ouvi-lo, e ficou em silêncio quando precisamos parar para fotos — Não poderia faltar essa noite e nem

deixar de dar seu apoio. Além disso, a Construtora Brandão também é uma das patrocinadoras.

Fernando não precisava vir ao evento se não quisesse, ele poderia enviar qualquer funcionário para que o representasse. Se fizesse isso essa noite, seria exatamente pelos motivos que Diogo destacou, para dar apoio a Pedro.

Eu não queria ser novamente a fonte de sua dor e decepção, por outro lado, ansiava vê-lo de forma desesperada. Mesmo que não pudesse estar em seus braços, desejava ver se parecia bem.

— Lembre-se do que eu falei — avisou Diogo, quando seguimos em direção ao salão reservado para essa grande noite — Permaneça ao meu lado e deixe que ele pense que a perdeu.

Eu precisava fazer isso, não pelos conselhos ridículos de Diogo, para recuperar o homem que amava e fazê-lo se transformar no que ele acreditava que eu queria, mas para manter Fernando longe de mim e, conseqüentemente, seguro.

— Como imaginei — murmurou Diogo, passando um braço em minha cintura e aceitando uma das taças de champanhe que um dos garçons oferecia aos convidados — Ele está bem ali.

Eu não queria me virar na direção que Diogo indicava.

Sentia como se as minhas pernas tivessem perdido a firmeza, o meu coração batesse forte em meu peito e o sangue ficasse mais frio.

— Sorria, querida — Diogo sussurrou ao meu ouvido — Mostre a todos aqui que não existe lugar e pessoa com quem queira estar, além de mim.

Os meus lábios se moveram exatamente como ele pediu, abrindo um sorriso estonteante, mas quando virei em direção ao único homem ao

qual meu coração já pertenceu, que ainda o tinha com ele, os meus olhos tinham um outro brilho.

FERNANDO

O amor estava em nossas vidas de muitas maneiras. Eu amava o meu trabalho, os meus amigos, todo o tempo que passava na fazenda. E eram todas essas coisas à minha volta, principalmente um amigo em especial, que me ajudava a permanecer em pé, enquanto a outra metade do meu peito estava vazia.

— É a sua vez — a voz de Nick chegou até mim, mas era como se viesse de muito longe — Fernando?

Foi preciso que ele balançasse as mãos em frente o meu rosto, para me fazer começar a enxergá-lo de verdade.

— Desculpe, Nick — Coloquei a peça de xadrez que estive segurando sobre a mesa e me levantei em um ímpeto — Estava com a mente longe daqui.

— Eu percebi — Ele abandonou suas peças, unindo-as outras dentro da caixa, e saiu de sua poltrona também.

Desde que decidi vir para cá, para tentar lamber minhas feridas após ter levado um belo pontapé de Lídia no traseiro, Nick tinha colocado sua vida de lado e me acompanhado até aqui. Fosse para me dar apoio ou pelo receio de que eu pensasse formas trágicas de reagir.

— É sério, Nick. Eu tenho pensado muito sobre tudo. Vir até aqui me deu a paz e a tranquilidade para fazer isso com calma.

— E?

— Tem algo errado.

— Cara, eu pensei que vocês iriam se casar e terem uma dúzia de filhos. Tudo está errado.

— Não dessa forma. Não é como das outras vezes que nos separamos. Alguma coisa está errada, Nick.

— Bom, já que você destacou isso — ele cruzou os braços, encarando-me com seriedade — Acho que é a primeira vez que concordo com você, Fernando. Não faz sentido.

Eu conhecia Lídia desde que ela nasceu. Os nossos sentimentos mudaram com o passar dos anos, deixei de vê-la como aquela menininha que prometi proteger contra todos e acabamos nos apaixonando. Apesar de não ser há tanto tempo quanto eu, Nick também a conhecia bem. Mesmo que eu a tenha magoado bastante e ela estivesse receosa em ter o coração ferido mais uma vez, Lídia era do tipo que lutava por quem amava, até o fim. E não importava o que ela tenha dito para me afastar e ainda possa continuar dizendo, aquela garota me amava.

— Acha que sou obcecado?

— O quê? — Nick indagou, confuso.

— Como a minha mãe. Ou um desses homens que só se importam com o ter e não como se tem?

— Você não é como sua mãe e muito menos como o seu pai. Às vezes é um pouco burro...

— Nick? Você não consegue manter uma conversa séria por mais de cinco minutos?

Ele ergueu a mão em sinal de desculpa. Tudo o que precisava era de uma confirmação sincera, não estava obcecado e nem cego pelo orgulho. Só tinha certeza dos meus sentimentos por Lídia e que ela igualmente retribuía.

— Não. Eu não acho que seja como os seus pais — reafirmou ele, dando-me um olhar compreensivo — Muito menos um obcecado. Qual a razão dessa pergunta?

— Eu sei que Lúdia me ama. E apesar de todas as merdas que fiz, isso não mudou — Ele me encarava em silêncio, analisando cada palavra do meu discurso acalorado — Então, não faz sentido e há alguma coisa errada nessa história. Existe alguma coisa que ela não está nos contando, Nick.

— Suellen?

— Até onde sei, está na clínica em tratamento.

— Aquele ex-namorado da Lúdia?

A forma que o relacionamento deles terminou, naquela época, foi realmente tensa, mas eu achava que não deveria seguir por essa linha.

— Não. Apesar da relação que tiveram, de uma parte de mim odiar que... — era irracional pensar assim, sentir ciúmes de não ter sido o único — Sinceramente, não acho que Júlio faria algo contra Lúdia.

— Sim. E pelo que vimos, naquele dia que fomos procurá-la, o cara já está em outra.

A vida seguiu para Júlio, e eu realmente ficava feliz por ele. Afinal, precisava admitir que ele foi bom com Lúdia, quando não pude ser.

— Eu não imagino a lindinha como alguém que coleciona inimigos. Acha que pode ser pelo Pedro?

Como empresário, o Pedro tinha mais acertos que erros, mas não era impossível que, durante todos esses anos no comando da Santini, ele tivesse feito algumas pessoas descontentes.

— Ou na Paradise — destaquei a Nick — Sabe, conhecemos muitas pessoas lá. Outras Suellen, quem sabe.

— Ou o Torres?

O meu desentendimento com Torres me custou um necessário afastamento da Paradise e uma quantia significativa em dinheiro, negociada por Aron e sabe-se mais o que ele tinha oferecido ao homem que enviei ao hospital, para que a confusão não chegasse à polícia e qualquer tipo de processo fosse jogado sobre mim.

Mas se Torres fosse um homem vingativo, aceitar o acordo “amigável” poderia ter sido apenas uma manobra para mascarar as suas intenções.

— Ele queria ter a Lídia aquele dia. Não sei, Nick. Preciso pensar em todas as possibilidades. Alguém relacionado a Pedro. Alguém com algo contra mim. Contra nós três.

— Nossa, que droga! — Ele passou a mão nos cabelos, expressando sua preocupação — E o que pretende fazer?

Eu já tinha lambido as minhas feridas por tempo demais. Agora era hora de vestir a armadura e voltar para a guerra. A minha intuição, que nesse momento eu sentia mais forte do que nunca, alertava que existia algo que Lídia temia me contar, e eu iria descobrir.

— Está na hora de voltar à São Paulo.



O evento do Pedro, para a inauguração de seu mais novo projeto, a entrada da S.A. na Fórmula 1, era uma ótima ocasião para observar e avaliar todas as pessoas que nos cercavam. Estaríamos expostos e no olho do furacão.

— Ok, Fernando — iniciou Nick assim que o motorista parou em frente ao local do evento — Independente do que descubra, do que não descubra, e principalmente do que veja, não perca a cabeça.

— Você não está falando com o Pedro, Nick.

— Não. Mas quando se trata dela, parece que você perde a capacidade de pensar.

Sobre isso ele estava certo. Lídia era a única que me fazia sair da minha zona de conforto. Que me desestabilizava ao ponto de nem pensar antes de perder o controle.

— É diferente agora — alertei a ele, que após me estudar por alguns segundos, decidiu relaxar.

Como um dos patrocinadores do carro de corrida, também caía sobre nós algum tipo de atenção. Levamos algum tempo parando para fotos e respondendo perguntas, antes de conseguir seguir para dentro do salão.

— Vocês vieram mesmo — Pedro ressaltou assim que nos viu chegar — Eu me perguntava até quando ficariam enfiados naquela fazenda.

Ele estava acompanhado de uma linda morena em um vestido sexy, que não parecia ter intenção alguma de se desgrudar dele até que a festa acabasse e ele cumprisse as possíveis promessas que fizera a ela.

Era bom que o Santini mantivesse o foco em seu evento de importância e na noite de prazer que teria após ele. As minhas suspeitas ainda não podiam ser levantadas, até que Nick e eu tivéssemos algum tipo de direção para onde seguir.

— Uma festa e mulheres bonitas — murmurou Nick, pegando uma taça de champanhe enquanto dava à acompanhante de Pedro um olhar predador — Esse é o meu habitat.

Conseguí segurar o desejo de revirar os olhos para ele. Em nosso mundo normal, não seria nada impossível que ele e Pedro acabassem no mesmo quarto com essa e outras garotas, com quem fariam uma bela farra. Isso já aconteceu outras vezes, mas hoje à noite não era voltada apenas para a diversão.

— A Lídia não está aqui? — indaguei, pouco me importando que eu parecesse óbvio e desesperado demais.

Apesar de comparecer a eventos como esse, sempre que necessário, não era algo que ela gostava de fazer com frequência. Lídia não bancava a socialite atraindo flashes e admiradores na alta sociedade. O que a fazia realmente feliz era ter ao seu lado as pessoas que amava, o irmão, os tios, os avós, eu, quando estávamos juntos. Ela preferia dias inesquecíveis na fazenda a cansativas viagens internacionais. Mas essa noite era importante para Pedro, e imaginei que no lugar da bela morena pendurada em seu braço, estaria Lídia.

— Do outro lado — indicou Pedro, e ao fazer isso, não parecia muito contente.

Assim que avistei o seu acompanhante, entendi o nítido descontentamento de Pedro.

Como se sentisse a minha presença, ou porque Diogo tinha avisado ao dizer algo em seu ouvido, ela se virou em direção a mim.

Putá merda!

Finalmente vê-la, nada menos que deslumbrante e exalando a sensualidade que a fazia única, tive a dimensão de quanta saudade sentia dela.

Meus braços estavam vazios e pesados sem Lídia dentro deles. Mas o que mais me baqueou foi ver seu olhar para mim. Carregados da mesma aflição e desespero que eu sentia.

— Não tenho a mínima ideia de quando essa amizade inesperada com Trindade começou — murmurou Pedro, dando a Diogo um olhar severo — Mas espero que só seja um capricho de Lúdia. Às vezes, sinto que não dou a devida atenção a ela.

— Você não dá atenção nenhuma, Pedro — acusou Nick, fazendo com que, espantados, olhássemos para ele — Se desse, teria percebido muita coisa.

— Ah? — indagou ele na defensiva — Como o quê?

Pedro era muito protetor em relação à irmã, mas Nick estava certo, embora eu quisesse matá-lo por justamente agora levantar esse tema. Lúdia não era uma adolescente caprichosa, querendo chamar atenção, existiam muitas coisas nela que ele desconhecia, como o fato de perfeitamente ter mergulhado em nosso mundo. Mesmo que quisesse distância nesse momento. Eu vi, ela vibrou com cada experiência que teve.

— Como o fato de que ela cresceu, meu amigo — afirmou Nick — E que com quem sai e se relaciona é problema dela.

Pedro não gostou do que ouviu. Estávamos tão acostumados a ouvir as tiradas cômicas de Nick, que quando ele esfregava a verdade em nossas caras, não era algo fácil de engolir.

— O jeito que você fala, parece que sou um ditador.

— Ditador, não — murmurou Nick, agora sim com um tom de deboche — Mas cego.

Pedro resmungou alguma coisa contra o ruivo e se afastou de nós, todo esquentadinho. Minha atenção retornou à Lúdia e em Diogo, com o braço possessivo ao redor da cintura dela.

Isso me fazia lembrar quando retornei ao país, no ano passado, e estivemos em uma situação similar. Diogo entre nós, mais uma vez. Só

que, desta vez, de certa forma, eu tinha empurrado Lúdia nessa direção. Para os braços do homem que eu mais odiava no mundo.

— Fernando — A mão fechando em meu braço tinha a intenção de me manter no lugar.

— Estou bem, Nick — sussurrei de volta — Não vou fazer nada.

Obviamente que minha vontade era esmurrar Diogo e arrancar do rosto dele o sorriso cínico que me dava. Mas eu tinha um objetivo, e chegar ao final dele significava ter Lúdia de volta.

— Vamos circular — sugeri a Nick, enquanto pegava uma taça da bandeja de um dos garçons passando por mim.

Uma boa parte da noite, eu fingia socializar, mantinha os meus olhos em qualquer pessoa que apresentasse qualquer atividade suspeita e foquei minha atenção em Lúdia. Era uma verdadeira tortura vê-la ao lado de Diogo, enquanto ele desfilava com ela, exibindo todo orgulho de ser o acompanhante da herdeira Santini.

Não houve qualquer aproximação dela ou minha até o discurso de Pedro, o anúncio para o jantar e a liberação da pista de dança.

Aguentei até onde pude, mas observar de longe as mãos asquerosas de Diogo, deslizando pelas costas nuas expostas pelo vestido sexy de Lúdia, por intermináveis minutos, foi demais para mim.

— Nick? — Encontrei-o todo sorriso para um grupo de quatro belas mulheres — Preciso que faça algo por mim.

Manter Diogo longe e ocupado o máximo que ele conseguisse.

— Lúdia — Parei às suas costas e percebi, com certo contentamento, como os seus ombros ficaram tensos, isso era um bom sinal, provava que ainda mexia com ela — Vamos dançar.

Não foi um pedido e nem dei oportunidade para que ela recusasse o convite ao segurar firme o seu pulso. A boa educação e as pessoas

sorridentes na roda que ela estava também não permitiriam uma recusa rude.

Quando paramos no meio da pista e a coloquei de frente a mim, me deparei com seus olhos chispando.

— O que pensa que está fazendo, Fernando?

— O que eu disse — murmurei calmamente, envolvendo sua cintura com as minhas mãos, puxando-a para mais perto — Vamos dançar.

Seu olhar tinha um brilho acusatório, mas suas mãos se apoiaram em meu ombro.

— Tem medo de uma simples dança? — indaguei, passando lentamente a minha mão ao longo do seu braço — Ou do que ela possa despertar em você?

Pois comigo, esse mero contato já me colocava em combustão.

— Não seja bobo — ela murmurou, empinando o queixo e olhando em outra direção — Qualquer coisa que já tenha sentido por você, não existe mais.

Se tivesse ouvido isso há alguns dias, naquele dia no quarto dela, por exemplo, esse tipo de declaração teria me afetado, mas não agora. Não quando sabia o que queria e o que precisava fazer.

— Então não há nada a temer, você não acha?

Confirmando o que disse, a puxei mais para os meus braços, e quando sua cabeça encostou em meu peito, apoiei o meu queixo no topo dela.

Parecia que, no momento, a seleção de música era melodiosa. Até as luzes foram diminuídas, criando um clima mais romântico. Eu não sabia quanto tempo tínhamos e por quanto conseguiria mantê-la assim em meus braços, mas aproveitaria cada segundo.

— Eu senti saudade, sabia? — sussurrei em seu ouvido, enquanto subia os meus dedos por suas costas nuas.

— Fernando... — Seu olhar doce chegou até mim quando Lídia ergueu a cabeça.

O mundo ao nosso redor era apenas um mero borrão. Só importava nós dois. Em como os nossos corpos perfeitamente se encaixavam. Como eles reagiam estando tão perto.

— Negue que senti saudade também — murmurei, passando o polegar em seus lábios generosos, pintados no tom do desejo — Quero ver se sua boca é capaz de dizer isso.

Fechei minha outra mão em seu pescoço, e quando o acariciei com o polegar, a senti estremecer junto a mim.

Tudo o que eu queria, que nós precisávamos, para ser exato, era um maldito beijo.

— Lídia — balbuciei, trazendo seu rosto para mim.

Não importava onde nos encontrávamos e quem estivesse ao nosso redor, nossa atração era mais forte.

— Não — ela protestou fracamente, alguns segundos antes de nossas bocas se tocarem, e se afastou, saindo apressada para longe de mim.

Por um segundo, a vi se infiltrar entre as pessoas e começar a desaparecer.

— Realmente, não — murmurei, afastando quem estivesse em meu caminho impedindo-me de alcançá-la — Você não vai fugir.

O pouco que tive não era suficiente, e se não tivesse mais, estaria condenado à loucura.

— Fernando! — Ela me encarou quando a agarrei pelo braço, alguns instantes antes que passasse pela porta do banheiro.

Cego pelo desejo correndo quente pelas minhas veias, não respondi ao protesto, apenas a puxei de volta para os meus braços e dei continuidade ao que Lúdia interrompeu na pista de dança. Os meus lábios cobriram os dela, e logo um beijo explosivo entre nós se iniciou.

Entre gemidos e ataques de mãos um no outro, entramos às cegas no banheiro feminino.

— Saiam! — ordenei selvagemmente às duas mulheres que se encontravam em frente ao espelho.

— Isso é... — Lúdia tentou dizer, quando as mulheres, cochichando, nos deixaram sozinhos.

Soltei-a apenas para colocar uma barreira na porta, e ao retornar, tinha tanto seu olhar indeciso como o desejo de mandar tudo ao inferno e seguir com essa loucura.

— Vem aqui, Lúdia — ordenei.

Ela lutou por um instante, até que o próprio desejo que sentia tornar-se mais forte que ela. Do que nós dois.

Voltamos a nos beijar com fome e ferocidade. As nossas mãos estavam por todos os lados dos nossos corpos. Se reconhecendo, com carícias que elevavam ainda mais o nosso prazer.

A fiz saltar em meu colo, e quando suas pernas se enroscaram em minha cintura, sentei-a sobre a pia.

— Se lembra disso? — afundei minhas mãos no decote do seu vestido, e quando elas se fecharam nos seios dela, um gemido carregado de desejo foi emitido — A primeira vez que a fiz minha?

Em um banheiro parecido como esse e que também fomos incapazes de fugir da atração que sempre nos seduziu.

Abri mais suas pernas e toquei a calcinha úmida.

— Ainda sentimos o mesmo — murmurei, esfregando meu rosto em seu pescoço — Não, sentimos muito mais.

Com a língua, fui deixando um rastro que chegou até um dos seios, onde abocanhei o mamilo duro.

— Ah — Chupei com vontade, e Lúdia agarrou os meus cabelos — Fernando.

Não era um protesto desta vez e nem um pedido para que eu me afastasse. Seu olhar enevoado e inundado de tesão pedia para que acabasse com a nossa tortura.

Normalmente, eu gastaria um bom tempo torturando Lúdia e a enlouquecendo de prazer, mas tempo era algo que infelizmente não tínhamos. Assim, depois de algumas carícias e estímulo em seu nervo de prazer inchado, que a deixaram ainda mais molhada e receptível a mim, tirei o meu pau rígrado de dentro da calça e o enterrei com uma estocada forte para dentro dela.

— Oh, porra! — meu gemido de prazer ecoou à nossa volta.

Foi como entrar no céu. A cada estocada firme que dava, fazendo sua bunda e costas irem em direção ao espelho, mais prazer causava a nós dois.

— Aiii... — ela gemia e se contorcia inteirinha para mim.

Todo nosso desejo acumulado explodia nesse momento de loucura. Era intenso.

Quente.

E nos arrebatava.

— Fernando! — Ela agarrou o meu pescoço quando acelerei as investidas, elevando seu prazer ao máximo — Assim. Isso!

Enterrei os dedos em sua cintura e fiz o mesmo com meu pau entrando e saindo dela. Chegamos ao ponto que o prazer irradiou por

cada partícula nossa, e o orgasmo explodiu poderoso em nossas cabeças.

Deixei que minha semente jorrasse dentro dela, marcando-a como minha, enquanto Lúdia ainda estremecia com espasmos que o orgasmo lhe causava.

Quando a minha última vibração de prazer acabou, encostei minha testa na dela. Estávamos saciados, fracos, buscando ,de alguma forma, regular nossas respirações.

— Isso não deveria ter acontecido — a ouvi sussurrar.

A expressão “o mundo dava voltas” era bem conhecida e caía bem nesse momento. Eu tinha falado algo parecido a ela, no passado.

— Lúdia...

— Não, Fernando — Suas mãos firmes empurraram meu peito, as pernas vacilantes a fizeram se apoiar sobre a pia — Isso não muda nada. Foi uma inconsequência.

— Por quê?

Não era possível que tivéssemos tido um momento tão quente, especial e intenso, e agora Lúdia voltasse a erguer esse muro entre nós.

— Não estamos mais juntos — avisou ela, dando-me um olhar firme enquanto arrumava da melhor forma os cabelos desalinhados e o vestido suspenso — Isso... Isso não vai se repetir.

Eu queria sacudi-la. Fazer com que, de alguma forma, percebesse a insanidade que era tudo isso.

— É isso que acha? — enfrentei-a com a mesma irritabilidade no olhar — Então, é mais tola do que eu pensei.

Esse era o momento que iria levar uma bela e merecida bofetada, mas Lúdia apenas suspirou e me deu as costas, indo em direção à porta. Ela soltou alguns xingamentos que me fizeram sorrir durante as primeiras tentativas de abri-la.

— Eu vou descobrir, Lúdia — cruzei os meus braços, e diferente da fúria em meu interior, a encarei placidamente — O que você esconde. E porque está fugindo. Cedo ou tarde, eu vou descobrir.

Por um instante, vi um brilho de medo passar pelo rosto dela que só confirmava a minha teoria. Algo importante a estava assustando.

— Adeus, Fernando.

Até breve, querida, foi o que sussurrei quando porta foi batida atrás dela.

CAPÍTULO 25

LÍDIA

Os meus sentimentos se dividiam entre felicidade e medo. Todos esses dias longe de Fernando e tendo que suportar a presença de Diogo, cada vez mais foi um verdadeiro tormento para mim, mas esse momento que tivemos juntos, na dança ou na loucura dentro do banheiro feminino, mesmo que muito breve, conseguiu me dar um pouco da paz que eu precisava.

Só que eu precisava ter cautela. O Diogo ainda precisava acreditar que a minha relação com Fernando estava estremecida, quando, na verdade, eu precisava dizer uma palavra para tê-lo de volta.

— Lídia?

O chamado atrás de mim me fez saltar no lugar.

— Diogo.

— Nos desencontramos e não consegui mais achar você.

— Precisei ir ao banheiro — grudei-me no braço dele, virando-o de costas para o banheiro onde via Fernando começar a surgir — Depois da dança, não te achei mais.

— Nick me chamou para uma conversa. Ele deseja melhorar o marketing do hotel. Eu só não entendi por que procurou justamente a mim. Está na cara que ele me detesta.

Fernando. Segurei o sorriso satisfeito ao chegar à conclusão que só poderia ter sido um pedido dele, para dar a nós dois alguns minutos

sozinhos.

— Bom. Você faz um bom trabalho na empresa.

Infelizmente, isso era verdade e achava que só por isso meu irmão ainda mantinha Diogo no cargo elevado que ele exercia.

— E se você é meu amigo, o Nick vai fazer o possível para ter uma boa convivência com você — sorri para ele e ajeitei a gravata que não precisava ser arrumada — Sabe como eles são. Gostam de me superproteger.

Se Diogo tinha acreditado no que eu disse, não sabia dizer. Ele era uma pessoa muito difícil de conseguir ler e imaginar o que estava pensando. O que dificultava muito cada passo que dava com ele.

— Você e o Fernando? Como foi a dança?

As lembranças dos últimos minutos me fizeram queimar por dentro, e eu fiz o possível para controlar as minhas emoções.

— Como você disse, não gostou de me ver com você, mas nada mudou até agora.

— Lídia? — Diogo me virou para ele e me encarou com carinho — Já pensou que talvez vocês dois, talvez não... que seja possível não ser o destino ficarem juntos?

Ouvi-lo dizer isso me causou uma consternação que não fui capaz de disfarçar.

— Só quero dizer que — ele passou a mão em meu rosto, afastando uma mecha do penteado que Fernando desfez quando nos agarramos — deveria ter os olhos abertos e avaliar todas as outras possibilidades.

Para mim, não existia ninguém além de Fernando.

— Vou pensar sobre isso — murmurei tristemente — Agora, será que poderíamos ir para casa?

Eu já tinha desempenhado o meu papel, desfilar com Diogo como se fosse sua mais nova conquista. Dando a ele o poder que acreditava estar conseguindo comigo.

— Obrigada pela noite. Por todo apoio que tem me dado até aqui.

Engolindo o amargor que subiu à minha garganta, ao me aproximar mais dele no banco do carro, toquei seu rosto com suavidade.

— Você é uma pessoa muito especial, Diogo.

Os meus lábios pousaram em sua bochecha, no cantinho próximo à boca dele.

— Nos vemos durante a semana? — indagou ele, puxando a minha mão antes que eu saísse do carro.

— Seria maravilhoso.

Observei o carro se afastar, e quando sumiu da minha vista, esfreguei os lábios com o dorso da mão, demonstrando toda a minha repulsa.

Assim que cheguei ao meu quarto, fui direto para o banho. As lembranças vinham em minha mente como ondas.

— Fernando.

Como iria mantê-lo longe, se nem conseguíamos ficar no mesmo ambiente sem nos agarrarmos?

Essa pergunta martelava em minha cabeça, quando a tela do celular se acendeu na mesinha ao lado da cama.

“Foi uma noite incrível. Tenha bons sonhos. Eu certamente vou ter”

Eu olhava, embevecida, a mensagem que Fernando tinha acabado de enviar.

“Você estará neles, Lídia.”

Levei o aparelho ao meu peito, como se fosse o meu bichinho de pelúcia preferido. E com um sorriso, finalmente pude dormir em paz.

FERNANDO

Olhei para a minha imagem refletida no espelho. A imagem impecável diferia muito de como realmente me sentia por dentro. Inquietação e caos.

— Ainda não falei com ele — respondi a última pergunta de Nick — Cheguei cedo demais e Pedro ainda estava em reunião.

Nós marcamos para almoçarmos juntos. Como as minhas investigações não estavam dando em lugar algum, precisava verificar com meu amigo se existia alguém, ou se ele desconfiava de alguma pessoa que pudesse desejar se vingar dele.

O *Torres* estava riscado da lista definitivamente, o homem parecia mesmo ter deixado o acontecido na *Paradise* de lado e aceitado de bom grado a pequena fortuna que entreguei a ele como *indenização*.

— Espero que Pedro encontre as respostas que você não está conseguindo encontrar.

Eu também estava contando com isso.

— A gente se fala depois, Nick.

Conferi o relógio mais uma vez. Pelo que Natasha tinha informado, Pedro ficaria preso na sala de reuniões por pelo menos mais uns vinte minutos, que eu não iria gastar ficando sentado em uma sala de espera.

Uma boa forma de conhecer uma empresa era observando como os seus funcionários se comportavam e, principalmente, o que pensavam de

seus superiores. Talvez eu conseguisse algum tipo de informação importante.

— Não vai esperar o Sr. Santini retornar? — indagou sua secretária, ao me ver passar por sua mesa.

Que eu não gostava de Natasha não era segredo, nem mesmo para ela. E depois de sua tentativa de me intimidar ao descobrir que Lúdia era a garota de máscara, a primeira vez que a levei à Paradise, o meu desprezo por essa mulher tinha apenas aumentado.

— O Pedro quer mudar algumas coisas no prédio e vou aproveitar para dar uma olhada, antes de apresentar algum projeto a ele.

— Estranho — seus olhos desconfiados me estudaram de forma irritante — Não soube disso.

— Talvez seja porque — inclinei-me sobre ela e olhei friamente em seus olhos — algumas coisas não sejam da sua conta. Você é a secretária, e não a esposa dele.

E que o Santini não tentasse elevar o status de sua amante, ou sei lá qual tipo de relação ele mantinha com a secretária, pois eu o amarraria em uma camisa de força.

Quando cheguei ao elevador, selecionei aleatoriamente um andar, enquanto observava o olhar cheio de ódio que Natasha me direcionava. A porta fechou no momento que uma nova suspeita vinha à minha cabeça.

E se fosse Natasha?

Quais os motivos que a levariam a querer me separar de Lúdia?

O que Natasha usaria para a encurralar?

Ela queria o Pedro. Talvez me visse como uma barreira para chegar aonde desejava. A melhor forma de manter minha atenção longe dos dois, seria se a minha cabeça estivesse focada em outra coisa.

A porta do elevador abriu novamente, e eu estava prestes a selecionar o andar da presidência, quando vi a mulher de vestido vermelho caminhando ao longo de um corredor. Eu conhecia aquele andar, o jeito que os cabelos balançavam quando inclinava a cabeça. A forma elegante e sensual que o corpo se movia.

O que Lúdia estava fazendo aqui?

Ao que eu saiba, ela raramente vinha à S.A., e quando fazia isso ia diretamente para a sala do irmão. Intrigado, decidi segui-la, mantendo a distância necessária para que não me notasse.

Usei um vaso para ocultar o meu rosto quando ela parou em frente a uma porta, olhando para os dois lados antes de decidir entrar na sala rapidamente.

Eu a segui.

A placa fixada na porta indicava tanto a função como o nome de Diogo. Descobrir que Lúdia veio visitá-lo era motivo suficiente para que eu desse meia-volta e fosse embora. Contudo, após angustiantes minutos remoendo o dilema entre ir e entrar, acabei deixando-me levar pela segunda opção.

— Lúdia?

Como qualquer pessoa sendo pega em flagrante, ela pulou no lugar e direcionou a mim um olhar assustado.

— Fernando!

— O que você está fazendo? — indaguei a ela, fechando a porta atrás de mim.

Ao contrário do que pensei no início, Diogo não estava aqui, como também percebi que Lúdia tentava abrir uma das gavetas da mesa dele, que se encontrava trancada.

O que ela estaria procurando? E por quê?

— Eu... hum — seus olhos inquietos olharam em volta — Queria uma tesoura.

— Uma tesoura... — repeti e caminhei para perto dela.

— O que está fazendo aqui, Fernando?

Eu conhecia essa irritabilidade em seu olhar. Lídia era como um desses bichinhos selvagens e acuados, usando o ataque como defesa.

— Marquei com o Pedro de almoçarmos juntos.

— A sala da presidência fica no último andar.

— O que você estava procurando?

Definitivamente, ela não tinha me convencido com a história da tesoura.

— Por que acha que estava buscando alguma coisa?

Minha sobrancelha se erguendo e a expressão irônica foram a resposta.

— Só estava curiosa — ela sorriu, passando a ponta dos dedos na mesa — Também marquei de encontrar com Diogo, e como... estamos tentando nos conhecer melhor, dessa vez desejo saber exatamente onde estou pisando.

A última coisa que esperava, que eu desejava ouvir, era isso. O fato de Lídia confirmar que tinha algum interesse em Diogo, além da proximidade conhecida, já me irritava o suficiente.

— Está se enganando — avisei calmamente, enquanto dava a volta na mesa, parando à sua frente.

— O quê?

Era como se em nossos corpos carregassem duas fortes e poderosas forças magnéticas, que se atraíam.

— Achando que vai encontrar nele o que realmente deseja — Peguei sua cintura e fechei minha outra mão em volta do seu pescoço, trazendo-a

mais para mim.

Nossos rostos tinham apenas centímetros de distância, e as respirações aceleradas se encontravam.

— O que eu procuro? — tanto o olhar como a pergunta tinham um tom desafiante — O que acha que eu quero, Fernando?

O mesmo que eu também desejava. Nós dois.

— Isso.

As nossas bocas não se encontraram, elas colidiram. Faíscas deram lugar ao fogo queimando nossos corpos, que logo se transformou em um incontrolável incêndio.

— Fernando — o protesto vindo de seus lábios, colados nos meus, foi tão fraco e não teve a mesma força que nossas mãos explorando um ao outro com desespero e ansiedade.

Eu a segurei firme pela cintura e joguei-a sobre a mesa. A luxúria nos dominava. A paixão guiava cada uma de nossas ações. O desejo nos impulsionava, um para o outro.

A nossa dança do amor era como uma batida de rock'n roll.

— Ah! — O gemido carregado de prazer saltou de seus lábios e suas unhas afiadas se fincaram em meus ombros quando a puxei para mim e estoquei em seu interior com força.

O meu quadril batia duro, dando e buscando o prazer que nós dois ansiávamos.

Quente.

Intenso.

Descontrolado.

Eram as melhores formas de nos descrever juntos.

— Porra! — gemi alto quando, juntos, atingimos o ápice.

Ambos tremendo e engolidos por essas sensações que nos levaram ao paraíso.

Para quem tinha afirmado que isso jamais iria se repetir, provamos que Lúdia estava completamente errada. Ela precisava entender que quanto mais distância tentasse colocar entre nós, mais intenso o desejo que sentíamos ficaria.

Sair de dentro dela causou a nós dois um novo frenesi, e eu colhi com minha boca o pequeno gemido de prazer que ela deixou escapar.

Nossas cabeças se uniram e nossos olhares, ainda embriagados, se encontraram. Acariciei suas coxas com as pontas dos dedos e esfreguei minha testa na dela. Era como se ainda sentisse essa febre.

— Isso é loucura — murmurou Lúdia, quase em um fio de voz.

Talvez termos nos entregado a essa grande atração que sentíamos, na sala de Diogo, tenha sido um pouco arriscado, mas o que fizemos não foi loucura.

— Bem-vinda ao meu mundo. Tudo o que é certo parece errado e tudo o que é insano parece o correto.

Ao longo da minha vida, tive experiências incríveis, fosse no sexo ou encarando aventuras radicais. Nesse momento, eu queria apenas um pouco de paz. A vida normal que, por muito tempo, encarei com certo desprezo.

Agora tudo parecia fora de lugar, e Lúdia me levava a um estágio de loucura e desespero.

— Droga! — praguejei, me afastando dela, indo em direção a uma porta que achava ser o banheiro.

Eu precisava manter a calma, disse a mim mesmo, enquanto molhava meus pulsos e rosto com a água fria. Em seguida, molhei alguns lenços de papel e peguei outros secos.

Lídia estava exatamente no mesmo lugar e posição que a tinha deixado. Ela poderia estar me deixando maluco, mas eu sabia que, com ela, a bagunça emocional acontecia também.

Limpei os vestígios do nosso sexo da mesa, depois passei os lenços umedecidos suavemente em suas coxas. Quando deslizei por sua boceta molhada, fazendo-a tremer, suas mãos agarraram firme o meu pulso.

Como o pulsar de um coração, o desejo estava novamente entre nós.

— Não — o protesto foi bem firme e claro desta vez — Não pode continuar a fazer isso.

Joguei os papéis no lixo e, frustrado, apoiei as duas mãos sobre a mesa, enquanto a observava se afastar.

— Fazer o quê?

Ser mais honesto que ela e deixar que os meus sentimentos me guiassem?

Eu queria essa resposta, mas a porta sendo aberta, nesse exato momento, não me permitiria.

— Lídia?

O olhar intrigado de Diogo dividiu-se entre nós dois.

— Atrapalho alguma coisa?

— Não! — Ela se manifestou antes que eu desse a resposta devida a ele — Fernando e eu dissemos tudo o que precisávamos dizer, e ele já estava de saída.

Odiava a posição de ser o outro cara. Aquele que claramente estava sendo dispensado. A minha fúria dizia para ignorar o pedido silencioso de Lídia e a arrastar para longe daqui. Contudo, outro pensamento vinha à minha cabeça.

— Nós conversamos depois — avisei a ela, e levado por um sentimento mais forte que a razão, beijei demoradamente os lábios dela antes

de seguir até a porta.

O ciúme nos levava a fazer coisas ridículas, como querer mostrar a Diogo que o que ele tanto desejava pertencia a mim.

Então, por que ao me escorar contra a porta fechada, sentia que a derrota era minha?

— Nick? O que acha do Diogo? — questionei assim que meu amigo atendeu o telefone.

— Diogo Trindade?

— Você conhece algum outro Diogo que seja uma pedra no meu sapato? — indaguei, zangado.

Para ser honesto, eu me sentia furioso.

— A Lúdia sempre pareceu gostar dele.

Isso era verdade, e por esse motivo que, erroneamente, ainda não tinha colocado Diogo em minha lista.

— Nem tudo é o que parece, Nick — ressalttei, entrando no elevador.

Eu veria o que Pedro tinha a me dizer sobre isso.



As informações que recebi não esclareceram muito.

Os dois não se deram muito bem no começo, mas Diogo exercia muito bem a sua função. Se eu quisesse saber mais a fundo, precisaria abrir o jogo com Pedro em relação a tudo.

E nesse momento, já não se tratava de esconder dele a minha relação conturbada com a sua irmã.

— Qual o seu real problema com ele?

Como Nick sempre dizia, devido a esse seu lado passional, Pedro ficava cego para o mais importante, mas ele não era burro.

— O Trindade?

— Eu não gosto de vê-lo com Lúdia, mas isso parece irritar bastante você. Então, qual o problema?

— A Lúdia já teve muitas decepções. Muitas perdas. Só quero ter certeza de que ele não vai feri-la — disse uma boa parte da verdade — Eu fiz uma promessa, você se lembra?

— Protegê-la — murmurou ele, antes de tomar um pouco de vinho — De qualquer um.

Até mesmo de mim, engoli em seco.

Parecia que quanto mais eu tentava fugir desse precipício, mais perto ele ficava de mim. Não havia saída, e todos seriam tragados em algum momento.

— Quer ir a Paradise essa noite? Acho que seu castigo já deve ter acabado. Eu posso ver isso com Aron.

A casa de BDSM, por muito tempo, foi o meu parque de diversões. Onde eu me sentia o rei. Tudo mudou quando a garota, com doces e expressivos olhos cor de chocolate, mostrou o outro lado da vida.

— Tenho um assunto importante para resolver essa noite.

O sorriso sacana que Pedro me deu expressava perfeitamente o que ele estava pensando.

Sim. Iria mesmo me encontrar com uma mulher.

— A garota da máscara? Ainda está balançado por ela.

— É muito mais do que isso — respondi, depois levei calmamente a minha taça à boca.

CAPÍTULO 26

LÍDIA

Se você não conseguia vencer o inimigo, o melhor era unir-se a ele. Eu não podia definir Fernando assim, o verdadeiro, e a quem queria vencer a qualquer custo, possuía outro nome. Mas depois que fui convidada, para não dizer, coagida por Fernando, a comparecer ao seu apartamento, naquela mesma noite do dia que transamos na sala de Diogo, entendi que a forma com que vinha lidando com ele precisava mudar.

Assim, iniciou a nossa estranha, intensa e nova relação secreta. Eu não podia ficar com Fernando, mas a Vênus, a mulher mascarada podia, como ansiava por cada encontro nosso.

O problema era que ele vinha me pressionando cada vez mais. Achei que o sexo, e devo confessar, esses nossos encontros cheios de paixão e toques de mistérios, que na maior parte das vezes aconteciam no Éden, o hotel de Nick, o manteria um pouco mais calmo.

Só que Fernando desconfiava que algo me acuava e vinha investigando. Exigindo respostas, que em algum momento, ele conseguiria encontrar.

— Qual o problema? — indaguei, me enrolando no lençol.

Fernando estava em frente à janela, nu e perfeito como só ele conseguia ser, observando a noite escura.

— Vou dizer ao Pedro — a resposta curta e principalmente calma me fez sair da cama, atordoada.

— O quê?

— Em relação a tudo, Lídia. Principalmente, sobre o que não quer me contar. Acha que isso... — ele olhou em volta.

Eu sempre mandava preparar o mesmo quarto, mudando detalhes do que queria vivenciar com ele. Um pouquinho do que ele amava com como eu enxergava as coisas.

— Acha que isso tudo me manteria calado por quanto tempo?

Nós já tivemos essa conversa. Aliás, sempre que nos despedíamos, uma nova discussão a respeito disso iniciava. Verdade que não podia dizer a ele ainda.

Só que, desta vez, a forma como ele me olhava, com que me pressionava com o aviso, parecia diferente. Não era mais uma ameaça para me colocar contra a parede.

E não podia culpar Fernando por ter chegado ao limite. Para conseguir a confiança de Diogo, precisei agir exatamente do jeito que ele achava que era. Uma garota rica, mimada e que gostava de ter as vontades obedecidas. Isso significava ir a mais festas ou oferecê-las em minha casa. Frequentar baladas exclusivas e até abrir minhas mídias sociais, expondo uma vida cheia de luxos e privilégios, com ele sempre ao meu lado. Ter pessoas ao meu lado que não combinavam comigo e agir da forma avoada que ele esperava.

Só que isso não me levou a lugar algum. Ainda estava presa nas poucas informações que Diogo me dera naquela noite, em seu apartamento. Eu tinha que admitir, sozinha eu não conseguiria nada. Eu precisava de ajuda.

— Ele tem uma amante.

O que disse o fez se virar para mim, um tanto confuso.

— Diogo?

Assenti e fui vendo a expressão de Fernando mudar.

Para todos que nos conheciam, principalmente para o meu irmão, Diogo e eu éramos publicamente um casal. Assim ele se comportava e tenho deixado ele levar as coisas. Fingindo a cada dia mais me divertir com ele, apreciar sua companhia e esquecer um pouco mais o Fernando.

— Ótimo. Isso é motivo suficiente para afastá-lo de uma vez. Eu sempre disse que Diogo não era confiável. Tudo o que ele vê em você são os números crescentes em sua conta bancária.

Se esse fosse apenas o pecado e desvio de caráter de Diogo... Ele sonhava muito mais alto do que conquistar a garota rica.

— Existe algo mais.

Suas mãos se fecharam com firmeza em meus braços. Não era fúria que via nos olhos de Fernando, mas sim apreensão e preocupação.

— É o Diogo que a ameaça? Porque tudo isso é uma grande besteira, Lúcia.

Esse quarto. Nossos encontros às escuras, embora alguns tivessem sido muito divertidos. Como se fôssemos Romeu e Julieta da vida moderna, vivendo perigosamente.

— Se você quer evitar que eu não enlouqueça mais do que estou, diz o que está acontecendo.

Para ser sincera, estava cansada de carregar esse fardo sozinha. Mas a forma que Fernando exigia a verdade me deixava insegura.

— Acho que ele esconde algo. Alguma coisa que possa afetar a Santini ou ao meu irmão.

— Droga! — Fernando me soltou, indo em direção às suas roupas espalhadas no chão.

— Eu preciso provar que estou certa, entende? — segurei o seu braço antes que pegasse a camisa e o fiz se virar para mim — Você

conhece o Pedro. Eu preciso de provas. Preciso de ajuda.

— Vou cuidar disso.

— Não! — O encarei em desespero — Você não vai fazer nada. Se ele realmente estiver comigo...

Minhas palavras fizeram Fernando grunhir, e sua expressão não me agradou nem um pouco. Ele poderia ser um pouco menos estourado que o meu irmão, mas quando se tratava de mim ou se acreditasse que eu estivesse em risco, Fernando virava uma fera difícil de controlar. E se tinha algo de bom que aprendi convivendo mais de perto com Diogo, era o quanto ele poderia ser escorregadio e inteligente.

Se desconfiasse que Fernando ou eu estivéssemos no encalço dele, tudo o que fiz até agora iria ruir.

— Deixe que um profissional cuide disso.

— Você quer dizer um detetive?

Assenti, ajeitando melhor o lençol em volta de mim.

— Se ele entregar as provas que, além de estar comigo, ele tem outras garotas, eu... — odiava mentir para Fernando, mas no momento era necessário, pelo menos até concluir a nova tentativa de pegar Diogo — Entrego tudo ao meu irmão e exigirei que se mantenha afastado de nós.

— Eu não gosto disso, Lúcia. Posso muito bem...

— Fernando — Aproximei-me mais dele e passei os braços em volta de seu pescoço, e isso fez com que o lençol deslizasse pelo meu corpo e formasse uma montanha de tecido sobre os meus pés — Por favor. Ao menos uma vez, deixe-me resolver as coisas como quero.

Sua expressão atormentada mostrava que ele estava dividido. Em um conflito interno.

— Nós vamos conseguir as malditas fotos e essa merda acaba.

Puxei-o para um beijo voraz.

Eu não tinha ganhado. Alguma coisa o fizera atender ao meu pedido. Mas pelo menos havia ganhado um pouco mais de tempo, e nesse momento, era tudo o que eu precisava.

DIOGO

Aquela puta achava mesmo que estava brincando comigo?

Que seus encontros clandestinos com Fernando nunca seriam descobertos?

Não havia um passo que ele desse sem que eu soubesse. E não foi surpresa alguma descobrir que a garota mascarada, com quem ele vinha se encontrando no hotel, não passava da vadia da Lídia.

Não permitia que meus carinhos com ela avançassem, mas mantinha as pernas sempre abertas para o perverso do Fernando. Ainda se, como Clara, fosse algo importante para Lídia manter a pureza, eu entenderia suas justificativas pífias de não tornar a falsa relação que tínhamos em algo real.

O problema era que, garotas como ela e Suellen, que se sujeitavam às fantasias sujas que tipos como Fernando, Pedro e o estrangeiro intrometido desejavam, condenavam os seus corpos, mente e alma corrompidas.

— Quando essas fotos foram tiradas, Rodrigues? — indaguei ao meu braço direito, pelo telefone.

— Faz algumas horas, patrão. Acabei de recebê-las.

Isso não era bom. Realmente, não era bom.

Parecia que não haveria outra saída. Eu precisaria fazer um desvio em meu plano. Deixar o Santini de lado por um tempo e arrancar a erva

daninha que poderia colocar todo avanço com Lília até aqui em risco.

— Vamos partir para o plano B, Rodrigues. Preciso pensar exatamente como vamos fazer. E lembre-se: desta vez, tem que parecer um acidente.

De coração partido pela perda, Lília se veria perdida e indefesa. Alguém que precisaria, mais do que nunca, de ombros amigáveis e protetores como os meus.

— Entendido, chefe. Eu vou...

Uma batida na janela me fez encerrar às pressas a ligação com João, e o sorriso empolgado de Clara surgiu na janela.

Não importava quantas horas ela ficasse em pé, correndo de um lado a outro, carregando caixas e mais caixas de sapatos na loja que trabalhava. Se no final do dia só tiver tempo de passar em casa para um banho e novamente enfrentar ônibus e metrô lotados para chegar a tempo na faculdade, ela sempre olhava a vida de forma positiva.

Antes, eu almejava o topo apenas por mim, mas desde que ela tinha surgido em minha vida, desejava que o mundo se curvasse para nós. Porque não era justo que cadelas como Lília e homens desprezíveis como Pedro tivessem tudo, e nós fôssemos apenas a plateia, assistindo de longe.

Abri a porta emperrada do maldito carro usado, que sempre alugava para vê-la. Primeiro, ela jogou a mochila no banco de trás, depois ajoelhou no banco ao meu lado para me presentear com um beijo.

— Fico feliz que tenha conseguido vir — disse ela com verdadeira alegria.

Quando recebi sua mensagem, avisando que teria as duas últimas aulas vagas e me perguntando se poderíamos nos ver, imediatamente aceitei o convite. Quem sabe essa noite poderíamos avançar o sinal.

Estava cansado de ter minhas necessidades de homem atendidas por prostitutas.

— Sabe, alguns dos meus amigos combinaram de ir a um barzinho, aqui perto da faculdade. Como a gente não sai muito, achei que seria legal.

Geralmente nos víamos nos fins de semana. Não todos. Eu precisava estar à disposição da agenda de Lídia. Então, eu inventava viagens de negócios sempre que precisava dar um perdido em Clara. Ela era uma boa garota, trabalhava e estudava muito, além de ser responsável pela mãe doente e a pirralha insuportável da irmã menor, e achava que o mesmo acontecia comigo.

— Não — disse, firme.

E a recusa não vinha apenas pelo fato de ver minhas reais intenções indo por ralo abaixo. Eu evitava ao máximo conhecer ou ter contato com os amigos de Clara. Em algum momento, poderia ser reconhecido pelas fotos que Lídia constantemente postava de nós dois ou quando comparecíamos a algum evento de destaque.

Também não deixava que Clara postasse fotos nossas ou exibisse nosso relacionamento em mídias sociais, era muito arriscado.

— Mas eu queria que você os conhecesse...

— Que eu me lembre, amanhã você trabalha. Depois, eu tenho uma nova e longa viagem para fazer pela manhã. Que droga, Clara!

A maior forma de sair dessas enrascadas era jogar a culpa nela mesma. Fazer com que se sentisse mal por ter tido uma ideia ruim.

— Achei que queria ficar comigo.

Ela estava magoada pela recusa, mas principalmente, pela forma rude que falei com ela.

— Desculpe chatear você, princesa. Nós quase não ficamos juntos. Mas se quiser ir com suas amigas, tudo bem. Não quero tornar isso um motivo para a gente brigar.

— Também não quero brigar. Terão outras oportunidades. Vou só enviar uma mensagem à Dandara.

Não era fácil manter essa vida dupla, mas, principalmente por Clara, valia a pena. Eu não podia renunciar a ela.

— Tudo bem? — indaguei quando a vi colocar o cinto e cruzar os braços no peito.

— Hum-hum.

Não estava bem, ela estava aborrecida. Mas Clara tinha um coração mole, antes de deixá-la na porta de casa, conseguiria, como das outras vezes, o seu perdão.

FERNANDO

Ricardo Vilela.

Olhei novamente o nome e os dados no cartão que foi entregue a mim, antes de guardá-lo no bolso.

— Fernando?

Saía do meu carro, quando avistei Pedro parado ao lado dele e o motorista retirando as malas de viagem.

— Eu não me lembrava que retornava hoje.

— Resolvi tudo o que precisava na Itália e não vi necessidade de continuar lá. Veio ver a Lídia, suponho.

A casa deles sempre estava aberta a mim, assim como o meu apartamento, a fazenda e outras propriedades particulares que eu tinha estavam à disposição dele, porque éramos uma família.

Mas os motivos que me trouxeram a vir procurar Lúdia não estavam relacionados ao que Pedro pudesse estar considerando.

— Se ela não tiver saído com Diogo — respondi, seguindo-o para dentro da casa.

— Estou exausto da viagem, mas o que acha de pedirmos pizza? Se estiver com fome, sabe, como nos velhos tempos?

Apenas um sábado à noite entre amigos. Minha conversa com Lúdia precisaria aguardar um pouco mais.

— A ideia parece ótima.

— Também quero falar com minha irmã a respeito de algumas notas e rumores que ouvi em site de fofocas.

— Do que você está...

A minha pergunta silenciou quando Pedro estacou no lugar, ao avistarmos a sala de jantar. A mesa estava romanticamente decorada e posta para duas pessoas.

Lúdia e Diogo.

— Interrompemos alguma coisa ou chegamos no momento certo? — indagou Pedro, trazendo a atenção dos dois para nós.

Para ele ou qualquer outra pessoa que os observasse, veria um casal encantador compartilhando uma noite juntos. Mas o olhar nervoso de Lúdia destacava o grande circo que era isso.

— Ambos, Pedro — avisou Diogo, levando a mão de Lúdia aos seus lábios — Sua irmã e eu estamos comemorando, e agora teremos prazer de convidá-los a celebrar com a gente o nosso noivado.

Noivado?

— Que porra é essa? — A pergunta furiosa surgiu de mim.
Toda a minha atenção estava focada nela.

CAPÍTULO 27

LÍDIA

Merda! Merda! Merda!

Não era exatamente assim que eu tinha idealizado essa noite.

Bem diferente do que Diogo tinha acabado de afirmar, esse jantar romântico não tinha o intuito de comemorar um compromisso amoroso. Eu só queria embebedar Diogo o suficiente para colocar algumas gotinhas de sonífero em seu copo sem que ele percebesse e que o fizesse dormir até o dia seguinte.

Eu conseguiria tempo suficiente para buscar todas as provas que eu queria em seu apartamento e no maldito cofre. E se tivesse sorte, antes de amanhecer o dia o veria algemado e sendo levado em um carro de polícia.

Só que a chegada de Pedro, acompanhado de Fernando, havia estragado tudo.

— Lídia! — Concentrado em sua própria raiva, Pedro ignorava a fúria de Fernando — Que merda é essa que Diogo está dizendo?

— Ah, surpresa? — ironizei, nervosa.

Os dois me encararam de um jeito que só não me fazia mijar nas calças, porque suas caras feias não me assustavam mais.

— Diogo? — chamou Pedro — Vamos até o escritório. Precisamos ter uma conversinha.

Assim que um Diogo, não muito firme nas pernas, o acompanhou, Fernando veio como leão com pregos na pata atrás de mim.

— O que você pensa que está fazendo?

— Isso foi ideia do Diogo, esse noivado.

Ele encarou cada detalhe da mesa de jantar e depois voltou a me enfrentar.

— Eu queria embebedá-lo e investigar algumas coisas.

— Por Deus, Lília! Quantos absurdos você ainda pretende fazer?

Todos que fossem necessários para atingir o meu objetivo. Fernando não conseguia entender e nem compreender as minhas ações, porque ele não sabia o que eu sabia.

Diogo matou os meus pais, roubava a nossa empresa e colocava a vida dele e a do meu irmão em risco.

— Eu vou falar com Pedro agora.

O pânico rapidamente tomou conta de mim. Cansado da viagem e irritado como Pedro se mostrava, qualquer coisa negativa que fosse dita sobre Diogo o faria perder a cabeça.

— Não! — tentei segurar o seu braço para impedi-lo.

— Já dei confiança demais às suas maluquices, Lília. Isso precisa acabar.

— Fernando — prendi-me contra o seu corpo, implorando que ele não avançasse nessa loucura — Por favor, não...

Então, uma grande vertigem caiu sobre mim e fui sentindo meu corpo ficar fraco.

— Lília?

A voz dele foi sumindo enquanto tentava, com todas as forças, lutar contra a escuridão.



O cheiro de álcool em meu nariz foi a primeira coisa que percebi, antes de começar a abrir os meus olhos.

— Não deveríamos levá-la ao hospital?

— Espera, acho que está acordando.

— Lídia?

Forcei os meus olhos, piscando algumas vezes, e quando eles se abriram completamente, avistei o rosto de Fernando, bem no topo da minha cabeça, e o de Pedro, que estava ao meu lado no sofá, segurando a minha mão.

— Querida, você está bem? — indagou Pedro.

Quis me levantar, mas uma nova tontura me fez deitar outra vez a cabeça no colo de Fernando.

— Ainda acho que devemos levá-la ao hospital — disse Fernando, confirmando que a sugestão anterior também tinha partido dele.

— Não. Sabe que não gosto de hospitais, Pedro.

Eles não me traziam nenhuma lembrança boa.

— Eu estou bem — afirmei, e apesar do meu estômago me dizendo o contrário, consegui vencer o mal-estar e me sentar no sofá — Acho que bebi demais.

Na verdade, tinha bebido muito pouco e me concentrado para que Diogo fizesse isso. Porém, no momento, era a única justificativa que conseguia pensar em dar a eles.

— E o Diogo?

— Falei que era melhor ele ir para casa — avisou Pedro — Lídia, não sei o que anda acontecendo com você, mas não pode continuar assim.

Eu entendia a preocupação de Pedro e queria poder dizer a ele que não havia motivos para isso. Era tudo encenação de uma personagem que

fui obrigada a criar.

— Posso ouvir os seus sermões amanhã, Pedro? Hoje, estou muito cansada.

Fernando e ele se encararam.

Deus, se eles soubessem o grande amor que sentia por ambos.

Pensar sobre isso trouxe lágrimas aos meus olhos, e achei que foi isso a amolecer meu irmão.

— Tudo bem — murmurou ele — Vamos levá-la para cima. Você precisa de um banho, e depois, cama. Conversaremos amanhã.

Com Pedro seria fácil lidar, no fim, ele acabaria atendendo os meus pedidos. Fernando já era um caso muito mais complicado.

— Deixa que eu a levo, Pedro — disse Fernando, me pegando em seu colo.

Passei o meu braço em volta do seu pescoço e apoiei a cabeça em seu peito. Era suficiente estar assim, apenas nos braços dele.

Como dois bons cães de guarda, eles aguardaram que eu entrasse no banheiro e saísse de lá após o banho.

— Durma bem, querida — disse Pedro, beijando a minha testa com carinho — Estarei ao lado, chame se precisar.

— Fernando? — chamei-o antes que os dois chegassem à porta — Você pode ficar um pouco mais? Não quero ficar sozinha.

Exausto da viagem, ou porque Pedro realmente não conseguia nos ver mais do que velhos amigos que se consideravam irmãos, ele não demonstrou qualquer desconfiança em relação ao meu pedido. Já Fernando, entendeu muito bem que, na verdade, eu não queria que ele ficasse sozinho com Pedro.

— Você se senta aqui, se quiser — murmurei, dando mais espaço na cama.

— Está brincando com fogo, Lília — alertou ele, mas se acomodou ao meu lado — E não falo apenas sobre agora. Você não conhece o Diogo e não sabe do que um homem se sentindo traído e enganado pode ser capaz.

O conselho era válido. Só que eu conhecia Diogo mais do que Fernando imaginava, e eu sabia bem até onde ele seria capaz de ir para conseguir o que desejava.

— Por que você veio até aqui? Eu estava no controle, antes de você e o meu irmão aparecerem para estragar tudo.

Eu contava com o retorno do Pedro somente em alguns dias. Isso cairia perfeitamente com o meu plano, porque eu teria tempo suficiente de desmascarar o Diogo, e quando o meu irmão retornasse, esse maldito homem já estaria na cadeia.

— Primeiro, você não tem nada sob controle, e a única coisa que irá conseguir é se machucar — disse ele em um tom bastante aborrecido — Depois, eu consegui o detetive que você tanto queria.

— Sério? — Levantei-me tão rápido da cama que senti uma nova vertigem e acabei sendo amparada por Fernando.

O que estava acontecendo comigo?

Será que Diogo tinha colocado alguma coisa em minha bebida, em um momento que tivesse ficado distraída?

— Lília? Você está bem? Não é melhor irmos ao médico?

— Já disse que só é efeito da bebida.

Fernando não pareceu muito convencido, mas deixou esse assunto de lado por um tempo.

— Quem é esse detetive?

Ele tirou um cartão do bolso, mas antes de me entregar, olhou-me com firmeza.

— Ele vai conseguir as provas que você quer. Depois, vai deixar essa loucura de lado, certo?

— Certo — Puxei o cartão da mão dele e li o nome impresso — Quando vamos vê-lo? Amanhã?

— Eu vou vê-lo amanhã, Lídia. Você ficará em casa.

Certo. Talvez não amanhã, mas eu faria uma visita em breve ao tal detetive.

— Estou cansada — avisei a ele, deitando a minha cabeça em seu colo.

Na verdade, a minha mente trabalhava em um novo caminho a seguir.

E Ricardo Vilela iria me ajudar nesta importante e arriscada jornada.



As visitas de Diogo sempre me deixavam mal-humorada, mas eu precisava fingir que tê-lo me bajulando deixava-me feliz.

— Ainda acho que não deveria ter falado aquilo para o Pedro. Ele poderia ter te demitido.

— O seu irmão é um homem íntegro e sabe separar as coisas — disse Diogo, passando uma nova camada de protetor solar em minhas costas — E o foco aqui era o Brandão. Viu como ele ficou possesso? Os homens são assim, querida. Eles sempre desejam aquilo que não podem ter.

Na realidade, era mais uma falha do ser humano do que somente uma característica masculina. Suellen também agia assim, e ela era

mulher.

— Só que ontem, eu percebi... — iniciei e virei de frente a ele. Eu agradecia por estar usando os óculos de sol e assim conseguisse disfarçar melhor a minha mentira — Acho que já não tenho o mesmo interesse em Fernando. E que tudo talvez não tenha passado de um capricho da minha parte, sabe. Conquistar o melhor amigo do meu irmão. Ou, sei lá, achar que seria diferente comigo do que ele foi com outras mulheres.

Diogo apenas me escutou sem expressar qualquer mudança facial. Então, não dava para dizer se ele acreditava no que eu dizia ou estava apenas dando corda para mim. Estávamos um jogando com o outro.

— Aquela mulher que falei. A Suellen, sabe? Uma garota sem classe e saída de lugar nenhum — falei com uma voz afetada e arrogante — Foi uma completa estupidez perder o meu tempo querendo competir com ela. Além disso, Fernando é chato, como o meu irmão.

A ladainha da pobre menina rica seguiu. Diogo demonstrava paciência em me ouvir, e eu o enchia com os meus falsos problemas.

— Estou com sede. Pega um suco na cozinha para mim?

— Mas a governanta acabou de colocar um suco de laranja.

Olhei para a jarra ao nosso lado, sem qualquer sinal de interesse.

— Prefiro suco de abacaxi.

Enquanto Diogo se levantava silenciosamente, percebi seu maxilar trincado. Até mesmo um cínico e dissimulado como ele tinha seus limites com mulheres voluntariosas. E devia confessar, causar esses pequenos momentos de irritação em Diogo me divertia um pouco.

Assim que ele sumiu em direção à casa, corri até seu celular em cima da mesinha, e o movimento brusco fez com que pequenos pontinhos de luz surgissem em meus olhos. Segurei-me em uma cadeira próxima, tentando me equilibrar enquanto o mal-estar passava.

Já me sentia melhor e estava prestes a digitar a senha de segurança no telefone de Diogo, quando o aparelho tocou.

— Alô.

— Oi. Hum... é do telefone do Diogo?

— Sim — respondi à voz feminina e doce do outro lado da linha.

— Ele está? Eu poderia falar com ele?

— Está na cozinha. Quem está falando?

Qualquer pessoa ligada a Diogo era do meu interesse.

— É a Clara. Com quem falo, por favor?

— Lídia. O meu nome é Lídia, e...

Não consegui concluir o que iria dizer, o celular foi arrancado de minhas mãos, e Diogo me olhava com raiva. Ele nunca tinha me encarado assim antes.

— O telefone tocou, e eu...

— Por favor, não faça mais isso.

— Só pensei que... É sua namorada? Essa Clara?

— Não! Que absurdo é esse, Lídia? Você sabe que...

Mentiroso. Diogo não ficaria tão nervoso se não tivesse nada com essa garota, e eu já vi outras mensagens que ela enviou a ele.

Mas ele era o tipo de homem em que o poder e o dinheiro estavam acima de tudo. Até mesmo do amor.

— Não sou esse tipo de cara, Lídia. Ela só é uma garota que não sabe ouvir um não como resposta.

— Como a Suellen — toquei a mão dele, demonstrando apoio — Sei bem como é. Esse é o meu suco?

Clara.

Eu tinha todos os motivos para acreditar que a garota poderia ser cúmplice dele, tendo o mesmo objetivo, enganar a tola menina rica. Mas,

por muito tempo, também fui enganada pelo sorriso gentil, ensaiado e falso de Diogo. Ninguém podia negar que ele tinha charme e sabia usá-lo muito bem.



Os dias passaram impressionantemente rápido. O que não melhorou, pelo contrário, ficaram mais frequentes, foram as minhas tonturas e sensação de fraqueza. Já estava cogitando procurar o meu médico, quando a ligação de Leona, uma velha amiga de adolescência, trouxe a resposta para esses, entre outros sintomas.

— E eu gostaria muito que você viesse ao meu chá de bebê, Lúcia. Será daqui a quatro semanas — disse ela, transbordando empolgação — Estou grávida. Dá para acreditar nisso?

Escutei Leona por mais alguns minutos, até ela avisar que precisava ligar para outras amigas. Mesmo com a ligação encerrada, o aparelho permaneceu grudado em meu ouvido.

— Grávida — sussurrei, levando a mão ao meu ventre — Grávida.

Em choque, abri um aplicativo para verificar a última vez que tinha anotado a minha menstruação. Foi semanas antes de Fernando viajar para os Estados Unidos. Depois disso, a minha mente virou uma completa confusão. Eu não sabia dizer com exatidão há quanto tempo a minha menstruação estava atrasada, mas sabia, com toda certeza, que sim.

Além disso, perdi as contas de quantas vezes Fernando e eu nos deixamos levar pela empolgação do desejo e transamos sem qualquer tipo de proteção. Eu também não tomava anticoncepcional há bastante tempo.

— Calma — disse a mim mesma — Respira.

Eu não podia surtar. A primeira coisa que precisava fazer era um teste de gravidez.

Mas e se eu estivesse mesmo grávida?

Nada seguraria Fernando, e isso só deixaria Diogo ainda mais furioso.

Só que se eu estivesse mesmo grávida, precisava pensar na segurança do meu bebê.

— Meu Deus.

O que eu faria agora?

CAPÍTULO 28

LÍDIA

Algumas decisões erradas podiam transformar as nossas vidas para sempre. Dentro da caixinha de exame, comprada em uma farmácia qualquer, eu estava prestes a descobrir o quanto a minha vida poderia mudar. Tudo o que eu precisava fazer era criar coragem e seguir em frente.

Em vez disso, estava há quase uma hora sentada sobre a tampa do vaso, no banheiro, protelando o momento de ter a resposta do que, por dias, tirava o meu sono.

— Lídia?

O chamado vindo do meu quarto me fez saltar e me atrapalhar toda com a caixinha em minhas mãos.

— Lídia? Você está aí dentro?

A voz foi ficando mais próxima, e eu só tive tempo de jogar a embalagem dentro do cesto de roupa, antes da maçaneta começar a girar e a porta ser aberta.

— Fernando — esperava que a minha falta de ar e olhar de culpada não me denunciassem mais do que deveria.

Levantei-me rápido demais, e uma leve vertigem me fez cambalear no lugar. Teria perdido ainda mais o equilíbrio, se ele não tivesse sido ágil o suficiente para me segurar contra o seu peito. Ignorando o mal-estar repentino, concentrei-me no que para mim era a melhor sensação do mundo, estar nos braços dele.

— Você está bem?

Foi a indisfarçável preocupação, que percebia em sua pergunta, que quase me levou a compartilhar o que tanto me afligia, mas ainda não me sentia segura para isso. Não até ter realmente uma confirmação de minha suspeita.

— Sim. Eu só não me alimentei ainda.

Não era uma mentira para mascarar a verdade, há pelo menos três dias eu vinha tendo um difícil relacionamento com a comida. Com o cheiro das coisas, para falar a verdade. E essa manhã, a única coisa que consegui ingerir foi uma xícara de chá, sem precisar ter que sair correndo para o banheiro. Durante o passar das horas, consegui comer algumas frutas.

A quem eu queria enganar?

Os sinais que meu corpo dava, a cada novo dia, diziam melhor do que qualquer exame.

— Não está fazendo uma dessas dietas absurdas que as mulheres seguem, não é mesmo? — com a pergunta, ele se afastou um pouco e deu uma nada discreta analisada em meu corpo — Você sabe que a acho perfeita, do jeito que é.

Eu tinha herdado, da família italiana, quadris generosos, cabelos escuros e lábios grandes, mas levou uma eternidade até os meus seios ganharem volume e forma. Por algum tempo, fiquei insegura em relação ao meu corpo, principalmente porque passei boa parte da adolescência e início da vida adulta vendo Fernando desfilas com as garotas mais lindas e perfeitas do mundo, enquanto tentava chamar a atenção dele e fazendo me enxergar como mulher, e não apenas a irmãzinha boba do seu melhor amigo. Consegui chamar sua atenção, receber seu amor, como tudo o que veio depois a nos separar

— Lídia?

— Desculpe. O que você dizia? — tornei a prestar a atenção nele
— Eu ando um pouco distraída nos últimos dias.

— O resultado da investigação do Vilela — ele ergueu um envelope no ar.

A explicação que dei a Fernando, para que ele me ajudasse a encontrar um investigador, era inicialmente provar a infidelidade do Diogo. Só que eu cavava mais fundo em torno do meu *noivo mau-caráter*.

Eu tinha que conseguir provar que o que eu tinha escutado Diogo confessar em seu apartamento foi algo real, e não devaneios de uma jovem embriagada.

— Posso ver?

Ele me entregou o envelope. O que continha dentro não me surpreendia. Já sabia sobre a garota.

— Clara Gusmão — li baixinho o nome dela no envelope.

Uma jovem bonita e irradiando felicidade.

Cúmplice ou só mais uma vítima de um mentiroso patológico e perigoso feito Diogo?

— Você já tem motivos mais que suficientes para se livrar desse cara — exigiu Fernando, ao segurar o meu queixo, fazendo-me encará-lo — O que quer que ele tenha feito ou falado para coagi-la, isso acaba agora.

Não acabava, esse inferno estava apenas começando.

— Eu preciso de um pouco mais de tempo — pedi a ele.

As fotos que o detetive entregou apenas constatarem que Diogo era um mentiroso. Mas minha busca era provar que ele tinha culpa na morte dos meus pais. Eu tinha certeza de que, naquele cofre, teria todas as respostas que eu buscava. Eu só precisava encontrar uma forma de ter acesso a isso.

— Tem ideia do que está falando, Lídia? — Fernando arrancou uma das fotos de mim — Esse cara é um babaca, e para começar, você nunca

deveria ter se envolvido com ele. Quer saber? Eu mesmo vou dar um jeito nisso. O Pedro...

— Ah, por favor! Decidiu ser sincero com ele agora? Também vai dizer ao meu irmão que sou seu segredinho sujo?

Pela forma que seus olhos estreitaram, eu tinha colocado o dedo na ferida dele.

— Você sabe que...

Muitas vezes, a maior parte da verdade não ter vindo à tona foi minha.

— Se o Vilela encontrou isso — avisei nervosa —, ele poderia encontrar mais coisas.

— Como o quê? — Ele segurou forte o meu braço — Essa é sua última chance de dizer a verdade.

Engoli em seco enquanto o encarava, assustada.

— Deixei claro como as coisas seriam após isso.

— Não! Deixou claro o que queria que eu fizesse. Você não é o meu pai, Fernando. Nem o meu irmão, aliás...

— Não continua. Isso não é um jogo, Lídia! — ele disse, firme — Se de alguma forma sua vida estiver em risco, não me resta nada a fazer do que ser sincero com o seu irmão. Mesmo que isso o desaponte comigo.

— Fernando...

Ele não podia contar. Conhecia meu irmão, com provas ou sem elas, se ele tivesse certeza da culpa de Diogo, uma tragédia seria feita. E tudo o que eu queria evitar era isso. Perder mais alguém que eu amava me destruiria.

— Eu só estou pedindo um pouco mais de paciência e...

Aturdida, assisti a mistura de frustração e raiva em seu rosto. Eu não suportava quando Fernando me encarava assim.

— Você fez sua escolha — sussurrou, exasperado, e se afastou em seguida — Então só me resta fazer a minha.

Entorpecida, apenas observei-o começar a se afastar.

Eu não tinha escolhido ficar contra ele, como Fernando estaria imaginando. Eu lutava em nome de algo muito maior, e a confirmação estava na caixinha que eu tinha escondido no cesto, esperando que eu a abrisse.

FERNANDO

Não fazia sentido.

Nada nessa maldita confusão fazia sentido, e eu me perguntava: como chegamos a isso?

A única coisa certa para mim era que estava cansado.

Das mentiras.

Dos segredos.

De caminhar pisando em um tapete de pregos.

Lídia ficaria furiosa comigo, mas essa história acabaria hoje!

Eu queria que o Nick estivesse aqui. O puto do O'Connor tornaria as coisas mais fáceis. Pedro precisaria dele, e Lídia também.

— Inferno! — Bati as mãos contra o volante, propagando toda a minha irritação.

O celular tocou novamente. Eu não conseguiria falar com Lídia agora. Já sabia o que ela iria me pedir, e dessa vez não mudaria de ideia.

Cheguei a algumas quadras antes da Santini, mas acabei parando em um bar.

— Uísque, por favor — pedi ao barman — Sem gelo.

Tomei um longo gole do drinque enquanto olhava meu celular, pensando no que e como diria tudo a Pedro.

Perdi as contas de quantas vezes digitei a mensagem e apaguei em seguida. Também das ligações que deixei de completar no último momento.

Acabei decidindo primeiro falar com Nick. Aliviado, recebi dele a confirmação de que eu estava certo. O Pedro já ficou no escuro por tempo demais.

— Me mantenha informado, Fernando. Eu vou fazer o necessário para voltar ao Brasil o mais breve possível.

— Obrigado, Nick. Vai ser bom para o Pedro ter você aqui.

Falando honestamente, me livrar desse peso seria como uma libertação. Eu lidaria com as consequências que viessem quando elas surgissem. O que eu não desconfiava era que elas estavam mais perto do que eu imaginava.

A mão, passando lentamente por minhas costas, impediu que eu apertasse a tecla verde que completaria a nova ligação.

— Bebendo sozinho? Parece um pouco triste, não acha?

— Suellen? — indaguei, surpreso, para jovem parando ao meu lado.

Ela não deveria estar na clínica?

LÍDIA

Positivo.

Por sorte, eu estava sentada na cama quando finalmente tive coragem para olhar o resultado.

Eu estava grávida. Assustada e radiante.

Um bebê. Uma parte minha e de Fernando, que logo teria um rostinho e eu poderia segurar em meus braços.

— Eu vou te amar muito. — Toquei meu ventre e chorei, feliz — Nós vamos te amar muito, querido.

Sabia que ele ficaria sem chão assim que eu desse a notícia, mas eu tinha certeza de que Fernando desejaria o nosso bebê tanto quanto eu.

Precisava contar a ele imediatamente. Esclarecer as coisas e acabar com os segredos e mentiras. Juntos encontraríamos uma forma de desmascarar o Diogo e impedir que Pedro fizesse alguma estupidez.

Encorajada por essa nova perspectiva, saltei da cama e saí apressadamente do quarto. Normalmente teria pedido ao motorista, mas acabei optando por escolher um dos carros na garagem, não queria perder nem mais um minuto, procurando o homem pela mansão.

Quando cheguei ao prédio, reconheci, aliviada, o carro de Fernando na vaga da cobertura. Eu mal conseguia acompanhar os números subindo no elevador, enquanto ensaiava inúmeras formas de revelar a ele sobre o bebê.

Estava nervosa e ansiosa ao extremo, mas também muito feliz.

Ri baixinho da minha tolice, e quando ergui a mão para tocar a campainha, notei que a porta estava apenas encostada. Empurrei-a, abrindo-a um pouco mais. Mal tinha dado três passos cautelosos, até perceber a música tocando.

Um riso meloso me fez estacar no lugar.

Uma voz sussurrada.

Dentro de mim, meu coração dizia para eu ir embora, ao mesmo tempo algo me impulsionava a seguir em frente. Caminhei em direção à sala, a mesma que tínhamos nos amado intensamente muitas vezes.

O primeiro objeto que vi caído no chão me fez estacar no lugar e prender a respiração. Era um sapato vermelho de saltos finíssimos. Mais à frente, um copo e uma garrava de uísque caídos no chão.

— O que você quiser, querido — reconheci a voz antes mesmo de ter visto o rosto dela — Serei sempre o que você quiser.

E alguns passos vacilantes à frente, tive a visão que partiu meu coração de uma forma que acreditei nunca mais poderia ser restaurado.

— Fernando?

O chamado dolorido escapou do meu peito sem que eu conseguisse evitar.

A jovem, nua, esfregando-se no colo dele, ergueu o olhar para mim e abriu um sorriso cínico.

“Pode ser o que ele quer, mas nunca será o que ele precisa.”

O olhar convencido e vitorioso repetia o que um dia ela havia dito a mim.

Fui ingênua demais, acreditando que Fernando iria me esperar o tempo que precisasse. Eu que o tinha jogado nos braços dessa mulher, mas ver isso não fazia doer menos.

Quando ela se inclinou, buscando os lábios dele para um beijo apaixonado, foi mais do que consegui suportar. Corri em direção à saída. Não ouvi os chamados atrás de mim, apenas corri o máximo que pude. Como se com isso pudesse fugir da dor dilacerante esmagando o meu peito.

Cheguei ao carro sem ter a mínima ideia de como havia conseguido encontrá-lo. As lágrimas pesadas desciam pelos meus olhos, enquanto a pressão em meu coração crescia de forma que parecia me sufocar.

Eu me vi dirigindo, sem rumo, perdida. A última vez que estive envolta de tanta dor, foi quando soube da morte dos meus pais.

Sentia como se o meu mundo inteiro estivesse ruindo. Me faltava o chão. Faltava onde eu pudesse me segurar.

Então tudo aconteceu muito rápido.

O sinal fechou.

Pisei tarde demais no freio.

O impacto fez o carro girar.

Como uma lança, uma dor intensa atravessou o meu peito.

Pensei em Fernando. Em nosso bebê, ainda tão frágil em meu ventre.

E no segundo seguinte...

Tudo virou escuridão.

PARTE DOIS

ESPERANÇA

CAPÍTULO 29

LÍDIA

Os meus olhos estavam pesados. Ouvia as vozes à minha volta e não conseguia abri-los. Era como se estivessem grudados com cola. Também não conseguia me mexer, e tentar me mover fazia o meu peito doer, apenas tentar respirar fazia o meu peito arder como se estivesse queimando.

Minha boca estava seca. Queria falar, havia alguma coisa enfiada dentro dela, me impedindo.

Tinha de respirar.

Não consigo.

Onde estou?

O que aconteceu?

Como está o meu bebê?

Fernando!

Precisava contar a ele que íamos ser pais. Talvez ele esquecesse a nossa terrível discussão em meu quarto.

A nossa briga...

Fernando saiu de minha casa bastante chateado comigo. Acho que fui atrás dele.

Ele estava com ela.

Suellen.

O que aconteceu?

Precisava me lembrar, contudo, a escuridão novamente me invadiu.

Ela me venceu, e outra vez perdi os sentidos.



Eu tinha sonhos bonitos. Na verdade, não sabia se eram apenas sonhos ou fragmentos de lembranças com momentos felizes. Nele estava na minha casa com os meus pais. Como era bom sentir o abraço quentinho da minha mãe e ver os sorrisos carinhosos do meu pai para comigo e o meu irmão. Em outros momentos, estava com o *nonno*, o meu doce e querido *nonno*. Os sonhos que me pareciam mais reais e me traziam uma grande carga emocional, era quando estava com ele.

Fernando.

O homem que amei a minha vida inteira. Que eu entreguei, de forma que nunca poderia imaginar, o meu corpo, a minha alma e o meu coração.

E o pai do meu bebê.

Esse último pensamento me fez puxar o ar com violência, e a dor que isso causou em meu peito finalmente fez com que eu conseguisse abrir os meus olhos.

— O que... — falar exigiu de mim uma força esmagadora — aconteceu?

Não conseguia me mover, apenas movimentar os meus olhos de forma desesperada. Via partes da parede branca, a porta e a maior parte do teto.

Senti uma mão deslizar carinhosamente pelo meu rosto, antes mesmo que ele ficasse visível a mim, o meu irmão. Vendo as lágrimas que Pedro mal conseguia segurar, sua expressão completamente perturbada, senti que algo terrível estava acontecendo.

— Você sofreu um acidente, querida — Pedro fez carinho em seu rosto com o dorso da minha mão, não teve o efeito calmante como ele desejava — Não se recorda?

Sacudi a cabeça com força, e isso provocou uma nova dor brutal em meu peito.

Não sabia se eram os remédios que provavelmente me deram, me sentia confusa.

O que era real e o que foi apenas um sonho?

Senti uma fisgada na cabeça como se tivesse acabado de receber uma dura pancada. As lembranças vieram em flashes que cegaram os meus olhos.

Os meus pais mortos. Assassinados.

Diogo. Sua conversa ao telefone. As ameaças a Fernando, a meu irmão e a Nick.

— Fernando... Diogo... — eu precisava saber se, no tempo que estive desacordada, o Diogo tentou algo contra ele — Ele está bem?

Minha pergunta fez o rosto de Pedro se contorcer, e isso me fez ficar mais preocupada. De quem ele não queria falar? Do seu melhor amigo ou do homem com quem estive ligada a um compromisso que ele nunca aprovou?

Diogo e o que Pedro pensava sobre ele não me importava, pelo menos nesse momento. Havia algo que, desde que abri os meus olhos, gritava por resposta em meu peito.

— Eu... o meu bebê — Meus lábios vibraram, fiz o possível para segurar o meu pranto enquanto tocava de leve o meu ventre.

— Do que exatamente você se lembra, Lídia?

O teste de gravidez.

Suellen no apartamento de Fernando, dando a mim um sorriso cínico e vitorioso.

Os faróis vindo em minha direção, depois não recordava de mais nada.

Fechei os olhos por um longo tempo. Foi tudo um sonho. Tentei negar a verdade a mim mesma.

Tudo um doloroso pesadelo.

— Estava em casa, vendo alguns sites relacionados a noivas e... — Não era exatamente toda a verdade, e apesar de ver mesmo alguns vestidos de noiva, não era com Diogo que realmente pretendia me casar.

Diogo e eu nunca tivemos um relacionamento de verdade, não da minha parte, pelo menos. O meu único intuito em estar ao lado dele era descobrir a verdade sobre os meus pais e conseguir provar que ele tivera algum envolvimento com a morte deles, sem colocar Pedro, Fernando e Nick em risco.

— O Fernando... — As lágrimas desciam quentes por meus olhos agora.

O que podia contar a Pedro? O que ele já sabia de toda essa confusão? Fernando tinha contado que, por longos meses, mantivemos um relacionamento escondido dele?

Como ele reagiu ao saber que íamos ter um filho?

Porque, estando no hospital, todos os exames necessários deveriam ter sido feitos.

Será que Fernando sabia que o pai da criança em meu ventre era ele?

—Eu não me lembro direito — tentei ganhar tempo, enquanto organizava as minhas ideias, na esperança que Pedro revelava o que precisava saber — Não consigo me lembrar. Eu...

Meu movimento brusco levou-me a gemer de dor, devido ao ferimento em meu peito.

O que aconteceu comigo?

Um acidente, eu sei, conseguia me lembrar melhor agora. O que havia de errado?

— Tudo bem, Lília — Pedro voltou a acariciar meus cabelos com carinho e cuidado — Você ainda está muito cansada. Logo conseguirá lembrar de tudo.

— E meu bebê, Pedro? — perguntei em pânico, agarrando o seu braço — Meu filho, Pedro.

Vi em sua expressão, cheia de dor, que ele procurava palavras para dizer o que eu mais temia ouvir. A dor que sentia em meu coração se intensificava de uma forma que não conseguia ao menos descrever.

A dor de perder novamente alguém que eu amava. Porque embora não tivesse tido tempo de assimilar bem a notícia e nem aproveitar como deveria, eu amava esse bebezinho crescendo em mim. Já o amava com toda a força do meu coração. O meu sopro de esperança depois de tudo o que já vivi, algo bom, algo realmente bom estava acontecendo em minha vida.

— Lília, sinto muito, meu amor. Não foi possível...

— Não! — Meu choro era tão desesperado e desolado quanto a tristeza que sentia ganhando força em meu coração — O meu bebê. Por quê, Pedro?

A dor que sentia no corpo e que de alguma forma fazia os aparelhos ligados a mim apitar, nem de perto se aproximava ao que ia criando vida em minha alma.

Pedro se desesperou, chamando por um médico. Eu só conseguia chorar, me despedaçando aos pouquinhos.

Meus pais morreram.

Nutri por anos um amor não correspondido por Fernando, que acreditava tornar nossa união impossível.

Quando finalmente nos entregamos aos nossos sentimentos, precisei feri-lo e afastá-lo de mim para manter todos que eu amava seguros.

Agora eu perdi o nosso bebê.

O meu bebê.

O meu filho.

Por que a vida sempre encontrava alguma forma de me colocar no chão?

O que eu tinha feito de tão errado no mundo?

Quando cada um de nós teria algum minuto de paz?

— Doutor? — Ouvi Pedro dizer, assim que um homem e uma enfermeira ao lado dele entraram no quarto — Ela está muito exaltada.

Eles trocaram outras palavras que não consegui assimilar. Acho que vão me dar algum tipo de sedativo.

Ainda precisava de mais respostas, só que a tristeza, o grande buraco frio e escuro crescendo em meu peito, era mais forte.

A dor me fez perder o ar e causou uma angústia física devastadora.

Talvez eu precisasse mesmo de um calmante. Eu queria voltar a dormir. Àqueles sonhos bons. Em que todos os que eu amo estavam vivos, protegidos.

Neles, eu estou feliz.

Neles, essa dor gigantesca não me destrói.

Só queria voltar a sonhar, murmurei enquanto meus olhos iam se fechando.

Apenas voltar a sonhar.

Com uma vida boa.

Feliz.

CAPÍTULO 30

FERNANDO

Antes...

Não conseguia tirar as imagens da minha cabeça. O carro completamente destruído. Lídia presa entre as ferragens. Uma parte da lataria atravessando o seu peito. O empenho dos paramédicos tentando resgatá-la com vida e sem maiores complicações. A cada minuto que essa cena se desenrolava diante dos meus olhos, apenas permaneci de joelhos, caído na avenida, implorando a Deus ou a qualquer um que seja, que não tirasse Lídia de nós. Que não arrancassem de mim, a única mulher para quem entreguei meu complicado coração.

Foram, sem dúvida alguma, os momentos mais aterrorizantes da minha vida, e só consegui lembrar de avisar a Pedro, que sua irmã estava gravemente ferida no hospital, quando Lídia entrou em cirurgia e uma das enfermeiras que a recebeu perguntou sobre os familiares.

Lutei contra essas lembranças angustiantes, como se estivessem gravadas em minha mente. Vivia e revivia cada segundo, condenando-me por ter levado a minha menina a um destino tão cruel.

Era tudo culpa minha.

A nossa briga. A péssima decisão de esfriar a cabeça em um bar. Ter dado ouvidos a Suellen. O pior de tudo, além do acidente, era recordar como

o rosto de Lília estava arrasado ao ver a ex-submissa nua ao meu lado, na sala do meu apartamento.

— Fernando?

O chamado de Pedro me fez afastar da janela, não que estivesse realmente prestando atenção na cidade, ao longo dela. Minha mente estava presa nesse ciclo de julgamentos e sentimentos desesperadores.

— Que bom que você chegou — disse a ele, indo ao seu encontro.

Pedro estava tão angustiado como eu me sentia.

Não!

Apesar de ser o irmão de Lília e ter um gigantesco amor por ela, ninguém podia estar mais destruído do que eu. Além de ser a mulher que amo passando por uma delicada cirurgia para salvar sua vida, carregava comigo o arrependimento e a dor da culpa. Esses sentimentos nos arrastam para um lugar frio, escuro e difícil demais de conseguir sair.

— O que aconteceu, Fernando? — A pergunta de Pedro surgiu em um tom compreensivelmente angustiado — Cadê a Lília? Quero ver a minha irmã! Como esse acidente aconteceu? Como chegou até aqui?

Era uma longa história até dar as respostas que ele queria, precisava e realmente merecia. Também era a minha chance de ser finalmente honesto com Pedro.

Ele suportaria, além do acidente de Lília, saber que o maior causador disso fui eu?

Porque não importava todo o nosso passado, quanto tempo nos conhecemos e que nos vemos mais do que grandes amigos, e sim, como irmãos. Quando tudo viesse à tona, Pedro me expulsaria de suas vidas sem ao menos olhar para trás.

E eu podia realmente culpá-lo por isso?

Em outra situação e no lugar dele, qualquer pessoa que magoasse Lúdia, como eu fiz, seria destruída com as minhas próprias mãos.

— Vamos nos sentar — sugeri a ele, guiando-o até um conjunto de sofás confortáveis.

Ele parecia querer recusar, seu interesse por respostas era maior.

— Eu vou começar explicando o que aconteceu antes do acidente — disse a ele, pelo menos o que podia falar agora.

Então eu contei sobre o dia que Lúdia me procurou. Ela desconfiava que Diogo estava tendo um caso com alguma mulher, e segundo o que me disse na época, usaria isso para colocar um fim na relação deles. O que nunca consegui entender até agora.

Nada na relação de Diogo e Lúdia era compreensível para mim. Além de ter me colocado em um completo estado de loucura e feito tomar decisões erradas, provocadas pelo ciúme que corroía a minha alma dia a dia.

— O quê? — Ele ficou em pé, completamente exaltado — Por que você não me disse nada, porra?!

O seu berro fez com que algumas pessoas e enfermeiras que passavam por perto nos encarassem com a cara amarrada, tanto pelo palavreado impróprio de Pedro como por elevar a voz em um ambiente que exigia silêncio.

— Porque ela me pediu — E naquela época não havia nada que eu negasse a Lúdia, eu só queria trazê-la de volta à minha vida — Sinceramente, se tivesse ido até você e falado das suspeitas dela, o que teria feito?

— Dado uma boa surra no infeliz. E o afastado de Lúdia.

Bom, de repente Pedro, agindo como Pedro, talvez tivesse colocado fim a toda aquela loucura.

— Não era isso que ela queria.

Também deixei claro a ele que minha intenção, desde o início, era manter Lúdia afastada de Diogo, não tive qualquer interesse em saber quem era a possível amante dele.

— Nunca entendi a fascinação da Lúdia pelo Diogo — confessar isso era como dar uma facada em meu próprio peito — Parece que ela o ama.

No começo, acreditei que, levada pela raiva e minha tentativa de encarar nosso relacionamento de forma certa, a tinha levado para perto de Diogo apenas para me provocar. Então os dias foram passando, as semanas, meses, e a dúvida de que talvez Trindade estivesse mesmo ganhando partes do coração dela era real.

Algumas pessoas diziam que era possível amar mais de uma pessoa. Talvez Lúdia se sentisse amparada pela segurança emocional que Diogo fingia dar a ela, enquanto ela encontrava em mim a paixão.

— E ele estava?

Traindo-a?

Em vez de responder de imediato, segui até uma poltrona e peguei a bolsa de Lúdia, que recuperei de dentro do carro dela.

— Sim, ele estava, entreguei isso à sua irmã.

O motivo maior da nossa discussão foram as malditas fotos. Com as provas nas mãos que Diogo não era fiel, acreditei que Lúdia colocaria um fim, de uma vez por todas, no relacionamento absurdo. Então ela veio com a história de que existia outra coisa envolvendo Diogo e que ela precisava de mais tempo, até jogar toda a merda no ventilador.

— Ela decidiu que iria confrontá-lo, antes de usar as fotos.

Essa era uma parte da verdade, tudo o que irei contar a Pedro a seguir era uma invenção necessária, pelo menos, até o que nos mantinha tensos e preocupados passar.

— Ela estava nervosa, tentei impedir que saísse assim da minha sala e não consegui segurá-la. Então...

Isso realmente aconteceu quando despertei do transe e a vi sair correndo do meu apartamento. Saí vestindo a calça e a camisa no caminho até o elevador, não consegui impedir que ela saísse, cantando os pneus, do estacionamento em meu prédio.

— Eu a segui de carro. Estava lá quando o carro bateu.

Esse era um dos motivos pelos quais essas cenas horríveis não saíam da minha cabeça, desde que deixei o local do acidente.

— Cadê o Diogo?

A expressão de Pedro não negava suas intenções. Também me sentia assim, desejando vingança, porém, neste momento, Lúdia era mais importante para mim. Eu não podia colocar nada e ninguém acima dela. No momento certo, iria acertar as minhas contas com Diogo. Agora, precisava vê-la. Precisava ver a minha menina abrir os seus lindos olhos de chocolate para mim.

O meu coração só ia voltar a ter calor novamente quando tivesse um dos seus lindos sorrisos.

— Ainda não sabe. Depois de acompanhar a ambulância que trouxe Lúdia para cá, liguei para você.

E não seria eu quem avisaria o crápula. Assumia as minhas responsabilidades, grande parte dos meus desentendimentos com Lúdia foram causados por Diogo. O desgraçado sempre estive de olho nela. Havia ciúmes e inseguranças da minha parte, as minhas desconfianças estavam sempre certas.

Enquanto eu ia remoendo toda a nossa trajetória até aqui, Pedro estudava minuciosamente as fotos. Ele passou um bom tempo analisando a garota nas imagens.

Informei a ele como foram tiradas as fotos, através de um detetive particular que seguia os passos de Diogo, não sabia dizer se Pedro realmente prestava atenção em mim. Seus olhos estavam fixos na última imagem que estudava.

— Algum responsável pela Srt^a Santini? — Nós dois fomos pegos de surpresa quando um dos médicos que atendeu Lúdia surgiu na sala de espera.

— Eu sou o irmão dela. E esse é Fernando.... — Pedro respondeu, afobado, depois foi direto ao ponto — Como a Lúdia está?

— Foi preciso operar imediatamente. Ela teve uma válvula cardíaca rompida, por causa das ferragens que atravessaram o seu peito, e o coração também sofreu uma lesão — explicou o doutor, e cada palavra que ele dizia era como uma dura punhalada em mim — É uma cirurgia muito delicada, que se ela sobreviver, poderá deixar algumas sequelas.

As minhas pernas fraquejaram, exigi-me continuar firme.

Precisava ficar de pé, ordenei à minha mente.

Mais do que nunca, Lúdia ia precisar de mim quando isso acabar. Porque ela ia sobreviver a tudo isso.

Tinha de sobreviver, ou nunca mais teria paz em minha vida.

— Doutor! — Pedro segurou ombro do médico firmemente, enquanto dava a ele um olhar cheio de súplica — Faça o impossível para salvar a minha irmã.

— Estamos tentando, Sr. Santini. Ela está nas mãos do melhor cirurgião deste hospital, se não do país, o Dr. Domenico Vilas Novas — avisou o médico — Só que, embora estejamos fazendo todo o possível para salvar sua irmã, não conseguimos salvar o bebê.

— Bebê? — Pedro e eu murmuramos juntos.

Lúdia estava grávida?

Fiz uma varredura em todas as vezes que ficamos juntos, perdendo a batalha contra o desejo e não usamos proteção. Quando tínhamos uma relação apenas nós dois, sabia que Lúdia usava um contraceptivo, depois que terminamos, durante a minha viagem aos Estados Unidos e o meu retorno turbulento, não tinha mais essa certeza.

O bebê poderia ser de Diogo, só que havia uma grande chance de que fosse meu também.

Meu filho!

O ar me faltou. Era como se, de repente, arrancassem de mim a minha alma.

— De que bebê está falando? — interroguei o médico.

Por que Lúdia não me contou nada?

Haveria mesmo a possibilidade de que fosse de Diogo?

Não! Não era possível, a não ser que ela tivesse mentido para mim.

— Você era o pai? — indagou o médico.

— Eu? — Encarei-o, completamente atordado — Eu... ela...

Lúdia grávida? Um filho nosso que ela perdeu?

Isso ia me destruir, ninguém ficaria mais arrasado do que ela.

Eu matei o nosso filho?

— Ela chamou por um Fernando, antes de a sedarmos.

Pedro me encarou em busca de explicações. A situação não poderia ter ficado pior.

— Estive com a Lúdia antes do acidente — murmurei, e já nem sei se realmente estava raciocinando ou apenas deixando que as palavras escapassem dos meus lábios, o sangue em mim pareceu congelar — Eu não...

— Sua irmã estava com apenas dois meses, e nesse caso, é duro eu dizer isso, uma gravidez, agora, colocaria tanto ela como a criança em uma situação de risco.

Saber disso não trazia conforto a ninguém, muito pelo contrário, o buraco negro que tinha em meu peito, a cada segundo, parecia ficar maior.

— Bem, eu trarei novas notícias em algumas horas.

Permaneci estático no lugar, lutando com o grande desespero invadindo a minha alma. Lutei contra as lágrimas, pressionando sem descanso o meu peito, com meu coração se transformando em farelo.

Pedro retornou ao mesmo lugar onde tinha deixado as fotos.

Além da dor em seus olhos, também via ódio. O mesmo ódio que começava a nascer em mim. Por Diogo e por mim mesmo.

— Qual o nome dela? — Pedro perguntou, referindo-se à garota da foto — Sabe ao menos isso?

Toquei seu ombro, ao menos isso precisava fazer para ele, dar o meu apoio, embora eu mergulhasse na mais completa escuridão.

— Eu não sei, apenas pedi que tirassem as fotos.

— Eu vou dar o troco — O ouvi murmurar, baixinho — Por Lídia e pelo seu bebê também.

Não gostei do que ele dizia e nem da forma que falava. Pedro passou esses anos todos tentando encontrar os culpados pela morte dos pais dele. Temia que tanto tempo nessa busca cega e o acidente da irmã, combinado ao desejo de vingança, o levasse para um caminho destrutivo e sem volta.



As horas passavam em uma lentidão angustiante. Pedro e eu não arredamos os pés do hospital um único minuto sequer. A única coisa que fiz, além de andar de um canto a outro da sala de espera, sobressaltando sempre

que alguém entrava, esperando permissão para entrar no quarto que ela seria levada, foi ligar para Nick.

Há algumas semanas que O'Connor viajou aos Estados Unidos para resolver um problema pessoal. Assim que contei a ele o que aconteceu com Lília, suas primeiras palavras foram dizer que estava voltando ao Brasil naquele mesmo momento.

Eu agradei, agora mais do que nunca precisava que Nick estivesse aqui para ficar de olho em Pedro. A minha prioridade era Lília, e por mais que eu soubesse que não a merecia, que nunca a mereci, na verdade, iria ajudá-la a enfrentar tudo o que precisar e tê-la de forma correta, como sempre quis. Sem nos escondermos. Sem mentiras ou meias-verdades.

— Pedro? — Toquei o ombro dele, que se sobressaltou na cadeira — Por que não dá um pulo em casa, para ter um pouco de descanso? Eu faço companhia a Lília. Ficou aqui todo o fim de semana. Você está um caco, meu amigo.

Ele esfregou o rosto, e mesmo sem querer, o gesto demonstrou como ele estava exausto.

— Se Lília acordar — Estudei o rosto delicado, terrivelmente pálido e todos os fios ligados e ela —, ligo imediatamente para você.

Após Lília deixar o centro cirúrgico, o Dr. Vilas Novas, médico responsável por sua cirurgia, veio conversar com Pedro. Apesar de o procedimento ter sido um sucesso, e a equipe médica ter conseguido salvar a vida dela, o acidente deixou sequelas que vão mudar a vida dela completamente daqui para frente. Lília teria de passar a viver com um coração mais fraco, a saúde precisaria ser monitorada diariamente à base de medicamentos. Durante sua recuperação, emoções fortes ou momentos de estresse deveriam ser evitados.

— Alguma notícia do Diogo? — Ele me perguntou quando saímos do quarto.

— Eu não obtive sucesso nas ligações que fiz.

Apesar de tudo e para evitar que Pedro fizesse uma bobagem, tentei entrar em contato com o infeliz. Não apenas para avisar sobre o acidente, para alertá-lo para que ficasse longe.

— Você teve?

Ele negou com um movimento de cabeça. Acreditava que, assim como as minhas ligações, as de Pedro deviam ter caído na caixa de mensagem.

— Acho que ele tinha informado à Lúdia que iria viajar — Ela tinha me falado isso, e era nossa intenção passar esse fim de semana juntos, no qual eu esperei resolver toda a nossa situação — Ou alguma coisa assim.

Ele ficou em silêncio, ponderando sobre o que eu disse.

— O maldito deve ter passado o final de semana ao lado daquela garota.

A amante dele?

Era bem possível.

Eu deveria ter me aprofundado melhor nessa história. Estava tão desesperado nesse triângulo amoroso que Lúdia nos enfiou, que só desejava que qualquer sujeira de Diogo a fizesse abrir os olhos para o crápula de homem que ele era.

— Sua noiva no hospital — murmurou Pedro, rangendo os dentes — e o desgraçado dando atenção à sua vagabunda.

Que Diogo ficasse com quantas putas ele quisesse, contanto que deixasse a família Santini em paz. Estava a um triz de cometer uma grande loucura por causa dele. O que me mantinha um pouco racional aqui era Lúdia. Ela precisava de mim. Ia precisar ainda mais quando soubesse sobre o bebê.

Deus!

Essa culpa me corroía, e não sabia se algum dia ia conseguir me perdoar.

— Você não acha que a garota possa ter sido enganada, como Lúdia foi?

Não que queira defender a mulher, eu, mais do que ninguém, sabia que às vezes nem tudo era o que parecia ser.

Enquanto Pedro dava uma cochilada e outra na cadeira, observei as fotos com calma.

A jovem era bonita, não tão linda quanto Lúdia — ninguém era — contudo, fazia sentido Diogo ter se interessado pela jovem. O que me incomodava, ao analisar as fotos, foi as que a vi com a irmã pequena. Como uma pessoa que cresceu com a ausência de amor e carinho, sabia notar bem quando outras demonstravam afeto sincero, e pelo sorriso e carinho que uma olhava a outra, percebia-se que eram unidas.

Não sabia explicar, as imagens destoavam completamente da que Pedro estava formando em sua cabeça e mente vingativa.

— Em que mundo a garota vive, para não conhecer Lúdia ou os Santini?

— Só porque muitas pessoas os conhecem, não quer dizer que o país inteiro tenha que ter conhecimento disso. Vocês não são o centro do universo. Além disso, soa extremamente arrogante, Pedro Santini.

E ele não era assim. Um pouco cabeça-dura, exigente nos negócios, um irmão muito protetor, não era um cara coberto pela soberba.

— E como Diogo manteve essa vida dupla? Não! Ela sabia o tempo todo sobre a Lúdia e, mesmo assim, quis manter o seu caso com Diogo, e sabe por quê? — Ele estava criando suas próprias teorias, e o conhecia há tempo suficiente para saber que quando Pedro invocava com algo, nada o

movia disso — Ele é o que sempre pensei, um alpinista social, desejando uma fatia maior da fortuna Santini, um oportunista. E ela quer ter a vida fácil que Diogo pode dar a ela. Eu deveria ter dito não à Lídia sobre esse noivado quando tive chance e como sempre, apenas fechei os meus olhos para os caprichos dela.

Na verdade, o noivado deles foi uma surpresa até mesmo para mim.

— Você pode ter razão sobre os dois, Pedro, não pode começar a se culpar — Eu já fazia isso por nós dois, e diferente dele, realmente merecia passar por esse calvário — Sua irmã não é mais uma criança.

Nosso erro foi sempre a ver e tratá-la assim. Como se fosse incapaz de cuidar de si mesma.

— Lídia sabia muito bem o que estava fazendo.

— Lídia é só uma garota boba que eu sempre quis proteger, após a morte dos nossos pais. Agora, ela irá precisar de mim mais do que nunca, Fernando. Ela perdeu o bebê, nem sei como contar isso a ela.

Ele destacar isso trouxe uma forte angústia dentro de mim.

Eu sou o culpado.

Pedro também relembrou das instruções do médico.

— Eu teria evitado isso, se tivesse ouvido meus instintos. Como naquele dia que meus pais...

Pedro se culpava pela morte dos pais dele, por não ter estado lá. Mesmo tendo passado tantos anos, ele ainda se culpava, e agora, mais do que nunca, conseguia entendê-lo.

— Se Diogo tiver a cara de pau de aparecer aqui enquanto eu estiver fora, não o deixe entrar — ele exigiu essa promessa que nem precisava ser feita — Eu quero ver se aquele infeliz tem a coragem de me enfrentar, antes de qualquer coisa que tente dizer à Lídia.

— Não faça nada de cabeça quente, Pedro — alertei antes que ele seguisse pelo corredor.

Enquanto o via se afastar, tive a intensa sensação de que meu aviso não foi ao menos escutado, quem dera levado em consideração. Depois eu pensei no sangue quente do Santini.

Agora precisava retornar ao quarto, para o lado de Lídia.

A fragilidade que via nela cortava o meu coração, se era que ainda tinha um, depois de tanta pancada que a vida me deu.

Sentei-me na cadeira que ficava ao lado de sua cama. Segurei sua mão delicada, cruzando nossos dedos. Tracei, com as costas dos meus dedos, seu rosto lindo e perfeito.

— Não importa o que aconteça — Agora, sozinhos, podia permitir que as minhas lágrimas, pesadas e carregadas de sentimentos, finalmente surgissem — Você sempre será meu primeiro e único amor. Volta para mim, querida.

Eu ainda não sabia o que fazer para consertar as coisas, no entanto, tinha a certeza de que iria consertar. Nós teríamos a felicidade que queremos e merecemos.

— Fernando... — O meu nome saiu em um sussurro fraco dos seus lábios.

Apesar de seus olhos tremularem, eles não se abriram para mim.

— Estou aqui, meu amor.

Levei sua mão à minha boca, e as gotas pesadas das minhas lágrimas escorreram por ela.

— O bebê...— A dor me apunhalou e meu pranto estourou como nunca aconteceu antes — Bebê...

Ele se foi.

Por minha culpa.

DIOGO

Então, a vagabunda da Lídia estava esperando um bastardinho do Brandão.

A traiçoeira nunca me enganou, quando dizia que queria que fôssemos com calma. Sabia que ela estava abrindo as pernas para ele, e apesar de ter recebido a notícia de forma inesperada, acompanhada de socos e pancadas dados pelos seguranças de Pedro, depois de o amaldiçoar enquanto estudava meu rosto ferido no espelho, refleti que a notícia podia trazer grande vantagem a mim.

Sem poder continuar a usar Suellen para arruinar a relação dos dois, trazendo e mantendo Lídia ao meu lado, o acidente dela e a culpa que Fernando iria carregar podiam me ajudar a seguir com os meus planos.

Afinal, alguém duvidaria que, levado pelo remorso de ter matado o próprio filho e a forma que isso destruiria a sua alma, Fernando daria cabo à própria vida com uma bala na boca?

A Santini ficaria tão quebrada que imploraria por qualquer migalha de atenção que pudesse dar a ela, tornando-a dependente de mim e dos remédios que Suellen precisava tanto.

Era uma forma mais lenta de me livrar dos dois, e exigiria um pouco mais de paciência de Clara para oficializarmos nossa relação, valeria a pena.

Tudo precisava ser pensado com muito cuidado.

Assim como tenho feito com Pedro, começaria a enlouquecer o Fernando lentamente, torturando-o com uma culpa que já devia estar

começando a sentir.

Depois de eliminá-lo, o próximo alvo seria o Santini.

Agora que ele tinha planos de levar a marca S.A. para a Fórmula 1, ao testar um dos carros, uma falha mecânica inesperada poderia dar em uma tragédia fatal.

Nick, sem os amigos, retornaria ao seu país, de onde ele nunca deveria ter saído.

E, por último, a fragilizada Lídia.

Sem o irmão. O fraco que amava. Uma criação fútil e despreparada, não a deixaria com mais opções, além de entregar os negócios a mim. E eu, seu devotado e apaixonado marido, empenhado em manter as empresas da família prosperando, não teria percebido a esposa cair em uma profunda depressão e dependência.

O plano inicial, de quando executei Marcello Santini, em vez da esposa dele, seus filhos me levariam ao topo. Lugar que eu sempre mereci estar.

CAPÍTULO 31

LÍDIA

Sempre achei que eu fosse uma pessoa forte, corajosa e determinada. Alguém que encarava a vida e suas adversidades de frente, não importava quantas vezes fosse derrubada. Não agora. Não dessa vez.

— Então, além de perder o meu bebê — eu respirei profundamente, tentando recuperar o controle da minha voz trêmula, e isso faz o meu peito arder como se pegasse fogo — Agora também estou condenada à morte?

A pergunta foi feita ao Dr. Vilas Novas, o responsável pela minha operação, mas era para Pedro que estava olhando.

— Lídia... — Ele me encarou com notável angústia e se ajoelhou ao lado da minha cama, pegando a minha mão — Não diga isso, minha irmã. Você não vai morrer, querida.

De todos os destinos que poderia ter, acredito que, nesse momento, preferia esse. A morte. Encontrar nela um pouco de paz para a minha vida.

— Como não, Pedro? Eu tenho uma bomba relógio grudada em meu peito. Se isso não é estar condenada à morte, o que é? — Uma lágrima desceu quente pelo meu rosto, e a tristeza que sentia no coração veio com uma dor física lancinante, levando-me a ter falta de ar — Por dentro, eu já me sinto assim mesmo.

Fraca.

Sem qualquer tipo de esperança.

Vazia.

— Não é assim, Lília. Você precisa ficar calma — Pedro insistiu, completamente perturbado, em seguida ele olhou para o médico, em busca de ajuda — Doutor?

— Ouça, senhorita Santini — O homem bonito, de timbre forte, puxou uma cadeira vazia, a virou ao contrário e se sentou-se do meu outro lado — Sei que tudo isso é muito duro de enfrentar, mas você precisa.

Ele iniciou novamente um discurso similar de quando me deram a notícia sobre meu acidente, operação e as sequelas, que me farão ter, daqui para frente, uma vida cheia de cuidados, remédios, fisioterapias e sem direito a fortes emoções.

Em uma explicação mais leiga, era como se meu coração agora tivesse a metade da capacidade de um coração normal. Respirar, me mover, até mesmo a mais simples demonstração de felicidade poderia fazer meus batimentos cardíacos aumentarem o ritmo.

A Lília cheia de alegria, de sonhos românticos e fé em um futuro melhor, ficara naquele carro após o acidente.

— Eu sei que você vai conseguir — o doutor finalizou o discurso que eu mal prestei atenção e deu privacidade a mim e ao Pedro.

Ele tocou os meus cabelos, beijou a minha testa, secou as lágrimas em meu rosto, que nem mesmo percebi derramar, me abraçou com delicadeza e com medo de me machucar, embora eu não retribuísse.

Sentia-me seca.

Era como se o bebê fosse o calor dentro de mim que tinha se apagado.

Eu tive tão pouco tempo. Algumas horas, desde a certeza que estava mesmo grávida, até o momento do acidente.

— O bebê? — Encarei Pedro com ansiedade — O que ele era?

A pergunta deixou Pedro desconfortável.

— Não deu para saber. Ele não estava com essa parte formada ainda — Senti seu carinho em minha mão e gostaria que ele pudesse chegar à minha alma destruída — Lamento muito, querida.

Não era justo. Não era justo que nem mesmo isso eu tivesse o direito de saber. Se o meu bebezinho fosse um menino, seria tão lindo quanto o pai dele, ou uma garotinha para se tornar minha companheira.

Puxei a mão que Pedro ainda segurava e virei o meu rosto para a parede.

— Quero ficar sozinha, Pedro.

— Mas, Lídia....

— Me deixe sozinha!

Eu não queria a pena dele. Sua atenção. Seus cuidados.

Desejava apenas ficar sozinha, enfrentando a minha dor, como sempre fiz.

— Tudo bem. Não quero que se exalte. Você sabe que não pode se exaltar.

Ele afastou os cabelos de minha testa, depositou um beijo carinhoso e colocou a dele contra a minha.

— Eu te amo, Lídia, e nada disso...

Seja o que for que ele tinha a me falar, acabou desistindo e saindo do quarto em silêncio.

Pensei que ia ter um momento de paz com a minha dor, quando a porta foi aberta novamente.

Meu coração pareceu congelar no peito assim que o vi entrar.

— Fernando... — Foi a única coisa que consegui sussurrar, antes que o equipamento ligado a mim, monitorando os meus batimentos, disparasse o alerta.

Ele me encarou em pânico. A dor que sentia era como se tivessem enfiado uma adaga afiada em meu coração e o apunhalasse diversas vezes.

Fernando correu até o botão para chamar alguém da equipe médica, enquanto fazia o possível para puxar o ar e cada mínimo gesto que fazia me causava uma dor exorbitante.

— Fernando... — repeti seu nome quando ele se ajoelhou ao meu lado.

Ele estava fisicamente abalado, e pela dor que via brilhar em seus olhos, emocionalmente não estava diferente.

— Amor, fica tranquila — Sua mão buscou a minha, e ele afagou o meu rosto na esperança de que isso me trouxesse um pouco de tranquilidade, o que não aconteceu — Apenas fique calma, Lídia. Estou aqui com você. Eu nunca mais vou sair do seu lado.

Como eu quis ouvir essas palavras. Aquele dia tinha ido ao seu apartamento em busca delas. Para ouvir que tudo ficaria bem. Que juntos iríamos enfrentar e desmascarar o Diogo. Que o nosso bebê era a maior prova de que nosso destino sempre foi, pertencermos um ao outro.

— Eu te amo... — ouvi-o sussurrar, alguns segundos antes de uma máscara de oxigênio ser colocada em meu rosto — Eu te amo, Lídia. Sempre vou amar. Não desiste. Não desiste de mim. De...

Os meus olhos começaram a pesar. Pouco a pouco, a dor em meu peito foi diminuindo de intensidade, e a minha consciência também foi me deixando.

Tudo ficou escuro.



Despertei, e o quarto estava na penumbra. Havia uma paz quase silenciosa. Apurando bem os ouvidos, ouvi bem moderadamente os sons conhecidos de um hospital.

Olhei para o lado e avistei o meu irmão. Pedro estava em um sofá, dormindo, possivelmente vencido pelo cansaço, devia estar há muitas horas aqui. A enfermeira que verificava o meu soro deu um sorriso gentil a mim assim que me viu de olhos abertos. Ela sussurrou, perguntando se estava bem e se desejava alguma coisa.

— Sede — consegui dizer, notando que já não usava o respirador.

Ela encheu um copo com água fresca.

— Posso fazer isso?

Nós duas olhamos em direção à voz. Eu não tinha notado o ruivo parado ao lado da janela. Ele sorriu. Aquele sorriso que, mesmo que eu tentasse, não conseguia resistir. Eu tenho um amor gigantesco por Nick, que se multiplicou por todas as vezes que ele colocou em risco sua amizade com Pedro para encobrir meu relacionamento com Fernando.

— Algumas gotinhas de cada vez — avisou a jovem enfermeira, entregando o copo a ele e me ajudando a encontrar uma posição mais confortável na cama.

O mínimo movimento me fez gemer e voltar à mesma posição que estava.

O doutor Vilas Novas disse que também era por causa da cirurgia, e até o corte enorme em meu peito começar a cicatrizar, os menores movimentos me causariam dor.

— Aqui há um canudo — disse a enfermeira, entregando o objeto a Nick — Está com fome, senhorita?

Ainda tentando fazer a queimação em meu peito diminuir, neguei com um movimento de dedos. A mulher disse algo a Nick, que concordou, e

depois de um olhar mal disfarçado e encantado para ele, se retirou com suas anotações.

— Oi, lindinha — Acho que Nick era o único que me chamava assim, sem incomodar Fernando e meu irmão, e eu até mesmo gostava — Que belo susto você deu na gente, hein.

Pedro e Fernando foram muito mais expressivos em demonstrar como o meu acidente os afetou, Nick disfarçava muito mal.

Eu não queria isso. Voltar a ser um fardo para eles, uma preocupação como quando meus pais morreram.

Sorri, e ele colocou o canudo de metal na minha boca. Cometi a tolice de puxar um longo gole, e a combinação de falta de ar, com minha garganta em movimento, não foi uma escolha inteligente. Logo a pressão que senti me fez fechar os olhos de dor, que rapidamente lacrimejaram.

— Calma aí, garotinha. Um pouco mais devagar, tudo bem?

Assenti, e desta vez, quando ele colocou o canudo de volta na minha boca, eu tomei pequenos goles até me sentir satisfeita.

— Não sabia que estava de volta, Nick — resaltei quando o vi colocar o copo de volta à mesinha e sentar-se ao meu lado.

— Voltei ao país assim que soube o que aconteceu.

Isso me fez sentir novamente culpada. Sabia os motivos que o fizeram voltar para casa, e me preocupei com ele.

— Resolveu o que precisava?

— Estou na metade do caminho. Você é a única que importa agora. Lídia... — Ele buscou a minha mão, as dele quentes e acolhedoras — Sei que tudo isso vai ser muito difícil para você. Está cercada de pessoas que a amam. Pedro, Fernando...

Ouvir Nick falar sobre Fernando mexia comigo. Minhas emoções foram tão fortes e intensas em apenas olhar para ele, que parecia que meu

peito iria explodir. Depois disso, tinha apenas lembranças de vozes e sussurros que aconteceram em volta de mim.

Se fosse reagir assim sempre que o encontrasse, bom, a família já podia começar a preparar o velório.

— O *nonno*...

— Como o *nonno* está?

Em toda essa loucura, egoisticamente nem pensei no vovô. Como o meu acidente podia ter afetado a ele e sua saúde.

— Estamos tranquilizando-o da melhor forma possível. Depois que estive aqui e a visitou, acho que está mais calmo.

Soltei o ar, aliviada. Aos pouquinhos, fui começando a identificar a dor e ao menos tentar me preparar para ela quando percebia que ia surgir.

— A Zia Nina?

— Foi avisada e chegará o mais rápido possível.

— Ela não tem que largar tudo por mim.

— Todos nós sempre vamos largar tudo por você, lindinha.

Bem, o fato de Nick estar aqui agora era uma grande prova disso. Eu não queria. Não queria que elas mudassem por mim. Que tenham que reorganizar suas rotinas. Por que tudo isso se, no fim, estou condenada à morte?

— Seus avós, da parte Santini — avisou ele —, chegarão amanhã cedo.

Fechei os olhos, respirando com calma. No momento, presa nesse quarto de hospital, não havia nada que eu pudesse fazer.

— O Fernando?

— Praticamente tive que obrigá-lo a ir para casa, tomar um banho e comer alguma coisa decente — em seguida, ele olhou para Pedro, que

continuava a dormir pesadamente — Com aquele ali, nem tentei discutir. Você sabe...

— Ele é teimoso — respondemos e sorrimos juntos.

O sorriso não durou muito, as lembranças de tudo o que passei e a consternação com o que ainda vou enfrentar apagaram-no rapidamente.

— Vai passar, lindinha. Acredite em mim. A dor vai passar.

Sabia que suas palavras carinhosas tinham as melhores intenções possíveis, contudo eu achava que a dor que sentia nunca iria passar. Perder meus pais foi difícil, eu só era uma menina assustada na época. Tive Pedro, Fernando, Nick, o *nonno* e todas as pessoas que me amavam dando suporte, fazendo o possível para que crescesse bem. Agora era tudo diferente. Além de perder meu bebê, nem ao menos sabia se poderia, algum dia, caso ficasse viva, me tornar mãe.

E quanto a mim e ao Fernando?

Nada mais de jogos.

“Você nunca vai poder ser como ele precisa.”

Mais do que venenosas, as palavras de Suellen agora eram reais.

Não poderia ser outra vez a mulher que Fernando precisava ter ao seu lado. A que me fazia sexy e poderosa ao lado dele.

Agora sou apenas uma garota comum com um grave problema cardíaco.

— Como ele está, Nick?

Ainda me lembro de suas últimas palavras antes de ser medicada e colocada para dormir.

“Sempre vou amar. Não desiste. Não desiste de mim..”

Eu nunca tinha desistido dele. Até mesmo no início, quando pensei que Fernando seria incapaz de corresponder ao meu amor, da forma que desejava e precisava, lutei para mantê-lo vivo em meu coração. Até mesmo com o

falso relacionamento com Diogo — verdadeiro para Fernando, pelo menos no começo — eu não tinha desistido dele. As burradas e todas as decisões erradas que tomei foram justamente para protegê-lo enquanto lutava pelo nosso amor.

Só que agora tudo estava diferente. Eu não era mais a mesma Lídia, e não podia o condenar a essa fria e vazia versão de mim mesma. Alguém que a qualquer momento iria deixá-lo. Sabia bem como a morte da mãe de Fernando o deixou arrasado. Os dias, meses, todos os anos que ele se dedicou ao tratamento dela.

Não podia fazer igual. Não podia prendê-lo a uma mulher que andava de braços dados com a morte. Ele merecia ter tudo. Uma mulher que o amasse, não o mesmo tanto que eu, acho que nenhuma um dia iria amá-lo como amo, nem mesmo a louca da Suellen. Fernando merecia filhos, um casamento longo e feliz. A família amorosa que sempre foi negada a ele.

Refletir sobre tudo isso me deixou arrasada, e meu coração, esse novo remendado coração, reagiu.

— Lídia! — Pedro despertou com o som do aparelho bipando — Querida, você está bem? Respira, minha irmã. Apenas respira.

Nick, que estava ao meu lado, rapidamente buscou ajuda. Como da outra vez, fui medicada e mergulhei no sono.



Quando minha mãe era viva, eu gostava de ficar doente. Aquela gripezinha que nos deixava por dois ou três dias na cama, podendo faltar na escola e sendo paparicada o dia inteiro.

As pessoas estavam novamente me tratando como se eu tivesse cinco anos.

Qualquer suspiro que eu desse ou a mínima expressão facial que poderia indicar dor, já as deixavam desesperadas ao meu lado. Então só me restava atuar, fingir que estava tudo bem, mesmo sabendo que não estava.

— *Bambina...* Se eu pudesse, dava esse meu gasto coração a você — O *nonno* não sabia se fazia carinho em mim ou se tentava esconder as lágrimas que derramava — Você não sabe quanto medo eu tive. Esse velho não aguenta outro baque, menina. O *nonno* não aguenta.

Perder a filha e apenas alguns anos depois perder a neta, com certeza iria destruir o *nonno*. Se eu tivesse o poder de escolha entre vida e morte, sem dúvida escolheria a segunda. Ao olhar para o *nonno* e ver a forma que ele estava abalado, não podia agir de forma egoísta nem mesmo diante da minha dor.

— Não vai me perder, vovô.

— Você promete, *bambina*? — Ele se emocionou e causou uma grande emoção em mim também, então fiz um grande esforço para me controlar, ter uma crise diante do *nonno* só iria deixá-lo mais arrasado — Promete que não vai deixar esse velho cansado sozinho?

Choramos juntos enquanto ele se curvava para me abraçar. O *nonno* sempre foi tudo para mim. Sabia que ele também amava o Pedro grandiosamente, mas nós dois éramos mais unidos. O meu amor por ele era gigantesco.

Uma leve batida na porta interrompeu nosso momento, e o rosto ansioso de Fernando surgiu na porta.

Fique quieto, coração!

O que a minha mente e esse órgão teimoso desejavam eram coisas completamente diferentes.

Era difícil resistir ao homem lindo de camisa azul que combinava com o tom dos seus olhos, jeans justo e escuro, e o ar de felino que ele exalava.

— Oi — Fernando me deu um lindo sorriso tímido, depois os seus olhos expressaram preocupação — Eu posso entrar?

Sabíamos o que aconteceu da última vez que ele tentou. E seu temor era esse.

— Ora, claro que pode — *nonno* respondeu por mim, dando sinal verde a Fernando — O médico disse que a *bambina* precisa ter todos que a amam ao lado dela.

Entre precisar, querer e poder, havia uma larga distância, quase que inalcançável.

— Você está bem, Lídia? — Seus passos cautelosos demonstravam o quanto ele tinha receio em se aproximar de mim, ao mesmo tempo que seus olhos, cheios de amor, pareciam implorar para que não fosse obrigado a ir embora.

Levei ao peito a mão onde estava ligado o suporte de soro, e seus olhos atentos acompanharam o movimento.

Vê-lo me causou felicidade. Causou angústia. Tristeza. Agonia. Fez-me ciente de todo amor que existia dentro de mim, que até antes, com um coração normal, era grandioso para carregar. Eu não tinha forças perto de Fernando, nunca tive. Ele era a minha fraqueza. A minha kryptonita.

— Estou cansada — disse em um sussurro — Acho que preciso dormir.

Fernando me estudou com atenção, provavelmente tentando ler se eu estava mentindo. Ele me conhecia tão bem quanto eu o conheço, sabe que, para poupar quem eu amava, escondia minhas próprias feridas.

— Ok. Eu vou ficar ali... — ele começou a dizer, indo em direção ao sofá.

— Não! Hum... será que pode voltar outro dia? Talvez amanhã?

Vi claramente o quanto o meu pedido o feriu. Magoou a mim também. Com a mais absoluta certeza, feriu mais a mim. Dizer ao homem que amo que ele não podia ficar ao meu lado quando, na verdade, era tudo o que mais desejava.

— Lídia...

— Por favor.... — Esfreguei o meu peito, não que estivesse realmente doendo, quer dizer, não mais do que estou ficando acostumada — Por favor, Fernando...

— Calma, *bambina*.

— Tudo bem. Eu vou embora. Só fica calma.

Estava usando meu estado de saúde para conseguir vantagem. Isso me fazia sentir uma vadia sem coração, principalmente porque via em sua expressão derrotada como se sentia infeliz.

Era preciso. Fernando, mesmo quando tentou se manter afastado por achar que causaria sofrimento a mim, sempre pensou na minha felicidade. Estava na hora de fazer o mesmo por ele.

Além disso, Diogo ainda representava um grande perigo para ele, Nick e ao meu irmão.

— Eu volto depois — disse ele, colocando as mãos nos bolsos de trás do jeans, e com um olhar triste, caminhou em direção à porta.

Fechei os meus olhos, tentando forçar as minhas lágrimas a permanecerem no mesmo lugar.

E então a mágica aconteceu. Primeiro senti o seu perfume. O calor do seu corpo se aproximando do meu e seus lábios macios e possessivos cobriram os meus.

Um beijo muito delicado e que me fez ficar ainda mais emotiva, e os sinais disso deslizaram por minhas bochechas.

Senti um pouquinho do calor, que pensei ter perdido, queimando em meu peito. De uma forma boa. De uma forma muito boa.

— Não vou desistir, meu amor — Abri os olhos, encontrando a sua imensidão azul — Nunca.

Comigo paralisada, tanto pelo beijo formigando em minha boca como em reação ao gesto que não esperava, o vi sair.

Assim que a porta fechou, caí no choro. Era dolorido. E me causou um sofrimento que nem ao menos sabia explicar.

Entre as minhas lágrimas e desespero, vi a angústia do *nonno* e fiz um novo esforço para me controlar. Respirei fundo. O meu peito queimou, e ainda assim continuei tentando.

— Ah, *bambina*...

— Estou bem, vovô... — inspirei e expirei. Eu podia fazer isso — Eu vou ficar bem, não se preocupe.

Aos pouquinhos, fui ficando calma e o meu avô também. Ele colocou um pouco de água no copo, depois levou o canudo à minha boca.

— Vai passar. Você vai ficar bem.

Nada ia ficar bem. Nunca mais ficaria bem. Deixaria que ao menos a fé dele continuasse inabalável.

— Vovô? — chamei por ele alguns minutos depois — Pode me emprestar o seu celular?

Não sei se o meu foi perdido com o acidente ou se era uma proibição médica.

— Claro que sim, *bambina*.

Assim que ele me entregou o seu aparelho de quase quatro anos de uso, digitei os números que sabia de cor.

— Diogo?

— Lídia?

Houve um esperado silêncio do outro lado da ligação.

— Diogo, estou no hospital...

— Cheguei de viagem hoje. Eu não entendia por que não atendia as minhas ligações, então inicialmente achei que você e o....

— Sofri um acidente de carro — interrompi-o.

De alguma forma, mesmo que não pudesse estar olhando nos olhos dele, sentia que Diogo mentia. Mesmo nós dois sabendo a verdade sobre o nosso relacionamento, que noivo ficaria alheio sobre algo tão grave?

A essas alturas, ele já deveria saber sobre o meu acidente e eu continuaria fazendo o seu jogo.

— Fiquei sabendo ontem. Tentei vê-la, você sabe como é o seu irmão. Não me permitiu. Ele nunca gostou do nosso relacionamento.

Encarei o *nonno*, que não escondia o descontentamento de me ver falando com Diogo. O Pedro não era o único a não gostar do nosso *relacionamento*. Por isso, falei o mínimo que podia.

— Eu preciso falar com você, Diogo. Pode vir ao hospital?

— Não vão me deixar entrar.

— Avise quando puder vir e cuidarei disso.

Assim que finalizamos os detalhes, desliguei. Devolvi o aparelho ao vovô, que me encarou preocupado.

— O que significa isso, *bambina*?

— Diogo é o meu noivo, vovô. Ele tem o direito de saber como estou.

— E o Fernando?

— Não existe Fernando e eu há bastante tempo. Nunca deveria ter existido.

— Então, o seu bebê era...

Podia mentir a respeito de tudo, menos sobre quem era o pai do meu bebê.

— Vovô, estou cansada — Fechei os olhos, mais uma vez usando meu estado médico para ter vantagem — Preciso dormir um pouco.

Ele não insistiu, embora eu soubesse que, no fundo, sua língua devia estar formigando. Não iria me contrariar sabendo que poderia me deixar nervosa.

Fingindo dormir, ouvi seus passos pelo quarto. Abri discretamente um dos meus olhos e vi-o tirar do bolso da jaqueta uma de suas revistinhas de palavras-cruzadas. Virei o rosto para o outro lado e encarei a parede branca à minha frente.

Assim como me mantinha, as minhas lágrimas caíram, silenciosas.

CAPÍTULO 32

FERNANDO

Toquei a placa dourada com apenas uma linha descrita: dias de vida e morte.

Nós nem pudemos dar um nome ao feto, insisti ao Pedro que deveria ter um lugar especial para ele, junto aos seus pais. Garanti que Lúdia gostaria disso, na verdade, sentia que quem precisava mesmo era eu.

Vir ao cemitério quantas vezes fossem necessárias para pedir perdão.

— Eu sinto muito — As palavras saíram dolorosas de minha garganta, ao confessar isso — Se eu soubesse...

O nó que me sufocou impediu-me de continuar.

O que eu teria feito de diferente, se Lúdia tivesse contado que estava grávida?

Talvez tudo.

Eu teria feito tudo de outra forma.

— Não posso mudar isso — Encostei minha testa no metal frio e deixei que minhas emoções fossem liberadas — Prometo que vou consertar as coisas. Eu vou consertar tudo.

Essa foi a maior certeza de que o acidente de Lúdia me trouxe, a de que viver sem ela não era uma opção. Eu perderia toda a minha sanidade, se isso acontecesse.

Por isso, apesar de seu pedido para que eu fosse embora essa manhã tivesse me pegado como um duro golpe, mantive-me em pé.

Pelo que Pedro me contou, sobre sua reação em relação ao bebê e agora o seu novo e delicado estado de saúde, eu meio que previ a amargura, revolta e principalmente desprezo comigo, imaginar e realmente vivenciar era bem diferente. A dor era muito maior e intensa do que poderia ter imaginado. E não podia culpá-la. Se existia alguém que devia ser colocado em julgamento, era eu.

Mais do que nunca, agora eu precisava ter calma e paciência. Dar ouvidos mais à razão do que ao coração. E quando pensava em razão, surpreendentemente, apenas uma pessoa me vinha à cabeça.

— Então? — A indagação de Nick surgiu ao mesmo tempo que ele abria a porta da sua suíte — Como foi? Conseguiu vê-la? Pediu perdão? Se arrastou pelo quarto? Porque deveria.

— Ela não quer me ver, Nick.

— Isso é natural, não? Fernando, ela te pegou com a Suellen, então...

— Tudo isso é culpa minha — Cada vez que confessava isso era como reviver cada segundo desse momento trágico até aqui.

— Não era isso que eu iria dizer — Ele esfregou os olhos, demonstrando o quanto estava esgotando também — Apenas que é natural que ela esteja chateada. Suellen sempre causou insegurança na Lídia.

— Não deveria! — protestei, exasperado — Lídia é a única mulher que amei na vida. É a única que amo e sempre vou amar.

— Então, o que diabos a Suellen fazia nua em seu apartamento?

Essa era uma pergunta que também me fazia. Eu me lembrava exatamente do primeiro copo de uísque que tomei, estava furioso e fiquei ainda mais irritado ao ver Suellen aparecer no bar. Depois disso, tudo fica nebuloso. A próxima coisa que lembro é ter Suellen ao meu lado no sofá da sala, ambos nus, e o chamado angustiado de Lídia.

— Eu não sei, Nick. Eu realmente não sei. Nunca magoaria a Lídia dessa forma. Jurei que nunca mais iria feri-la. Mesmo com ela insistindo em manter a relação absurda com o Diogo — garanti a ele, e estava sendo o mais verdadeiro possível — Eu queria reconquistá-la, não a perder outra vez.

— Certo. Acredito em você. Depois de tudo o que presenciei entre vocês, acredito mesmo em você, Fernando. Se algo aconteceu entre você e Suellen, alguma explicação que o inocente deve ter — Ele se acomodou no sofá e eu me sentei na poltrona do outro lado — Vamos rever os fatos. Você e Lídia discutiram naquele dia por causa do Diogo.

— Mais uma vez.

— Então você saiu todo irritadinho.

— Eu saí furioso! Ela tinha as fotos que comprovam que ele era infiel.

— A Lídia também era — Ele apontou o dedo acusador em minha direção — Com você.

Essa história era mais complicada do que o resumo de Nick. Segundo Lídia, o Diogo tinha fotos nossas, bastante comprometedoras, e as usava para chantageá-la. Eu só fiquei sabendo disso algum tempo depois que eles começaram a se portar como um casal. Foram os dias mais difíceis da minha vida. E que também me fez compreender melhor as inseguranças de Lídia em relação a Suellen. Ver quem você ama nos braços de outro é enlouquecedor.

— Tem uma coisa que você não sabe, Nick.

— Ouça, Fernando, antes de qualquer coisa, quero que reflita sobre o que vou dizer — ele fez uma pausa e respirou fundo — Ou você aceita que se amam e luta por ela de todas as formas, não importando como pense que isso vai acabar no final, com você dando um tiro nela, por exemplo...

— Nick! — Encarei-o chocado, dessa vez ele tinha ido longe demais no sarcasmo.

— É isso mesmo. Ou então desiste de vez. Apenas pare de se matar e matá-la aos pouquinhos, com essa história de ficar indo e voltando. Eu acho que, desta vez, a Lídia não aguenta, cara. E nem você.

Nick tinha razão. Não importava mais se era certo ou errado nós ficarmos juntos. Apenas sabia que nós precisávamos ficar. Lutando contra tudo e todos.

O olhar que ele me deu era completamente compreensível. Nick estava enfiado em nossas confissões e mentiras, pelo menos as contadas a Pedro, mais do que ele gostaria, como um bom amigo, nos dava proteção e apoio.

Assim, contei a ele o único detalhe dessa história que Lídia me fez manter apenas entre nós.

— E quando você soube disso?

— Não faz muito tempo.

— Foi por isso o detetive?

— Em partes — Era bom poder falar sobre isso com Nick agora. Pedro era meu melhor amigo desde a infância, mas não podia discutir esse assunto com ele. Quando se tratava de Lídia, sua reação nunca era racional — Na verdade, preciso confessar algo. Sinto que ela ainda não me disse toda a verdade.

Pedro, Nick e eu sempre tivemos com Lídia um olhar protetor, sufocante até, podia admitir. A cada dia, vinha aprendendo que ela era mais forte e esperta do que nós subestimamos.

— É, cara, isso é realmente complicado.

De uma coisa eu sabia: Diogo era perigoso e não o queria perto de Lídia. E não era apenas pelos ciúmes me corroendo. Algo nele sempre me

incomodou desde que surgiu em nossas vidas, quando Marcello e Isabella Santini ainda estavam entre nós.

— Fernando? — Nick me chamou, e pelo seu semblante aturdido, já imaginei o que iria me perguntar — Sobre o bebê...

— Meu?

Ele assentia.

— Só há uma maneira da criança que Lúdia estava esperando não ser minha. Ela está escondendo e mentindo sobre mais coisas do que desconfio.

— Nossa, sinto muito, cara. Como você está?

— Eu matei o meu próprio filho, Nick — A confissão desceu amarga pela minha garganta e chegou como um veneno em meu coração — Como acha que me sinto?

— O quê? — Ele saltou do sofá, dando a mim um olhar incrédulo — Que merda é essa que você está falando? Meu amigo, não vá por esse caminho.

— Lúdia sofreu o acidente porque me viu com a Suellen.

— Foi um acidente, Fernando. E se culpar não vai ajudar a lindinha. Você precisa ficar bem por causa dela.

— É só por isso que ainda não desabei. Por ela.

Porque amar Lúdia, da forma que amo, foi tudo o que me restou.

— Voltando à Suellen, naquele dia. O quanto acha que bebeu?

— Essa é a parte estranha. Lembro do primeiro, talvez o segundo copo. O resto é uma tela em branco.

— Seu copo sempre esteve com você?

— Claro que sim.

— Tem certeza?

Bem, agora que ele plantava a dúvida, voltei a forçar a lembrança.

— Atendi uma ligação.

— Se lembra de quem era e quanto tempo ficou no telefone?

— Não.

— Mas deve ter sido alguém conhecido, para te manter na linha — destacou ele, procurando o seu celular — Nos falamos na noite anterior. Talvez o Pedro?

— Há uma maneira mais fácil de verificar isso.

Peguei o meu aparelho e verifiquei todas as ligações daquele dia, naquele horário em questão. A única ligação suspeita vinha de uma chamada restrita.

— Podia tentar ver se a companhia telefônica consegue identificar — avisei a Nick — Até lá, espero que a minha mente recorde.

— Já sabemos de uma coisa importante — alertou Nick — Suellen pode ter colocado algo em seu copo.

Se isso realmente aconteceu, eu fui muito estúpido.

— Não esclarece se tivemos algo.

Tudo que sabia era que acordei nu ao lado dela.

— Preciso tomar algumas providências, Nick, a começar com alguns exames médicos.



Se a intenção de Lídia era me enlouquecer, bom, ela estava seguindo por um caminho certo. Nunca conseguia estar perto dela sem que tivesse alguém por perto, e quando tentava, era frustrado por seus pedidos para que a deixasse sozinha para descansar.

Ela estava fugindo!

E usando seu estado delicado de saúde para me manipular. O pior que, pelo menos nesse momento que ela se encontrava tão fraca, não havia nada que eu pudesse fazer. Usando seu fraco coração como arma ou não, colocar sua saúde em risco, para que me escutasse e desse algumas respostas não era algo que podia arriscar.

Essa tarde, sem colocar seu estado emocional à prova, iria cercá-la de forma que não consiga mais escorregar por entre os meus dedos.

Era esse pensamento que tinha em minha mente ao sair de casa. Objetivo que vi sendo completamente arruinado ao abrir a porta do quarto e me deparar com a única pessoa que não esperava ver de novo e nem gostaria.

— O que esse desgraçado faz aqui? — vociferei, avançando furioso em direção a Diogo, a quem fiz se erguer do chão pelo pescoço.

— Ela me... chamou — ele tentou falar enquanto meus dedos fechavam cada vez mais forte na garganta dele — aqui...

Não podia acreditar nisso.

Lídia estaria louca, se tivesse feito uma coisa dessas.

— Solta ele, Fernando — seu pedido angustiado veio de muito longe em minha mente, tudo o que pensava era que se fechasse os meus dedos um pouco mais, o problema Diogo seria resolvido — Fernando! Por favor. Solta ele.

Seu gemido de dor e o choro angustiado que ela emitiu trouxeram de volta meu lado racional. Libertei Diogo, e com um empurrão o afastei de mim. Ele começou a tossir e esfregar o pescoço vermelho enquanto caminhava até Lídia.

Exibi um olhar frio, por dentro, estava queimando.

— Lúdia. — Encarei-a, trincando o maxilar, não conseguia acreditar que ela podia estar defendendo esse imbecil — O que está acontecendo?

Ela desviou o olhar de mim. Estava confuso, com raiva e doido para socar alguma coisa, e a cara do Diogo cairia bem.

Eu tinha feito todo o possível para ser paciente, compreender o momento que Lúdia estava passando, dar todo tempo que ela podia precisar para se recuperar, quando Diogo estava envolvido, perdia completamente a cabeça. Só havia o primata se manifestando em mim.

— Eu que pedi que Diogo viesse — ela me deu a única resposta que não desejava ouvir e que atingiu o meu peito como uma facada.

Pensei que essa história “Lúdia, Diogo e eu” tivesse finalmente se encerrado.

— Se é pelas ameaças...

— Ameaças? — ele questionou, incrédulo, e se não o achasse um maldito mentiroso desprezível, diria que sua cara de surpresa para nós era genuína — Que ameaças?

— Cala a boca, seu verme! — Cerrando os meus punhos, dei um passo em sua direção.

— Fernando! — O chamado de Lúdia me fez estacar no lugar — Eu menti.

Eu a encarei, atordoad.

— Sobre isso e sobre muitas coisas.

— Não! Você está mentindo agora. Por quê?

Dessa vez, não teria lágrimas e nem ataques de ansiedade que me fizesse recuar. Lúdia mentia, e eu queria saber a razão de agora tentar proteger o Diogo.

— A verdade é que você nunca aceitou que perdeu, Fernando — Diogo buscou a mão de Lúdia e me desafiou — Eu entendo. É difícil

esquecer uma mulher como Lília, ainda mais com todo o passado que tiveram. Se realmente a ama, deixe que siga em frente e seja feliz com quem escolheu ficar.

Seria um pensamento poético, se a realidade não fosse completamente insana. O meu amor por Lília era grande o suficiente para encarar meu sofrimento e dar a ela, a oportunidade de ser feliz com outro. Fiz isso uma vez, com Júlio. Nós sabemos que não funcionou.

— Lília — implorei com o olhar para que confiasse em mim, seja o que fosse que a estivesse amedrontando, juntos poderíamos enfrentar —, fala comigo.

Tinha essa martelada insistente na cabeça, alertando-me de que algo de muito errado estava acontecendo, talvez perigoso.

“Cabeça fria, Fernando. Daqui para frente essa seria a sua única vantagem.”

O conselho de Nick me veio à memória. Sabia que Nick estava certo, o silêncio de Lília e o teatro cínico de Diogo, bancando o noivo devotado, eram como uma trilha de pólvora indo em direção ao fogo.

— Fiquei tão preocupado, Lília... — declarou Diogo, levando as mãos dela aos lábios.

Seria o suficiente para eu reagir, se a porta não tivesse sido aberta novamente, e Pedro, com um olhar furioso, entrasse.

— O que esse desgraçado faz aqui? — Ele me indagou com um olhar acusador, passando por mim como um furacão, indo em direção ao Diogo — Deixei ordens bem claras para que não se atrevesse a se aproximar da Lília.

— Ele já estava aqui quando eu cheguei.

— Fui eu que pedi que ele viesse — Lília repetiu o mesmo que me disse, encarando a nós dois com o queixo empinado. A teimosia era uma

característica bem marcante na família Santini, assim como a facilidade de nos fazer enlouquecer — E quero ter alguns minutos sozinha com Diogo.

— Querida, eu não vou deixar... — iniciou Pedro, apesar do olhar furioso, ainda mantinha o tom gentil e paciente com ela.

— Por favor! — ela implorou, e ao tentar se mexer na cama, exibiu uma expressão de dor — Por favor, Pedro.

Não tínhamos escolha, e isso frustrou tanto a Predo quanto a mim.

— Sem emoções fortes, Pedro — murmurei atrás dele — Lembre-se do que o médico disse.

Nessa primeira rodada, Diogo estava levando vantagem, só que o jogo ainda iria virar.

— Tudo bem. Eu vou ficar por perto — ele concedeu, e quando se juntou a mim, lançou a Diogo seu olhar implacável — Do outro lado daquela porta.

Mal fechei a porta atrás de mim, e Pedro deixou a fera dentro dele ser liberta. Um de nós precisava ter a cabeça fria, e como sabia que meu amigo não faria isso, tentei segurar a barra por nós dois. Era muito difícil para mim, também. Meu maior desejo era invadir o quarto e lançar o ardiloso do Diogo pela janela.

— Minha vontade é de quebrar a cara dele — Pedro rugiu.

— Não se preocupe — Fui em direção à máquina de café, fazendo-o me seguir — Em breve, nós teremos oportunidade de fazer isso.

— Nós? — A pergunta surgiu com um irônico arquear de sobrancelha.

— Não é porque sempre tratei sua irmã como uma fedelha irritante, que não me preocupo com ela. Praticamente a vi nascer, Pedro, e...

Se eu soltasse toda bomba para ele agora? A raiva que Pedro tem do Diogo continuaria sendo maior do que a que nasceria por mim?

Não. Eu não podia arriscar e acabar sendo obrigado a me afastar deles. Não até entender o que se passava na cabeça de Lília.

— Além disso, você é meu amigo, o meu melhor amigo — segui com o discurso que iniciei, esperando ser bem convincente em minha resposta — Qualquer um que mexer com a sua família, irá mexer comigo também.

Ele concordou, agradecido. Sobre isso, sabia que estava sendo completamente honesto. Era o que sabia que podia esperar dele e de Nick também. Esses caras estiveram nos melhores e piores momentos da minha vida.

— Você viu a desculpa esfarrapada que Diogo deu? Você não sabe como foi olhar na cara dele e não o ter matado com minhas próprias mãos naquele dia. E só por estarmos em um hospital e, principalmente, por não poder negar o pedido de Lília, vou me segurar. Diogo não tem ideia do que acabou de fazer ao me enfrentar.

— O mais importante é que, neste momento, Lília deve estar dando um fim a esse compromisso, que foi uma piada desde o início.

Pedro pareceu ficar em dúvidas, e eu não gostei nada disso.

Os minutos se arrastaram. Quando senti que cada gota de paciência em mim se esgotava, Diogo surgiu na porta.

— Lília deseja que vocês retornem.

Ele parecia calmo demais para alguém que teve o relacionamento desfeito. E o sorriso provocador que me deu, atingiu o objetivo desejado.

Estava furioso.

— Meu irmão — Encarei Lília, ela preferiu me ignorar como se fosse algum dos objetos sem importância no quarto, e Diogo ocupou o lugar ao seu lado, que deveria ser meu — Quero que seja o primeiro a saber. Diogo e eu vamos dar continuidade ao nosso noivado.

Pedro foi pego de surpresa, eu fiquei completamente em estado de choque, e logo em seguida, enraivecido.

— Lídia, esse verme... — Pedro tentou argumentar enquanto eu ainda não conseguia assimilar o que ouvi.

— Nós acertamos todas as nossas diferenças. Diogo errou e eu não fui totalmente inocente em nosso relacionamento — Então seu olhar finalmente chegou a mim, e foi impossível não recordar de cada momento louco e intenso que tivemos — O acidente me fez ver as coisas de forma diferente, Pedro. Acho que chegou a hora de começar a encarar a minha vida com mais maturidade, como sempre me pediu.

Excluindo o início do relacionamento absurdo com Diogo ao noivado sem sentindo, Lídia sempre agiu como uma garota madura. Cuidávamos excessivamente dela, por tudo o que já tinha sofrido no passado, e não por ser tola e mimada.

— Você está sendo ridícula, Lídia. Depois de tudo? Você ainda vai... — acusei, passando a mão na cabeça, exasperado — A gente precisa conversar, Lídia.

Apenas alguns minutos. Tudo o que precisava era ficar alguns minutos sozinho com ela.

— É a minha vida, Fernando! O mais importante, eu já perdi — Seu olhar acusador, assim como a expressão carregada de dor, caiu sobre mim.

Encolhi-me, recuando alguns passos. Seu olhar duro me feriu, não porque as palavras não ditas poderiam estar motivadas pela dor, porque eram verdadeiras.

Se nem eu conseguia me encarar e me perdoar, como Lídia conseguiria isso?

— E se não tem nada melhor a me dizer, peço que fique calado. Cansei de esperar que...

Eu agisse como um homem. O homem que teria enfrentado uma guerra para tê-la.

— Isso é o que quero, Pedro — sua voz falhou, a dor que as emoções lhe provocavam venceu qualquer reação que poderíamos ter — De alguma forma, seguir em frente com a minha vida. Sei o que estou fazendo, e um dia você vai entender. Confie em mim.

— Sinceramente... — O meu olhar caiu furioso sobre Diogo, e antes que desse algo mais para ele comemorar, decidi sair — Cansei disso.

As minhas mãos estavam atadas.

Por mais que ferisse, que sentisse como se arrancassem uma parte de mim, não havia quase nada que pudéssemos fazer. Lídia ainda estava no hospital, recém-operada e com um longo e delicado tratamento pela frente. Nesse momento, para que ela ficasse bem, precisávamos aceitar suas decisões, por mais absurdas que fossem.

O quanto isso ainda me destruiria? Sabendo que não iria estar ao seu lado em cada momento. E não seria eu a segurar sua mão em cada batalha e nem comemorar suas conquistas.

Não havia para quem voltar.

Nenhum lugar para onde ir.

Dirigi sem rumo, sendo tragado pela cidade movimentada.

Parei no mesmo lugar que estive, após minha discussão com Lídia. Talvez, se eu revivesse os passos, conseguisse entender o que aconteceu. Qualquer fragmento de lembrança que trouxesse um pouco de luz nessa escuridão que tenho vivido.

— Uísque sem gelo — disse ao barman que aguardava pacientemente o meu pedido.

Girei o copo no balcão e olhei o líquido dourado e pálido no copo. Só conseguia ver um rosto diante de mim.

Lídia.

Pensar nela me fazia reviver aquele maldito dia e as suas consequências.

“Você tem o sangue ruim dele correndo em suas veias.”

As duras palavras, proferidas por minha mãe, chegaram com uma força esmagadora.

Levei o copo aos meus lábios, esperando que o gosto da bebida se sobressaísse ao amargor se formando em minha boca.

“Fique longe dela, ou Lídia acabará tendo o mesmo fim que o meu. Ela será vazia e infeliz.”

Hoje sei que, naquela época, tinha muito mais de sua doença falando por ela, do que a falta de afeto. Mesmo insana, no fundo, minha mãe tinha razão.

Todas as decisões erradas que cometi foram justamente tentando evitar isso. Que assim como o meu pai fez com sua esposa, eu me tornasse a perdição de Lídia.

Assim como ele, sou absurdamente egoísta, porque mesmo que tudo em mim falasse que devia partir, sempre acabava voltando para ela.

— Outra dose, por favor.

Eu não iria encontrar respostas aqui.

Quem sabe alguns minutos de calma, porque paz eu não tinha há muito tempo.

E ao que me parecia, observei ao ver meu telefone vibrar sobre o balcão, não voltarei a ter tão cedo.

— Pedro?

— Fernando? Onde conseguiu o detetive?

Droga! Voltamos aos detetives e investigações.

— Vou te passar o contato por mensagem.

O barman trouxe a garrafa para encher novamente o meu copo, fiz um sinal de que ia parar por aqui.

Quantas doses já tinha bebido, enquanto lamentava a vida de merda ao que parecia estar destinado?

— Pedro, conseguiu falar com Lúdia? Colocou um pouco de juízo na cabeça dela? Ela não pode fazer isso, cacete! Lúdia está maluca, se acha que...

Notei, a tempo, o quanto estava sendo passional. Pedro estava desconfiado, e minhas reações para com a irmã nele, nas últimas horas, apenas pregava mais a placa de culpado na minha testa.

— Não consegui, e você sabe que se eu insistir... Fernando, andou bebendo?

— Parei em um bar ao sair daí. Por quê? É a porra do meu pai agora?

Não era com Pedro que estava furioso, foi em cima dele que soltei minha frustração.

— Fernando? — ele fez um breve silêncio antes de prosseguir: — Há alguma coisa entre você e a Lúdia que eu não saiba?

Há muita coisa sobre mim e Lúdia que você não sabe, Pedro.

Era o que queria dizer, que precisava dizer, no entanto, covardemente, novamente me calei.

— Responde alguma coisa, caralho!

— Pedro, ela é a sua irmã.

— Responda algo que eu não saiba.

— Não há nada entre mim e Lúdia, satisfeito?

— Não há nada e nunca houve? Ou não há nada agora?

Eu já perdi a mulher que amo. O nosso filho. Podia mesmo colocar em risco a última coisa boa que me sobrou, a amizade e o respeito de Pedro? O cara que, a vida toda, foi para mim como um irmão.

— Lídia vai se casar com Diogo, mas que porra, Pedro! É com ele com quem deve se preocupar — rugi como um leão ferido — Aquele bosta.

— Ela não vai se casar com ele.

— Olha, Pedro, se ela o ama — O amargor voltou à minha boca, matando um pouco mais da minha alma — Só nos resta aceitar a sua decisão.

— Não é amor. Alguma coisa preocupa a Lídia, enquanto insistir em levar adiante esse compromisso, vou garantir que Diogo nunca mais abra as calças para outra piranha. Ele vai dançar conforme a minha música e nunca mais terá a chance de magoar a minha irmã.

— Você não pode prever isso, Pedro — disse, em um tom cansado. Eu, mais do que ninguém, sabia que havia coisas que não davam para controlar — Relacionamentos são complicados.

— Está enganado, Fernando. Você está muito enganado. Preciso ir agora, falo com você depois.

Quando ele encerrou a ligação, entrei no aplicativo de transporte. Não ia cometer a irresponsabilidade de sair dirigindo. Mandaria alguém buscar o meu carro depois.

Precisava aguardar cerca de quinze minutos até o motorista chegar, assim, coloquei algumas notas sobre o balcão e pedi que minha conta fosse encerrada.

Estava a caminho da saída, quando um flash de memória estourou na minha cabeça.

— Porra!

Agora, finalmente sei quem havia me ligado naquele dia.

LÍDIA

Eu observei Fernando sair do quarto mais do que furioso. Ele estava decepcionado comigo. De certa forma, também estava. Não importava que as intenções por trás de tudo que falasse fosse para continuar protegendo-o, assim como a Pedro e a Nick, ainda me sentia uma vadia mentirosa.

— Querida — Meu irmão se aproximou da minha cama. Tentei esconder dele o quanto estava destruída por dentro — Você não se lembra...

— Eu já recordo do que é importante, Pedro. E o que não pude recordar, Diogo esclareceu.

Claro que, para conquistar novamente a confiança de Diogo em mim, precisei manter essa lorota de perda parcial de memória e deixei que Diogo moldasse nossa relação no que fosse conveniente para ele.

Dessa forma, achando que poderia me manipular, ele acreditou que por causa do acidente não me achava mais digna de tentar lutar pelo amor de Fernando e nenhum outro homem. Bem, essa parte não era totalmente mentira.

— E não importa o que o Fernando tenha tentado te dizer. Você não sabe de muitas coisas.

Eu queria poder contar ao Pedro. Queria que ele não fosse cabeça quente demais, ao ponto de cometer uma besteira, se soubesse das coisas que andava investigando.

— Você o ama ao ponto de passar por cima de tudo? — ele indagou em um tom vencido, porém, não satisfeito.

Eu odeio Diogo com todas as minhas forças. Deixei que Fernando acreditasse que perder nosso bebê tinha sido por culpa dele, só havia duas

peessoas a quem podia condenar. Suellen, por nunca ter nos deixado em paz, e Diogo, que me fez entrar nessa rede de mentiras e enganações, afastando-me do homem que amo. Eles tiraram tudo de mim. Tudo o que eu mais amava.

— Eu vou me casar, não vou?

— Merda, Lídia! Não foi isso o que perguntei.

— Pedro... — Meus lábios tremeram, não era fingimento dessa vez. Ainda me torturava com a imagem de como Fernando saiu daqui. Machucá-lo era como me ferir duas vezes mais — Estou cansada, pode apenas aceitar minha decisão e ficar feliz junto comigo?

Estendi a mão para Diogo. Era tudo teatro, agora era ainda mais difícil executar esse papel.

Eu falei com o olhar angustiado. Gritei desesperadamente para que Pedro visse em minha alma o que os meus lábios se recusavam a falar.

— Tudo bem — Ele afagou minha perna sob o lençol, depois encarou Diogo friamente — Você! Vamos conversar lá fora.

Sabia que tipo de conversa Pedro queria ter com ele. Ainda não tinha engolido a desculpa de Diogo, de que seu rosto machucado foi obra de um assalto. Isso apenas reforçava minha certeza de que, até que eu tivesse provas reais de que Diogo estava envolvido no assassinato dos nossos pais, não poderia dizer nada ao meu irmão.

— Meu Deus! — Sequei as lágrimas teimosas que insistiam em encher os meus olhos, ao ponto de me cegar.

Já perdi os meus pais, o meu bebê, o homem que amo. A minha saúde.

Nada mais pode ser tirado de mim. Acho que não conseguiria suportar. E eu precisava, por causa do *nonno*, do Pedro e Fernando. Não queria ser como a mãe dele e causar mais uma grande ferida em seu coração.

Pedro retornou, e eu fiz o possível para esconder que estava chorando.

— Onde está Diogo? — indaguei logo que ele entrou.

— Disse que poderia ir para casa. E você já teve emoções demais por um dia. Precisa descansar um pouco, Lídia. E, assim, poder voltar logo para casa.

— Pedro? — Estendi minha mão, buscando a sua, e ele veio para o meu lado na cama — Sobre o que eu disse em relação ao acidente ter feito com que enxergasse tudo de forma diferente, é verdade, principalmente por perder o meu bebê e saber que não poderei ser mãe novamente.

Isso ainda era o que mais me doía. Saber que nunca mais passaria por essa alegria novamente.

— Os médicos não disseram isso. O que aconselharam é que, por enquanto, uma nova gestação seria perigosa para você e o bebê.

Ao que sabia, o meu coração não conseguiria suportar a sobrecarga.

— Ele disse também que esse coração poderia não se suportar por muito tempo — Embora parecesse não ter prestado muita atenção ao que o Dr. Vilas Novas dizia, eu recordava boa parte de suas palavras, pelo menos as mais importantes — E que já deveria entrar na fila do transplante. Embora eu esteja viva, agora tenho uma bomba-relógio em meu peito. Foi isso o que me disseram, Pedro.

— Não diga isso, Lídia.

— Você sabe que é a verdade. A vida toda perdi meu tempo com coisas sem importância. Roupas, festas, viagens — Essas últimas bancando uma pessoa que não era, ao lado de Diogo — Vou tentar fazer diferente, de hoje em diante. Diogo errou, não posso julgá-lo, quando cometi o mesmo erro que ele e, além disso, preciso ter certeza se...

— O quê? Certeza sobre o quê? Lídia, você sabe que pode e deve confiar em mim.

— Não importa agora, Pedro — Voltei a fechar os olhos, estava muito cansada agora — Eu só quero que você se cuide. Promete que fará isso?

— Lídia...

— Promete.

— Eu prometo.

— Estou cansada... muito cansada, Pedro.

— Tudo bem, descanse agora, querida. Vai ficar tudo bem — ele murmurou baixinho, alisando meus cabelos com carinho.

Como eu gostaria de voltar a ser aquela garotinha que ele cuidou e protegeu. Agora precisava fazer isso por ele. Fazer isso por todos que amo, mesmo que eu tenha de me sacrificar.

— Vou garantir isso, minha querida.

Os afagos continuaram até que comecei a pegar no sono.

Sonhar era bom. Era o meu único momento de paz em meio a tanta dor.

CAPÍTULO 33

FERNANDO

Assim que entrei no carro, avisei ao motorista que a rota precisaria ser mudada. Ainda não conseguia lembrar de toda a conversa no telefone, recordava claramente que quem me ligou naquele dia, tirando a minha atenção de Suellen e do que ela pudesse estar armando para mim, foi o desgraçado do Diogo.

Ele queria falar sobre Lúdia. Somente isso me faria dar um segundo de atenção ao infeliz. Talvez tenha sido nesse momento que Suellen havia colocado alguma coisa em minha bebida. Devido ao tempo decorrido, era impossível verificar qual tipo de droga ela teria colocado em meu copo, através de um simples exame de sangue, eu tive que optar pela realização de um exame toxicológico.

Infelizmente, sem o copo com suas digitais ou alguma testemunha, ficava quase impossível provar que tinha sido ela a me dopar. A menos que as câmeras no bar tenham gravado isso. Essa era uma questão que meu advogado só conseguiria resolver quando os resultados dos exames que fiz saísse em alguns dias.

Nesse momento, os meus pensamentos precisavam focar em uma pessoa: Diogo Trindade. Para não perturbar Lúdia, precisei sair do hospital remoendo toda a minha raiva e dor, mas agora que sabia que não fui um completo imbecil de propósito e que se Diogo não tivesse ligado, tirando

minha atenção da víbora da Suellen, jamais teria caído em seu truque, pois forçando a minha mente, sei que não havia bebido tanto assim. Não mais do que hoje, por exemplo. Então, se Lúdia não tivesse chegado ao meu apartamento e nos visto juntos, o acidente não teria acontecido e a gente não teria perdido nosso bebê.

Era para estarmos fazendo planos. Contando a Pedro, à família e aos amigos nossa felicidade. Não havia bebê. Lúdia tinha a saúde prejudicada e ainda estava ferida comigo. Diogo e Suellen destruíram o que eu tinha de mais bonito, e não permitiria que isso passasse impune.

A fúria corria em meu sangue como veneno. E foi com os meus dentes trincados que acabei atendendo a ligação insistente de Nick.

— Fernando? Onde você está?

Apoiei a cabeça no encosto do banco e esfreguei o polegar e o indicador em meus olhos.

— Indo resolver um problema. Um que deveria ter dado jeito há muito tempo.

— Suellen ou Diogo?

— A ordem faz diferença? — Antes que ele respondesse, continuei: — Você tinha razão, Nick. Foi Diogo quem me ligou naquele dia, e a maldita da Suellen se aproveitou de alguns minutos de distração para colocar algo em meu copo. Sabe o que isso significa?

— O que eu sei é que você não deve fazer nada de cabeça quente. Porque não vem ao hotel e conversamos?

Já sabia o que Nick tinha a me dizer, como no fundo também sabia que ele estava coberto de razão, como sempre, nesse momento, todo ódio que sentia era maior.

Por causa de Suellen e Diogo, eu tinha matado o meu filho.

Deus! Como que qualquer pessoa conseguiria viver em paz, carregando essa culpa?

Eu sabia que jamais ia conseguir esquecer e apagar essa dor.

— Nos vemos em breve.

— Fernando! — Ele berrou na linha, alguns segundos antes de eu encerrar a ligação.

Por mais que pedisse ao motorista que pegasse atalhos e dirigisse no máximo da velocidade permitida, o trânsito maçante dessa cidade me fez perder importantes minutos. Minha raiva por Diogo era grande o suficiente para durar uma eternidade, e quando finalmente cheguei ao seu prédio, a ira ainda corria quente pelas minhas veias.

O porteiro tentou me impedir de passar sem identificação, quando aproveitei a saída de um morador para entrar no prédio. O olhar furioso que lhe dei, ao seguir para o elevador, incentivando-o a me enfrentar, nem chegou realmente perto do que fervia dentro de mim.

Possivelmente, ele chamaria a polícia, esse era um problema que deixaria o meu advogado resolver depois de acertar as contas com Diogo.

Sabia qual era o apartamento dele, pois verifiquei em um dos relatórios que o detetive enviava à Lídia.

Toquei a campainha com força e pressão, como se meu dedo pudesse atravessar a parede. Afortunadamente, Diogo estava em casa, e seu rosto contrariado, pela visita inesperada, mudou para choque assim que ele me viu.

Não dei um segundo para ele reagir. Com toda vontade e satisfação, meu punho cerrado acertou-o como um martelo em seu olho direito.

— Que porra... — Ele cambaleou para o lado — Você está maluco, Fernando?

— Estou muito mais do que isso, Diogo — Com dois passos largos, invadi seu apartamento, fazendo-o recuar, cambaleando para trás — Há bastante tempo quero acertar as minhas contas com você. E vou fazer isso por Lídia e pelo nosso filho.

Antes que ele dissesse qualquer coisa, como mais mentiras, por exemplo, fechei a minha mão novamente e fui em sua direção.

Sabia que Pedro já dera uma correção em Diogo, seus ferimentos ao chegar no hospital diziam isso, o que sentia agora era bem diferente da sede de justiça de meu amigo. O meu ódio era muito mais intensificado.

Não via o que fazia, apenas agia, desferindo um soco em Diogo após outro, despejando sobre ele toda a raiva, revolta e fúria, por todo mal que nos causou e ainda causava.

— Fernando!

Foi preciso alguns gritos de Nick, para que eu percebesse que sua voz não era algo de minha cabeça.

— Porra, Fernando!

Suas duas mãos seguraram o meu pulso antes que eu avançasse sobre o rosto bastante machucado de Diogo, mais uma vez.

— Pare com isso, caralho!

Nick me puxou e me arrastou para longe do verme se contorcendo diante de mim. O meu desejo de dar o troco ainda estava tão forte como quando cheguei. Eu poderia facilmente atacar Diogo, até a vida se esvaír de seus olhos.

Não era apenas com ele toda a minha revolta. Sentia que estava liberando todas as merdas que tive que lidar em minha vida: os meus pais, as lutas emocionais que enfrentei ao longo da vida, todas as perdas que tive, até. De repente, a face de Diogo não era apenas a de alguém de quem queria

me vingar; tornou-se o saco vermelho de areia que eu lançava, com toda ira, as minhas dores e frustrações.

— Me solta, Nick! — tentei me libertar, ele usou uma técnica de artes marciais para me manter no chão, ao seu lado.

— Não vou te soltar porra nenhuma — ele proferiu, determinado — Pelo menos até o juízo voltar a você.

Nossas respirações estavam descompassadas. Quanto mais lutava para tentar escapar, com mais força e técnica Nick conseguia me manter imóvel.

O'Connor filho da puta!

— Fica calmo, cara. Você já fez o bastante.

Não achava. Nada do que eu fizesse ia ser suficiente para mudar tudo.

— Se não por você, pensa na Lídia, cara — Nick destacou a única coisa que me fez tentar voltar à razão.

Lídia.

— Ela já está passando por muita coisa, Fernando. Se você fizer alguma loucura e for preso por isso, vai destruí-la.

A verdade era que, o que já fiz aqui com Diogo, poderia me dar uma tremenda dor de cabeça, se ele decidir fazer uma queixa contra a agressão. Matá-lo a pancadas, seria ainda pior.

Comecei a parar de lutar contra Nick, e seus braços e pernas começaram a afrouxar.

— Se eu te soltar, você não vai fazer merda, não é?

Não cheguei a responder, ele me soltou. Ainda tinha sede de atacar Diogo, eu me controlei. Meu pensamento estava em Lídia e em como ela ficou quando Pedro foi levado à delegacia, para prestar esclarecimentos sobre a morte de Garcia. Eu não podia causar essa decepção a ela.

— Você tem razão, Nick — Levantei-me e ajudei-o a se erguer — Não é assim que vou conseguir resolver as coisas.

Apesar disso, não me arrependia do que fiz. Precisava dar o troco em Diogo de alguma forma. Ainda não estava satisfeito, mas já era um bom começo.

— Diogo, enquanto a Lúdia insistir nessa insanidade — Fui até ele e o fiz se ajoelhar, agarrando-o pelo colarinho —, não poderei fazer com que você fique longe. Não vou desgrudar os olhos de você um segundo. E farei até o impossível, não descansarei um único segundo, até que suma de uma vez por todas das nossas vidas.

Soltei-o, fazendo com que desabasse como uma fruta estragada caindo do pé. Segui para a saída, Nick veio logo atrás de mim, quando chegamos ao corredor, ele retornou. Pela porta ainda aberta, vi quando ele se aproximou de Diogo, que começava a tentar se erguer, e desferiu um belo soco no estômago dele, que fez o verme urrar alto.

Tinha um olhar completamente chocado quando Nick passou por mim, exibindo um sorriso satisfeito.

— O que foi? — ele indagou com ar e olhar irônicos quando me juntei a ele no elevador — Não te disseram? Idiotice pega. E eu convivo com os caras mais contagiosos do mundo.

Não havia como contestar isso e nem entender como Nick conseguia ser amigo de dois homens tão complicados como Pedro e eu.

— Obrigado por ter vindo, Nick.

Se não fosse ele, eu poderia estar envolvido em um problema muito maior agora. Um que me colocaria por longos anos afastado de Lúdia, e isso seria como a morte.

— O que fará agora?

O ruivo me conhecia bem e sabia que, apesar de mais calmo, isso ainda não acabou.

— Suellen.

— Fernando!

— Só quero dar um aviso a ela, Nick — avisei placidamente — Eu nunca levantaria a mão para uma garota, mesmo uma que mereça, como a Suellen.

— Tudo bem, eu vou com você.

Eu não esperava menos de Nick. Já em relação a Suellen, tivemos uma pequena surpresa quando chegamos ao seu prédio.

— Ela entregou as chaves e saiu com duas malas — avisou o síndico, com quem tentei colher alguma informação — Não deixou qualquer telefone ou endereço para contato.

— E o senhor sabe se ela costumava receber visitas? — Nick indagou — Amigos ou parentes?

— Uma senhora. Acho que era a mãe dela — Ele coçou o queixo, pensativo — Um homem, às vezes, vinha à noite. Sempre de boné e de óculos escuros.

Encarei Nick, sabendo bem onde os seus pensamentos estavam o levando.

— O senhor o reconheceria, se visse uma foto?

— Acho difícil. Não fico cuidando da vida dos moradores, senhor — Na verdade, tudo o que ele disse até agora expressava justamente o contrário — Ele sempre estava de cabeça baixa, via apenas de relance.

Enquanto eu conversava com o homem, Nick vasculhava no celular alguma foto de Diogo, o homem não podia dizer se era o mesmo cara que às vezes procurava Suellen.

— Por que você acha que Suellen e Diogo possam estar juntos? — indaguei assim que voltamos ao carro dele.

— A maluca quer o mestre dela de volta e Diogo deseja a Lídia. Não seria nada espantoso se eles se unissem para separar vocês.

Por mais absurdo que parecesse o que Nick destacava, de alguma forma fazia sentido. Talvez Diogo estivesse jogando para me separar de Lúdia há mais tempo que eu pudesse supor. Eu nunca gostei da forma que ele parecia cercá-la e que muitas vezes surgia em lugares e situações que o favoreciam.

— E agora? — indagou Nick.

— Preciso de um banho, esfriar a cabeça e pensar qual o próximo passo a seguir — E eliminar o restante do álcool em meu sistema, impedindo que eu consiga meditar de cabeça fria — Pode me deixar no meu apartamento?

— Farei mais do que isso — disse ele, ligando carro — Ainda tem um quarto extra?

— Vai passar a noite comigo, Nickzinho?

Não era, definitivamente, o programa que ele gostaria de estar fazendo essa noite.

— Só garantindo que não faça mais nenhuma merda, *Infernando*.

Eu sabia por que Lúdia era completamente maluca pelo ruivo, como gostava de chamá-lo. Ter amigos como Nick era assim, em um momento ele estava com você, ajudando a botar fogo no mundo, e no outro o ajudando a colocar os pés no chão.

Uma amizade como a nossa era algo raro de se encontrar, e sou muito grato por ter tanto Pedro como Nick em minha vida.

CAPÍTULO 34

LÍDIA

Estava finalmente em casa. Depois de dias no hospital, me recuperando e ganhando forças para receber a alta, finalmente estava em um lugar onde me sentia segura e podia ter um pouco mais de liberdade.

A minha recuperação ainda seria lenta. Não pela parte da cirurgia, pois de acordo com os médicos e enfermeiros, a cicatrização estava indo bem. O grande trabalho que teria pela frente era aprender a me adaptar a essa nova realidade. Tomar os remédios, que são muitos, o dia inteiro, e com a ajuda da fisioterapia aprender a falar, andar, comer, lidar com as minhas emoções sem que meu coração entrasse em pane.

Eu passava por uma montanha-russa de sentimentos todos os dias. Havia momentos, quando estava cercada de quem amo e que me amam, incentivando cada pequeno avanço que dou, sentia-me a Lídia guerreira que sempre me senti ser. Já em outros, eu acordava deprimida, não querendo ver ou falar com ninguém. Geralmente, nesses dias, era medicada e passava a maior parte do tempo descansando e dormindo. Tudo para evitar que qualquer emoção intensa demais me levasse de volta ao hospital.

Os momentos realmente mais difíceis eram quando estava sozinha. Lembranças e pensamentos sombrios me deixavam deprimida.

Pensava no que perdi.

No que não iria ter.

E que todo o meu futuro era sem esperança.

Havia momentos em que a dor na alma era tão profunda que pedia a Deus, silenciosamente, a morte. Apenas dormir e não acordar no dia seguinte. Então pensava no *nonno*, no Pedro, Zia Nina, Tio Oberto, Nick e Fernando.

Era complicado a gente precisar ser forte pelos outros, quando nós mesmos nos sentíamos quebrados por dentro. Era, de certa forma, uma carga dolorosa e difícil de carregar. Então, fazia o que sempre fiz: fingia que estava tudo bem.

Às vezes, ficava. Como quando via o sorriso do meu avô ou era entretida pelo ruivo. Ele me fazia rir o tempo todo, o que nem sempre deixava tranquilo meu irmão e Fernando. Esse último, por sinal, eu não conseguia entender.

Achava que, depois de ter saído furioso do meu quarto do hospital, voltaria no outro dia me enfrentando e exigindo respostas. Até ensaiei dezenas de discursos, um para cada questionamento que ele pudesse me fazer. E apesar de ter mesmo aparecido no hospital, no dia seguinte, não me exigiu nenhuma explicação. Pelo contrário, Fernando mantinha uma distância respeitosa, quando presente, ficava de olho e atento em cada mínima necessidade que eu podia ter.

Indo todos os dias ao hospital, mesmo que ficasse em silêncio. E vinha todos os dias à minha casa. Algumas vezes, ele trazia os seus equipamentos de trabalho e passava ainda mais tempo aqui, comigo.

Eu fingia que toda essa situação era normal e que não ligava a mínima se ele estava presente ou não, só que isso não era verdade. Havia dias que simplesmente vê-lo surgir pela porta me deixava calma, tranquila, com a sensação de que tudo estava em seu devido lugar. Outros dias, vê-lo tão perto, não poder abraçá-lo, beijá-lo e me entregar a ele da forma que sempre fiz era uma verdadeira tortura, e pedia que ele fosse embora.

E ele ia; pegava suas coisas silenciosamente, beijava carinhosamente a minha testa e partia, me deixando com o coração partido e um rio de lágrimas lavando o meu rosto.

Era como ter um dos pés no céu e o outro no inferno.

— O que achou dele?

Desviei a minha atenção do homem a quem pertenciam os meus últimos pensamentos e olhei para o meu irmão com cara de impaciente.

— Quem?

— O fisioterapeuta, Lídia. O que achou dele?

Virei em direção ao outro lado do quarto, notando apenas agora que o homem em questão já havia partido.

Quando se tratava do meu estado de saúde, não dava a devida atenção que Pedro gostaria. Isso porque, para mim, as respostas irão ser sempre iguais. Eu viraria um vegetal ou morreria.

— Bem... — mordi meu lábio e olhei para Fernando, que estava concentrado, fazendo algum tipo de anotação em uma planta que ele estava trabalhando — Ele é um gato, não acha?

Bingo! Assim como esperava, os olhos azuis profundos focaram-se em mim. Era mais forte do que ele, evitar o ciúme. Não que eu estivesse feliz com isso. Certo, talvez eu esteja um pouquinho, essa situação não podia continuar.

Estávamos torturando um ao outro.

— Eu quero saber se está confortável em começar o tratamento com ele a partir de amanhã — resmungou Pedro — Você pode levar isso a sério, Lídia?

Nessa última semana, tanto Pedro como Fernando estavam grudados em mim quase vinte quatro horas por dia. O que, além de ser irritante, impedia que eu seguisse com os meus planos.

— Por que você não está indo trabalhar, Pedro?

Ele foi pego de surpresa, no entanto, se recompôs rapidamente. Trocou algum tipo de olhar com Fernando que eu não gostei.

— Sabe que quero dar atenção a você, ainda mais nesse início de recuperação.

Não era toda a verdade, e eu que aprendi a esconder coisas muito bem, sabia que ele fazia isso nesse momento.

O que o meu irmão estava aprontando?

Era alguma coisa em relação ao Diogo. Desde o hospital, só vinha recebendo ligações dele e mensagens carinhosas de Pedro. O meu *noivo* atencioso me disse que estava em uma importante viagem de trabalho, para cobrir obrigações de meu irmão.

Sabia que era mentira, que tanto Pedro quanto Fernando tinham algo a ver com isso, suspeitava até de Nick. Por um lado, isso era bom. Lidar com Diogo agora, fingir amizade e carinho com ele, gastaria muito das minhas energias. Por outro lado, era quase impossível conseguir me comunicar com o detetive, com os dois ou outras pessoas da família, a mando deles, no meu pé.

A ausência do Pedro na S.A, por tanto tempo, mesmo com Fernando aqui, não fazia sentido.

— E você?! — Direcionei meu olhar acusador a Fernando, e mesmo com os óculos de leitura, consegui enxergar a intensidade que os dele carregavam — Se vai ficar usando o meu quarto e a minha mesa como escritório, deveria ao menos pagar o aluguel.

— Lídia! — Pedro me repreendeu.

Aos olhos do meu irmão, estava sendo imatura e injusta com o Fernando, que tem sido comigo nada menos que um irmão, atencioso e gentil,

o que em parte era verdade, seus sentimentos, como os meus em relação a ele, não eram nada fraternais.

— Eu ficar aqui te incomoda? — indagou Fernando, abrindo um sorriso que me fez estremecer.

Pela primeira vez em dias, vi surgir no cantinho de seus lábios um sorriso.

Como era lindo. Nunca vou me cansar de dizer isso.

— Bastante — respondi, estreitando os olhos — Você não tem mais nada de interessante a fazer?

Sua presença me incomodava, não da forma que fazia parecer.

— Há muitas coisas interessantes que gostaria de estar fazendo, Lídia — ele tirou os óculos devagar, colocando-os sobre a mesa, e seu rosto, lindo e marcante, evocou em mim as emoções de sempre — Gostaria que eu enumerasse algumas?

Tínhamos essa fagulha inflamando entre nós, esperando para se tornar um fogaréu.

Os olhos dele ardiam, me queimavam e faziam o meu sangue correr mais rápido e quente em minhas veias.

— Hum... eu... — gaguejei, fugindo do seu olhar marcante.

Quem brinca com fogo sabe do risco de se queimar. E se tratando de Fernando, ele era o próprio fogo do inferno.

— Isso é uma reunião de família?

Nick surgiu, salvando-me da situação tensa que eu mesmo me coloquei.

Como sempre acontecia, com seu jeito descontraído o ruivo conseguiu roubar toda a atenção onde estivesse. Eu foquei a minha nele, em suas tiradas engraçadas.

Pedro, que constantemente ficava de olho no celular, saiu sem avisar. O meu irmão andava muito estranho. Fernando, por outro lado, permaneceu no mesmo lugar, voltando ao trabalho.

Isso não era bom. Eu precisava que ele se afastasse. Que esquecesse que, um dia, nós dois já fomos nós. Que seguisse sem mim.



Os dias passaram e para mim, cada minuto parecia se arrastar com uma lentidão irritante. Já podia sair da minha cama, andar pelo quarto. Ficar alguns minutos sentada na poltrona em frente à janela.

Os meus avós do lado paterno estavam aqui. Minha avó Olga é a que mais ficava comigo, fazendo companhia e me paparicando. Não sabia se era a presença deles que fez Fernando reduzir o tempo que passava aqui, ou se assim como eu, estarmos tão perto e ao mesmo tempo tão distante estava acabando com ele.

— Está um dia bonito, você não acha, Lídia? — vovó me perguntou assim que saí do banheiro.

Fernando estava aqui. O choque de vê-lo me fez estacar no lugar e meu coração disparar como louco. Inspirei, inalei fundo e expirei. Repeti o processo em minha mente como se fosse Luan, o fisioterapeuta, me orientando.

Ele me olhou de cima a baixo. Da blusa folgada amarrada à minha cintura, à calça justa de ginástica que se moldava a mim como uma segunda pele. Era difícil manter a concentração e, principalmente, a respiração, quando Fernando me encarava com olhos que pareciam querer me devorar.

Eu conhecia essa paixão e todos os dias sofria sentindo falta dela.

— Um ótimo dia para você pegar um pouco de sol, querida — a vovó continuou a dizer, enquanto verificava a minha caixa de remédios — Fernando? Se importaria em levá-la para baixo?

Meus olhos expressaram o pânico que o pedido de minha avó a Fernando me causava. Já era difícil demais conseguir resistir a ele estando no mesmo ambiente, se tivesse os seus braços ao meu redor, sentir o seu cheiro tão de perto...

— Não precisa! — recusei a oferta rapidamente, quase sem fôlego, não pela fragilidade do meu coração, pulsando em batidas fortes, por Fernando, que me desestabilizava sempre — Posso ir andando, vovó Olga.

Nós somos, o que podia dizer, complicados. Sei que, para ele, isso era tão difícil como era para mim. Eu só precisaria dizer duas palavras. Curtas e importantes palavras, e Fernando mandaria ao inferno todo esse distanciamento que continuava a nos impor.

— Claro que não, querida. A escada será difícil para você. Além disso, esse jovem aqui — disse minha avó com um sorriso todo encantado para Fernando, enquanto tocava um dos braços dele — Tem braços fortes. E ele não vai se importar.

Fernando apenas assentiu com um movimento de cabeça, sem desviar um único segundo de mim os seus olhos de pantera. A cada passo suave que dava em minha direção, o meu corpo emitia uma reação diferente.

— O fisioterapeuta deve surgir a qualquer momento, para mais uma sessão — avisei, em uma última tentativa de escapar dessa situação complicada na qual me via jogada.

— Foda-se o fisioterapeuta! — Fernando sussurrou bem próximo ao meu ouvido quando ficamos frente a frente — Ninguém vai me impedir de fazer isso.

Engoli em seco quando sua mão deslizou pelo meu rosto e envolveu o meu pescoço.

Minha vó balbuciou alguma coisa sobre organizar o caminho, toda a minha atenção estava nos olhos penetrantes de Fernando, grudados em mim, e na sua outra mão correndo pela lateral do meu corpo até chegar à minha cintura.

Se pudesse definir tudo o que estava sentido enquanto ele me tocava, em uma única palavra, seria saudade. Na verdade, duas. Saudade e desejo.

E elas me invadiram de forma tão intensa, que a físgada que senti no peito levou as minhas pernas a fraquejarem, e Fernando me pegou em seu colo, exibindo uma expressão de terror.

— Lídia? — O chamado continha a mesma angústia que eu sentia — Você está bem, querida?

Fiz um dos exercícios de respiração que Luan ensinou, e gradativamente a pressão que sentia no peito começou a diminuir.

— Estou — respondi, apoiando a minha mão trêmula em seu ombro largo — Eu vou ficar bem.

— Deseja que eu a coloque na cama?

Olhei para o móvel ao qual ele se referia, e rapidamente dezenas de lembranças de nós juntos nele surgiram em minha cabeça.

— Não — disse rapidamente — Acho que quero pegar um pouco de sol.

Ele assentiu, e estudou o meu rosto por alguns segundos. Um sorriso cheio de carinho ganhou vida em seus lábios, e não fui capaz de resistir; retribuí.

Senti os seus braços me prendendo mais forte e de forma possessiva, enquanto me carregava para fora do quarto. Sentia-me fraca, de uma maneira

muito boa. Apoiei a minha cabeça em seu ombro, decidida a aproveitar cada segundo desse momento precioso que estávamos tendo.

Suspirei, inalando fundo. Seu perfume gostoso me deixou ainda mais embriagada por ele. Nunca me senti tão em casa como me sinto quando estou com Fernando.

— Por que ainda está aqui? — fiz a pergunta porque precisava de algo para manter-me na realidade.

Depois de confirmar e seguir o noivado com Diogo, era de se esperar que Fernando estivesse me odiando agora. Ele parecia diferente, e me perguntava o quanto meu acidente tinha a ver com isso.

Ele estacou quando chegamos ao último degrau da escada e dedicou a mim toda a sua atenção.

— Estou aqui porque não importa o quanto você minta. Eu sei a verdade, Lídia.

O meu coração deu uma batida forte.

— Sabe? — indaguei, trêmula.

— Sei que esconde alguma coisa. Algo que está deixando-a assustada. Minha esperança enfraqueceu. Se ele soubesse quão perto está...

Fernando usou a parede para ajudar a apoiar o meu corpo e segurou o meu rosto com possessividade. Em seguida, os lábios escorregaram pelos meus, fazendo cada pedacinho de mim vibrar.

Não era um beijo de carinho, um carregado de paixão, como costumávamos ter. Como se fôssemos o Fernando e a Lídia de antes. Por alguns segundos antes que ele se afastasse, apreensivo, me sentia assim. Aquela garota cheia de vida.

Senti sua respiração se misturar com a minha, e sua mão trôpega fez uma combinação de carícias entre meus cabelos e o meu rosto. O cheiro dele me inebriava e me deixava atordoadada.

— Queria que confiasse em mim — Ele lambeu os meus lábios, e precisei me segurar em seus braços e me manter firme — Eu entendo. Errei demais com você.

Nós dois erramos. Nos magoamos e seguimos apaixonados como nunca.

— A Suellen.... — ele começou a dizer, e apenas ouvir o nome dessa garota me causou aflição — Ela batizou a minha bebida.

— O quê?

— Não que isso vá mudar o que você viu, o que sentiu e tudo o que aconteceu — ele fechou os olhos, visivelmente perturbado.

Ao que notei, também reforçado por meu olhar acusatório no hospital, ele ainda acreditava que o que eu vi naquele dia tinha desencadeado todo resto. Não era culpa de Fernando o meu acidente, e nunca poderia atribuir isso a ele. Fui eu que saí desnorteada e peguei o carro, quando não tinha condições emocionais para fazer isso.

— Eu não estava com ela por ser um cretino.

E mesmo que tivesse sido assim, a única culpada teria sido eu. Minha fixação em desmascarar Diogo quase tinha enlouquecido Fernando de ciúmes.

— Eu nunca quis ferir você.

Seus dedos acariciaram suavemente o meu rosto.

— Então não importa o tempo que precise para me perdoar — ele sussurrou, colando a testa na minha — Vou esperar por você. Eu vou esperar a eternidade inteira, se for preciso. E vou te ter de volta.

Fernando não podia me dizer essas coisas. Não podia me fazer acreditar em um mundo que já não podíamos ter.

Nós não temos a eternidade. Eu nem mesmo sabia se teria dias ou meses. E mesmo que tivesse, nada podia voltar a ser como antes. E eu sabia

que ele precisava de mais. Tudo que eu não podia mais oferecer. Como sua submissa e como mulher.

— A garota que você quer não existe mais.

— Pelo contrário, meu amor — ele afastou com os dedos alguns fios caindo em meu rosto, e o carinho tão delicado me fez derreter — A garota por quem me apaixonei está aqui, mais presente que nunca.

Os lábios suavemente tocaram os meus, tão suaves como as asas de uma borboleta.

Quando tornei a abrir os meus olhos, para minha consternação, observei-o se afastar.

Vou esperar por você. Eu vou esperar a eternidade inteira, se for preciso.

Não queria sonhar com o impossível, não consegui evitar que um sorriso bobo surgisse em meus lábios. Nem que as lágrimas marcassem o meu rosto mais uma vez.

FERNANDO

Pela primeira vez em muito tempo, eu me senti calmo. E essa tranquilidade vinha da certeza de uma única coisa: não importava o que eu precisasse fazer, terei a minha garota de volta.

Toda emoção precisava ser colocada de lado, porque se queria ter sucesso nessa missão, precisava ser completamente racional. Não havia mais espaço para ciúme cego ou temor que crápulas como Diogo roubasse Lúcia de mim. Se eu tivesse tido um pouco mais de controle, teria enxergado

que essa possibilidade sempre foi absurda. Por mais que ela negasse, tive mais convicção essa manhã, quando nos beijamos, que ela me amava.

Então, mesmo que essa farsa de noivado entre Lúdia e Diogo, supostamente siga adiante, eu a arrancaria da igreja se fosse preciso. Não iria perdê-la, e isso era mais do que uma promessa.

Enquanto não tivesse Lúdia de volta, não como precisava e sabia que ela desejava também, precisava arrancar todos que impediam nossa felicidade de uma vez por todas.

Começando por Suellen, que continuava escondida em algum lugar.

— E aí? Algum sinal dela? — Nick surgiu ao meu lado, trazendo as nossas bebidas.

O único motivo de estar nessa boate era porque ele estava interessado em comprar o local, e eu havia enviado outra mensagem ao telefone de Suellen, pedindo que se encontrasse comigo.

— Ainda nada. E o Pedro?

Nick e eu estávamos um tanto preocupados com o nosso amigo. Ele estava motivado pelo desejo de vingança contra Diogo e a amante dele, ao ponto de ter levado a garota para trabalhar na Santini como sua assistente. É claro que não me importava nem um pouco com o que Pedro pudesse fazer ao Diogo – desde que não envolva assassinato – ele estava se enfiando em um jogo perigoso que poderia fazer ainda mais pessoas, além de Lúdia, saírem machucadas.

— Não parecia muito a fim de vir, mas está chegando — respondeu Nick, e em seguida apontou em direção à entrada com seu copo — Acabou de chegar. Acho que somos os três mosqueteiros de novo.

Olho sem muita empolgação para Nick, e ele sabia que estava muito enganado. Desde Lúdia, bem antes de a tornar minha submissa, que não éramos mais o trio imbatível.

— Ei! Pedro? — Nick falou em um tom mais alto que a música e passou a mão em frente ao rosto dele para chamar sua atenção — Você está aqui?

Ao que parecia, eu não era o único com os pensamentos longe, desejando estar em outro lugar, com outra pessoa, para ser mais específico.

— Este lugar é uma bosta — ele resmungou, pegando o coquetel que Nick oferecia.

— O quê? — O'Connor olhou em volta, e sua expressão demonstrou o quanto o comentário de Pedro o deixou ofendido.

— Ele tem razão — Eu, que desde que chegamos só tinha ficado calado e bebendo, apoiei sua crítica — Isso é uma grande merda.

O lugar não era ruim, devia ser honesto. Pedro e eu que não estávamos na mesma sintonia de Nick. Eu estava frustrado por Suellen não ter caído na armadilha que fiz para ela, e Pedro... bom, sei lá o que passava pela cabeça dele. Nas últimas semanas, ele andava mais distante e misterioso. Não agi muito diferente também. A única pessoa normal entre nós três era Nick.

— Vocês são dois grandes babacas — ele resmungou — Pois saibam que acabei de comprar o lugar.

Quando o assunto era diversão e... diversão, O'Connor levava as coisas a sério. E nós o ofendemos, malhando seu brinquedinho novo.

— O ramo de sua família não é hotelaria? — indaguei a ele.

— Investimos no que dá dinheiro — ele respondeu, girando o dedo para indicar o ambiente.

Com minha família liderando o setor imobiliário por tantos anos, sabia bem quando um imóvel valia a pena ou não, e podia dizer que sim, Nick fez um bom negócio. Com uma reforma, uma boa estratégia de

marketing e a fusão com o hotel, havia grandes chances do lugar se tornar um sucesso.

— Ou no que te dá prazer — atentou Pedro com um sorriso provocativo — O seu pai sabe disso?

Um dos passatempos preferidos de Nick era investir em negócios que o pai dele desaprovava. A sorte era que ele tinha dedos de Midas, e tudo que tocava acabava gerando lucros que deixavam o velho O'Connor um pouco mais relaxado e até mesmo orgulhoso.

Uma coisa eu precisava destacar com respeito: a vida maluca e de playboy aventureiro de Nick era bancada por ele mesmo.

— Essa é uma excelente casa noturna e, em alguns meses, será a melhor que essa cidade já viu — retrucou ele em um tom arrogante e seguro — Do país, na verdade.

Seguimos com as provocações e respostas ácidas. Nick destacou a fase ruim que tive após a morte de minha mãe e o acidente envolvendo uma mascarada misteriosa.

Ainda era complicado para mim não ser completamente honesto com o Pedro e me sentia um grande cretino mentindo, nesse momento, ele ainda não estava pronto para saber a verdade. O pior de tudo isso era carregar Nick comigo em toda essa teia de segredos e enganações.

— Tô caindo nessa — respondi ao apelo de Nick para aproveitarmos o momento, por mim, a noite estava encerrada antes mesmo de começar — A gente se fala depois.

Pelo visto, Suellen não iria mesmo dar as caras por aqui, então não havia motivos para eu ficar. Era melhor cair fora antes que, de alguma forma, isso pudesse ser usado contra mim no futuro.

Enquanto Pedro e Nick decidiam seguir com a farra, eu retornei ao meu apartamento, sozinho, com os pensamentos nela.

Em Lília.

Antes de seguir para o meu quarto, parei no que foi decorado e planejado para jogos adultos.

Não consegui ter uma única lembrança que não fosse com a minha menina. Nos divertimos muito nesse quarto. Lília mostrou a mulher que existia nela que nunca imaginei poder existir. Ela se entregou e mergulhou em todas as aventuras comigo, de coração e mente aberta.

Eu sempre achei que isso aqui, esse estilo de vida, era tudo o que eu precisava. Que me definia. Ainda era uma parte marcante em mim, hoje, depois do acidente de Lília e de quase perdê-la, sabia que o que tinha de mais importante e que me deixava vazio quando estava longe, era ela.

Lília Alencar Santini.

A garota que me resgatou do inferno e me apresentou o céu.

CAPÍTULO 35

FERNANDO

Não havia nenhum sinal de Suellen. Era como se ela tivesse evaporado da terra. E o meu empenho em encontrar a garota maluca não era apenas para saber se ela tinha algum envolvimento com Diogo para me separar de Lúdia. Não saber em que buraco Suellen tinha se escondido e as novas artimanhas passando por sua mente perturbada, a tornava alguém altamente perigoso.

Até contratei os serviços do escritório de Vilela, o mesmo que indiquei à Lúdia e agora Pedro, infelizmente, não tinha nada de concreto a me relatar.

Isso me deixava profundamente angustiado e preocupado de que Suellen tentasse alguma coisa contra Lúdia, principalmente agora, que seu estado de saúde era muito delicado e exigia cuidados. Então só me restava uma coisa a fazer, abrir o jogo com Pedro. Mesmo que fosse um risco alto demais e que, levado pela raiva e desapontamento, ele exigisse que me afastasse dele e de todos de sua família.

Liguei para Pedro e pedi que me encontrasse em um restaurante que costumamos ir. Tinha esperança de que, em um lugar público, o meu amigo de sangue quente soubesse ao menos se controlar. Se bem que já podia sentir meu maxilar doer por causa do belo soco que, provavelmente, ele acertaria em minha cara.

Cheguei ao restaurante e avisei sobre a minha reserva. Fui direcionado rapidamente para a minha mesa, onde esperaria a chegada de Pedro. Cada

minuto que passava ficava mais nervoso e apreensivo.

A minha mente foi invadida com dezenas de lembranças, das mais felizes ao lado de Lúdia e a família Santini, às mais tensas e perturbadoras. Estava tentando mantê-las afastadas da minha cabeça, quando finalmente avistei Pedro chegar.

Ele não veio sozinho. A amante de Diogo estava com ele, e isso me deixou bastante incomodado.

Como ia falar com Pedro a respeito de sua irmã e tudo o que mantivemos escondido bem debaixo dos seus olhos, com essa garota ligada a Diogo ao redor?

Trinquei os dentes, tentando controlar minha raiva, e para minha surpresa, vi Pedro trocar algumas palavras com a jovem, ele parecia tão irritado como estou, enquanto ela o encarava visivelmente abalada com tudo o que ele podia estar dizendo.

— O que ela faz aqui? — inquiri assim que o vi ocupar sua cadeira.

Não sabia definir exatamente qual tipo de sentimento a nova assistente despertava em mim. Não queria bancar o injusto sem saber exatamente cada detalhe de seu envolvimento com Diogo, por outro lado, minha razão dizia que qualquer pessoa ligada àquele crápula, boa coisa não podia ser.

— Você sabe o que ela faz aqui — respondeu Pedro.

Ele estava completamente obcecado em fazer Clara pagar pelos pecados do Diogo, porque acreditava que o maior responsável pelo acidente da irmã era ele. Em partes sim, não da forma que Pedro imaginava.

— Não gosto dessa garota — retruquei dando voz ao que sentia no momento.

— Então, somos dois — resmungou ele, pegando a carta de vinhos — Acho que o único a cair nos encantos de Clara é o Nick.

Apesar do que afirmava, estudando Pedro atentamente, notei que não era exatamente da forma que ele falava. Acho que a garota estava mexendo com ele mais do que realmente queria admitir. Ela era muito bonita e tinha aquele ar de menina inocente que, para um predador como o meu amigo, se tornava um prato atraente e difícil de ignorar.

Clara era realmente essa jovem ingênua que aparentava, ou usava essa fragilidade que exalava para chegar aonde queria?

— Isso porque o Nick só pensa com a cabeça que tem entre as pernas. Por que você não usa isso ao seu favor para se vingar da garota? Nick a seduz, e quando se cansar, que é o que sempre acontece, ele a descarta.

Senti o peso das palavras assim que as pronunciei. Assim como Pedro, desejava que Diogo pagasse por todo mal que causou ao interferir em minha relação com Lídia. Que Suellen tenha o merecido por ter me drogado e, devido a isso, Lídia tenha sofrido o acidente, perdendo nosso bebê. Agir tão vilmente, como Diogo e Suellen, podia satisfazer o desejo de vingança, também nos igualaria a eles.

— Clara é um problema meu!

Hum... Parecia que imaginar Clara com Nick realmente incomodava Pedro. O que era muito estranho. Já compartilhamos garotas antes. Tudo bem que havia todo um cenário montado, isso nunca foi problema para ele.

— Não só seu — sussurrei, e desviei a atenção para fazer o pedido ao garçom que se aproximava da mesa.

Enquanto isso, o meu amigo não disfarçava sua atenção da jovem do outro lado do salão.

Tínhamos um grande problema aqui.

— Como está Lília? — fiz a pergunta que acreditava poder trazer de volta sua atenção à mesa.

Desde a morte dos pais, Lília sempre foi o mais importante para Pedro, mais importante do que qualquer coisa na vida.

— Não precisaria perguntar se tivesse ido visitá-la.

Sua resposta ácida me pegou de surpresa, bem como também mexeu comigo. Desde que os avós paternos de Lília chegaram ao Brasil, e que vovó Olga tem ficado praticamente cada minuto do seu lado, cuidando de sua recuperação, que vinha evitando o máximo que consegui a casa Santini.

Era difícil tê-la tão próximo a mim e não poder confortá-la em meus braços. E agora precisava de calma, pensar com frieza e tomar decisões melhores do que no passado. Estava em jogo o meu futuro com Lília, e não o via mais sem ela ao meu lado.

— Se eu não tivesse mostrado as fotos para Lília — baixei o olhar para o meu prato vazio —, ela não teria saído daquele jeito e...

A culpa era a pior parte de todo esse processo. Não conseguia me perdoar e me torturava a cada minuto, me perguntando como Lília iria conseguir.

Por minha causa, nosso bebê agora era só uma bela e amarga lembrança. Consegui ser ainda pior que o meu pai, esse ainda me dera o direito à vida.

— Fernando, você sabe quem são os verdadeiros culpados pelo que aconteceu a Lília e ao bebê.

Conte a ele! Era o que a razão dizia.

O coração covarde pedia exatamente outra coisa.

Eu não conseguia perder mais nada. A minha vida inteira foi feita de perdas.

— Isso não muda que eu... — As palavras estavam presas em minha garganta, arranhando como se tivesse areia. Frustrado, passei, exasperadamente, a mão na cabeça — Lídia tem perguntado por mim?

— Para ser sincero, não. Fernando, o que realmente acontece ou o que aconteceu entre vocês? Que nunca se deram bem, era de conhecimento público, sempre achei que fosse uma birra sem importância entre irmãos; como se vocês gostassem de levar as coisas assim, entre o quente e o frio. Dois irmãos se provocando, certo?

A gente estava por um fio. Por mais que Pedro, algumas vezes, quisesse apenas enxergar o que ele queria, o meu amigo não era burro. Nós demos muito sinais a ele de que tínhamos algo, e acho que, inconscientemente, ele vivia em estado de negação. Para ele, era o mais completo absurdo sua irmãzinha e eu termos nos apaixonado.

Talvez se eu fosse um cara normal, com uma vida normal, ele lidasse melhor. Pedro tinha o mesmo estilo de vida que eu, e de forma alguma queria ver Lídia mergulhada nele.

— Eu me lembro do dia em que ela chegou — mexi com a ponta do guardanapo enquanto doces lembranças daquele dia me vinham à cabeça — A gente estava na piscina, colocando barquinhos de papel na água. Sua mãe chegou do hospital com seu pai e foi nos mostrar o bebê, na piscina. Ela era linda.

O meu coração ainda se aquecia quando recordava o primeiro sorriso que surgiu no rostinho redondo. Era como se, de alguma forma, estivéssemos fazendo uma profunda ligação. Como se nos reconhecêssemos no outro.

— A gente jurou à minha mãe que cuidaríamos dela — murmurou Pedro, e pela expressão aflita em seu rosto, acho que provavelmente estava sentindo as mesmas emoções que eu, provocadas pela lembrança de um tempo raro e bom — Por toda a vida.

— Não fiz isso — A frustração dessa constatação causou um gosto amargo em minha boca — A sua irmãzinha. Eu...

Era claro que nenhum de nós, naquela época, tinha noção da promessa que estávamos fazendo. Com o tempo, e depois que os pais de Pedro e Lídia foram mortos, isso ganhou um peso gigantesco para nós.

— Achei que conseguiria, eu não posso. Não aqui e não dessa forma — confessei, jogando o guardanapo na mesa — Já perdi pessoas demais, Pedro. Se eu perder a sua amizade e respeito...

Os Santini e Nick eram toda a família que tinha. O que me impediu e impede de enlouquecer. Eu tinha de dar um jeito de consertar toda essa merda. Encontrar Suellen e dar um fim a Diogo sem colocar tudo o que mais amo em risco.

E prometia, pelo meu filho, conseguir tudo de volta, inclusive a mãe dele.

— Fernando?

— Eu... — murmurei antes de sair — Sinto muito.

Sabia que Pedro estava muito puto, afinal, a ideia de almoço para conversar partiu de mim, ainda não era o momento.



Três dias. Eu aguentei a porra de um fim de semana inteiro e metade do dia seguinte até finalmente não suportar mais um minuto para ir à casa de

Pedro, visitar a sua irmã. Claro que não deixei de enviar mensagens, que não foram respondidas, e realizar ligações que, na maior parte do tempo, ela tentava evitar.

Lídia estava fugindo. Ela tinha medo do quanto ainda podíamos nos machucar. Em todos esses anos fazendo burradas, justamente temendo esse final, aprendi que no amor, quanto mais nos escondemos e queremos evitar isso, mais sofrimento conseguimos provocar. Era justamente nos entregar sem reservas e sem medos a esse grandioso sentimento que nos tornava mais forte, seguros e capazes de tomarmos decisões melhores.

Eu não ia deixar que por medo, ela escapasse e buscasse o lado mais fácil da vida, por acreditar que não merecia o melhor. Que não merecesse estar comigo e que pensasse deixar de ser a mulher que eu precisava. Porque eu precisava de Lídia mais do que qualquer coisa, e tinha de encontrar uma forma de que ela entendesse isso.

— Senhor Fernando? — O chamado da governanta me fez parar no início da escada — Está procurando a senhorita Lídia?

Nesse momento, Pedro estava na S.A, dando andamento no seu plano de torturar a assistente. Gostava dos avós dele, não havia muito o que pudesse falar com os velhinhos italianos.

— Sim, senhora Silva. A Lídia está acordada?

Já era de tarde e devido à recente cirurgia da qual ela se recuperava e os medicamentos que passou a tomar, às vezes ela ficava bastante cansada no final do dia.

— Sim. Luan, o fisioterapeuta, está aqui. Decidiram fazer os exercícios lá fora.

— Obrigado. Então vou até lá.

Eu não gostava muito desse fisioterapeuta. Não que o cara fosse alguém desagradável, não era isso. A questão era que, fisicamente, ele era

bem apessoado. O tipo cheio de músculos que faziam garotas ficarem suspirando. E, além disso, ele passava muito tempo com a Lídia.

Certo. Sabia que era o meu lado ciumento falando. As poucas vezes que o vi fazendo as sessões com ela, pude notar, pelo menos em minha presença e na de Pedro, que o cara agia de forma completamente profissional. Ainda assim, tinha ciúmes. Do tempo que ele passava com ela. Do fato de que podia tocá-la e receber toda a sua atenção.

O que era ridículo, precisava reconhecer. O homem estava fazendo nada menos que ajudar Lídia a enfrentar e se adaptar ao seu novo estilo de vida, e quanto mais rápido ela se recuperar e ficar mais forte, mais rápido teria a minha menina de antes de volta. E quando digo a Lídia de antes, não estou me referindo a sexo e sim à jovem cheia de alegria e luz.

Cheguei ao jardim e vi apenas a avó de Lídia mexendo em alguns adubos. Não havia nenhum sinal de sua neta ou do fisioterapeuta.

— Senhora Santini?

— Ow! — A senhorinha levou a mão ao peito, demonstrando que minha chegada inesperada a pegou de surpresa — Desculpe assustar a senhora.

— Tudo bem. Eu estava distraída. Queria plantar algumas dessas mudas e ver se crescem aqui. Fazem lembrar meu jardim na Itália — ela me mostrou as flores com um sorriso gentil — Foi o Pedro quem me deu, e com um cartão tão lindo.

Se essas forem as mesmas flores que eu estou pensando, sabia bem como elas foram conseguidas. Além de raras, o tipo era bem difícil de se encontrar no Brasil, e a assistente do Pedro tivera muito trabalho em conseguir encontrar para ele. Claro que tudo não passou de uma tentativa de Pedro infernizar a jovem, o que ele não contava foi que ela fosse conseguir completar a missão.

Clara Gusmão se tornava um mistério para mim a cada dia.

— A senhora viu a Lídia? A governanta disse que estaria aqui.

— Sim. Estava fazendo fisioterapia com aquele jovem bonito — Mordi a língua quando escutei a última parte sobre os atributos físicos de Luan, obriguei-me a manter a calma — Alegou estar calor demais e foram para a academia.

— Vou até lá, então — retribuí seu sorriso e a deixei em paz com sua jardinagem.

Passei rapidamente pela piscina e fui em direção à academia. As paredes eram feitas de vidro, de forma que não dava para ver quem estava dentro, quem estava em seu interior conseguia ver quem se aproximava. Já estive muitas vezes aqui com Pedro, principalmente quando adolescentes que queriam criar um corpo que atraísse as garotas.

A porta de vidro fumê estava apenas encostada. Empurrei-a com facilidade, vi alguns equipamentos surgirem no meu campo de visão e meus olhos vaguearam rapidamente pelo ambiente, procurando Lídia.

O que vi me deixou inicialmente em choque, depois muito puto da vida.

— Que porra é essa?!

Dois pares de olhos me encararam, assustados. Na verdade, um par de olhos que pertencia a Luan. A garota que fazia de tudo para me enlouquecer, a cada minuto do meu dia, e devia dizer com muito sucesso, exibiu um sorriso provocativo.

LÍDIA

Cada dia que passava eu ia ficando mais forte, quer dizer, pelo menos em relação à cirurgia. Alguma coisa em minha vida tinha de ir bem, não era verdade? Pelo menos essa costura em meu peito, diferente das outras cicatrizes que carregava, estava se curando.

Apesar de não ter sido muito receptiva em relação ao tratamento, no início, tenho de concordar que os exercícios que o meu fisioterapeuta tem me incentivado a praticar e as técnicas que ensinava a fazer vinham dando alguns resultados.

Respirava melhor. Reagia às emoções um pouco melhor, sem achar que meu coração ia explodir, e lidava com a dor que qualquer ação ou sentimento inesperado poderia causar.

O motivo maior, de finalmente ter parado de bancar a garota chorona, era que enquanto não provasse que podia ter o máximo possível da vida “*normal*” de antes, todo mundo ia continuar no meu pé, me tratando como se fosse um bebezinho recém-nascido.

E nesse momento, precisava de mais espaço. Não sabia por quanto tempo Pedro ia conseguir manter Diogo afastado e nem por quanto tempo ia conseguir suportar a presença dele ao meu lado, para finalmente conseguir as respostas que eu precisava.

Queria falar com o detive Vilela e ver se teve algum avanço. O último relatório que me enviou, isso antes do meu acidente, falava muito pouco do homem que o visitava, sempre disfarçado de entregador, e nenhuma nova e relevante informação sobre o que Diogo queria ou estava armando nas visitas que fazia à Suellen.

Sim, eu sabia que a aproximação dos dois poderia ser para uni-los com o intuito de me separar de Fernando, afinal, Suellen era completamente obcecada por ele e Diogo queria tirar o rival da minha vida, para cada dia

mais ocupar o seu lugar. Eu só nunca imaginei que em uma dessas armações, a minha reação causasse toda a tragédia que vivia agora.

Eu precisava encontrar uma forma de abrir o cofre que Diogo tinha no apartamento dele. Tinha certeza de que lá encontrarei todas as respostas que precisava, as provas que Diogo era um criminoso sem escrúpulos.

Mesmo antes, e com muitas insistências minhas, visitá-lo era completamente difícil de conseguir, agora com Diogo preso em casa, fingindo estar ocupado em um compromisso de trabalho dado por meu irmão, era quase impossível.

Com Pedro, os meus avós paternos, o *nonno*, tio Oberto, Nick e Fernando, que há três dias não aparece, ficava difícil me comunicar com o detetive sem levantar suspeitas.

E por falar em Fernando, estava furiosa com ele. Decepcionada, para falar a verdade. Quando escutei Pedro falar com Nick sobre a festa no Éden, mexi os meus pauzinhos para saber exatamente do que se tratava, e tive a triste e enfurecida confirmação de que se tratava de um dos eventos organizados para os membros mais seletos da Paradise se divertirem. E Fernando foi, constatando o que eu já tinha certeza no coração.

Ele estava há tanto tempo nessa vida, que não sabia como viver diferente. Ele era um Dom. Um Dominador experiente que precisava viver no limite todos os seus desejos e fantasias mais secretas.

Tudo o que já não podia oferecer. E ao mesmo tempo que o ciúme me corroía, conseguia entendê-lo. Estive nesse mundo com ele e sabia o quanto era fascinante. O quanto testarmos e ir além dos nossos limites, sem reservas, causava um prazer inexplicável. Um mundo que, cada dia mais, eu me vi envolvida e apaixonada.

Fernando, por mais que me amasse, não podia dar adeus a esse lado que era tão forte e presente nele, e também seria egoísmo demais, de minha

parte, exigir ou esperar que ele fizesse isso. Não podia mudá-lo, porque foi exatamente essa intensidade que ele tem que me atraiu, que me conquistou e conquistava todos os dias.

Precisava deixar que ele fosse livre. Porque amar alguém no final era exatamente isso. Deixar que a pessoa fosse quem ela era.

Isso não significava que não me machucava. Pelo contrário, todos os dias tenho um lembrete em forma de dor, em meu coração, lembrando-me do que já não podia ter.

— Sabe, acho que aqui está bastante quente — disse a Luan, que arrumava os materiais que íamos usar para fazer os exercícios hoje — Que tal a gente ir para a academia? Pelo menos lá tem ar-condicionado.

Olhei para ele e para a minha avó com a cara mais inocente possível. A vovó estava cuidando do jardim, e assim esperava que continuasse. Queria levar Luan para a academia e depois conseguir que ele me deixasse um instante sozinha. Só precisava de uns dez minutos falando com o detetive.

— Vocês podem ir — assim como eu esperava, a minha querida avó concedeu — Eu vou continuar mexendo nessas mudas. Querida, quando quiser cuidar do banho, me avise. Não quero que entre naquele banheiro sozinha. Vai que sente tontura ou alguma coisa do tipo...

Vovó seguiu falando mais para ela mesma, enquanto Luan, ao meu lado, me acompanhava até o salão. Paramos alguns minutos durante o caminho para que eu tomasse ar e controlasse a respiração. O dia estava bem quente, e essa simples atividade me esgotou mais do que o normal.

— Tome um pouquinho de água — sugeriu ele com toda preocupação e cordialidade — Vou arrumar os colchonetes e ajustar aqueles equipamentos, que acho que poderá ajudar a reforçar a bateria de hoje.

Deixei-o cuidar dos preparativos da sessão e fui até a geladeira que tem água gelada, sucos e refrigerantes. Minha mente, que ao contrário do

meu coração ia muito bem, começou a formular um plano de fuga.

Após beber quase meia garrafa, joguei o restante na lixeira e caminhei de volta até Luan, que me aguardava pacientemente.

— Sabe... — levei a mão ao meu peito — Eu acho que hoje...

Tinha todo o discurso planejado, que rapidamente sumiu em minha mente quando vi, através do vidro, Fernando se aproximar.

Como dizia a música, ele não anda, ele desfila.

Meu Deus! Tudo nesse homem exalava poder, força, exuberância, e aquele ar sedutor de quem tem o mundo aos seus pés.

Ele me fazia estremecer fazendo muito pouco.

Minha boca ficou molhada, e nem precisava dizer que outra parte do meu corpo começou a umedecer apenas vendo toda sua magnitude se aproximar.

Assim como o meu corpo traidor, minha mente e coração masoquista reagiram rápido.

Não sabia mais o que fazer para mantê-lo longe.

Meu noivado com Diogo?

Ele parecia encarar como um surto momentâneo da minha parte ou algo sem sentido. Tratá-lo mal parecia que o divertia. Só conhecia algo que o faria perder a cabeça.

Ciúmes.

Pensei rápido e agi mais rápido ainda. O grito feroz, que ouvi dele ao entrar, comprovou que eu tinha acertado no alvo.

Quando encarei seus olhos encolerizados e a expressão capaz de fazer o mais corajoso dos seres sair correndo, pedindo pela mãe, percebi que estava encrencada.

Muito encrencada.

CAPÍTULO 8

FERNANDO

Ninguém conseguia mexer comigo como Lúdia Santini. E a filha da mãe sabia muito bem disso. Ela me levava ao status de cachorrinho balançando o rabo esperando o osso, à mais profunda fúria e desejo de explodir com o mundo. Como nesse momento, que queria quebrar a cara do fisioterapeuta, que me encarava com expressão confusa e aterrorizada.

O que adiantava tantos músculos, se quando precisava agir o homem se transformava em estátua.

— O que você está fazendo aqui, Fernando? — Ela indagou sem se mover um milímetro do rapaz que a segurava nos braços — Não ligou, avisando que faria uma visita.

Apertei os meus maxilares enquanto os encarava com cara bastante amarrada.

— E desde quando preciso avisar quando venho a essa casa?

— Eu acho que, de agora em diante, deveria.

Uma porra que vou. Essa sempre foi a minha segunda casa, e nada do que Lúdia dissesse, ou pior, tentasse fazer, iria mudar isso.

— Isso... — fiz um gesto para o fisioterapeuta com a mão, que continuava a manter suas duas mãos agarrados à cintura dela, em uma posição bem íntima, mais íntima do que os meus olhos suportavam ver — faz parte do tratamento?

O que provava o quanto essa mulher mudou e vinha mudando a minha vida. Nunca tive esse sentimento de posse com ninguém, e mesmo com Lídia, no início da nossa relação Dominador e submissa, não via problema em trazer outras pessoas para a nossa cena. Só que não estávamos em um jogo e, definitivamente, o fisioterapeuta com cara de rato de academia não estava convidado.

— Não. É... a senhorita estava caindo — disse ele, nervoso, olhando assustado de mim para ela — Eu só estava ajudando. Não foi, senhorita Lídia?

Encarei Lídia e vi o sorrisinho no canto da sua boca, que ela fazia o possível para disfarçar, sem muito sucesso. Saber que ela fez isso de propósito me deixava mais possesso ainda.

— Ai... — ela simulou uma cara de choro, que não me convenceu, e dobrou uma das pernas, precisando assim se aconchegar mais ao rapaz — Acho que torci o meu pé.

Mentirosa.

Linda. Atrevida. E minha.

— Vou pegar gelo na cozinha — avisou Luan, aproveitando o ensejo para ter um motivo para escapar.

Eu poderia dizer a ele que aqui mesmo havia um freezer abastecido com gelo, na verdade, queria que Luan fosse para bem longe, Marte seria suficiente.

Assim que ele se afastou apressadamente, Lídia, pega pelo movimento brusco, tombou para frente. Com dois passos largos, encurtei o resto de distância entre nós, tomando-a em meus braços.

Era o suficiente para que eu ignorasse a raiva e o desejo de esganar seu delicado pescoço.

— Por que você faz isso comigo, Lídia? — essa era uma pergunta que fiz muitas vezes em um passado recente.

— O que estou fazendo? — indagou, trêmula, e fechou os olhos quando passei o polegar sobre eles.

— Diogo. Esse noivado de merda. Agora esse rapaz...

Nossos rostos já estavam muito próximos, e com as minhas mãos encaixadas em sua cintura, a trouxe mais para perto de mim.

— Como se você se importasse — ela balbuciou como que se concentrando na raiva pudesse ignorar todas as sensações que despertava nela.

Estudei seu rosto angustiado com atenção. Não era apenas mais um mecanismo de defesa, Lídia estava chateada com algo que fiz.

— É claro que eu me importo, caralho — segurei seu queixo, fazendo-a olhar para mim — Tudo o que se refere a você me importa, Lídia.

— Então, por que estava na festa do Nick?

Droga. Era também para contar sobre a festa dada no hotel de Nick que tinha vindo aqui. Eu já deveria estar mais do que ciente de que segredos em nossa relação nunca terminavam bem.

— Estive lá por causa da Suellen....

Mal comecei a falar e Lídia se desgrudou do meu abraço, andando duramente para outra direção. Bom, parecia que o tornozelo ia muito bem.

— Suellen. Claro, a Suellen, a sua mais devotada submissa.

— Não é nada do que você está pensando. Ela já provou que pode ser muito perigosa, Lídia. Eu temo por você.

— Sei me cuidar, Fernando. Além disso, essa casa está cheia de câmeras e segurança. Suellen nunca conseguiria entrar aqui.

— Como quem matou os seus pais não deveria ter entrado? — levado pela raiva e atenção dela sobre o assunto, manifestei-me sem pensar, e assim

que acabei de falar, vi a expressão magoada surgir em seu rosto.

— Eram outros tempos. Você sabe que o Pedro cuidou disso.

Sim, eu sabia. Ele ficou maluco, e transformou essa casa em uma verdadeira fortaleza, já que Lúdia sempre se recusou a se mudar dela. Só que nem tudo podemos controlar. Ele não tinha previsto o acidente dela, por exemplo. Acidente causado por uma armação de Suellen.

— Aqui não, você não vai ficar o tempo todo enfiada dentro de casa.

Ela vai precisar ir ao hospital. Visitar o avô. Sair para se distrair um pouco.

— A Suellen já conseguiu o que queria, Fernando — ela me encarou com o olhar triste, um que fez uma bagunça dentro de mim e me deixou desesperado — Já nos separou.

— Não! — Caminhei de volta até ela, e mesmo que inicialmente tentasse resistir, a trouxe novamente para a proteção dos meus braços — Ninguém vai separar a gente. Nós mesmos nunca conseguimos isso.

Ela direcionou seus lindos e atormentados olhos cor de chocolate para mim.

Cheguei a prender o meu ar ao constatar como era linda.

Mesmo que Lúdia se esforçasse muito, ela nunca ia conseguir medir o quanto era louco e apaixonado por ela.

— Fernando... — ela sussurrou o meu nome quando segurei delicadamente o seu queixo e comecei a aproximar o meu rosto do dela.

— Você é tudo o que eu quero, menina. Quando vai entender isso?

Havia dúvida em seu olhar, medo, um desespero que me deixou tocado. O que vinha afligindo Lúdia era muito maior do que estávamos enfrentando. E queria que ela tivesse a mesma certeza que eu, que nada poderia ser maior do que o nosso amor.

— Ah, foda-se! — murmurei, unindo nossas bocas em um beijo que estava há muito tempo esperando.

Beijei-a com paixão, e com a mesma entrega, ela correspondeu. Estava tão perdido e imerso nas sensações que iam despertando o meu corpo, que levei algum tempo para perceber que os gemidos dela de prazer agora eram de dor e que a respiração pesada não era apenas causada pelo desejo.

— Lídia? — A chamei, aterrorizado.

Seu corpo mole caiu contra o meu. A aflição, que nesse momento vi em seu rosto, provocou a minha angústia.

— Amor, respira — implorei, pegando-a em meu colo — Respira, querida, apenas respira.

Lentamente, ela procurou atender ao meu pedido e cada tentativa de sugar o ar causava mais dor e a deixava mais fraca em meus braços.

Que porra eu pensava que estava fazendo?

Os avisos do médico foram bem claros: Lídia precisava evitar situações de muito estresse e emoções fortes, ainda mais com tão pouco tempo que ela teve alta do hospital e seu coração estava começando a se curar.

— Luan! — chamei o fisioterapeuta assim que o vi regressar à academia — Por favor, nos ajude.

Ela estava com dor e eu completamente desesperado.

— O que aconteceu? — Ele se aproximou e tocou o ombro de Lídia com cuidado — Senhorita, consegue respirar?

— Dói! — Ela respondeu com dificuldade, e as lágrimas começaram a descer pelo seu rosto.

— Amor, você precisa tentar ficar calma.

— Ela também precisa do remédio receitado para situações como essa — avisou Luan, enquanto carregava Lídia para fora — Vai ajudar a baixar a

adrenalina.

— Onde está o maldito remédio? — gritei ao rapaz quando notei a cor dela começar a mudar.

Por dentro, fiz uma oração silenciosa.

Tudo ia ficar bem, repeti diversas e diversas vezes.

— Na piscina... — ela conseguiu balbuciar com a voz fraca — Vovó....

Segui na frente carregando Lídia o mais rápido que conseguia. Luan veio logo atrás, e quando Olga nos viu, disparou uma torrente de questionamento que não tive tempo de responder. Eu perguntei sobre o remédio de Lídia, e ela indagou qual deles. Luan explicou qual era, e juntos eles procuraram o comprimido na caixa catalogada, e graças a Deus, bem-organizada.

Olga entregou o remédio à neta e Luan um copo com água. Eu mantive Lídia presa em meus braços, protegendo-a como o que tinha de mais raro no mundo.

Enquanto aguardava que Lídia conseguisse engolir o comprimido depois de alguns goles de água, pedi à avó dela que ligasse para o médico.

Passei a minha mão, trêmula, em seus cabelos e sussurrei, sem me importar com quem estivesse por perto, o quanto a amava e que era importante para mim. Quando o remédio começou a fazer efeito e ela ficou sonolenta, se agarrou mais a mim.

Não sabia explicar o que sentia. Era uma mistura de consternação e, de certa forma, alívio de poder estar com ela, de tê-la em meus braços em um momento de crise.

— O médico disse que se as dores estiverem muito constantes, devemos levá-la para o hospital.

— Hospital, não! — Lídia respondeu à avó com um olhar de pânico — Não quero ir para o hospital... Vou ficar bem.

Por mim, a levaríamos imediatamente. Vendo que isso podia desencadear uma crise maior, tentei avaliar com mais frieza a situação.

— Lúdia, acha mesmo que está melhorando? — encarei-a muito sério — Querida, é a sua saúde, por favor, não brinque.

— Eu vou ficar bem — sua voz saiu bem fraquinha, e ela apoiou o rosto contra o meu peito — Só preciso descansar um pouco.

Antes que eu surtasse em pânico, Luan e Olga avisaram que era o efeito do remédio. Disse a eles que ia levar Lúdia para o quarto e pedi à senhora que ligasse novamente para o médico e pedisse que ele viesse vê-la. Acho que era única forma para que eu ficasse tranquilo.

O doutor a examinou e disse que situações assim podiam se repetir. Isso porque o coração de Lúdia ainda estava muito sensível.

Eu só consegui me sentir culpado. Sentia-me carregando um grande saco de culpa, que cada dia ficava mais cheio.

Sentia que não fazia nada certo, nunca.

— O médico disse que ela vai dormir até amanhã, provavelmente — Vó Olga surgiu no quarto, trazendo uma bandeja com refeição para mim.

Pedro também estava aqui.

Quando perguntou o que houve, disse que Lúdia e eu discordamos de um assunto que acabou gerando uma discussão. Não era de todo mentira, também nem de perto toda a verdade.

Como dizer ao meu amigo que estávamos tão entregues ao desejo que sentíamos, que isso quase fodeu o coração de Lúdia, quando tudo o que eu pensava era foder o seu corpo?

Para o meu espanto, apesar de ficar aborrecido com o ocorrido, Pedro não disse nada.

O meu amigo parecia ter outras coisas o deixando igualmente perturbado.

— Quer que prepare um quarto para você? — A simpática senhora perguntou, tocando o meu ombro com carinho.

— Não, Dona Olga — respondi, cansado, e me levantei sentindo que o meu corpo tinha o dobro da idade dela — Vou para casa. O Pedro está aqui e sei que vai ficar tudo bem.

Ela me encarou por alguns segundos. Senti como se avaliasse não apenas a mim, como também a minha alma.

— Você a ama, não é? — A pergunta foi direta, e para a minha sorte, só foi formulada quando saímos juntos do quarto.

— Claro que amo. Conheço Lúdia desde bebê.

De alguma forma, ter de esconder os meus sentimentos à atenta e carinhosa senhora não me parecia correto, isso só fazia a aflição em meu peito aumentar.

— Não é desse tipo de amor que estou falando — insistiu ela, me colocando contra a parede — Você a ama como um rapaz ama uma jovem, certo?

Podia mentir?

Não.

— Dona Olga, é mais complicado do que a senhora pensa.

— O amor não é complicado, querido. Nós que fazemos isso. O Donato namorava uma prima minha quando o conheci. Nós éramos como irmãs. Foi difícil na época. Quando as coisas têm de ser, elas simplesmente acontecem. Apenas tenha fé.

Ela tocou o meu rosto, depois começou a se afastar em silêncio. Pensei no que ela disse. Queria me agarrar a esse conselho, por dentro, era um maremoto de sentimentos.

Não queria voltar ao meu apartamento, tinha lembranças demais para me assombrar. Acho que já envolvi Nick demais em meu drama particular, e

a fazenda era um refúgio longe demais. Sem perceber exatamente para onde ia, acabei diante da casa dos meus pais. O lar onde cresci e tive uma infância solitária e complicada.

Entrei na grande casa vazia e segui direto para o bar. Tomei uma dose, depois outra, até decidir ignorar o copo e pegar a garrafa. Quem disse que afogar as mágoas na bebida ajuda — no meu caso, pelo menos — estava completamente equivocado. Pelo contrário, potencializava a dor e o desassossego que carregava no peito.

Segui para o escritório, onde muitas vezes via meu pai trabalhar e era ignorado por ele. Ocupei a cadeira atrás da mesa de carvalho. Vi a foto da família que nunca foi feliz, nem mesmo no porta-retratos.

Incomodado com a imagem que via, decidi guardá-la em uma gaveta, e na que abri, encontrei o revólver. O mesmo que impedi minha mãe de atirar em si mesma, no dia do casamento do meu pai.

Manipulei o objeto e vi que ainda tinha balas.

Pensei sobre aquele dia. O que levou a minha mãe a algo tão desesperador, e mais uma vez consegui entender. Se sua dor e sentimento de culpa fossem próximos ao que sentia no momento, entendi-a mais do que nunca.

Às vezes, só queríamos alívio para a nossa alma cansada.

— Fernando!

O grito de Nick me fez olhar para a porta, assustado.

— O que está fazendo, cara?

Ele veio rapidamente em minha direção e tomou o revólver de minha mão. O meu choque era mais pela presença dele do que pela forma aterrorizada que ele me olhava.

— O que faz aqui, Nick? Como sabia onde eu estava?

— Vi seu carro saindo da casa de Pedro e o segui — explicou ele, colocando a arma no cós da calça, na parte de trás das costas — Fiquei em dúvida se deveria entrar, então liguei para o Pedro. Que merda você pensa que está fazendo, cara?

Não era preciso ser muito inteligente para deduzir o que Nick estava pensando. E por mais tentador que tenha sido, por alguns minutos, disparar o revólver contra mim mesmo, essa não era uma opção.

— Já se apaixonou por alguém, Nick?

Em vez de me responder, ele puxou uma cadeira e se sentou.

— Uma vez achei que sim, depois de tudo que acompanhei entre você e a lindinha — disse ele, compenetrado — E agora o Pedro...

— O Santini apaixonado? — indaguei sem acreditar.

— Talvez ainda não no seu grau, se ele andar por esse caminho... — Nick esfregou o rosto — Deus, já estou vendo outro amigo fazendo merda.

A única pessoa em quem consegui pensar, que podia prender Pedro na armadilha do amor, surpreendentemente era Clara, e se fosse isso, entendia a preocupação de Nick. Nosso amigo estava cada dia mais obcecado pela garota, no que ele pensava ser apenas desejo de vingança.

— Quando você souber que nem mesmo pode beijar a mulher que ama, sem colocar a vida dela em risco, talvez algum dia nos entenda.

E me afligia, porque se Lúcia estava arredia com todo o resto à nossa volta, isso tendia a piorar as coisas.

— Amigo, vou repetir o discurso de sempre: paciência. Você está indo bem — afirmou ele — Bom, estava, até agora.

— Eu não queria me matar, Nick. Não digo que por alguns segundos a ideia não tivesse vindo à cabeça, nunca faria isso com vocês.

Ele respirou, visivelmente aliviado.

— Isso é bom, cara, porque vem dias difíceis para todo mundo.

Todo mundo?

Pedro, se continuasse por esse caminho, sim. Lídia já estava enfrentando o dela, e eu estava mergulhado nisso até os cabelos.

Agora, Nick?

De todos nós, O'Connor era, espantosamente, o que tinha a vida mais equilibrada.

Que tipo de problema ele poderia estar visualizando no seu futuro?

— De qualquer forma, eu vou ficar com essa merda aqui — disse ele, me arrancando dos meus pensamentos questionadores, apontando a arma que ele tinha confiscado — Só por garantia.

— Eu sei que não sou muito de ficar fazendo declarações e esse tipo de coisa.

A única que me desarmava a esse ponto era Lídia. Ainda assim, levou um longo tempo para que eu conseguisse começar a me expressar.

— Você é um bom amigo, Nick. E em qualquer momento que precisar, saiba que estarei ao seu lado.

Acho que não conseguiria enfrentar boa parte do que venho encarando sem os conselhos e apoio de Nick. Devia a ele uma boa parte da minha sanidade.

— Tá bom, chega dessa merda, porque você realmente não é bom com as palavras — ele tentou provocar, percebi o quanto minha declaração o deixou emotivamente desconcertado — Larga essa garrafa e vamos fazer algo mais útil do que encher a cara.

Esse era o O'Connor que estava acostumado.

CAPÍTULO 36

LÍDIA

Alguns dias depois...

Por causa do acidente, meu coração tinha se transformado em uma bomba-relógio.

Toda a minha vida precisava ser reajustada, de forma que não fodesse ainda mais o meu coração danificado. Aprender como falar, a andar, respirar e sentir as emoções. E, neste momento, eu estava carregada delas.

— Inspira e expira — disse o rapaz ao meu lado — Isso mesmo, agora, levante esse braço.

Raiva. Frustração. Ódio e muita dor.

Isso não era viver. Era vegetar. Como se eu estivesse em coma, só que acordada.

— Você está dispensado — a voz imperativa que soou no ambiente me fez erguer o meu olhar, e vi Pedro parado na entrada da academia — Eu quero falar com a minha irmã, sozinho.

Luan rapidamente recolheu as suas coisas, enquanto eu buscava uma toalha para secar o meu rosto e pescoço suados.

Vi o homem passar, receoso, ao lado de Pedro, que para variar, não exibia um ar acolhedor. Ele estava sempre zangado, e eu achava que meu

irmão deveria relaxar um pouco mais.

Eu sabia que ele carregava grandes responsabilidades com os negócios da família e que sempre se preocupou comigo — agora, ainda mais — eu queria ver o Pedro de antes. De quando nossos pais eram vivos. E que sabia rir mais e aproveitar o máximo da vida.

— Precisamos conversar — comunicou ele.

Pelo seu olhar, percebi que não seria uma conversa fácil.

— Olá para você também — disse, pegando uma garrafa d'água — Como foi o seu dia? O meu estava excelente com o fisioterapeuta gatinho, até você chegar.

A minha tentativa de graça não surtiu o efeito que eu imaginava. Pedro me dirigiu um olhar ainda mais duro. Só que ao contrário da maioria das pessoas, eu não tinha medo da sua cara feia.

Já passei por tantas coisas nessa vida, que também criei uma casca grossa. Além disso, ele não me faria nenhum mal, Pedro me ama acima de tudo.

— Então? — resolvi ser mais cooperativa — O que você quer falar?

Ele respirou fundo e esfregou o rosto com as duas mãos. Meu irmão era o tipo de pessoa que acreditava ser capaz de ditar a própria vida. A frustração de não conseguir fazer isso, em alguns casos, era algo com que ele não sabia lidar. Com isso, geralmente ficava arredio e arisco. A ira de Pedro nunca caía sobre mim, pelo menos, até agora.

— Eu queria entendê-la, Lídia — Ele cruzou os braços, me olhando fixamente, como se encarando bem a casca vazia que eu era hoje, pudesse encontrar a sua irmãzinha do passado — Não me conta as coisas e esconde outras de mim.

Baixei meu olhar para a garrafa. De todas as pessoas para quem vinha mentindo ultimamente, Pedro era a que mais me angustiava.

— Não sei o que quer dizer — voltei a encará-lo.

Pedro caminhou, parou na minha frente e segurou os meus ombros.

— Sabe que pode confiar em mim — murmurou ele, e o olhar encolerizado deu lugar a um carinhoso, e quase fraquejei — Ninguém no mundo a ama mais do que eu.

Um dia pensei que mais alguém amasse.

— Por que você não confia em mim? — insistiu ele.

Porque se eu contasse a Pedro o que vinha tirando o meu sono há alguns meses, ele ficaria louco. Ele agiria com as próprias mãos, e eu não queria que meu irmão saísse machucado, como os nossos pais.

— Confio em você, Pedro — Toquei seu rosto com carinho — Por que não pode confiar em mim também?

Ele se afastou, frustrado, e começou a andar de um lado a outro, em linha reta.

— Você tem de dispensar o Diogo — ele parou, colocando as mãos na cintura — Faça uma viagem com a vovó, ou com alguma de suas amigas, assim que puder. Não queria ir a Paris? Deixe que eu lide com ele aqui.

Eu não podia me ausentar agora, e muito menos para tão longe. Mantenha seus amigos perto e seus inimigos mais perto ainda.

— Não posso fazer isso.

— Você... você nem o ama! — acusou, exasperado.

É verdade. Eu nunca amei o Diogo, e hoje só sentia ódio e desprezo. Precisava seguir com essa farsa enquanto fosse preciso.

— O amor surge com a convivência. A vovó disse que foi assim com ela.

— Isso foi em outra época. Diogo... ele não serve para você.

— E quem serve? Quem mais ficaria com uma moribunda agora?

Porque era isso que eu era. Não podia nem ser beijada pelo homem que amava, sem que meu coração entrasse em pane.

— Alguém que, se rir ou chorar demais, o coração explode. Que não pode sentir emoções e nem construir uma família, porque se tornou uma inútil.

Dei as costas a ele, tentando evitar que visse as lágrimas que procurava esconder.

Passei muito tempo querendo mostrar ao meu irmão, e principalmente a Fernando, que eu era mais do que aquela garotinha que eles insistiam em proteger. Agora, me tornei essa pessoa frágil.

— É isso? — indagou Pedro em um tom compreensivo — É o medo de ficar sozinha?

Nem chegava perto disso, por enquanto, era bom que ele pensasse assim.

— Sempre estive bastante sozinha, Pedro.

— Lídia...

— Eu tive coisas. Viagens, joias, roupas bonitas — só percebi que estava chorando quando ele se aproximou e colheu uma lágrima em minha bochecha — Um pouco de amor, quando você podia ficar aqui.

O Pedro fez o melhor que pôde para terminar de me criar, dando-me o melhor de tudo, transformando em realidade as mínimas das minhas vontades, embora tirando o tempo que fingi minha relação com Diogo, nunca tinha me aproveitado da vantagem de ser uma garota rica. Só que na questão sentimental, o meu irmão nunca me enxergou de verdade. Nunca me senti à vontade e segura de me abrir com ele.

— Achei que...

— Você fez o melhor que pôde para que eu superasse a morte dos nossos pais — Cobri sua mão em meu rosto, e ele me abraçou forte — Não estou te acusando. Nem mesmo você conseguiu superar nossa perda.

Por isso não podia contar nada a ele, ainda. Eu sentia dor pela morte de nossos pais, só que o Pedro? Ele sentia culpa e desejo de conseguir justiça com as próprias mãos, se pudesse.

— Eu não sabia que você se sentia assim.

Ele não tinha ideia de muitas coisas. Não era o único a ter uma vida secreta.

— Tudo bem. Não quero mais que se aborreça com isso. Façamos o seguinte — Ele se afastou e segurou meu queixo como se eu ainda tivesse cinco anos — Enquanto o Diogo estiver fora de circulação...

— O quê? Como assim? — Afastei-me dele — O que fez com ele, Pedro?

Há alguns dias, Diogo voltou a me visitar. O que não agradou a meu irmão e obviamente a Fernando, que só não entrou em uma discussão acalorada comigo devido ao meu estado de saúde. Ele estava puto da vida e há tempo demais sem me visitar.

— Apenas dei um servicinho a ele e ficará fora por um longo tempo.

Eu não acreditava que fosse apenas isso. Para me proteger, eu sabia que meu irmão seria capaz de tudo, e quando digo tudo, era tudo mesmo. E eu não queria ver Pedro indo em direção a esse caminho.

— Você pode aproveitar para repensar o noivado.

Desde o meu acidente e de quando saí do hospital, Diogo praticamente tinha virado uma sombra minha, ligando sempre que podia, enviando mensagens, mostrando-se um noivo devotado. Quando presente, seguia-me com o olhar a cada suspiro que eu dava.

Com certeza, eu iria aproveitar essa oportunidade que Pedro estava dando, não era para pensar na minha relação, como ele queria. Poderia voltar às investigações de onde parei, sem levantar suspeitas de ninguém. Principalmente do Diogo e do meu irmão.

— E por quanto tempo ele ficará viajando?

— Algumas semanas — disse ele, desviando o olhar — Pense sobre o que eu falei. Posso lidar com Diogo, se ele voltar.

— Quando ele voltar — o corrigi.

E eu mesma faria isso, e esperava que quando ocorresse, já estivesse com todas as respostas que buscava.

— Pedro? — chamei-o antes que chegasse à porta — Você não fez nada com ele, não é mesmo?

Ele levou as mãos aos bolsos da calça, abriu um sorriso tranquilo e saiu sem emitir uma resposta.

Isso não me deixou nada feliz.



A minha conversa com o detetive Vilela, por telefone, há alguns minutos, não foi nada animadora. Começando pelo fato de que agora ele trabalhava para o Pedro, e continuar prestando serviços a mim, de acordo com o detetive, geraria conflitos entre clientes, ele só podia ser fiel a um de nós.

Não preciso dizer quem o maldito homem escolheu. Como último serviço prestado a mim, Vilela informou que não existia nenhuma nova viagem de negócios para Diogo. Ele tinha levado uma bela correção dos

seguranças de Pedro, que além de deixá-lo bastante machucado, faziam uma vigilância pesada de cada um dos seus passos.

Isso amarrava uma corda em minhas mãos. Com Diogo enfiado naquele apartamento e os seguranças no cangote dele, não existia a menor possibilidade de que eu conseguisse entrar no cofre.

Se eu tentasse uma visita surpresa, os homens do meu irmão, com toda certeza, contariam a ele. Não havia nada que eu pudesse fazer agora. Precisava encontrar um novo e confiável detetive, e enquanto esperava Diogo voltar à circulação, focar na minha recuperação física.

Precisava ser paciente e manter a cabeça fria. A segurança de todos que amo dependia disso. Diogo devia estar ainda mais furioso com tudo o que estava sendo obrigado a enfrentar, e antes que ele decidisse virar o jogo, se vingando de todos que se colocaram em seu caminho, precisava detê-lo.

— O que você acha, querida? — A pergunta de minha avó me fez deixar esses pensamentos um pouco de lado e dar a ela e ao meu avô a devida atenção.

Estava prestes a perguntar sobre o que ela estava me falando, quando a porta do quarto foi aberta bruscamente e vi o meu irmão entrar.

Sua expressão não era nada animadora.

Para alguém que precisava ter as emoções controladas, eu vinha me desentendendo bastante com o Pedro, e isso me deixava com uma pulga atrás da orelha. O meu irmão sempre foi o tipo nervosinho, alguma coisa, ou alguém, vinha o deixando ainda pior.

— Olha só quem deu o ar da graça! — disse nossa avó, indo em direção a ele — Acho que o vejo mais quando vai nos visitar na Itália do que aqui.

E ela tinha razão. Era estranho que Pedro passasse tanto tempo fora de casa. Não era que ele não se preocupasse comigo, e até tinha uma relação de convivência maior com nossos avós do lado Santini do que do lado Alencar, então seus sumiços e tempo ainda maior que passava no trabalho era estranho.

— Será que eu poderia falar um minuto com Lídia, vovó?

Seu tom de voz era plácido, o olhar continha a inquietação que tanto eu quanto o vovô conseguíamos detectar.

— Vamos, querida — disse ele, puxando a esposa delicadamente pelo braço — Deixe os *bambinos* conversarem.

Pedro aguardou pacientemente que a porta fosse fechada, para dirigir o olhar firme para mim. Então, arrastou uma poltrona onde vovô Donato estivera sentado, se sentando de frente à minha cama.

— O nome Ricardo Vilela te diz alguma coisa?

Droga!

Eu sabia que seria uma questão de tempo até o detetive dar com a língua nos dentes.

— Ele foi falar com você?

— Não responda a minha pergunta com outra — avisou ele sem paciência — Por que voltou a procurar o detetive?

— Eu queria ter certeza de que tudo havia acabado.

Não tinha como dizer outra coisa, então precisava continuar a jogar as minhas fichas nessa mentira.

Será que ele sabia?

Talvez tenha subestimado o meu irmão tanto quanto ele me subestimava.

E se eu contasse a verdade? Será que Pedro poderia se surpreender de uma forma positiva?

Eu queria tanto poder contar com a ajuda e o apoio dele.

Sentia-me cansada e, emocionalmente, cada dia mais frágil. Pela primeira vez, desejava apenas me entregar a essa proteção e cuidado excessivo que Pedro e Fernando sempre quiseram dar a mim.

— O que você está escondendo, Lídia? Afirmou, naquele hospital, que sua situação com Diogo estava resolvida.

— E está. Eu só...

O que devia dizer?

— Sei lá, deve ser insegurança de mulher apaixonada.

Assim que as palavras escaparam dos meus lábios, senti como soaram mentirosas.

— Se não há confiança, não pode existir um relacionamento — destacou Pedro.

Como se ele soubesse muito de relacionamentos. As mulheres pulavam na cama dele antes mesmo que ele conseguisse trocar os lençóis. O que faltava a Pedro era se apaixonar de verdade.

— E você sabe muito sobre confiança e relacionamento — o acusei.

— O que eu sei, é que a minha irmã mente.

— E você é completamente sincero? — questionei, exasperada.

— Lídia... — ele fez uma pausa para respirar, como se assim pudesse encontrar um pouco mais de calma.

Estava tudo errado, e eu no limite. Já era a segunda briga que tínhamos.

Quando não era com Pedro, estava me desentendendo com Fernando. Sem contar os dias que precisei aturar a presença de Diogo, bancando a noiva disposta a se apaixonar.

— Não quero mais falar sobre esse assunto — levei as mãos ao rosto, permitindo que as lágrimas expressassem toda a minha aflição —

Você não vai conseguir entender...

O meu choro o desarmou, e quando Pedro cobriu o meu rosto com sua mão, eu deixei toda a minha fragilidade escapar, jogando-me em seus braços.

Precisava desse abraço mais do que tudo. De acreditar que tudo ia ficar bem. Que nada de ruim ia acontecer ao meu irmão, a Fernando e a Nick.

— Por que você não tenta? — Ele me abraçou fortemente — Sabe que faria qualquer coisa por você.

E era exatamente por isso que receava revelar tudo o que sabia. Porque quando Pedro amava, ele amava incondicionalmente e seu lado protetor extrapolava todas as medidas.

— Esse é o meu maior temor — Minha confissão o deixou mudo por um momento.

— Alguém a ameaça? — Ele respirou fundo, me encarando com muita atenção — É o Diogo?

Diretamente não, o que ouvi de Diogo, quando estive em seu apartamento, fingindo que a bebida tinha me apagado, foi suficiente para toda essa loucura começar.

— Não! — Eu me afastei dele e comecei a secar o meu rosto — Só queria saber se Diogo escondia alguma coisa... sobre a garota. É só isso, Pedro.

Levei a mão ao peito, tentando regular a respiração acelerada. A dor que sentia era real, eu potencializei isso, na tentativa de que Pedro ignorasse essa história e não insistisse mais no assunto. Se ele continuasse a me pressionar, acho que acabaria cedendo, e se algo acontecesse ao meu irmão por minha culpa, nunca conseguiria me perdoar. Pedro já fez demais por mim.

— Eu cuidei desse assunto. Já disse que não precisa se preocupar — Ele esticou a mão e em seguida afastou os cabelos grudados em meu rosto molhado, depois me ajudou a voltar a me deitar — Apenas se acalme e descanse um pouco, tá bom?

Descansar era a última coisa que tenho conseguido fazer. Meu corpo ainda sofria com as consequências do acidente, meu coração sofria por ter que manter afastado o homem que amo e a minha mente não parava um segundo.

— Pedro? — Com as minhas mãos trêmulas, busquei a dele — Nunca quis te magoar. É tudo o que eu tenho e amo.

— Eu também a amo, querida — Ele entrelaçou os nossos dedos, levando os meus aos lábios — Muito.

Isso era o que nos mantinha unidos e ninguém poderia nos tirar. Somos uma família, nós nos amávamos e cuidávamos um do outro. Talvez não fosse da melhor maneira, no entanto, fazíamos.

Depois que me viu mais calma, Pedro avisou que iria chamar a vovó.

Assim que ela retornou, avisei que estava cansada. Ela me entregou os remédios que precisava e pediu que eu a chamasse, caso precisasse de algo.

Na realidade, só queria ficar sozinha.

Não. Isso não era verdade. Tudo o que eu queria era ter certos braços protetores cuidando de mim. Eu os mandei para longe.

Talvez, dessa vez, Fernando realmente se cansasse e não voltasse.

Era assim que as coisas deveriam ser, não deixava de me machucar.

Então eu recordei da época que Fernando se mantinha longe de mim, porque achava que iria me machucar. Era engraçado como a gente só entendia a dor do outro quando passava pelo mesmo que ele passou.

Hoje sei que ele sofreu tanto quanto estou sofrendo agora. Que para o bem dele, renunciei ao nosso amor.

Estava tão mergulhada nesse poço de flagelação, que quando o telefone tocou sobre a cama, ele me assustou.

Esperei e desejei que fosse Fernando. Que de fato era.

Eu não conseguia me entender, então era completamente natural que ele também não conseguia. Dizia uma coisa, o meu coração e o amor que sentia por ele me levavam a fazer tudo diferente.

Era exaustivo e um grande tormento viver nessa guerra desgastante entre a razão e a emoção. Sempre que estávamos juntos, a emoção falava mais forte.

“Estou na fazenda,” dizia a primeira mensagem que ele mandou.

Agora fazia sentido ele não ter vindo ainda me visitar. Não era apenas para evitar esbarrar em Diogo, entrando em mais uma briga com ele; Fernando tinha buscado um pouco de refúgio no lugar que mais amava.

“Quero te mostrar uma coisa,” dizia a mensagem seguinte.

Fiquei aguardando que ele enviasse fotos ou outra mensagem de algum lugar bonito que tenha passado, em vez disso, recebi um pedido de uma ligação de vídeo.

Nem pensei duas vezes antes de apertar o botão verde. Meu desejo em vê-lo, mesmo que fosse por uma minúscula tela de telefone, era imenso demais.

Quando atendi, o rosto dele apareceu. O meu coração apertou no peito quando notei que, assim como eu, Fernando estava fisicamente desgastado. Profundas olheiras, o rosto mais magro e a expressão cansada.

Senti que, na verdade, sabia, que sou a maior causadora de tudo isso. Há bastante tempo venho transformando a vida dele em uma angústia sem fim. O pior era que ambos sofríamos, quando tudo o que mais queríamos era ficarmos juntos como antes.

— Oi — sussurrei assim que a sua atenção se fixou em mim.

— Como você está hoje?

Ele sempre iniciava a conversa assim, perguntando como me sentia.

— Estou bem — ajeitei os travesseiros nas minhas costas e busquei uma posição mais confortável para me sentar — Já fiz fisioterapia e tive uma conversa não muito agradável com Pedro.

— Ele aborreceu você? — A preocupação era nítida em seu rosto.

Isso era engraçado. Os dois se aborreciam quando um deles me causava isso. E em todas as vezes eu fiz por merecer.

— Bem, você sabe. É só o Pedro sendo Pedro.

Eu já nem estava mais chateada.

— O que desejava me mostrar — decidi mudar o assunto — é sobre como o dia está lindo por aí?

— Realmente está — Fernando fez um meio giro com o celular, me mostrando um pouco da paisagem magnífica que ele tinha em volta — Queria que visse outra coisa. Está pronta?

— Prontíssima.

O telefone voltou a se mover novamente, e quando ele focou a câmera em frente ao cavalo Mangalarga no pasto, me remexi na cama, soltando um gritinho.

— É a Esperança? — indaguei com empolgação.

Eu acompanhei seu nascimento, e o momento foi tão mágico para mim que Fernando a me deu de presente. Olhar para ela me trouxe

lembranças inesquecíveis e maravilhosas da fazenda. Dos dias mais felizes que Fernando e eu tivemos por lá.

— A própria — ele passou os dedos no pelo brilhoso, e o rabo do animal balançando era o sinal de que apreciou o carinho — Ela sente a sua falta, Lídia.

Acho que o que ele queria mesmo dizer era que também sentia a minha falta, assim como sentia a falta dele. Que tinha saudade de tudo o que vivemos na fazenda.

Por que a vida não podia ser um pouco mais justa comigo?

Eu nunca pedi demais. Apenas um pouco de felicidade e as coisas simples que proporcionavam isso.

— Fernando, ela está tão linda.

Eu queria estar ali com os dois, e assim como ele fazia, dar todo o meu carinho e amor à Esperança. Curtindo um pouco de paz e felicidade.

Infelizmente, ainda havia duras batalhas pela frente.

Nesse momento, enquanto durasse esses minutos de ligação, podia fingir que nada de errado exista no meu mundo conturbado.

Que tudo era perfeito nesse sonho de vida que eu gostaria de ter.

CAPÍTULO 37

FERNANDO

Quando Pedro enviou uma mensagem, dizendo que precisava falar comigo urgentemente, acreditei que a verdade tinha vindo à tona. Cheguei a me preparar mentalmente e esperei um belo soco na cara assim que abri a porta, a única coisa que ele fez foi entrar em meu apartamento como se demônios furiosos estivessem em seu encalço.

O motivo de sua visita inesperada e a urgência em falar comigo estavam exclusivamente direcionados a Clara Gusmão. Assim que ele me contou seus últimos passos para se vingar da garota, tudo que consegui pensar foi que meu amigo estava enlouquecendo.

— Você vai mesmo fazer isso, Pedro?

Entreguei o drinque a ele, refletindo que o que desejava fazer era o mais completo absurdo e que, de alguma forma, poderia se virar contra ele, no futuro próximo. Porque não se tratava apenas de Clara, amante e possível cúmplice de Diogo. O plano de destruí-la envolvia uma garotinha inocente e uma senhora doente.

— Com algumas mudanças no plano inicial, eu vou — Pensativo, ele encarava o copo sem levá-lo à boca — A questão agora é descobrir até que ponto Diogo pode ser uma ameaça. Se for perigoso, no fim, estarei protegendo a garota, não acha?

No fundo, apesar de toda essa raiva e revolta que ele carregava no peito, Pedro era um cara do bem. E ele precisava dessa justificativa para

se sentir melhor consigo mesmo. Só que quando a merda explodisse, e ela ia feder em algum momento, isso não ia adiantar de nada.

— Acredita mesmo nisso? — sorri, sem humor, e esvaziei o meu copo.

Via claramente que nem ele botava fé no que estava afirmando.

— Olha, Pedro, nem sei explicar o que sinto pelo Diogo, e qualquer coisa que faça com ele seria muito pouco por... — Levei o punho fechado à boca antes que deixasse escapar o que não deveria, depois respirei fundo, tentando me acalmar — tudo que causou à Lídia. E se o que me contou dessa Clara for verdade...

— Os indícios sempre apontaram contra ela. Eles estiveram juntos por um ano. Um ano, Fernando! — furioso, ele bateu o copo sobre a mesinha em frente ao sofá e em seguida se levantou — Como seria possível que ela não soubesse sobre a minha irmã? Eu vi as mensagens que falava sobre a Lídia.

— E o detetive?

Assim como fiz com Garcia no passado, talvez eu devesse ter uma conversa com Ricardo Vilela, antes que Pedro se metesse em uma confusão incapaz de sair.

— Deu-me informações sem relevância. Como o pai dela morreu, onde estudou, o que faz atualmente. Tenho a impressão, o tempo todo, que há duas mulheres diferentes. A que vejo a cada dia e a que Diogo me apresentou.

Talvez, se o detetive não descobriu nada, era porque não tinha nada a descobrir. Ou que Diogo inventou tudo. Não podia afirmar que a moça tenha sido completamente inocente e não tivesse conhecimento de Lídia, também não sabia que tipo de história aquele crápula pode ter dito para mantê-la junto dele.

— Se ele não encontrou, pode ser que não exista nada — alertei, dando voz aos meus pensamentos — Você sabe que seguir por esse caminho irá te igualar ao Diogo, e isso pode se virar contra você.

— Assumi os riscos quando comecei — ele afirmou, fazendo um grande esforço para soar convicto de que estava no caminho certo, não me convenceu.

Conhecia Pedro e sabia lê-lo mais do que ele gostaria.

Droga!

Não era que o puto do Nick tinha razão?

A percepção de que Pedro estava caminhando cegamente em direção à um precipício me deixava inquieto. Já tinha uma árdua batalha para recuperar Lídia e não podia ficar vigiando as cagadas que o irmão dela fazia.

Voltei para o sofá e tentei desacelerar a minha mente.

— Está obcecado em revidar, porque não conseguiu dar o troco em relação ao homicídio de seus pais — afirmei, sabendo que mexia em um assunto muito delicado — Ou é outra coisa que te move?

— Isso é por Lídia. E pelo bebê dela.

Ao dizer isso, Pedro tocou em um ponto sensível em mim. Um que me atormentava todos os dias.

— O que exatamente gostaria que eu fizesse?

Ele abriu um sorriso satisfeito.

Tinha a sensação de que nós dois, em algum momento, íamos nos arrepender amargamente por pegarmos essa estrada.

— Para começar — Pedro levou o drink, que antes havia ignorado, à boca e tomou a bebida em um gole só —, será mais cordial com Clara Gusmão. Preciso que também confie em você.

Esse era um pedido realmente difícil. Qualquer pessoa que tenha ferido Lúdia, direto ou indiretamente, conquistava a minha fúria.



Depois que Pedro deixou o meu apartamento, com mais uma etapa de seu plano de vingança engatilhado, decidi ligar para Ricardo Vilela e pedir que ele se encontrasse comigo na construtora. Assim como fiz com Garcia, queria que ele me passasse as informações mais importantes antes que Pedro fosse comunicado. Não que eu fosse conseguir parar meu amigo, só queria estar prevenido para qualquer loucura que ele pudesse fazer, se alguma parte das investigações desse em algo que o desestabilizasse.

— Isso é impossível, senhor Brandão — murmurou o detetive após me ouvir silenciosamente — Não posso quebrar a confiança do meu cliente.

Óbvio que eu não esperava que o detetive fosse colaborar comigo sem um belo incentivo financeiro que o fizesse abrir a boca.

— Que tal o dobro?

O homem me encarou, incrédulo, depois fechou a cara em uma expressão pouco amigável.

— Nem mesmo o triplo, caso decida sugerir — dizendo isso, ele ficou de pé e começou a encaixar os botões nas casas do terno escuro que estava usando — Quando afirmo aos meus clientes que podem confiar em mim, quero dizer que eles realmente podem.

Diferente de Garcia, ao que via, Ricardo Vilela levava seu trabalho com honestidade e profissionalismo.

Para o Pedro isso era bom, ter alguém que mantinha a palavra acima de tudo, já para mim, complicava bastante as coisas.

— Você atendia Lúdia primeiro — acusei-o, na esperança de que o fizesse repensar minha proposta — Qual a diferença comigo?

— Isso foi antes de...

O acidente dela e sua sobrevivência tornar-se uma dúvida para nós.

— Tudo o que aconteceu — ele finalizou — O que posso prometer é, que se descobrir algo que possa levar seu amigo a se encenar, vou deixá-lo de sobreaviso. Se me permite dizer algo...

— Pode falar.

— Acho que deve se preocupar mais com a garota Santini do que com o irmão dela.

— O que você quer dizer com isso?

O que Vilela sabia e escondia, por causa do maldito e irritante sigilo profissional?

— Lúdia Santini está querendo brincar em um formigueiro e pode acabar saindo mais picada do que já está — murmurou ele com uma tranquilidade irritante que rivalizava com a inquietude que nascia em mim — Quer um conselho, senhor Brandão? Converse com a garota. Pressione-a. Isso é tudo o que posso dizer agora.

O aviso do detetive me deixou com a pulga maior do que a carrego na orelha, provando que as minhas suspeitas tinham fundamento. A desconfiança da traição de Diogo poderia ter sido o início para Lúdia se livrar dele e no meio do caminho, algo mais havia acontecido.

— Obrigado, Ricardo.

Seguindo a recomendação dele, saí da empresa e fui direto para a casa dos Santini. Assim que cheguei, a avó de Lúdia, que organizava assuntos da casa com a governanta, avisou que a neta tinha subido para o quarto há poucos minutos, com a intenção de descansar.

Toda a adrenalina que me trouxe até aqui começou a abrandar, assim que abri a porta e a vi encolhida na cama. Muito facilmente, por um instante, me fez lembrar aquela garotinha perdida que tinha vindo ao meu quarto, pedindo consolo.

Lídia já não era mais aquela menina. O tempo e todas as experiências por qual passou a transformaram em uma grande mulher. A garota por quem sou loucamente apaixonado.

A vida era mesmo curiosa. Eu tive dezenas de mulheres entrando e saindo de minha cama. Em um tempo que gravar os seus nomes ou conhecer suas histórias não me interessava. Resumindo, como todos os homens focados apenas em seus próprios interesses e desejos sexuais, fui um cretino da melhor linhagem.

O amor, além do fraternal que sentia por todos da família Santini, nunca esteve no meu radar. Eu nunca acreditei que fosse capaz de me apaixonar. Que alguém se tornaria mais forte, dentro de mim, que o Dom.

Então essa menina, com sua determinação, coragem, coração mais lindo que já vi, foi pouco a pouco batendo a marreta contra os meus muros, chegando ao outro lado, onde aquele garoto solitário esperava ser resgatado.

Nos contos de fadas, os príncipes enfrentavam dragões, salvando as suas princesas de monstros e seres assustadores. Foi Lídia a escalar a torre mais alta que me mantinha aprisionado, tirando-me da solidão que mergulhei. Mesmo quando estávamos distantes, e de forma inconsciente, ela nunca desistiu de mim, de nós. Era por isso que, por mais que os últimos meses tenham sido um verdadeiro inferno por vê-la com outro, mesmo com tudo o que aconteceu e precisávamos enfrentar após o seu acidente, desta vez sou eu quem não podia e nem ia desistir de nós.

Sorri ao vê-la sorrir, provavelmente imergida em um sonho bom. Eu poderia ficar aqui por horas, vendo-a dormir, contudo, precisava tirar essa

história a limpo. E quando caminhei lentamente e de forma quase silenciosa até a cama, o aviso de Vilela veio como uma marretada em minha cabeça.

— Fernando? — O meu nome escapou sussurrado por entre os seus lábios — Fica...fica.

A expressão, que antes demonstrava alegria, agora transmitiam um tipo de angústia que provocava a minha aflição.

— Lídia? — Sentei-me na beirada da cama, tocando o seu rosto com delicadeza. Fui passando o polegar por suas bochechas, enquanto repetia o chamado até ver seus lindos olhos abrirem.

Castanhos chocolate. Eu sempre me perdia neles e na paz que me transmitiam.

— Fernando? — Ela sussurrou o meu nome, como se ainda estivesse em dúvida se continuava a sonhar ou essa era a realidade.

Era possível, sim, amar ainda mais uma pessoa a cada segundo de vida. Porque com Lídia eu me sentia assim. O meu amor por ela crescia, tornando-se maior do que eu.

— Eu estou aqui — Inclinei-me sobre ela, unindo as nossas testas — Bem aqui.

Nossos olhares ficaram conectados e permanecemos assim por um bom tempo. Muitas vezes não era preciso falar, nossos corações e almas comunicavam-se sozinhos, e esses não mentiam.

Havia amor aqui. Muito amor.

— O que você está fazendo aqui? — Ela era a primeira a quebrar nosso vínculo, deslizando o corpo pela cama até que suas costas encontrassem apoio na cabeceira.

Queria puxá-la de volta e ficarmos assim, esquecendo que havia um mundo duro e cruel nos cercando. Logo teríamos tempo para isso, concluí.

Agora precisava focar no que Lúdia escondia e nos perigos que poderia estar se colocando.

Ajeitei-me na cama, dobrando uma perna sobre o colchão, mantendo o meu corpo de frente ao dela, para que não conseguisse fugir das perguntas que precisava fazer.

— Estive com Ricardo Vilela, há pouco.

— Você também? — A pergunta foi proferida em claro tom acusatório.

Sabia que apenas outra pessoa que conhecemos deveria ter procurado o detetive: Pedro. E se Vilela manteve a mesma ética profissional, o meu amigo estava tão no escuro sobre o que Lúdia andava aprontando quanto eu estava.

— Sim. Eu também. E ele me disse coisas bem interessantes.

Joguei a isca, esperando o momento que ela comesse a morder. Vi o seu rosto ficar pálido e como ela fechava os dedos com força na coberta cobrindo parte do seu corpo.

— Não é uma surpresa. Os homens nunca são confiáveis — Havia sarcasmo e um toque de amargura em cada palavra que dizia, apesar da intenção, não me ofendeu — Nem mesmo os que pagamos por um serviço, mesmo os que juram confiabilidade.

Aprendi que Lúdia era como um bichinho selvagem, que ao se ver acuado, atacava para se defender. Enxergava um pouco disso no Fernando arredo e atormentado que sempre fui.

— Você não está totalmente incorreta. Só que não é esse o principal motivo para a nossa conversa — avisei em tom firme — Eu, você, Diogo. Acredito que tenha algumas coisas para me dizer, não é mesmo, Lúdia?

Nos encaramos como dois oponentes em um ringue. Nem eu e nem ela íamos ceder.

— Me diz você — O rosto inclinado e o queixo erguido provocaram em mim o que suas palavras falharam.

A vontade de jogá-la sobre os meus joelhos, dando as boas palmadas que ela nunca levou, só não era mais forte do que o desejo de cobrir sua boca com a minha e beijá-la até perdermos o fôlego.

Eu não fiz nenhuma das duas coisas. Era previsível que Lídia não iria facilitar em nada, e assim como eu, estava jogando para saber até onde eu sabia.

Esse primeiro lance era dela.

— Ok, Lídia, vamos voltar ao início — disse isso e me ergui, levando as minhas mãos aos bolsos da calça para evitar tê-las em algo mais frágil e delicado, como o lindo pescoço dela — Eu surtei quando a minha mãe morreu e fui um babaca em ter ido embora.

— Mais uma vez, quando prometeu que sempre estaria aqui — A acusação me pegou de jeito, no ponto certo.

Tudo começou a dar errado depois dali. E só podia culpar a mim mesmo.

— Não serve como justificativa. Assumo que deveria ter agido de forma mais racional, achei que manter um pouco de distância seria a única forma de manter a Suellen longe. Temia que ela machucasse você, mais do que emocionalmente, como vinha fazendo. Eu tentei evitar que...

Os meus piores pesadelos se tornassem realidade, o que de qualquer forma aconteceu. Lídia quase foi arrancada de nós e ainda enfrentava graves sequelas do seu acidente, além do bebê que nunca poderíamos segurar em nossos braços.

— Você não podia e ainda não pode controlar tudo, Fernando.

— Sei disso agora. Quero fazer de tudo para protegê-la, só que a tarefa fica muito difícil quando se coloca em risco. Então, voltemos ao

início. Retornei de viagem e você estava puta comigo, ao ponto de usar Diogo para me provocar.

Até aí, acho que tudo foi real. A minha ida à casa de Suellen, quando providenciava para que ela fosse levada a uma clínica, mudou tudo.

— Você estava com ela — o olhar magoado buscou o meu — Depois de tudo, você foi vê-la.

— Fui para colocar um fim nas loucuras, e não para encontrá-la. Porra, Lídia! Quantas vezes preciso dizer, o que preciso fazer, para provar que você é a única mulher que amo?

Minha confissão, carregada de sentimento, a silenciou por um instante.

— Quando te vi presa nas ferragens, eu... — Um grande nó se formou em minha garganta, essas lembranças socavam o meu peito com força máxima, a dor e o desespero que tive naquele momento eram tão vívidos quanto presenciei naquele dia — Tudo o que eu ficava pensando era que não conseguiria. Eu não conseguiria viver sem você aqui. Mesmo que não me quisesse mais, apenas olhar para você...

Voltei a me aproximar da cama e vi a linha da cirurgia em seu peito, que a camisola de cetim não conseguia esconder. Passei a ponta dos dedos, delicadamente, alguns centímetros em volta dela.

— Saber que o seu coração ainda bate... Que você ainda respira... — Uma lágrima, que descia pelo seu rosto, molhou a minha mão — É o que me mantém vivo, amor. Então, não importa o que aconteceu antes. Toda aquela merda. O que importa é que você está aqui. Está viva, Lídia. Meu Deus, você está viva.

Ela soluçou e eu a puxei para o meu colo. Quando os meus braços a envolveram e sua cabeça procurou abrigo na curva do meu pescoço, senti como se o mundo, nesse instante, voltasse ao lugar. Tudo parecia fazer sentido de novo.

— Precisa confiar em mim, amor — Beije os seus cabelos, e o perfume que eles exalavam mexia comigo — O que deixou de me contar? O que a mantém com medo?

Seu pranto ganhava mais força, e eu não sabia até que ponto podia continuar pressionando-a. Pensei que ficar longe de Lúcia fosse a pior parte de tudo isso, essa frustração, ter as minhas mãos atadas, era um verdadeiro suplício.

— Não era mais para provocar ciúmes. Nem mesmo por causa das fotos. Ou apenas a alguma coisa que envolvia Diogo à Santini. Eu sei que algo maior assusta você. Que a mantém presa a ele. Eu posso dar um jeito nisso.

Estava bem perto. O que me provava isso foi como seu corpo ficou tenso. Envolvi o seu pescoço com a minha mão e a fiz se afastar um pouco para que eu pudesse estudar o seu rosto atormentado.

— O desgraçado a chantageou, não foi? — Lídia tentou fugir do meu olhar e eu segurei o seu queixo com firmeza — Ameaçou algo contra mim? Contra o Pedro?

Agora estava muito claro e fazia todo sentido. Lídia sempre colocou e ainda colocava quem ela ama em primeiro lugar. E assim como eu seria capaz de ir ao inferno para protegê-la, ela daria a alma ao diabo para que mantivesse todos bem.

— Desgraçado!

Toda a calma que vinha tentando manter foi embora quando encarei, pela primeira vez, essa realidade. Coloquei-a de volta na cama com cuidado, me levantei intempestivamente, indo em direção à porta.

Eu vou matar o Diogo com as minhas próprias mãos. Nem mesmo Nick ou quem quer que tentasse conseguiria me impedir desta vez.

— Não! — O grito angustiado não me impediu de continuar caminhando, furioso, até a porta, e Lídia chegou correndo, apoiando as costas sobre ela antes que eu conseguisse tocar a maçaneta — Fernando, me escuta.

O apelo era carregado de aflição, estava cego e dominado pelo ódio. Só pensava no acidente, no coração agora frágil de Lídia e no bebê. Um ser inocente que tinha pagado com a própria vida por causa de um monstro frio, calculista e cruel como Diogo.

— Amor, por favor, me escuta.

O pedido carinhoso e a forma de se dirigir a mim, que já não escutava há bastante tempo, conseguiram a minha atenção.

— Não faça nada de cabeça quente — ela me pediu, tocando o meu rosto — Não tem a ver com nenhuma ameaça.

Ela mentia. Não entendia ainda por qual razão, agora estava mais claro do que nunca para mim que, do início até agora, mesmo que em algum momento Diogo tenha pensado que esse compromisso com ela tivesse se tornado real, pelo menos para Lídia, não passava de uma farsa, um meio para chegar a um objetivo.

— Precisa tentar melhor, querida. Porque eu não sou o Pedro. Não sou facilmente enganado.

Sabia que quando lidávamos com as emoções era muito difícil ver o óbvio. E, além disso, o Pedro era muito mais passional do que eu. Então, às vezes ele não conseguia enxergar o que estava bem diante do seu nariz, porque suas emoções colocavam uma venda em seus olhos. Como o fato de Lídia e eu nos amarmos e que seu envolvimento com Clara poderia afetá-lo mais do que ele imagina.

— Tudo bem — Sua mão deslizou pelo meu peito, e apesar de meu corpo reagir ao toque suave, ainda não era suficiente para me fazer recuar —

Tem a ver com ameaças...

— Filho da puta! — urrei, tentando afastar Lúdia da porta, ela pressionou mais o corpo contra a madeira, me impedindo de sair.

— Não uma ameaça direta, como está pensando. Por favor, pode me ouvir?

Primeiro queria acertar as minhas contas com o Diogo, depois escutaria tudo o que Lúdia precisava dizer. Isso era o que as minhas emoções diziam, por muito tempo agi guiado por elas. Como dizia o Nick, as melhores decisões precisavam ser tomadas de cabeça fria.

Se eu saísse levado pela raiva, poderia fazer com que Lúdia fizesse algo impensado e acabasse a colocando em perigo, mais uma vez. Então, por mais que meu desejo fosse ir imediatamente até o Diogo e fazê-lo pagar por todo mal que vinha causando, respirei fundo e consenti, movendo a cabeça.

Lúdia soltou o ar, aliviada, e me conduziu de volta à cama.

Quando ela se sentou com dificuldade, fechando os olhos, lidando com a dor da melhor forma que podia conseguir, me senti culpado. Fiquei furioso comigo mesmo, por não me lembrar que ela ainda estava muito fraca e que fiz o completo oposto das recomendações médicas.

— Onde está o seu remédio? — indaguei, olhando cada centímetro da mesa de cabeceira, sem nada encontrar.

A resposta demorou a surgir, ela ainda tentava lidar com a pressão em seu peito e no controle da respiração.

— Na penteadeira — respondeu fracamente — A caixinha prateada. O comprimido...

O mesmo comprimido que demos a ela aquele dia na piscina. Fui até o local, e vi uma caixinha com medicamentos, separados por divisórias, com horários marcados. Eram tantos que fiquei um pouco perdido. Vê-los

separados e a organização de como cada um deveria ser administrado fizeram-me encarar ainda mais a gravidade da situação.

Lídia não merecia passar por tudo isso. Se existia alguém que não deveria enfrentar uma barra como essa, era ela.

— Aqui, amor — Entreguei a caixinha a ela.

Servi um copo com água, e ela levou o remédio a boca. Aguardei ansioso enquanto ela ingeria alguns goles. Desta vez fui eu quem respirou aliviado, quando Lídia me devolveu o copo quase que vazio.

Ainda precisava ouvir o que ela tinha a dizer, nada era mais importante do que vê-la ficar bem, então aguardei pacientemente até que estivesse bem e pronta para falar.

— O Diogo rouba a empresa. Faz isso há algum tempo. Muito dinheiro que ele vem conseguindo mascarar com a ajuda de alguém. Aquele dia... quando você foi ao apartamento da Suellen, que ela me mandou aquela mensagem...

Eu sabia que foi ali que tudo mudou e começou a desmoronar. Aquele foi o ponto crítico.

— Estava tão furiosa e decepcionada. Farta de tudo. Fui para o hotel do Nick e acabei ficando no bar. O Diogo me encontrou lá. Parecia que ele sempre sabia quando e onde aparecer.

— Eu tinha certeza de que ele rondava você. Nunca foi apenas ciúmes sem sentido.

— Ciúmes, sim — ela destacou — Mas não sem sentido. Afinal, Diogo provou que não é alguém que se possa confiar.

— Por que você não me procurou, Lídia, ou ao seu irmão?

— Porque no dia que estive no apartamento dele, quando achou que ainda estivesse apagada por causa da bebida, escutei coisas sobre mim,

sobre os desfalques na empresa que vêm acontecendo há muito tempo e o que ele seria capaz de fazer para chegar ao seu objetivo: a Santini.

Então o plano do Diogo era chegar ao topo da empresa, usando Lídia como um caminho.

— E isso seria ferir a mim e ao Pedro, certo?

— Eu nunca deixaria que ele machucasse vocês! — ela disse, exaltada, e pela primeira vez desde que isso começou, vi sinceridade nela, pelo menos sobre isso.

Ainda assim, não sabia como explicar, acho que faltava alguma peça nesse quebra-cabeça. Que Diogo era um alpinista social, disposto a tudo para subir na vida, ficava cada vez mais evidente. Ainda havia algo solto.

— Tudo bem, respira — Afaguei o seu rosto, esperando que isso a fizesse ficar mais tranquila — Mantenha a calma. Não estou aqui para julgar você ou as decisões que se viu obrigada a tomar, levada pelo medo. Eu compreendo.

Eu sabia, mais do que ninguém, que para proteger quem amamos podemos fazer escolhas muito burras e impensadas.

— Foi por isso o detetive? Não era apenas para provar que ele tinha uma amante.

— Eu sabia que Diogo nunca foi fiel à relação que acreditava que tínhamos. E na realidade, não me importava. Não era real para mim. Eu só queria conseguir as provas e me livrar dele o mais rápido possível.

E assim poder voltar para mim, ao que tínhamos. Era o que os seus olhos falavam, apesar das palavras ficarem presas.

— Ainda assim, por que não procurou a mim ou o Pedro? — voltei a insistir nisso — Sabe que nunca deixaríamos nada acontecer a você.

— Aron. A festa. Aquele homem — ela pontuou com os dedos — São motivos suficientes?

Eu nem consegui pensar naquele evento organizado por Aron sem me contorcer. Quando reconheci Lília, mesmo com a máscara, prestes a ser entregue a outro Dom, perdi completamente a razão, levando o homem diretamente para o hospital. Eu não estava nos melhores dias e nem me comportando como um ser racional. Ainda amargava o luto, os traumas do passado e o medo de que as loucuras de Suellen pudessem ter feito com que perdesse Lília.

— E o meu irmão. Você conhece o Pedro. Quando se trata das pessoas que ama, ele não pensa antes de agir e nem nas consequências que vêm depois. Viu a surra que ele deu no Diogo, apenas por achar que o único mal dele foi ter me traído.

Eu também dei uma surra em Diogo, isso ela não precisava saber agora.

Quanto ao resto, Lília tinha completa razão. A prova disso era que Pedro estava completamente cego por esse desejo de vingança contra Clara Gusmão, disposto a absolutamente tudo.

— Eu não podia falar o que sabia a nenhum dos dois, porque ainda não tinha provas contra o Diogo.

— E você acha que continuando com ele vai conseguir isso?

— Estava chegando próximo antes do acidente, não estava? — ela rebateu com orgulho.

Lília era corajosa, determinada e mais esperta do que Pedro e eu poderíamos ter imaginado, ela esteve e ainda estava se colocando em perigo, não podia deixar essa loucura seguir adiante.

— Bom, agora você vai parar. Não vou permitir que continue nessa insensatez, Lília — avisei, tentando manter o máximo de tranquilidade possível — Posso lidar com Diogo sem envolver Pedro nessa história, pelo menos até que seja preciso.

Enquanto o meu amigo gastava seu tempo com sua nova assistente, o novo foco de sua atenção, irei me dedicar a Diogo. O meu lado animal desejava socar a cara dele, quebrar cada osso que ele tem no corpo asqueroso, eu precisava ser tão ardiloso quanto ele.

— Você não entende, Fernando?! — A última coisa que queria era que Lúdia se exaltasse e ela estava determinada em bancar a salvadora de todos nós — Diogo é astuto. Se eu terminar nosso noivado agora, as desconfianças irão surgir, e sei que ele é capaz de qualquer coisa para chegar ao seu objetivo.

E isso seria atentar contra a minha vida e a de Pedro, para encurralar Lúdia. Essa era a única maneira de mantê-la presa a ele.

— Me dê um pouco de tempo — ela me pediu com a voz aflita.

— O quê?

Ela só podia estar ficando maluca.

— Aquele jantar. O anúncio do noivado, quando Pedro chegou de viagem, lembra?

Como poderia esquecer um dos piores dias da minha vida?

Foi uma grande surpresa, tanto para mim quanto para o irmão dela, descobrir naquele dia, e sem aviso, que sua relação com Diogo tinha evoluído para algo mais sério.

— Não era para ser daquele jeito. Eu só queria manter o Diogo fora de casa por um tempo e conseguir com que abrissem o cofre que ele tem no apartamento dele. Eu sei que há alguma coisa lá.

— Se tem algo que incrimine Diogo, o que devemos fazer é ir à polícia.

Deixar que as autoridades fizessem o que fosse preciso sem que ninguém mais se colocasse em risco, muito menos ela.

— Acontece que é só um tiro no escuro, Fernando. E se pisarmos em falso, eu nem quero imaginar o que a mente perturbada de Diogo possa fazer contra nós. Ele...

Estudando o seu rosto com cuidado, vi um medo real que ela mal conseguia esconder. Diogo esteve agindo silenciosamente, e agora mais do que nunca, acreditava que Suellen, de alguma forma, estava envolvida com ele. Então, de certa forma, Lídia tinha razão outra vez, ele era ardiloso e só Deus sabia o que era capaz de fazer, ao ver seu mundo ruir com suas mentiras, manipulações e planos sórdidos sendo revelados.

— Ele o quê? — insisti para que ela finalizasse.

— Pode se tornar muito perigoso.

— Lídia... — Estava pronto a dizer que Diogo e o que ele podia tentar contra mim não me assustava, quando ela buscou a minha mão com o rosto coberto de apreensão.

— Me dê só um pouco mais de tempo — ela implorou, aflita — Só até a minha festa de aniversário.

— Pensei que as festas de aniversário tinham acabado para você.

De acordo com ela, desde que os seus pais faleceram, qualquer tentativa de comemorar a data acabava de um jeito ruim. Em relação às duas últimas tentativas, precisava concordar com isso. Na sua festa de dezesseis anos, parti seu coração, negando e fugindo do beijo que trocamos. E no passado, a morte de Garcia e a suspeita do crime sendo colocada nos ombros de Pedro minou o nosso desejo de revelar a ele tudo sobre nós.

— Eu não vou deixar que você se coloque em perigo, Lídia! Onde é que você está com a cabeça?

— Você não vai deixar? — O olhar era tão ativo quanto o seu tom de voz, linda e impetuoso, não consegui evitar notar isso — É por isso que não podia confiar em você e nem em meu irmão.

Não *podia* ou não *pode*?

— Vivem me tratando como uma criança ou uma garota boba.

— Pois você agiu bem assim nos últimos meses.

— Porque precisei fingir isso para o Diogo. Eu não sou uma princesinha na torre, precisando ser salva — ela rebateu, ficando exaltada, e isso começava a me preocupar — Tudo o que peço é um pouco mais de tempo. Enquanto Diogo estiver aqui, vou conseguir que abram o cofre e tirem tudo o que é preciso de lá.

— Eu posso conseguir isso sem que você se meta. Droga!

— Exatamente como? Ninguém vai conseguir entrar lá. O meu irmão está mantendo o Diogo em cárcere privado no apartamento dele — depois de dizer isso, ela me encarou, magoada — O quê? Não venha com essa cara de inocente. Acha que não sei sobre isso? Me acusa de mentir para você, só que tem os seus segredos com o Pedro.

— Como você sabe disso? — desviei-me da acusação — Sobre o Diogo.

Só podia ter sido o Vilela a dar com a língua nos dentes. Afinal, toda a ética dele a respeito de manter sigilo e a confiança dos seus clientes parecia não funcionar com Lídia.

— Também tenho o meu jeito de descobrir as coisas — Ela deu de ombros. Eu a admirava ao mesmo tempo que me irritava com sua teimosia, essa era uma característica dos Santini, teimosos e cabeças-duras — Então? Vai me ajudar ou ficar no meu caminho?

Eu podia dar corda à Lídia, sem realmente soltá-la. O certo seria procurar Pedro e colocar toda essa merda para fora, ele já andava metido em problemas demais.

E embora eu tremesse feito vara verde, pensando no perigo que Lídia corria, mantendo esse plano maluco, sobre uma coisa ela estava certa.

Enquanto Diogo pensar que seus objetivos seguiam perfeitos, ele deixaria suas defesas baixas.

— Tudo bem. Você tem até sua festa de aniversário — disse o que ela queria ouvir e precisava, nesse momento — Se seu plano não der em nada, eu tomo o controle de tudo.

Na verdade, começaria a fazer isso nesse momento. Com o seu estado de saúde precisando de cuidados, não havia muito o que Lúdia pudesse fazer para avançar nessa loucura, eu iria encontrar os meios para provar que Diogo não valia nada e colocá-lo de uma vez por todas fora de nossas vidas.

— É isso ou nenhum acordo feito. E quero saber exatamente tudo o que está pensando em fazer.

— E você não pode contar nada disso ao Pedro.

— Mais um segredo, Lúdia?

— Sabe que depois do meu acidente ele está mais paranoico do que nunca.

Ela não tinha ideia do quanto. O acidente desencadeou em Pedro algo que ele não conseguiu fazer com os criminosos que mataram os pais deles, vingança, ou como ele preferia dizer para amenizar o peso disso, justiça.

— O Pedro está enxergando as coisas de uma outra forma. Eu vou segurar isso até onde der, Lúdia, se você ou até mesmo ele estiverem em um perigo ainda maior, toda essa merda vai para o ventilador.

Agora, mais do que nunca, precisava correr contra o tempo.

Vencer Diogo era mais do que um ato levado pelo orgulho ferido, entre dois homens disputando uma garota.

A vida de todos nós poderia estar em risco.

— Eu aceito — ela murmurou vagarosamente, segundos antes de começar a se deitar — Só quero que isso acabe logo.

E eu, que nem tivesse começado. A iniciar com o falecimento dos pais dela. Tudo teria sido diferente, se Isabella e Marcello Santini ainda estivessem entre nós.

— Estou cansada — Seus olhos começaram a fechar quando ela apoiou a cabeça no travesseiro.

Sabia que não era apenas do esgotamento físico que Lúdia estava se referindo e nem pelo remédio que começava a deixá-la sonolenta. Ela estava cansada de todos esses anos difíceis que estávamos enfrentando.

— Descansa, amor — sussurrei, passando as mãos suavemente em seus cabelos — Eu vou cuidar de tudo.

— Fernando? — O chamado veio com um balbuciar quase inaudível, enquanto sua mão procurava a minha — Fica.

Como em seu sonho, ela me fez o pedido que nem ao menos precisava ter sido feito. Essa noite, pelo menos, não iria a lugar nenhum.

Tirei o meu terno, depois os sapatos, jogando-os para longe da cama. Deitei-me ao lado dela, e como se puxado por um imã, o seu corpo veio em direção ao meu, dando-nos o encaixe perfeito.

Os avós dela poderiam entrar, ou pior ainda, Pedro poderia surgir, flagrando-nos nessa intimidade reveladora.

Que se foda tudo.

Assim como Lúdia, estava cansado.

Das mentiras.

Dos segredos.

De tratar o que tínhamos como se fosse algo errado.

Nos amávamos e não havia nada mais certo do que ficarmos juntos.

Essa era a única certeza que eu tinha.

CAPÍTULO 38

LÍDIA

Acordei, e pela primeira vez desde que saí do hospital, tive uma noite tranquila. Mesmo quando acordei algumas vezes, por alguns segundos de madrugada, ter os braços de Fernando em volta de mim e seu corpo mantendo o meu aquecido, trouxeram-me felicidade que há muito tempo não sentia.

Ele não estava mais aqui, constatei ao olhar a cama vazia ao meu lado. Devia ter saído pelo início da manhã, enquanto ainda dormia em seus braços. Era melhor assim. Não sabia se teria forças para vê-lo se afastar.

Cada vez que nos separávamos, sem saber o que nos esperava no momento seguinte, era uma tortura dolorida de reviver.

— Ah, Fernando — Tínhamos tanto amor e tivemos tão pouco tempo juntos.

Puxei o travesseiro que Fernando usou e o levei ao meu rosto. O seu perfume gostoso ainda estava no tecido, e se eu fechasse os meus olhos, poderia imaginar que ele estava aqui.

A noite de ontem, a nossa conversa tensa, para ser mais exata, não foi algo que estive esperando. Fernando me pressionou e quase revelei o que era mais importante, o que realmente podia estar por trás da morte dos meus pais.

Precisei revelar o máximo que podia, sem que Fernando surtasse e buscasse justiça com as próprias mãos, assim como imaginei que Pedro e ele

fariam ao tentar ser sincera com eles, e não estava errada.

Eu vi a fúria em seus olhos, a forma transtornada que ficou quando descobriu que um dos motivos de eu jogar com Diogo era o medo de que ele fizesse mal a ele e a Pedro.

Agora não tinha saída, precisava levar essa história até o fim, nem que fosse a última coisa, em vida, que eu fizesse.

E se no final de tudo, Pedro encontrasse a paz que precisa, se Fernando ficasse bem e em segurança, todo sacrifício que fiz até hoje teria valido a pena.



Os dias passaram, e para o meu descontentamento, mais rápido do que eu gostaria. Isso significava que o meu tempo estava se esgotando. E as coisas não seguiram exatamente como eu tinha previsto. A começar, encontrar um novo e bom detetive, que fosse de confiança, não foi uma tarefa fácil. Principalmente com meus avós aqui, especificamente a minha avó, que parecia ser os olhos e os ouvidos tanto de Fernando como de Pedro. Fazer as ligações necessárias exigiam de mim toda uma estratégia e fugas rápidas pela casa.

O problema era que não tinha muitas informações, além de coisas que ouvi e o fraco relatório de Ricardo Vilela. Ele estava apenas começando a se aprofundar nas atividades de Diogo, quando sofri o meu acidente. Então o novo detetive, um jovem chamado Paulo, tinha um longo trabalho pela frente. Como disse a Fernando, as minhas melhores chances estavam na festa de aniversário.

E eu esperava ter mais sucesso do que no jantar, onde tinha anunciado o noivado para o meu irmão e Fernando. Aquela noite não acabou bem para

mim. Diogo não chegou a tocar a taça que eu tinha colocado calmante para ele, e ainda teve toda a confusão envolvendo Fernando.

Desta vez a sorte precisava estar comigo, pelo menos uma vez.

— O carro já está pronto, vovó? — perguntei assim que a vi entrar em meu quarto.

— Sim, o motorista está aguardando para levar você. Tem certeza de que não quer que a acompanhe?

Amo minha avó, contudo, seus excessos de cuidado comigo vinham atrapalhando bastante os meus planos.

— Preciso começar a fazer as coisas sozinha, vovó — reforcei o que já tinha falado a ela no dia anterior, quando destaquei minhas intenções para hoje — Estou com os remédios. Me sinto bem e, além disso, são apenas alguns minutos até a Santini, sendo levada com total segurança pelo motorista.

— O Pedro...

— O meu irmão vai entender quando eu chegar lá. E você deve ficar de olho no vovô. Ele não parece bem, desde ontem.

— É a alimentação. Agora ele se aproveita que preciso cuidar de você para botar as mangas de fora.

A pobre vovó era o tipo de pessoa que precisava ter alguém para dedicar seu zelo. O marido, os filhos, os netos, o marido de novo e agora a mim. Acho que meio que puxei um pouco isso dela. Cuidar dos outros antes de mim.

— Minha querida — Ela tocou as minhas bochechas com carinho — Qualquer sinal de...

— Vou ficar bem, vovó. É só uma consulta com o médico e uma oportunidade de conseguir um pouco do tempo de Pedro.

Na realidade, não era bem isso. Minha visita não programada à Santini tinha mais a ver com Diogo do que o meu irmão. Queria ver se encontrava algo na sala dele que pudesse ajudar Paulo com as investigações.

— Sabe o que eu acho? — Ela indagou, grudando o braço no meu enquanto caminhávamos para fora do quarto — Aquele menino precisa encontrar uma boa garota. Alguém que o faça diminuir o ritmo. Com seu avô era assim. Viciado em trabalho, e seu pai antes da sua mãe era a mesma coisa.

— Eu acho que nisso concordamos bastante — afirmei, sorrindo.

Sempre achei que o que faltava a Pedro era encontrar um amor. Alguém que o fizesse perceber que a vida era bela e preciosa, e não apenas garotas em busca das mesmas farras e diversão.

Chegando à garagem, despedi-me da vovó e fui em direção ao carro que o motorista mantinha esperando por mim. O percurso até a Santini não foi demorado. Milagrosamente, o trânsito não estava tão ruim e Thomaz pegou alguns atalhos. Isso era excelente, teria tempo de vasculhar a sala de Diogo com mais calma.

A secretária de Diogo ficou surpresa ao me ver, porém, não suspeitou da mentira que disse a ela, para abrir a sala dele para que eu pudesse entrar.

Fiz vários pedidos absurdos de coisas que queria beber e comer, apenas com o intuito de mantê-la longe o máximo possível. Assim que ela me deixou sozinha, fiz minha busca apressada. Vi gavetas, tentei abrir as duas que estavam trancadas. Vasculhei pastas, envelopes nos armários e sobre a mesa.

Peguei o meu celular e tirei foto da agenda de todos os nomes, telefones e anotações, acho que Paulo poderia considerar importante. Coloquei o que era possível dentro da minha bolsa.

Durante a busca, a secretária de Diogo ressurgiu duas vezes, querendo tirar dúvidas e lamentando não encontrar algo, que rapidamente eu substituía por um item ainda mais complicado de achar.

Achava que ela devia me achar uma patricinha mimada. O que não tinha problema, estava acostumada a ter as pessoas me julgando sem conhecer, ainda mais quando dou mesmo motivos para essas considerações.

— Com licença, senhorita — O rosto apreensivo dela ressurgiu assim que dei permissão para entrar — Finalmente, os de chocolate que pediu.

Eu tinha pedido uma sobremesa que vendia em uma específica confeitaria italiana, em um shopping, a cerca de uma hora daqui.

— Obrigada, mas perdi o apetite — Seus olhos se arregalaram, e eu fiquei com pena da pobre mulher.

Não iria humilhá-la ou nada do tipo que ela estava pensando. Abusei do trabalho dela porque precisava procurar todas as informações com calma e sem que ela me pegasse no flagra, acabando, em alguma ocasião, delatando isso a Diogo. Mas ela não sabia disso, então suas desconfianças comigo, em relação a ser uma cretina mimada, tinha fundamento.

— Pode ficar com elas. São deliciosas, e acho que vai gostar.

A mulher balbuciou um, obrigada, observando-me sair, completamente confusa, e eu segui para o elevador. A próxima parada era o andar da presidência e a sala do meu irmão. Passei facilmente pela segurança que me reconheceu e segui em direção à sala.

A secretária, essa era nova —, graças a Deus Pedro havia se livrado de Natasha — não estava em sua mesa. Devia ter ido cuidar de alguma exigência de Pedro. Os irmãos Santini não eram nada fáceis. Sorri ao imaginar o que as pessoas deviam dizer de nós; não que elas estivessem completamente erradas.

Sem nenhum impedimento em vista, segui para a sala dele. Bati na porta, não obtive resposta. Pedro não estava aqui, verifiquei pela fresta que abri. Mesmo assim, decidi entrar.

Eu raramente venho à Santini. Na verdade, nunca me interessei pelos negócios. Pedro sempre cuidou bem de tudo. Ao andar pela sala ampla, elegantemente decorada e com visíveis toques masculino, fiquei imaginando todo o trabalho que ele tinha para todos os dias, garantir que o nosso patrimônio continuasse a crescer, nos dando uma vida invejavelmente confortável.

Acho que precisava ser bem mais grata a ele, refleti, passando a mão sobre a segunda mesa que antes não tinha visto aqui.

Estranho.

Caminhei até a mesa dele, imaginando como seria se fosse eu a presidir a empresa. Sentei-me na cadeira, testando se ela me passava algum tipo de sensação.

Nada.

Eu realmente não fui feita para esse negócio. Embora Pedro tenha duvidado e receado no início, ele nasceu para ser o rei da selva de concreto. Eu preferia pessoas e o calor humano que elas traziam, do que salas com ar-condicionado e uma planilha cheia de números, como via sobre a mesa dele.

As minhas considerações sobre como o meu irmão era um excelente e brilhante empresário precisariam ser deixadas de lado quando a porta foi aberta.

Fui pega de surpresa com a jovem que vi entrar. Definitivamente, essa não era a secretária nova.

— O que você faz aqui? — O meu tom saiu mais acusatório e antipático do que pretendia.

Realmente estava tomada pelo choque.

— A senhorita é...?

Precisava manter a calma. Pensar rápido e manter as minhas emoções sob controle. Assim, virei a cadeira giratória lentamente, depois me coloquei de pé, indo em direção à jovem bonita.

Ela tinha cabelos escuros, em um corte Chanel, que combinava perfeitamente com o seu rosto de traços angelicais. Era muito bonita, não havia como negar. Ela parecia carregar uma fragilidade, uma doçura natural que há bastante tempo eu perdi.

Era tudo real ou uma encenação muito bem-feita?

— Lúdia Santini — Estendi minha mão em sua direção — Você é Clara Gusmão.

Mordi o canto do lábio ao perceber a gafe que cometi. Pessoalmente, ainda não nos conhecíamos. E ela não devia saber ou desconfiar que eu sabia quem ela era.

Fernando e Pedro diziam que era amante do Diogo, eu não conseguia vê-la assim, mesmo que tenha tido conhecimento sobre nós dois, como ele afirmou a mim ao revelar que o caso que tivera com ela estava acabado.

Eu nunca fui a noiva do Diogo, não no meu coração, assim, Clara não era a amante. Talvez outra garota enganada?

Eu não foquei muito as investigações na jovem, aliás, só a usei para dar a Fernando uma desculpa válida para não terminar com Diogo.

— A assistente do Sr. Santini — ela sorriu e apertou a minha mão com firmeza. Gostava disso — É um prazer conhecê-la.

— Assistente... — eu falei baixinho.

Clara, a que era considerada ex-amante do meu noivo, estava trabalhando com o meu irmão?

Que merda o Pedro estava inventando?

Achei que ele odiasse a garota, assim como desprezava Diogo.

— Ah, claro que sim, como poderia ter esquecido disso? Clara, a assistente do meu irmão. É um prazer conhecê-la também.

Encarei-a cuidadosamente. Notei que isso a deixava desconfortável.

— Ah, desculpe — Soltamos as nossas mãos e ela retomou o ar profissional — Deseja um café? Uma água? O Sr. Santini está encerrando uma reunião, já havia pedido que avisasse ao motorista para deixar o carro pronto, ele iria encontrar a senhorita...

— Lídia. Pode me chamar de Lídia. Eu precisei resolver um assunto no centro — minto sem nenhum remorso — , então, de lá, vim direto para cá. E parece que foi uma ótima ideia. Faz tempo que trabalha aqui?

— Tem algumas semanas.

— Sei. Quantas, mais ou menos?

Na academia, Pedro garantiu a mim que cuidaria de tudo relacionado a Clara e Diogo, quando ele disse tudo, não imaginei que traria a jovem para trabalhar com ele.

Mais do que a necessidade da resposta, precisava entender o que meu irmão cabeça quente estava tramando. A jovem estava prestes a me responder, quando a porta foi aberta bruscamente e Pedro surgiu com uma expressão transtornada.

— O que faz aqui, Lídia? — Seus passos nervosos o trouxeram até mim.

Ele estava nervoso. Mais do que isso, Pedro parecia com medo.

De mim? Ou do que podia dizer à Clara?

— Esta empresa é tanto minha quanto sua — respondi com provocação — Quis fazer uma surpresa e visitá-lo, parece que o feitiço virou contra o feiticeiro, não é verdade?

Dei a ele um olhar que exigia algumas explicações.

Uma das coisas importantes sobre o meu irmão, era que ele não permitia ser intimidado. O que era justamente o que estava fazendo.

— Como chegou aqui? — Ele indagou, segurando o meu braço — Cadê a vovó?

Pedro nunca foi fisicamente arisco comigo, por mais que eu testasse a sua paciência. Nesse momento, ou a presença de Clara, sentia que, se ele pudesse, me arremessaria pela janela.

— Não acordou bem essa manhã — menti novamente, estava quase ficando uma especialista nisso — Como você iria me acompanhar ao médico, disse que ela poderia ficar em casa descansando. Fiz mal?

Ele negou com a cabeça.

Clara, curiosa, acompanhava a interação entre nós e parecia se divertir.

Gostei dela.

Acho que não deveria, mas gostei.

— Já disse que a gente conversa no carro — ele sussurrou em um aviso firme e, sem que eu pudesse protestar, arrastou-me para fora da sala com ele — Clara, eu não retorno hoje. Você está dispensada.

Sim, meu irmãozinho, nós tínhamos muito o que conversar.

— Anda não... — ela tentou dizer algo a ele e Pedro a encarou com impaciência.

— Faça o que eu disse, Srt^a Gusmão.

Não sabia dizer se a forma intensa que ele a encarava era apenas levada pela raiva ou se existia algo mais. Infelizmente, não tinha mais tempo para avaliar com mais profundidade.

— Foi interessante conhecer você, Clara — isso era o mínimo que podia dizer — Espero te ver de novo.

Estranhamente, era verdade. E parecia que o que disse causou ainda mais irritação ao meu irmão.

— Espere um minuto — falei assim que chegamos ao elevador.

Pedro se irritou e me chamou de volta, o ignorei, retornando à sala dele, onde apenas abri uma fresta suficiente na porta para colocar a minha cabeça.

— Ele não é o tempo todo assim — disse a ela, que ergueu o rosto, surpreso, para mim.

— O quê? — indagou, confusa.

— O meu irmão. Não é sempre esse cara ranzinza, que deve estar pensando — revirei os olhos ao imaginar que a realidade devia estar sendo bem pior — Ou vendo todos os dias.

— Ah, eu nunca...

— Claro que, não diria — abri um sorriso para indicar que estava tudo bem — Até logo, Clara. Acho que vamos nos ver muito em breve.

Eu não sei por que retornei e disse todas essas coisas a ela. Às vezes, eu agia por impulso, e dessa vez foi exatamente assim.

Quando me juntei novamente a Pedro, tinha muitos questionamentos precisando serem sanados. Ele tentou buscar respostas para suas próprias indagações, não facilitei em nada.

— O que você está fazendo, Pedro?

Ele acionou a garagem e me puxou para dentro do elevador.

— Pedro?

— No carro — ele foi imperativo — Conversaremos no carro.

Contrariada, fiz o possível para controlar minha impaciência e o segui em silêncio.

— O que a amante do Diogo faz aqui? — indaguei assim que entramos no automóvel — E trabalhando com você? É por minha causa?

— Eu disse que estava cuidando do assunto.

Era só parte da verdade. Um bom mentiroso sabia detectar bem o outro. E Pedro mentia.

— Sei. Essa é a sua maneira de manter o meu noivo longe da amante? Mantendo-a sob a sua vigilância?

— Eles não são mais amantes, estou garantindo isso — ele avisou, desviando o olhar para a janela.

O Pedro não era do tipo que fugia de olhares, ele encarava, desafiava, provocava, nos fazendo querer fugir de seu olhar intimidador.

— Não tem com que se preocupar. Ele não irá sair novamente da linha.

Eu não me preocupava com Diogo, não nesse sentido, já com Pedro...

Sempre quis que ele abrisse o coração, se permitisse se apaixonar por alguém. Que uma garota boa surgisse, desestruturando-o de forma positiva.

Clara Gusmão era complicada demais e tinha uma ligação com o homem que ambos odiamos.

— Não me preocupo. Por que sinto que não me diz toda a verdade, Pedro? Primeiro, Diogo some, agora, aquela garota com você?

Ele voltou a me encarar. Estava se segurando para não perder ainda mais a paciência comigo. E era apenas a minha condição de saúde delicada que o segurava.

— Bem, então estamos empatados — ele acusou, e acho que merecia isso, tenho sido desonesta com ele há tempo demais — Você não me conta as coisas há bastante tempo, não é mesmo, Lídia? Quer falar sobre Fernando, por exemplo?

Desta vez, pega pela pergunta inesperada, sou eu a desviar o rosto contra o vidro da janela.

— Se você fosse diferente, talvez eu me sentisse segura de contar as coisas — consegui sussurrar.

Somos irmãos e não poderíamos nunca sermos confidentes.

Eu sabia que Pedro me amava e eu o amava demais, às vezes sentia falta disso, de sermos amigos que confiam segredos.

— Escuta, Lídia...

— Sabe... — dissemos ao mesmo tempo — Acho que até pode ser bom. Ficar de olho na garota.

Não por causa do Diogo, como seus olhos acusadores me diziam. Não era por ciúmes ou temor que a garota o “roube” novamente de mim. Era que se Clara fosse inocente, e eu sentia que ela era apenas mais uma vítima enganada por Diogo, o meu irmão, estando ao lado dela, a manteria segura.

— Como eu disse, estou cuidando de tudo — disse ele, com a expressão avisando que o assunto estava encerrado.

Ele mergulhou em seus pensamentos e eu me aprofundei nos meus.

Acho que não encontrei nenhuma informação realmente valiosa na sala de Diogo, não podia dizer o mesmo sobre Pedro.

Clara Gusmão.

Por qual razão ela havia entrado em nossas vidas?



Ficamos em silêncio durante todo caminho até o hospital, e permanecemos assim até que o médico retornasse com os exames que fiz.

— Então? Eu tenho quantos meses de vida? — graciei, e isso faz Pedro me encarar com severidade.

A brincadeira não era engraçada para ele. Eu sabia que parecia infantilidade, porém era a minha maneira de lidar com toda essa merda.

— Na verdade, você ter sobrevivido é um grande milagre — disse o médico, dando voz ao que o meu irmão, Fernando e toda a minha família constantemente diziam, e que para mim soava mais como frases motivacionais copiadas de livros de autoajuda — Seja grata por isso. Quanto ao coração, precisa continuar tomando a medicação corretamente. Gostaria de dizer que o quadro está melhor do que a última vez que nos vimos, e, pelo menos, permanece estável. Infelizmente, a sua entrada na fila de transplante é tardia e...

— Desanimadora? — concluí, empinando o queixo.

Eu vou morrer. O meu coração não vai aguentar. Por que, assim como eu fiz, eles não começavam a aceitar isso?

— Competitiva. É mais do que estar em primeiro ou último lugar. Vários fatores influenciam — explicou ele, pontuando com os dedos — Ser compatível com o doador. Condição física. O tempo de isquemia de um coração é 4 horas. Você precisa estar no lugar certo e na hora certa quando um doador surgir.

— O senhor me desaconselha a viajar? — A pergunta foi feita ao doutor, lancei o meu olhar provocativo a Pedro.

Ele tinha sugerido isso em nossa última discussão. Que bancasse a dondoca e fosse esquecer meus problemas, torrando dinheiro em viagens caras.

— De avião, sim, por causa da pressão na aeronave. E também para muito longe. Dependendo de onde estiver o órgão, poderá ser levado via aérea, o melhor é não arriscar.

— Certo — soltei uma risada nervosa — Não será dessa vez que fugirei para as montanhas.

O jeito que Pedro me encarou avisou que estava passando dos limites.

A verdade era que estava irritada e com uma enorme vontade de chorar.

Ele não percebia que perdi tudo?

O bebê. As chances de voltar a ser feliz, e ser feliz com o homem que amo. Além de ter no peito um coração que, a qualquer momento, podia parar.

Tinha a sentença de morte, só não sabia ainda o dia da execução.

A verdade era que estava com medo. Estava com muito medo de morrer.

— Você precisa se cuidar. Aprender a se readaptar à nova condição de vida — O Dr. Toledo, o médico que passou a me acompanhar, me encarou com um olhar muito sério — Sei que é difícil, mas procure evitar emoções fortes.

Bom, doutor, isso estava bem complicado.

— Fale isso para o meu irmão.

Ou para Fernando.

— Se você pudesse parar de agir como... — Pedro suspirou.

Sua vontade era dizer algo duro, mas ele se controlou.

Era difícil para mim essa situação, mas também não era fácil para o Pedro, como não seria para mim, se fosse ele em meu lugar.

— Esse é um conselho para os dois — o médico nos encarou — As estatísticas de homens na sua idade, que vêm infartando, estão crescendo.

— Eu pratico exercícios — Pedro rebateu — Tenho uma boa alimentação e uma vida ativa.

Uma vida bem ativa, pensei comigo.

— E um gênio do cão — não resisti à provocação.

Ele sabia que não podia discordar de mim.

— Não é apenas o sedentarismo que leva ao infarto — continuou o médico — O estresse e a necessidade de diminuir o ritmo também. Já ouvi casos de pessoas desmaiando na esteira.

O doutor Toledo seguiu pontuando os cuidados que Pedro deveria ter, mesmo tendo o estilo saudável que o meu irmão destacou, e ele ouviu, controlando, por educação, sua impaciência.

Depois o assunto voltou a mim.

— Obrigada por tudo, doutor — agradei quando fomos conduzidos à porta, após a consulta.

— Nos vemos em breve, e seja mais confiante.

Quando chegamos ao elevador, Pedro se dirigiu a mim.

— Eu sei que às vezes posso ser...

— Um babaca? — apesar do xingamento, dei um sorriso a ele.

— Parece que todo mundo agora adora me chamar assim — embora contrariado, ele sorri de volta.

— Quem mais chamou o todo poderoso Pedro Santini de babaca? Sério, preciso dar os meus parabéns.

Se eu pudesse fazer uma aposta, arriscaria todas as minhas fichas em Clara. Apesar da aparência angelical, acho que ela era uma garota que sabia se impor quando precisava, e esperava não estar errada. Pedro precisava de alguém com coragem suficiente para fazê-lo ver que não era o rei do mundo, apesar de achar isso.

— Isso não importa, Lídia — ele buscou a minha mão, mantendo-a entre as suas com carinho — O que quero que saiba é que, apesar de muitas vezes eu ser sufocante, tudo o que penso é na sua felicidade. Não

conseguiria suportar alguma coisa acontecendo a você só porque não fui capaz de protegê-la. De ver o perigo.

Não era culpa dele, do Fernando, e talvez nem minha culpa, o que tinha acontecido comigo. Todos somos vítimas de uma mente cruel e gananciosa.

— Você acha que comigo é diferente? — Deslizei a mão pela dele até nossos dedos ficarem entrelaçados — Você foi meu pai e mãe quando mais precisei deles. E só não enlouqueci com o que aconteceu porque você estava lá, segurando a minha mão.

— Então, me deixe continuar a fazer isso. Deixe-me cuidar de tudo.

— Algumas lutas são minhas, Pedro — encarei-o com tristeza.

Por mais que ele tenha tentado, nunca conseguiu me manter longe das dores da vida, e nem eu precisava disso. Do seu apoio e carinho, sim, cuidado exagerado, não.

— Pode ser que eu precise proteger você.

— Exatamente do quê?

— Talvez de você mesmo — afirmei com melancolia.

— Eu te vi naquela cama de hospital e lembrei da mamãe — ele confessou, pegando-me de surpresa. Infelizmente, depois que nossos pais faleceram, ele não costumava se abrir muito comigo, talvez fizesse isso com Fernando e Nick — Os mesmos lençóis brancos, o corpo dela estava gelado. Imóvel. Sem vida.

Eu podia imaginar como ele tinha se sentido na época, e ainda tendo que me proteger dessa imagem traumática que narrava. Reviver tudo isso comigo explicou muita coisa de seu comportamento de agora.

— Eu estou viva, Pedro — emocionada, me joguei em seus braços — Eu estou viva. E estou aqui com você.

E vou ficar enquanto o meu coração conseguir continuar batendo.

CAPÍTULO 39

FERNANDO

Clara Gusmão estava, definitivamente, nas mãos de Pedro, e eu tive uma grande participação para que isso acontecesse, oferecendo um lindo e espaçoso apartamento, em um excelente bairro, para o qual ela e sua família em breve iriam se mudar, agora que haviam perdido seu antigo lar.

O aluguel de um apartamento como aquele custava, em média, seis mil reais. Para alguém como Pedro, seria como entrar em uma loja de doces e comprar balas, para alguém como Clara ou qualquer pessoa de renda moderada, que dependia de um salário modesto para sobreviver, o valor era absurdamente alto.

Sugeri não cobrar o aluguel, tinha muitos imóveis disponíveis. Pedro recusou a oferta, ameaçando, inclusive, procurar outra imobiliária. Eu poderia ceder o apartamento por quanto tempo Clara precisasse, o que o Santini tinha de teimoso, tinha de orgulhoso.

Enquanto Pedro se ocupava da assistente, foquei a minha atenção em Diogo, e para isso, contei com a ajuda de Nick. Na verdade, não sabia como ele ainda não enlouqueceu ou mandou a todos nós para o inferno. Ele vinha tendo que se desdobrar entre meus pedidos de ajuda, as maluquices de Pedro e ainda ter os olhos e ouvidos atentos aos passos de Lídia, na esperança de que, com ele, ela começasse a se abrir mais.

Só que Lídia era escorregadia feito manteiga derretida. Sabia que ela estava se movimentando, que até mesmo conseguiu outro investigador. Além

dos vigias que havia ao redor do prédio de Diogo, monitorando todos os passos dele e dos seguranças contratados por Pedro. A única vantagem que tinha até o momento era que Diogo nem desconfiava que eu também investigava seus delitos, e se avistasse em algum momento algum dos meus homens, acharia que era apenas Pedro em ação.

Também convoquei pessoas da minha confiança para vigiar a casa Santini, principalmente Lídia. Essa era uma situação bem esquisita, todos vigiavam todo mundo e ninguém confiava em ninguém.

Não, isso não era totalmente verdade. Pedro confiava em mim e em Nick, e eu confiava cegamente no ruivo.

— E aí? — ouvi a voz de Nick assim que Pedro abriu a porta para ele — O que tem de tão importante para falar?

Nós fomos chamados à cobertura do Santini, lugar para onde ele geralmente levava as mulheres para suas festinhas — o abatedouro, como Lídia costuma dizer — que agora passou a ser uma espécie de base.

— Sirva-se — Pedro sugeriu, indicando o bar, depois seguiu em direção aos quartos. Enquanto esperávamos que ele retornasse, fui ao encontro de Nick, que preparava um drink.

— Se você não vai beber, O'Connor, por que desperdiçar um bom Jake?

Ele me encarou sem nenhum sinal de aborrecimento. Era preciso tentar muito para conseguir tirar Nick do sério, o que ele conseguia fazer com a gente com relativa facilidade.

— O trabalho que vocês me dão, eu deveria andar com uma garrafa no braço vinte e quatro horas por dia — ele disse, levando o copo à boca e antes de molhar os lábios com a bebida, afastou o copo novamente — E como sabe se bebo ou não? Também anda vigiando os meus passos, Brandão?

Claro que não, ele era presente o suficiente para que eu não precisasse fazer isso. Estava a ponto de dar uma resposta um tanto ácida, quando Pedro retornou, carregando uma caixa.

— Esse aqui — ele retirou duas fotos, entregando uma para cada um de nós — É João Rodrigues. Tem uma admirável e extensa ficha criminal. E...

Enquanto ele colocava outras folhas sobre a mesa, eu analisava a foto em minhas mãos com atenção.

— Possui uma ligação com Diogo — finalizou Pedro.

— Uma ligação com Diogo? — indaguei, sentindo como se todo o sangue correndo em minhas veias estivesse secando — O que você quer dizer com ligação com Diogo?

Infelizmente, o meu pessoal só conseguia vigiar fora do prédio ou quando Diogo recebia autorização para sair, o que só aconteceu uma vez desde que também comecei a investigar.

— É isso que vou descobrir...

— Que merda! — urrei, saltando da cadeira em um pulo.

Busquei as minhas chaves e carteira que havia deixado no mezanino.

— Fernando? — Pedro chamava por mim.

Eu não tinha tempo para lidar com as sandices dele a respeito de Clara Gusmão, toda a minha preocupação estava em Lídia.

— Deixe-o — ouvi Nick dizer a Pedro, alguns segundos antes de sair pela porta — Só fez merda nos últimos tempos. Vai ter que começar a colher as merdas que deixou no caminho.

Não sei se Nick estava falando de mim ou de Pedro. De qualquer forma, nós andamos fazendo muita merda ultimamente.

Assim que eu peguei o meu carro, comecei a dirigir feito um louco. Depois de conectar o celular ao alto-falante do veículo, liguei para o

chefe da segurança.

— Droga! — Soquei o volante ao lembrar que, na pressa de sair do apartamento de Pedro, não trouxe uma das cópias da foto comigo.

— Senhor?

— Bragança? Preciso que me informe se um indivíduo, que vou reportar a você, esteve no prédio de Diogo — avisei a ele — Eu não tenho a foto agora. Vou pedir que Nick envie a você todas as outras informações que tiver. Você tem como anotar o nome?

— Sim, senhor.

— João Rodrigues. Descubra tudo o que conseguir e me mantenha informado.

Encerrando a ligação, voltei a prestar atenção na estrada. O trânsito, como na maior parte das vezes, não ajudava.

Mantenha a calma, era o que tentava dizer a mim mesmo, não surtia efeito algum. Enquanto não encontrasse Lúdia, minha mente, como a minha alma, não teriam um segundo de paz.



Lúdia não estava no quarto, na piscina ou na academia, onde costumava fazer fisioterapia. Com certeza, ela havia aproveitado que avó tiraria um cochilo para dar andamento às suas ideias insanas.

Depois de uma incansável busca pela casa, fui para o escritório, onde deveria ter a procurado logo de início. Ao me aproximar mais e antes de abrir a porta, ouvi a voz abafada, certificando que ela estava realmente ali dentro.

— E ele recebeu alguma visita? Um homem...

— Lídia! — ela se assustou ao me ver entrar.

Escancarando a porta ainda mais, entrei no escritório.

— Depois a gente conversa — avisou rapidamente a quem estivesse falando ao telefone, encerrando a ligação.

— Com quem você estava falando?

Eu podia apostar que era com seu novo investigador.

— Com que direito você invade a minha casa e quer questionar com quem falo ou deixo de falar?

Entendia a irritação dela. Depois da nossa última conversa em seu quarto, quando não consegui fazê-la desistir da ideia absurda de desmascarar Diogo, para evitar novas discussões e briga entre nós, limitei o nosso contato a apenas ligações diárias e mensagens de texto.

Sendo honesto, essa não era a única razão. Quando estávamos juntos, a atração que sentíamos pelo outro sempre ficava à flor da pele. Estar perto dela, reconhecer o desejo que também sentia por mim em seus olhos e precisar manter as minhas mãos e corpo afastados era uma tortura agonizante para mim.

Não sou um animal, só que com Lídia sempre senti os desejos mais primitivos. E agora eu precisava ter tudo de mim focado em pegar Diogo. Só assim teríamos paz.

Então, apesar desses dias estarem sendo como um inferno, me agarrei a essa esperança de que esse afastamento era temporário.

Essa merda ia acabar.

— Com o direito de quem se preocupa com você — afirmei e encurtei a distância, me aproximando dela.

Lídia recuou mais, parando contra a parede.

— Sabia que Diogo está envolvido com um cara barra pesada?

A pergunta a pegou com uma surpresa que ela foi incapaz de conseguir ocultar.

Isso me deixou extremamente enfurecido com ela. Nos riscos que vinha se colocando sem ao menos pensar.

— O meu irmão sabe disso? — indagou, alarmada.

Sério mesmo que era única coisa que a preocupava?

— Pela sua pergunta você já sabia, não é?

Vi-a abaixar a cabeça, incapaz de expressar uma resposta negativa. Lídia tinha ocultado um fato muito importante de mim que poderia custar a sua segurança. Porque Diogo não era apenas perigoso, ele tinha pessoas que seriam capazes de fazer tudo o que ele mandasse.

— Isso não importa agora.

— Você tem que ficar longe do Diogo e tudo o que ele representa — era mais do que um aviso — Ele é mais perigoso do que você imaginava.

— Olha só, eu já tenho um irmão, e ele não é você.

Sua petulância e olhar desafiador esgotaram completamente o resquício de paciência que tinha. Segurando firme os seus braços, a puxei para junto de mim.

Ela estremeceu quando nossos corpos se uniram, e comigo não foi diferente.

— Eu não vou permitir que você se coloque em perigo, Lídia.

Percorri seu rosto com os meus olhos, fixando-os em seus lábios carnudos, deliciosamente vermelhos e entreabertos, prontos para um beijo.

Minha raiva com ela se dissolveu quase que instantaneamente.

— Só que você não tem que permitir nada!

Apesar da eletricidade correndo entre nós, ela me afastou e, frustrado, deixei que ela tomasse o espaço que precisava.

— Por que se importa agora?

Olhava-me friamente enquanto caminhava de costas até a porta.

— Por que se importa agora, quando não ligou em me magoar antes?

Sabia o que ela queria fazer. Usar Suellen e aquele maldito dia como uma barreira entre nós.

— Lídia... aquilo... aquilo foi um erro, e eu...

Foi uma armação, não mudava nada o que aconteceu depois. Infelizmente, dessa culpa acho que nunca vou conseguir me livrar.

— Sei que sempre fui uma garota mimada e cheia de vontades, como você adorava dizer. Que muitas vezes o irritava — As lágrimas corriam por seu rosto, e ela usou as costas das mãos para tentar pará-las — Você não via que era a minha forma de chamar sua atenção, de fazê-lo ver que eu existia. Não a garotinha, a irmãzinha do seu melhor amigo, a mulher que te amava. Eu só queria que me visse. Só me enxergava como o segredinho sujo que queria esconder do melhor amigo.

O que Lídia dizia mexia comigo, não apenas pela forma como ela despejava as palavras que soavam duras, porque era uma angustiante verdade. Eu fui um tolo, agi como um tolo e desperdicei momentos maravilhosos com ela, fugindo do que sentia.

— Você conseguiu isso. Porra, você conseguiu! — Tentei me aproximar, ela recuou mais uma vez. Abaixei os meus braços, derrotado — Eu a vi antes e vejo em cada canto que olho hoje.

Em meu apartamento, na construtora, sempre que entrava em meu carro, todas as vezes que precisava ir à fazenda. Ela estava em cada canto de minhas memórias.

— Eu só conseguia enxergar você, Lídia.

— Engraçado que não foi assim aquele dia, não é mesmo? Eu amava você e isso não importou...

— Amava?

Encurtando a nossa distância, toquei seu pescoço, o seu rosto, deslizando os meus dedos delicadamente em sua pele macia.

— Você ainda me ama, Lúdia — afirmei com segurança.

— Não — Ela estremeceu ao meu toque — Eu não amo.

Seus lábios falavam uma coisa, o corpo me dizia outra completamente diferente.

— É? — Afaguei seu rosto e senti sua respiração pesar tanto quanto a minha — E quando isso mudou, Lúdia?

Porque eu não acreditava em uma única palavra que ela tentava me dizer.

— Quando perdi o meu bebê — A declaração me pegou exatamente na ferida — E você sabe quem foi o culpado.

Eu era o único culpado disso.

— Lúdia...

Isso eu nunca vou conseguir mudar. Como nunca consegui ter a atenção e amor dos meus pais.

— Eu quero que você vá embora! — exigindo isso, ela deu as costas a mim, abrindo a porta.

Ainda me sentia paralisado com a dor que suas palavras causaram em mim.

O acidente.

O bebê.

Tudo o que ela precisava enfrentar agora.

Minha culpa.

— Vá embora, Fernando — Vi-a massagear o peito, indicando que a dor era mais do que a emocional — Você me faz mal. Não percebe?

Você me faz mal.

Era como se facadas fossem cravadas em meu peito.

Você me faz mal.

Ela me fazia feliz. Na alegria ou na tristeza, Lúdia me fazia sentir vivo e amado.

Não!

Eu não deixaria que todas as coisas ruins fossem maiores que nossos incríveis e inesquecíveis momentos bons. O que Lúdia sentia era medo. E era esse medo que a fazia tentar me afastar.

Quando jurei a Nick que lutaria por ela, não estava mentindo. Não irei cometer os mesmos erros do passado, pelas coisas que fui incapaz de evitar.

Vou dizer isso a ela. Se for preciso, amarrá-la na cama até que se convença disso. Recompus-me, determinado a voltar à sala, quando a porta foi novamente aberta e a vi sair, pálida.

— Lúdia? — apressei-me até ela.

— O meu remédio... — Ouvi-a sussurrar fracamente antes de pegá-la em meu colo.

— Onde está?

— Quarto.

Segui para lá o mais rápido que consegui. Lúdia apoiou sua cabeça em meu peito, e não sabia dizer se era apenas um gesto rendido de carinho ou se estava fraca demais para conseguir se sustentar.

— Qual deles? — indaguei, aflito, ao encontrar a caixa de remédios catalogados.

— O quarto da segunda fileira.

Como da outra vez, dei a ela um dos comprimidos e meio copo de água.

— Temos que ligar para o seu médico. Ou melhor, vou te levar para o hospital.

Todas as vezes que ela tinha uma das crises, enlouquecia imaginando que podia perdê-la. E isso me deixava no chão.

— Eu vou ficar bem — ela garantiu, balbuciando fracamente.

Sentei-me ao seu lado na cama. Fiz uma carícia suave em seu rosto, levando-a a fechar os olhos.

— Fique tranquilo. Não é a primeira vez que acontece.

Nem seria a última. Era o que seus olhos carregados de medo queriam me dizer.

Isso reafirmava o que tinha concluído antes.

O medo de Lídia também era o meu e ao contrário dela, agarrava-me à fé e à esperança que nunca senti antes.

Não podia perdê-la.

Eu não irei.

CAPÍTULO 40

LÍDIA

Os dias continuavam a passar rapidamente, comigo as coisas não evoluíam com a mesma velocidade. Continuava com a fisioterapia e as medicações, a combinação dos dois vinha me deixando mais forte, precisava confessar. Só que enquanto a minha saúde ia dando pequenos progressos, a parte amorosa e familiar da minha vida seguiam ladeira abaixo. De um lado Fernando, que me pressionava e não conseguia entender os motivos de lutar contra Diogo, e do outro Pedro, cada dia parecendo se conectar mais emocionalmente à sua assistente, direcionando a mim as consequências de suas ações impensadas, movidas pela vingança.

Eu não tinha a menor ideia de que ele atrairia Clara e dos planos que tinha para ela. E a respeito disso, pelo menos, o meu silêncio não foi proposital, mas tinha de admitir, mentir para o Pedro desde o começo, desencadeou toda essa confusão na qual estávamos enfiados.

Sempre que me recordava do dia que o encontrei no escritório, embriagado, ferido, confuso com o que sentia e não gostaria de sentir, a culpa vinha me batendo forte.

O meu irmão nunca tinha falado comigo daquela forma, nunca tinha me olhado daquele jeito, com tanta mágoa e decepção. Eu o sentia se afastando de mim, e a culpa era exclusivamente minha.

Por isso que, mais do que nunca, não podia afastar-me do meu objetivo, provar que o único responsável por tanta dor e desentendimento era Diogo. Ao contrário de toda a minha confiança inicial, chegar a isso não era uma tarefa tão fácil como pensei. Diogo era tão esperto que conseguia ser frio e calculista. Eu não era assim, Fernando não era assim, Pedro então, nem precisava mencionar. Isso nos dava uma tremenda desvantagem, porque nenhum de nós era uma pessoa ruim e maldosa.

E o fato do meu irmão ter afrouxado as correntes que aprisionavam Diogo, em vez de me ajudar como acreditava, atrapalhava ainda mais. Porque sem o trabalho, ele estava proibido de pisar na S.A., impedido de ver ou entrar em contato com Clara, que neste momento estava na Itália com o meu irmão, e sua atenção estava voltada para mim, a quem ele queria provar amor e devoção.

Ainda faltavam umas semanas para o meu aniversário, e eu, simplesmente, não conseguia esperar até a data para finalmente colocar em minhas mãos as malditas provas dos crimes de Diogo. Assim, idealizei com o detetive Paulo um novo e audacioso plano, que íamos colocar em prática hoje.

Precisava dar certo, repetia em minha mente, enquanto via os números que indicavam os andares no elevador subirem lentamente.

Foram poucas vezes que estive no apartamento dele. A primeira vez foi quando Diogo me trouxe, após ter ficado bêbada no hotel do Nick, e duas outras tentativas, quando tentei organizar jantares, que acabaram em completa frustração investigativa.

Estava nervosa; muito ansiosa era o termo certo. Respirei fundo ao sair do elevador e tentei fazer com que a minha mente, quase em colapso, não perdesse o foco.

Toquei a campainha e aguardei, mantendo os pés ansiosos parados.

— Lídia? — Diogo abriu a porta, e a surpresa que vi surgir em seu rosto era ensaiada como os seus sorrisos falsos que aprendi a identificar — O que você faz aqui?

— Vim visitar o meu noivo, não posso? — Passei por ele, entrando no apartamento antes que pudesse se recuperar do choque e inventar algum motivo para irmos a algum lugar — Além disso, estou entediada em casa. Cansei da companhia dos meus avós. Sempre com o mesmo discurso para mim.

Eu descobri, muito cedo, que bancar a herdeira mimada, cabeça de vento e um tanto burra, era a melhor forma de fazer Diogo acreditar que poderia me manipular. Até o momento vinha dando certo. Ainda não tive a sorte de conseguir desmascará-lo, pelo menos, ele nem desconfiava que sabia bem como realmente ele era.

— Poderia ter me ligado — Ele fechou a porta e se aproximou, tocando o meu rosto, onde fez um carinho — Sabe que teria ido imediatamente até você.

O que sabia era que suas mãos asquerosas em mim me causavam asco, uma repulsa tão intensa que precisei ter muito autocontrole para não regurgitar na cara dele.

Pense no Fernando e no Pedro. Só isso importa.

— Faz tempo que não venho em seu apartamento — disse, fugindo de seu contato, movimentando-me pela sala de forma descontraída, quando na verdade só queria impor entre nós o máximo de distância possível — Você não me trazia muito aqui.

— Bom, você mora em uma mansão incrível — disse ele, abrindo um sorriso tímido e os braços para enfatizar o que destacava — Então...

Se comparada à minha casa, a cobertura de Fernando e até o abatedouro do Pedro, realmente o apartamento de Diogo ficava atrás. Se

ele fosse o cara legal que fingia ser, trabalhador e honesto, nada disso iria me importar, como não importaria a nenhuma mulher. O apartamento de Júlio, dado por seus pais, também era mais simples, tive momentos felizes com ele lá.

— Acho que você merece o melhor, Diogo — afirmei, jogando minha bolsa sobre o sofá e meu corpo em seguida — Depois que nos casarmos, vou exigir ao Pedro que lhe dê um cargo à sua altura. Afinal, a S.A., também é minha. Como o de vice-presidente. O que acha?

Eu notei o efeito que isso causou nele. A forma que seus olhos ambiciosos ganharam um certo tipo de brilho. Ele queria ser o meu irmão, ou melhor, Diogo queria ter o lugar de Pedro. Eu era o único caminho para ele chegar tão longe.

— Gosto do meu trabalho. É um bom cargo — Sua demonstração de humildade e o sorriso acanhado eram totalmente falsos.

Tudo em Diogo soava falso e eu segui nessa atuação.

— Obteve esse cargo por um tempo com o meu pai, não foi?

— Foi há muito tempo e em outra época. Além disso, o seu irmão faz um grande trabalho — Ele se acomodou ao meu lado, sentando-se sobre uma das pernas dobradas — Ninguém é como o grande Pedro Santini.

Não mesmo. E não pelos motivos deturpados que Diogo devia criar em sua mente. Pedro era determinado, inteligente, excelente nos negócios e visionário, também era um irmão amoroso, protetor, um amigo fiel, e por baixo de toda frieza que tentava mostrar às pessoas, tinha um dos corações mais grandiosos que já conheci.

— Bem, há ainda algum tempo para a gente pensar sobre isso — disse em um tom carinhoso — De qualquer forma, queria vir ao

apartamento porque estava pensando se é aqui que irá preferir morar depois que nos casarmos.

— Pensei que ficaríamos na mansão — ele destacou o que deveria ser mais um desejo dele do que o meu.

Confessava que a minha casa tinha grande importância para mim, não por causa do tamanho, do luxo e todo conforto que proporcionava, porque foi o lar dos meus pais. Existiam muitas lembranças bonitas e doces de nossa família.

— Bom. Achei isso também, até saber que o Pedro anda bastante interessado na assistente. E se a relação dos dois avançar para algo mais sério, pode ser que Clara queira morar lá.

— Isso não vai acontecer! — Ele disse, exaltado, e quando notou que perdeu a linha, rapidamente se recompôs.

— Por que não? — Notei que isso mexia com ele o suficiente para não conseguir esconder de mim — Os dois, agora mesmo, estão em um tour romântico pela Itália.

Acho que só existia uma coisa honesta em Diogo, ele realmente tinha sentimentos por Clara.

— O que eu quis dizer é que o seu irmão não é do tipo que se casa, querida. As mulheres entram e saem da sua cama, o tempo todo. Não será diferente com a assistente nova.

— As pessoas mudam, Diogo — Sabia que tinha de agir com mais cuidado, sentia um prazer cruel em provocá-lo com isso, jogar na cara dele que o meu irmão o vencia mais uma vez — Eu achei que Fernando sempre seria tudo para mim, já não enxergo assim. O acidente me fez perceber muitas coisas, e uma delas é como Pedro mudou após isso.

— Bom, com o tempo veremos se você está certa — ele abriu um dos seus sorrisos enganadoramente gentis — Esperamos que esteja. Seu

irmão merece ser feliz.

Sim, ele merecia e isso não dependia de Diogo.

— Quer beber algo? — Ele mudou rapidamente de assunto — Uma taça de vinho? Aquele licor que você gosta?

Se Diogo realmente se importasse comigo, como ele fingia, saberia que eu não podia beber por causa dos remédios.

— Eu gostaria de água — respondi, enquanto fingia conferir o relógio e pegava a minha bolsa — Acabei de lembrar que preciso tomar um dos meus remédios mais importantes. Poderia me trazer um copo?

— Claro, querida — Antes de sair, ele depositou um beijo carinhoso em minha testa e afagou o meu rosto.

Retribuí com um sorriso ensaiado, demonstrando carinho.

Assim que Diogo desapareceu, indo em direção à cozinha, procurei as receitas que havia colocado na bolsa.

— Não sabia se queria natural ou com gás — ele retornou, trazendo um copo e duas garrafas, e ao olhar minha expressão apreensiva, estacou no lugar — Algum problema, Lídia? Está se sentindo bem?

Precisava do meu melhor desempenho para que Diogo acreditasse em mim. E essa não era uma tarefa fácil, como quando usava a voz doce e o olhar lacrimejante, quando queria dobrar Pedro e Fernando.

— Esqueci os remédios — inspirei fundo, levando a mão ao peito, a respiração ficando bem similar de quando realmente tinha alguma crise — Eu preciso tomar o meu remédio.

Reagindo ao que disse, ou pelo menos se vendo obrigado a reagir, ele largou tudo que estava em suas mãos sobre a mesinha e veio ao meu encontro.

— Certo. Vou te levar para casa — disse ele, segurando o meu braço.

— Não! Eu... eu — pressionei a mão sobre o meu peito — A minha casa fica muito longe. Não acho que consiga esperar tanto. Tenho a receita aqui. Você poderia ir à farmácia mais próxima?

Sabia que existia uma na entrada do quarteirão. Diogo não levaria mais do que vinte minutos para ir e voltar, se não tivesse nenhum imprevisto. Acontece que o investigador apenas aguardava o meu sinal para aparecer. Só precisava fazer com que ele saísse de casa.

— Você anda com a receita na bolsa?

Para lidar com alguém como Diogo, era preciso tentar antecipar todos os seus passos, e eu já imaginava que sua desconfiança o faria me perguntar algo assim.

Respirei fundo, fingindo me sentir desnorteada.

— Foi da consulta de ontem — Eu tinha desmarcado um almoço com ele, justamente justificando a consulta que nem mesmo fui, a receita foi entregue pelo meu médico ao motorista — Por sorte, não tirei da bolsa. Diogo...

Mesmo que ele quisesse, não havia por que desconfiar de mim. Sou apenas a garota boba que ele conseguia manipular.

— Vou e volto o mais rápido que puder. Quer se deitar no sofá e ficar mais confortável?

— Posso deitar na sua cama?

Não queria que nenhum cômodo ficasse indisponível a mim, na verdade, para o Paulo.

Diogo me pegou em seu colo e me levou para o quarto. Deitou-me com cuidado na cama e analisou o meu rosto, que eu fingia contorcer de dor.

— Lídia, talvez seja melhor...

— Vou ficar bem. Só preciso dos remédios.

— Tudo bem...hum... mantenha o telefone perto de você. Ligue imediatamente, se sentir-se pior. Devo voltar em uns quinze minutos.

Assenti e o assisti com olhar grato, até que ele saísse do quarto. Aguardei por volta de um minuto, caso ele retornasse por esquecer alguma coisa, por exemplo.

Sem nenhum sinal de movimento pelo apartamento, levantei-me da cama rapidamente e segui até a sala, abrindo uma pequena fresta na porta para olhar o caminho que dava ao elevador.

Soltei o ar, aliviada. Até aqui tudo seguia como o planejado. Enviei uma mensagem a Paulo, dizendo que ele já podia subir. Tinha mais ou menos um mês que havia um apartamento alugado para ele, para com isso facilitar sua entrada e saída do prédio.

Embora a pessoa contratada para reter Diogo fora de casa, o máximo possível, soubesse o que devia fazer, ainda lutávamos contra o tempo.

Comecei a andar nervosa pela sala, quando a campainha tocou.

— Finalmente você chegou, achei que... — Minha voz morreu quando vi que em minha frente não estava o meu detive.

Droga!

Que merda ele estava fazendo aqui?

FERNANDO

Alguns dias antes

Andar de um lado a outro e verificar o relógio a cada minuto não estava ajudando em nada, eu simplesmente não conseguia controlar a minha ansiedade.

— Vou precisar de um carpete novo, se você continuar assim — provocou Nick, que ao contrário de mim, conseguia manter a mente ocupada com um joguinho de celular — Ou de uma clínica psiquiátrica.

— Você não acha que ele está demorando demais, Nick? — Parei de caminhar apenas porque queria encará-lo ao ouvir sua resposta — Não é estranho demais? E se Diogo desconfiou de tudo? Se ele...

— Fernando! — Nick jogou o telefone em uma almofada no sofá e se levantou — Gerald foi muito bem recomendado para o serviço. E embora ele não vá invadir a Casa da Moeda, ainda assim é um cofre. Ele precisa ter cuidado e tempo.

Sabia que Nick tinha razão e eu estava nervoso. Se o homem for bem-sucedido e as desconfianças de Lúdia se provarem verdadeiras, tendo dentro daquele cofre informações que incriminariam Diogo, essa guerra insana acabaria hoje.

— Talvez, se você... — comecei a dizer quando vi seu olhar mortal, calei-me rapidamente.

Apesar de não ter dito nada, pelo menos agora, Nick tinha razão. Enviar mensagens a Gerald, indagando a que passo andava seu trabalho, apenas o atrasaria mais. Precisava ter paciência e esperar.

Queria poder ligar para Lúdia e colocá-la a par do nosso plano sendo executado hoje, conhecendo-a bem, sabia que iria se meter e complicar mais as coisas. Quando tudo isso acabasse, irei diretamente até ela, dizer pessoalmente que estávamos livres, todos nós. E finalmente íamos poder ficar juntos como deveria ser.

Nick retornou ao seu jogo, e eu, claro, segui andando de um lado a outro da suíte dele.

Desde que descobrimos que meu apartamento tinha escutas em vários pontos, nossa base de encontro passou a ser aqui. Eu quis arrancar e quebrar cada um dos microfones que encontrei, Nick me fez enxergar que fazer isso só alertaria Diogo, e a intenção era que ele não desconfiasse que estávamos na cola dele.

Também não passei essa informação a Pedro, principalmente porque ele estava indo para a Itália com Clara Gusmão. Ainda achava seus planos absurdos, não queria dar mais um motivo de preocupação a ele.

Já estava a ponto de ter um ataque nervoso, quando a campanha finalmente tocou. Cheguei à porta antes de Nick, e assim que a abri, arrastei Gerald para dentro. Ele carregava a pasta que o vimos sair daqui, e nada mais. Esperava que tudo o que precisássemos estivesse dentro dela.

— E então? — indaguei, impaciente — Conseguiu as provas?

Ele encarou Nick primeiro. Acho que minha cara fechada não era nada acolhedora. Não era proposital, estava realmente nervoso.

— Para dizer a verdade — ele ergueu os braços em sinal de desculpa — Eu nem consegui abrir o cofre.

— Como é?! — Nick e eu dissemos ao mesmo tempo.

O homem nos encarou, um tanto intimidado, e pareceu pedir desculpas com o olhar. Seus serviços não foram nada baratos. Que ele não encontrasse provas, tudo bem. Eu contava com a possibilidade de Diogo as ter removido para um local mais seguro, nem ter conseguido abrir o cofre era inadmissível.

— Senhor Brandão. O'Connor. Essas coisas são mais complicadas do que vocês imaginam.

— Pensei que tinha dito que ele era um especialista, Nick — Virei-me para o meu amigo com um olhar acusador.

— E ele é. Quer deixar o homem falar, Fernando?

— Esse cara — Gerald iniciou, se referindo a Diogo — Usa um tipo de codificação e segurança modernos. Ele tem um sinal de alerta que, qualquer tentativa que não seja certa, a mensagem é enviada diretamente a ele, alertando sobre a tentativa de invasão.

Droga!

O desgraçado do Diogo não dava ponto sem nó. Se ele queria tanto proteger as informações, ou seja, lá o que tivesse nesse cofre, provava que Lúdia tinha razão.

— E o que faremos agora?

— Preciso de um pouco mais de tempo. Conheço umas pessoas que trabalham com isso e podem me ajudar a abrir o cofre sem deixar sinais ou emitir um alerta de segurança.

— Quanto tempo? — indagou Nick.

— Algumas semanas...

— Semanas? — encarei-o furioso, antes que chegasse até ele, Nick me parou, espalmando a mão em meu peito.

— Talvez menos. Preciso viajar. Encontrar esses caras. Vou fazer o melhor para que seja rápido.

Em breve seria o aniversário de Lúdia. Eu queria ter essa situação resolvida antes disso. O simples fato de que ela se colocava em perigo, em busca da verdade, estava tirando todas as minhas noites de sono.

Afastei-me do homem e fui até a janela. Deixei que Nick cuidasse de todos os detalhes com ele. A frustração e um sentimento estranho, que vinha carregando no peito desde que essa história começou, me corria.

— A gente está chegando perto, Fernando — Nick tocou o meu ombro — Não se deixe abater por isso.

— Não é você que está sendo obrigado a ficar longe da mulher que ama — disse em um tom derrotado — Espero que nunca precise enfrentar isso, Nick.

— Não acho que vou ter tempo de me apaixonar — Quando o encarei, querendo saber exatamente o que ele queria dizer, sua atenção voltou para a janela, onde estive olhando a cidade.

Nick era um cara com bastante segredos?

Ele confiaria em Pedro e em mim o bastante para se abrir com a gente, caso precisasse?

O que O'Connor não estava nos dizendo?

CAPÍTULO 41

LÍDIA

Não tinha tempo de lidar com Fernando agora, pela expressão furiosa em seu rosto, vi que ele não me daria alternativa.

— Está fazendo o que aqui, Fernando?

— Eu que faço essa pergunta. O que você está fazendo aqui?

Respirei fundo e me afastei da porta para que ele pudesse entrar.

— É o apartamento do meu noivo — respondi com dissimulação, e foi impossível deixar de observar como citar o status de meu relacionamento com Diogo o deixou ainda mais irritado — Vim visitá-lo.

Sua expressão endureceu mais, em uma prova de que não acreditava em nada do que eu dizia a ele. Podia até ser muito boa em mentir e esconder coisas do restante do mundo, Fernando me conhecia bem demais, ou talvez fosse eu que estivesse cansada desse jogo.

— Eu disse que se você se colocasse em perigo... — iniciou ele, dando dois passos largos em minha direção para dentro do apartamento.

— Eu não tenho tempo, Fernando.

Tanto para essa discussão ridícula, como para fazer o que vim buscar aqui.

— Se não vai ajudar, então pode ir embora.

Dei as costas a ele, e em alguns segundos senti suas mãos firmes segurarem o meu ombro, fazendo-me virar para ele novamente.

— O que pensa que está fazendo, sua tonta?

Se eu pudesse descrever o olhar de alguém prestes a matar uma pessoa, poderia facilmente usar o de Fernando como inspiração.

— Não me chame de tonta, seu... seu... — Queria xingá-lo das piores coisas possíveis, nada vinha à minha mente — Imbecil!

Imbecil era uma boa palavra para defini-lo nesse momento.

Como era incrivelmente lindo e o único homem que fazia com que cada parte do meu corpo ardesse como se eu tivesse febre.

Nos encaramos com raiva. Eu porque sempre ficava frustrada quando ele me colocava nessa posição de donzela precisando ser salva, e acho que ele por eu recusar a ficar nesse papel.

Entendia as suas preocupações, entendia de verdade, eu só queria que ele compreendesse que em todos os riscos que me coloquei era por nós, por ele. Para que tudo ficasse bem.

— Ei, pessoal?

Paulo, que finalmente surgiu, posicionou-se entre nós e ergueu o seu telefone.

— Acho que não temos tempo para discussões. Recebi o alerta que Diogo está retornando.

Merda!

Outra vez, uma grande oportunidade escapava dos meus dedos e a culpa era toda de Fernando.

— Faça alguma coisa, Paulo.

— Como o quê?

— Sei lá. Invente outra batida. Ainda nem começamos a procurar.

Para fazer com que Diogo ficasse alguns minutos longe de seu apartamento, eu tinha contratado uma pessoa para provocar um pequeno acidente de carro com o dele. Nada grave que deixasse feridos ou levasse alguém para o hospital, que o obrigasse a gastar tempo resolvendo isso.

Também teria alguém na farmácia, causando um desagradável mal-entendido que retardasse a compra da medicação.

Tudo cronometrado para que Paulo e um ajudante conseguisse abrir o cofre dentro do tempo estabelecido.

— Lídia, você sabe o quanto isso é perigoso? — Fernando alertou, agora agarrando firme o meu braço.

— Não importa! — Tentei me desprender dele, mas eu não consegui — Preciso saber o que tem lá dentro, Fernando.

Sua expressão, de repente, mudou. Já não era mais a furiosa de quando chegou, visivelmente angustiada.

— O cofre não pode ser aberto. Tem algum tipo de proteção que avisa o Diogo imediatamente a qualquer tentativa.

Encarei o meu detetive, indagando com o olhar se ele sabia dessa informação. Tudo o que ele fez foi erguer os ombros em sinal de desculpas.

— Como você sabe disso? — indaguei, voltando a minha atenção a Fernando.

A resposta veio antes mesmo que ele precisasse responder.

— Tentamos fazer isso há alguns dias.

— Tentaram?

— Nick e eu contratamos um especialista.

— Por que enfiou Nick nessa história? — indaguei, zangada.

— Talvez porque ele seja nosso amigo e no momento, a única pessoa que confio?

Nick tem sido nosso protetor, ele tem suas próprias questões a resolver, e se tivesse sido honesto com Fernando sobre suas próprias guerras, tenho certeza de que seria poupado dessa confusão que a cada dia nos afundávamos mais.

— Ele precisa... — calei-me rapidamente ao perceber que falaria demais.

Não podia quebrar a confiança que o ruivo depositou em mim, revelando o que ele não queria que ninguém soubesse.

— O que Nick precisa? — indagou Fernando, desconfiado.

— Ter paz. A gente já o envolveu demais em nosso pequeno drama.

Vi em seu rosto que a minha explicação não o convencia.

— E você está me fazendo perder tempo — retornei o meu olhar ao detetive — Se não podemos olhar o cofre agora, talvez ainda possa ter alguma pista no apartamento.

— Não tem, Lídia! — Fernando se pronunciou, exasperado — Já olhamos cada centímetro aqui. Escuta. Você tinha razão, as provas podem já nem estar mais dentro desse cofre, e alertar Diogo poderá colocar tudo a perder.

Ao usar as minhas próprias palavras contra mim, Fernando sabia que não havia como eu refutar isso, até porque existia mesmo essa possibilidade. Eu não conseguia acreditar que tinha chegado tão perto para ter que recuar novamente.

— A gente precisa ir embora antes que ele volte — disse ele, puxando-me pela mão.

— Não. Eu vou ficar aqui.

— Você não vai, mesmo — Fernando me encarou, muito sério, e eu vi em seu olhar determinado que, se fosse preciso, me arrastaria pelos cabelos — E se insistir nisso, saiba que vou ficar junto.

Não era pirraça minha apenas para contrariá-lo, como ele deveria estar pensando. Cada passo nosso em relação a Diogo precisava ser minuciosamente bem pensado.

— O que vou dizer quando ele voltar e não me encontrar aqui?

Podíamos definir Diogo de várias maneiras, contudo, burro ele não era.

— Pensamos nisso depois — avisou Fernando, e antes que eu pudesse retrucar, me arrastou para fora do apartamento em direção ao elevador — Não vou deixar que fique aqui sozinha com ele.

Olhando a situação friamente, também não desejava isso. Apenas imaginar Diogo querendo agir romanticamente comigo, feito um noivo carinhoso e devotado, esperando que eu retribuísse suas investidas, causava-me enjoos.

— Tudo bem — deixei que ele me guiasse e vi Paulo bater à porta do apartamento, juntando-se a nós alguns instantes depois.

Tentei reorganizar a minha mente, quais seriam os meus passos a seguir e era muito difícil conseguir me concentrar tendo Fernando ao meu lado no elevador minúsculo e sua mão envolvendo a minha cintura.

O cheiro dele, o calor que seu corpo transmitia ao meu. A sua presença, sempre tão marcante, deixava-me fraca.

— Paulo, a gente conversa depois — avisei ao detetive quando chegamos ao estacionamento — Finalize todos os detalhes, por favor.

Pelo que conhecia de Fernando, ele só iria sossegar quando eu estivesse em casa, preferencialmente na cama e debaixo das cobertas, como uma menininha obediente.

Ao mesmo tempo que seu jeito dominante me irritava, uma parte em mim se comovia ao ver o quanto ele se preocupava comigo.

Mesmo com todas as coisas que já disse, as acusações injustas que fiz para tentar afastá-lo, ainda assim ele continuava aqui, protegendo-me contra tudo e todos.

— Bom, acho que é isso, afinal — murmurei a Fernando, indo em direção ao meu carro — Ninguém saiu ferido. É o que importa.

Segui em direção ao meu carro, onde o motorista estava de prontidão, antes que eu pudesse dar alguma ordem a ele, Fernando se manifestou por mim.

— Pode deixar. O meu carro está lá fora e eu vou levá-la.

Ele me conduziu, e tudo o que consegui fazer foi o observar, completamente muda.

Entramos no veículo esportivo calados. Depois que ele verificou se o cinto estava devidamente fixado em meu corpo, cuidou da sua própria segurança, partindo em seguida, cantando os pneus. Assim que Fernando fez uma curva no final da rua, avistei o carro de Diogo passar do outro lado. Mantive-me muda, rezando para que ele não tenha visto o nosso carro também.

Foi por muito pouco.

Agora seria uma questão de alguns minutos até o meu telefone tocar.

— Diogo? — atendi-o assim que ouvi o som da chamada.

Fernando fez um sinal para que eu colocasse a ligação para que ele pudesse ouvi-lo. Apesar de revirar os olhos para ele, atendi ao pedido.

— Em que inferno você se meteu, Lídia?

A forma como ele falava comigo fez a expressão de Fernando endurecer um pouco mais. Se Diogo estivesse diante de nós, com toda certeza levaria um belo murro na cara. Agradecia por já estarmos a quilômetros de distância.

A reação de Diogo não me incomodava, apesar de me surpreender um pouco. No passado, notei várias vezes quando o meu comportamento de herdeira fútil e mimada o incomodava, em todas elas, Diogo controlava a irritação, não me recordava nenhum momento que ele tenha perdido a paciência como agora.

— Estou indo para casa. Você demorou demais — falei de forma voluntariosa e cheia de birra.

— Acabei me envolvendo em um acidente de trânsito — explicou ele.

— Acidente? — fiz a minha melhor versão de noiva preocupada — Você está bem?

— Ninguém saiu ferido. Foi apenas um aborrecimento. Voltei para casa assim que consegui, você não estava lá.

— Decidi voltar para casa e tomar os remédios que tenho lá. Você sabe que não posso ficar sem eles, Diogo.

Ouvi-o respirar fundo do outro lado. Ele estava muito descontente comigo, e pelo visto com o tempo que o fiz perder.

— Se está bravo...

— Não. Claro que não, querida — a última palavra fez com que Fernando pisasse desnecessariamente no freio, e nós dois fomos levemente jogados para frente.

Virei para ele, assustada, que pediu desculpas com o olhar.

— Só achei que poderíamos pedir um jantar e passar um tempo juntos — continuou Diogo, no tom carinhoso que todo homem apaixonado costumava ter — Fiquei decepcionado em não vê-la aqui.

Ainda observando Fernando com atenção, notei como os seus dedos se fecharam ainda mais rígidos em torno do volante.

— Podemos marcar algo amanhã. Um almoço em casa, talvez?

Em minha casa, podia usar como desculpa a presença dos meus avós, para poder minar qualquer tipo de aproximação íntima que ele quisesse forçar entre nós.

Porque, diferente da outra vez que só fingíamos ter uma relação, agora o fiz realmente acreditar que queria tentar um futuro, ou o que me

restava de futuro, com ele.

— Tudo bem. Avise quando chegar em casa.

Depois que a ligação foi encerrada, demorei um tempo para encarar Fernando. Sabia como minhas interações com Diogo o feriam, mesmo que agora soubesse que tudo fazia parte de um show. E consegui entendê-lo, porque se fosse o contrário, ele com Suellen, por exemplo, bancando o casal romântico, eu ficaria arrasada.

Assim, mantive-me silenciosamente com os meus pensamentos, deixando-o com os deles, até perceber que o caminho que ele seguia não levava para a minha casa.

— Por que estamos indo para o seu apartamento?

Ele não desviou os olhos da estrada antes de me responder.

— Acho que é o mais seguro.

— Eu não acho, Fernando.

O apartamento dele me trazia lembranças demais, recordações que não sei se era capaz de lidar. Desde meu acidente nem mesmo passo por perto.

— Eu acho e vamos para lá.

A menos que eu abrisse a porta do carro e saltasse feito uma maluca, não havia nada que pudesse fazer. Apenas cruzei os braços e mantive a minha atenção voltada para a janela ao meu lado, sem realmente olhar o que ia passando diante dos meus olhos.

Que Deus me ajudasse, pois eu achava que essa seria a maior prova de resistência que já passei até aqui.

FERNANDO

Sabia que contrariar Lúdia e levá-la ao meu apartamento, ignorando a vontade dela, não era a melhor forma de agir, só que eu não queria ou conseguia fazer diferente.

Desde que o segurança ligou, avisando que ela estava no bairro de Diogo, provavelmente indo em direção ao apartamento dele, peguei a chave do carro e saí o mais rápido que consegui.

Desliguei o carro e encarei Lúdia pela primeira vez desde que encerramos nossa discussão de alguns minutos atrás.

Antigamente, para provocá-la, costumava dizer que ela não passava de uma garotinha irritantemente mimada. Ainda assim, mesmo visivelmente irritada, com as bochechas rubras, os braços cruzados contra o peito, não consegui achá-la menos do que linda.

Antes que eu fizesse algo impensado, como puxá-la para o meu colo e beijá-la com todo desejo que sentia, saí do carro, dando a volta nele.

Abri a porta e aguardei que ela descesse, o que não aconteceu no minuto seguinte, em vez disso, a teimosa manteve o olhar fixado no painel à sua frente.

— Desça do carro, Lúdia.

— Não. Você me trouxe à força, e não é porque não fiz um escândalo naquele momento, que concordo com tudo o que vai me dizer.

— Desça do carro.

A única resposta que recebi desta vez foi o silêncio, enquanto ela insistia em não olhar para mim.

— Muito bem — murmurei com toda calma, abrindo mais a porta antes de me inclinar sobre ela — Você pediu por isso.

Ouvindo os seus gritos e xingamentos, agarrei sua cintura, colocando-a sobre o meu ombro.

— Fernando! — Os seus socos em minhas costas não surtiram efeito algum — Me coloca no chão.

A ladainha continuou até que saíssemos do elevador e seguíssemos até a porta, onde digitei o código de segurança.

— O que...

O apartamento ficava no mesmo prédio, essa, definitivamente, não era a minha cobertura.

— Há escutas no meu apartamento, não podemos ir para lá.

— Escutas? — Seu olhar chocado com o que revelei a ela se dividiu entre mim e o que conseguia enxergar às minhas costas — Foi o Diogo.

Assenti.

— Então por que você não...

— Tirá-las de lá deixaria Diogo intrigado. E assim como você faz, preciso que ele continue achando que estou no escuro sobre ele.

Movida pela curiosidade, ou até mesmo pelo choque, Lídia caminhou para dentro, e eu aproveitei para fechar a porta rapidamente.

— Ele esteve nos vigiando até agora? — Vi o horror e a revolta começarem a surgir em seu rosto.

Sabia o que estava se passando na cabeça dela. Nós tivemos momentos muito íntimos ali, e não me referia apenas ao sexo. Era o único lugar, além da fazenda, que podíamos ser nós mesmos e viver nossa relação sem esconder das pessoas os nossos verdadeiros sentimentos. Saber que mesmo que, mesmo remotamente, Diogo estivera conosco, tornava tudo profano.

— Ainda não sei exatamente quando isso começou. Acredito que seja há mais tempo do que podemos imaginar.

Enquanto Lília ainda assimilava tudo o que eu dizia, tirei o meu terno, desabotoei as mangas da camisa presas ao meu pulso e as arregacei até os braços. O seu olhar atento acompanhava cada um dos meus movimentos, e notei como eu mexia com ela.

Isso era bom.

— Então — ela murmurou, respirando fundo — Aquele dia que cheguei em seu apartamento e Suellen estava lá...

Eu me lembrava bem de que ocasião ela estava se referindo. Tivemos uma das nossas piores brigas, e o relacionamento estava estremecido por ciúmes e falta de confiança mútua.

— É bem possível. Eu lembro que, naquele dia, antes de você chegar e a Suellen me beijar — citar essa lembrança fez o rosto dela se retorcer em mágoa — Vi que ela recebeu uma mensagem. Provavelmente era Diogo, avisando de sua chegada.

O que reafirmava a teoria de que ele e Suellen estavam ou estiveram unidos no mesmo objetivo: me separar de Lília.

— Eu o odeio! — Seus olhos lacrimejaram, contudo ela se manteve firme — Odeio como nunca odiei ninguém.

Apesar de compartilhar dos mesmos sentimentos de Lília, não queria que ela se sentisse assim. Desejava que em sua volta ela fosse coberta apenas de felicidade e amor.

— Amor — Dei os passos necessários que me colocaram diante dela — Termine com Diogo, pelo motivo que escolher. Vá para a fazenda e deixe que eu cuide de tudo.

Por um instante, vi o brilho da hesitação em seus olhos, assim como surgiu, foi embora, e seu queixo altivo ergueu-se para mim.

— Disse que eu teria até o meu aniversário — acusou, me relembrando do acordo — Você prometeu, Fernando.

Nos encaramos duramente. Era uma guerra de titãs, onde nenhum de nós dois iria ceder completamente. E de certa forma, eu a entendia. Além do que sentíamos, estávamos unidos pelo desejo de proteger um ao outro e derrotar Diogo nessa guerra.

— Tudo bem — passei a mão no cabelo, exasperado — Vou cumprir minha promessa. Terá até a sua festa de aniversário, para seguir nessa farsa ridícula.

Até porque, esperava, bem como precisava, que essa situação estivesse resolvida até lá e que Lídia não se colocasse ainda mais em risco, jogando com aquele crápula.

Ela respirou, aliviada, e eu tentei controlar a minha irritação. O que Lídia tinha de determinada, tinha de teimosa.

— Agora que esclarecemos tudo, pode me levar para casa.

— Não.

— Não? Por que não?

Por quê?

A começar, que não teria um minuto de paz imaginando se ela estaria bem ou se Diogo faria uma visita surpresa. Depois, porque desde sua saída do hospital, essa era a primeira vez que a tenho comigo, sem a ameaça de nada ou alguém se colocar entre nós.

— Porque você já está aqui e não faz sentido fazermos essa viagem até a sua casa.

— E os meus remédios?

— Sei que tem todos eles em sua bolsa — aponte o objeto que ela prendia com força contra o corpo — E mesmo que não fosse assim, tenho cada um deles lá no quarto.

Após descobrir sobre a escuta, providenciei esse lugar para que pudesse ter encontros seguros com Nick e Gerald, além do hotel. Eu

cuidei de todos os detalhes, inclusive para as visitas de Lília, de forma voluntária ou não.

— Eu sugiro que você fique confortável, querida.

Normalmente fosse com uma voz mansa, adocicada ou movida pela teimosia, Lília conseguia de mim o que quisesse.

Eu, um cara que teve inúmeras mulheres e incontáveis realizações sexuais, tinha me tornado, nas mãos dela, um cafajeste regenerado. Porque ela foi a única que fez nascer em mim o maior e mais nobre dos sentimentos: o amor.

Desta vez, não iria me ajoelhar às suas vontades, não iria ceder, e ela sabia bem disso.

Vendo que dessa vez, pelo menos, eu a tinha vencido, assisti-a jogar a bolsa sobre o sofá e começar a andar pela sala, notando detalhes que não tinha prestado atenção antes. Como os porta-retratos com fotos nossas espalhadas pelos móveis e os quadros com várias imagens nossas na fazenda. Um deles chamou sua atenção, fazendo-a parar. Era uma foto dela com Esperança, quando a égua ainda era apenas um filhotinho recém-nascido.

— Tudo isso — Sua voz, assim como o seu rosto estavam visivelmente emocionados.

— Somos nós. Um pouquinho de tudo o que fomos e ainda podemos ser.

— Fernando... — quando ela me encarou, vi o quanto isso mexeu com ela.

Dei dois pequenos passos em sua direção, ela cobriu o rosto com as mãos e se afastou correndo. Foi instintivamente em direção aos quartos. Fiquei parado no lugar, sem saber como devia agir.

Decidi que o melhor era dar tempo para que ela conseguisse lidar com tudo o que viu. Sabia o que se passava no coração de Lília, ela tinha a ideia errada e absurda de que não era mais ou poderia ser o que eu preciso. Estava enganada, porque ela era simplesmente tudo.

Tudo



Não sabia dizer exatamente quanto tempo se passou, quando desviei o olhar da foto que peguei e dei uma pausa na avalanche de lembranças, percebi que já estava ficando escuro.

Pronta ou não, segui até ela. Encontrei-a no primeiro quarto, e assim como eu, tinha uma foto nossa em seu colo, onde distraidamente passava os dedos no vidro.

— Já está escurecendo — avisei para chamar sua atenção — Se estiver com fome, podemos pedir algo para comermos.

Não havia olhar magoado e nem zangado quando ela olhou para mim. Em vez disso, vi em seu rosto algo que faz tempo que não conseguia encontrar: paz.

— Eu posso cozinhar, se você não se importar.

Para Lília, cozinhar era como um gesto de amor. Ela aprendeu isso com o avô dela, então embora pudesse facilitar nossa vida, pedindo comida de algum restaurante, apenas concordei com ela.

Ela se levantou, deixando o retrato na cama, e eu a segui até a cozinha. Quando entramos nela, rapidamente mostrei onde estavam as compras, as louças e tudo o que achava que ia precisar.

— Macarrão à bolonhesa — avisou ela, colocando os ingredientes na mesa — Tudo bem para você?

Era o meu preferido. Como um menino assistindo a mãe fazendo a sobremesa preferida, ocupei um banco alto enquanto a via iniciar os preparativos para o jantar.

Foi como voltar no tempo, a alguns dos nossos momentos. As vezes que ela cozinhava em meu apartamento, na fazenda e até mesmo na casa dela.

— Tem falado com o Pedro? — Ela indagou, e sua pergunta me pegou de surpresa — Ele tem mandado notícias para você da Itália?

Eu tinha falado com ele assim que chegou na Itália e descobriu sobre os desvios de dinheiro feito na Santini, impressionantes remessas nas casas dos milhões. Pedi a ele que tentasse convencer Lúdia a ir para a fazenda comigo, pelo visto, teve o mesmo resultado que eu. E liguei novamente um pouco antes de entrar no prédio de Diogo. Foi com a ajuda dele que consegui entrar no prédio. Não expliquei exatamente o que estava acontecendo, apenas que sua irmã estava se colocando em risco mais uma vez. Acho que Clara estava com ele, pois não exigiu, no momento, muitas explicações.

— Mais por mensagem. Acho que Nick fala mais.

— O que acha da assistente nova, a Clara? Você sabe quem ela é, não é?

Entendia perfeitamente essa repentina curiosidade de Lúdia e no momento não podia passar as informações que ela desejava.

— O Pedro vai ficar de olho nela, e isso que importa.

— Não sei... Era só um fim de semana, e eles estão lá mais do que isso — ela fez um sinal para que esticasse a mão e depositou uma pequena

quantidade de molho para que eu provasse — Eu acho que Pedro anda de olho um pouco demais, você não acha?

— Eu espero que não, ou...

— Ou o quê?

Se Pedro estiver se envolvendo emocionalmente com a garota, mais do que ele se atrevia a admitir, isso poderia se tornar um grande problema para ele, quando ela descobrisse quais foram os reais motivos de ele ter se aproximado dela e tudo o que fez até agora.

— Sabe o que acho? — Levei o molho à minha boca e o sabor delicioso explodiu em minha língua — Eles são adultos e nós já temos os nossos próprios problemas.

Lídia abriu e fechou a boca como se estivesse prestes a dizer alguma coisa, desistiu no último segundo.

— Aquilo está muito bom — apontei o molho fervendo na panela, e minha empolgação a fez rir — Já disse que você poderia trabalhar com seu avô no restaurante ou abrir o seu próprio, se quisesse.

Ela voltou para a panela onde estava o macarrão, jogando o excesso de água na pia.

— Já pensei em trabalhar com o *nonno*. Na pausada com Zia Nina ou mesmo na Santini, acho que quero trabalhar com as pessoas — ela se virou para mim — Ajudando-as de alguma forma, sabe?

Isso não me surpreendia. Cuidar de quem ela ama ou ajudar todos que precisavam, sempre que estivesse ao alcance disso, era algo natural em Lídia. A vida deu e ainda dava muitas pancadas nela, apesar disso o seu coração continuava bom. Isso só me fazia amá-la cada vez mais.

— Como uma fundação? A fundação Santini.

Pela primeira vez desde que nos encontramos hoje, vi o sorriso surgir em seu rosto.

— E poderia ser em homenagem aos meus pais. Acha que Pedro concordaria?

Precisando pagar seus pecados como ele estava, acho que concordaria com qualquer coisa. Além disso, antes da tragédia que acometeu sua família, Pedro fazia viagens com ações voluntárias.

— O Pedro faria qualquer coisa que você pedisse, Lídia.

— Antes achava que sim — seu semblante ficou triste e fui até ela, segurando o seu queixo — Hoje já não tenho tanta certeza.

— Se ele não fizer, eu faço. Não apenas por você, porque eles foram como pais para mim.

Nos encaramos, emocionados.

Não importava o que acontecesse, sempre teríamos essa ligação.

— Hum... — ela pigarrou e ligeiramente escapou do meu toque, voltando a se concentrar no fogão — A comida já está pronta, pode arrumar a mesa?

Minha mão ficou no ar, exatamente onde o queixo dela esteve. Apesar da frustração inicial, no fim, consegui sorrir.

Pode fugir, Lídia, a noite estava apenas começando.

A comida, apesar de simples, estava muito gostosa. Sentamo-nos de frente um para o outro, e a conversa ficou em um campo calmo e seguro para nós dois. O que ela gostaria de fazer, se a ideia de criar a fundação realmente acontecer.

— Ajudar estudantes, cientistas, pessoas que também queiram contribuir com algo no mundo, e também — ela levou a última garfada à boca enquanto falava com empolgação — os economicamente desfavorecidos. Acho que vou começar por aqui. Você podia ajudar, vendo um bom local para a sede também.

Era assim que sempre queria vê-la. Empolgada, apaixonada pela vida e feliz.

— Tem algo muito mais importante que quero fazer agora — avisei ao me levantar da mesa e ir até o equipamento de som, fazendo a música romântica soar pela sala.

Voltei para ela, e ao parar em sua frente, estiquei a minha mão.

— Dança comigo?

Seu olhar foi de mim para a minha mão estendida, esperando o convite. Vi quando mordeu o canto do lábio e seus dedos fecharam com força em volta do guardanapo em seu colo.

— Fernando...

— É só uma dança, Lídia — murmurei, quase que em um tom de súplica — Podemos dar uma trégua, só essa noite?

Sem preocupações.

Acusações.

Culpa ou lembranças amargas, que poderiam nos fazer magoar um ao outro.

Apenas nós dois aqui.

Fernando e Lídia.

Como antes.

Ela ergueu o braço, e seus dedos entrelaçaram os meus. Nós dois sentimos a energia passando através dos nossos corpos.

No momento, tocava uma das suas músicas preferidas, *Primavera*, de Tim Maia.

A música dizia muito como eu me sentia. E quando ela apoiou o rosto em meu peito, como tantas vezes havia feito, deixando que nosso amor nos guiasse, sabia que tudo ficaria bem.

Acabou essa música e iniciaram outras. Seguimos dançando abraçados. Era o nosso sagrado momento de amor e paz.

E quando o que sentimos começou a ficar à flor da pele, seu rosto ergueu para mim e não pensei em mais nada.

Precisava beijá-la, e assim o fiz.

CAPÍTULO 42

LÍDIA

Quando a boca de Fernando cobriu a minha, senti no peito a mesma sensação de sempre.

O meu coração disparou!

Diferente da última vez que ele me beijou, estava preparada para essas reações esmagadoras que ele causava em mim, e fui ajustando-as com todas as lições sobre respiração e controle emocional que vinha tendo até aqui. Não que facilitasse muita coisa, mesmo antes do acidente, Fernando causava em mim respostas devastadoras aos seus toques e carícias, e agora não era diferente.

O beijo durou menos do que eu gostaria, o suficiente para que eu amolecasse em seu peito, enquanto, com as mãos em minha cintura, ele me mantinha em pé, segura em seus braços.

— Nossa! — Ele sussurrou em meus lábios e sua testa encostou na minha.

O ar que saía de sua boca entreaberta vinha diretamente à minha, misturando-se com a minha própria respiração acelerada — Lídia...

Sim. Nós conseguimos. Conseguimos passar por um fodido beijo sem que eu desmaiasse em seus braços.

As dúvidas e medos continuavam duramente batendo em minha cabeça.

Isso seria tudo o que teríamos?

Seria até onde o meu coração fraco, frágil e machucado, conseguiria ir?

Acho que Fernando leu esses questionamentos em minha cabeça, ou talvez eles também o assombrassem dia a dia.

— Um pouco de cada vez, amor — o dorso de sua mão passou delicadamente sobre o meu rosto, secando lágrimas que nem tinha notado deixar cair.

Eu tinha uma tempestade de sentimentos acontecendo dentro de mim. Felicidade pelo beijo, medo de que isso fosse tudo o que eu poderia oferecer e angústia por não estar em minhas mãos a possibilidade de mudar nada.

— Só um pouco de cada vez — ele voltou a repetir isso, e me pegou em seus braços, nos levando a um dos quartos do apartamento.

A cada passo que Fernando dava, os meus olhos estavam grudados nele. Em seu rosto lindo que, para mim, só expressava carinho e amor.

Era uma loucura permitir que seguissemos adiante com isso. De dar algum tipo de esperança a ele quando não tínhamos nada. Não pude resistir.

Só por essa noite, dizia o meu coração masoquista.

Só mais uma vez.

Quando chegamos ao quarto, fui surpreendida mais uma vez. Não pela quase réplica do quarto dele em seu apartamento, e sim, pelo grande e lindo quadro que cobria quase toda a parede em frente à cama. Um quadro com uma foto nossa no milharal, nus, os corpos entrelaçados, saciados da paixão que tinha nos consumido, e com inegável amor refletido na forma que olhávamos um para o outro.

Imagens daquele dia vieram como trovoadas em minha cabeça, causando fortes emoções. E soluzei em seus braços, agarrando-me mais a ele.

— Somos nós, minha menina. Sempre. — Os seus lábios gentis deslizaram do canto da minha cabeça, passaram gentilmente por minha testa, olhos e grudaram gentilmente nos meus.

Foi um beijo ainda mais gentil do que o primeiro, e embora as emoções fortes que causaram em mim fossem similares, aos pouquinhos também tinham o efeito de me acalmar.

Fui aos pouquinhos escorregando por seu corpo, até que os meus pés tocaram o chão. O beijo começou a ganhar uma certa urgência e aquela fome que parecia nunca nos saciar.

Inspira e expira.

Fui repetindo isso mentalmente enquanto ia redescobrir o que os beijos, o toque de Fernando, estar apenas juntinha a ele causava em mim.

— Adoro você — escutava seus sussurros em meu ouvido — Adoro você, minha menina.

Suas mãos ágeis, calmamente, faziam as alças do meu vestido escorregarem pelos meus ombros. Com paciência e carícias em minha pele, através de seus lábios e dedos, cada peça cobrindo o meu corpo foi caindo no chão, enquanto a chama dentro de mim, cada vez mais, ganhava intensidade.

Ele se afastou um pouco, e não apenas me encarou expressando admiração; os seus olhos estavam me devorando, e nesse momento, eu sentia um pouco da Lúcia de antes, uma garota sexy e cheia de poder.

Nem a cicatriz em meu peito, tudo o que ela representava, nada tinha importância. E para ele, eu continuava linda aos seus olhos.

Enquanto trabalhava com as minhas emoções intensas, Fernando conseguia bagunçá-las ainda mais, começando a se despir diante dos meus olhos, também famintos por ele. Quando a última peça que o cobria se juntou às minhas no chão, eu estava trêmula como folhas sacudindo ao vento.

Ele se aproximou e tocou o meu pescoço com a ponta dos dedos, depois eles foram descendo delicadamente por todo o meu ombro, e quando a mão se fechou em meu seio, mantendo-o envolvido no calor que ela transmitia, a sensação de prazer atingiu como um raio entre as minhas pernas.

— Fernando! — O ar me escapou por alguns segundos, e ele me puxou para ele, sem mover a sua mão de onde estava.

— Respira, Lídia — seus lábios deslizaram pelos meus em uma carícia gentil, com o objetivo de me acalmar, conseguindo o efeito desejado — Apenas respira.

Fiz o que ele me pediu, respirando com cuidado, e sua outra mão foi correndo pela lateral do meu corpo, fez um carinho em minha bunda, que arrancou um gemido de mim, moveu-se por minhas coxas, causando arrepios por minha pele, e quando se infiltrou entre as minhas coxas, tocando minha vagina, o prazer me fez enfraquecer um pouco.

— Tudo bem — murmurou ele, me levando para os seus braços, depois nos conduziu para cama — Isso é tudo novo para você.

Não, não era. O que era novo era como teria de lidar com essas emoções sem detonar o meu coração.

— Fernando... — Seus dedos tocaram os meus lábios, impossibilitando que eu continuasse a falar.

— Isso. Nós dois — Seus olhos percorreram nossos corpos nus espalhados na cama, entrelaçados um no outro — Já é tudo para mim.

O meu coração se apertou dentro do peito. Se tinha alguma dúvida de que ele me amava, agora não tenho mais. Só que esse, o homem carinhoso e apaixonado, era apenas uma parte dele. Apenas uma parcela de quem ele era, e cedo ou tarde, seu outro lado sentiria falta do que eu nunca mais poderia voltar a oferecer.

Eu não queria um Fernando pela metade e nem que ele vivesse pela metade por minha causa.

— Não é suficiente. Você acha que é suficiente, não é — sussurrei, ficando de joelhos na cama — Eu vou recompensar.

Quando as minhas mãos começaram a deslizar pelo seu peito musculoso, as dele seguraram meu pulso.

— Você não tem que fazer nada, Lídia — Ele levou uma das minhas mãos aos seus lábios, e esse gesto tão simples já me fez estremecer — Um passo de cada vez, lembra?

Eu não podia ter muito e Fernando merecia mais do que estava disposto a receber.

— Por favor — usei o tom de voz com a expressão de angústia para fazê-lo começar a ceder — Eu preciso disso.

E realmente precisava. Saber que ainda era capaz, de alguma forma, de fazê-lo perder o controle comigo.

Um pouco hesitante, ele foi soltando a minha mão, que passei por toda a extensão de seu peito forte, barriga definida e início da virilha, depois fui substituindo as carícias pelos toques dos meus lábios.

— Lídia — o meu nome saiu como um gemido de prazer de sua boca, e isso apenas me encorajou mais.

Peguei seu pau começando a ficar ainda mais duro entre os meus dedos. Fui alternando os movimentos de minhas mãos em seu membro com a minha língua, lambendo cada pedacinho dele.

— Oh... — o gemido ecoou de seus lábios quando comecei a levar seu pau para dentro de minha boca, lentamente.

A falta de ar não me permitiu tomá-lo muito fundo em minha boca, o tanto que consegui o deixou enlouquecido, e seus dedos se enroscaram em meus cabelos, indicando o tanto de prazer que eu causava a ele.

Usava a minha boca o máximo que conseguia, sem que isso me tirasse as energias, e minhas mãos faziam o resto.

— Lúdia! — Ergui os meus olhos para ele e vi os seus fechados — Porra...

Continuei a dar o melhor de mim, com as mãos, minha língua, que sempre o fazia estremecer, e a minha boca descendo e subindo pelo seu pau, deixando-o desnortado de prazer.

Ao sentir que Fernando estava além dos seus limites, trabalhei melhor minha respiração e o tomei em minha boca, até que seu prazer explodisse poderoso dentro dela.

Quando me arrastei de volta ao lado dele na cama, seu corpo ainda tremia e sacudia pelo prazer.

Os seus olhos, cheios de paixão, buscaram os meus.

Eu até não poderia, no futuro, oferecer a Fernando o que ele precisava como Dom e o homem intenso e apaixonado que ele sempre foi e ainda é, o que consegui hoje, a forma que o vi se entregar a mim e o prazer que proporcionei a ele, chegava muito perto do que um dia tivemos.

— Agora, sim, está tudo certo — eu murmurei, inclinando-me para beijar os seus lábios — Pelo menos por essa noite.

Diferente de Fernando, eu não tinha chegado a um orgasmo e nem sabia se algum dia conseguiria voltar a ter um. E apesar do meu corpo estar em chamas, desejando por isso, estar em seus braços, sem temer o risco de não suportar tanta emoção, já era um grande avanço.

Isso também me fazia feliz.

Pelo menos por essa noite.



Despertei sobressaltada. Tive um sonho esquisito com a minha mãe. Ela pediu que eu escutasse apenas o que o meu coração realmente estava sentindo e que eu tomasse cuidado.

Levei a mão ao peito, esperando que meu coração voltasse a uma batida normal. Ainda meio confusa, tentei me sentar na cama e o braço pesado de Fernando em minha cintura, me impedia.

Com um movimento vagaroso, consegui me virar para ele. Seu rosto bonito estava sereno, sem qualquer sinal de angústia e agitação, bem diferente de mim, que apesar de não lembrar com exatidão cada detalhe do sonho, o rosto preocupado da minha mãe nele e a tentativa de me dar algum tipo de mensagem, atormentava a minha cabeça. Talvez fosse pelo fato de que fazia algum tempo que não sonhava com ela.

Foi só um sonho, disse a mim mesma. O que tinha de me assustar e preocupar era a realidade. Essa, sim, parecia me esmagar um pouco mais a cada dia.

A minha vida era como uma montanha-russa, subindo e descendo em uma velocidade espantosa. Em um momento, Fernando e eu não nos vemos ou nos falamos por dias, em outro estávamos nus, compartilhando momentos quentes e passando a noite abraçados.

— Isso é loucura — murmurei, não resistindo à tentação de esticar a minha mão em direção ao rosto dele, tocando-o com a ponta dos dedos — Uma doce loucura.

Doce loucura. Daria até um nome para livro de romance, se todo o resto à nossa volta não fosse tão amargo.

Eu não podia me deixar fraquejar, como fiz essa noite. Precisava ter foco e firmeza por nós dois. Diogo era uma cobra rastejando em nossa direção, esperando o momento certo para dar o bote.

—Tudo o que enfrentei até aqui, perder o nosso bebê — sussurrando, toquei o meu ventre vazio — Não vai ser em vão.

Com cuidado para não o acordar, consegui afastar sua mão de minha cintura e desenroscar a perna encaixada na dele. Fernando estava em um sono pesado, acho que o mais tranquilo para ele em semanas, que os meus movimentos apenas o fizeram mexer e virar para o outro lado da cama.

Saí dela pisando na ponta dos pés. Rapidamente, comecei a recolher minhas roupas no chão e a me vestir. Peguei os sapatos com as mãos, pois não queria provocar mais ruídos, para não correr o risco de o despertar.

Dei uma última olhada pelo quarto, em nosso quadro e em Fernando, que tinha pouca coisa da coberta cobrindo seu corpo perfeito.

— Eu amo você — consegui confessar baixinho, e finalmente não me causou dor admitir isso — Sempre vou amar.

Havia lágrimas em meus olhos e levava comigo um grande sorriso também. A noite, mesmo que tenhamos passado o resto dela apenas abraçados e nos beijando, foi perfeita.

O mais silenciosamente possível, fechei a porta e fui em direção à sala. Avistei em um canto do sofá a bolsa que tinha jogado sobre ele. Mal cheguei a ela, quando o telefone dentro dela começou a tocar, fazendo-me encurtar rapidamente a distância entre ela.

Os meus olhos foram assustados em direção ao corredor. Rezei internamente para que o som e minha ausência não tenham acordado Fernando.

— Alô — atendi baixinho.

— O que você andou aprontando, Lídia? — A voz impaciente, e pelo visto furiosa de Pedro, estalou em meus ouvidos.

— Bom dia, querido irmão — cumprimentei-o com deboche, enquanto tentava colocar os sapatos — Desta vez você quebrou o recorde? Sabe que

horas são aqui para uma bronca?

Por causa do fuso-horário, era muito cedo para o Pedro estar me ligando, ele parecia estar tão irritado que nem levava isso em consideração.

— O que você fez, Lília? O Fernando não parecia nada feliz quando me ligou ontem, pedindo ajuda.

Ah, agora entendia como ele tinha conseguido entrar no prédio de Diogo e surgir no apartamento do nada. Fernando teve auxílio do Pedro.

— Ele já foi te fazer fofoca, então — resmunguei baixinho.

Eu me perguntava até quando Fernando ia conseguir manter o meu segredo escondido do meu irmão.

Ele já estava no limite, e eu continuava puxando a corda.

— Fernando não fez intrigas. E você deveria ter juízo. Sabe que a sua saúde é delicada, Lília. O que estava aprontando com Diogo, que deixou o meu amigo tão preocupado?

Tentei pensar rapidamente. Não esperava por essa ligação de Pedro, muito menos passar por sua inquisição.

— A gente só ia dar uma festinha — demonstrei pouco caso — Sabe, como das antigas.

Em todo o meu relacionamento com Diogo, fui obrigada a mostrar uma Lília que Pedro detestava e se preocupou ao conhecer. Fazia parte do jogo.

— Que porra, Lília! Você acabou de fazer uma cirurgia delicada, quase morreu...

Ele não chegou a finalizar, ambos sabíamos bem o que ele pretendia dizer.

— Você quer se matar? — A aflição no questionamento mexeu comigo — Por que você fez isso, Lília?

— Seria um problema a menos para você.

Às vezes, eu realmente pensava assim. Se tivesse morrido no acidente, sabia que isso o machucaria, assim como deixaria Fernando arrasado, pelo menos eles estariam livres do peso morto que me tornei.

Eu só me enfiava em confusão e tornava a vida deles uma bagunça.

— Se voltar a repetir isso... — ele soltou alguns xingamentos que eu sabia merecer ouvir, fui um pouquinho longe demais.

— Desculpe — murmurei, arrependida.

Estava sendo realmente sincera.

— Não! Você não é mais criança...

Ele fez uma pausa para respirar fundo.

— Eu passei a vida toda cuidando de você. Pode ao menos ser agradecida por isso?

Eu era, mais do que Pedro poderia imaginar, refleti enquanto as lágrimas deslizavam pelo meu rosto.

— Você entende que, se acontecer qualquer coisa com você... — a angústia dele doía, acho que mais em mim do que nele, pois sentia o mesmo em relação a Pedro, Fernando e todos que amo — vou me sentir culpado.

— Me desculpa, Pedro — pedi, soltando um soluço, já nem me importando se Fernando poderia surgir e notar que estava sorrateiramente fugindo dele — Desculpe de verdade. Eu te amo muito, meu irmão.

Fez-se um silêncio, e quando pensei que ele desligaria em minha cara, sua voz retornou ao telefone mais carinhosa.

— Nós conversamos quando eu voltar.

— Você volta ainda essa semana?

— Não. Eu não sei quando isso irá acontecer. Por favor, tome cuidado. E não é apenas sobre a sua saúde que estou falando. Ok?

Lembrei do sonho. Da nossa mãe e que ela tinha me falado algo parecido.

— Tudo bem, prometo que vou me cuidar.

— Até breve.

— Eu te amo, Pedro — repeti o que, não importava todas as nossas brigas e desentendimentos, nunca iria mudar.

— É... eu também a amo, Lúdia.

A ligação foi encerrada, e eu fiquei por um tempo com o aparelho grudado em meu ouvido, olhando para o nada. Os meus olhos passearam pelas fotos e quadros enfeitando as paredes.

Saí apressada daqui antes que elas pudessem me impedir de fazer o que devia.

Em vez de ir para a minha casa, segui para a do *nonno*. Disse a ele que sentia saudade, por isso a visita surpresa para o café da manhã. Dava para ver na cara dele que não estava acreditando muito em minha justificativa, ele estava preso à recomendação médica de que não deveria me deixar nervosa.

Usava isso descaradamente para tirar vantagem quando precisava, afinal, cada um usava as armas que tem.

Nós mal nos acomodamos na mesa farta, com tudo o que eu gostava de comer, quando recebi a ligação de Fernando.

Não atendi.

Sim, sou uma covarde.

Recusando outra ligação insistente, enviei uma mensagem, dizendo onde estava e que conversaremos depois. Precisava de um tempo para pensar. Na verdade, queria um dos conselhos sábios do vovô, acabou que não consegui me abrir com ele.

Antes do almoço, retornei à minha casa, afinal tinha prometido isso a Diogo. Para a minha alegria e alívio, ele não ficou muito tempo. Disse que tinha assuntos de trabalho para resolver.

Se desconfiou de algo de ontem, fingiu bem não saber de nada. Quando se tratava dele e das mentiras que estava envolvido, só podia esperar contar com a sorte de que isso fosse realmente verdade.

DIOGO

Não aguentava mais a Lúcia, e quando ela não emitiu nenhuma queixa para a desculpa que dei, encerrando nossa tarde juntos, senti-me aliviado ao passar pela porta até a saída.

Eu não sabia como faria para suportar a garota fútil, desinteressante e mimada que ela era até o dia do nosso casamento. Eu precisava continuar fingindo. Essa era a única forma de conseguir tudo o que eu merecia, como também de no futuro recuperar Clara.

Conhecendo o Santini, a essas alturas a minha garota inocente já não seria mais tão inocente assim.

Maldito Santini!

Ele, mais uma vez, tomava aquilo que deveria ter sido meu. Era por isso que ia fazê-lo pagar através da sua irmãzinha burra.

Eu não era o tolo que Pedro imaginava. Apesar de ter tirado seus brutamontes da minha porta, sabia que de alguma forma ele estaria vigiando os meus passos.

Por isso, foi difícil e argiloso conseguir identificar e despistar um dos homens que passava os dias vigiando meus passos. E quando consegui isso, precisei ser rápido. Usei um domingo de shopping lotado para conseguir me

infiltrar entre a multidão, saindo dali e indo direto para o apartamento de Clara. E qual foi minha espantosa e frustrada surpresa?

Ela já não morava lá, e o porteiro o qual enchia as mãos com notas azuis, não tinha a menor ideia para onde ela e a família tinham ido.

Será que Pedro já tinha colocado em prática o plano de se vingar e executar minha menina?

Eu odiava o Santini, e esse sentimento apenas aumentava. Precisava encontrar Clara e a manter longe dele.

Como? Onde ela estaria? E como estava vivendo?

Voltei para o apartamento como uma fera encurralada.

Essas perguntas não saíram de minha cabeça, até Lúdia jogar em minha cara que Pedro estava em uma emocionante lua de mel pela Itália com Clara.

Tudo isso era culpa da vaca da Lúdia. Eu não via a hora de vê-la morrer aos meus pés, pedindo ajuda para manter o coração batendo, enquanto o meu enorme prazer seria vê-la sofrer como eu sofria agora. Antes eu precisava dar um jeito em Santini, principalmente agora que sabia que Pedro começava a mexer onde não devia.

CAPÍTULO 43

FERNANDO

Lídia estava me evitando, e eu não gostava nada disso. Depois da noite incrível que tivemos, achei que as coisas fossem finalmente começar a se resolver entre a gente, mas não. Ela escapava por entre os meus dedos como sabão. Enquanto Diogo estivesse no caminho, ficaríamos nessa dança lenta, angustiante e que já estava esgotando com toda a minha paciência.

O desejo que tinha era foder com tudo, e se não fosse Nick insistindo para que eu tivesse calma, já teria explodido com toda essa merda, principalmente agora que Pedro estava de volta ao país.

Falando nele... Precisava novamente envolvê-lo nessa situação complicada chamada *Lídia*.

— *Fernando?*

— Está disponível para um drink? — indaguei, tentando não jogar sobre ele parte da minha frustração — Pode ir até o bar no hotel do Nick?

Parte da culpa de tudo isso era do Santini. Se ele não fosse tão esquentado e teimoso, eu teria sido sincero com ele desde o início com o fato de estar envolvido romanticamente com sua irmã. Ele achando errado ou não, minha relação com Lídia teria seguido como deveria ser: livre.

— *Te encontro em alguns minutos.*

Quando cheguei ao bar do hotel, Pedro já estava em nossa mesa reservada. Não ia ser uma conversa fácil, o dia não estava sendo assim desde que coloquei os pés para fora da cama.

Enquanto me aproximava, pude observar Pedro com mais atenção. Ele parecia bem diferente do cara angustiado que havia saído em viagem, há alguns dias. Havia determinação em seu olhar e certa suavidade em sua expressão.

Efeito Clara Gusmão?

Ele aguardou enquanto eu pedia o meu drink e me acomodasse, antes de se manifestar.

— E aí? — perguntou Pedro — Como andam as coisas?

Não tão boas quanto para ele, pelo visto.

A começar que Gerald ainda não tinha retornado de viagem, onde fora se encontrar com alguns contatos, e Diogo continuava entre nós. Ou seja, nada tinha evoluído.

— Você tem falado com Lídia?

Ele me observou por um longo instante. Sabia o que podia estar passando pela sua cabeça. O acidente de Lídia, o ódio dele contra Diogo e a entrada de Clara na vida dele fizeram Pedro ficar mais observador e começar a prestar atenção em detalhes que antes não dava importância.

— Você transou com a minha irmã?

Passei as mãos nos cabelos, nervoso, bagunçando-os ainda mais. Não era assim que eu esperava dizer a verdade a ele. Esse momento foi ensaiado e tentado tantas vezes. No entanto, não podia mais fugir da verdade.

— Pedro...

— Eu vou dizer o mesmo que falei para a minha irmã, durante a nossa conversa de ontem — ele estava visivelmente irritado — Sem jogos, Fernando. Você transou ou não com Lídia?

O meu olhar angustiado respondia tudo.

— Sim... eu... — Porra, era mais do que isso, ele não tinha a menor ideia — Eu transei com ela.

Foi como sacudir a toalha vermelha diante de um touro bravo. Eu já esperava essa reação, e nem ao menos tentei fugir do soco potente que me fez cair para trás.

Eu mereci isso.

Acho que vinha merecendo há bastante tempo.

— Seu filho da puta!

Pedro teria partido para cima de mim com toda a sua ira, se dois funcionários do bar não tivessem ido segurá-lo. Não que eu precisasse de ajuda. Se decidisse revidar, seria uma briga de igual para igual. O problema era que eu não queria.

Ele estava no direito de se sentir traído e magoado.

Éramos meninos quando prometemos à Isabella sempre cuidar e proteger a Lídia, como dois bons e atenciosos irmãos. E os irmãos não fodiam suas irmãzinhas.

— Que merda está acontecendo aqui? — Nick surgiu atrás dele e me encarou, completamente chocado.

— Esse desgraçado — Pedro apontou em minha direção — Estava dormindo com a minha irmã.

— Ah... — Nick soltou um assobio baixinho — Você já sabe.

Com o olhar chocado, Pedro virou-se na direção dele.

Porra!

Não era para isso estar acontecendo. Nick não devia ser envolvido nessa merda por causa dos meus erros.

— Tinha conhecimento disso? — O olhar de Pedro era completamente acusador e desapontado — Será que nem em você eu posso confiar, Nick?

— Ah, não me venham com essa merda, não! — O'Connor se mostrou tão furioso quanto ele — Vocês não me perguntam se quero ser a porra de um

psicólogo ou um padre para ouvir confissões, mas a culpa é minha quando a covardia de vocês dá errado?

Pedro e eu nos encaramos por alguns segundos.

Outra vez, o filho da puta do ruivo tinha razão.

Toquei os meus lábios feridos e abri um pequeno sorriso que o fez doer ainda mais.

— Que porra, Fernando! Você fez uma promessa — E foi essa promessa maldita que me fez cometer tantos erros até aqui — Achei que poderia confiar em você. Ela era como sua irmã, caralho!

Pedro estava mais do que raivoso comigo, assim como temi o tempo todo, e ele se sentia decepcionado.

— Você sabe que ela não é o que você precisa — ele enfatizou, destacando o estilo de vida que levávamos — Ainda mais agora.

Porra! Eu sou mais do que isso!

A Lídia era mais do que isso para mim.

Ela não precisava se tornar o que eu preciso, porque ela já é.

— Você não a conhece, Pedro — encarei-o com raiva — Não como acredita que conhece.

O que disse o fez ficar em silêncio por um momento. Acho que refletia tudo o que vinha acontecendo nos últimos anos, principalmente meses.

— Será que é só a Lídia que eu não conheço bem? — destacou ele com ar derrotado.

Ele encarou a mim e a Nick. Apesar de todos os defeitos de Pedro com a gente, a respeito de tudo, ele sempre foi sincero. Nunca escondeu nada, nem mesmo os seus planos malucos de vingança envolvendo Clara Gusmão.

Era foda. Eu me sentia um verme de pessoa, porque Pedro nunca mereceu que Lídia e eu tivéssemos sido tão desonestos com ele. E Nick, bom, O'Connor só tentou ser um bom amigo para todos nós.

— Eu não podia te contar — murmurou Nick, visivelmente envergonhado de si mesmo — Você é meu amigo, só que o Fernando também é. Tudo que pude fazer foi insistir que ele te contasse logo a verdade. Assim como disse para você ser honesto com a Clara. Vocês nunca querem me ouvir.

A vida era mais complicada do que Nick pensava.

Um dia ele também se apaixonaria e iria entender que fazer o certo nem sempre estava ao nosso alcance.

— Eu sei que está decepcionado comigo, Pedro. E quebrei a sua confiança, a confiança da sua mãe — lamentei com toda sinceridade e arrependimento que existia dentro de mim — A gente deixou o tempo correr, esperando o momento certo de dizer a verdade, ele não existe. Eu sinto muito.

Não achava que seria tão fácil conquistar o perdão dele, passaria o restante da minha vida tentando.

— Sei que provavelmente nunca mais voltará a confiar em mim. Eu me importo com Lúdia. Mesmo que ela não acredite mais nisso, eu me importo, Pedro.

Lúdia, Pedro, Nick, Serafina. Eles eram quem escolhi como família. Eram tudo o que eu tinha. Por quem sempre irei lutar.

— Você pode nunca mais querer olhar na minha cara de novo, precisa encontrar uma forma de afastar Lúdia daquele desgraçado do Diogo

Sabia que ainda estava furioso comigo, que ficaria por muito tempo, no entanto, o amor que tinha por Lúdia era muito maior. Estava acima de todas as nossas diferenças.

— Quando o vi hoje em sua casa, com aquele sorriso desprezível no rosto, eu...

Fui tentar obrigar Lúdia a ter uma conversa comigo e tive o desprazer de encontrar Diogo na casa. E claro que ele não perdeu a oportunidade de me provocar, e ela, para continuar executando seu papel, foi um pião no jogo dele, quase me levando à loucura.

— Espera! Diogo estava em casa? Com Lúdia?

Assenti.

— Segundo ele, a viagem de trabalho terminou e o noivo devotado está de volta.

— Eu ainda não gosto da merda que você fez — Pedro se inclinou sobre a mesa, olhando-me duramente —, eu vou precisar da sua ajuda.

Se ele ainda confiava em mim?

Não.

Me queria por perto?

Menos ainda. Precisávamos unir as nossas forças.

As cadeiras foram novamente colocadas no lugar, e Nick fez um sinal para o garçom servir uma nova rodada de drinks.

— Certo. O que você está pensando? — fui direto ao ponto.

— Primeiro, eu tenho que te esclarecer algumas coisas sobre Clara — ele encarou Nick com o olhar cheio de acusação — A não ser que você já tenha feito isso, Nicholas?

Apesar do olhar invocado que recebeu, Nick não se deixou abater com isso. Ele sabia o quanto o consideramos alguém especial em nossas vidas e sentia o mesmo por nós. Éramos irmãos, não de sangue, de coração, o que conta muito mais. E irmãos às vezes se desentendiam, sem afetar o amor que compartilhavam.

Cedo ou tarde, ia ficar tudo bem.

— Vocês, latinos, são tão passionais — Nick não perdeu a chance de provocar, fazendo Pedro e eu trocarmos um breve olhar.

O espertinho se achava acima de tudo. Eu ia ter algumas frases feitas quando a hora dele chegasse.

— Preciso proteger Clara, tanto ou mais que a minha irmã — A expressão de Pedro ficou muito séria agora, depois ele focou a atenção em mim — Garanto que seu desprezo por Diogo vai crescer ainda mais quando souber o motivo.

Nada do que ele estava me contando era uma surpresa para mim. Desde o começo, disse a esse grande cabeça-dura que havia a mínima possibilidade de Clara também ter sido uma vítima nas mãos do Diogo. E isso só fazia meu caminhar de culpa encher um pouco mais.

Eu não devia ter concordado com Pedro e nem ter permitido que ele seguisse com os planos em relação ao apartamento que Clara e sua família moravam agora, nem com o que ele tomou dela.

Quando Lídia souber que facilitei ou colaborei para que Pedro agisse de modo tão cruel, teríamos um grande problema. Nem tudo era ruim nessa história. Clara, sua mãe e irmã agora estavam protegidas. Pedro, incontestavelmente apaixonado por ela, estava disposto a tudo para ter o seu perdão.

E francamente, alguém como eu, que carregava tantos erros e arrependimentos, não podia julgar. Eu só podia torcer para que a garota perdoasse o meu amigo e a mim, quem sabe um dia.

— Agora vamos aos meus planos... — destacou Pedro, ao finalizar tudo o que sabia dessa história.

Havia muito para ele descobrir.

LÍDIA

O dia do confronto final estava finalmente se aproximando. A hora de finalmente colocar as mãos nas provas que incriminavam Diogo e o tiraria, definitivamente, das nossas vidas.

A informação que Fernando me deu sobre o cofre, apesar de naquele momento ter me deixado aborrecida e frustrada, tornou-se valiosa depois, pois tive tempo de reformular o meu plano. Mais do que nunca, agora precisava usar a minha festa para manter Diogo longe e evitar que ele recebesse o alerta, avisando que o cofre tinha sido invadido.

Enquanto isso, os meus dias de tortura pareciam não ter fim. A cada minuto que eu era obrigada a bancar a noiva empolgada com o casamento, a suportar a presença dele, me deixava enojada, precisava continuar fingindo. Por outro lado, era cada vez mais difícil esconder que meu amor e desejo por Fernando seguiam mais vivos e fortes que nunca, principalmente quando ele estava por perto.

E suas visitas aconteciam nos momentos mais inesperados. Ele vinha suportando bem as provocações de Diogo e descontava nas primeiras oportunidades que tinha, quando conseguia me arrastar para algum canto, torturando-me com beijos, toques e amassos que me faziam perder o ar e o juízo.

Parecíamos Romeu e Julieta, vivendo seu amor proibido. E o pior de tudo, era que eu não imaginava um final menos trágico. O que só me provava que me deixar cair em tentação só iria piorar as coisas e tornar nossa ruptura definitiva, no futuro, ainda mais dura.

— Penso que poderíamos antecipar o casamento para o início do ano, o que você acha? — Geralmente, eu não prestava muita atenção ao que Diogo dizia. Costumava, nesses momentos, folhear revistas de moda, agora

sobre vestidos de noivas, confirmando a opinião que ele tinha de mim, que eu não passava de uma riquinha sem nada na cabeça.

A verdade era que não existia ninguém com quem eu já tivesse pensado em me casar, além do Fernando. Nem mesmo com Júlio, quando namoramos.

Então nesses momentos, folheando revistas, rezando para que as horas passassem rápido para que Diogo fosse embora, eu realmente me via dentro de alguns vestidos bonitos, caminhando em direção ao homem que eu amava.

— Eu quero um casamento gigante — disse a ele, sem desviar o olhar da revista, enquanto ele me fazia uma de suas massagens repugnantes no pé que eu mantinha sobre o sofá.

Ao contrário do que disse a Diogo, se eu fosse mesmo me casar, e com Fernando, eu gostaria de um casamento mais intimista, apenas com a família, os amigos mais próximos, e com toda certeza, na fazenda.

Eu até imaginava nós dois surgindo em cavalos, ambos vestidos de branco, simbolizando a paz que gostaríamos de ter em nossa união. Não existiria casamento. O único nessa família se encaminhando para isso seria o Pedro.

Ele foi bem firme comigo, há alguns dias, dizendo que estava lavando suas mãos. Agora ele tinha a Clara para amar e proteger. Eu não ficava aborrecida com isso e nem magoada, sempre desejei que Pedro encontrasse o amor e fosse feliz. Assim, quando eu finalmente deixasse esse mundo, o meu irmão não ficaria mais sozinho.

— Não dará tempo de...

— Então, já está de volta — A voz de Pedro, ao entrar na sala, interrompeu a recusa que estava pronta para dar a Diogo — Foi produtiva a viagem?

Ele foi direto para o bar, onde se serviu de uísque.

— Você fez o que ordenei que fizesse?

Ajeitei-me melhor no sofá, e isso foi uma boa desculpa para afastar as mãos de Diogo de mim. Pedro mal me olhou, seu olhar cheio de desprezo estava completamente no meu noivo.

— O que me pediu e um pouco mais — respondeu Diogo, e a forma como encarava Pedro de volta continha um toque de provocação.

Apertei a almofada sobre o meu colo, me preparando para entrar no meio dos dois, caso o meu irmão, que não levava desaforo para casa, decidisse revidar através de agressão física.

— Diogo voltou bem a tempo para a minha festa — avisei, tentando chamar a atenção de Pedro para mim.

Os dois não podiam brigar agora e estragar todos os meus planos. Era minha única chance, e o tempo continuava a correr contra mim.

— Festa? — Pedro virou em minha direção.

Para ele, minha recuperação se resumia em ficar vinte horas deitada em uma cama, e as outras quatro, imóvel como uma estátua.

Tudo bem que eu ainda não deveria estar pensando em festas, essa era especial.

— Meu aniversário, você se esqueceu?

— Não comemora o seu aniversário desde os 16, Lídia.

Ele esqueceu do meu jantar no ano passado. Talvez porque o que aconteceu durante ele tenha ficado mais vivo em sua memória, afinal, ser considerado suspeito de assassinato era algo que realmente marcava uma pessoa, ou não considerou aquela reunião íntima como uma festa.

— Bom, talvez esse seja o último — destaquei a ele.

Sempre que falava de morte, a minha principalmente, deixava Pedro irritado. Bom, era melhor que ele fixasse a sua raiva em mim, pelo menos

nesse momento. Até conseguir encontrar alguma desculpa que enviasse Diogo para bem longe.

— Eu dizia à Lídia o quanto isso pode ser estressante para ela — disse Diogo, distorcendo um pouco a verdade, porque essa conversa tivemos há dias — Você tem uma assistente nova, certo?

Oh, não.

Diogo não tinha a menor ideia do vespeiro que estava mexendo, ao citar Clara para o Pedro.

— Por que não pede a ajuda dela, querida? — continuou Diogo, dessa vez buscou a minha mão, que Pedro acompanhou com um olhar nada menos que assassino, por mim, por Clara, provavelmente por ambas — Penso que é muito trabalho para se fazer sozinha.

Esse jogo de provocação de Diogo e a forma como tentava testar a paciência de Pedro não iria acabar bem. Conhecia o meu irmão, sabia ainda mais quando ele estava saindo do controle.

— Infelizmente, ela está muito ocupada — A tranquilidade com que Pedro disse isso me surpreendeu, até porque seus olhos semicerrados para Diogo diziam outra coisa — Por causa do piloto e a auditoria acontecendo na empresa, andamos muito ocupados.

Quando soube dessa auditoria, fiquei bastante preocupada. O Pedro estava chegando perto, e Diogo sentir-se cada vez mais encurralado tornava-o bastante perigoso.

— É inaceitável pensar em algo assim. Alguém dentro da Santini fazendo um jogo duplo — A quem visse Diogo falar e não soubesse quem ele realmente era, acreditaria em sua falsa e ensaiada indignação.

Isso só me dava uma certeza: ele tinha algum laranja a quem a culpa deveria cair.

— Já encontraram alguma coisa? Algum suspeito?

— É um trabalho minucioso e demorado — disse Pedro, entrando em sua conversa fiada — No momento, ainda estamos às cegas.

— Espero que o infeliz seja descoberto logo.

— Ele será — Pedro garantiu, e seu olhar frio enviava um aviso silencioso a Diogo que causou até arrepios em mim — Eu irei pegá-lo e destruí-lo, nem que seja a última coisa que faça em minha vida.

Não, Pedro!

Não aceitava que ele estragasse a vida dele por alguém tão vil quanto Diogo.

— Tome cuidado, Pedro — Diogo levou a minha mão aos lábios, depois sorriu para o meu irmão — A gente não quer vê-lo machucado. Pode estar lidando com alguém muito perigoso, você não acha, Lídia?

Alguém como você, assassino asqueroso!

A acusação ficou presa em minha garganta, como veneno amargando a minha boca.

— Hum... Pedro sabe o que está fazendo — eu pigarreei, e no instante seguinte, abri um sorriso animado ensaiado — Estávamos falando sobre festas. Vou pedir à vovó que ajude, se sentir que as coisas estão saindo do controle.

Comecei a disparar como uma garota boba. Eu só precisava manter as coisas sob controle.

— Será uma noite inesquecível, não acham?

Pedro me estudou. Assim como o conhecia bem, ele também me conhecia. E via, pelo meu corpo rígido, próximo a Diogo, que eu estava nervosa.

Ele largou o copo em cima do balcão, e eu não consegui antecipar o que ele faria, para a minha total descrença, Pedro apenas se retirou.

Para o meu desespero e angústia, o infeliz do Diogo saiu apressado em sua direção.

Como um gato saltando do telhado, pulei do sofá e os segui, tentando me manter o mais escondida possível, enquanto os observava em uma distância segura, para não ser pega espionando.

— Eu sei o que você está fazendo em relação à Clara — ouvi Diogo acusar.

Ele mal conseguia disfarçar o ciúme que sentia dela com meu irmão, e como isso o estava corroendo.

— Sabe? — desta vez foi o momento de Pedro ser debochado.

Ele encurtou a distância até Diogo, ficando cara a cara com ele, como dois pugilistas se enfrentando no ringue.

— Você disse, em meu apartamento. A atraiu para você e vai dispensá-la quando achar conveniente, certo?

O Pedro não faria isso, faria?

Quer dizer, eu conhecia a fama que meu irmão tinha com as mulheres e ao que sabia, ele sempre tinha sido honesto com elas sobre só se envolverem sexualmente e nada mais. Além disso, eu vi sua expressão angustiada, quando tentou me colocar contra a parede, que ele tem sentimentos reais por Clara.

— E se não for? — Pedro o provocou mais uma vez — E se eu tiver mudado os meus planos?

— Não vai mudar. As mulheres são para você como os ternos que troca todos os dias.

— Uma teoria interessante sobre mim — Ouvi Pedro dizer com surpreendente calma — Veremos o quanto dela é real.

Quando vi o meu irmão começar a se afastar, deixando um Diogo visivelmente furioso, soltei o ar com calma, o instante de tranquilidade logo

passou, quando o assisti retornar pisando duro.

Foi apenas um golpe. Seu punho, fechado e duro como aço, acertou em cheio o rosto de Diogo, que cambaleou para trás. Ele se achava todo esperto, só que vivia levando coça de Fernando, Pedro e até mesmo de Nick.

Embora me preocupasse que Diogo pudesse revidar, senti orgulho e um tanto vingada por Pedro. Seu quente sangue italiano às vezes era útil.

— Por que você fez isso?

— Você é tão bom em me analisar. Acho que poderá chegar sozinho a uma conclusão — respondeu Pedro, levando a mão que havia acertado Diogo ao bolso, depois abriu um sorriso tranquilo — Acho que vou te dar uma resposta mais direta.

Levei a mão aos meus lábios, tentando segurar o riso.

Eu amava o meu irmão. Ele era o meu herói.

— Porque eu quis.

E após dizer isso, ele foi se afastando com toda a tranquilidade. Ele tinha dado uma pequena lição em Diogo, e agora a sua alma estava um pouco em paz.

Antes que Diogo voltasse para a sala, corri de volta para o sofá, buscando a revista que tinha deixado cair no chão.

— Lídia? — Sua voz derrotada, me chamando, me causou mais vontade de rir.

— Falaram muito sobre negócios? — Virei uma folha, depois outra, sem em qualquer momento erguer os meus olhos para ele — Essas coisas são bem aborrecidas para mim. Prefiro pensar na decoração da igreja.

— E eu preciso fazer um trabalho novo que seu irmão me pediu.

— Não é outra viagem, não é mesmo? Tem que estar aqui para o meu aniversário, para anunciarmos a data de casamento.

Tanto ele, quanto eu, sabíamos que Diogo estava mentindo sobre o trabalho. Íamos continuar fingindo.

— Estarei de volta em alguns dias, querida — Senti os seus lábios em meus cabelos, e quando ele se curvou em direção aos meus lábios, fechei os meus olhos com força.

Como Diogo podia ser tão sem amor-próprio e não perceber como o meu corpo naturalmente o rejeitava?

Eu usava a desculpa de que ainda sentia algo por Fernando, que para mim era difícil lidar com nossa relação e qualquer outro homem, no lugar dele, teria se incomodado.

O problema era que Diogo não tinha qualquer sentimento por mim, como eu não sentia nada de bom por ele. O que importava era conseguir se casar comigo, chegando mais perto do seu principal objetivo, a Santini.

Ele me suportava, e eu fingia tentar me apaixonar por ele.

— Eu ligo todos os dias — ele falou ao se afastar, e eu voltei a atenção para a revista, sem ao menos vê-lo sair.

O que ele deve ter achado bom, afinal não teria que explicar os lábios inchados, devido ao soco de Pedro.

Esses dias longe dele era tudo o que eu precisava para continuar colocando o meu plano em prática.

— Paulo? — murmurei assim que a ligação foi atendida — Já sei o que e como vai precisar fazer...

Seus dias estavam contados, Diogo.

Isso era uma promessa!

CAPÍTULO 44

DIOGO

Por anos, acreditei que tinha tudo como eu queria. A minha vida sob controle e os planos muito bem elaborados. Até Pedro Santini cruzar o meu caminho. Ele era como um vírus, contaminando e destruindo tudo. Primeiro, roubou o meu lugar como CEO na S.A. Depois, tirou Clara de mim. Ele corrompeu a minha garota, e isso eu nunca iria perdoar.

Como pragas, cada um dos Santini mereciam ser exterminados. Começando pelo que mais vinha me causando dor de cabeça. E meu tempo estava correndo, e isso exigiria que eu me arriscasse mais e agisse rapidamente.

Eu já havia me precavido e direcionado as provas que levariam o desvio do dinheiro até Nolasco. O velho, quando fosse pego, com toda certeza abriria o bico, jogando-me na fogueira também. O que fazia dele outro verme que eu precisaria tirar do meu caminho em breve.

Eliminaria cada peça do tabuleiro. Contudo, o objetivo agora era cuidar do peixe maior. O único que realmente me causava perigo.

Pedro Santini.

O desgraçado que tinha transformado a minha vida em um inferno.

— Tem certeza de que não deixará rastro?

Olhei sobre o meu ombro para ver se não havia ninguém atrás de mim, ouvindo a conversa. Notei, não muito longe, um carro parado. Sabia que era

um dos vigias de Pedro, que calculava cada um dos meus passos e reportava ao seu chefe.

Imbecis.

Além de me vigiar e tirar fotos, não havia muito o que eles pudessem fazer. Rodei a cidade em busca dos últimos orelhões que ainda existiam funcionando, para entrar em contato com João.

Não confiava em usar um dos celulares descartáveis que possuía.

— *Fica tranquilo, parceiro* — disse João, chamando de volta a minha atenção à nossa conversa — *O cara me garantiu que não deixará pista e parecerá que o grã-fino teve um problema para respirar, algo assim, e que o coração foi para o espaço, sacou?*

O que ele queria dizer, era que o veneno que encomendei com um químico causaria em Pedro uma paralisia, danos no sistema respiratório e que faria todos pensarem que isso o levou a um ataque cardíaco.

Um plano arriscado, eu não tinha mais saída. Precisava matar o Santini, me casar com a triste e desamparada Lídia e livrar-me dela alguns meses depois.

Sem nenhum deles em meu caminho, eu poderia ter Clara de volta. E a compensaria por tudo, dando-lhe a vida que sempre sonhei para nós.

— Você sabe onde deixar — avisei a João — Naquela livraria, entre os livros de Shakespeare. Amanhã.

Fiquei durante uma semana frequentando o lugar. Verificando as pessoas que entravam e saíam, como eram as atividades dos funcionários. Se meus passos com os de João saíssem sincronizados, como orientei a ele, no dia seguinte, eu teria o frasco que me livraria de Pedro para sempre.

— João, eu não quero falhas.

— *Deixa comigo.*

Coloquei o telefone de volta no gancho e ainda fiquei um tempo por lá. Estava em um estado de euforia. Finalmente, teria tudo o que desejava. O dia escolhido para executar o meu plano seria o aniversário de Lídia. Eu só precisaria ter um pouco de paciência e esperar o momento certo.

FERNANDO

A gente tinha um plano: mesmo que à força, levar Lídia para a fazenda. Com ela longe de Diogo e em segurança, poderíamos ter a cabeça um pouco mais tranquila, para agir conforme precisávamos. Eu não queria agir contra a vontade dela, se ela não nos deixasse escolha, não haveria o que fazer.

Por isso estava aqui esta noite, decidido a fazer com que Lídia pensasse melhor e me escutasse, levando em consideração que estava apenas preocupado com ela.

— Fernando! — Vovó Olga me cumprimentou assim que me viu entrar — Que bom que está aqui. Ficaré para jantar com a gente, não é mesmo? Estamos apenas eu e Lídia. Donato foi jogar com uns amigos, e o *bambino*, bem, esse nunca fica em casa. O via mais na Itália do que aqui.

Um dos motivos que mantinha o Pedro fora de casa, quando não se encontrava na empresa, era Clara, e na outra parte do tempo, ele focava nas investigações. Na realidade, nós três estávamos bem focados e ocupados com isso.

— Vovó, o Fernando deve ter coisas ou pessoas mais interessantes para ver em um sábado à noite.

Eu tinha vindo apenas para conversar com Lúdia, que nesse momento estava implorando com os olhos para que eu recusasse o convite.

— Na verdade... — iniciei, colocando as mãos em meus bolsos — Eu não tenho, não. Será um prazer fazer companhia às duas.

— Ah, que maravilha — a senhora comemorou, animada — Vou colocar essas flores na mesa e ver com Silva se está tudo pronto. Querida, faça companhia a Fernando.

Ela saiu cantarolando em direção  cozinha, enquanto a neta parecia querer me fuzilar com os olhos. O que não me preocupava, cara feia nunca me assustou, e Lúdia nunca ficaria assim por muito tempo, mesmo se tentasse muito. Esse momento, por exemplo, com o rosto afogueado, a achava linda.

— Realmente voce não tem nada interessante para fazer? — ela indagou, tentando passar por mim — Que eu me lembre, hoje  um dos dias mais divertidos na Paradise.

Segurando seu braço com firmeza, a fiz se virar para mim.

— Voce sabe que nunca mais estive l e que nem voltaria sem voce.

— Voce gosta de l...

— Sim, eu também gosto de ir a corrida de carros ou comer uma bela lagosta naquele restaurante francês — afirmei com impaciência, trazendo-a mais para perto de mim — Existem uma infinidade de coisas que eu gosto, Lúdia. Elas podem envolver sexo ou não. Sabe o que todas têm em comum?

Seus olhos, que antes estiveram desafiadores, agora me encaravam cheios de aflição.

— Nada  mais importante do que voce — afirmei, segurando seu rosto com a minha mão — E eu vou passar o resto da vida afirmando isso,

até finalmente conseguir fazer você acreditar.

Aproveitando de sua fragilidade com minhas palavras, aproximei o meu rosto do seu e cobri sua boca com a minha.

O beijo foi quente, explosivo e carregado de sentimentos. Não havia como negar. Nossos corpos falavam por nós dois. Éramos almas que se completavam. O Dom não era a minha outra metade, ele nunca foi. A minha metade era Lídia.

— A gente... eu... — Seus lábios resvalavam nos meus quando dei alguns segundos para que ela pudesse respirar melhor, até eu me sentia sem fôlego — Preciso ajudar a vovó a colocar a mesa.

Ela começou a se distanciar, a escapar pelos meus dedos, antes que virasse as costas para mim, soltei o que latejava em minha mente.

— Covarde.

— O quê?

— Covarde — repeti, indo calmamente em direção ao sofá, sentando-me em um dos braços — Você é covarde, Lídia.

— Eu sou covarde? Quer mesmo falar sobre covardia aqui?

Abri um sorriso, e isso só a fez ficar mais furiosa.

— Confesso que tenho os meus erros. E que também tentei ir atrás dos caminhos mais fáceis — foram decisões tomadas em desespero, que já aceitei que os resultados delas não podiam mudar — Não agora. Estou lutando por nós dois enquanto, apavorada pelos seus medos e conclusões distorcidas, que colocou na cabeça, você está fugindo.

Ela sabia que eu estava certo em tudo.

Antes a teimosia de Lídia me deixava irritado, desesperado, quase a ponto de enlouquecer. Hoje via que ela era importante demais para que eu pudesse desistir ou deixá-la desistir.

Então ia lutar sozinho se fosse preciso. Até o último suspiro.

— Quer saber? Pense como quiser. Engane-se como quiser.

— Esse conselho é para mim ou para si mesma?

Por sorte, não havia nada perto para que ela usasse para arremessar contra mim. Então só me lançou seu olhar furioso.

— Vai à merda!

Sua indignação me fez rir.

— Pode fugir, querida. Eu sou um caçador.

Ela disse algumas coisas em italiano. Por convivência com eles e o pouco que sabia sobre a língua, não foram elogios. E isso me fez rir ainda mais quando me joguei sobre o sofá.

Ia ser uma longa e interessante noite.



A avó de Lúdia era exatamente aquilo que pensávamos sobre avós: doce, gentil e queria ficar mimando os netos, mesmo que fossem adultos e donos do próprio nariz. Isso me fez pensar que nosso filho, se tivesse sobrevivido, teria tido sorte de, pelo menos por parte dela, conviver com uma senhora tão amorosa.

— Eu iria amar ir à sua fazenda.

— Talvez a senhora possa ir com a Lúdia — sugeri com um sorriso gentil e olhei para a jovem com uma cara nada amigável para mim — Ela conhece bem o lugar e poderia lhe mostrar tudo.

Usar a avó dela para chegar ao meu objetivo não era nada justo, na guerra, todas as armas precisavam ser colocadas em campo.

— Ah, sim, umas merecidas férias — a senhora concordou, animada, encarando Lúdia em seguida — E acho que os bons ares

campestres fariam bem a você.

— Infelizmente, *nonna*, além do meu aniversário, eu tenho um grande casamento para organizar — ela devolveu o sorriso desafiador a mim, sabendo que tocar nesses dois assuntos me tiram o prumo — E vejam só, falando no meu noivo...

Observei, trincando o meu maxilar, o momento que ela levou o celular ao ouvido e se retirou da mesa. Por sorte, eu segurava um guardanapo, e não uma taça ou uma faca afiada.

— Não se preocupe, querido — tanto a voz como a mão de vovó Olga, tocando a minha, foram gentis comigo — Tenho as minhas suspeitas de que esse casamento não vai acontecer.

— Por que a senhora acha isso?

Tentamos proteger todo o restante da família de Pedro, tanto do lado Santini como dos Lucchese, afastando-os de toda essa história sórdida. A senhora poderia ter visto ou escutado alguma coisa em relação a Diogo.

— Primeiro, porque ela não olha para aquele rapaz como olha para você.

Remexi-me na cadeira, bastante surpreso com a observação.

— E é mesmo? E como Lúdia me olha?

— Ah, com os olhinhos totalmente apaixonados.

A avó de Lúdia era uma romântica.

— E a senhora se incomoda com isso? — Seu olhar confuso me fez responder à minha própria pergunta — Porque nós crescemos juntos. Sabe, como irmãos.

— Vocês não são irmãos. Que absurdo é esse? São dois jovens lindos e desimpedidos.

— Eu sou desimpedido — recordei-a.

Apesar de saber que tudo não passava de encenação, a família dela e as pessoas que nos rodeavam não sabiam.

— Bem, como eu disse, não acho que esse casamento vai acontecer. Eles não têm fogo. Esses dois, sim, parecem apenas dois irmãos. Eu nunca os vejo se beijarem. Quando eu era noiva de Donato, fugíamos o tempo todo para os cantinhos, para você sabe o quê.

Suas bochechas ficaram vermelhas, e compreendia agora de onde Lídia havia herdado tanto charme.

— Você podia pegar um dos seus cavalos — ela me encarou com profundo interesse — Você tem cavalos, não tem?

— Sim. Temos criação de cavalos na fazenda.

— Pois deveria pegar um dos seus cavalos e fugir com ela. Garotas ficam loucas com aventuras românticas assim.

Pensando de forma bem racional, isso não seria possível. Primeiro, que até mesmo para planejar a ida de Lídia para a fazenda, precisávamos coordenar isso com o médico dela. Porque como ela estava na fila para um coração, a qualquer momento a oportunidade poderia surgir. E em segundo lugar, esse compromisso não passava de uma farsa que não chegaria ao altar.

— Então? — Lídia ressurgiu, sorridente, à mesa — Podemos partir para a sobremesa? Aposto que o Fernando está louco para iniciar sua noitada de sábado.

Ela claramente queria se livrar de mim, isso não ia acontecer.

Mal terminamos a sobremesa, e quando chegamos à sala, vovó Olga avisou que estava cansada e que ia se deitar mais cedo.

— Se ficar tarde, querido — ela piscou um olho de forma quase nada discreta —, tem muitos quartos aqui para passar a noite.

Com isso, tinha a benção dela como também um empurrão de encorajamento para que eu fosse atrás do que realmente queria.

Tomar Lídia para mim.

— Certo. O que você veio fazer aqui?

— Quer ter essa conversa aqui mesmo?

Ela olhou em volta da sala. Estávamos sozinhos e não sabíamos até quando iríamos ficar.

— Vamos para o escritório.

Não era exatamente o lugar que eu queria iniciar a conversa, pelo menos vamos tê-la.

— Nós queremos que você pare com esse absurdo com Diogo e vá para a fazenda.

— De novo esse assunto? — Lídia cruzou os braços e foi para atrás da mesa — Nós quem? Você e o meu irmão?

— Nick também acha que é uma boa ideia.

— Claro — ela me encarou com um olhar magoado — No fim, até o ruivo é mais fiel a vocês.

Isso não era verdade. O Nick a adorava, e ela sabia disso. A questão era que ela corria perigo, e sobre isso todos nós concordávamos.

— Ainda tenho a sua palavra, Fernando?

Maldita hora que tinha cedido aos caprichos dela e concordado com isso.

— Eu tenho?

— Inferno! Você tem. Está satisfeita?

Pelo seu olhar determinado, o mesmo que devolvia a ela, não estava.

O plano teria que seguir como Pedro idealizou. Isso só ia complicar ainda mais minha relação com a irmã dele, como diziam, os fins justificam

os meios.

— Lídia? — Dei alguns passos em direção a ela e circulei a mesa — O seu faz tudo sabe como abrir aquele cofre sem levantar o alerta? Porque é isso que você está planejando, não é? Concluir o que não fez aquele dia.

A minha pergunta a atingiu exatamente no ponto certo, a pegando desprevenida.

Lídia poderia ser bastante esperta, só que para mim, que agora conhecia os seus objetivos, os seus passos eram bem previsíveis.

— Isso não vai ser problema.

— Como não vai ser problema? — indaguei, aflito — O que você está aprontando, Lídia?

— Uma festa de aniversário.

Sua petulância foi suficiente para me tirar de mim.

— Garota tola! — Agarrei firme os seus braços, puxando-a para mim — Promete para mim que não vai fazer besteira.

Nos encaramos, medindo forças. Ao mesmo tempo que sua valentia me irritava, me encantava também. Lídia sempre foi forte. Ela era forte, e eu, mesmo temendo as besteiras que ela poderia fazer, sentia um orgulho do caralho.

— Ah, menina... — murmurei, envolvendo seu pescoço com a minha mão — Muitos podem tentar me vencer, mas você é a única que me deixa no chão.

Seus olhos possuíam um brilho intenso. O fogo do desejo, o mesmo que estava me fazendo queimar.

— Foda-se tudo!

Diogo. Pedro. Toda essa insanidade que nos enfiamos. Foda-se o mundo.

A única coisa que desejava nesse momento era beijá-la.

LÍDIA

Quando os seus lábios tocaram os meus, eu não quis pensar em mais nada.

Nos planos. Nas brigas. Todos os desentendimentos.

Queria apenas que Fernando continuasse a me beijar como se precisasse disso para viver, porque eu precisava disso.

Nossa atração sempre foi como um incêndio, e ela estava mais viva do que nunca. Em segundos, estávamos nos agarrando. Com as mãos ansiosas e inquietas explorando o outro. Eu queria me entregar a essa loucura, exatamente como ela era, meu corpo emitiu alertas de que eu não era a mesma de antes.

— Calma — Fernando segurou o meu rosto com as duas mãos e seus olhos se fixaram nos meus — A gente só precisa ter calma.

Balancei a cabeça em suas mãos, e ele voltou a me beijar. Dessa vez com carinho e sem nenhum tipo de pressa. Os lábios se moviam sobre os meus e sua língua entrava cada vez mais profundamente em minha boca.

Apenas esses beijos já causavam um turbilhão de sensações em mim, eu estava mais forte. Cada dia um pouco mais forte e sabendo lidar melhor com as minhas emoções.

— Eu quero você — murmurei, desesperada, contra os seus lábios, enquanto as minhas mãos puxavam a barra de sua camisa — Aqui. Agora.

— Também te quero, meu amor — Seus sapatos foram para longe em seguida.

Ele tirou a camisa. A calça jeans e a cueca eram as únicas peças cobrindo o seu corpo perfeito.

Inclinando-me sobre ele, comecei a beijar seu pescoço, peito, toda a barriga, até ficar de joelhos e começar a tirar sua calça, primeiro o botão, depois o zíper, e desci a peça por cada centímetro de suas coxas, enquanto seu membro semiereto ia sendo revelado para mim.

Lindo.

Perfeito.

Viril.

Um homem em sua verdadeira essência.

Comecei a tocá-lo, inicialmente apenas com meus dedos trêmulos, depois fui deslizando os meus lábios e a ponta da língua molhada por toda a extensão de seu pau.

— Chega!

O brilho que via em seus olhos, ao me fazer reerguer, me lembrava ele.

O meu Dom.

Sua boca exigiu a minha mais uma vez, e enquanto me devorava com ela, as mãos se encarregaram de puxar, rasgar e abaixar o meu vestido até que fizesse uma coberta sobre os meus pés.

Ele me virou de frente para a mesa, brusco, e eu gostei disso.

Fui obrigada a apoiar minhas duas mãos sobre a mesa e tentar manter sob controle todas as emoções que Fernando me despertava.

— Você está bem?

— Eu nunca estive tão bem em toda a minha vida.

E era verdade. Um pouco com medo do que essa avalanche de sensações poderia causar em mim, bem como há muito tempo não estava.

— Ótimo — Escutei-o dizer, e logo depois senti sua respiração morna em minhas coxas.

As minhas pernas foram afastadas e as mãos dele começaram a deslizar por elas.

— Lídia, se isso for...

— Não para, Fernando!

Consegui me controlar. Eu podia lidar com isso, fui afirmando a mim mesma.

Ele ficou quieto por um instante, e quando pensei que iria recuar, seus dedos outra vez começaram a se mover por minha pele.

As duas mãos se fecharam, possessivas, em minha bunda, depois seguiram para a lateral do meu corpo, e ele começou a tirar a minha calcinha, lentamente. Foi quando sua boca tocou a parte mais sensível em mim, e Fernando me acariciou com a língua, que o prazer começou a se espalhar por todo o meu corpo.

— Aiii... — Perdendo as forças, desabei sobre a mesa — Fernando. Nãoo...

Fechando os olhos, tentava respirar devagar, pelo menos de forma que ainda me permitisse continuar consciente.

— Não para, amor.

Ele continuou, não da forma que sempre fazia, me levando ao limite, o suficiente para me deixar loucamente excitada e ansiosa por ele.

Então ele se ergueu, acariciou minhas nádegas com carinho e se afastou em direção à sua calça, de onde tirou a carteira e uma embalagem de camisinha, que ele colocou em seguida.

Ainda estava lidando com o quase orgasmo que Fernando me deu quando ele retornou, puxou a cadeira e sentou-se sobre ela.

Depois ele me fez virar de frente a ele. Acariciou os meus seios com as mãos e com sua boca safada.

— Você pode, Lídia — Ele agarrou a minha cintura e me puxou mais para ele, me fazendo sentar em seu colo — Você pode o que você quiser.

Sinceramente, ainda tinha medo, contudo, o desejo e a necessidade por ele eram muito mais fortes.

Então ele tocou minha vagina molhada, e suas carícias fizeram-me esquecer de tudo. Eu só me concentrava no que ele me fazia sentir.

Prazer e felicidade.

— Um pouquinho de cada vez — ele sussurrou, me puxando para um beijo.

Depois ele me ajudou a erguer o quadril e suavemente começar a descer em seu pau rijo. Eu sentia cada pedacinho da minha pele eriçar. E era como se estivesse pegando fogo.

Quando o tive completamente encaixado em mim, instintivamente soltei um gemido, agarrando-me em seus ombros.

Fernando pediu que eu olhasse em seus olhos ao começar a me mover, e como podia, atendi ao seu pedido.

Lentamente, fui subindo e descendo por seu pau. Suas mãos em minha cintura iam me ajudando a me movimentar.

Era mais do que sexo. Estávamos fazendo amor, e era uma delícia.

Nos beijamos. Ele beijou o meu pescoço, fazendo o meu corpo tombar para trás, em seguida, os meus seios, e quando estava me desfazendo em gemidos, voltou a tomar a minha boca.

Fernando me abraçou forte e me derreti toda, estremecendo, movendo-me em sua ereção incrivelmente dura. Movimentamo-nos juntos.

Fui queimando.

Incendiando.

Eu era uma verdadeira chama, derretendo-me nele.

O meu coração estava acelerado, seus beijos e palavras gentis traziam a calma que eu precisava.

— Fernando — sussurrei em sua boca, quando uma estocada mais profunda fez uma intensa onda de prazer correr por meu corpo.

Minha vagina começava a se contrair, e quando ele enfiou a mão entre os nossos corpos, buscando o meu ponto mais sensível, massageando-o, o orgasmo explodiu em minha cabeça, sacudindo-me toda.

Prendendo os meus braços ao redor do seu pescoço, deixei apenas que o intenso prazer me varresse por inteira.

— Ah... — O seu gemido chegou aos meus ouvidos, e ele liberou o seu próprio prazer logo após o meu.

Eu tinha a respiração acelerada e até um pouquinho dolorida em meu peito, isso não tinha importância alguma, diante do que acabamos de ter.

Me sentia viva. Não apenas por ter o coração batendo em meu peito, porque Fernando me fazia sentir assim. Estar em seus braços me fazia sentir viva e completa.

— Foi incrível, não foi? — Ele afastou os cabelos úmidos caindo em meu rosto.

Apenas balancei a cabeça, exibindo um sorriso satisfeito e preguiçoso.

Fernando me beijou com carinho, e retribuí com a mesma devoção. Então, comigo ainda em seus braços e minhas pernas encaixadas em sua cintura, ele ficou de pé.

Quando alcançamos a porta, eu o encarei, assustada.

— Espere! E as nossas roupas? Não podemos sair assim.

Ele me deu um sorriso safado, e ainda sob meu olhar chocado, abriu a porta.

— Nós podemos tudo — E ele beijou os meus lábios enquanto, nus, avançávamos pelo corredor — Depois eu busco nossas roupas.

Ele era maluco. E eu não ficava muito atrás.

Como Fernando tinha dito antes...

Foda-se tudo!

Pelo menos por essa noite.

Era o que sempre repetia quando estava com ele.

Um pouquinho de cada vez.

FERNANDO

Acordei bem cedo, e como não queria perturbar o sono tranquilo de Lúdia, apenas dei um beijo casto em seus lábios antes de seguir para o banheiro. Assim que os jatos de água começaram a cair sobre a minha cabeça, comecei a fazer o que há muito tempo não fazia mais: cantarolar.

E estava distraído com uma música qualquer, enxaguando o xampu de meus cabelos, quando senti suas mãos deslizarem suavemente por meu peito.

— Bom dia — As palavras mal tinham saído de minha boca, quando ela a cobriu com a sua.

Um beijo molhado e quente embaixo do chuveiro.

Não existia forma melhor de iniciar o dia e em se tratando de Lúdia, as coisas precisavam ir com um pouco de calma.

— Ei, garota — virei-a contra a parede do box — Um pouco mais devagar.

Seus olhos me diziam que ela desejava o oposto e só havia uma forma de deixá-la um pouco mais dócil.

Abrindo um sorriso, fui me agachando até ficar de joelhos diante dela. Eu sempre estaria de joelhos para Lídia. Ela me fortalecia e enfraquecia ao mesmo tempo.

— Eu sei o que você quer.

Após isso, ergui uma de suas pernas, colocando-a sobre o meu ombro, deixando sua boceta molhadinha totalmente aberta para mim.

Como eu senti falta de sua boceta apertada, sempre molhada e quente para mim.

Levei minha boca sobre ela, e com a língua, comecei a arrancar seus gemidos.

Ficava atento a cada uma de suas reações, se via que a respiração ficava irregular demais ou que seus gemidos de prazer pudessem significar algo diferente, diminuía as carícias.

— Isso... assim — Seu quadril moveu-se, entregando-se mais às minhas investidas, e os dedos dela prenderam mais forte os meus cabelos molhados — Assim...

Lambi e a chupei com vontade, até que no limite do prazer, a vi desfalecer em um orgasmo.

Lídia começou a perder as forças, e eu a ajudei a ficar em pé. Abraçada a mim e com minha voz carinhosa, sussurrando em seu ouvido, fui ajudando-a a ficar tranquila.

— Tá tudo bem, amor — Fechei o chuveiro e a peguei em meu colo — Está tudo bem.

Claro que em todas as vezes que pensei em sexo com ela, depois do acidente, tinha um grande pânico do que poderia causar. Após algumas consultas com o médico dela e até mesmo conversas com o fisioterapeuta,

descobri que, com cuidado e atenção a todos os sinais que ela desenvolveria, isso seria possível. E foi.

Vamos precisar adaptar muitas coisas, ainda poderemos ser o casal apaixonado que se entrega plenamente ao outro.

— Precisa descansar um pouco — falei, colocando-a na cama.

Surpreendentemente, ela não retrucou. Em vez disso, aceitou que a cobrisse com a coberta e emitiu um sorriso feliz ao fechar os olhos.

Eu desejava que nossas manhãs pudessem ser todas assim. Cuidando de Lídia e ela permitindo que eu a deixasse segura e protegida.

Esse já era um bom caminho, e eu não iria me desviar dele. E isso só me lembrava que, apesar de desejar passar o dia inteiro com ela, havia coisas imprescindíveis que precisava fazer.

Ao sair do quarto, distraído, cruzei com nada menos que Pedro e seu olhar nada amigável.

— Passou a noite aqui?

Ainda estava difícil para ele conseguir aceitar que Lídia e eu estivemos juntos e que logo voltaríamos a estar, do jeito certo dessa vez.

— Estou fazendo o que me pediu — murmurei, encarando o chão.

— Eu não me lembro de ter falado para foder a minha irmã debaixo do meu teto!

— Pedro... — Voltei a encará-lo.

Ele era mais do que meu amigo. Eu o considerava um irmão e eu o amava pra cacete, para mim bastava. Ele precisava aceitar que amava sua irmã e nos deixar seguir nossa vida em paz, quando tudo isso acabasse.

— Deixa para lá. O restante corre como eu pedi?

— Tudo pronto para o fim de semana.

Essa tortura estava finalmente terminando.

CAPÍTULO 45

FERNANDO

O Pedro nos convocou em sua cobertura porque ele precisava acertar alguns pontos dessa noite, principalmente comigo, que teria um papel fundamental envolvendo Lída.

— A qualquer momento, Montenegro irá receber as informações que denuncia quem enviou o dinheiro para o paraíso fiscal. E a partir daí, é só chegar a quem executou os meus pais. E vocês sabem de quem eu desconfio.

— Ele não fez isso sozinho — destacou Nick, e eu concordei com um gesto de cabeça.

— Por isso que nesta noite não posso admitir falhas. Pela segurança de Lída e, principalmente, porque amanhã, depois que toda poeira tiver baixado, serei honesto com Clara. Chegou a hora de ela saber toda a verdade.

Eu esperava que ele tivesse sucesso nisso. O meu amigo estava realmente apaixonado por essa garota, como nunca tinha visto por qualquer mulher que tenha passado pela vida dele, e foram muitas.

— Eu acho que você está no caminho certo — avisou Nick — Por mim, isso teria acontecido há muito tempo, você sabe.

Sabia que Nick estava certo, porque ele também, muitas vezes, deu o mesmo conselho a mim. No amor, quando havia sentimentos tão fortes envolvidos, muitas vezes deixávamos o lado racional esquecido e permitíamos apenas sermos conduzidos por nossas emoções. Foi assim

comigo e Lília, agora era com Pedro. Ele meteu os pés pelas mãos e se torturava com as possíveis consequências disso.

Eu esperava que Nick, quando finalmente rendesse o coração a alguém, fosse realmente mais esperto que nós dois.

— Então, meus amigos. Acho que é a hora de fazer esse jogo virar.

— Parece que seu boomerang finalmente voltou, Pedrito — destacou Nick.

Nick sendo Nick. Ele não deixaria o assunto acabar sem uma provocação a um de nós.



Amanhã à noite, por volta desse mesmo horário, toda essa tortura iria acabar. Gerald e seu ajudante estavam a postos para, a qualquer momento, invadirem o apartamento de Diogo. Nick estava vigilante, esperando o contato do Dr. Montenegro, e eu cuidei de cada detalhe para levar Lília à fazenda quando a bomba estourasse. Pedro manteria a atenção no verme para que nosso plano fosse executado até o fim.

Antes que tudo virasse uma tempestade de confusão, espalhando sujeira para tudo que é lado, precisava do último momento de paz. Embora nos últimos minutos de espera eu tivesse passado por uma angustiante tortura.

Consegui convencer Lília a vir ao apartamento secreto, sua chegada só aconteceria depois da partida de Diogo, que resolveu passar algumas horas da noite, da véspera do aniversário dela, em sua companhia.

A minha vontade era arrancá-lo da casa Santini pelo nariz, como se fazia com touro bravo, para o bem de tudo e de todos, precisava segurar a

onda mais uma vez. Seria a última vez, dizia a mim mesmo, a cada minuto de tormenta.

Por volta das onze horas, finalmente a campainha tocou. Levei poucos segundos para chegar à porta e abri-la com um rompante. Minha respiração estava acelerada, não pelos movimentos repentinos, e sim, por toda a inquietação que estava me consumindo até aqui.

— Oi — ela sussurrou. Os lábios, cobertos por um vibrante batom vermelho, mal se mexeram com o que ela disse.

Os meus olhos correram por seu rosto perfeito e delicado, pelo rabo de cavalo caindo de um lado do ombro, na fina alça do vestido também vermelho, em seus seios deliciosos destacando ainda mais o decote, na forma como o tecido moldava seu corpo voluptuoso e sensual, os saltos altos cobrindo de forma absurdamente sexy os seus pés delicados.

Eu não emití uma única palavra, talvez tenha saído de meus lábios um gemido animalesco quando segurei firme os seus braços e a puxei para os meus.

O beijo foi explosivo, como sempre. Sentia que poderia devorá-la inteira apenas com ele, ou ao menos desejava isso. Ainda nessa ânsia que nos consumia, a trouxe para dentro, e assim que fechei a porta, escorei Lídia contra ela.

Suas mãos exigentes vieram aos meus cabelos. Prendi com mais força o meu corpo sobre o dela, e quando esfreguei o meu pau em sua boceta, soltamos um gemido carregado de prazer.

A fera dentro de mim dizia para subir seu vestido, arrancar a lingerie delicada que ela certamente estaria vestindo e virá-la de costas contra a porta, fodendo-a com força até que não suportasse mais tanto prazer e gritasse por meu nome. O homem que a amava e sempre faria de

tudo para protegê-la sabia que as coisas estavam diferentes agora, precisava ir um pouco mais devagar e ter menos ímpeto.

— Quer beber alguma coisa? — sugeri quando interrompi nosso beijo quente e apoiei minha testa na dela.

Primeiro ela desceu os dedos dos meus cabelos para passá-los lentamente em meus lábios.

— Eu não vim aqui para beber — apesar da confissão firme, consegui ver em seus olhos matreiros um pouco de diversão — Nem para ser alimentada. Pelo menos, não de comida.

Fixei o meu olhar em seus olhos. Não importava como as coisas iriam seguir a partir de amanhã à noite. Tudo o que me importava era que sou louco por essa garota.

— E para que você veio? — indaguei, passando as mãos suavemente em sua bunda redonda, pressionando-a mais contra mim.

Um pequeno sorriso começou a surgir no canto dos seus lábios, e quando resvalei nossos quadris novamente, o brilho de paixão em seu olhar ficou ainda mais intenso.

— Eu quero que... — Seu rosto ganhou uma linda expressão transtornada ao sentir minha mão cobrir um dos seios sob o vestido — Eu quero... que você...

Minha mão se fechou ainda mais firme em seu monte macio e carnudo, e fui deslizando a outra até chegar em suas coxas, que separei com apenas um toque.

— Que eu faça o que, amor? — sussurrei em seu ouvido, depois desci a boca, beijando delicadamente o seu pescoço esguio.

Raspei os meus dentes em sua pele e subi minha mão por sua coxa, até tê-la dentro do seu vestido. E quando os meus dedos sentiram a renda já ficando molhada, um grunhido escapou rouco por minha garganta.

— Me foda! — Lídia exigiu.

O pedido febril me fez voltar a beijá-la com paixão e fome. Ela correu a mão por meu peito, barriga e a enfiou dentro de minha calça, e quando seus dedos delicados envolveram meu pau, mais duro do que nunca, o prazer que me tomou foi intenso demais.

Porra!

Essa garota acabava facilmente comigo.

— Eu vou te foder, amor — murmurei, tão tomado pela luxúria quanto ela — Não há nada que me peça que não faça de joelhos, se precisar. E vou te foder a noite toda.

Isso era mais do que uma promessa feita no calor do momento.

Nos beijamos, tocamos e acariciamos um ao outro, nos levando à combustão.

— Fernando! — O meu nome foi solto em um grito desesperado, quando girei o pulso e meus dedos dentro dela tocaram em um ponto que lhe dava muito prazer — Fernando, por favor?

Interrompi as minhas mãos apaixonadas.

Claro que, mesmo sendo conduzido pelo desejo, a cada respiração dela, ou resposta a mim, mantive meu olhar atento à sua fragilidade, que agora era uma realidade nossa.

— Se eu...

— Se eu for morrer, que seja agora — Havia mais do que a determinação provocada pelas emoções, eu via o amor em seus olhos da forma mais plena.

— Lídia.

— Que seja assim, feliz. Nos seus braços.

Ela não tinha ideia do que estava me pedindo, eu daria o que ela precisava, o que nós dois precisávamos, sem colocá-la em risco.

— Que seja nosso paraíso, então — murmurei, colando sua boca na minha.

Tão afoitos como iniciamos, tiramos as nossas roupas, deixando uma pilha cair sobre o chão. Peguei um momento para observá-la nua diante do meu olhar desejoso.

Ela é linda.

Mesmo com a marca da cirurgia recente e ainda nítida em seu peito, Lídia era a mulher mais linda que os meus olhos sortudos já avistaram.

Seu sorriso, um pouco tímido, apesar de tantas coisas que vivemos, me atraía ainda mais para ela, e fui me curvando, primeiro espalhando beijos em seu pescoço, depois passei lentamente pelos ombros, cheguei a um dos seios e prendi o mamilo inchado entre os meus dentes, a levando a gemer. Busquei o outro seio, preenchendo minha boca com ele, fazendo com que ela soltasse gemidos altos.

Continuei a trilha de beijos por seu ventre, os cantos da virilha, e então ergui sua perna esquerda, colocando-a sobre o meu ombro. Segurando sua cintura, prendendo-a contra a porta, levei a outra perna ao ombro, sentando-a de frente ao meu rosto.

— Ah... — seu gemido de prazer ecoou na primeira lambida que dei em sua boceta molhada, e ela se remexeu sobre mim — Oh, meu senhor.

Devorei sua boceta, alternando chupadas em seu clitóris inchado e estocadas dentro dela com a minha língua. Repetia cada carícia cheio de tesão, ao vê-la começar a se desmanchar para mim.

— Eu vou... humm...

Então o prazer irradiou dela, vindo diretamente para a minha boca em forma de gozo, que se estendeu enquanto seguia tomando cada néctar de prazer que ela me dava.

Quando finalmente a senti saciada e amolecendo em cima de mim, a conduzi de volta para o chão, mantendo-a, por alguns instantes, presa em meus braços.

— Nós ainda estamos vivos? — A pergunta dela surgiu com um sorriso satisfeito.

Inclinei-me e mordi os seus lábios apetitosos, passando suavemente a ponta da língua sobre eles.

— Ainda temos a noite toda — Encaixando as mãos em sua cintura, a fiz girar, deixando-a de costas.

Depois puxei os seus quadris para trás, enquanto suas mãos buscavam apoio na madeira lisa. Toquei sua boceta, esfregando a palma sobre ela, e isso fez Lúdia empinar mais o traseiro em minha direção.

Enquanto a mantinha excitada, fiz todo o necessário para colocar a proteção, e quando estávamos novamente em ponto de ebulição, deixei o meu pau escorregar para dentro de sua entrada macia.

— Ah, caralho! — urrei ao preenchê-la completamente.

Iniciei com estocadas profundas e lentas.

Nossos pelos arrepiados e os gemidos que não conseguíamos conter revelavam quanto prazer estávamos dando um ao outro.

Então as ondas reverberando em nossos corpos foram ficando maiores e mais intensas, levando-me a acelerar as investidas com tanta força e pressão, que até as minhas bolas, sensíveis e pesadas, batiam forte em sua bunda.

— Isso... — Lúdia gemia de forma alucinada e suas unhas arranhavam a porta, como uma gatinha sendo fodida — Aiii...

Empurrei mais duro, profundo, cheio de tesão, e após algumas arremetidas, chegamos a um orgasmo que nos fez sacudir da cabeça aos pés.

Ainda com sua boceta soltando vibrações de prazer em volta do meu pau, ela foi perdendo as forças, e segurando seu corpo mole, nos levei para o chão.

— Você está bem? — indaguei, preocupado, ao vê-la levar uma das mãos ao peito e fazer uma pequena pressão sobre ele.

— Eu... — Sua concentração estava em regular a respiração acelerada — Eu vou ficar.

Inclinei-me sobre ela para poder beijar sua testa com carinho, enquanto a abraçava mais forte.

— Vou ficar — ela repetiu, com a voz notavelmente fraca.

Sim, ela vai ficar.

— Não vou deixar mais nada de ruim acontecer a você, meu amor.

Não essa noite, na noite seguinte ou nas que vierem pela frente.

— Você está segura.

Prendendo-a melhor em meu colo, ergui a nós dois e nos conduzi para o quarto.

A noite seria longa e com Lídia nunca era suficiente. Acho que precisaríamos de uma eternidade juntos.

LÍDIA

Dessa vez eu não saí furtivamente. Acho que Fernando nem tinha fechado os olhos um único minuto. As vezes que sempre que me via acordada, ou ele me acordava para fazermos amor, indicaram isso. E quando acordei, lá estava ele, me observando com seus olhos cristalinos e astuciosos, como uma raposa cercando o cordeiro indefeso.

Eu meio que iniciei a manhã na defensiva, esperando o momento que Fernando diria para adiar os meus planos, tentando me convencer a ir para a fazenda com ele, isso não aconteceu.

Ele simplesmente seguiu para o banho e depois se juntou à mesa do café da manhã comigo, como se nada importante estivesse para acontecer essa noite.

— Estive refletindo — Peguei um dos *croissants* em uma cesta e o pote de geleia, sem direcionar o meu olhar a ele —. não é um aniversário de verdade. Então... se não quiser ir...

A resposta demorou a surgir e, intrigada, ergui a minha cabeça.

Apenas em nossos melhores momentos o vi tão em paz. E o sorriso confiante que me deu me fez lembrar do porquê havia me apaixonado loucamente por ele.

— Eu não perderia essa noite por nada — Levando um pãozinho à boca, seus dentes branquíssimos afundaram dentro da massa, e eu me recordei das vezes que os tive arranhando várias partes sensíveis e excitadas em mim, na noite anterior.

— Tudo bem — Passei a geleia no *croissant*, fingindo uma indiferença que eu estava longe de sentir.

Ele estava arquitetando algo, isso eu tinha completa certeza, contanto que as ideias dele não se chocassem com as minhas, não me preocupava.

Depois do delicioso café da manhã, Fernando fez questão de me levar em casa, e o filho da mãe, não se importando já com o significativo número de pessoas contratadas para fazer a minha festa de aniversário acontecer, circulando por todos os lados, tascou um baita beijo em mim, quando chegamos à porta. Um beijo apaixonado o suficiente para me fazer ficar pensando nele o resto do dia.

Eu não podia ficar sonhando com beijos e nem com a noite incrível que tivemos. O meu foco agora tinha que estar em Diogo e todo o plano que precisava colocar em prática, com o intuito de finalmente conseguir justiça para a morte dos meus pais.

— Senhora Silva? — chamei quando a vi conduzir algumas mulheres para fora da cozinha.

— Sim, senhorita Lúcia. Deseja algo de especial para o café da manhã??

— Já tomei café, senhora Silva — falar sobre a refeição matinal me fez pensar em Fernando e no beijo quente que acabamos de trocar.

Maldito homem!

— A senhora preparou o quarto que eu pedi?

— Exatamente como orientou.

Agradei com um movimento de cabeça e deixei que ela prosseguisse com o seu trabalho.

Tudo precisava sair com perfeição. Essa era a única e melhor chance que eu tinha, após tantos meses buscando respostas.



A parte mais difícil dessa noite não era observar de longe o meu irmão com uma cara nada agradável, para quem estava em uma festa. Os olhares intensos e carregados de fúria de Fernando, sempre que Diogo fazia questão de se colocar ao meu lado e me tocar, e até mesmo quando as pessoas se aproximavam, dizendo como fazíamos um casal perfeito e que estavam felizes por minha recuperação.

Essa comemoração não era para mim. Não estava celebrando mais um ano dourado. Era tudo por causa de Diogo, que grudado em mim como um carrapato, fazendo bem o papel de noivo devotado, dificultava minha comunicação com Paulo Santana.

Talvez o que eu mais temesse precisaria ser feito essa noite. Levar Diogo para o quarto preparado especialmente para ele, caso as coisas não seguissem o rumo certo, e fazer com que acreditasse que eu, finalmente, me entregaria a ele, dando uma chance verdadeira a nós dois. Tudo para que eu conseguisse tempo.

No quarto romântico, além de frutas, vinho, velas e todas as coisas necessárias para um momento romântico entre um casal, também tinha um frasco com um sonífero, que Paulo tinha garantido a mim, daria sossego até mesmo a um elefante.

Na última mensagem que enviei para Paulo, ele estava no apartamento alugado no mesmo prédio do Diogo, esperando minha ordem para invadir o apartamento dele.

Eu não consegui encontrar nenhuma oportunidade até agora. Como também não consegui roubar o celular de Diogo, que daria o alerta quando o cofre fosse aberto. Não vi outra opção além brincar com fogo, mais do que deveria. E precisava agir logo, antes que os três homens metidos a mosqueteiros fizessem algo.

Assim, peguei o microfone que eu deveria usar apenas quando Paulo tivesse enviado a mensagem, dizendo que estava com todo conteúdo guardado no cofre, decidida a antecipar o meu discurso.

— Senhores, senhoritas — fui chamando a atenção de todos enquanto me aproximava da mesa central, obviamente tendo Diogo me seguindo.

Um pouco mais, dizia a voz em minha cabeça.

— Estou muito feliz com a presença de todos esta noite — Dei uma rápida olhada pelo salão, fingindo estar interessada em cada um dos rostos aqui — Cada um aqui sabe que, bom... É um milagre que eu esteja aqui, comemorando mais um aniversário com todos vocês.

Essa parte era verdadeira. Realmente era um grande milagre que tivesse sobrevivido ao acidente, e que mesmo com toda a tensão vivida após ele, com todas as emoções que encarei, sigo em pé.

— Pedro?

Procurei meu irmão entre os convidados, e quando o achei junto aos seus grandes e melhores amigos, fiz um sinal para que ele se aproximasse da mesa.

— Meu irmão, por grande parte da minha vida, você foi mais do que isso — declarar isso publicamente a Pedro mexeu comigo mais do que eu esperava, principalmente porque nossa relação não andava a mesma.

Menti demais para ele e o fiz tomar decisões que poderiam comprometer sua felicidade com Clara, eu nunca desejei que Pedro sofresse, ainda mais por minha culpa.

— Foi meu pai e a minha mãe quando os nossos pais nos faltaram. Você foi meu protetor.

Fui verdadeira com ele o máximo que podia, e senti que pelo menos nesse momento ele podia enxergar isso.

— Você nunca reclamou ou ameaçou me enviar aos nossos avós, por mais malcriada que eu fosse — respirei fundo, fazendo o possível para manter minhas emoções sob controle — Por isso, eu decidi que também podia protegê-lo e faria isso com o mesmo empenho e dedicação que sempre teve comigo.

Cada sacrifício que precisei fazer até aqui foi por Pedro e por Fernando.

— Eu te amo.

Quando aplausos e gritos ecoaram pelo salão, aproveitei o momento para afastar o microfone e sussurrar de um jeito que apenas Pedro poderia me ouvir.

— Você disse que chegaria o momento que eu teria que fazer uma escolha.

Seria esta noite.

Ele me encarou com uma expressão confusa. No tempo certo e quando tudo tivesse terminado, ele conseguiria entender. Pedro entenderia muitas coisas.

Ainda trocava com meu irmão um olhar cheio amor, quando Diogo pegou o microfone e sua voz passou a ser ouvida por todos.

— Já que é o momento para brindes e confissões, quero dedicar algumas à minha querida noiva e chamar seu irmão para um brinde.

O olhar que Pedro deu a ele foi extremamente duro e ameaçador. Dava para notar que sua tolerância a Diogo tinha chegado ao fim.

— Lídia, você é a melhor garota que um homem poderia sonhar...

Mentiroso, todos os sonhos de Diogo envolviam eliminar do seu caminho quem ele tinha ditado como inimigo e roubar para si o que nunca lhe pertenceu.

Ele, com o discurso bem ensaiado, que só enganava mesmo quem não o conhecia bem. Um psicopata capaz de tudo para conseguir o que queria.

No meio do discurso, entretanto, algo completamente inesperado, pelo menos para mim, aconteceu. Um grito de mulher, chamando por ele, ecoou pelo salão, atraindo a atenção de todos.

— *Diogo!*

Clara Gusmão, a primeira e verdadeira noiva de Diogo, visto que no início encenamos um compromisso; a mulher por quem meu irmão finalmente tinha se apaixonado, estava aqui.

— Caralho! — Ouvi Nick, ao lado de Pedro, sussurrar.

A confusão foi rapidamente instaurada. Transtornado, Pedro correu, passando atordoado entre as mesas, indo como um maluco em direção à jovem de olhar chocado, ganhando em seguida uma expressão de pânico.

Procurei pelo homem que provocou tudo isso e vi Diogo desaparecendo por uma porta. Rapidamente saquei o meu telefone, determinada a segui-lo e prendê-lo aqui, não importa o que precisava ser feito. A felicidade de Pedro, assim como a vida dele, agora estava em minhas mãos.

— Paulo?

— Senhorita Santini. Conseguiu inutilizar o telefone do Diogo?

— Preciso de mais alguns minutos, você já pode invadir o apartamento dele — avisei quando vi o vulto de Diogo passar rapidamente por entre uns arbustos — Se necessário, levarei Diogo para o quarto e vou...

— Lídia!

O grito foi tão furioso e imponente que me fez paralisar no lugar.

— Que merda você pensa que está fazendo? — Fernando encurtou a distância até mim, parando poucos centímetros antes dos nossos corpos se chocarem.

— Isso não é da sua conta, Fernando — avisei nervosa, dando as costas a ele.

Mal dei três passos e suas mãos firmes me seguraram pelo ombro.

— Um caralho que não é da minha conta. Tudo o que envolve você é da minha conta.

A declaração foi bem romântica, apesar disso eu não tinha tempo para isso agora, precisava impedir que Diogo saísse desta casa.

— Tenho que ir — praticamente gritei, tentando me desvencilhar de seu agarre firme — Preciso impedir que Diogo vá embora.

— Fazendo o que, exatamente? — Ele me encarou de um jeito duro que nunca vi antes — O que acabei de ouvir não é o que estou pensando, é?

Antes que pudesse pensar em alguma resposta convincente, ele simplesmente tomou o telefone da minha mão.

— Farei tudo o que for preciso — afirmei, tentando pegar o aparelho de volta.

Minha declaração foi suficiente para deixar o homem com o diabo no corpo. Antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa, fui agarrada e jogada sobre o seu ombro feito uma boneca de pano.

— É uma porra que você vai! — urrou ele, guardando o aparelho no bolso do terno, e como uma fera saindo da jaula em direção a uma presa.

Nos primeiros segundos, estava chocada demais para poder reagir, depois comecei a socar suas costas com minhas mãos fechadas.

— Fernando? O que você está fazendo? — Quanto mais tentava me soltar dele, mais firme ele me mantinha presa ao seu corpo — Me coloca no chão.

Parecia que os meus gritos e exigências para que me soltasse nem mesmo chegavam aos seus ouvidos.

Quando vi em que direção estávamos avançando e cada vez para mais longe de Diogo, o desespero começou a me abater. Só havia uma coisa que poderia fazer Fernando parar.

— Escuta. Estou ficando muito nervosa. Você sabe o que isso pode me causar.

Por alguns segundos, eu consegui atingi-lo onde queria, e assim que passamos pela piscina ele parou.

— Tem uma ambulância de prontidão lá fora — avisou ele.

O que a merda de uma ambulância fazia do lado de fora da minha casa?

— Sabíamos que você poderia criar resistência quando informássemos que irá essa noite para a fazenda comigo.

— O quê? De que merda está falando? — exigi saber quando ele voltou a caminhar rapidamente.

— Primeiro vou te deixar em segurança, Lídia.

Quando chegamos à parte dos vestiários, Fernando finalmente me colocou no chão.

Fui empurrada para dentro, e antes que tivesse tempo de retornar, furiosa, para a porta, ela foi fechada.

— Fernando! — Bati com meu punho sobre a madeira, com tanta força que senti os meus dedos formigarem — Me tira daqui imediatamente!

Em vez de atender ao meu pedido, ouvi o som da fechadura e algo parecendo estar sendo arrastado.

— Ei! — Comecei a socar com toda força e a gritar sem parar — Fernando, volta aqui!

Nenhuma resposta foi ouvida, por mais desesperada que eu pudesse soar.

— Alguém aí? Por favor, me solta!

O maldito tinha me trancado aqui, roubando a última chance que eu tinha de encurralar e parar o desgraçado do Diogo. As minhas lágrimas de desespero me impediam de enxergar à minha frente, e eu continuei a gritar e socar a porta com determinação.

O que iria acontecer agora?

CAPÍTULO 46

FERNANDO

Tirar Pedro de perto de Clara, nesse momento, foi uma tarefa quase impossível. A sorte era que Nick estava próximo de nós e se prontificou em cuidar dela por quanto tempo fosse necessário.

— Espero que seja realmente importante, Fernando — ele avisou, e eu podia enxergar a fúria cintilando em seus olhos escuros.

Assim como eu, Pedro estava à beira do limite com as loucuras de sua irmã.

— Você a trancou aí dentro?

Era impossível não ouvir os gritos e os tapas que ela dava contra a porta.

— Estava para fazer coisa pior, e você sabe disso.

— Abra — pediu ele, e assim que o fiz, afastando uma cadeira do trinco, Lídia praticamente caiu em seu colo, em sua ânsia em fugir. Seu olhar furioso caiu primeiro em mim, a quem teria saltado no pescoço, se Pedro não a segurasse forte.

— Você é um imbecil, Fernando!

Eu estava preparado para todos os gritos e xingamentos dela, que de fato não me aborreciam mais do que a situação de perigo que ela esteve prestes a se colocar.

— Lídia! — alertou Pedro, prendendo-a em seus braços com mais firmeza — Fique calma.

Toda essa agitação não fazia bem a ela e nem ao seu coração frágil.

— Você precisa ficar calma. Vamos para o escritório.

Deixamos o vestiário, e por todo caminho para dentro de casa, Pedro tentou fazê-la se acalmar com movimentos carinhosos em seus cabelos.

— Você tem que me deixar ir — Lídia implorou a Pedro e levou as mãos ao rosto, quando a fúria deu lugar ao desespero — É importante.

— O que é importante?

Ela titubeou em respondê-lo, e isso fez com que Pedro afastasse suas mãos cobrindo-lhe o rosto, obrigando-a a encará-lo.

— O que é importante, Lídia?

— Conte para ele! — a pressionei, os dias de mentiras acabavam hoje, agora — Conte, porque senão, eu faço.

— Isso não é da sua conta, Fernando — Apesar de sua raiva ao me encarar ser palpável, não me faria recuar como no passado.

— Eles me amaram como um filho!

Quando Pedro comunicou que a pessoa que estava roubando a empresa poderia ter envolvimento direto com a morte dos pais dele, tudo fez sentido para mim. Explicava com perfeição por que Lídia estava tão empenhada em revelar os crimes de Diogo. Ela sabia. Ela sempre soube disso.

— Então, é da minha conta, sim. E você é...

— Não sou a sua irmãzinha.

Não era isso que estava passando por minha cabeça, e ela não precisava mais fingir para Pedro sobre nós dois. Já tinha revelado o mais importante naquele dia, no hotel de Nick.

— Eu não ia dizer isso.

— Fala! — Pedro puxou Lídia pelo braço, obrigando-a a enfrentá-lo — O que você tem para me dizer?

— Não pedi que Vilela investigasse Diogo porque acreditava que fosse infiel a mim. A gente nem tinha um relacionamento de verdade.

Pelo menos, até uma certa parte disso.

— Não tinham?

— Foi uma brincadeira, no início — seus olhos se desviaram rapidamente para mim — Para fazer ciúmes.

— Ao Fernando — Pedro concluiu.

— Eu sei que fui muito boba. Acreditei que Diogo queria mesmo me ajudar, como um conselheiro romântico...

— Pelo amor de Deus, Lídia!

Relembrando vários momentos nossos que envolveram Diogo no passado, recordei que, no início, Lídia o via mesmo com bons olhos. O desgraçado só estava ganhando terreno para fazê-la cair em seu jogo. Por sorte, ela sempre foi mais esperta que seu ar delicado costumava transparecer.

— Eu sei. Sei que fui muito idiota, eu era uma garota boba. Algumas coisas que Diogo falou realmente funcionaram. Como ir naquele baile de máscaras.

Essa não foi uma lembrança agradável para mim.

— Você era a garota de máscara? — O choque de Pedro só não era maior que a minha aflição.

Eu quase fui expulso da Paradise por aquilo, e se Aron não tivesse interferido junto ao cara que agredi, ainda estaria enfrentando um belo processo. O que me deixava em dívida com o alemão.

— Sei do seu mundo mais do que imagina, Pedro.

Mundo que eu a apresentei.

— Como você sabe, aquele dia não acabou bem — ela recordou, com sua atenção e acusação agora em mim — Os dias seguintes ficaram ainda

piores. Não sabia como lidar com tudo. Estava ferida, sentindo-me traída. Perdida, para ser sincera. Estive em uma boate. Eu bebi demais. Diogo me encontrou e me levou para o apartamento dele.

— Ele... — Pedro segurou a respiração, e eu sabia o que ele temia perguntar.

— Não. Não aconteceu nada. Ele achou mesmo que estivesse apagada. Eu estava bastante aérea, então, no início foi difícil entender a conversa ao telefone.

A angústia que o seu olhar transmitia, assim como a dor em seu rosto, me fazia querer puxá-la para a proteção dos meus braços — Eu o ouvi dizer... *A garota está aqui, exatamente onde eu esperei que estivesse. Nós cuidaremos do Santini, como fiz com os pais dele.*

A raiva que fervia dentro de Pedro transparecia em seus olhos.

— Há quanto tempo você sabe sobre isso?

— Alguns meses antes do acidente.

Um urro angustiado saltou da garganta dele, depois ele socou a mesa com força.

— Esse tempo todo estive escondendo isso de mim. Por que, Lília?

Eu compreendia a revolta de Pedro. Ela não precisava ter carregado esse fardo sozinha, ter sofrido com isso, quase me enlouquecido quando ficamos separados e nem ter beijado o perigo como fez.

— Eu queria ter certeza. Comecei a investigar, Diogo não é idiota. Eu precisava ter cuidado.

— E não confiou em mim? — Ele indagou, exaltado.

— Eu tive medo — ela soluçou, tentando se aproximar dele — O que você faria, Pedro? Mataria Diogo, como sempre jurou que ia fazer? Iria para a cadeia?

Não dava para afirmar que teria acontecido assim. Pedro não era um assassino frio, ele tinha sangue quente. Talvez, em meio a uma briga com Diogo, uma tragédia pudesse, sim, acontecer.

— Ou pior, acabar morto, como ele prometeu? — Ela levou a mão ao peito, e eu corri para ampará-la, agoniado com seu pranto afligido — Eu também desejava justiça, meu irmão. Acima de tudo, eu queria protegê-lo. Fiz tudo o que fiz porque eu te amo. Eu morreria por você, Pedro. Eu morreria...

— Tudo bem... — sussurrei, tentando fazer com que ficasse calma — Tudo bem, meu amor. Isso acabou.

Ela se agarrou a mim, e eu a abracei mais forte.

— Achei que Diogo encobria o Nolasco e ele que servia de costas quentes para o Diogo — disse Pedro.

Tudo se encaixava agora. Cada ponto cego era descoberto.

— Ele tem um cofre — Lídia avisou, ofegante, as emoções estavam indo muito além do que o seu coração frágil podia permitir — No quarto, atrás de um quadro, em uma parede falsa. Eu só precisava segurá-lo aqui por mais tempo. Paulo, ele estava...

— Quem é Paulo?

— É o novo detetive que Lídia conseguiu — respondi por ela.

— Você sabia disso? — Pedro me questionou.

Sobre o detetive ou os planos loucos de sua irmã, tão cabeça-dura quanto ele?

Pela sua expressão muito zangada, sabia que se referia ao plano, tanto arriscado como ousado dela.

Eu deveria ter revelado a Pedro que essa noite seria para Lídia mais do que a comemoração do seu aniversário. Eu já que estava em outro plano com

ele pelas costas de dela, que quebrar a promessa que fiz só deixaria tudo entre nós ainda mais complicado.

— Fiquei sabendo esta noite, logo após Clara chegar.

Assim que a ouvi conversar com o detetive, planejando seduzir Diogo para retê-lo na mansão, o prazo que tinha dado a ela, para agir à sua maneira, acabou.

— Achei que era o melhor momento para fazer o que me pediu.

— Você queria me sequestrar — Lídia acusou, tentando se desvencilhar de mim.

Não iria soltá-la. Nem mesmo sairia de perto dela enquanto o perigo rondasse a todos nós.

— Eu queria te proteger!

Duelamos com o olhar. No fundo, Lídia sabia que eu estava certo e que, assim como ela quis fazer, eu lutava pelo seu bem.

— Fernando? — Pedro ainda aguardava respostas.

— Pelo que entendi, a festa tinha o propósito de mantê-lo longe do apartamento. Esse tal de Paulo precisava de tempo para conseguir abrir o cofre. E Lídia... — a encarei, furioso — Estava disposta a qualquer coisa para conseguir isso. Inclusive se colocar em risco ao...

— Cale a boca! Eu nunca pude confiar em você, Fernando. Todas as vezes em que tentei, foi uma tremenda decepção.

Que ela pensasse assim, então não me importava. Jamais deixaria que Lídia levasse adiante essa inconsequência.

— Esse homem ainda está lá? — sondou Pedro.

— Pergunte ao seu amigo. Ele me trancou no vestiário e, ainda por cima, levou o meu telefone.

— Ligou para ele? — ele indagou a mim.

— Em que momento, entre colocar Lúdia em segurança e ir atrás de você, acha que tive tempo de fazer a maldita ligação?

Quando se tratava de Lúdia e sua segurança, todo o resto ficava em segundo plano.

— Lúdia, preciso que preste muita atenção — disse Pedro, se aproximando dela — Qual foi a última vez que viu Diogo?

Ela franziu a testa, refletindo sobre a pergunta.

— Eu vi Clara entrar. Entendi que viraria uma grande confusão. Saí para alertar Paulo, e bom... O resto você já sabe.

— Ligue para o cara — ordenei a Fernando.

Enquanto tirava o telefone de Lúdia do bolso, Pedro buscou o dele, verificando as mensagens e ligações que tinha recebido durante o período da festa.

Ele retornou uma das chamadas, e a conversa que podíamos ouvir indicava que ele falava com o chefe de sua segurança.

— Procure por cada canto desta casa — rugiu Pedro — Ache o desgraçado do Diogo, seu imbecil!

Não me deixava nem um pouco feliz e tranquilo que Diogo tivesse escapado por entre nossos dedos.

— Conseguiu falar com o cara? — indagou Pedro ao encerrar a ligação.

Neguei com a cabeça, tão frustrado quanto ele. Todas as tentativas que fiz caíram na maldita caixa postal.

— Daqui até o apartamento dele existe uma distância considerável — observou Pedro, e buscou o seu telefone mais uma vez — Thomaz?

Lúdia e eu nos encaramos, enquanto ele dizia o que precisava ser feito. Estava claro, em seu olhar, que ela ainda estava brava comigo.

— Vivo ou morto, eu quero esse desgraçado — finalizou Pedro.

— Ele não faz as coisas sozinho — destacou Lídia — Aquele cara cuida do trabalho sujo.

Nós sabíamos que não era do Nolasco que ela estava falando.

— João Rodrigues.

O homem que tinha a bela ficha criminal que Pedro tinha mostrado aquele dia, em seu apartamento.

Diogo à solta, na companhia desse homem tão perigoso quanto ele, e a essas alturas desconfiando de que já descobrimos parte de quão canalha ele era, fazia os ponteiros dessa bomba-relógio que ele representava começar a correr.

— Fernando? — Pedro me chamou de novo, seu olhar determinado estava em Lídia

— Agora, mais do que nunca, o plano continua igual.

— Dessa vez estou com Pedro, amor.

— Você prometeu...

— Até essa noite, e ficou claro que as coisas saíram do controle.

Lídia estava prestes a me revidar, provavelmente para destacar que eu tinha arruinado os seus planos, quando Pedro veio ao meu auxílio.

— Você vai para a fazenda, porque fizemos todo o necessário para tornar o lugar seguro para você — disse ele em um tom que não admitiria resistência dela — E pode ir com seus próprios pés até o carro do Fernando ou ir na ambulância lá fora. Essa será a única escolha que terá agora.

As duas opções eram inaceitáveis para Lídia, ela não tinha saída.

— Será que podia ir amanhã, pelo menos? Quero me despedir devidamente do *nonno*. Tudo isso vai deixá-lo muito preocupado.

— Concordo — após aceitar o pedido dela, ele voltou-se para mim — Você cuida de tudo, Fernando. Preciso ver a Clara, agora.

Assenti, e quando ele estava chegando à porta, Lídia o chamou de volta.

— A Clara está bem? — Sua preocupação era real e sincera, Pedro via isso — Acho que tudo deve estar sendo um choque para ela.

— Vai ficar. Eu vou cuidar para que ela fique bem.

Conhecia esse tipo de angústia que meu amigo estava sentindo agora. Não apenas o medo de perder a mulher que amava, como também magoá-la.

— Você a ama muito, não é? — Lídia indagou antes que ele saísse.

— Como nunca amei ninguém.

A confissão apaixonada, pelo visto, não deixou Lídia magoada. Ela se jogou sobre ele e o abraçou forte.

— Eu fico feliz, meu irmão. Sempre sonhei com esse momento. Você será muito feliz com ela.

— Espero que sim, Lídia — ele disse baixinho — Sem ela, eu não sei quem eu sou.

Depois que Pedro saiu, Lídia me encarou com o olhar ferido, saindo correndo do escritório.

— Quem disse que seria fácil?

Suspirei e fiz o que se tornou minha sina, desde que meu coração se abriu para essa garota: correr para onde ela estivesse.

LÍDIA

Era mais do que frustração que estava sentindo agora; era medo. Pelo que Diogo poderia fazer ao meu irmão, a Fernando, a Nick por ter ajudado, e até mesmo a Clara, que foi mais uma vítima desse monstro cruel.

Só que agora não havia mais nada que eu pudesse fazer, além de rezar para que tudo acabasse bem.

Bancar a teimosa e insistir no assunto só deixaria Pedro desestabilizado, e no momento ele precisava ter o máximo de calma para conseguir vencer Diogo nessa guerra e fazer justiça pela morte dos nossos pais.

— Lídia! — ouvi os chamados de Fernando atrás de mim, não dei a mínima atenção.

Eu estava furiosa com ele.

— Minha filha — Vovó Olga surgiu à minha frente assim que eu surti, impetuosamente, na sala — O que está acontecendo, querida? Nick começou a dispensar todos os convidados e disse que você não estava bem.

— Vovó, é uma história bastante longa — Alisei os ombros dela para que ficasse mais calma — Prometo que amanhã explicamos tudo.

Não dava para contar a ela agora que o meu noivo, na verdade, era o assassino cruel do seu filho amado e esposa.

— Eu juro que estou bem — Apesar de toda essa avalanche de emoções, o meu coração conseguia aguentar bem.

Era resultado de todo o meu trabalho com Luan e o fato de tomar as medicações de forma devida. Eu sabia que essa noite seria cheia de emoções e tinha me preparado para ela.

— Querida...

— A Lídia tem razão, vovó Olga — Fernando surgiu em meu auxílio — O assunto é realmente delicado, e acho que Pedro vai querer esclarecer melhor com o seu marido também. O que posso adiantar é que, na medida do possível, Lídia está bem. A casa está cercada de seguranças.

— Seguranças? — Seus olhos ficaram visivelmente esbugalhados, e eu encarei Fernando seriamente.

Apesar do grande patrimônio que possuíam e o fato de eles morarem em uma área nobre e segura na Europa, os meus avós nunca precisaram se

preocupar com isso. Até mesmo aqui, o *nonno* só aceitava sair na presença do motorista, que na realidade, excluindo Humberto, que está conosco há muitos anos, Pedro sempre contratava os que podiam exercer as duas funções.

— Está tudo bem, vovó — alisei seu ombro com carinho — Vá descansar, tudo bem? Conversamos amanhã.

Apesar de um pouco atormentada, vendo que fisicamente eu estava bem, ela acabou aceitando.

Subi as escadas logo atrás dela, e Fernando, obviamente, seguiu atrás de mim. Quando vi vovó entrar em seu quarto, me dirigi furiosamente para o meu.

— Lídia!

Abri a porta com raiva, e só não a bati na cara dele porque seu reflexo foi mais rápido que meu ataque de fúria.

— Amor, por favor.

— Não me chame de amor — Virei para ele, transmitindo o máximo de irritação que conseguia ter — Não somos nada. Eu nem posso confiar em você.

— Isso não é verdade!

— A única vez, Fernando — encarei-o, magoada — A única vez que implorei para confiar em mim, me traiu pelas costas e ainda quebrou sua promessa. Como esperar o contrário? Sua especialidade é quebrar promessas, não é mesmo?

Fui um pouco dura demais com ele, percebi quando o vi se encolher com a última acusação que fiz. E notei, tarde demais, que levada pela minha frustração de ter chegado tão perto de desmascarar Diogo, usei uma das coisas que mais atormentava Fernando: a promessa que tinha feito à minha

mãe quando ele era apenas um garotinho, que não sabia o peso que isso representaria no futuro. Em quanta tortura nos causaria.

— Eu... — balbuciei, arrependida.

Não queria feri-lo, por mais que estivesse magoada com ele.

— Fernando...

— Você está certa. Talvez eu não seja bom com promessas — a sua voz carregava um toque de dor e angústia que doía em mim — Não cumpri a promessa dada a Isabela. Nem a que fiz ao Pedro. Prometi que não deixaria você, e fiz isso várias vezes. Que nunca iria magoá-la e magoei, inclusive hoje.

Eu queria ir até ele, abraçá-lo e dizer que não pensava nada disso, tanto a vergonha de ter sido cruel quanto o orgulho mantiveram os meus pés fincados no chão.

— Tem algo que eu sou bom. É tentar. E tentar de novo e de novo. E se tratando de proteger você, eu vou tentar quantas vezes for preciso. Para recuperar seu amor e confiança, farei isso até a minha morte.

— Estou cansada de falar de morte — sussurrei, sentando-me em minha cama.

A dos meus pais, a que enfrentava e lutava contra todos os dias, a que temia acontecer a ele ou ao Pedro.

— Era para eu estar comemorando a vida — murmurei, tocando o meu ventre vazio, me perguntando se algum dia eu iria conseguir superar essa dor — O nosso filho crescendo em mim.

No meu primeiro soluço, senti seus braços envolvendo o meu corpo. Nós não falamos praticamente nada sobre isso, desde o meu acidente. Coloquei em minha mente que se não pensasse sobre isso, se não falasse, um dia a dor iria embora, não era verdade.

— Amor, eu sinto muito.

Eu notava isso em sua voz, também carregada de sofrimento.

Pelo menos eu tive um pouco de tempo com nosso bebezinho dentro de mim, consegui ter alguns minutos de alegria ao confirmar que ele existia, e Fernando apenas tivera de lidar com sua morte.

— Eu quero vê-lo, Fernando — pedi, em um pranto que parecia despedaçar nossa alma — Quero ver onde está o nosso bebê.

Sabia que ele mandou preparar um lindo túmulo para nosso pequeno, que eu não tinha tido coragem de ver ainda. Acho que, no fundo, precisava fazer isso com ele.

— Eu vou te levar lá, amor — Seus dedos passaram carinhosamente em meus cabelos — Precisa ficar calma.

Eu não conseguia segurar as lágrimas, a dor que sentia destruindo minha alma, o peso em meu coração, enquanto ele me embalava em seu peito, tentei continuar a ser forte.

Nos deitamos, e Fernando me manteve presa em seu corpo. Ele dizia o quanto me amava, que nunca desistiria de nós e que tudo ficaria bem. Que seríamos felizes.

Com Diogo por aí, provavelmente colocando seu plano de vingança em ação e o coração em meu peito com prazo de validade, eu não tinha a mesma certeza que ele me confortava essa noite, em seus braços, recebendo seus carinhos como alento, tentar acreditar nisso, pelo menos até o sono e o cansaço me vencerem.

— Vamos ter tudo o que nos tiraram de volta.

Essa foi a última promessa que ouvi dele, antes de adormecer em seus braços.

CAPÍTULO 47

FERNANDO

Apesar de ter Lúdia protegida em meus braços, lugar que nunca mais deixaria que ela saísse, não consegui fechar os meus olhos um único minuto durante a noite, até o início dessa manhã. Não por causa do Diogo ou do perigo que ele representava, estando solto lá fora. Por ter presenciado o sofrimento dela em relação ao nosso filho e ver o quanto isso ainda a machucava bastante. Também me feria, mais do que qualquer pessoa poderia imaginar.

Só que precisava bloquear esse sentimento. Havia muito o que fazer ainda, e até que todos da família Santini estivessem bem e em paz, eu não podia sucumbir a essa dor.

— Vai acabar, meu amor — sussurrei, beijando sua cabeça com suavidade — É só uma questão de tempo.

E para quem tinha suportado tanta tragédia ao longo da vida, como Lúdia e eu, chegar ao fim dessa história era só mais uma etapa a enfrentar. No final de tudo, de todos que se colocaram contra nós, tentando nos separar, nós venceríamos, porque ainda estamos juntos.

Eu necessitava de um pouco de ar, assim, silenciosamente, saí do quarto. Quando estava fechando a porta, encontrei Pedro na metade do corredor.

— Vai correr?

— Eu preciso — ele respondeu, continuando a andar.

— Quer companhia?

Eu não estava vestido apropriadamente, isso não me importava. Queria apenas que tivéssemos alguns instantes juntos, antes de partir para a fazenda com a sua irmã.

Ainda não podia definir a que pé andava a minha relação de amizade com Pedro. Traí sua confiança, e isso não era algo que se conquistava com tanta facilidade como perdemos.

Sáímos da casa em silêncio, depois intercalamos corridas e caminhadas rápidas em todo o quarteirão, por cerca de uma hora. Ao nosso redor, parecia que a vida seguia seu fluxo natural: pessoas também correndo, jardineiros cuidando do seu trabalho. De anormal, apenas os seguranças de Pedro, tentando acompanhar nossos passos.

Eu sabia que ele odiava isso e não tinha o que fazer. Precisávamos manter em segurança todas as pessoas que amávamos, inclusive de nós mesmos.

Estávamos exaustos quando retornamos para frente da casa e nos jogamos nos degraus.

Mais alguns minutos se passaram enquanto víamos o sol nascer.

— Eu amo a Lídia, Pedro — confessei o que já deveria ter revelado há muito tempo.

Não foi uma transa ou um casinho escondido dele. Eu amava a sua irmã pra caralho.

Ao que eu notava, o que disse não o pegou de surpresa. Antes do amor de homem para mulher, Lídia sempre teve um lugar só dela em meu coração.

— Não como uma irmã...

— E uma Sub? — indagou ele, e eu meio que já esperava por essa pergunta desde o nosso desentendimento no hotel de Nick.

— Eu não quis incluí-la nisso...

— É o que somos — constatou ele. Mais do que ninguém, Pedro e Nick eram as melhores pessoas para conseguir entender isso.

Assenti, balançando a cabeça, e Pedro puxou um fio de grama enquanto refletia sobre o assunto.

— Não falamos sobre isso ontem. Se Lília não tinha nada com Diogo, o bebê que ela esperava...

— Era meu.

Aquele nó sufocando a minha garganta ressurgiu, como também notei que Pedro não ficou nada feliz com a minha resposta.

— Seu filho. Como você não...

Ele se levantou em um ímpeto, e eu já me preparava para um novo soco em minha cara. Novamente, ele teria o direito de fazer isso.

— Antes que me julgue, eu não sabia que Lília estava grávida até o acidente. Desconfiei que era meu, contudo só tive certeza quando ela voltou para casa e a pressionei a dizer a verdade.

Pedro sempre fugiu de relacionamentos sérios, no entanto nunca fugiria de suas responsabilidades. Se algumas das garotas que já transou tivesse engravidado ou isso acontecesse a Clara, ele não era do tipo que fugiria, então eu entendia sua indignação inicial. Só que eu não tive culpa e também jamais ignoraria minhas responsabilidades, ainda mais se tratando da mulher que eu amava.

— Sinto muito, Fernando.

— Antes, eu recusei Lília e tentei afastá-la de mim, por medo do que sentia por ela e de como você reagiria a isso — murmurei, enfrentando seu olhar firme — Sim, eu fui covarde. Agora, ela foge de mim porque acha que não pode ser o que quero. Que vai morrer e todas essas bobagens.

— Ela está assustada, Fernando. Sabe de uma coisa? Apesar de ter ocultado coisas de mim, agora consegui, de certa forma, entender. Ela

amadureceu bastante, mas ainda há uma longa jornada pela frente.

Lídia nunca foi assim, e agora eu entendia que sua fase de menina rica, cheia de vontades, foi um papel que precisou desempenhar com Diogo.

— Eu vou conquistá-la de novo — afirmei com determinação — Você me dá sua bênção agora?

Apesar de termos passado a noite juntos, Lídia ainda ficaria brava comigo por um tempo, pois na cabeça dela, a tinha traído e arruinado os seus planos. Até que isso realmente acabasse, a paz em nossas vidas iria tardar a chegar. Estaríamos juntos, mesmo que ela se opusesse, e isso era o que importava.

— Faça-a feliz — ele meu pediu.

Eu nunca desejei nada menos que isso. Fazer Lídia feliz. Porque se ela estiver feliz, eu também estaria.

Apertamos as mãos, dando fim a todos os desentendimentos que tivemos, e o nosso laço de amizade e respeito foi reestabelecido. Tudo voltava ao lugar.



A despedida de Lídia com os avós, agora que eles sabiam de tudo, foi bem emocional. Nada se comparava ao que ela precisou fazer com seu querido *nonno* Lucchese. Os dois sempre foram muito ligados. Ela amava os avós do lado Santini, esse senhor, com jeito de ursão, Lídia era simplesmente apaixonada por ele.

— Tudo isso é para o seu bem, *bambina* — ele secou as lágrimas dela quando mal conseguia segurar as dele — Fernando? Nós podemos conversar um minuto?

Assenti, e quando Oberto arrastou Lúdia em direção aos quartos, coloquei-me diante do senhor invocado.

— Eu acompanhei a história de vocês dois de perto o máximo que consegui. Tentei não me meter, quando um dos dois fazia algo de errado, mesmo quando os detalhes não chegavam aos meus ouvidos — disse ele em um tom bastante emocionado — Só que não é fácil ver a *bambina* sofrer. Eu arrancaria o meu coração do peito e daria ela, sabe?

Eu acreditava nisso, como também sentia o mesmo.

— Algumas vezes, tive desejo de procurar você e dar aquela coça que eu tinha prometido, principalmente quando ela começou a namorar aquele *farabutto* — ele fez uma pausa para respirar e se acalmar um pouco — E vi que você sofria tanto quanto ela. Decidi que se o destino de vocês dois fosse ficar juntos, cedo ou tarde isso iria acontecer.

— Eu a amo demais, *nonno*.

— Sei disso, *bambino* — ele falou isso com suavidade, enquanto tocava o meu ombro — Apenas cuide dela como se disso dependesse a sua vida, ok? Porque a minha depende. A *bambina* é tudo para mim, e depois de tudo o que ela já passou nessa vida, só merece ser feliz.

— Eu vou fazê-la feliz. É uma promessa.

E eu, mais do que ninguém, sabia o quanto seria empenhado em cumpri-la.

LÚDIA

Passar por esse momento estava sendo mais difícil do que eu imaginava. E não tinha a ver com o fato de minha despedida dos meus avós e do Pedro ter sido carregada de emoção. Encarar isso me deixaria de frente com uma dura realidade do que perdi, com o que talvez nunca mais pudesse ter.

— Lídia? — Senti a mão de Fernando buscar a minha, que estava trêmula, apoiada no banco — Se for muito duro para você, talvez a gente...

— Não! — apesar do pânico me invadindo, precisava seguir em frente, virar essa página mesmo que me doesse muito — Eu preciso ir.

Ele assentiu e uniu nossas mãos, entrelaçando os nossos dedos. Já estive e vinha em cemitérios muitas vezes, para visitar o túmulo dos meus pais, e agora havia uma alma a mais a quem dedicar as minhas orações.

Fernando me dava todo o suporte durante o caminho que levamos para chegar ao túmulo, junto ao dos meus pais. E quando vi a placa dourada, indicando apenas início e fim, senti as minhas pernas perderem as forças, precisando ser amparada por ele.

Toquei com os dedos vacilantes o mármore frio, onde o nosso bebê foi sepultado. As lágrimas vieram com toda força e devastação.

Eu não conseguia respirar. Parecia que nunca mais conseguiria respirar. Nenhuma mãe, não importava se tivesse conseguido colocar seu filho nos braços ou apenas ter sentido a vida dele dentro dela, como eu, deveria passar por isso.

Entendia que o tempo amenizaria o vazio, porém, achava que essa dor nunca iria passar. Eu nunca esqueceria o meu bebezinho.

— Sempre amado, nunca esquecido — murmurei, mal enxergando a placa à minha frente, na qual passava os meus dedos com carinho — Pode mandar escrever isso, Fernando?

— Claro que sim, querida. Eu sabia que você iria querer dizer alguma coisa.

Como uma despedida. Ele nunca me pressionou e esperou que eu estivesse pronta para isso, na verdade, a gente nunca está.

Ficamos aqui por um longo tempo, compartilhando a nossa dor, dando, como podíamos, consolo um ao outro. Além da dor, eu também sentia uma raiva descomunal de Diogo. Tudo isso era culpa dele. Primeiro, tirou os meus pais de mim, depois o meu filho. Isso eu nunca iria perdoar.

Eu rezava para que Pedro, diferente de mim, tivesse sucesso em caçar Diogo, porque eu só teria paz quando esse maldito pagasse por tudo o que fez.

CAPÍTULO 48

FERNANDO

Agora que toda a verdade sobre nós foi revelada a todos que conhecíamos, as coisas não ficaram mais fáceis entre a gente, como imaginei. Isso porque Lídia ainda estava zangada comigo, por tê-la impedido de ir atrás de Diogo naquela maldita festa. Não era apenas isso. Sentia que, agora que estávamos livres de todas as mentiras, e tirando o risco que Diogo em suas loucuras pudesse atentar contra nós, não existia mais nada que impedisse Lídia e eu de ficarmos juntos, como um casal normal, além do medo dela.

E era esse medo que a vinha fazendo agir com teimosia, tentando manter distância entre nós, passando o maior tempo trancada no quarto ou fazendo algo que não deveria por causa de sua saúde, tentando me enlouquecer.

Jurei ser paciente com ela. A nossa visita ao cemitério mexeu com ela mais do que eu tinha previsto, estava a ponto de jogá-la sobre o meu colo e dar umas belas palmadas até que criasse juízo.

— Droga! — Joguei os papéis que estive tentando ler sobre a cama, porque não conseguia prestar a menor atenção, como também porque alguém batia fortemente na porta do meu quarto.

Sim. Por exigência de Lídia, e querendo aborrecê-la o menos possível, estávamos em quartos diferentes.

— Serafina?

Olhei rapidamente para o relógio em meu pulso. Já passava das nove horas, e ela já deveria ter se recolhido para os seus aposentos. Com Lídia aqui e toda a situação complicada que vivíamos, Serafina estava dormindo na casa da fazenda.

— Estou de olho na menina, como você me pediu — ela iniciou, expressando um olhar atormentado — Então eu *tava* na cozinha, fazendo aquele bolo de cenoura com cobertura de chocolate, que vocês gostam tanto, para o café da manhã, sabe.

O problema de uma grande parte das pessoas, nascidas e crescidas no interior, era que elas achavam que tinham todo o tempo do mundo para contar uma história, nos mínimos detalhes.

— Sim, Serafina. A Lídia está bem? — indaguei, já começando a sair do quarto.

— Eu nunca sei dizer quando está bem com a menina. Ela parece que anda endemoniada.

Não que Lídia fizesse algo rude com Serafina ou qualquer outro funcionário da fazenda, ela não era uma pessoa cruel. Seu problema estava comigo, ainda na tentativa de querer me afastar.

— O que foi que ela fez agora?

— Bom... — Serafina amava Lídia, e ela ficava dividida em ter que ficar a denunciando para mim — Os remédios que ela toma são pesados, né?

Assenti e já comecei a visualizar o cenário onde, levada pelo desespero, ela tivesse ingerido muitos comprimidos.

— O sobrinho de uma amiga tinha um problema de saúde também, e não podia beber...

— Está me dizendo que Lídia anda bebendo?

Isso seria o mesmo que dar um vidro de veneno a ela.

— Se está bebendo não sei, a garrafa está lá na piscina com ela. Eu precisava avisar, porque...

Eu nem terminei de escutar o que Serafina tinha a dizer, segui disparado em direção à piscina.

A primeira coisa que notei, ao me aproximar, foram as roupas dela espalhadas pelo chão, e como Serafina tinha me alertado, uma garrafa de vinho largada em um dos degraus da escada.

Havia uma boa iluminação no lugar, Lídia flutuava em um canto da piscina, então só via o brilho dourado banhar o seu corpo. Não havia movimento, nem dela e nem da água. Eu não pensei duas vezes: com roupa e tudo, pulei na água gelada e nadei cegamente em sua direção. Segurei seu corpo um pouquinho mole e a virei para mim.

— Lídia?

Os olhos de chocolate, que com o jogo das luzes, como da claridade da luz, cintilaram assim que se focaram em mim. Senti um alívio ao constatar que ela estava viva, e na medida do possível, bem. Até ter essa certeza, o meu pânico foi tão grande que parecia que a minha alma tinha saído de mim.

— Fernando — junto com o sussurrar, surgiu um sorriso ao me ver.

Eu não sabia dizer o quanto Lídia tinha bebido do vinho, estava nítido que ela bebera mais do que deveria. E ainda estava na piscina a essa hora da noite. Mesmo que estivesse relativamente quente, no caso dela, todo cuidado era pouco.

— O que você está querendo, Lídia? — Segurei seu rosto, mantendo sua atenção em mim — Se matar? Me matar?

Por que ela ficava desafiando a vida assim?

— Eu... — Seus olhos se fecharam e sua cabeça pendeu em direção ao meu ombro — Eu não sei.

Parte de mim era raiva, por sua falta de responsabilidade consigo mesma, e outra era desespero, em não saber mais o que fazer para resgatar a minha menina de toda essa dor que a mantinha cativa. Estou aqui. Encontrava-me ou ao lado dela, ao mesmo tempo, me sentia longe.

— Preciso te levar para dentro — avisei, tirando nós dois da água gelada.

Graças a Deus estava escuro e tarde o suficiente, para que eu não encontrasse nenhum funcionário circulando pela casa grande. Com ela nua em meus braços, fiz o caminho de volta para dentro o mais rápido que consegui. Lídia não discutiu ou se mostrou contrária à minha decisão. Poderia ser o frio gelando a sua pele, o excesso físico demais para o seu coração suportar, ou a bebida que não deveria ter ingerido por causa da medicação.

— Como ela está, meu filho? — A apreensiva Serafina já me esperava na escada com uma toalha na mão.

— Precisa de um banho quente, Serafina. Você poderia fazer uma xícara de chá, antes de encerrar o seu dia?

— Acabei de desligar a chaleira, menino. Subo num instante.

— Obrigado, Serafina. Por tudo.

Sem a ajuda dela, lidar com as crises de Lídia, como a de hoje, teria sido ainda mais difícil.

— Vai ficar tudo bem, querido — Ela tocou o meu rosto, depois mostrou o pulso de Lídia — Veja, ela está usando o amuleto. Vai sempre estar protegida.

Talvez, em algum tempo no passado, eu fosse achar essa observação de Serafina exageradamente supersticiosa, não agora. Eu tinha fé em tudo o que fosse para o bem.

Não alongamos a conversa, eu precisava cuidar de Lília antes que sua falta de juízo resultasse em uma pneumonia ou outra coisa pior.

Carreguei-a diretamente para o meu quarto, em seguida para o banheiro.

— Fernando!

Seus olhos se abriram, surpresos, quando entramos juntos no jato quente de água.

— Fique quieta! — a repreendi quando ela tentou fugir dos meus braços — Você pediu por isso, Lília.

Talvez tenha sido o meu tom em sinal de impaciência, ou porque a água quente começava a dar o calor que seu corpo gelado precisava, que pouco a pouco ela começou a se render. Quando tive certeza de que ela não iria fugir, comecei a me livrar das minhas roupas ensopadas e frias.

Depois a ensaboei e lavei seus cabelos com o meu xampu. Enrolei-a em uma toalha felpuda, e ainda nu e molhado, levei-a de volta para o quarto em meu colo.

— Já estou bem — sua voz saiu notavelmente fraca, seu olhar, antes um pouco aéreo, começava a ganhar mais firmeza — Posso ir para o meu quarto agora.

— Querida, você não vai a lugar algum. Não essa noite.

Vi seus lábios chegarem a se abrir em protesto, a batida na porta a interrompeu.

Era Serafina, carregando a bandeja com chá e outras coisas.

— Coloquei alguns biscoitos também.

— Obrigado, Serafina. Está tudo sob controle agora, pode ir descansar.

Ela deu uma rápida olhada em Lília, encolhida na cama, e quando recebeu seu sorriso gentil, decidiu se recolher.

— Não estou com fome — avisou ela assim que coloquei a bandeja na cama.

— Beba o chá, então.

O olhar que dei a ela deixava bem avisado que eu não entraria em discussão. Ela pegou a xícara, e eu consegui perceber como os seus dedos tremiam. Mesmo com sua expressão contrariada no princípio, a ajudei a tomar cada gole em doses pequenas.

— O que deu em você, Lídia? Por que fica o tempo todo se desafiando?

Ela não me respondeu, eu via a resposta em seu olhar atormentado. Lídia ainda pensava que iria morrer a qualquer minuto. O tempo que ficou ocupada, planejando contra Diogo, manteve um pouco desse medo controlado, agora que o problema não estava mais em suas mãos, a realidade de sua condição física a assustava.

— Acho que devemos voltar ao seu médico.

— Por quê? — Seus olhos arregalados caíram em mim.

— Para que você tenha a certeza de que não vai morrer, caramba. Não agora e nem em um futuro breve.

— Você não sabe.

— Mais do que saber, eu tenho fé. Só que se continuar agindo assim, será justamente o que vai conseguir. Você não pode me roubar o que mais amo. Já tiraram muito de mim.

— Fernando... — meu nome soou fraco por seus lábios.

Largando a xícara na bandeja, fiquei de pé, virado para o closet e de costas para ela. Espalmei as minhas duas mãos sobre a madeira, enquanto buscava por ar.

— Eu... me desculpe — Seus dedos delicados tocaram as minhas costas, e o calor que me transmitiam, lentamente, começou a me fazer

acalmar — Às vezes, eu sinto muito raiva. Uma sensação de impotência, e acabo agindo sem pensar.

Era muita pressão para nós dois.

Girei, escorando o corpo contra a porta do closet, e busquei sua cintura.

— Vem aqui — Trouxe-a para os meus braços e a aconcheguei em meu peito — Você pode sentir raiva, frustração e até mesmo medo. Só não pode se machucar, porque isso também fere a mim.

Ela soluçou, e senti sua lágrima quente cair sobre a minha pele. As minhas estavam ameaçando cair também.

Quando tudo ficaria bem?

Até que ponto as maldades de Diogo manchariam as nossas vidas?

DIOGO

Maldito Santini!

Amaldiçoei, olhando em volta do lugar asqueroso onde esperava o meu encontro chegar. Um bar de quinta categoria, que serviria perfeitamente para o que eu precisava fazer. A partir de agora, cada passo precisava ser friamente calculado, e eu não admitiria erros.

Pedro podia estar à minha frente agora e ter vencido a primeira batalha, essa guerra era minha, e eu não sairia dela derrotado e nem sem meu prêmio final: Clara.

Já deveria ter previsto que a sorte não estava do meu lado, antes mesmo de vê-la chegar e me encarar com seu olhar de ressentimento e choque. As coisas já pareciam ruins, a começar por não conseguir colocar o

veneno no copo de Pedro, porque o desgraçado simplesmente tinha escolhido aquela noite para não colocar um pingo de álcool na boca.

Eu esperei que, durante o brinde, ele fosse se deixar levar e eu finalmente encontrasse uma oportunidade. Então Clara surgiu, e foi ali que vi meu futuro, todo planejado, começar a ruir.

Quis correr imediatamente até ela, não podia dar sinais à Lúdia de como a presença de minha antiga namorada me perturbava. Finalizei o brinde e dei um jeito de sumir do lado dela, quando algumas pessoas, que não notaram a saída estranha e repentina de Pedro, vieram nos cumprimentar.

Eu os procurei por toda a parte, até encontrá-los próximos à casa. Escondi-me, fiquei de longe pensando em uma forma de afastar Pedro de Clara, apenas por um instante. Alguns minutos seriam suficientes. Foi então que vi O'Connor, e não muito tempo depois, Fernando se aproximar dele. Estavam exaltados, e percebi que o que eles tanto discutiam poderia, no momento, ser mais importante do que Pedro consolar a minha garota.

Rastejei até os arbustos e me aproximei apenas o suficiente para ouvi-los. No início, foi difícil juntar as peças, durante a conversa agitada. Fernando queria se aproximar de Pedro, e O'Connor queria que o Santini e Clara tivessem espaço e tempo para conversarem.

Eu preciso falar com o Pedro e avisar o que Lúdia está fazendo, Nick, Fernando falou, tentando passar pelo amigo. Tem um cara tentando arrombar o cofre do Diogo nesse momento...

Primeiro, o aviso tinha me deixado em choque. Como a vaca da Lúdia tinha conseguido aquela informação?

Ela vem investigando Diogo esse tempo todo. E hoje...

Naquele minuto, ouvindo a discussão de Fernando e Nick, soube que a cadela da minha noiva sabia não apenas do meu envolvimento com Clara,

ela me ligava à morte dos pais dela. E tinha colocado um detetive em meu apartamento, para tentar abrir o cofre que eu tinha escondido.

Sempre a achei uma cadela mimada, contudo, tinha que dar os créditos a ela. Foi mais esperta que o irmão e soube muito bem como me levar. Veio com um discurso todo sentimental no hospital, que nunca seria a mesma com Fernando, que nenhum homem desejaria uma mulher à beira da morte como ela. Claro que agarrei a oportunidade de me fazer um homem verdadeiramente apaixonado e que eu, sim, me importava com ela, mesmo doente.

A filha da puta havia jogado comigo. Usado as mesmas armas que usei durante toda a vida, para manter o meu inimigo ao meu lado.

Minha conversa com Clara teria de esperar. Precisei pensar rápido. Já estava há muitas horas longe de casa, não sabia há quanto tempo o maldito homem tentava violar o meu cofre.

Da mansão ao meu apartamento era uma distância muito longa. Tive que recorrer a Rodrigues. Eu me afastei dos dois, sem que me notassem, e liguei para o meu homem de confiança, ordenando que fosse para o apartamento, desse um jeito no detetive intrometido e retirasse tudo o que estava no cofre. Passaportes falsos para mim e Clara, no caso de uma necessidade de fugir. Dinheiro. A nova conta fora do país, onde tinha enviado o dinheiro do desvio da S.A. E os rastros que levavam um laranja até mim.

Sair da mansão sem ser visto foi fácil, molhei as mãos de um motorista e o seu ajudante, de uma das empresas que prestavam serviços para a festa, e eles me ajudaram a fugir escondido dentro do carro.

Eu teria que desistir da Santini, possuía dinheiro suficiente para recomeçar em outro lugar com Clara, e nós teríamos o mundo aos nossos pés. Eu mostraria que viver era mais do que ela perder seu tempo com

aquela velha doente e a pirralha mal-educada. Clara só precisava de alguém que a ensinasse a ir para o caminho certo. A reinar, e não ser escrava de ninguém.

— Não tinha um lugar pior para você escolher para esse encontro, Diogo?

Encarei o homem, vestido de preto e suando como um porco, finalmente chegar aos fundos do bar onde o aguardava.

— Sente-se e tome uma bebida — indiquei a cadeira branca de ferro — A casa está caindo, Nolasco. Santini já sabe sobre mim, e logo saberá que não agi sozinho.

Eu tinha feito com que as provas do roubo fossem jogadas sobre os ombros dele, no caso de uma primeira investigação. A essa altura, Pedro também sabia da morte dos pais e ele precisaria da declaração de Nolasco para dar embasamento às declarações de Lídia.

— Eu disse que era melhor apagar o Santini de uma vez — disse ele, zangado, e fiz sinal ao homem no balcão para que trouxesse as bebidas — Estou dizendo que se isso chegar até mim, vou declarar que foi você quem contratou aqueles homens e os pagou para fazer o serviço.

Assim como Pedro, deixei que Nolasco acreditasse que eu era um bonequinho de presépio. Que o respeitava e temia. Dê poder a alguém e descubra o quão idiota ele pode se tornar.

— Fique calmo, Nolasco — empurrei a bebida em sua direção, e ele tomou um longo gole da minha — Estou tirando todos do meu caminho, inclusive o Santini. Você só precisa manter a calma.

Ele tentava dar uma de superior, eu via em seus olhos e na forma que secava as gotas de suor na testa que estava apavorado.

Nolasco vinha de uma excelente e falida linhagem. Boa educação, casado com uma mulher respeitável e tinha filhos. Ter o nome manchado, por

qualquer tipo de crime, arruinaria a imagem de família perfeita. Ele não seria mais bem visto no clube de golfe e nem nas festas da alta sociedade que sua mulher adorava frequentar. Assim como eu, era o verdadeiro bandido de terno e gravata.

— Apenas beba, enquanto eu digo o que vou fazer.

Só iria durar alguns minutos, meditei, vendo-o dar o primeiro gole.

CAPÍTULO 49

LÍDIA

Não precisava abrir os olhos para saber onde me encontrava, o corpo quente de Fernando aquecendo o meu alertava sobre isso.

Apesar de acordada, levei uns minutos apenas aproveitando a sensação de estar em seus abraços, como há bastante tempo não me permitia. Desde que chegamos aqui, para ser mais exata.

Todos os dias eram uma grande tortura, estar tão perto dele e me obrigar a ficar longe. Tenho passado a maior parte do dia trancada no quarto, fugindo da tentação, ou quando levada pela raiva e frustração, fazendo coisas estúpidas, testando a vida e minha relação amargurada com a morte.

Sem contar as horas que passava pensando em Diogo, alimentando o ódio por tudo o que ele fez, com o desejo de que alguma justiça fosse feita.

Fernando me disse, em uma das nossas discussões, que eu testava sua paciência mais do que deveria e ele merecia, que o tempo que gastei, planejando encontrar as provas que incriminassem Diogo e com o momento de desmascará-lo, tinham tomado todo o meu fogo, fazendo com que ignorasse a minha dor. E sobre esse ponto, eu precisava concordar com ele. A dor ficou ali, adormecida, e agora lidar com ela estava sendo duro demais. Em alguns momentos, sentia que iria enlouquecer.

— Oi — ele disse baixinho, quando finalmente abri os meus olhos e nos encaramos — Bom dia, amor.

Fernando era tão doce comigo, tão paciente e entregue por nós dois. Ele me amava da forma que sempre sonhei.

Uma vez, quando criança, em uma das poucas birras que fiz para ter algo que eu queria, minha mãe me disse que precisávamos refletir bem sobre o que desejamos e ter responsabilidades sobre elas.

Em minha adolescência, sonhando com o amigo lindo e perfeito do meu irmão, que fazia o meu coração começar a conhecer o amor, tudo o que mais desejava era que ele, um dia, retribuísse os meus sentimentos. Fernando me amava, de forma tão intensa e grandiosa, e tudo o que eu sentia era que não podia continuar o prendendo a mim.

— Sobre ontem... — iniciei, ele silenciou os meus lábios com seus dedos.

Devia-lhe um pedido de desculpas, mais um. Sentia que tudo o que me restava a fazer na vida era pedir, diariamente, perdão às pessoas que eu amava. Beber, quando tomava medicações muito fortes e indispensáveis para me manter viva, depois pular nua na piscina, foi algo muito errado. Se o pior tivesse acontecido, eu teria destruído o emocional do Fernando para sempre. Porque uma coisa seria o dia que meu coração não suportasse mais, parando em meu peito, e outra era que eu provocasse a minha própria morte diante de seus olhos.

— Tudo bem. Já passou, e tudo o que precisa fazer é me prometer não fazer mais nada tão estúpido quanto isso. Você promete?

— Eu prometo.

Primeiro, ele soltou uma respiração aliviada, depois abriu um dos seus sorrisos devastadores.

Eu o amava tanto que chegava a doer. Como abrir mão de um amor assim?

— Escuta. Vou tirar o dia de folga. Nada de trabalho vindos do escritório de São Paulo, e nem as obrigações da fazenda. Hoje, o dia inteiro será apenas nosso.

A minha razão dizia para recusar e voltar ao meu quarto, alargando a distância entre nós. O meu coração, ainda mais tendo seus dedos fazendo carinho em meus lábios e o seu corpo enroscado no meu, gritava para que eu jogasse todas as dúvidas, receios e medos ao inferno, afirmando que só o agora deveria importar.

— E o que você tem em mente? — E parecia que, essa batalha, o coração tinha vencido.

— Apenas confie em mim — murmurou, se inclinando sobre mim, dando-me um beijo de esquimó — Agora vamos começar com um banho.

Ele saltou da cama, cheio de energia. Eu ainda tentava lidar com o impacto de ser presenteada com seu corpo nu e gostoso, quando ele me puxou da cama com a mesma rapidez e me jogou sobre o seu ombro.

Soltei um gritinho de surpresa, e estava gargalhando muito quando entramos juntos no box. Fernando me colocou no chão, ligou o chuveiro, literalmente me banhou, para minha surpresa, e até mesmo decepção, não tentou nada mais do que isso, nem um rápido selinho.

Ele também me ajudou a me secar e colocar um dos seus robes.

— Precisa tomar os remédios, não? — Sua testa ganhou pequenas rugas, demonstrando sua preocupação.

Assenti com a cabeça. Eu tinha perdido o horário de dois, e mais um precisava ser tomado dentro de alguns minutos.

— Então faça isso. Depois coloque roupas confortáveis. Coloque ou leve um biquíni também — aconselhou ele, ajustando o nó que tinha feito no cinto — Então desça para o café da manhã. Nossa aventura vai começar assim que estiver pronta.

Desta vez, depois de me guiar até a porta, ele segurou o meu rosto com as duas mãos e colou nossos lábios. Não passou de um beijo casto, carregado de carinho suficiente para que eu sentisse borboletas no estômago. E assim, sentindo como se levitasse, caminhei em direção ao meu quarto. Empolgada, como se esse fosse o nosso primeiro encontro. E se fôssemos avaliar tudo o que aconteceu nos últimos dias, realmente era. O primeiro encontro, sem nenhuma mentira nos separando.



Como Fernando pediu que eu usasse roupas confortáveis, escolhi um vestido florido de alças finas, o biquíni amarelo eu usava por baixo dele. Depois de calçar as botas escuras e sem salto, peguei uma bolsinha transversal, onde poderia colocar todos os meus medicamentos, protetor solar e hidratante para os lábios, e por precaução, se ficássemos muito tempo fora de casa, separei um casaquinho para me proteger, caso esfriasse mais tarde.

Quando cheguei à mesa do café, ele já estava lá com Serafina, insistindo para que ele repetisse um pedaço de bolo enquanto enchia novamente sua xícara de café.

— Bom dia, menina — o sorriso que me deu estava carregado de carinho e afeto, que me deixou um pouquinho envergonhada.

Fina, como normalmente costumávamos chamá-la, amava Fernando como se fosse seu neto de sangue, ou até mesmo mais. Ela viu que, desde que cheguei aqui, fui infantil, teimosa e só o enlouqueci com minhas inseguranças e medos. Ainda assim, ela nunca foi rude comigo ou demonstrou sua insatisfação com as minhas ações. Pelo contrário, sempre que dava abertura

a ela, me tratava com carinho e tentava dar sábios conselhos que, na maior parte do tempo, eu queria ignorar.

— Bom dia, Fina — abri um carinhoso e sincero sorriso de volta para ela — A mesa está linda, como sempre.

— E tem o bolo de cenoura que você também ama — apontou ela, e apenas olhar para travessa de bolo, com a cobertura de chocolate que só ela sabia fazer com perfeição, minha boca salivou — Agora se sente. Faz tempo que vem comendo como um passarinho.

Esse cuidado de Fina era de mãe, de avó, de pessoas que realmente se importavam com a gente. Lembrava o *nonno*, e isso me fez pensar que, sim, perdi muitas coisas e pessoas que eu amava, ainda tinha muitas delas em volta de mim.

Depois de me servir com mais do que eu conseguiria comer, Fernando pediu que Serafina se juntasse a nós à mesa. Envergonhada, ela alegou que já tinha tomado café logo cedo, ele, tanto quanto eu, insistimos que pelo menos se sentasse um pouco para nos fazer companhia.

Serafina, pela idade que tinha, trabalhava mesmo porque queria se sentir necessária, e de acordo com o que me disse outro dia, só estava esperando mesmo Fernando tomar juízo e me arrastar para a igreja.

Se isso um dia tivesse possibilidade de acontecer, não sabia dizer se a fazenda se tornaria nosso lar definitivo, pois existia a Construtora Brandão e as imobiliárias para administrar. E eu, se houvesse chance de ter um coração novo ou remendar esse de forma que uma emoção inesperada não batesse o martelo sobre o meu caixão, gostaria de levar para frente a ideia de fazer uma fundação em nome dos meus pais. Talvez Clara quisesse se unir a mim. Eu gostaria que nos tornássemos amigas, se ela algum dia pudesse me perdoar.

Todas essas questões ainda eram incertas.

— Eu, definitivamente, não aguento mais nada, Fina. Estava tudo maravilhoso. Você tem mesmo mãos de fada.

Derretida com o meu elogio, ela nem insistiu para que eu provasse mais um pouco do creme de milho que ela tinha feito. Saiu da cozinha, dizendo que tinha muitas tarefas da casa para pôr em ordem. O trabalho pesado ela realmente não fazia, Fernando não deixava. Serafina era aqui como a Sra. Silva era na minha casa, uma governanta que faz tudo acontecer, mantendo nosso lar em ordem.

— Você está pronta? — indagou Fernando, ficando de pé e estendendo a mão.

Uni a minha a dele como resposta, e quando os nossos dedos se entrelaçaram, senti aquela eletricidade gostosa reverberar por todo o meu corpo.

Nós caminhamos assim até sairmos da casa, como nos velhos tempos que, mesmo mantendo uma relação escondida, aqui agíamos como um casal.

Para combinar com o clima romântico, o dia estava lindo e ensolarado. Nós fomos direto para o estábulo.

— Onde está a Esperança? — gritei, soltando a mão de Fernando, correndo em direção às baías.

Eu parecia uma mãe feliz, vendo seu filho retornar de um longo período na faculdade.

Encontrei minha égua antes mesmo que Fernando me respondesse. Para minha surpresa, ou talvez eu estivesse animada demais e imaginando coisas, senti que ela me reconheceu, e disse isso a ele.

— Os animais, diferente de uma grande parte das pessoas, não esquecem quem os ajudou — respondeu ele, e assim como eu fazia, afagou o focinho do animal, que tremeu suas orelhas para ele.

— Não fiz nada. Você e o veterinário fizeram. Só fiquei lá, olhando.

— E deixando a mãe dela mais calma. Não desvalorize isso, Lúdia.

Não fazia sentido a gente entrar nessa discussão, então apenas assenti.

— Ela está tão linda e enorme — disse a ele, como uma mãe orgulhosa — Linda Esperança.

Assim como o nome da minha égua, eu queria me sentir cheia de fé e com a crença de que dias melhores estariam por vir.

Fernando deu todo tempo do mundo para que ficasse e brincasse com Esperança. Na verdade, suas retribuições aos meus carinhos, batendo o focinho em meu ombro ou tentativas de fazer o mesmo com a cabeça, fazendo-me rir, arrancava as gargalhadas dele.

Quando nós fomos às outras baías, eu me sentia bem mais feliz e em paz.

— A Vesta ainda está aqui? — indaguei, olhando em volta.

— Todos os seus animais estão aqui, amor.

Isso incluía pintinhos, coelhos e até um bode que uma vez correu atrás de mim. Achava que o meu amor por essa fazenda só não era maior do que o do Fernando.

— Hoje — disse ele, nos guiando para o final do estábulo, onde um funcionário equipava o lindo Manga-larga Marchador — Nós vamos juntos.

Fazia tempo que eu não cavalgava, e não podia afirmar se a escolha dele vinha disso, do medo que eu pudesse passar mal montando ou se apenas era uma desculpa para ficarmos juntos. Talvez fosse uma mistura dos três.

— A gente se vê depois, Vesta — Acariciei os pelos dela, que tinha uma lustrosa pelagem castanha e a crista e o rabo em um tom mais claro.

Depois de dar a devida atenção à minha égua, fui em direção ao outro cavalo.

— Oi, Poseidon.

Esse foi o nome que dei a ele, quando descobri que Fernando não tinha dado nenhum. Eu simplesmente não conseguia tratar os animais apenas como animais. Eram meus amigos e melhores do que muitas pessoas que eu conhecia.

O cavalo teve a mesma reação dócil comigo, assim como o seu dono, ele era um garanhão cheio de energia e vivacidade.

Fernando deu batidinhas no flanco do Manga-larga, sussurrando coisas a ele, e em seguida conduziu a montaria para fora do estábulo, e depois de me ajudar a montar, ocupou seu lugar atrás de mim.

Inicialmente, a nossa cavalgada foi tranquila, nos dando oportunidade de ver toda a beleza e grandiosidade que a fazenda Brandão tinha. E quando ganhamos campos mais abertos, Fernando fez o cavalo sair a galope, arrancando de mim gritos tanto empolgados como felizes.

Eu sentia falta disso, dessa liberdade, sem temer que nada de ruim pudesse acontecer.

Nós já passeamos tanto por esses lugares, que assim que ele pegou um caminho, reconheci para onde ele nos levava: à gruta Mitãkuña Porã, que era um dos lugares mais lindos que já visitei, composta por enormes rochas de arenito em formatos diversos, que enchia de beleza os nossos olhos.

As surpresas não acabaram por aí. No interior dela, que era igualmente belíssimo, Fernando mandou que decorassem com muitas flores de girassóis e outras campestres, cultivadas aqui mesmo na fazenda, além de ter preparado um piquenique especialmente para nós.

— Fernando... — Os meus olhos encaravam tudo, emocionados — Eu...

Nem sabia o que dizer. Se ele queria derreter meu coração arredo, estava indo no caminho certo. Nenhuma mulher resistiria a uma surpresa tão romântica e perfeita.

— Temos comida — disse ele, mostrando a manta com uma farta variedade de petiscos, frutas e alguns doces — E vinho sem álcool.

— Você pensou mesmo em cada detalhe — sorri, ainda encantada com tudo — Quando fez isso?

— Bom... — Um sorriso de menino tímido começou a surgir em seu rosto — Tive um pouco de insônia à noite.

E no dia seguinte, ele fez toda essa magia acontecer. Isso só fazia com que a culpa e o arrependimento, pela forma que o vinha tratando esse tempo, aumentassem.

— Ei. — Fernando deslizou a ponta dos dedos em minha bochecha — Esqueça todo o mundo lá fora e vamos viver esse momento, pode ser?

Como uma trégua. Eu queria dar a nós esse instante de tranquilidade e paz.

— Seria maravilhoso — concordei com um sorriso.

Sem pensar em Diogo. Nas crueldades que ele fez. Em tudo e todos que perdemos por causa disso. Sem pensar ou temer o futuro. Vamos apenas ficar aqui, como se essa belíssima gruta fosse todo o nosso mundo perfeito.

— Vamos nadar?

Eu larguei a bolsa no chão, e enquanto Fernando tirava os sapatos, arranquei o me vestido. Seus olhos grudaram em mim com um brilho cheio de desejo.

— Deixa que eu faço isso — murmurou ele com a voz rouca, ao me ver me curvar para tirar as botas.

A forma como ele fez isso foi lentamente sensual. Eu também não perdi a oportunidade de admirar, sem pudor, o corpo perfeito sendo revelado a mim. Devidamente em trajes de banho, ele segurou a minha mão, e juntos fomos em direção à piscina natural dentro da gruta.

Nadamos, brincamos na água e aproveitamos para dar uns amassos também. Eu nem parecia estar dentro da água fresca, de tanto calor que incendiava o meu corpo. Apesar de estar bem perto do limite, Fernando não o cruzou, às vezes me deixando enlouquecida por ele, e outras inquietamente ansiosa.

No fim, entendi que fazia parte da dança da sedução, me deixar tão faminta por ele que, quando nos deitamos em uma das mantas macias no chão, eu não pensava em nada além do momento que ele viesse a me possuir.

E foi incrível.

Doce.

Quente.

Selvagem e intenso, quando precisou ser.



O sol estava se pondo quando a gente começou a reunir nossas coisas. Eu ficaria por mais tempo aqui, pelo resto da minha vida, se o final da tarde começando a ficar frio e o meu excesso na noite passada não preocupasse Fernando, com a possibilidade de que eu ficasse resfriada.

O caminho de volta foi mais calmo e por isso mais demorado. As cores que o dia escurecendo trazia eram deslumbrantes, e às vezes ele parava o cavalo para que eu tirasse alguma foto.

Isso me fez lembrar uma tarde romântica que tivemos no milharal e que uma das fotos daquele dia estava no apartamento secreto.

— E o apartamento? Aquele que mantinha para não ser vigiado por Diogo? O que fará com ele?

— Agora não é mais necessário — afirmou ele, prendendo seus braços mais apertado em minha cintura — As fotografias, se é isso que quer saber, já foram enviadas à cobertura. Elas são muito importantes para mim, Lídia.

Também eram para mim. Aquelas imagens marcavam muitos momentos nossos. Instantes de felicidade que eu queria de volta.

— São muito lindas — murmurei, e senti seus lábios tocando o topo da minha cabeça — Obrigada por eternizar isso.

Quando eu partisse, pelo menos ele teria aqueles quadros para ter como lembrança. De que, apesar de tudo, nos amamos plenamente.

Chegamos à casa grande, e dois peões virem nos ajudar. Eu queria que nossa bolha não estourasse ainda, assim, não rejeitei quando a mão dele buscou a minha. Entramos na casa, e em vez da calma habitual, ouvimos risos e uma voz feminina bastante invocada vindos da cozinha, que foi para onde nos dirigimos com curiosidade.

— Você é uma peste, menino!

A cena era divertida. De um lado, Nick tentando perseguir Serafina, e do outro, ela tentando se defender com um pano de prato torcido.

— O que está acontecendo aqui?

Os dois, que pareciam se divertir bastante, nos encararam com um sorriso que mal cabia em seus rostos.

— Serafina disse que eu era lindo o bastante para conquistar qualquer garota que me interessasse — explicou Nick, naquele sorriso endiabrado difícil de resistir — Tem uma em especial que não parece pensar assim, e queria tirar a teoria dessa linda senhora à prova.

— Com a Fina? — indaguei com humor.

— Por que não? Ela tem a voz da experiência. O charme que só dias bem vividos trazem, e....

— Cala a boca, ruivo endiabrado, ou coloco laxante no seu jantar.

Nick levou a mão ao peito, como alguém sendo flechado por um cupido, e depois piscou o olho para mim.

— Viu só — ele olhou para mim, ainda com ar de provocação — Uma Dominatrix nata.

O meu queixo caiu, porque nunca imaginei qualquer um deles falando algo como isso perto da simpática senhora.

— Não sei o que significa isso, e vindo de você, nem quero saber. Apenas desejo que todos saiam da minha cozinha e me deixem trabalhar em paz.

E com cintadas dadas com o pano de prato, aos risos fomos expulsos da cozinha. Quando chegamos à sala, Nick se jogou em um dos sofás, e eu me sentei em outro de frente a ele.

Fernando foi até o bar e retornou trazendo duas taças de vinho, oferecendo uma delas a Nick.

— Não, eu estou bem — ele recusou, afastando a taça com os dedos.

— É sem álcool, Nick — avisou Fernando.

E após ele afirmar isso, o olhar questionador do ruivo caiu sobre mim.

— Não posso beber — destaquei, enquanto Nick aceitava a bebida — Por causa dos remédios.

O olhar que devolvi a ele afirmava que ainda podia confiar em mim.

— Não que sua visita não seja bem-vinda aqui, Nick. O que o trouxe tão repentinamente?

O rosto de Nick ficou ainda mais sério, o que nele era muito raro. Isso fez com que as minhas antenas sensíveis a problemas ficassem ligadas.

— Um assunto não muito agradável — respondeu ele, encarando sua taça — Nós dois podemos conversar no seu escritório?

Antes que eu pudesse retrucar, alertando que a essas alturas era injusto esconder coisas de mim, Fernando se sentou no braço do sofá e buscou minha mão trêmula.

— Qualquer coisa que precise dizer, Lídia também precisa ouvir. Não vamos esconder mais nada um do outro.

Isso valia para mim mais do que muitas declarações de amor. A confiança precisava ser a base de tudo.

— Concordo com você. Bem, as coisas na cidade andam um pouco tensas — disse Nick, passando uma das mãos ao longo da coxa — Nolasco foi encontrado morto em um quarto de motel.

— Diogo! — saltei do sofá, e só não caí ao me atrapalhar com as minhas próprias pernas porque Fernando me amparou — Foi o Diogo que fez isso. Ele já está começando a eliminar quem se colocou no caminho dele. Eu preciso ir para casa...

— Calma, Lídia — Fernando me segurava pelos braços, enquanto eu tentava me desvencilhar dele — Toda essa agitação não vai te fazer bem.

— Não me importa! — As lágrimas começaram a nublar os meus olhos — Ele vai machucar o Pedro ou o vovô.

— Tudo está sob controle, lindinha — disse Nick e por mais que eu amasse o ruivo, não conseguia acreditar em suas palavras.

Diogo matou outra pessoa, e ele não iria parar até atingir a todos que o desafiaram.

— Além disso, não há ainda nenhuma prova que existe o dedo dele nessa história. Disseram que ele teve um infarto por abuso de substâncias químicas.

Como não teve provas de que Diogo matou os meus pais, e eu ouvi isso da boca dele.

— Fernando — virei-me para ele com olhar suplicante — Tem que me levar de volta para casa. O Pedro precisa de mim.

— O Pedro sabe se cuidar, Lídia, e está cuidando do *nonno* — ele me disse, firme — Você está segura aqui. O Diogo nunca vai conseguir se aproximar de você.

Aquela raiva e amargura que senti, quando eles me fizeram vir para cá contra a minha vontade, retornaram com força total.

— Nick? — apelei para o único que achei que poderia me compreender.

— Sinto muito, querida, o Fernando tem razão.

Eu odiava quando eles me tratavam assim. Como se fosse uma garotinha sendo protegida pelos destemidos guerreiros. Queria vestir as minhas próprias armaduras e ir para a guerra.

— Se não vão me levar — desafiei, erguendo o meu queixo — Vou encontrar um jeito de ir sozinha.

Estranhei quando nenhum deles me disse algo ou muito menos vieram até mim, quando disparei para a porta.

Eu mal descí alguns degraus da escada de entrada, quando notei vários peões em volta da casa e que a maior parte deles estava me encarando, como se analisassem cada um dos meus passos, e foi aí que entendi tudo. Qualquer tentativa de fuga minha não daria em nada.

Cheia de raiva, voltei espumando para dentro de casa. Encarei Fernando e Nick, que se mantiveram parados no mesmo lugar desde que eu saí.

— Lídia — Fernando sussurrou, e deu dois passos cautelosos em direção a mim.

— Eu nunca vou perdoar nenhum de vocês dois, se algo acontecer a Pedro ou ao *nonno*.

Corri em direção à escada. Eles me chamaram e propositalmente os ignorei.

Fui direto para o quarto. O meu, não o de Fernando, que era onde pensei que iria ficar quando retornamos, felizes, da gruta.

A bolha tinha estourado, e nesse momento, eu só sentia medo e desespero por não poder fazer nada para proteger todos que amava.

CAPÍTULO 50

FERNANDO

A verdade era que a morte de Nolasco, o assassinato dele para ser mais específico, tinha novamente mexido com Lídia e a feito recuar em relação a nós. Minha menina estava apavorada, eu nunca a vi com tanto medo e recolhida devido a isso.

Eu dizia a Nick, nas ligações que ele me fazia para me manter atualizado das notícias, que Pedro precisava se apressar e colocar as mãos nesse infeliz, só que as coisas para o meu amigo desandaram de vez.

De forma que, ainda não conseguia entender como aconteceu, Diogo conseguiu manter Clara por alguns minutos como sua refém e tinha enchido a cabeça dela de veneno. O problema era que, parte do que ele disse, por um tempo foi verdade. Pedro tinha mesmo se aproximado dela com desejo de vingança. Conforme foi conhecendo-a melhor, ele foi se apaixonando por ela, e tudo mudou antes mesmo da verdade ser revelada.

Só que agora Clara estava ferida, não dando oportunidade alguma de Pedro poder se explicar e clamar por seu perdão. Resumindo toda essa tragédia grega, um estava longe fisicamente da mulher que amava, e o outro a tinha sob o mesmo teto, não podia tocá-la.

Deveria ser algum tipo de castigo para nós dois. Não fomos o tipo de canalha que usavam e jogavam fora as mulheres como objetos descartáveis, fomos cretinos e frios. Estávamos pagando com juros e correção.

Já fiz de tudo para melhorar as coisas com Lúdia, algumas vezes até senti que estava chegando a algo quando ela amolecia e baixava a guarda, apenas para ouvir dela se poderíamos voltar para casa e ao olho do furacão. Minhas recusas, sempre firmes, a deixavam novamente furiosa, e então percebi que estávamos puxando um cabo de guerra.

Não dava para me concentrar no trabalho, e eu tinha muito acumulado em minha mesa. Em alguns momentos, eu pensava se não era melhor eu ceder. A mesma segurança que podíamos ter aqui, eu conseguiria montar em São Paulo. O problema era que, nesse momento, depois da coletiva de imprensa para apresentar o piloto da S.A. Racing, onde Clara expôs o Pedro, os jornalistas pareciam abutres em busca de uma declaração de algum familiar ou amigo próximo. Não achava saudável levar Lúdia para esse ambiente.

Qualquer escolha que eu viesse a tomar seria difícil. Essas indagações teriam que ficar para depois. Após uma batida na porta, o rosto de Serafina surgiu, e ela avisou que Pedro estava aqui.

Fiquei um tanto surpreso com sua visita inesperada, conhecendo-o bem, achei que estaria grudado no apartamento de Clara, esperando uma chance de ser ouvido.

Bastou estudá-lo por alguns segundos para notar que ele estava realmente destruído. O Pedro, todo cheio de si e confiante, mostrava-se agora um homem sem brilho.

— Como andam as coisas por aqui? — indagou, ocupando a cadeira que ofereci.

Assim como ele aparentava estar, eu emití um suspiro cansado.

— Tirando o fato de que sua irmã faz tudo para que eu tenha um infarto? Acredita que ela tomou todas, um dia desses, e foi nadar na piscina, à noite?

Eu não tinha contado esse fato antes, porque não quis dar mais motivo de preocupação.

— No restante, está tudo bem. Nenhum movimento suspeito, e todos os peões estão em alerta. Aqui, Diogo não entra.

— Mesmo assim, continue vigilante, Fernando. Apesar de toda tecnologia e segurança, o desgraçado conseguiu se infiltrar no hotel de Nick, não devemos cometer o erro de subestimar Diogo como ele faz com a gente.

Sabia disso, e era exatamente por esse motivo que não cedia aos apelos de Lídia para voltarmos para casa.

— E como foi? Nick não entrou em muitos detalhes.

Ele me contou o que aconteceu antes e depois do hotel. Como quase enlouqueceu ao ver Clara entrando no mesmo carro de Giuliano e a luta que estava tendo para dar espaço a ela, para refletir a respeito de tudo e, principalmente, desejar ouvi-lo.

— Ela ainda está com raiva de você? — indaguei a ele.

— Raiva é o mínimo que eu mereço. Descobri que sou um Cãodenado.

— Um o quê? — Não consegui segurar a risada.

— Coisas da Suzana, irmãzinha da Clara. De acordo com o que ouviu de Letícia...

— A garota tirando o sossego de Nick?

Na visita de O'Connor, eu consegui arrancar algumas coisas. Ao que parecia, ele estava interessado na melhor amiga de Clara, mas depois de tudo o que aconteceu entre Pedro e ela, as chances de Nick conseguir se aproximar de Letícia foram para o ralo.

— Essa mesma. De acordo com ela, bom, eu fui um cão e mereço sofrer como um condenado.

— Ah, cãodenado. Entendi. Bom, eu nem quero saber do que elas iriam me chamar.

O sorriso de Pedro durou muito pouco, logo uma expressão atormentada cobriu o seu rosto.

— E se eu não a tiver de volta?

— Entendo bem a sua situação, Pedro.

— Você não entende. Lídia está aqui. Você está perto dela. Eu só consegui ver Clara uma única vez, e foi dormindo.

Realmente, ficar longe de Lídia, sem poder ao menos vê-la e passar algumas horas em seu quarto, velando seu sono, seria uma tremenda tortura. Só que a minha situação não era menos angustiante.

— E é uma tortura, todo santo dia. Eu não posso forçar a barra e fazer com que ela me escute, porque isso pode deixá-la exaltada. E, às vezes, simplesmente não consigo me segurar — confessei a ele — Eu acho que o acidente... Ela tem medo, sabe? Desconfio que tem mais medo de me amar do que determinação em me fazer ficar longe. Ela acredita que, a qualquer momento, irá partir...

— Você sabe que isso é uma possibilidade.

Para mim, não era. E nunca aceitaria isso. Lídia tinha que lutar pela vida.

— Como sair a cavalo e quebrar o pescoço. Ou me afogar na piscina. Cair da escada, por exemplo — soltei tudo, bastante aborrecido — Todo mundo corre riscos, Pedro. Você mesmo corre, com Diogo à solta. O problema com a sua irmã é que, por causa do nosso passado e como lidamos com o sexo, ela não acredita que possa ser o que eu quero. E eu não preciso mais daquela vida, não sem Lídia.

Eu acreditava que Pedro entendia do que eu estava falando, quando ele se apaixonou por Clara muitas coisas mudaram, começando que ele

nunca aceitaria compartilhá-la com outro, por exemplo, apenas a ideia deixava-o maluco, e isso nunca tinha sido um problema para nenhum de nós no passado.

— Se ela tomar os medicamentos certos e continuar o tratamento...
— ele destacou — Quer dizer, não vai ser como antes. Você me entende?

Falar da nossa vida sexual, tal como conhecemos, envolvendo a irmã dele, nos deixava um pouco desconfortáveis.

— Se fosse apenas isso... Ela não diz, sei que me culpa pela perda do bebê.

— Não faz sentido, foi um acidente.

— O acidente, sim, a causa dele foi culpa minha.

— Lídia ficou transtornada pelas fotos, Fernando.

— Não foi — retruquei aflito — Nós brigamos por causa das malditas fotos, isso é certo. Como eu disse, não tinha a menor ideia de que Lídia investigava o Diogo por causa dos seus pais.

Não no começo.

— A verdade é que nossa relação, do início ao fim, foi confusa. Diogo me usou para se aproximar de Lídia. Ela o usou para chamar minha atenção, fazendo ciúmes, e conseguiu. Eu não queria quebrar a sua confiança em mim, também não conseguia resistir à minha atração por ela.

E essa bola de neve só continuou a crescer.

— Eu quis assustá-la com a minha vida e Lídia parecia feita para isso, entende?

Ele assentiu, e eu achava que seu processo com Clara foi igual.

— Tínhamos um caso, quando ela nem tinha nada de real com Diogo, e quando entreguei as fotos, exigi que ela terminasse com ele. Você sabe como é a Lídia — esfreguei o meu rosto, as lembranças disso tudo ainda me deixavam tenso — Estava empenhada em descobrir as provas contra ele e te

proteger. Nós brigamos naquele dia. Afoguei minhas mágoas na bebida e, bom, tive uma visita inesperada. Suellen. Foi no mesmo dia que Lília soube do nosso bebê. Ela voltou, acho que disposta a me contar a verdade sobre Diogo. E, bom, me encontrou fodendo outra. O resto você já sabe. Eu matei o meu filho, Pedro. E Lília tem direito de me odiar. Talvez tenha sido a sua única oportunidade de ser mãe, e tirei isso dela.

E para somar a todas essas coisas que ela me dizia em momentos de raiva, tinha o fato de mantê-la aqui contra a sua vontade.

— Eu vou conversar com Lília — ele prometeu. Só não podia garantir nada. Ela era teimosa.

Que ele tentasse já me deixaria feliz. Lília ama e respeita o irmão. Quem sabe ele tenha sucesso, porque eu já não suportava mais essa situação. Ganhar seu desprezo estava me destruindo.

LÍLIA

Eu não deveria ficar gastando o meu tempo nesses sites sensacionalistas de notícias, mas queria saber o que ainda diziam sobre o meu irmão, Clara e quanto toda essa confusão poderia prejudicar a empresa.

Nos negócios, parecia que os danos foram mínimos, a curiosidade pública sobre o assunto, ao que eu via, aumentava. E não ajudava nada que a imprensa estivesse pegando coisas que fiz, apresentando-as de forma que me fizessem parecer uma socialite fútil, focada em apenas torrar dinheiro com coisas inúteis. Apesar de realmente ter feito algumas delas, fazia parte de uma encenação para enganar Diogo.

— Que site idiota! — irritada, joguei meu iPad sobre a cama no mesmo instante que ouvi uma batida na porta e ela ser aberta.

Já estava pronta para fazer uma das minhas caras feias a Fernando, quando vi Pedro entrar. Bastou um único olhar atento a ele para perceber que meu irmão não se encontrava nada bem. Ele perdeu um pouco de peso e apresentava olheiras ao redor dos olhos.

— Pedro! — pulei em seus braços abertos assim que se estenderam para mim.

Quando ele me abraçou forte, comecei a chorar.

— Me desculpa.

Eu sentia que tudo era culpa minha. O acidente que sofri por ter dirigido sem condições emocionais. A infelicidade de Pedro. A morte de Paulo que soube depois através da polícia. O sofrimento de Clara. Tudo isso porque não fui capaz de deter Diogo a tempo. E não havia nada que eu pudesse fazer para consertar as coisas. Eu simplesmente me via presa, vendo o mundo desmoronar à nossa volta.

— Só há um único culpado nisso tudo, Lídia. E por mais que tenhamos feito escolhas erradas — tão emocionado quanto eu, Pedro se afastou e começou a secar o meu rosto —, não somos nós.

— Eu odeio o Diogo. Destruiu a nossa família, e agora, ele nos roubou de quem amamos. Ele é como um câncer, destruindo tudo.

— A nossa família ainda está aqui. Eu, você, nossos tios e avós. Fernando, Nick — disse ele com calma — E sobre a quem entregamos os nossos corações, bom, o seu está lá embaixo, e tão teimoso que não vai a lugar algum.

— Mas e você? Eu...

— É por minha causa, Lídia? — baixei minha cabeça, ele fez que eu erguesse o rosto — Está se punindo porque eu estou infeliz.

Não fazia sentido, eu sei.

— É que isso não é justo.

— Lídia, eu vou ter a Clara de volta.

— Como você pode ter certeza? O que eu vi na imprensa...

A forma que Clara olhava na foto para ele, era de uma mulher destruída e ferida.

— Metade do que dizem nesses veículos é invenção e a outra é especulação.

— Você a enganou. A humilhou no trabalho. Tirou a casa dela, Pedro, e...

— Sei disso! — Ele disse, exaltado, passando a mão nos cabelos — Fiz coisas muito estúpidas, tudo bem. Sobre o meu amor, a forma como eu amo aquela garota é verdadeiro. E ela me ama, embora esteja muito magoada agora. A Clara me ama, e isso é que me dá a certeza de que a terei de volta. É por isso que não vou desistir. E você também não deveria.

— É diferente — retruquei, me afastando dele, indo até a janela — Você sabe que é diferente.

— Por que você acha que está morrendo?

Aborrecida, me virei para ela.

— O que faria se seu médico dissesse que tem poucos meses de vida? Iria condenar a Clara a te ver morrer lentamente? Dia a dia. Deixando-a apenas com um coração vazio no final?

O meu questionamento, por um momento, o colocou em choque e o fez refletir.

— Sabe o que eu faria, Lídia? Seria sincero com ela, como não fui até essa merda ter se virado contra mim, e deixaria a escolha nas mãos dela, torcendo que, assim como eu, ela fosse desejar passar esses últimos momentos comigo.

Ele achava que eu não desejava isso? Que não ansiava por isso todos os dias, quando me deitava em minha cama sozinha?

— E nenhum médico a decretou à morte. Eu sei que a sua vida mudou e você não está morrendo. E se ama mesmo aquele cara, que já provou um milhão de vezes que é louco por você, então lute por ele.

Apesar das palavras de Pedro terem tocado fundo em meu coração, ainda tinha dúvidas.

— E se não pudermos?

— Ficarem juntos? — Ele indagou, confuso.

— Fazer um ao outro feliz — respondi com um balbuciar fraco, sentindo aquele aperto doloroso no peito que não tinha nada a ver com as consequências do acidente que sofri — Nos conhecemos há anos, Pedro. E eu amo o Fernando desde sempre, só que para cada momento de felicidade, vieram outros de tristeza. Ele me fez sofrer. Eu o fiz e agora o faço infeliz.

— O amor não é fácil, Lídia — ele afagou com carinho o meu braço — Me responda com sinceridade uma coisa. Mesmo com todas as coisas tristes que vieram, os momentos de felicidade valeram a pena? Se pudesse escolher vivê-los de novo, você viveria?

— Cada um deles — afirmei com sinceridade.

Eram esses momentos felizes, em minha memória, que me impediam de morrer de dor.

— Então isso responde todas as suas dúvidas. Eu sei que você, no lugar do Fernando, sendo ele a enfrentar esse desafio em relação à saúde, nunca cogitaria se afastar dele.

Isso era a mais pura verdade.

— Então, reflita sobre isso — após essas últimas palavras, ele beijou minha testa e saiu do quarto, deixando-me sozinha com os meus pensamentos conflitantes.

Talvez eu não estivesse sendo egoísta com Fernando, deixando que ele ficasse ao meu lado diante de um futuro incerto, talvez o egoísmo fosse

tomar essa decisão por nós dois, mantendo-o longe.

— Lídia?

Os meus olhos dispararam em direção a ele, surgindo na porta. Timidamente, o vi levar as mãos aos bolsos da calça, enquanto me encarava com cautela.

— Você está bem?

— Eu não estou.

Assim que eu admiti, o pranto desceu como uma avalanche.

— Eu te fiz muito mal, Fernando. Eu te faço muito mal — falei em meio a um choro sentido e cheio de culpa — Quem ama não machuca.

Fernando segurou o meu rosto banhado pelas lágrimas e fez com que olhasse para ele.

— Pelo contrário, meu amor — ele me encarou com um olhar emocionado — Quem ama é quem mais machuca. A diferença é o porquê de acabarmos fazendo isso, o quanto ficamos arrependidos e desejamos consertar as coisas. Nos magoamos, sim, nunca foi com a intenção de ferir um ao outro. Porque entre nós só existe amor. E o amor é a única coisa que importa. O amor supera tudo.

— Eu amo você — disse a ele, e poder declarar isso novamente foi como um grito de libertação — Sempre amei e sempre vou amar, Fernando.

Tudo o que aconteceu no passado, acontecia no presente ou acontecesse no futuro, nada mudaria esse fato. Ainda o amava com loucura.

Com as mãos trêmulas e inquietas passando por meus cabelos, Fernando encurtou a distância entre os nossos lábios.

— Eu te amo — o ouvi declarar diversas vezes, antes de nossas bocas finalmente se unirem para um beijo.

Cheio de paixão, saudade, de um desejo que não sabíamos mais como conter.

— Me ame! — Eu exigi, puxando sua camisa do corpo, enquanto chutava para longe as minhas sandálias, e ele fazia o mesmo com os seus sapatos.

— Eu não tenho sonhado com mais nada além disso, meu amor.

Nos livramos de nossas roupas com rapidez, e nossas carícias, um no outro, só tiveram uma pausa quando Fernando foi em busca do preservativo. Por causa do meu coração debilitado, uma gravidez não planejada seria o mesmo que assinar meu atestado de morte. Foi uma das primeiras coisas que o Dr. Vilas Novas desaconselhou, depois de me contarem da perda do meu bebê.

Não queria pensar em coisas tristes. Toda a minha atenção estava em Fernando e nos beijos que ele me dava, quando retornou para o meu lado na cama.

— Eu amo você, Lídia — ele sussurrou em meus lábios.

Com as nossas mãos estendidas acima da minha cabeça, ele entrelaçou os nossos dedos firmemente e afundou o rosto na curva do meu pescoço, enquanto afundava para dentro de mim. Ser possuída por Fernando sempre era uma sensação gloriosa, e neste momento, não estava sendo diferente, a cada estocada dele que me fazia estremecer de prazer, sentia-me levada ao céu.

O meu coração começou a bater forte no peito, e usei a respiração para ajudar a manter minha emoção controlada o máximo possível.

— Sim... ah... — balbuciei quando as investidas se tornaram mais profundas e o orgasmo surgiu como um furacão.

O amor superava tudo, porque a fé e a esperança estavam sempre ao seu lado.

E eu voltava a começar a acreditar nelas outra vez.

CAPÍTULO 51

FERNANDO

Ainda não estávamos vivendo em um completo momento de paz, só que desde a visita de Pedro, e seja lá o que ele tenha falado à irmã, as coisas mudaram. Lídia não fugia mais de mim e nem de seus sentimentos. Da forma que conseguimos, estávamos sendo felizes.

Ao lado dela, eu procurava me mostrar sempre tranquilo, relaxado, quando na realidade mantinha-me sempre em alerta. Fosse recebendo notificações diárias de todos os seguranças espalhados pela fazenda, ou recebendo as atualizações do que acontecia em São Paulo, com Nick.

Assim as semanas foram seguindo. Apesar de Pedro ter conseguido pegar João Rodrigues, o principal ajudante de Diogo, que levou mais tempo do que o aceitável para abrir a boca e revelar o esconderijo do comparsa, quando a polícia invadiu o barraco no Capão Redondo, o lugar já estava vazio. O infeliz tinha, por pouco, escapado de nossas mãos.

E se não bastasse isso, ele tinha ligado para Pedro, o ameaçando novamente. Essa parte preferi não contar a Lídia, o que descobri agora ter sido mais um erro.

— Você não vai fazer nada, seu maldito desgraçado! — assim que ouvi o grito de Lídia, entrei apressado no quarto.

Ela andava de um lado a outro com o telefone preso ao ouvido. Eu via mais do que tensão em seu rosto, causada pela discussão que ela travava com a pessoa do outro lado da linha.

— Vão prender você, Diogo, e quando isso acontecer...

Ao ouvir o nome dele sair dos seus lábios trêmulos, caminhei apressadamente até ela, pegando o celular.

— Escuta aqui, seu desgraçado — diferente de Lídia, disse isso em um tom frio — Reze para que a polícia o encontre antes de mim. Porque quando eu colocar as mãos em você, Diogo...

— Vocês nunca vão conseguir me pegar. E se eu fosse você, me preocuparia mais com a garota ao seu lado. Eu acho que ela não está muito bem. Tic-tac. Um coração foi para o espaço.

— Infeliz! Eu juro que...

Como um grande covarde que era, Diogo encerrou a ligação, e minha preocupação focou-se toda em Lídia. Ela procurava um dos seus remédios na caixa, estava tão abalada pelo que aquele verme tinha dito e a dor palpitando em seu peito, que parecia perdida em meio a todos eles.

— Calma, amor, eu vou ajudar você.

Agora eu já sabia de cor quais os comprimidos que Lídia precisava tomar, o horário de cada um deles e os efeitos que causavam. Quando ela estava em momentos de estresse ou muita emoção, precisava de um em específico.

— Aqui — Levei a pílula à sua boca, depois fui até a mesinha de cabeceira buscar um copo de água — Inspira e expira. Isso mesmo.

Enquanto ela atendia o meu pedido, a conduzi para a cama, e ao nos sentarmos, a coloquei na proteção do meu abraço.

Eu odiava ver Lídia assim, tão debilitada e emocionalmente frágil.

— Consegue respirar melhor? — Toquei seu rosto molhado, em busca de algum sinal a mais que devesse me preocupar — Vou levá-la ao hospital imediatamente...

— Não! — Ela segurou fracamente o meu pulso com um ar de pânico — Não quero ir para o hospital, Fernando. Já me cansei deles. Estou bem. Eu vou ficar bem.

Não queria discutir com ela e causar ainda mais aflição. Se não podia levá-la ao hospital, eu traria o médico até aqui. No momento, precisava fazer com que ela ficasse calma, pelo menos até o remédio começar a surtir efeito.

— Está certo — assenti, trazendo-a para o meu colo — Apenas fique tranquila. Você está segura aqui.

— E o Pedro? — Os seus olhos piscaram, tanto para conter as lágrimas como de preocupação — O Diogo disse que vai matá-lo e levar a Clara com ele.

— Isso não vai acontecer, Lídia. Apesar de seu irmão ainda não estar com ela da forma que gostaria, os seguranças dele estão de olho nela e na família dela o tempo todo.

Lídia me encarou com um ar atormentado, mais do que eu conseguia suportar ver nela. Essas emoções fortes não faziam bem à sua saúde, elas eram tudo que os seus médicos nos disseram para tentar evitar.

— Vocês pensam que conhecem o Diogo, mas não conhecem — disse ela com profunda tristeza — Aquele homem é o verdadeiro demônio.

— Então, será para o inferno que ele irá voltar.

Se no momento a minha maior prioridade não fosse Lídia, cuidar da sua segurança física e emocional, eu estaria lá fora caçando Diogo, como os cães do inferno buscando uma alma fugitiva. Eu não podia desgrudar os olhos dela e precisava confiar que Pedro, com a ajuda de Nick, seus homens em ação e a polícia, conseguiriam colocar as mãos nesse desgraçado.

— Agora fique tranquila e apenas descanse, meu amor — Beije seus cabelos e a trouxe para o meu colo — Estou aqui, cuidando de você.

Embalei-a em meus braços até que pegasse no sono, e quando isso aconteceu, liguei para o médico dela, contei o ocorrido e pedi que ele viesse imediatamente, até mesmo disponibilizei o meu helicóptero para que ele chegasse mais rápido.

— Eu quero que volte ao hospital para outra consulta em breve, Lídia — disse o médico, assim que começou a guardar seus pertences na mala.

— Há alguma coisa de errado? — ela fez a pergunta alguns segundos antes que eu me manifestasse.

— Esperamos que não — ele sorriu para ela, e a mim deu um olhar firme — Vou precisar de novos exames, e aqui não tem como fazer isso. Não fique preocupada. Apenas quero ver como andam as coisas.

— Tudo bem, Dr. Toledo.

Nós a deixamos no quarto para que voltasse a descansar, e assim que me vi em uma distância segura, virei para ele, pedindo respostas sinceras sobre o estado de saúde de Lídia.

— A pressão está um pouco baixa e o coração batendo um pouco mais lento — Ao ver como os meus olhos se arregalaram, apreensivos, ele tocou o meu ombro — Isso pode ser efeito do remédio. Como disse, sem os exames específicos, não tenho como dizer.

— Então, não é melhor levá-la imediatamente para o hospital?

— Fernando, ela ficou tensa apenas em me ver aqui. Se tivesse algo com que realmente se preocupar no momento, eu indicaria a internação imediatamente. Por enquanto, vamos deixar que descanse e veja as reações nos próximos dias.

Eu tinha que confiar no que dizia, afinal, ele era o médico aqui, quando se tratava de Lídia, não conseguia pensar friamente.

— Sei que é uma situação muito delicada para vocês. Vólto a repetir. Tentem evitar esses momentos de estresse. Ela tem sido valente, e com tudo o que está acontecendo, resistindo mais do que poderíamos imaginar. Contudo, é preciso ter cuidado.

Se dependesse apenas de mim, colocaria Lília em uma redoma e não permitiria que nada ou ninguém que tentasse feri-la chegasse perto.

— Também quero ver quais as chances de transplante ou opções de cirurgia. O Dr. Vilas Novas andou estudando algumas possibilidades, e quero ver quais as cabíveis à Lília.

— Iremos assim que agendar um horário.

— Quero que Domenico esteja presente, então assim que tiver a agenda dele, comunico.

— Obrigado, doutor — o acompanhei até a saída.

Apesar de a consulta não ter sido nada animadora, ele ter falado de uma saída alternativa me deixava um pouco mais animado. E retomando o meu controle emocional, voltei ao nosso quarto, indo direto ao telefone dela ao seu lado na cama.

— Fernando? — Lília me encarou, sonolenta — O que está fazendo?

— O que deveríamos ter feito faz tempo — disse enquanto usava um alfinete para abrir o compartimento onde estava o chip do celular — Descartando esse número.

— E como vou falar...

— Vou providenciar outro — Sentei-me ao seu lado e busquei sua mão, envolvendo-a com as minhas — Não vou permitir que aquele desgraçado chegue até você novamente.

Diogo poderia ser um demônio, só que eu era o dragão furioso protegendo quem eu amava.



Embora os dias tenham passado rápido, estava demorando demais para que Diogo fosse capturado. E para piorar a situação, Pedro tinha se envolvido em um acidente, durante o treino de um de seus carros de Fórmula 1, que fizera Lídia acreditar veementemente que o ocorrido tinha as mãos sujas de Diogo.

Isso desencadeou uma crise de ansiedade nela, fazendo-a implorar para voltar para casa, e que só amenizou quando Pedro veio à fazenda para tentar acalmá-la e garantir que estava bem.

— Preciso te dizer que o médico não foi nada animador quando esteve aqui — contei a Pedro, assim que entramos em meu escritório na fazenda — Ele quer fazer novos exames.

— Droga, Fernando! Por que não me disse isso antes?

— Não queria encher sua cabeça com mais essa preocupação. Desejo que se foque em Diogo e que esse inferno termine logo. Ele continua solto, e as coisas que acontecem a você deixam a Lídia aterrorizada.

— Nós vamos pegá-lo. Estamos fechando o cerco para ele, e agora, sem seu principal ajudante, o Diogo está ficando sem opção.

Eu me lembrei do que Lídia tinha me alertado naquele dia.

— Não deixe que o excesso de confiança cegue você, Pedro. O Diogo é ardiloso e já provou que para ter o que quer, será capaz de tudo.

Acho que vendo e acompanhando tudo um pouco de fora, eu conseguia analisar as coisas mais friamente. E eu esperava que Pedro tivesse mesmo sucesso em sua missão, antes que algo ainda mais grave viesse a acontecer.

LÍDIA

Estamos de novo em São Paulo. Apenas para que eu possa consultar o meu médico e fazer alguns novos exames, ainda assim, poder estar novamente perto de quem eu amava me deixava feliz.

Depois da visita do Pedro à fazenda, que pude ver com os meus olhos, que pelo menos fisicamente estava bem, parei de perturbar a ele e a Fernando com minha insistência em voltar para casa. Já aceitei que nada podia fazer agora e não queria sobrecarregar nenhum dos dois. Era o momento de deixar que eles agissem da melhor forma que pudessem e pensar na minha saúde e recuperação.

Não queria morrer. Não queria que meu coração não suportasse tantas batalhas, perdendo a maior de todas as lutas, e não continuasse batendo em meu peito.

Eu vinha me sentindo fraca, mais do que o normal. Tinha feito o possível para não demonstrar isso a Fernando, pelo menos até a consulta com o médico amanhã cedo, e verificar com ele a gravidade da situação.

O ser humano é complicado, ou talvez eu seja uma pessoa difícil de se entender. Quando a morte era uma possibilidade, passei tempo demais desejando que esse tormento acabasse logo, agora que ela ficava cada vez mais próxima à minha porta, desejava com todas as forças lutar pela minha vida.

— Ei? — Senti os braços de Fernando envolver a minha cintura e seu peito largo grudar em minhas costas — Quer sair para jantar? Ou ir ao Lucchese? Você poderia ver o seu avô.

Já falei com o *nonno* essa manhã, logo após o café, avisando que o veria no dia seguinte. Embora ele tenha ido à fazenda me visitar duas vezes durante esse período, ainda tínhamos muita saudade um do outro.

— Gostaria de jantar em casa, se não se incomodar.

Sair para jantar, mesmo que no restaurante do *nonno*, demandaria todo um trabalho cuidadoso com a segurança. Eu só queria uma noite de paz aqui no apartamento de Fernando. Era a primeira vez que eu vinha aqui, depois do dia que encontrei Suellen nua ao lado dele e todo o resto que aconteceu.

Fernando sugeriu que passássemos a noite em minha casa ou fôssemos para o outro apartamento, eu quis vir aqui e encarar os meus fantasmas de sempre.

— A gente não precisa — disse ele, girando-me para que ficasse em sua frente —, ficar aqui.

Eu não sabia definir ainda como me sentia. Fui feliz aqui com ele, descobri muitas coisas sobre mim mesma e em relação a Fernando também. Tínhamos mais memórias felizes do que tristes, só que a lembrança mais dolorosa era pesada demais.

— Andei pensando, e acho que vou me desfazer desse apartamento.

— Você sempre morou aqui — comentei, espantada — E tem o quarto. Ele é importante para você.

— Nada é mais importante para mim do que você. Nem aquele quarto. Esse apartamento. Nem mesmo a fazenda.

Essa era uma tremenda declaração, porque a fazenda era muito importante para ele.

— E o Dom?

Não era a primeira vez que tínhamos essa conversa, nas últimas semanas tinha insistido com exaustão no assunto. E suas respostas eram

sempre as mesmas.

— Ainda está aqui, e ele não é tudo o que sou e nem você se resume apenas a uma submissa. Nós ainda podemos ter os dois. Só precisamos ampliar o olhar.

Claro que existiam algumas coisas que, nesse momento, estavam completamente riscadas para nós, sim, ainda podíamos ter uma relação intensa e apaixonada.

— Eu podia vê-lo? Uma última vez?

Sexo entre nós tem sido complicado. Eu me cansava rápido e Fernando agia, cada vez, o mais cuidadoso possível. Não que eu quisesse uma aventura louca essa noite, no quarto de jogos, queria vê-lo por um instante.

Quando a porta foi aberta e nós entramos, como num clique, comecei a ver as coisas de forma bem diferente. Os brinquedos sexuais, os objetos destinados a dar imenso prazer e criar inúmeras fantasias não me causavam o mesmo choque e curiosidade das outras vezes.

Nossa relação, desde o começo, esteve muito vinculada ao desejo sexual, à atração que nos fazia agir como dois animais selvagens em busca de prazer, e tudo mudou. Ainda sentíamos o mesmo desejo louco e desenfreado, o amor, respeito e vontade de fazer o outro feliz, agora contava muito mais.

Nesse instante, consegui entender, bem como acreditar no que Fernando passou todos esses dias afirmando. Éramos mais do que tudo isso. Aqui ou em qualquer lugar que decidíssemos apimentar a relação, seria uma fantasia.

E nós dois éramos a realidade. A vida como ela era.

— Podemos ir embora agora?

Não apenas desse quarto, desse apartamento também.

Deixar todas as lembranças amargas para trás.



Foi uma manhã inteira de exames, alguns resultados sairiam hoje e outros precisariam desses para serem pedidos. Eu tentava segurar a ansiedade e assim que fomos conduzidos à sala onde o Dr. Toledo e o Dr. Vilas Novas nos aguardavam, o medo começou a se manifestar em mim.

— Então? Qual o veredito?

Quando ficava muito nervosa, às vezes usava de ironia. Nenhum dos dois respondeu a isso, Fernando mostrou-se ainda mais tenso ao meu lado. Eu busquei a mão dele, que deslizava de forma ansiosa por sua perna, e dei o melhor sorriso tranquilizador que eu podia.

— As válvulas mitral e aórtica do coração não estão funcionando como deveriam — disse o Dr. Vilas Novas, indicando um dos exames que realizei — Também encontramos uma inflamação na membrana que reveste o coração, nos músculos cardíacos e no tecido que recobre suas válvulas.

— E qual a gravidade disso tudo? — questionou Fernando.

— Significa que Lúdia precisará fazer uma nova cirurgia.

Ouvir isso fez com que o meu mundo, que já estava frágil, estremecesse ainda mais.

— Há duas opções em vista para você — disse-me o Dr. Toledo — A possibilidade do transplante, e nós sabemos que a fila de espera e condições de um doador compatível é bastante complicada, e a alternativa que Domenico estudou nas últimas semanas.

— Nós tentaremos reconstruir as válvulas — acrescentou o Dr. Vilas Novas — E no caso desse procedimento não surtir o resultado desejado,

faremos a terceira cirurgia para trocar as válvulas cardíacas defeituosas por válvulas biológicas.

Ele esclareceu que essas válvulas eram feitas de tecido de porco e de fácil aceitação para o organismo.

— Então, eu não tenho uma, e sim, duas cirurgias pelo caminho?

— Vamos esperar que na primeira ocorra tudo bem — afirmou o Dr. Toledo.

— Lídia, esse parece ser um cenário bastante assustador — apesar de me encarar de um jeito firme, Domenico emitia as palavras com suavidade — Você tem muitos motivos para se sentir como uma jovem de muita sorte.

Eu sempre acreditei que a sorte fugisse de mim, no entanto, havia alguma coisa nesse médico, na forma intensa que me encarava, que me fazia ficar em silêncio, apenas ouvindo-o.

— Sobreviver àquele acidente não foi nada menos que um milagre — continuou ele — E você, ao contrário de muitas pessoas precisando de algum tipo de tratamento ou assistência médica, tem todos os recursos para isso. Também estamos indicando aqui, no mínimo, três possibilidades de tornar a sua vida tão normal como antes.

— E ela vai ser? — minha pergunta não tinha qualquer tom de deboche ou ironia, precisava mesmo saber se alguns sonhos poderiam continuar vivos em meu coração — Como ter filhos, por exemplo?

— Vamos etapa por etapa. Antes das cirurgias, e por um tempo depois dela, não é recomendado. Isso poderia trazer problemas graves durante a gestação, como falta de ar e risco cardíaco.

— Então, eu nunca poderei ser mãe?

— Não é o que o Domenico está dizendo, Lídia. Nesse primeiro momento, o seu coração ainda estará muito fraco — disse o Dr. Toledo —

Após isso, e qualquer uma delas obtendo o sucesso que esperamos, vamos trabalhar isso com você de forma que não prejudique todo o trabalho feito, sua saúde e a segurança do seu bebê.

Ouvir isso trouxe tanto alívio ao meu coração, que segurar as minhas lágrimas foi algo que não consegui fazer. Algum dia, no nosso futuro, eu poderia dar um filho a Fernando. Ainda existia esperança de me tornar mãe.

— Até para esse desejo, existem outras possibilidades. Como uma barriga solidária, por exemplo — destacou Domenico.

Eu já tinha pensado em possibilidades como essa, e seria uma opção, se a resposta para o desejo de engravidar fosse negativa, só que eu gostaria de ter a experiência de ter e sentir meu bebê crescendo em meu ventre.

Dessa vez, prometi enquanto Fernando me abraçava, beijava os meus cabelos e sussurrava palavras carinhosas em meus ouvidos, faria tudo certo para ajudar na minha recuperação. Sem revoltas pelo que me aconteceu, grata à vida por tudo o que tinha e as oportunidades que me foram dadas.

— Doutor? — Sequei as minhas lágrimas com as costas da mão, encarei um, depois o outro — Tenho me sentido fraco nesses últimos dias...

— Você esteve? — Fernando me encarou com surpresa e um pouco de incredulidade, por não ter revelado isso antes — Porque não me disse nada, Lídia?

— Sei que prometemos não guardar segredo um do outro novamente, e juro que não farei mais isso. Eu só queria saber o que os meus médicos tinham a falar, antes de começar a entrar em crise.

— Provavelmente, é por causa da inflamação. O seu coração está bombeando mais devagar — explicou Domenico Vilas Novas — Naturalmente vem a sensação de fadiga, e com isso, a dificuldade em respirar.

— Vamos entrar com outras medicações. Para combater a inflamação, pois nós não podemos seguir a cirurgia com ela, e outra que a ajude a ter mais energia.

Outros remédios para colocar na caixa catalogada. Dessa vez, eu não iria reclamar. Como disse Domenico, eu tive e ainda tenho muita sorte.

Nós permanecemos ainda alguns minutos com os médicos, que falaram um pouco mais sobre a minha cirurgia. E que as próteses biológicas têm uma vida útil. Imaginando que a cada dia essas válvulas abrem e fecham mais ou menos cem mil vezes, então, com o passar dos anos, pode acontecer algum processo de degeneração das próteses. Assim, estima-se que após 12 a 15 anos seria necessário trocá-las.

Isso não me afetou. Como eles disseram, a medicina evoluía cada vez mais, e até lá, muitas coisas poderiam mudar. Eu não deveria e nem queria me preocupar com essas coisas antes do tempo. Não sabia se era a fé, no entanto, eu estava carregada de confiança e esperança de que tudo daria certo.

Do hospital, fomos direto para a casa do *nonno*. Ele nos convidou para almoçarmos com ele, o que nem cogitei recusar.

— Isso é uma ótima notícia, *bambina* — Os olhos do vovô brilhavam com as lágrimas de felicidade, depois de ouvir tudo o que disse sobre a minha consulta essa manhã — A sua vida vai voltar a ser como antes.

— Acho que não desejo mais a mesma vida de antes, *nonno* — afirmei e busquei a mão de Fernando, unindo-a à minha — Desejo e vou buscar uma vida melhor do que antes.

— Sim, *bambina*, você está certa. O passado já passou. Agora me digam — ele cruzou os braços, depois encarou Fernando com um olhar impressionantemente firme — Quando será o casório?

— Vovô!

— O *nonno* tem razão — disse Fernando, soltando a minha mão para ficar de pé — Eu vinha pensando em várias maneiras de fazer isso.

Conforme ele foi falando, com uma expressão chocada, o assisti começar a se agachar e ficar de joelhos em minha frente.

— Alguma coisa na fazenda, talvez na gruta ou usando alguns dos seus animais.

— Fernando — balbuciei, me sentindo cada vez mais pasma.

— Existem coisas que não podem ou se devem esperar. Como nem tudo depende de um grande acontecimento — ele sorriu, e em seus olhos via apenas sinceridade e amor —, eu nem mesmo tenho um anel agora, acredito que esse seja o momento perfeito. Aqui, na presença do *nonno* que você ama tanto.

Direcionei o meu olhar rapidamente para o vovô ao nosso lado, e vi nele quase a mesma emoção que estava crescendo em mim.

— Lídia Alencar Lucchese Santini — sua voz estava embargada, o que tornava tudo ainda mais lindo — Você aceita se casar comigo? Continuar a me fazer um homem realizado, completo e o mais feliz desse mundo? Aceita me deixar fazê-la realizada, completa e a mulher mais amada e feliz do mundo?

Eu não conseguia emitir uma única palavra. Apenas sorria e chorava ao mesmo tempo. Tenho sonhado com isso desde menina. E eu não precisava de um pedido que viesse com acontecimentos incríveis e memoráveis. Esse pedido simples, feito com tanto amor, diante do *nonno*, uma das primeiras pessoas que soube que nos amávamos, que sempre nos apoiou e torceu por nós, tornava o pedido perfeito.

— É claro que ela aceita — ouvi a voz abalada do *nonno*, e o encarei com um misto de divertimento e falsa reprimenda — Minha filha, o

seu coração vai ter conserto, o desse velho já está bem gasto. As emoções até aqui são suficientes.

Fernando riu comigo e me puxou para os seus braços.

— Eu aceito, meu amor — finalmente consegui dizer — Não há nada que eu deseje tanto quanto isso. Lídia Lucchese Santini Brandão. Soa estranho? Acha que podia manter assim?

Eu não queria me desfazer do sobrenome Lucchese, por causa da mamãe e do *nonno*, e nem da parte Santini, pelo meu pai, avós e tudo que esse nome representava.

— Tudo o que você quiser, meu amor.

Eu só queria uma coisa no mundo, duas, para falar a verdade: felicidade para nós — afinal, a merecemos muito — e felicidade em dobro para todas as pessoas que eu amava.

Fernando beijou o meu dedo, onde deveria estar o anel, e disse que isso seria providenciado em breve. O vovô ofereceu um jantar de noivado na Lucchese, para quando isso acontecesse, e eu não poderia pensar em um lugar melhor.

Depois de brindarmos e contarmos a tio Oberto a novidade, fomos para a minha casa, que era onde decidimos ficar até voltarmos à fazenda, por questão de segurança era a melhor escolha.

Estava voltando da cozinha, depois de organizar com a governanta o jantar para essa noite, quando vi o meu irmão chegar.

— Pedro! — Corri imediatamente até ele.

— O que vocês fazem aqui? — questionou ele, abraçando-me com carinho enquanto encarava Fernando.

— Senti saudade de casa — eu respondi ao ser solta por Pedro e me coloquei ao seu lado — E tenho alguns exames para fazer.

Ao que eu percebi, ele tinha se esquecido da minha consulta médica, estava tudo bem, Pedro tinha muita coisa na cabeça para lidar.

— Alguma notícia sobre o Diogo? Ele voltou a ligar para você? As provas que conseguiu já são suficientes para levá-lo à prisão? Aquele infeliz não tem chegado perto da Clara, não é? Ela já conseguiu perdoar você?

O bombardeei com perguntas, precisava urgentemente dessas respostas. Não tive todas exatamente como gostaria, pelo menos parecia que as coisas estavam caminhando.

— Sinto que Clara não está tão arredia quanto antes — Pedro evitou o meu olhar ao dizer isso, e não sabia se era para esconder o quanto isso ainda o machucava ou se existia algo mais — Eu sei que ela me ama.

Entendia a Clara. Toda a mágoa e decepção que ela deve ter sentido, ao descobrir a verdade sobre as intenções de Pedro quando a conheceu e tudo o que fez, também compreendia o meu irmão e tudo o que o levou a agir como agiu. O Diogo, desde o início, esteve fodendo com a mente de Pedro, e ele era realmente muito forte, por não ter enlouquecido.

— Mas ela me pediu um tempo para pensar.

Prometi a Fernando que não iria mais me envolver nessa bagunça que Diogo armou, nesse caso em específico, me sentia completamente responsabilizada pelo afastamento dos dois.

— Vocês irão ficar até o fim de semana?

— Voltaremos à fazenda na segunda. Se não tem outro jeito.

Depois retornarei para ver o resultado dos novos exames.

Perdida em meus pensamentos, só percebi que os dois trocaram mensagens pelo olhar quando Fernando afirmou que ficaria de olho.

— Tem o evento da Solar, não é verdade? — perguntei a Pedro — Você se importa se eu não for?

Bastava de festas agitadas e glamourosas para mim, pelo menos as que não fossem envolver alguma boa causa.

Tudo o que desejava era cuidar da minha saúde e ter uma vida simples e calma.

— Fique tranquila. Eu vou representar a Santini.

Quando tudo começasse a entrar pelos eixos, Clara seria a companheira perfeita para estar ao lado dele, em todos eventos e compromissos como esse.

Depois Pedro me perguntou sobre a consulta médica e eu fiz um resumo. Ele ficou muito feliz e aliviado com tudo o que ouviu.

— Pedro? Tem algum compromisso para essa noite? Pedi que fizessem um jantar especial.

— Vamos comemorar algo?

— Sim, nós vamos. Você estará aqui? O Nick também virá.

— Com toda certeza, querida. Pode contar comigo.



Além da razão principal desse jantar, era muito importante poder ver, nem que fosse por alguns instantes, o sorriso de Pedro com algo que Nick lhe dizia ou quando os dois se uniam para provocar Fernando. Não estávamos completamente felizes, porém no caminho em busca da felicidade.

A noite estava sendo bem tranquila. Desta vez, quando Fernando se ergueu e me ajudou a ficar ao seu lado, nada inesperado aconteceu, estragando o nosso momento.

— Homens! Um minuto da sua atenção — pediu Fernando, levando a minha mão ao seu peito — Vocês, e todas as pessoas que me veem ao lado

dessa garota, podem ver o quanto sou apaixonado por ela.

— É ótimo ouvir isso de você sem tremer, achando que alguém levará um tiro na cara — destacou Nick com humor, e eu fiz uma cara zangada que estava longe de sentir.

Esse momento, com certeza, não seria o mesmo sem o meu ruivo endiabrado.

— Como eu estava dizendo — seguiu Fernando — Pedro, amo a sua irmã mais do que qualquer coisa no mundo. Ela é a razão de, a cada dia, eu me tornar um homem melhor. Uma pessoa melhor. Eu a pedi em casamento...

Ao dizer isso, seus olhos carinhosos encontraram os meus e os meus lábios se abriram em um sorriso encantado e feliz.

— Para a minha imensa felicidade, Lídia aceitou — sussurrei “eu te amo” para ele e recebi uma piscadinha sexy de volta — Eu queria saber se você, como meu irmão de coração, nos daria sua benção?

— Ainda é estranho tudo isso para mim, Fernando.

— Pedro! — encarei-o, abismada.

A última coisa que qualquer um de nós estaria esperando era que ele fosse criar caso agora. Não depois de tudo o que aconteceu.

— É estranho para mim — insistiu ele — Depois de avaliar tudo com calma...

Pedro se levantou da cadeira, fez a volta na mesa e parou em frente a nós dois, buscando nossas mãos, unindo-as com a dele.

— Não acho que exista um homem mais perfeito para você, minha irmã. Por isso, eu dou a minha benção — depois ele dirigiu seu olhar a Fernando, que assim como eu, estava claramente emocionado — Não acredito que tenha mulher no mundo mais perfeita para você do que Lídia, por isso eu dou a minha benção, meu irmão. Eu sei que os nossos pais diriam e fariam a mesma coisa. Que vocês façam um ao outro felizes.

— Pedro — O puxei para um abraço entre mim e Fernando, completamente emocionada.

Foram as palavras mais lindas que ele poderia me dizer.

— E eu... — Nick ficou em pé, já em posse da garrafa de champanhe, que foi aberta por ele — Vou ser o padrinho dessa união, que isso fique bem claro. É a recompensa por tudo que aguentei.

Eu me desgrudei dos dois homens que amava, para correr em direção a esse outro homem maravilhoso que eu amava muito.

— Ai de você se não for o meu padrinho de casamento — avisei, dando um beijo estalado em sua bochecha rosada.

— E do seu primeiro filho.

— Acha que terei mais de um?

— Olha para aquele cara ali — ele apontou com a garrafa para Fernando, que ao lado do meu irmão, nos encarava com amor e sorrisos — No mínimo, uns seis Fernandinhos.

Obviamente que Nick estava exagerando. Até porque, devido às minhas complicações de saúde, ter um filho já seria um grande desafio, eu gostava do otimismo dele.

— E você exige o direito de batizar o primeiro bebê?

— Ser padrinho do casamento é o pagamento. Do bebê, são as taxas e juros.

E, sim, devemos muito da nossa felicidade a Nick.

— Combinado — estendi a mão a ele como parceiros fechando negócios — O primeiro bebê de Pedro e Clara, Fernando e eu que vamos batizar.

— Ah, não, lindinha... — ele iniciou a discussão, que eu sabia que iria ganhar.

Diferente do esperado no passado, o meu irmão não se importou nem um pouco que estivéssemos falando sobre o casamento e filhos dele. Apesar de Pedro desejar que Clara estivesse presente nesta noite tão especial para a gente, os olhos dele brilhavam sempre que o nome dela era citado, demonstrando o quão verdadeiros eram os seus sentimentos por ela. Isso me deu ainda mais certeza de que eu precisava agir e ajudá-los.



— Fernando?

— Ainda está acordada, querida?

Eu só conseguiria dormir quando essa questão fosse resolvida.

— Sei que combinamos de deixar tudo nas mãos do Pedro, e não vou atrapalhar em nada nas decisões que ele precisa tomar — Apoiei uma das mãos no colchão e outra no peito dele, para poder encarar o seu rosto — Eu preciso falar com a Clara, entende? Eu preciso pedir desculpas a ela.

— Você não fez nada, Lídia — ele afagou o meu rosto com carinho — Eu já não posso dizer o mesmo.

Sabia que ele foi conivente com Pedro e teve certa participação na ideia maluca de Pedro tomar o apartamento onde Clara morava com a família, como também sabia que as ações de Fernando, mesmo que erradas, foram mais em relação à sua fidelidade e amizade com meu irmão do que maldade, como Diogo.

— O meu silêncio contribuiu com muita coisa. Alguns desentendimentos poderiam ter sido evitados, se eu tivesse sido honesta com vocês desde o começo — confessei. Enquanto não esclarecesse com Clara

esse ponto, acho que nunca me livraria dessa culpa — Então preciso pedir desculpas a ela. Você me leva até o apartamento dela?

— Entendo você e acho que sinto a mesma coisa — disse ele, puxando-me de volta para o seu abraço — Apenas me prometa que vai tentar não se emocionar demais.

— Eu prometo.

Agora, sim, poderia ter uma noite tranquila.

CAPÍTULO 52

FERNANDO

Lídia pediu que eu a esperasse, enquanto verificava se sua tentativa de conversar com Clara teria uma resposta positiva. Já fazia alguns minutos que ela subira, o que me fazia concluir, pelo menos, que tinha sido recebida amigavelmente no apartamento.

Eu também devia um pedido de desculpas à Clara, contudo, aceitei que esse era o momento delas se entenderem. Depois que todo esse inferno acabasse, existiriam muitas oportunidades para que eu conseguisse me redimir.

Como esperar o retorno de Lídia era algo que estava me deixando impaciente, decidi ligar para o Nick.

— Então? — indagou ele assim que a chamada foi completada — Como foi? A anjinha perdoou vocês, certo?

Ao contrário de mim e de Lídia, Nick foi o que mais teve contato com Clara, e ele tinha um carinho especial por ela. Apesar de nada ter sido culpa dele, o ruivo desejava o perdão da garota tanto quanto nós. E não era apenas porque a amiga dela parecia o interessar bastante. Como um típico estrangeiro, O'Connor não dava muita abertura para que estranhos entrassem em sua vida e quem conseguia conquistar sua amizade e respeito, conquistava mais do que um amigo.

— Lídia ainda está lá dentro. Eu acho que não deve estar ruim.

— A Clara é uma boa garota e tem um coração admirável. Sei que se não for agora, no momento certo irá perdoar todo mundo, principalmente o Pedro.

— E como ele está? Como ele realmente está, Nick?

Ao que ele demonstrava a mim e à irmã, parecia estar bem, eu não podia afirmar se tratava-se de uma atuação para nos manter tranquilos.

— Sinceramente? Melhor do que eu esperava. Ele ainda é o Santini, você sabe. Acho que o medo de perder a garota de vez o está fazendo pensar mais, antes de estourar.

Éramos um trio bastante peculiar. Pedro, com toda certeza, era o mais estourado de nós. Nick, uma mistura de bom-humor com sensatez, e eu, o mais fechado, que pensava demais, quando em algumas situações apenas deveria mergulhar de olhos fechados no precipício.

— E sobre o Diogo? Alguma novidade?

— Você sabe sobre o boliviano, não é?

O homem que ajudaria Diogo a fugir do país, levando Clara com ele, pelo mar.

— Sim, Nick. Me conte todos os detalhes novamente, por favor.

Enquanto ele repetia quais os próximos passos de Pedro para cercar Diogo, fui tentando encontrar os pontos cegos e falhos. Se tudo ocorresse como o planejado, as chances de o infeliz sair livre dessa vez seriam mínimas, o bandido era esperto, e em se tratando dele, todo cuidado precisava ser tomado.

— Escuta, Nick, falo com você depois — avisei a ele quando vi Lúcia sair do elevador.

Ela exibia um sorriso feliz, e isso me trouxe alívio ao notar que a conversa parecia ter acabado bem.

— Como foi?

— Mais do que nunca, agora entendo por que o Pedro se apaixonou por ela. É uma garota muito doce e compreensiva. Acredita que achava que devia desculpas a mim?

Lídia finalmente estava podendo começar a ficar em paz em relação a isso, também me causava o mesmo sentimento.

— Você tinha que ver a irmãzinha dela. A Suzana ama o meu irmão. A casa tem aquele calor de um lar, entende? Como a gente tinha antes.

— E estamos voltando a ter — destaquei e passei o braço em sua cintura, a conduzindo até o estacionamento — Então, acabou tudo bem?

— Bem, só vai ficar quando Diogo for pego.

— Isso está muito próximo, amor — garanti a ela, com a segurança de que dessa vez daria certo — Mais perto do que você imagina.

DIOGO

Sem João Rodrigues, restavam bem poucas pessoas em quem eu poderia confiar, para dar andamento aos meus planos. Já estava com tudo muito bem elaborado. O boliviano conseguiu para o dia marcado o barco que pedi. Estaria me esperando chegar, com tudo pronto, para que eu pudesse fugir com Clara. Sairíamos à noite. De Santos até Copenhagen, onde entraríamos com os documentos falsos. Lá, mudaríamos novamente de barco e seguiríamos viagem. No início, ficaria viajando pelos países até decidir por um que eu tivesse certeza de que nem Pedro e nem a polícia iriam conseguir nos rastrear.

E eu não poderia ter falhas nesse plano. Embora Clara estivesse cumprindo a promessa de manter Pedro longe, ela estava cada vez mais

próxima do piloto maldito.

Quando recebi as fotos, do vigia que mantinha na casa de Clara, avisando que eles tinham entrado em um prédio e ficado por mais de uma hora lá, aquilo me incomodou. O que tirou mesmo o meu chão foi ver as fotos deles saindo, abraçados e rindo.

Esse infeliz não faria o mesmo que Pedro, tentando roubar minha garota. Antes disso, eu o eliminaria, afinal, não me restava nada a perder, uma morte a mais e uma a menos, pesando sobre as minhas costas, não faria diferença.

Dela, não.

De Clara, eu não abriria mão por nada!

O dia e o local de conseguir pegá-la de volta, e para sempre, já estava marcado.

Depois de estarmos muito longe, faria questão de enviar uma foto a Santini e mostrar para ele que, nesse jogo, o único ganhador seria eu.

LÍDIA

Acabou que nem retornamos à fazenda, como planejado. Como eu tinha os últimos exames para fazer e receber os resultados, Fernando sugeriu que seria melhor ficarmos na cidade. Na verdade, acho que assim como eu, apesar de eu não saber de muito detalhes, ele queria estar aqui durante a operação para pegar Diogo.

Bom, como sempre alertei em relação a esse homem perigoso, as coisas não aconteceram exatamente como o planejado. Diogo conseguiu se

infiltrar na festa em que Clara e Giuliano promoviam a nova coleção de óculos da Solar, e o desgraçado tinha conseguido levá-la com ele.

Depois de uma perseguição que passou até na TV, Pedro ficou frente a frente com seu maior inimigo. Entre discussões e acusações, Diogo tentou que meu irmão pulasse de uma ponte para salvar a vida de Clara. Ela reagiu, tentando tomar o revólver dele, e nessa hora acabou levando o tiro que a mantinha agora no hospital, entre a vida e a morte.

Assim que Nick nos avisou do ocorrido, quis partir imediatamente para o hospital e dar apoio ao meu irmão. O Pedro encontrava-se arrasado e se culpando por Clara ter saído ferida. A culpa não era dele. Apesar de Diogo ter sido finalmente preso por tentativa de sequestro e todo resto caindo em seus ombros, mais uma vez, tinha atingido um inocente.

Eu não sabia o que fazer ou o que falar para tentar manter Pedro mais tranquilo. Estava rezando, pedindo muito a Deus para que salvasse Clara, pois acreditava que o meu irmão não conseguiria segurar a barra de perdê-la. Não havia como, já que ele a amava muito.

— Os familiares da Srt^a Clara Gusmão? — Um homem alto, com roupa cirúrgica, surgiu no corredor, chamando a atenção de todos.

— Eu sou a mãe dela — Virei em direção à mãe de Clara e a vi soltar a mão de Pedro, saltando do banco onde eles estiveram nos últimos minutos, orando por ela — Como ela está, doutor?

— Removemos a bala, senhora. Não perfurou nenhum órgão vital. Porém, foi uma cirurgia longa, demorada e delicada — avisou ele, e pelo seu olhar cauteloso, pressenti que as notícias seguintes não seriam nada animadoras — Ela tem um tipo raro de sangue. O negativo, que pode ser doador universal, mas só pode receber o mesmo tipo de sangue. E ela perdeu muito no percurso até aqui e durante a cirurgia. Usamos tudo o que tínhamos em nosso banco. Vamos precisar de doações.

Eu não poderia doar, e pelo olhar desesperado de Pedro, imaginava que ele estivesse pensando a mesma coisa, nós somos AB+.

— Alguém aqui tem esse sangue? — indagou o médico, buscando resposta na mãe de Clara.

— Eu sou B negativo — respondeu Beatriz, em um tom tão arrasado que tocou a todos nós — O pai de Clara que era O negativo. De qualquer forma, minha doença não iria permitir.

Pelo que eu soube, a mãe de Clara sofria com Lúpus, uma doença autoimune.

— Neste caso, farei o alerta no hospital e veremos se conseguimos em algum outro lugar — avisou o médico — Falem com amigos e conhecidos. Precisamos do sangue com urgência.

— Espere! — Como estava ao lado de Fernando, o seu grito estalou forte em meu ouvido — Doutor, meu sangue é O negativo. Eu posso ser o doador.

Beatriz soluçou, colando o rosto no peito de Pedro, e eu encarei Fernando, completamente emocionada.

— Então, me acompanhe, por favor — disse o médico.

Apesar de não saber se era permitido a minha presença, segui os dois. Quando Fernando passou ao lado do meu irmão, Pedro segurou o braço dele.

— Obrigado.

— Sei que faria o mesmo por mim, meu amigo — Fernando bateu levemente no ombro dele — Quem sabe isso amenize um pouco meu julgamento precipitado em relação a Clara e ela consiga me ver como um amigo, no futuro.

Eu tinha certeza de que, mesmo antes disso, ela já tinha perdoado Fernando. E podia dizer, com toda propriedade, como um acidente ou ficar

de cara com a morte nos mudava de muitas maneiras. Além disso, Clara era uma garota muito boa.

— Graças a Deus! — antes de seguir Fernando, ouvi Beatriz dizer isso, soluçar e aceitar o abraço de Pedro — A nossa menina vai ficar bem, não vai?

— Vai, sim — respondeu ele, visivelmente emocionado — Ela tem que ficar.

Depois de passarmos por alguns corredores e portas, chegamos à sala onde colheriam o sangue de Fernando.

— Posso ficar aqui com ele? — indaguei a uma das enfermeiras no local.

— Naquela cadeira ali.

Assenti, e antes de me dirigir ao lugar indicado, fui até ele, que estava se acomodando em uma maca reclinável.

— Tudo bem?

— Eu não tenho medo de sangue, se é isso que a está preocupando — respondeu ele, abrindo um lindo sorriso — Muito menos de agulhas.

Eu nem estava pensando isso, na verdade, refletia sobre o tempo que ele cuidou da mãe doente e todas as vezes que precisou vir ao hospital. Não fazia tanto tempo assim, e eu temia que isso pudesse trazer recordações dolorosas.

— Está tudo bem, Lídia — ele buscou a minha mão e a levou aos seus lábios — Estou muito feliz em poder fazer isso. É como pagar um pouco dos meus pecados.

Emocionada, levei minha mão ao seu rosto e o afaguei com carinho.

— Todos os seus pecados já foram pagos, Fernando. E mesmo que não estivessem, ainda assim o que está fazendo é lindo.

Sem mais nada a dizer, ele segurou o meu pescoço e me fez inclinar em sua direção, para trocarmos um beijo carregado de emoção. Quando nos separamos, fui o mais rápido possível para o lugar onde deveria esperar por ele, Clara aguardava o sangue e não queríamos atrasar mais isso.



Apesar de Fernando ter doado sangue a Clara em caráter de urgência, ela ainda precisaria de mais. Então toda uma busca entre familiares, amigos, na igreja onde Beatriz frequentava, foi iniciada. Pedro também entrou em contato com sua secretária e pediu que Helena enviasse e-mails a todos os funcionários da Santini que ela conseguisse, solicitando ajuda a quem fosse compatível. O problema era que, por ser fim de semana, tudo ficava mais difícil, nenhum de nós iria desistir, principalmente o meu irmão.

Com o passar do tempo, e para alívio de todos, as pessoas foram chegando. Muitas doações foram feitas, tanto para Clara, como para o banco de sangue do hospital, para quem viesse a precisar.

Assim que isso foi comunicado, Pedro soltou um grito de alegria e Beatriz chorou, aliviada.

— Bem, agora é com ela — disse o doutor, antes de se retirar — Pelo que eu vi, é uma garota muito forte. Vamos aguardar um pouco mais, e em breve, a transferiremos para o quarto.

— Quando vamos poder vê-la, doutor? — Beatriz fez a pergunta que todos nós aguardávamos.

— Em uma hora, vou liberar a visita de duas pessoas.

A mãe de Clara esticou a mão para Pedro, e a emoção que ele demonstrou me tocou.

— Então, será eu e o namorado da minha filha.

Ao que eu observava, a mãe de Clara já tinha perdoado o meu irmão por tudo o que ele fez, agora só faltava ela acordar e perceber que eles nasceram um para o outro.

Quando vi Pedro retornar ao banco, aguardando o momento de poder se encontrar novamente com sua amada, fui até ele, sentando-me ao seu lado.

— Você está bem, querido?

— Só vou ficar bem quando olhar nos olhos dela e ver o sorriso que amo.

— Isso vai acontecer. Clara é muito forte — garanti a ele, porque realmente acreditava nisso — E ela te ama, Pedro. Estava disposta a dar a vida dela por você.

Era impossível não notar como isso o deixava mexido.

— Eu não iria pular da ponte, porque Giuliano iria render Diogo — confessou a mim, e relembrar isso causou grande emoção a Pedro — Se fosse preciso, se não tivesse outro jeito de salvar a vida dela, eu teria feito isso, Lídia. Eu teria pulado.

Sua confissão me causou uma grande angústia, porque eu sabia que ele estava sendo extremamente verdadeiro. Seria doloroso demais perder o meu irmão devido às crueldades de um homem louco. Um soluço escapou dos meus lábios e fui abraçada por ele.

— Tudo bem, Lídia. Estou aqui. Clara vai ficar bem. Tudo vai ficar bem.

Apesar de todo o sofrimento das últimas horas, agora finalmente eu começava a acreditar nisso.

Perto do horário de visita, uma enfermeira surgiu para buscar Pedro e Beatriz. Fernando deixou Nick conversando com Giuliano e veio até mim.

— Acho melhor você ir para casa agora, amor — ele alisou o meu braço e me encarou com preocupação — Já foram muitas emoções para você.

Apesar de desejar ficar ao lado de Pedro, até que seu coração estivesse tranquilo, eu conhecia os meus limites, e embora tenha escondido de todos o quanto me sentia cansada, o meu corpo começava a exigir uma pausa.

— Tudo bem. Só vamos esperar o Pedro retornar da visita — pedi a Fernando, que assentiu — Eu também acho que você precisa descansar. Não fez isso desde que doou sangue, Fernando.

— Vamos juntos.

Quando Pedro retornou, ele sugeriu que a mãe de Clara fosse descansar e ver Suzana, a pobrezinha deveria estar muito assustada com tudo o que aconteceu. Ouvi de Beatriz que ela estava aos cuidados de uma garota chamada Letícia, e pela reação de Nick, acho que era a tal amiga de Clara, por quem ele tinha interesse.

— Você que precisa ir para casa, querido. Veja, todo sujo de sangue — Beatriz disse ao Pedro, ao dar uma conferida em sua roupa manchada com o sangue de sua filha — Clara vai acordar a qualquer momento e vai se assustar se o vir assim.

— Olha só, vão os dois dar uma descansada — pediu Nick, se aproximando deles — Sra. Gusmão, eu sei que, como mãe, tem a força de uma leoa, mas a sua outra filha também precisa de sua atenção e deve estar assustada. Nada melhor do que a senhora para tranquilizar a criança. Além de que, sua saúde também é importante. Não poderá cuidar da Clara se ficar doente. Eu vou ficar aqui o tempo que precisarem.

Ele encarou Fernando e a mim. Eu sabia que, em breve, o mesmo discurso seria dado a nós. Nick, outra vez, provando o grande amigo que era.

— Nós vamos fazer revezamento — eu disse ao me aproximar de Pedro — Todos cuidamos da Clara, juntos.

— Está bem — concordou Beatriz e encarou Nick — Me avisa se qualquer coisa acontecer?

Ele assentiu, e depois de Pedro e a mãe de Clara se retirarem, o ruivo veio até nos.

— Já sei, Nick — falei antes que ele tivesse a oportunidade de abrir a boca — Já estamos indo, e...

— Vou avisar se qualquer coisa acontecer — finalizou ele, praticamente nos empurrando em direção à saída.

Apesar de estarmos saindo de um hospital, Fernando e eu sustentávamos um sorriso no rosto até entrarmos no carro.

— O Nick é um cara incrível, não é? — murmurei, apoiando minha cabeça em seu ombro, enquanto ele me abraçava pela cintura.

— Um cara mais do que incrível.

Nós tínhamos sorte em tê-lo. Tínhamos sorte em formarmos essa grande e unida família que somos hoje, e que irá crescer ainda mais, nos cercando de amor.

CAPÍTULO 53

FERNANDO

Como Lúdia destacou, Clara era uma guerreira, e como tal, ela tinha vencido a morte. Eu me encontrava mais do que feliz em ter contribuído para salvar a vida dela, me sentia contente por Pedro e ela terem acertado as coisas, estando mais unidos do que nunca.

— Eu agradeço por ter ajudado a salvar a minha vida — disse-me Clara.

Assim que as visitas foram permitidas, Lúdia foi uma das primeiras a se manifestar para irmos ao hospital.

Claro que tinha doado sangue porque me sentia em dívida com ela, por Pedro e Lúdia, porém teria feito o mesmo a qualquer outra pessoa precisando de ajuda.

— Não tem que me agradecer. Faria isso quantas vezes fossem necessárias.

Clara sorriu, demonstrando que já não existia qualquer tipo de mágoa relacionada a mim. Não tivemos muito contato, eu tinha certeza de que isso iria mudar, agora que ela tinha retornado à vida de Pedro para ficar.

— Você também, Lúdia — Clara sorriu, agradecida — Por ficar comigo quando foi preciso e, principalmente, por cuidar do Pedro.

— Você é minha irmã agora. Eu sempre desejei ter uma — murmurou Lúdia, buscando a mão dela — Cuidar um dos outros é o que uma família faz, certo?

— Eu sempre acreditei nisso — respondeu Clara.

Eu não tive um bom exemplo de família, foi através dos Santini que descobri como uma verdadeira família deveria se amar e cuidar uns dos outros, como Lúdia acabara de citar.

Hoje, podia dizer que eu tinha uma através de todos eles e faria tudo para proteger esse laço.



Nosso jantar de noivado foi marcado para uma semana após Clara ter deixado o hospital. O Lucchese foi fechado para o público e totalmente reservado para esse dia especial.

Todos os que conhecemos e eram bem próximos a nós estariam presentes. Clara com a família, acompanhada de sua amiga Letícia e a filha. Os avós paternos de Pedro. Zia Nina, que contando com a ajuda de Rafaela e Filippo para cuidar de seu negócio, prolongou sua viagem para ver Clara, e especialmente para esse evento. Nick, que jamais poderia faltar, e o convite foi estendido a Giuliano. E da minha parte, obviamente eu trouxe Serafina, mulher a quem sempre tratei como uma avó.

Eu não queria convidar o meu pai, tinha receio que sua amargura acabasse estragando a nossa noite e Lúdia me convenceu de que precisávamos começar essa nova etapa de nossas vidas sem mágoa. Por ela, enviei o convite e acabei recebendo uma mensagem essa manhã, com o aviso de que nem ele e nem a esposa iriam poder comparecer à comemoração.

— Está tudo bem? — Lúdia surgiu diante de mim, e as mãos dela tomaram o lugar das minhas, ajeitando a gravata.

— Vendo-a linda e deliciosamente sexy assim — murmurei, nos afastando um pouco para que conseguisse admirá-la melhor no vestido prateado, grudado em cada curva de seu corpo, depois a puxei de volta, dando em seus lábios macios um beijo rápido — Está tudo perfeito.

Com Lídia, tudo tem cor e significado. Ela era minha calmaria e paz.

— Sei que essa noite é apenas uma formalidade. Afinal, você já disse sim — peguei a mão dela para beijar o dedo onde colocaria o anel, que selaria nosso compromisso hoje — Se estou um tanto nervoso, imagine no dia do nosso casamento.

Ou no nascimento do nosso primeiro filho.

— Bom, é por isso que existe essa noite. E ensaio de casamento.

Ainda assim, eu acreditava que estaria uma pilha de nervos.

— Pronto. Está de tirar o fôlego, Sr. Brandão — ela checkou o nó da minha gravata mais uma vez, depois alisou com as mãos o terno cobrindo o meu peito — Ainda bem que as únicas damas solteiras essa noite, e com quem não preciso me preocupar, são Fina e Zia Nina.

— E a Letícia.

Não que Lídia precisasse se preocupar com a jovem. Mesmo que existisse uma dúzia de mulheres durante o jantar, eu só teria olhos para a garota que conquistou o meu coração.

— O Nick vai manter as atenções dela grudadas nele. E nem vai precisar se esforçar muito.

— Acha que eles podem mesmo chegar a algum lugar?

— Amor, eles já estão. Só precisam se dar conta disso.

Por Nick, que era uma das pessoas mais incríveis que eu conhecia, torcia para que ele encontrasse o amor, como Pedro e eu fizemos. A amiga de Clara parecia ser uma boa garota, e eu esperava que realmente fizesse o meu amigo-irmão feliz.

— Você está pronta?

— Completamente.

No caminho até a Lucchese, trocamos muitos beijos e carinhos. Precisamos de alguns minutos dentro do carro para nos recompor e sairmos apresentáveis.

Todos já estavam presentes quando entramos, e fomos recepcionados com gritos animados e palmas. Era que a felicidade não conseguia ser silenciosa.

A noite começava e dava sinais de que seria perfeita.

— Ei! — comecei a puxá-la de volta quando a vi se afastar — Para onde está indo?

— Quero conversar um pouco com as garotas, antes de iniciar o jantar.

As garotas eram Clara, que desde que cheguei praticamente não vi saindo da poltrona confortável sem que Pedro estivesse ao seu lado ou corresse para ela; Letícia, que observava atentamente Nick com sua filha e Suzana, correndo pelo salão do restaurante, e Zia Nina, que digitava algo no telefone.

— Eu a queria inteirinha só para mim — confessei, unindo nossas bocas, depois descendo a minha até o seu pescoço — Isso soa muito maluco?

— Um tanto possessivo — ela sorriu e acariciou o meu rosto — Se serve de consolo, eu gosto. E depois teremos o resto das nossas vidas para eu ser todinha sua.

Passamos por muitas coisas até chegarmos aqui. Um dia feliz ao lado da família e amigos sem precisarmos mentir ou esconder o que sentíamos.

— Vá ver suas amigas, amor — bati em seu traseiro, empurrando-a em direção às garotas — Quando a noite encerrar, você será toda minha.

— E você todo meu — ela reivindicou, voltando e ficando na ponta dos pés para me beijar.

E o beijo não poderia ser nada menos que quente, fazendo os que estavam bem próximos a nós responderem com provocações. Lídia devolveu, chamando todos de invejosos, e foi se juntar às novas amigas.

O jantar organizado e feito por *nonno* Lucchese estava perfeito, e ele até mesmo recebeu elogios sinceros de Donato Santini. Os dois ainda se alfinetavam, só que ambos estavam dispostos a deixar qualquer desentendimento entre eles para trás, principalmente porque isso fazia Lídia muito feliz.

— Senhores? Senhoras? — bati com a colher em uma taça, chamando a atenção de todos — Um minuto, por favor.

Quando tive todos olhando para mim, estendi a mão à Lídia e a ajudei a ficar de pé ao meu lado. E diante de olhares encantados, me coloquei de joelhos em frente a ela.

— Todos já sabem que você me fez o homem mais feliz do mundo, ao aceitar o meu pedido de casamento — tirei a caixinha prateada de dentro do bolso do terno, e um lindo e delicado anel, cravejado com um delicado diamante brilhante surgiu, porém nada reluzia tanto quanto os olhos emocionados de Lídia — Eu quero perguntar novamente, e com esse anel simbolizar o meu juramento de amor, fidelidade e compromisso.

As mãos de Lídia tremiam, e as minhas não estavam diferentes. Esse era um momento muito importante para nós dois.

— Lídia. Aqui, na presença de todos que amamos e que nos amam também — engoli o nó querendo se formar em minha garganta e mantive a minha voz firme — Aceita se casar comigo, meu amor?

Antes de responder, ela também se colocou de joelhos e afagou o meu rosto com ternura.

— Eu aceito, meu amor.

Estourando de contentamento, passei o anel em seu dedo delicado. Os urros felizes vieram no mesmo momento que nossos lábios se encontraram.

Nosso beijo foi como um encontro de almas. Nele, transmitimos todo amor que sentíamos um pelo outro.

LÍDIA

Fazia um lindo dia de sol, e como tinha prometido a Suzana, nos divertíamos na piscina. Liguei para Clara, que vinha se recuperando bem, graças a Deus, e a convenci a vir com a mãe e a irmã. Também estendi o convite à Letícia, que eu vinha conhecendo melhor. Apesar de ser uma garota muito franca, tinha um senso de humor que eu gostava, e parecia ter um coração tão bonito como o da minha cunhada.

— A sua casa é bem grandona e muito linda, Lídia — disse Suzana, que ao lado de Letícia, acabava de retornar de uma pequena e curiosa exploração pela mansão — Quando a Clara se casar com o Pedro, ela vai morar aqui?

— Suzana! — Beatriz a repreendeu, eu apenas sorri, achando a pergunta dela natural.

— Se ela quiser, sim — respondi à Suzana.

— E você também vai morar aqui com seu noivo bonito?

— Meu Deus, minha filha — a mãe dela escondeu o rosto nas mãos — Onde errei com você?

Apesar de irmãs, Clara e Suzana eram bem diferentes, assim como Pedro e eu. Era natural irmãos terem personalidades diferentes, Suzana só

era mais descontraída que Clara e igualmente educada. Beatriz não tinha com que se preocupar.

— Eu acho que não. Por um tempo, acho que vamos morar na fazenda, e se precisar, manteremos uma casa menor aqui, para quando viermos para São Paulo.

— Você tem uma fazenda? — Suzana indagou, animada — Tem cavalos, ovelhas e um monte de animais?

— O Fernando tem uma enorme e linda fazenda. Gostaria de ir lá um dia?

— Lídia, não sabe o que está prometendo — alertou Beatriz — Essa garota não nos deixou em paz desde seu convite para usar a piscina.

Crianças são assim. Eu não via a hora de estar fazendo esse mesmo tipo de promessas aos meus filhos com Fernando. De encher essa casa, a fazenda e nosso novo lar com risos infantis.

— Pois assim que for possível, levaremos você à fazenda, Suzana — ouvi seu grito animado, que a filha de Letícia imitou sem saber exatamente o que elas estavam comemorando — Agora aproveitem um pouco mais a piscina, que logo mais a senhora Silva trará o lanche.

Ela emitiu vivas ainda mais animados, e antes de partir para o que ela tinha afirmado, assim que chegou aqui, ser sua diversão preferida, veio correndo me abraçar. Senti uma espécie de calor gostoso aquecendo o meu peito e fiz o possível para não deixar tão explícito como o gesto de carinho espontâneo de Suzana me tocou.

— Devemos chamar a Clara e o Pedro? — perguntou Beatriz, com toda inocência de mãe.

Letícia e eu trocamos um olhar. Desde que eles entraram na casa, com Pedro alegando que queria mostrar algumas coisas à Clara, nós entendemos perfeitamente para onde e o que aqueles dois ainda deveriam estar fazendo.

— Tia Beatriz, acho que Clara está comendo outra coisa — disse Letícia, escondendo o sorrisinho safado no copo de suco que ela pegou.

— O que você quer dizer com isso?

Mães eram tão inocentes ou acreditavam que seus filhos seriam sempre bebês. Eu senti falta da minha, dessa vez, não foi um tipo de saudade que doía tanto.

— Então, Lúdia? — indagou Letícia, para fugir do questionamento da mãe de Clara — Já marcaram a data do casamento?

— Pensei em fazer após a minha cirurgia, o Fernando deseja que seja antes. Então, estamos avaliando a melhor data ainda. Será em breve.

Geralmente, o assunto casamento conseguia unir todas as mulheres. Ficamos conversando sobre as minhas ideias para o grande dia e pedi algumas sugestões a ela, até que a governanta surgiu, avisando que a mesa para o lanche estava pronta.

Pedro e Clara surgiram alguns minutos depois. O grande sorriso no rosto dela e o de estupidamente apaixonado do meu irmão indicavam que nem eu ou Letícia estávamos erradas. Acho que até Beatriz percebeu o casal *in love*, não disse nada.

Nick surgiu logo depois, trazendo mais farra e algazarra. Eu aproveitei um pouco da distração deles e fui ligar para o Fernando. Ele saiu depois do almoço, avisando que precisava resolver um assunto, e eu já estava louca de saudade.

Qualquer minuto longe dele me deixava morrendo de saudade.

— Oi, amor — murmurei assim que fui atendida — Já está vindo para casa? Todo mundo está aqui e só falta você.

— Amor, chego em alguns minutos. Já fiz tudo o que precisava fazer.

Ele não me disse para onde foi, e assumi que precisou resolver algo da construtora. Também não queria bancar uma dessas mulheres chatas, que

precisavam saber cada passo do homem por insegurança. Essa fase já tinha passado para nós dois.

— Vou contar os minutos — disse, antes que ele viesse a desligar.

— Lídia? — teve uma pequena pausa antes de ele continuar: — Eu amo você, minha menina.

E eu amava quando ele me chamava assim.

Sua menina.

— Também te amo, meu menino — confessei, sorrindo — Muito.

Mais do que ele poderia imaginar. E eu sabia que, com a mesma intensidade, eu era amada de volta. Completávamos um ao outro.

FERNANDO

Disse a Lídia que precisava resolver um assunto, na verdade, eu queria ver uma pessoa. Confirmar, com os meus próprios olhos, que todo o mal que o desgraçado nos causou realmente terminou.

Para estar aqui, contei com a ajuda de Ricardo Vilela, que tinha alguns contatos na polícia, e obviamente, molhei as mãos das pessoas certas com uma pequena fortuna que eu considerava bem gasta.

— Você tem meia hora. É na última cela — avisou Ricardo assim que passamos pelo último portão com grades de ferro — Vamos estar bem aqui. Se precisar de ajuda, é só chamar.

Toda essa ala tinha sido esvaziada, e os presos, nesse momento, ouviam uma interessante e educativa palestra, com exceção de um, impedido por mal comportamento no dia anterior.

— Eu lido daqui, Ricardo — avisei a ele, e depois de entregar o meu terno a ele, segui caminhando pelo corredor de aspecto sombrio.

Não sabia dizer se todas as penitenciárias tinham um aspecto tenebroso e esse clima deprimente, essa parecia estar carregada de energias pesadas e negativas.

— Então você veio? — A voz surgiu de um canto escuro na cela, poderia identificar o dono dela em qualquer situação.

— Saia pelo menos uma vez das sombras, Diogo, e venha me enfrentar como um homem.

Desde a festa de Lúdia que não o tenho frente a frente comigo. Claro que ansiei por esse nosso reencontro, tudo o que aconteceu depois não me permitiu que gastasse o meu tempo com ele, até agora.

— O que veio fazer aqui, Fernando? — apesar de visivelmente derrotado, Diogo não era o tipo que demonstrava isso com facilidade — Esfregar sua vitória momentânea em minha cara?

— Vitória, sim — murmurei calmamente, e com a mesma tranquilidade, comecei a arregaçar as minhas mangas — Agora, momentânea...

Depois que fiz a última dobra em meu braço, o vi começar a recuar, se distanciando de mim, caminhando de costas até ser barrado pela parede atrás dele. Não havia para onde Diogo fugir, como em muitas ocasiões ele me deixou sem escapatória, fazendo-me magoar a pessoa mais importante e que eu mais amava nesse mundo.

— Achou mesmo que se enfiar entre Lúdia e eu, usar das artimanhas mais baixas para me separar dela e... — fui dando passos decididos em sua direção, e seus olhos esbugalhados mostravam o grande covarde que ele era — provocar a morte do nosso filho, e eu ficaria apenas satisfeito com a sua prisão?

— Aquilo foi um acidente.

— Consequência de suas armações sujas!

Ainda amargo um pouco da culpa, não vou negar. Já consegui entender que se Diogo, aliado às loucuras de Suellen, não tivesse armado contra nós, tudo poderia ter sido evitado.

— O que você vai fazer? Vai me matar? Uma vida pela outra?

— Seria o justo, não acha?

— E o que diria à Lídia? Apesar de me odiar, sei que ela não deseja que se torne um assassino, porque isso faria de você exatamente igual a mim.

Nesse ponto ele tinha razão, se eu agisse dessa forma, deixaria Lídia arrasada, e por mais que odiasse Diogo a esse ponto, que para vingar o nosso filho, eu seria capaz de executá-lo com as minhas próprias mãos, não vim até aqui para isso, essa tarde.

— Não vou te matar, Diogo. Não hoje. E nem porque não mereça isso. Porque me tornar igual a você significaria que, no final, você venceu. E não vou permitir que nos tire mais nada.

Principalmente a paz que acabamos de conquistar.

— O que você quer, então?

— Acertar um pouco das nossas contas — agarrei sua camisa e o trouxe para mim, olhando duramente em seus olhos — Não tem ideia de como esperei por isso.

Eu realmente não acreditava que conflitos deviam ser resolvidos com violência física, saber o que Diogo tinha feito a todos nós, as mortes que provocou, o acidente de Lídia e o grave problema no coração dela, só me faria deitar a minha cabeça novamente no travesseiro, com tranquilidade, quando desse a ele parte do castigo que merecia.

E a cada golpe que dava nele, uma parte da fúria, do ódio e de todo o desespero que ficou acumulado em mim começava a ir embora.

Parei exatamente no ponto em que via ser o limite para não o enviar diretamente ao inferno. Do jeito que ele gemia, segurava uma das mãos, que

possivelmente eu tinha quebrado, e não conseguia me achar através dos olhos ficando espantosamente inchados, dei-me por satisfeito.

— Nós vencemos, Diogo — murmurei bem próximo ao ouvido dele — O Pedro recuperou a Clara. Lídia e eu estamos mais apaixonados e unidos que nunca. O seu maior castigo será apodrecer aqui, acompanhando de longe a nossa felicidade.

Todas as vezes que voltei com Lídia ao túmulo do nosso filho e a vi chorar, desejei a morte de Diogo, hoje eu via que a morte seria um castigo brando demais para ele. Apodrecer aqui era o que ele merecia.

— Fernando?

Ele me chamou antes que eu cruzasse a porta de grade.

— Você acha que acabou, Fernando?

Sempre achei que eu tinha uma boa visão para coisas, fosse nos negócios ou em parte da minha vida pessoal. Serafina e Lídia afirmavam que era sexto sentido aguçado, era como essa sensação incômoda gelando a espinha.

— O que você quer dizer, desgraçado? — encarei-o duramente.

Diogo não respondeu. Apenas sorriu, e em silêncio, começou a rastejar de volta para sua cama, estreita e imunda.

— Eu não vou dar mais ouvidos a uma cobra repugnante como você — decretei, decidido a me afastar dele de uma vez por todas.

Eu não daria atenção a mais essa tentativa desesperada de Diogo de me desestabilizar. Não havia mais nada que ele pudesse fazer na prisão. Pedro, assim como eu, tinha pessoas vigiando fora da penitenciária e infiltradas aqui dentro, de olho em cada um dos seus passos.

— Aproveite sua estadia aqui, Diogo — disse a ele com toda calma, enquanto começava a caminhar para longe — Ela vai durar muito.

Porque naquilo que dependesse de nós, Diogo nunca sairia dessa cela.

Ricardo recebeu o meu retorno sem emitir uma única palavra. Ele tinha ideia do que vim fazer aqui e não esperava explicações.

Quando chegamos à saída e o calor de um fim de tarde ensolarado nos recebeu, foi como sentir a vida correndo de volta em minhas veias.

— Acabou por aqui, certo, Fernando?

Olhei para a minha mão dolorida. Teria que pensar em uma bela justificativa para dar a Lídia, pensaria sobre isso no caminho.

— Sim, acabou.

Ele deu um tapa em meu ombro, depois seguiu para o seu carro sem nada dizer.

Assim que me acomodei atrás do volante, o meu celular começou a tocar.

— Oi, amor — ouvi a voz doce de Lídia, e isso foi me trazendo toda a paz que eu precisava sentir — Já está vindo para casa?

Casa.

O meu lar era onde ela estava.

A minha menina.

O meu amor.

CAPÍTULO 54

LÍDIA

Voltamos à fazenda, porque além de amarmos esse lugar, achávamos que o ar do campo poderia trazer grandes benefícios à minha saúde. Aqui eu teria mais tranquilidade para pensar nos detalhes do casamento.

De qualquer forma, não dava para pensar em nenhuma data próxima, enquanto Pedro estivesse em sua viagem humanitária. Eu queria contar com o meu irmão nesse dia mais importante da minha vida.

— O que acha de margaridas? — sugeriu Serafina, arrancando-me desse momento de distração — Lembra os girassóis que você tanto gosta, e a decoração continuará branca, como você deseja.

— Hum, boa ideia, Fina. Eu vou pedir que a florista faça um projeto com elas.

Eu queria que a decoração tivesse toques que ornassem com uma cerimônia no campo, que também fosse elegante e com um toque de romantismo.

— O que acha desse vestido?

Estava na dúvida entre dois modelos. Um tinha um estilo mais moderno, e outro o, delicado e romântico. Até o momento, recebi os votos de Clara, Letícia e tia Catarina no vestido romântico, Rafaela e Nick — sim, o ruivo estava dando palpite sobre isso, afinal eu precisava de um olhar masculino — preferiram o mais arrojado.

— Eu gosto desse aqui. Ai, menina, vai ficar tão linda nele.

Quatro votos no vestido romântico, e para ser bem sincera, era o que eu mais tinha gostado também.

— Então vou ligar para o ateliê — avisei, pegando o celular e o iPad em cima da mesa — E vou ver quando poderão começar.

Passei quase que uma hora presa entre ligações e envios de e-mails para o estilista. Enviava as minhas últimas sugestão em relação à confecção do vestido, quando Serafina surgiu na sala carregando uma caixa embalada em um papel pardo.

— É para você, menina. Um peão acabou de entregar.

— Para mim? — indaguei, curiosa, e saltei do sofá — Não me lembro de estar esperando nada.

Ainda era muito cedo para começar a surgir os presentes de casamento e todas as outras coisas relacionadas ele, por enquanto, não passavam de desenhos e projetos.

— Talvez pode ser algum presente do seu irmão.

— Não tem remetente?

— Aqui só diz o seu nome. Quer que devolva?

Algo em mim me dizia para fazer exatamente isso, no entanto, fiz o contrário. Acabei pegando o embrulho de Serafina, estudando-o com cuidado antes de ter coragem para abrir.

Por baixo da embalagem, havia uma caixa preta e branca, de mais ou menos três centímetros. Voltei ao sofá e a coloquei em meu colo para tirar a parte de cima. Um livro vermelho e aveludado, que parecia como um desses álbuns de formatura, surgiu.

Virei a capa, e a primeira imagem que surgiu já me deixou um pouco nervosa.

As mais doces lembranças da mamãe.

Era o que dizia em tons dourados na folha de rosto. Com os meus dedos um pouco trêmulos, virei o papel de seda, e a primeira foto surgiu.

Nela havia uma jovem bonita, em um vestido branco, sustentando um sorriso resplandecente. Notei imediatamente que se tratava de um ensaio de gestante, que eu teria considerado lindo, se a mulher sorrindo na foto não fosse a que nos últimos meses atormentava a minha vida.

Com a foto vinha um pequeno bilhete:

— *Você nunca será a mulher que ele deseja* — li a mensagem, sentindo o aperto no peito começar a surgir — A submissa que o Mestre precisa.

“E agora nem serei a mãe dos filhos dele.”

Concluí silenciosamente, enquanto as minhas lágrimas desciam pesadas e abundantes pelo meu rosto.

Um filho.

Eu não sabia se relia o bilhete, que parecia como brasa queimando os meus dedos, ou, com os olhos quase cegos pelas emoção, passava as fotos de Suellen, sustentando uma enorme e redonda barriga de gestante.

Acabei deixando o bilhete cair em meus pés e fechei o álbum de fotos, emitindo um grito de dor.

— Menina, o que aconteceu? — Serafina se aproximou, preocupada — O que foi que você viu aí?

Eu não conseguia responder. Acho que nem mesmo conseguia respirar, tamanho era o desespero crescendo em meu peito.

— Ai, Serafina — As lágrimas não paravam de surgir, e a minha dor era do tamanho do mundo — Serafina...

Suellen, a garota que fez de tudo para me separar de Fernando, chegando ao ponto de se unir a um criminoso louco e cruel como Diogo, a pessoa que me desestabilizara no dia do acidente, que acabou matando o

meu bebê, estava grávida do homem que eu amava e com quem, em breve, eu iria me casar.

— Oh, minha filha, fique calma — ouvi Serafina dizer — Você sabe que ficar assim não te faz bem.

Bem? Acho que eu nunca ficaria bem.

A vida novamente me dava uma rasteira muito dura.

Grávida do Fernando!

Suellen esperava um filho dele. O primeiro filho dele, que eu sonhei, em nosso futuro, dar.

— Eu quero... quero... — soluzei, me colocando de pé — Que-quero morrer, Serafina.

A dor que eu sentia não estava apenas em meu coração, chegava à minha alma.

Às cegas, peguei a caixa e o ensaio fotográfico. Ouvi os chamados de Serafina enquanto subia a escada e corria para o meu quarto e não a respondi.

Precisava ficar sozinha.

FERNANDO

Apesar do administrador da fazenda ser um profissional muito competente e de confiança, alguns assuntos eu gostava de acompanhar de perto. Ainda mais se, depois de casados, Lídia e eu passássemos boa parte do tempo morando aqui.

— O maquinário novo já rende quase que quinze por cento dos gastos no investimento — disse o homem, entregando o último relatório trimestral.

Esse era um bom sinal. Os cálculos feitos, antes da compra das máquinas, nos davam uma margem de retorno no prazo entre cinco a dez anos. Esses resultados positivos causavam empolgação.

— Eu quero dar uma olhada na produção, Saulo — avisei, pegando o meu chapéu em cima da mesa.

Estávamos seguindo em direção aos galpões, quando um peão agitado chegou até nós.

— Me desculpa, patrão — ele tirou o chapéu de vaqueiro e o colocou sobre seu peito — A dona Serafina pediu que encontrasse o senhor. Ela precisa que volte para a casa grande.

Para Serafina mandar me chamar em caráter de urgência, alguma coisa muito séria teria acontecido. E só havia uma coisa que me faria largar tudo.

— Lídia!

Um desassossego sem tamanho me dominou, fazendo com que eu saísse em disparada em direção à casa.

— O que mais a Serafina disse? — questionei ao peão que tentava me seguir logo atrás.

— Somente que deveria achar o patrão o mais rápido que eu conseguisse.

Não sabia dizer quanto tempo o homem tinha levado para me encontrar, esperava que tivesse sido tão rápido quanto Serafina pediu.

Eu cheguei à casa da fazenda em poucos e desesperadores minutos e fui direto a ela, que me aguardava apreensiva na escada.

— O que aconteceu, Serafina? — Nem mesmo retirei as minhas botas ao pisar no chão lustrado.

— A menina recebeu um pacote.

— Um pacote?

Enquanto aguardava a resposta dela, subi as escadas com pressa, e Serafina me acompanhou como podia.

— Até achamos que era o do irmão da menina. Você sabe, da viagem que está fazendo. Depois que abriu e tirou umas fotos de lá, Lídia começou a chorar e subiu correndo para o quarto. Ainda está assim até agora — disse ela, nervosa e um tanto fatigada — Fiquei bastante preocupada e decidi chamar você.

— Fez o certo, Serafina — agradei a ela, tocando rapidamente suas mãos trêmulas — Eu cuido de tudo aqui. Só peça para o Saulo deixar o helicóptero disponível.

— Está bem, querido. E na volta, eu vou fazer um chá de camomila para a pobrezinha.

Quando Serafina saiu, movi a maçaneta, apressado, e fiquei aliviado em ver que a porta não estava trancada.

Assim que os meus olhos a encontraram, encolhida na cama, minha primeira reação foi ficar paralisado no lugar ao assistir seu corpo tremer com o pranto dolorido e o som angustiado saindo de seus lábios, corri até ela.

— Lídia? Amor — segurei seu rosto e o ergui o suficiente para que conseguisse olhar para ele — O que aconteceu, querida?

Nós já passamos por muitas situações difíceis e momentos que quase nos destruíram, só que o que eu presenciava hoje, ao olhar para ela, partia o meu coração de forma que sentia a sua dor ferir a mim.

— O que aconteceu, amor? Por favor, me fala.

Eu não conseguia ver Lídia sofrer tanto assim, e a preocupação de como isso poderia afetá-la fisicamente começava a me deixar em pânico.

— Lídia? — Passei minha mão trêmula por seu rosto molhado, buscando avaliar suas expressões de dor — Amor, consegue respirar?

Ela puxou o ar com bastante dificuldade, e a tentativa a fez pressionar o peito, encolhendo-se mais.

Eu não queria soltá-la por um único segundo e precisava agir rápido. Deixei-a por um instante na cama, apoiada sobre um travesseiro, e fui à procura do seu remédio.

— Amor — ao retornar para junto dela, segurei seu rosto transtornado pela dor e levei o comprimido aos seus lábios molhados pelas lágrimas abundantes — Você precisa tomar o remédio.

Lídia tomou o comprimido, e com a ajuda do copo de água que ofereci a ela, conseguiu engolir. Eu precisava de respostas. Saber o que tinha acontecido para deixá-la tão abalada e nervosa, no momento, vê-la ficar bem era o que mais me importava.

Então, apenas puxei-a para o meu colo, e enquanto afagava suas costas, emitindo palavras carinhosas em seus cabelos, aguardei pacientemente que Lídia começasse a se acalmar.

Estávamos assim há algum tempo, quando ouvi a batida na porta.

— Eu trouxe o chá e alguns biscoitos também — disse Serafina, colocando a bandeja em uma mesinha próxima a nós — Saulo disse que o helicóptero está disponível e que o piloto ficará em alguns minutos.

— Helicóptero? — Essa foi a primeira manifestação de Lídia desde que entrei em nosso quarto — Por que o helicóptero?

— Você não está bem, amor, e eu acho que...

— Não quero ir para o hospital — ela piscou os olhos, tentando conter as lágrimas, isso só fez com que elas deslizassem por seu rosto.

— Lídia...

— Já estou bem, Fernando — Bem era a última coisa que ela me parecia — E já estou medicada. Não quero saber de hospital até o dia da

cirurgia. Por favor... — um soluço a impediu de continuar, e eu a preendi mais forte em meu colo — Eu não quero ir.

— Tudo bem — murmurei com carinho, secando as novas lágrimas que ela começou a derramar — Se for necessário, trago o Dr. Toledo aqui, tudo bem?

Ela assentiu e me abraçou apertado, escondendo o rosto molhado em meu pescoço. Eu deslizei a minha mão suavemente em seus cabelos, enquanto ouvia o seu choro baixinho. Só notei que Serafina tinha se retirado silenciosamente quando ouvi o clique da porta sendo fechada.

Os minutos se arrastavam, e eu procurava que a ansiedade não me fizesse ser dominado pelo nervosismo. Então Lídia começou a se mover em meu colo, e quando sua cabeça ergueu, fazendo nossos olhares se encontrarem, vi o quanto seus olhos ainda carregavam uma profunda desolação.

— Está pronta para me dizer o que houve? — murmurei, gentilmente afastando algumas mechas de cabelo do seu rosto.

Em vez de me dar uma resposta imediata, ela pegou um álbum que estivera jogado sobre a cama e o entregou a mim.

— Suellen — foi tudo o que ela disse com seus lábios trêmulos.

Eu não fazia ideia do que poderia encontrar ali, assim que li a mensagem que iniciava o livro, consegui entender. A primeira foto a surgir esclarecia tudo.

Suellen estava grávida, e em uma das legendas na foto, dedicada a mim, afirmava que o bebê era meu.

— Que porra é essa? — Joguei o álbum longe antes mesmo de passar para as fotos seguintes.

Deus! Isso não podia estar acontecendo justo agora.

Como um flash, as palavras de Diogo vieram à minha cabeça.

“Você acha que acabou, Fernando?”

— Desgraçado!

O infeliz sabia que tinha essa última carta na manga. Com toda certeza, deveria ter sido ele a manter Suellen escondida por todo esse tempo. E eu burramente tinha acreditado que com Diogo na cadeia, ela tinha finalmente desistido de nos atormentar quando, na verdade, Suellen só estivera esperando o momento certo de agir.

— Escuta, amor — Toquei o rosto atormentado de Lídia — Isso não importa.

Eu daria um jeito de resolver essa bagunça sem deixá-la ainda mais magoada com isso.

— Como não importa, Fernando? — Uma lágrima, que ela apressadamente secou, deslizou em sua bochecha — É o seu filho.

Ela dizer isso doía tanto em mim quanto nela.

— O seu filho, entende?

Lídia saltou do meu colo antes que eu pudesse impedir e caminhou para o outro lado da cama. A tristeza com que me encarou, que transtornava o seu rosto, começava a me colocar em desespero.

— Nós não sabemos disso, Lídia.

— Você não transou com ela? Porque eu os vi nu, aquele dia. Eu...

Ela não conseguiu concluir. Foi muito difícil Lídia perdoar o ocorrido daquele dia e todas as consequências que isso trouxe. Agora, um fruto do pior erro da minha vida, será que ela conseguiria lidar?

— Eu não sei. Acordei com você saindo arrasada do apartamento. Eu já disse que Suellen colocou algo em minha bebida.

— Acredito nisso, Fernando — Seu choro desolado destruía um pouco mais o meu coração, acreditei que os dias que trazia sofrimento a ela tinham

ficado para trás — Acredito até mesmo que ela tenha abusado de você, se aproveitado da situação e que você não teve culpa.

— Mas...?

— O seu filho — Eu via o quanto a machucava dizer isso — O bebê também não tem culpa. Ele é só um inocente que não tem culpa de nada.

Meu Deus! Eu passei a minha vida toda tentando agir diferente do meu pai e me via na mesma situação trágica que ele. Amando loucamente uma mulher e tendo um filho com outra.

— Não muda nada entre nós, amor. Eu te amo e sempre vou amar.

— Isso muda tudo, Fernando — ela pranteou, levando a mão ao peito onde seu coração ferido doía — Ela é a mãe do seu filho. Algo que talvez eu nunca possa fazer. Agora, você vai ter uma família. Uma família de verdade, com que sempre sonhou.

— Lídia... — Caminhei tropeçadamente até ela, agora eram as minhas lágrimas embaçando os meus olhos, me impedindo de ver em volta — O que está dizendo?

— Eu nunca ficaria entre você e seu filho.

Será que a mulher que meu pai tanto amou no passado tinha falado exatamente isso a ele?

Embora as situações fossem bastante semelhantes, as histórias não iriam acabar do mesmo jeito. Eu não era o meu pai.

— Escuta, querida. Se for meu filho realmente, vou dar todo apoio e amor que ele precisar — toquei o seu rosto com carinho, Lídia tentou escapar do meu toque — Mas eu não amo a Suellen e não existe possibilidade alguma de eu ficar com ela.

— Você tem que fazer o que é certo.

— E o certo é ficar com a mulher que eu amo! — afirmei, desesperado, segurando o seu rosto, fazendo-a me encarar — O certo é

ficarmos juntos. Lídia, você é minha vida. É tudo para mim. Não faz isso com a gente.

Estava a um passo de ficar destruído, e ela estava da mesma maneira também.

— Mas...

— Não existe um “mas” — murmurei, buscando os seus lábios, e quando ela não me afastou, comecei a sentir a esperança renascer — Eu te amo. Você me ama. Vamos ficar juntos, e juntos enfrentaremos mais essa barreira. Por favor, não se afasta de mim. Eu não vou aguentar, Lídia.

Eu sei que, em seu coração gigantesco, ela queria novamente sacrificar a sua felicidade, a nossa felicidade, para essa criança que nem ainda havia chegado ao mundo, seria uma escolha burra.

— Lembra dos meus pais? O meu pai se casou com a mulher que ele não amava por minha causa. No final, acabou criando rancor até mesmo comigo — relembrei a ela a história que, até pouco tempo atrás, tinha me marcado negativamente — Fazer o que você pensa que seria o certo só nos levaria para o mesmo caminho.

— Ai, Fernando — ela soluçou e encostou a testa na minha quando me curvei.

— Se decidir que não quer permanecer ao meu lado e me ajudar a enfrentar esse grande problema, eu nunca, em qualquer situação que seja — disse a ela com toda firmeza — jamais me casaria com a Suellen. Você é a única com quem sonho fazer isso. A única que vou amar, Lídia.

Ela era a minha outra parte que me fazia inteiro.

— O que a gente vai fazer?

Se for mesmo o meu filho, era uma situação muito complicada e até mesmo injusta, carregar Lídia nisso. Ainda mais conhecendo as instabilidades emocionais de Suellen.

— Primeiro, vou consultar o meu advogado — disse, secando seu rosto banhado pelas lágrimas — Depois descobrir onde ela está escondida.

— Você sabe que ela não vai facilitar as coisas, Fernando. E se, para me afastar, tentará impedir que veja o seu filho?

— É isso que a preocupa tanto?

— Uma parte. É horrível o que vou dizer, mas... — sua voz vacilou, e eu a puxei para os meus braços — Queria que tivesse sido eu. Que seu primeiro filho tivesse sido nosso.

Me aniquilava isso também. Eram sonhos que tivemos juntos e que agora precisavam ser mudados.

— Vou ter os meus direitos, Lídia, e nem mesmo a Suellen poderia impedir isso por vingança.

— E se ela fizer algo contra você?

Ou contra Lídia, isso era o que mais me atormentava.

— Fique calma. Nós vamos resolver essa situação. A Suellen também tem coisas a acertar com a justiça. Primeiro, vou consultar o advogado. E com o que ele dizer, verei como devo agir.

— Eu tenho medo, Fernando — sua confissão me pegou de jeito.

Nós mal acabamos de nos livrar de Diogo, e isso não era justo.

— Não fique. Prometo que vou cuidar de tudo, apenas confie em mim, tudo bem?

— Eu confio.

— E nada vai mudar, Lídia. Em relação ao nosso casamento. à sua cirurgia. Tudo vai seguir como antes. Como deve ser, está bem?

Sabia que agora seria difícil para ela pensar no casamento, depois que essa bomba explodiu em nossas cabeças, não podíamos desistir da nossa felicidade.

— Se não quiser algo grande como antes, podemos apenas chamar o juiz e oficializar isso.

— Talvez você tenha razão. Vamos apenas esperar o Pedro voltar, tudo bem?

— Droga! O seu irmão vai me matar. Acabei de recuperar a confiança dele.

— Fernando, o Pedro sabe que você me ama e, acima de tudo, que eu amo você. Ele vai entender que não temos culpa do que está acontecendo.

Abri um sorriso aliviado ao ouvir isso dela.

— Só o que importa é que estamos juntos e vamos permanecer assim, não é?

— Eu sou sua, Fernando — Ela tocou o meu rosto com carinho, e um sorriso tímido surgiu — E você é meu.

— Sempre e para sempre.

Teríamos dias bastante complicados no futuro, isso era tudo o que importava.

O amor nos uniu, e era o amor que continuaria a nos manter juntos.

CAPÍTULO 55

LÍDIA

Os dias se passaram depressa. Tinha tentado não pensar em Suellen, no bebê dela e o quanto essa situação iria tornar as nossas vidas difíceis. Fernando, diariamente, afirmava a mim que em relação a nós nada iria mudar, eu sentia que sim. Não em relação ao amor que sentíamos, que mesmo em meio a essa inesperada dificuldade, continuava firme e cada vez mais forte, mas em relação a uma vida de paz que tanto desejávamos e achávamos que tínhamos direito, após a prisão de Diogo.

Se antes, com muito pouco, tendo apenas as lembranças do tempo que Fernando foi seu Mestre, Suellen já nos infernizava com isso, imagine agora tendo um trunfo tão grande nas mãos como um filho dele.

Tentava não deixar esse sentimento ganhasse força dentro de mim, no entanto me feria pensar que seria ela a dar um filho a ele.

Eu o amava demais e estava disposta a enfrentar tudo isso ao seu lado. Até mesmo de amar e cuidar da criança quando ela nascesse, só que não era algo fácil ver o homem que você ama, a pessoa com quem vai se casar, tendo um filho com outra. E não era qualquer pessoa. Por culpa de Suellen e suas armações com Diogo, eu tinha perdido o meu bebê, e isso, por si só, já me doía.

Não teria como não olhar para o bebê dela, para o filho deles, e não me recordar do meu.

— Nossa, cara! — ouvi a voz de Fernando entrando no quarto, e sequei o meu rosto rapidamente — Isso é incrível. Sim, ela está aqui.

Virei-me para ele, tentando sustentar um sorriso feliz. Porém, Fernando me conhecia bem demais, e seu sorriso desaparecendo indicava que tinha notado que eu não estava bem.

— É o Pedro — ele tapou o telefone e me encarou, preocupado — Quer que avise para ligar depois?

Eu não queria me afundar nessa areia movediça, feita de tristeza e mágoa. E muito menos deixar Fernando angustiado com isso. Na maior parte do tempo, eu conseguia esconder o que sentia, e em outras, ele sentia meu estado de melancolia.

— Não — Abri um sorriso realmente sincero agora — Quero falar com ele.

Pedro já estava há alguns dias em sua viagem missionária, e ao que soube, Clara tinha viajado para se encontrar com ele.

— Pedro? — chamei assim que Fernando me entregou o telefone.

— Oi, querida. Escuta, preciso te dizer algo, queria que não ficasse chateada comigo.

— Se for algo que o fará feliz, Pedro, prometo que não vou me chatear.

Não valia a pena nos aborrecer com coisas que não deveriam ter tanta importância. Mais do que nunca, sabia disso.

— Eu vou me casar, Lúcia.

Caramba! Isso, sim, era algo importante.

— Eu pedi a Clara, e ela disse sim.

— Pedro... Nossa, que notícia boa! E quando vai ser?

Eu já começava a imaginar um casamento duplo.

— Essa noite, aqui na tribo.

— Como? Essa noite? — Saltei da cama, levada pela surpresa — Essa noite... Não dará tempo, e eu...

Devido às minhas complicações médicas, fazer uma viagem tão longa de avião não era recomendada por meus médicos.

— Serão apenas Clara, eu e essas pessoas humildes. Na verdade, será mais como uma união espiritual e mais uma benção ao nosso relacionamento. Vamos fazer uma cerimônia maior quando voltarmos para casa, com toda a família e amigos. A mãe dela e a irmã também não poderão vir hoje.

Apesar de surpresa, eu entendia. E no lugar dele, com Fernando em local tão especial, como Pedro estava com Clara, acho que faria o mesmo, se tivesse oportunidade.

— Não vou mentir, gostaria de estar ao seu lado e da Clara, mas desejo que seja feliz, meu irmão. Então siga o seu coração e se case com ela.

— Fico muito feliz que compreenda isso, Lídia. Eu te amo, eu jamais pensaria em te magoar.

— Não está. Se puder, tire muitas fotos de vocês.

Nos falamos por mais alguns minutos, e ele prometeu que Clara iria me ligar assim que possível.

— Nossa, eles vão se casar! — disse, eufórica, entregando o celular a Fernando.

— Não está mesmo chateada em não poder estar lá?

— O Pedro está feliz, então me sinto feliz.

Nós não contamos a ele ainda sobre Suellen e a gravidez, e embora me chateasse guardar algo tão importante dele, até que voltasse de viagem, no fim, concluí que tomamos a decisão certa. Que Pedro viesse a se preocupar e aborrecer quando estivesse de volta. Ele passou por muitas coisas também, e nesse momento, merecia essa paz e felicidade ao lado da mulher que amava.

— Logo seremos nós dois — afirmou Fernando, puxando-me para os seus braços.

Eu ansiava por esse momento todos os dias.



Estávamos nos preparando para voltar a São Paulo. Fernando tinha uma reunião com o advogado dele e com o detetive Vilela, para averiguar sobre o paradeiro de Suellen. Desde que ela tinha enviado as fotos, não tivemos nenhum novo sinal dela. O que nos mantinha mais preocupados era o bebê. Sendo de Fernando ou não, era apenas uma vida indefesa que aquela maluca poderia colocar em risco.

Depois de colocar a última peça de roupa na mala, lembrei de um vestido que Fernando gostava de me ver usando. Revirei todo o closet e recordei que o tinha usado no fim de semana anterior, quando tivemos uma noite de churrasco na piscina.

— Serafina? Por acaso viu aquele meu vestido amarelo?

Assim que entrei na cozinha vazia, lembrei que Serafina avisou que iria ao mercado, na vila, essa manhã. Decidi eu mesmo procurar o que eu queria na lavanderia e achei o vestido de tecido delicado, pendurado em um varal para secar, em vez de ter sido colocado na máquina.

Sorri, agradecida. Serafina era muito atenciosa e cuidadosa com tudo.

Retornava distraidamente para casa, quando encontrei Serafina na sala, segurando um copo com água, exibindo rugas de preocupação.

— Tudo bem, Serafina? Conseguiu comprar tudo o que queria?

Não acontecia com muita frequência, vez ou outra, ela esquecia de alguma coisa. E eu já tinha conversado com Fernando sobre uma forma de a

gente conseguir obrigá-la a apenas curtir sua aposentadoria e descanso merecido.

Agendamos o que eu chamava de “dia da intervenção” para depois do nosso casamento. Eu não queria que ela pensasse que estava sendo dispensada, e ela poderia continuar aqui, como uma companhia a mim, dando conselhos em pequenas coisas.

— Onde está a cigana? — Ela me perguntou, confusa.

— Que cigana?

— A cigana grávida que encontrei passando mal, na estrada — respondeu ela — Fui para a cozinha pegar um copo de água para ela, e quando retornei, já não estava aqui.

Um frio gelado passou por minha espinha, causando uma sensação ruim.

Toquei o bolso do meu jeans e lembrei que o meu celular estava no quarto, carregando.

— Serafina — andei até ela cautelosamente — Tem certeza de que viu uma cigana na casa e que ela estava grávida?

— Oxe, menina! Estou velha, não louca. Eu vi a cigana, estava passando mal e pediu ajuda.

Eu acreditava em Serafina e nem achava que ela estivesse ficando louca, apenas precisava ter certeza do que ela me dizia.

— Serafina, vá procurar Fernando imediatamente e diga a ele que Suellen está aqui.

— Quem é Suellen? — Ela indagou, começando a ficar nervosa.

Serafina sabia sobre Suellen, as poucas vezes que falamos sobre o assunto, ela a tratava como “*aquela lá*” ou “*a garota*”.

— É a mulher que... — O nó se formando em minha garganta me impediu de continuar, e Serafina entendeu rapidamente.

— Mas, menina, não vou te deixar sozinha com essa perturbada. Ainda mais por minha culpa.

— Fina, você precisa chamar o Fernando. Ele precisa voltar para casa imediatamente — disse, segurando o ombro dela — É o único que sabe lidar com ela.

Mesmo contrariada, ela acatou meu pedido, largando o copo sobre a mesa e saindo em disparada, em seguida. Depois que a vi sair, o medo tomou conta de mim. Suellen estava em algum lugar dessa casa, e eu não sabia como ela poderia reagir ao me encontrar.

A melhor solução que pensei foi sair daqui imediatamente. Pedir ajuda a alguns dos peões ou buscar um lugar seguro para ficar até Suellen ser encontrada.

— Acho melhor você não dar mais nem um passo — ouvi uma das vozes, que nunca iria esquecer, ordenar atrás de mim.

Respirei fundo e, bem devagar, fui me virando em direção a ela. Assim como Serafina disse, Suellen estava disfarçada de cigana e sua barriga de gestante era visível.

Não sabia afirmar o que causava mais choque e angústia em mim: vê-la aqui, apontando uma arma em minha direção, ou constatar que ela estava mesmo grávida, com grandes possibilidades de ser um filho de Fernando.

Ter visto isso nas fotos foi duro demais para mim, agora, diante de seu ventre enorme e redondo, o sentimento era ainda pior.

— Suellen, fique calma — disse com cautela, erguendo as minhas mãos — Não faça nada que você possa se arrepender. Pense no seu filho.

— Quem deve ficar calma é você, Lídia — ela exibiu um sorrisinho diabólico, que me fez ter a completa certeza de que ela estava mentalmente doente — É o seu coração que pode ir para os ares a qualquer momento.

Eu sentia a pressão no peito, que o medo começava a causar, me obrigava a tentar permanecer calma.

— Você acha que pode ter tudo, não é? — A arma em sua mão tremeu quando ela a apontou para mim — Dinheiro. Poder. E até o amor. Porque a família Santini acha que é a dona do mundo.

Pelo contrário. Apesar de todo o dinheiro que tinha e do poder que ela acreditava, nenhum deles poderia me dar as coisas mais importantes na minha vida. Ter os meus pais de volta, saúde e meu bebê em meus braços. Havia coisas que todo o dinheiro no mundo não poderia comprar, felicidade era uma delas.

Tenho acesso a tudo o que uma pessoa sonharia para viver, também tinha perdido muitas coisas, muitas pessoas, e minha vida não era tão fácil como Suellen imaginava, e uma boa parte do meu sofrimento se devia a ela e ao Diogo.

— O que você quer, Suellen? Já não conseguiu o que você queria? Provou o que sempre disse. Não sou o que Fernando precisa — Eu já não acreditava nisso, precisava ganhar tempo com ela, até Fernando, ou alguém capaz de lidar com sua insanidade perigosa, chegasse — Eu nem posso dar um filho a ele, como você fez.

Ao me ouvir dizer essa última parte, seu semblante ficou transtornado.

Apesar de tudo, acho que não deveria ter sido fácil, ela ter levado esses meses de gestação sozinha.

— Ele não vê isso. Ele não enxerga isso — Seu olhar cheio de ódio caiu sobre mim — Porque a culpa é sua. Enquanto continuar respirando, o Mestre só vai enxergar você. Deveria ter morrido naquele maldito acidente.

Eu estava finalmente grata por isso não ter acontecido. A minha morte teria causado uma grande dor a Fernando e a todos que me amavam.

— Escuta. Podemos conversar — disse, recuando quando ela deu alguns passos em minha direção — Tudo está diferente agora. Isso. A sua gravidez mexeu com ele. E quando ele a vir, quando sentir seu bebê em seu ventre...

Não sabia exatamente como explicar, tudo o que dizia a ela, parecia deixá-la ainda mais perturbada.

— Cala a boca! — Suellen gritou, vindo até mim, pressionando a arma em minha testa — Sei o que está tentando fazer. Você quer me confundir.

Ela não estava errada, assim como eu sabia que precisava ter mais cautela.

— Você não vai conseguir isso! O Diogo me alertou que vocês fazem isso.

Eu sabia que tinha dedo daquele desgraçado nessa história.

— Eu não sou burra como o Diogo. Eu avisei que deveria ter matado o seu irmão, quando teve oportunidade. Só que eu não vou cometer o mesmo erro com você.

— Suellen... — Uma dor aguda no coração me obrigou a calar, e com isso, ela sorriu — Se me matar, irá para a cadeia, exatamente como o Diogo.

O sorrisinho cínico se ampliou quando me curvei, massageando o meu peito.

— Não se for em legítima defesa. Uma grávida inofensiva, tentando conversar com a mulher que tomou o pai do seu filho, e ela, cheia de rancor e inveja, atirou — Sua voz, no final do que dizia, ganhou um tremido de choro — Brigamos pelo revólver, e eu só queria salvar o meu bebê.

Talvez essa história, contada em uma matéria de jornal sensacionalista, emocionaria e convenceria quem não conhecia todos os detalhes que nos envolviam. Para qualquer um em nosso convívio, o devaneio de Suellen só era crível para ela mesma.

— Pobre Fernando, ficará tão decepcionado ao descobrir o que você era capaz de fazer. Tentar matar o único herdeiro dele, por pura inveja e rancor.

Isso era o que Suellen sentia, além de ser louca e completamente perigosa.

— Chega de conversa e comece a andar — ela ordenou, batendo o cano do revólver em meu braço.

Dei alguns passos trôpegos, e quando chegamos à escada, me agarrei ao corrimão.

— Suellen, eu não me sinto bem...

E isso não era mentira.

— Maravilhoso! — Ela cutucou minha cintura com a arma — Agora, continue andando.

Fazia o que ela pedia, exagerando ao máximo na dificuldade em respirar e andar.

Onde estava o Fernando? Serafina teria conseguido encontrá-lo? Quanto tempo tinha passado desde que Suellen surgiu?

— Onde é o quarto? — ela perguntou, quando chegamos ao corredor cheio de portas.

Eu não queria essa mulher contaminando o nosso recanto de paz, seria um dos primeiros lugares que certamente Fernando iria me procurar.

— Então é aqui? — indagou Suellen, usando a arma para me empurrar para dentro — Aqui que você mantém o Mestre preso em seu feitiço.

Aqui era o lugar que nos amávamos todas as noites. Que compartilhávamos sonhos e planos para o futuro. Sim, de certa forma, enfeitiçávamos um ao outro de amor.

— Agora acabou para você, Lídia Santini — um sorriso muito parecido com o que me deu, quando a peguei com Fernando no apartamento

dele, surgiu em seu rosto — Eu vou finalmente tirá-la do meu caminho.

— Suellen — Dei alguns passos para trás, recuando até as minhas costas baterem contra a parede — Por favor.

— Eu venci, Lídia. Você tinha tudo, mas eu venci. Eu posso finalmente dar o troco a uma das garotas nojentas que me maltratava na escola.

Sua declaração me fez perceber que não era apenas uma obsessão maluca em relação a Fernando, Suellen via tudo isso também como uma disputa entre nós. Eu, ela e as garotas que um dia a feriram, e agora podia se vingar através de mim.

— Não faça isso — implorei quando ela ergueu a mão, mirando em minha direção.

— Vá se encontrar com os seus pais.

Quando ela acionou o gatilho, fechei os meus olhos, e o rosto de Fernando surgiu em minha mente.

— Eu te amo — sussurrei, levando as mãos onde o meu coração fracamente batia — Eu te amo, Fernando.

Queria ter podido dizer a ele mais uma vez.

Nós tínhamos chegado tão perto da felicidade.

— Suellen!

O grito ecoou pelo quarto no mesmo momento que, em um rompante, a porta foi aberta.

Emocionada, olhei em direção a ele.

Quando seu olhar, repleto de amor, encontrou o meu, tive a mais convicta certeza de que tudo ficaria bem, pois estávamos juntos. Nós sempre terminaríamos juntos, no final.

Isso nem Suellen e nem ninguém poderia mudar, porque o que nos unia era o amor.

CAPÍTULO 56

FERNANDO

A Serafina não precisou me dizer uma única palavra. Assim que a vi surgir com o rosto pálido em meu escritório, na fábrica da fazenda, entendi que algo de muito grave estava acontecendo.

— Foi tudo culpa minha — tentou dizer, enquanto eu passava rapidamente por ela pela porta aberta — Pensei que ela fosse uma cigana precisando de ajuda. A gente não nega socorro a uma grávida.

Suellen estava aqui!

Com essa breve explicação de Serafina, tudo ficava claro. De alguma forma, aquela maluca tinha quebrado a minha segurança e conseguido entrar na fazenda.

A procura por Suellen foi intensa. Exigi que todos os agentes de Vilela, assim como qualquer contato e ajuda que ele tivesse na polícia, ficassem à disposição para achá-la. O que tinha acontecido, faz alguns dias. Ela estava escondida em uma casa humilde, em uma cidade próxima a Minas Gerais.

Eu deveria ter imaginado, durante a ligação que me fez, que sua promessa de se encontrar comigo e com o meu advogado amanhã, para conversarmos, não podia ser confiável.

— Senhor? — Saulo veio até mim assim que me viu pular os degraus da escada — Aconteceu alguma coisa?

— Chame a polícia. Avisa que minha casa foi invadida por uma mulher perigosa e que pode estar fazendo reféns — ordenei.

Voltei a caminhar, indo em disparada até a saída.

Da produção até a casa, mesmo correndo do jeito que eu estava, levaria quase uns quinze minutos, fora o que Serafina levou para chegar aqui. Eu não tinha todo esse tempo, como também não tinha tempo para que um carro fosse preparado.

— Eu preciso do cavalo — disse a um peão, exigindo que ele desmontasse.

Assim que montei, dei o comando ao animal, que saiu galopando na direção indicada.

Em cada minuto decorrido, eu sentia o medo e a apreensão aumentar. E praticamente pulei do cavalo ainda em movimento, quando avistei a casa alguns metros à frente.

Um dos peões, que também cuidava da segurança tentou falar algo comigo. Eu lidaria com a incompetência dele depois. Agora, meu único foco era encontrar Lídia.

A sala estava vazia e na cozinha também não havia ninguém. Saía apressado, quando esbarrei em uma das jovens, que cuidava da limpeza da fazenda, surgir com um grande cesto nas mãos.

— Onde elas estão? — sacudi o ombro da mulher, que me encarou assustada.

— Quem, senhor?

Eu não tinha tempo para responder essa pergunta, sendo óbvio que ela não tinha a menor ideia de a quem eu me referia. Fui para a escada que levava ao segundo andar. Em poucos segundos, estava em frente ao nosso quarto.

Elas estavam aqui. Eu sentia que Lídia se encontrava lá dentro.

— Suellen! — chamei-a assim que abri a porta em um ímpeto.

De um lado avistei Lília, encurralada em uma parede, com os olhos e o semblante bastante assustados, e do outro Suellen, apontando uma arma em direção a Lília e visivelmente surpresa em me ver chegar.

Encarei Lília, e através do meu olhar cheio de carinho, enviei a mensagem de que tudo ficaria bem. Ela só precisava continuar sendo corajosa e manter a calma.

— Abaixе essa arma, Suellen.

Seus olhos atormentados iam entre mim e Lília.

— Sua cadela ardilosa! — ela gritou, e o revólver em sua mão sacudiu. Apesar do grande aperto em meu peito, fiz o possível para transparecer calma — Estava me enrolando, ganhando tempo até ele chegar, não é verdade?

Foi esperto de Lília fazer isso, não esperava menos dela, também foi bastante perigoso.

— Suellen, eu estou aqui — disse mansamente, dando pequenos passos até ela — É a mim que você veio procurar, não foi?

Consegui desviar sua atenção para mim. Eu queria ter o máximo dela para poder dar oportunidade de Lília fugir para um lugar seguro.

— Ouça-me. Antes das fotos, eu não tinha a menor ideia. Agora... — mais um passo cauteloso, estava bem perto — O bebê. O nosso filho. Isso muda tudo, entende?

Dizer isso não era nada fácil. Apesar de ser necessário para manipular Suellen, tinha um pouco de verdade, no fundo. Se essa criança for realmente minha, muita coisa iria mudar, e Lília ouvir isso a machucava.

— Você não me quis — balbuciou Suellen, baixando o olhar e a cabeça — Eu faria qualquer coisa que me pedisse. Eu me entreguei a você como não fiz com qualquer outro.

Eu deveria ter percebido, na época, que a devoção de Suellen não era apenas uma entrega de uma submissa mais apaixonada. A minha cabeça também estava muito fodida na época, para notar a merda que estava fazendo.

— Não adiantou nada — dessa vez, a arma veio em minha direção.

Era o momento ideal para que Lúdia saísse correndo do quarto, ela não o fez. O medo de que se repetisse o que aconteceu com Clara e Diogo estava visível em seu rosto.

— Você sempre voltava para ela — continuou Suellen, depois retornou sua atenção e ódio à Lúdia — Você sempre voltava, e ela me vencia.

— Suellen, eu não vou te deixar sozinha, querida — disse com um tom de afeto — Eu nunca mais vou te deixar sozinha.

— Todos que me disseram isso foram embora — Havia dor realmente no que ela confessava, e por um momento senti pena disso. Também não tive o amor devido das pessoas que deveriam ser as mais importantes da minha vida, encontrei esse sentimento na família Santini — Não!

Seus olhos, agora furiosos e enlouquecidos, vieram até mim, a arma continuava vacilante, sendo apontada para Lúdia.

— Você está mentindo. Ela! Ela estragou tudo. Você não tinha que estar aqui agora. Não era desse jeito.

O plano de levar Suellen na conversa, dizendo tudo o que ela esperava ouvir, não iria mais funcionar. Seu ódio desmedido a Lúdia e a fixação por mim a deixava insanamente cega.

— Ela tem que morrer. Só assim a venda que colocou em seus olhos irá sair.

A única venda que precisava ser removida neste momento era a de Suellen e acreditava que nem o melhor tratamento psicológico conseguiria ajudá-la.

— É tudo culpa dela — Foram suas últimas palavras antes de mirar em Lídia e atirar.

LÍDIA

Todos nós, um dia, esperamos pela morte, eu jamais teria imaginado um fim como esse. Apesar de tudo, ter visto Fernando mais uma vez, ouvir a sua voz e receber dele o olhar amoroso, transformava a minha partida menos dolorosa.

Assim, quando o disparo ecoou no quarto, junto com o grito desesperado de Fernando, fechei os olhos por um instante e esperei pelo impacto e pela dor lancinante que nunca chegaram. Ao abrir os olhos novamente, vi que Suellen tinha errado a mira, acertando a parede a centímetros do meu lado, e que ela e Fernando disputavam a arma.

Eu temia por ele e principalmente que o mesmo ocorrido a Clara se repetisse. Tinha sido todo o meu medo que me manteve paralisada desde que Fernando invadiu nosso quarto.

Só que, diferente de Diogo, fisicamente Suellen era mais fraca e a arma foi retirada dela sem muita dificuldade.

— Fernando — murmurei, quando o vi tomar distância dela e vir até mim.

Nesse instante, o barulho de sirenes começando a se aproximar da casa ficou cada vez mais audível.

— Tudo bem, amor? — Ele indagou, segurando o meu rosto — Você está bem?

As lágrimas que saíam dos meus olhos agora eram de alívio. Eu não conseguia falar, então apenas movi meu rosto em suas mãos.

Ainda não era o fim, Suellen continuava no quarto, representando perigo não apenas a ela como à criança inocente em seu ventre.

— Não tem para onde fugir, Suellen — Fernando avisou quando a viu dar alguns passos desesperados em direção à porta — A polícia está cercando a fazenda, e os meus homens também. Entregue-se e evite o pior.

Seu olhar de ódio em nossa direção me fez encolher nos braços de Fernando e me agarrar ainda mais a ele.

— Malditos! Os dois são malditos — As lágrimas saltavam de seus olhos enquanto ela caminhava para trás — Você pode ter vencido, Lídia, só que nunca encontrará a felicidade. Porque se não posso ser feliz, ninguém mais deve ser.

Era um pensamento egoísta, vindo de uma pessoa que nunca tinha amado de verdade e jamais foi amada. Eu achava que esse era um castigo mais triste do que uma morte trágica, como Suellen desejava para mim.

— Se não posso ter você, Fernando — Outros passos a levaram até a janela, e nós entendemos no mesmo momento o que ela pensava fazer — Não quero ter mais nada.

— Suellen, não! — gritei, esticando minha mão para ela.

— Você jamais vai conseguir se perdoar, sabendo que causou a morte do seu outro filho, Fernando.

Sobre isso Suellen tinha completa razão. A culpa iria destruir Fernando, e achava que nem mesmo o meu amor conseguiria ajudá-lo.

— Por favor — implorei, quando as mãos dela seguraram firmemente o parapeito da janela.

— Não faça isso, Suellen — pediu Fernando — Pense na criança.

— Eu não tenho nada — ela balbuciou debilmente — Nada.

Eu emití um grito desesperado ao vê-la subir, e alguns segundos antes que ela saltasse, Fernando virou o meu rosto contra o seu peito.

O som que veio lá de fora, do corpo de Suellen caindo no chão, não foi alto, contudo, foi suficiente para causar em mim um desespero que fez meu coração parecer explodir em meu peito.

Perdi as forças, e Fernando me pegou em seu colo.

— Lídia? Amor? — vi seu choro de desespero, como também senti as gotas pesadas cair em meu rosto — Amor, por favor, aguenta firme.

Eu queria, precisava aguentar a dor intensa rasgando o meu peito, só que eu não conseguia vencer a escuridão.

— Fernando... — acho que sussurrar fracamente o nome dele foi a última coisa que fiz, antes dos meus olhos fecharem.

CAPÍTULO 57

FERNANDO

Assim que vi Lúdia desmaiar em meus braços, toda a minha atenção, foco e preocupação ficaram nela. Saulo e a polícia resolveriam tudo o que fosse preciso em relação a Suellen. Eu precisava manter a minha menina viva.

— Patrão — O administrador da fazenda chegou até mim assim que me viu surgir na porta da casa.

O pouco que consegui notar era que, além de alguns carros de polícia e os policiais espalhados, também havia muitos curiosos.

— O que aconteceu com a menina? — Serafina surgiu chorando.

— Eu preciso de um médico! — avisei, com o pânico dentro de mim ganhando mais força — Saulo, preciso do helicóptero.

— Senhor, somos os paramédicos — Surgiram um homem e uma mulher — Se seu helicóptero não estiver equipado, o melhor é levá-la na ambulância e deixar fazermos os primeiros socorros.

Sentindo-me completamente perdido e desesperado, eu permiti que o homem tirasse Lúdia dos meus braços e a colocasse sobre a maca que a paramédica conduzia.

— Precisam salvá-la — implorei, ao segui-los até o carro de ambulância.

Pelo visto, além da polícia que ordenei a Saulo chamar, ele também pensara na ambulância, e seria eternamente agradecido a ele por isso.

— Por favor, precisam salvá-la — disse ao homem, buscando dar todo espaço que ele precisava para trabalhar enquanto ocupava um banco dentro da ambulância — Ela tem um grave problema no coração. Vocês precisam ajudá-la.

— Faremos todo o possível, senhor — avisou a mulher, colocando a máscara com respirador no rosto de Lídia.

Eu os assisti por um momento, em desespero e tensão. Me obriguei a ficar calmo e pensar no que eu poderia fazer para ajudar Lídia. Então liguei para o seu médico, relatando tudo o que tinha acontecido. Ele pediu para entregar o telefone a um dos paramédicos, e eu dei o celular ao homem. Os dois ficaram conversando por um longo tempo. Ao que percebi no início, ele disse ao doutor Toledo para qual hospital Lídia estava sendo levada, além de relatar o estado dela.

Depois o aparelho foi devolvido a mim por um instante, e o doutor Toledo perguntou se eu poderia disponibilizar o helicóptero para que ele e Vilas Novas pudessem chegar ao hospital o mais rápido possível.

Passei o telefone do administrador da fazenda e avisei que poderiam cuidar de todos os detalhes para as suas chegadas. Ele voltou a pedir para falar com o paramédico, e eu atendi a solicitação.

— Vai ficar tudo bem — A mulher colocou a mão em meu ombro e sorriu gentilmente, transmitindo conforto.

— Tem de ficar — eu disse a ela — Não sei o que vou fazer, se não ficar bem.

O bebê de Suellen, que eu não sabia se tinha conseguido sobreviver à queda dela, a incerteza em relação às condições de saúde de Lídia, o medo de perdê-la. Tudo isso me deixou desolado e profundamente em pânico.

Nossa chegada ao hospital e a rapidez com que Lídia foi levada à emergência me passaram como um borrão. Eu só pedia que cuidassem dela.

Quando as portas foram fechadas e o caminho ficou impedido para que eu avançasse, fiquei olhando para o vazio à minha frente. Levou um tempo para me dar conta de que o som incômodo em meus ouvidos vinha da chamada em meu telefone.

— Fernando?

— Oi, Nick.

— Serafina contou o que aconteceu. Onde vocês estão?

Fiquei meio perdido com a pergunta, não tinha prestado muita atenção à minha volta até chegar aqui.

Uma funcionária, com a identificação no peito, passou ao meu lado e eu consegui ler o nome do hospital e informei a Nick em seguida.

— Agente firme, meu amigo. Estou indo até aí.

A ligação foi encerrada, e eu me apoiei em uma parede, esperando qualquer notícia sobre Lúdia surgir.

Não podia calcular quanto tempo o doutor Toledo e Domenico Vilas Novas levaram para chegar, acreditava que tinha sido bem rápido. Nick também estava com eles.

— Consegui vir no seu helicóptero — disse ele, quando os médicos informaram que se uniriam à junta médica cuidando de Lúdia.

Estava muito feliz e agradecido que Nick estivesse aqui.

— Ainda não consegui falar com o Pedro.

— Já cuidei disso — avisou Nick, apertando o meu ombro — Ele deve chegar dentro das próximas doze horas.

— Droga. Isso não deveria estar acontecendo — lamentei, frustrado — Pedro e Clara tinham que estar aproveitando a viagem, após a cerimônia de casamento.

Eu ainda nem tinha conseguido falar sobre Suellen e sua gravidez.

— A Suellen...

— Não tem que se preocupar com isso agora. Saulo está cuidando de tudo com a polícia.

Eu só precisava saber de uma informação, para colocar um ponto final nessa história macabra.

— Ela... — engoli em seco, o nó em minha garganta me impedindo de continuar.

— Sim. — Sua resposta curta confirmava o que eu já suspeitava, desde que vi Suellen saltar pela janela.

— E o bebê?

— Isso é um pouco mais complicado — disse Nick.

Não tive oportunidade de investigar o que ele queria dizer, os médicos de Lídia retornaram, e suas expressões compenetradas tomaram toda a minha atenção.

— Temos uma boa e uma importante notícia — O doutor Toledo foi o primeiro a se manifestar — A inflamação está totalmente desaparecida.

— Mas... — eu disse por ele.

— Vamos ter de antecipar a cirurgia de reconstrução das válvulas cardíacas. A forte emoção que a Lídia teve hoje foi demais para o coração suportar — disse Domenico Vilas Novas — Aliás, por tudo o que ela vem enfrentando até aqui, é realmente outro milagre que tenha aguentado.

Não era para ser assim. Sem o retorno de Suellen para mais uma vez atormentar as nossas vidas, nesse momento estaríamos cuidando dos detalhes finais do nosso casamento. Eu queria me casar com Lídia antes de tudo, para demonstrar que só ela me importava, e nada mais. Agora precisávamos pensar em sua sobrevivência.

— Quando vai ser isso e quais os riscos que ela corre?

— Bom, não preciso, mas vou repetir — disse Toledo, colocando a mão no ombro do seu colega de profissão — O Domenico aqui é um dos

cirurgiões mais importantes e competentes do país. Vou acompanhar toda a cirurgia, Lúdia estará em boas mãos.

— Salve a vida dela, doutor — O encarei, transmitindo toda angústia e desespero que eu sentia — L dia é tudo o que tenho. Ela é tudo o que importa em minha vida.

— Faremos todo o possível, Sr. Brandão. A maior parte do caminho dependerá dela.

— Então dará tudo certo — afirmou Nick, se colocando ao meu lado — L dia   uma guerreira.

Ela lutar  por nós dois, como sempre fez.

— Então, vamos enviá-la ao hospital Castro o mais rápido possível — avisou Toledo — Já solicitei o helicóptero em caráter de urgência.

Como eu recordava o que o paramédico tinha dito, antes de entrarmos na ambulância, que o meu helicóptero precisaria estar equipado com os aparelhos médicos necessários, não o ofertei, apesar de estar disponível.

Daqui para frente, precisava confiar que os médicos dela fariam todo o necessário para que L dia passasse por mais essa prova.

O fato de Nick estar aqui ajudava muito. Eu pude seguir com L dia para São Paulo, enquanto ele ajudava Saulo a arrumar o caos causado nas últimas horas.

E ela já estava em mais de quatro horas de cirurgia quando Pedro chegou ao hospital, acompanhado de Clara.

— Como a minha irmã está? — O sofrimento e a angústia em seu rosto intensificavam ainda mais o meu.

Clara, ao seu lado, buscava ser a calma que ele tanto precisava.

— Em cirurgia. Os médicos decidiram antecipar.

— O que exatamente aconteceu, Fernando? O Nick não quis entrar em detalhes.

— É uma história complicada. É melhor se sentar.

Acho que ele só atendeu ao meu pedido por causa de Clara. Enquanto narrava a história, a partir do momento que Suellen tinha enviado as fotos até hoje, vi várias reações passar no rosto de Pedro, e nenhuma delas eram agradáveis.

— Porra, por que não me contou?

— Lídia não queria estragar a sua viagem e depois a sua felicidade com o casamento.

— Ela é a minha irmã, caramba! Como podia ser feliz, se ela não está?

Apesar das diferenças que Pedro e Lídia tiveram enquanto Diogo esteve manipulando nossas vidas. Os irmãos se amavam muito. Eles seriam capazes de fazer tudo um pelo outro.

— Pedro — Clara tocou o rosto dele com carinho, chamando a atenção para si — A gente teria feito o mesmo no lugar deles. Você se lembra?

Ela o estava recordando de quando precisaram fingir não estarem juntos, quando Diogo esteve solto.

— É que se eu perder a minha irmã...

— Não vai perder, meu amor — Clara sorriu, depois me encarou, confiante — Ninguém aqui vai perder ninguém.

De alguma forma que não sabia explicar e nem de onde vinha tanta fé, eu acreditava nisso.

LÍDIA

Ouvia a voz sussurrada perto de mim cada vez mais presente. Não era um sonho, como dos muitos que tive. O toque firme e ao mesmo tempo delicado em minha mão comprovava isso.

Com dificuldade, fui aos pouquinhos conseguindo abrir os meus olhos. O rosto dele surgiu. Lindo feito um anjo, sorrindo para mim.

— Olá, meu amor.

Não era a primeira vez que eu o via, desde que acordei em algum momento no hospital. Fernando sempre me cumprimentava assim, era a primeira vez que poderia responder, depois que o tubo enfiado em minha garganta foi retirado. Antes, nas vezes que acordei, pediram que eu poupasse as minhas energias.

— Oi — disse fracamente, sentindo a garganta irritada pelo corpo estranho que estivera ali por um bom tempo — Sede.

— Claro — Ele soltou minha mão por um instante e ajustou minha cama para que eu ficasse em uma posição confortável — Aqui. Beba devagar.

Um canudo de metal foi colocado em meus lábios, e eu bebi a água em pequenos goles, até me sentir satisfeita. Enquanto isso, Fernando apertou o botão que chamaria uma das enfermeiras, e quando uma delas surgiu, pediu que avisasse o doutor que eu estava acordada.

— É maravilhoso te ver de novo, sabia? — disse ele, ajeitando uma mecha em meus cabelos.

— É maravilhoso te ver também — murmurei com a voz estranhamente rouca.

Ficamos nos encarando por um longo instante, os sorrisos e olhares que trocamos falava tudo o que nossa emoção nos impedia de dizer. Depois Fernando se inclinou até mim, e com suavidade, beijou os meus lábios. Senti as borboletas no estômago e um calor gostoso no coração.

— Olá, Lídia — O doutor Domenico, ao lado de Toledo, entrou no quarto — Nos avisaram que você estava acordada.

Sorri para eles, assentindo, e segurei mais forte a mão de Fernando quando buscou a minha.

— Queremos falar algumas coisas a respeito da sua cirurgia, ok?

Assenti, e esperei que eles se acomodassem em cadeiras em frente à minha cama.

— Primeiramente, a reconstrução das válvulas foi um sucesso. Isso dará a você uma qualidade de vida bem melhor que antes dela.

— Porém...? — sondei, ansiosa.

— Nós achamos que em dez a doze mais ou menos, será necessário substituir as válvulas cardíacas pelas válvulas biológicas — explicou o doutor Domenico — Isso não é algo com que deva se preocupar agora. A sua recuperação está indo muito bem, e dentro de alguns dias, poderá voltar para casa.

— Ter uma vida normal?

— Precisa ter cuidado, infelizmente isso não vai mudar — avisou o doutor Toledo — Será, sem dúvida, bem melhor do que estava antes. O Domenico fez um trabalho incrível.

— Obrigada. Aos dois.

Encarei cada um deles, expressando minha profunda gratidão. Fernando apertou a mão deles e ressaltou que se algum dia, eles precisassem da ajuda dele para algo, deveriam procurá-lo.

— Apenas seja feliz, menina — disse o doutor Toledo, lembrando muito como o meu avô falaria comigo — Você renasceu pela segunda vez.

— Cinco vidas. Ainda tenho mais cinco vidas, doutor.

— Pelo amor de Deus, Lídia! — Fernando me encarou, angustiado — Outro susto desses, e quem vai precisar de um coração novo sou eu.

Os médicos saíram rindo, e eu agarrei Fernando pela camisa, oferecendo os meus lábios a ele. E o beijo foi impressionantemente quente,

para quem estava em uma cama de hospital.

— Você ainda faz o meu coração disparar, Fernando — Quando vi seu olhar preocupado começar a surgir, abri um enorme sorriso — Já não é como se fosse explodir em meu peito.

Obviamente que sentia as consequências da cirurgia, contudo, na medida do possível, eu estava bem.

— Tudo ok aqui dentro? — Ele tocou levemente a camisola cobrindo parte do meu peito.

— Hum, não sei. Me beija de novo.

Ele atendeu meu pedido, e pouco antes do fôlego começar a me faltar, a porta foi aberta.

— Ah, me desculpe — Uma jovem bonita surgiu e nos encarou com ar constrangido — Volto depois.

— Não é preciso — falei apressadamente — Eu não quero atrapalhar o seu trabalho.

E o quanto antes ela acabasse, eu teria Fernando inteirinho para mim.

— O meu nome é Luiza. Eu só gostaria de fazer algumas perguntas, tudo bem?

Diante do sorriso gentil, eu não poderia negar.

— Claro.



Eu tinha bombardeado Fernando com dezenas de perguntas, pedindo atualizações a respeito de todos que eu amava e eram importantes para mim. O cansaço começava a me pegar e antes que eu fosse vencida por ele, precisava saber o que vinha evitando até agora.

— Fernando? — Eu fazia círculos na mão dele, que afagava o meu braço delicadamente — A Suellen...

Pensar sobre o que aconteceu naquele dia não me agradava, eu precisava saber.

Fernando segurou o meu queixo, fazendo-me erguer o rosto para ele.

— Eu vou falar sobre isso, porque precisamos, de uma vez por todas, encerrar essa história, não quero que Diogo e Suellen voltem a ser citados em nossas vidas.

Assenti e me acomodei melhor na cama para ouvi-lo.

— Na queda, Suellen quebrou o pescoço e a morte foi instantânea.

Levei a minha mão ao peito, completamente chocada. Mesmo que Suellen tenha tentado me matar, esse foi um fim muito triste.

— E o bebê?

— Não tem bebê, Lídia.

Isso, sim, me deixou bastante emocionada.

— Ah, Fernando, sinto muito.

— Ei, querida, não precisa chorar — pediu ele ao me abraçar com cuidado — Nunca teve um bebê. Como sempre, Suellen apenas mentiu.

— Ela mentiu? — Me afastei e o encarei, bastante confusa — Nós vimos a barriga dela.

— Era falsa, Lídia. Além de não ter bebê algum, um dos exames feitos nela comprovaram que Suellen nunca poderia engravidar.

— Suellen era estéril?

— Exatamente.

Não que eu ficasse feliz com essa revelação, era irônico saber que o que ela me acusava, de talvez não poder dar um filho a Fernando, devido ao meu problema no coração, na verdade acontecia com ela. Porque ainda havia esperança de gerar um bebê em mim.

— E tem mais uma coisa — Ele passou o dorso da mão pelo meu rosto, o secando — Fui ver o Diogo na prisão.

— Fernando!

— Eu precisava saber uma resposta, Lídia.

Não me deixava tranquila saber que Fernando tinha chegado perto daquele homem.

— Ele confirmou o que eu já sabia. Não tive nada com a Suellen. Estive dopado demais para que ela conseguisse alguma coisa.

— Olha, isso já não importa mais — afinal, ela estava morta e nos deixaria em paz — Só que você acredita mesmo que pode confiar naquele homem?

— Dessa vez, sim. Precisava ver como Diogo ficou transtornado, ao descobrir que eu estive jogando com as palavras e só precisava que ele confirmasse as minhas suspeitas.

— Então, os dois estiveram mesmo juntos? Fazendo de tudo para nos separar.

— Desde que terminei com Suellen, nos Estados Unidos.

— Você tem razão. Não quero falar nem ouvir mais nada sobre nenhum dos dois.

Que Suellen pudesse encontrar alguma paz onde quer que estivesse e que Diogo continue preso, pagando por seus crimes.

— Eu te amo — disse a ele, me aconchegando em seus braços — Apenas isso importa.

— Eu te amo tanto, meu amor.

Fernando sussurrou em meu ouvido e ficou repetindo isso até que eu finalmente pegasse no sono.

CAPÍTULO 58

FERNANDO

Ficaram para trás. Os dias de sofrimento, de tristeza e de angústia não fariam mais parte das nossas vidas. Não que tudo fosse ser perfeito, como um lúdico conto de fadas. Ainda teremos nossas lutas e batalhas diárias a enfrentar, só que assassinos e mulheres insanas, armando planos sórdidos para nos separar, não mais.

O nosso casamento seria em três dias. Eu já achava que tudo estava perfeito. Íamos firmar nossos votos na fazenda, na presença de nossa família e amigos queridos. Depois faríamos uma romântica viagem de lua de mel pelo Nordeste do país. Eu não precisava de mais nada me fazendo feliz, contudo, existia um assunto pendente que eu sabia, mesmo que ela não falasse, incomodando Lídia.

O meu pai.

Era por isso que aproveitei seu momento com as garotas, discutindo os detalhes finais da cerimônia, para me esconder no escritório e poder fazer essa ligação.

Se tivesse uma resposta positiva, Lídia ficaria feliz, caso contrário, também não criaria expectativas desnecessárias.

— Fernando? — ouvi seu tom firme do outro lado da linha.

— Pai? — pigarreei antes de falar rapidamente: — Gostaria que você me escutasse por alguns minutos, por favor.

O silêncio foi uma resposta para que eu prosseguisse.

— Sei que nunca amou a minha mãe. E que só se casou com ela por minha causa. Bom, não exatamente por mim, e sim, por toda a pressão que as famílias fizeram. Eu também sei o que esse sacrifício causou a todos nós.

— Olha, Fernando...

— Não. Apenas escute, tudo bem? Nada justifica o seu comportamento comigo. A sua frieza e distanciamento. Tem uma parte de mim que te entende, pai. Não a do filho negligenciado todos esses anos, a do homem que sabe o quanto é desesperador estar perto de perder a mulher que ama.

Por um momento, estive no lugar dele, e embora ainda não achasse certo o que ele fez, que mesmo naquela situação eu teria feito tudo completamente diferente, agora entendia um pouco porque ele se tornou tão amargo e incapaz de voltar a amar.

— A Santini, ela está bem, não está? — Sua preocupação, pela primeira vez, parecia verdadeira.

Ou talvez fosse eu querendo acreditar nisso. Só o tempo iria dizer.

— O nome dela é Lídia, pai. É a mulher que amo, que em três dias irá se tornar minha esposa, a mãe dos meus filhos — disse a ele com o meu peito carregado de emoção — A gente já não pode recuperar o tempo perdido e ainda há muitas mágoas entre nós. Eu espero que não cometa os mesmos erros com os filhos que um dia vou ter. Não coloque também essa distância entre você e seus netos. E se quiser...

Olhei em direção à porta, e vi a razão por que levanto todos os dias, surgir, exibindo um sorriso que iluminava a sala inteira, fazendo sua luz chegar até mim.

— Se quiser, venha ao nosso casamento — eu disse a ele, não querendo prolongar mais essa ligação — Então é isso. Se cuida, pai.

Encerrei a ligação sem esperar que ele desse alguma resposta. E sem mais nenhum peso em meu coração, fui ao encontro dela, trazendo-a para os

meus braços.

— Acha que ele virá?

Lídia colheu o meu rosto com as duas mãos e passou a me acariciar com as pontas dos dedos.

— A pessoa mais importante estará presente e vou esperar ansiosamente ela ser entregue a mim — respondi, balançando o ombro — Então, isso é tudo o que importa.

Ela deu pequenos beijos carinhosos em meus lábios.

— Você é um homem incrível, sabia? — Ela mexeu carinhosamente em meus cabelos — Tão doce. Gentil. Generoso. E eu o amo muito.

— É só reflexo do que você causa em mim, Lídia. Me faz alguém melhor, porque quero ser a pessoa que você mereça.

— É o homem que eu amo, Fernando — seu nariz esfregou no meu — E isso é mais que o suficiente.

E Lídia me amava, como sempre desejei. Comigo sendo eu mesmo.

E eu a amava do jeitinho que ela era.

Atrevida.

Insolente quando queria.

Teimosa.

Altruísta e a garota de coração mais doce que já conheci.

LÍDIA

Dizem que o dia do casamento é o momento de mais nervosismo para as noivas.

Não comigo. Até três dias antes dele, confesso que fiquei bastante ansiosa. Contudo, assim que Zia Nina, Clara, a mãe e irmã dela, Letícia e Rafaela chegaram à fazenda, toda a inquietação desapareceu.

Eu quis curtir cada minuto como se fosse único, e na realidade era. Sabia que o meu casamento com Fernando seria igual ao dos meus pais e avós, apenas a morte conseguiria dissolver, e mesmo com esse coração judiado batendo no peito, pretendia viver longos anos ao lado dele. Nós tínhamos uma longa e linda história para criarmos juntos.

— Querida, você está tão linda — disse Zia Nina, mal contendo a emoção que a acometia — A sua mãe está orgulhosa e seu pai feliz.

Eu sempre pensei que, de algum lugar, os meus pais estivessem olhando por mim, e hoje não seria diferente. Sei que nós receberíamos suas bênçãos e proteção.

— Obrigada, tia Catarina — igualmente emocionada, a puxei para um abraço.

Enquanto ficamos assim por um momento, lembrei da minha festa de 16 anos, quando provei o vestido. Era ela quem estava ao meu lado, fazendo um pouco o papel de mãe.

— Vamos parar de sermos bobas, ou iremos estragar essa maquiagem belíssima.

— O maquiador tinha falado que tudo era a prova de noivas — repeti a piada que ele me fez.

— Bom, não vamos arriscar. Podemos ir? Se demorarmos mais um pouco, acho que Fernando terá um ataque.

Respirei fundo e assenti.

— Espere, menina Lídia — Serafina surgiu, trazendo algo em suas mãos — Não vale muito perto de tanta coisa bonita que recebeu e tem, eu queria te dar isso.

Quando ela abriu a mão, tinha um lindo pingente artesanal.

— Outro amuleto, Serafina?

A tradição da noiva dizia que deveríamos usar algo novo, um usado e algo emprestado. De usado, eu tinha a pulseira que ela me deu em meu aniversário e que estava ajustada em meu pé, como uma tornoeleira. Emprestado, peguei com Clara, e o novo foi um conjunto de brincos e colar que Fernando tinha me dado como presente de casamento.

— Dessa vez para proteger o amor de vocês dois.

Os meus médicos disseram que sobreviver ao acidente tinha sido um milagre, e eu acreditava nisso, também acreditava, de todo coração, que a pulseira dada por Serafina e que eu estava usando aquele dia me protegeu.

— Você pode só guardar, se não...

— Zia Nina, segura o buquê para mim — pedi antes que Serafina concluísse, envergonhada — E você, Fina, pode me ajudar a tirar o colar.

As duas me assistiram, em silêncio, fixar o pingente no cordão do colar elegante. Os dois juntos não combinavam em nada e isso realmente não me importava.

— Agora podemos ir — avisei, enquanto alisava o pingente grudado em meu torso nu.

Do lado de fora, uma carruagem enfeitada com rosas brancas me esperava. Poseidon, com gravatinha e tudo, e Vesta com lindas fitas na crina, me conduziriam até o milharal. Esperança levaria Suzana, que estava com as alianças em uma cestinha.

— Você também vem com a gente, Serafina.

— Ah, não, menina — ela recusou, ficando vermelha como um pimentão — Não posso fazer isso.

— Bom, se você não vai entrar na carruagem, eu também não vou — avisei, fingindo que seguiria o trajeto a pé.

Serafina era como uma avó para Fernando, e ela merecia um lugar de destaque junto comigo. Além disso, também a amava muito.

— Eita, menina danada! — resmungou ela e ocupou um lugar ao lado de minha tia.

Durante o trajeto, enquanto passávamos e avistávamos as paisagens belíssimas da fazenda, várias lembranças vieram à minha cabeça. Todas bonitas e alegres, não permitiria nada além disso.

Aqui encontrei a felicidade e continuaria vivendo-a.

A cerimônia seria realizada no milharal, com seus tons vivos de amarelo ouro, e a festa que não tinha hora para acabar, aconteceria dentro e ao redor da casa.

Ao chegarmos ao local, onde um longo tapete vermelho dividia as duas colunas de convidados, as pessoas se levantaram dos bancos enfeitados, e eu consegui reconhecer algumas delas enquanto descia da carruagem.

Quando o meu pé pisou no tapete, a marcha nupcial começou a tocar e Pedro surgiu ao meu lado.

— Você está pronta?

— Sempre estive. Só precisava pegar esse peão pelo laço.

— Lídia — ele sorriu com meu humor fora de momento.

Era assim que reagia quando ficava um tantinho nervosa.

Com Pedro segurando o meu braço, começamos a andar pelo caminho que levava até o altar construído para essa ocasião.

Ficou decidido que os três, os meus dois avôs e o meu irmão iriam me conduzir até o altar. Os três tinham grande importância em minha vida, e depois, porque a briga foi tão acirrada que não vi saída melhor.

Assim, Pedro me levou até o *nonno* Santini.

— Ah, minha querida — Seus olhos marejados encontraram os meus — Que linda que você está.

— Obrigada, vovô — Recebi o seu beijo em minha testa e jurei não chorar — Obrigada por tudo.

Os avós Santini foram presentes e atenciosos em minha vida e na do Pedro o máximo que conseguiram, e eu seria sempre grata.

Quando chegamos à terceira parte do caminho, ele deu lugar ao *nonno* Lucchese, que antes de entrelaçar o braço no meu, deu um beijo carinhoso em cada uma das minhas bochechas.

— A minha criança cresceu — disse ele, emocionado, tocando o meu rosto — E tornou-se um cisne lindo. Eu amo você, *bambina*.

— Também te amo, vovô. Sem você, não conseguiria chegar até aqui.

E era a mais pura verdade. Em meus momentos mais desesperados de dor, o *nonno* tinha sido a minha fortaleza.

— Tudo o que tenho a dizer, Fernando — disse o vovô, me entregando a ele — é: lembre-se de nossa conversa de ontem à noite.

Eu soube, por Letícia, que não sabia como ela conseguira a informação, que o *nonno* Lucchese, Santini, Pedro, tio Oberto e Nick tiveram uma interessante e importante conversa com Fernando, que acabou em bebedeira entre eles.

Conversa que, pelo que tentei descobrir com o meu noivo essa manhã, eu nunca irei saber.

— Esperei por você a minha vida toda — disse Fernando, beijando o topo da minha cabeça, bem perto de onde a tiara prendia o véu — E hoje, cada minuto valeu a pena.

Eu estava completamente tomada pela emoção e repleta dela quando, juntos, nos colocamos de frente ao sacerdote. E essa felicidade ficava completa ao ver o pai de Fernando ocupando o seu lugar no altar.

Cada palavra proferida nos tocou de forma profunda, e nesse momento, que recebemos as bênçãos divinas, seria lembrado com muito carinho e amor.

— Com esse anel, eu te faço minha — murmurou Fernando, com a voz lindamente rouca e emocionada ao deslizar em meu dedo a aliança que Suzana entregou.

— Com esse anel, eu te faço meu — repeti, colocando a aliança no dedo dele.

— E hoje... — falamos juntos — Tornamo-nos nós.

Sempre e para sempre.

CAPÍTULO 59

FERNANDO

Eu simplesmente não conseguia desgrudar os meus olhos do aro prateado no dedo da minha esposa.

Minha.

Lídia sempre foi minha, e agora estava sacramentado diante dos homens e de Deus.

— O que foi? — A pergunta dela me fez erguer o olhar, e eu encontrei seu sorriso lindo.

— Ainda não acredito que estamos casados — confessei, levando sua mão à minha boca, dando um beijo demorado em sua aliança de casamento.

— Nós estamos — Ela tinha um sorriso na voz quando se ergueu da cadeira ao meu lado e sentou-se em meu colo — Casados. Felizes. Apaixonados.

Não podia dizer que tudo valeu a pena, porque se pudesse, teria impedido cada lágrima que Lídia derramou. O fato de estarmos aqui, me fazia enxergar que cada batalha que enfrentamos pelo nosso amor nos trouxe nessa direção, para ficarmos juntos. Isso, sim, era certo.

— Sempre apaixonados — murmurei, grudando a minha boca na sua.

A música, as risadas, os sorrisos luminosos que víamos em cada canto que olhávamos, nas crianças correndo de um lado a outro, cada pessoa que amamos nos brindando com expressões de contentamento e carinho, representava o quanto estávamos imensamente felizes.

— Vem — Fiquei de pé, trazendo-a comigo — Vamos dançar.

Era só uma desculpa boba para a ter em meus braços.

Então fiz um sinal para o DJ controlando o som, e música agitada foi trocada por uma com melodia mais romântica.

— Eu gosto de tê-la assim, sabia? — Prendendo-a mais contra o meu corpo, fizemos um pequeno giro na pista de dança, que nos geraram aplausos e assovios animados — Nos meus braços.

— Não há nenhum outro lugar que eu queira estar, meu marido.

— Ai, você me pegou no meu ponto fraco — uni sua testa na minha, completamente enfeitiçado pelo sorriso sexy que Lídia me dava — Diz de novo.

— Meu marido.

— Outra vez...

Ela repetiu o que eu nunca me cansaria de ouvir pela vida toda.

Os risos felizes agora eram nossos. Muitos deles. Contagiantes. Inspiradores.

Apaixonados.



Dois anos depois

Uma das coisas que eu mais admirava em Lídia, era que ela se entregava a tudo que amava com paixão. E essa noite não poderia ser diferente, embora ela estivesse profundamente nervosa.

— Eles me inspiraram e...

— Você me inspira — acrescentei no discurso que ela parou na metade e abracei por trás — Do momento que me levanto ao que vou dormir.

— Não vou conseguir. É evidente que não vou conseguir fazer isso — ela se virou para mim, exibindo uma expressão angustiada — Deveria deixar o Pedro, ou até mesmo a Clara falar. Eles são bons nisso.

Ela se dedicou com afinco para tornar realidade o seu sonho de criar uma fundação em memória dos seus pais. Pedro ajudou com boa parte burocrática e financeira, Nick e eu também tínhamos contribuído com generosas doações, Clara e Letícia deram grande suporte, a maior parte do trabalho duro foi executado por Lídia. Por isso, ela merecia ter os holofotes dessa noite focados nela.

— Você pode e consegue — segurei seu rosto, demonstrando todo o meu amor e confiança que tinha por ela — Ninguém deu tão duro quanto você para tornar isso real, amor. Agora vai lá e me enche ainda mais de orgulho.

Seus olhos estavam marejados, no entanto, ela segurou a onda. Trocamos um beijo rápido, e com renovada confiança que sempre esteve nela, Lídia, caminhou em direção ao palco.

— Estou orgulhoso dela — murmurou Pedro quando ocupei o meu lugar ao seu lado — E sei que nossos pais também ficariam. Lídia encontrou seu lugar.

— Eu acho que ela sempre soube — Encarei a mulher mais linda, segura de si e generosa que meu coração tinha escolhido para amar.

— Boa noite a todos — a sua voz saiu firme, límpida, segura — Eu tive um sonho...

Eu poderia dizer que era o meu amor por ela que me fazia ficar hipnotizado por cada palavra que Lídia emitia, cada pausa bem estudada, e as tiradas engraçadas que usava para manter seu discurso mais atrativo; mas

não. Os poucos segundos que perdi olhando à minha volta, enxerguei os olhares e sorrisos encantados por ela.

— Senhoras e senhores, apresento a Fundação Luz — disse ela, indo em direção à faixa dourada — Em memória de Isabella e Marcelo Santini.

Pedro, os pais dela se estivessem vivos, nossos amigos e todas as pessoas envolvidas nesse projeto, poderiam estar orgulhosos e felizes por sua conquista, nenhum deles estaria mais do que orgulho e feliz do que eu.

Ver a minha menina se tornar uma grande mulher.

LÍDIA

Mais um ano depois

Preciso confessar, não gostava muito de hospitais, principalmente se eu for a paciente. Dessa vez, espantosamente estava ansiosa e animada com a nova cirurgia.

Eu ia finalmente receber as válvulas biológicas que iriam permitir que eu tivesse uma vida ainda mais saudável, e a parte mais feliz disso tudo seria que, depois de todo o período de recuperação e adaptação, Fernando e eu íamos finalmente poder falar sobre filhos, não apenas como um sonho nosso, e sim, como uma futura realidade.

— Você está pronta, Lídia? — indagou o doutor quando entrou no quarto.

— Completamente — respondi, feliz.

— Só vamos fazer uma checagem rápida e liberá-la para a anestesia, ok? — ouvi de uma enfermeira ao meu lado e concordei com a cabeça.

Assim que fui colocada na maca e movida em direção ao corredor, via como se um filme passasse diante de mim. A primeira vez que Fernando e eu

nos beijamos. Nossos dias felizes na fazenda. O dia do nosso casamento.

— Oi, amor — Fernando surgiu ao meu lado, um pouco antes de ser levado ao pré-operatório — Antes que siga, preciso lembrá-la da minha promessa, ok?

— Voltar para você — respondi, emocionada.

— Eu te amo — ele sussurrou, beijando meus lábios, depois suavemente fez o mesmo em minha testa.

Disso, eu tinha *certeza*.



Algum tempo depois

Hoje era um dia muito importante para nossa família. Era o batizado de Valentim, o filho de Pedro e Clara. Letícia foi a madrinha, e Fernando, após uma disputa acirrada com Nick, ganhou o direito de ser o padrinho babão. Inicialmente, o ruivo não ficou muito feliz e nem achou justa a escolha, porém, no final entendeu. Bom, uma garota cheia de personalidade e que o tinha nas palmas das mãos o fez entender. Na verdade, acho que o que o aquietou mesmo foi a minha promessa de o escolher. Bem, cumprir isso estava mais próximo do que ele imaginava.

— Amor, você viu as minhas abotoaduras?

— Aquelas que te dei no último Natal?

— Sim, você disse que combinava melhor com essa camisa.

— Mande polir essa manhã — avisei, sem conseguir me virar para encará-lo.

Se eu fizesse isso, Fernando veria o quanto eu estava ansiosa, e eu não queria estragar um único segundo da surpresa que tinha passado os últimos dias tentando organizar.

Pelo espelho, fingindo continuar a me maquiar, observei, ansiosa, enquanto ele abria a caixinha retangular. Primeiro, ele ficou confuso, por encontrar outro objeto no lugar de suas abotoaduras prateadas, depois os seus olhos espantados buscaram a mim.

— Lídia?

Não consegui mais ficar parada, e com as lágrimas já transbordando dos meus olhos, fiquei em pé e caminhei a passos largos até Fernando.

— Isso é... — Os seus lábios tremeram e ele não conseguiu concluir.

— Sim! — respondi, rindo, chorando, movendo a cabeça como uma boba — Vamos ser papais.

Suas mãos vieram rapidamente para o meu ventre, e Fernando ficou de joelhos.

— Nós vamos ter um bebê? — Ele indagou, emocionado, como se ainda não estivesse conseguindo acreditar — Amor, vamos ter um filho.

Assenti, enquanto o assistia beijar e acariciar minha barriga, onde nosso pequeno presente crescia dentro de mim.

— Meu filho! — Ele gritou, e acho que até as paredes no quarto, talvez em toda casa, estremeceram, dobrando-se à felicidade que sentia.

Fernando beijou meu ventre mais uma vez, antes de se erguer e girar comigo pelo quarto.

— Quando você soube?

— Estava desconfiada há algum tempo, e aproveitei essa estadia maior na cidade para fazer o exame.

Já tínhamos recebido o sinal verde do meu médico há algumas semanas. Ia precisar ter todo um acompanhamento e cuidado, agora era real.

Nossa família ia aumentar, assim como o nosso amor, que crescia a cada dia.

— Está feliz? — indaguei, quando fui colocada no chão.

— Amor, eu quero gritar para o mundo — A felicidade estava transbordando de seus olhos, como um garotinho sendo presenteado com o que mais queria no mundo.

— Será que o meu emocionado marido poderia esperar até o nosso sobrinho ser batizado? — pedi a ele, acariciando o seu rosto — É o momento do Pedro e da Clara. A gente revela na festa, pode ser?

Até tinha pensado em revelar para Fernando depois, contudo, desde que recebi o resultado, ficava cada vez mais difícil receber seu olhar cheio de amor e não contar sobre o nosso milagre.

— Você tem razão. Vamos batizar o Valentim, depois disso, ninguém mais vai poder me segurar.

— E você acha que eu conseguiria?

Era felicidade demais.

Amor demais.

Um contentamento que não cabia no peito e que precisávamos dividir com todos que amávamos.

O nosso filho.



A cerimônia foi emocionante. Valentim tinha se comportado como um príncipe, até o momento que o padre jogou a água em seus cabelos escuros, e então mostrou ao mundo os saudáveis pulmões que tinha. Pedro, imediatamente, tomou para si o dever de acalmar o menino, e conseguiu isso

com uma rapidez espantosa. O meu irmão era um grande empresário, só que como marido e pai, ele era ainda mais dedicado.

— E então? — Fernando se juntou a mim à mesa de doces, que eu namorava indecisa se comia primeiro o brigadeiro ou o beijinho — Já podemos falar?

Não quis rir dele, foi impossível segurar a risada. Desde que saímos da igreja, ele vinha me perguntando isso a cada meia hora.

Olhei discretamente à nossa volta. Todos já tinham comido, bebido e se divertido bastante, então achava que poderíamos reunir a todos e revelar nossa grande notícia.

— Pessoal! — Minha voz ecoou pelo salão assim que Fernando desligou a música, causando protesto da maioria — Sei que o momento dos discursos já passou.

Encarei o máximo de rostos possíveis, mal conseguindo segurar o enorme sorriso crescendo em meu rosto.

— Eu também gostaria de compartilhar algo muito especial nesse dia.

Respirei fundo e estiquei minha mão, trazendo Fernando para o meu lado, que também exibía um sorriso enorme.

— Já sabemos — A voz de Nick surgiu do outro lado, e um tanto confusa, olhei para ele — Vão ter um bebê.

Cheguei a abrir a boca para indagar a ele como tinha recebido essa informação, o olhar culpado que recebia de meu esposo respondia tudo.

— Fernando?

— Eu só contei para o Nick — ele me encarou com olhar de cachorrinho que tinha comido o peru de Natal.

— E para mim — Letícia gritou, fazendo questão de destacar o ocorrido.

— Hum... — Fernando me puxou para os seus braços — Talvez para ela também.

— E eu também estava sabendo — disse Pedro, se aproximando com a garrafa de champanhe pronta para ser aberta.

— Já sei, Clara — falei com humor, quando a vi se aproximar com as taças — Ele também falou para você.

Ao que eu notava, o trapaceiro não tinha conseguido esconder o segredo de ninguém.

— Só vou te perdoar porque também não consegui esconder do *nonno*.

— E nem de mim — delatou Zia Nina, me fazendo dar uma carranca a ela.

Tio Oberto iria dar com a boca solta, quando o meu olhar de advertência o fez se calar.

Juntos, viramos de frente para todos eles e gritamos com a mesma energia de Valentim na igreja.

— *Estamos grávidos!*

EPÍLOGO

FERNANDO

Sem dúvida alguma, esse era o dia mais importante das nossas vidas. O dia que o “*nosso pequeno milagre*”, como Lília gostava de chamar, finalmente seria colocado em nossos braços.

— Fernando? — chamou a Dra. Alice Cunha, obstetra de Lília, que estava ao lado do Dr. Toledo — Você está pronto?

Confuso, encarei os dois, sentindo-me bastante perdido.

— Essa pergunta não deveria ser feita à Lília?

— Amor? — Ela me chamou, esticando a mão para mim — Você é o único que parece que vai furar o chão.

Eu ficava impressionado com a calma e a paz que Lília demonstrava sentir. Do momento que conferimos, novamente, a mala dela e a do bebê que deveríamos levar ao hospital, ansiedade e nervosismo tornaram-se parte de mim.

— Bom... — olhei para os três, um pouco indignado com o pouco caso que eles faziam disso — É o meu filho que vai nascer.

— O nosso filho, Fernando.

Sim, o nosso filho e maior acontecimento do mundo. Era claro que eu estaria muito nervoso.

— Se achar melhor — a doutora colocou a mão em meu ombro — Pode aguardar com o restante da família, na sala de espera.

Todos estavam aqui para esse emocionante acontecimento. Devido às suas condições cardíacas, ela não poderia ter um parto de forma natural. Então a cesariana foi agendada para quando Lúdia completasse trinta e nove semanas de gestação.

— Não! — Encarei os dois como um homem pronto para entrar em batalha, e minha agitação fez com que Lúdia apertasse os meus dedos, pedindo que eu tivesse calma — Eu não vou perder o nascimento do meu filho, nem que caia duro na sala de parto.

— Isso pode acontecer — provocou a médica, com humor — Já vi muitos pais desmaiarem. O Dr. Toledo aqui está a postos para auxiliar nesse acontecimento.

Depois das brincadeiras às minhas custas, terminaram de preparar Lúdia, e comigo andando ao lado da sua maca, entramos na sala de parto.

— Amor? — Agachei-me ao lado dela e afaguei a touca que cobria seus cabelos — Tá sentindo alguma dor?

— Ainda nem começou, querido — o sorriso demonstrava o quanto ela ainda se divertia com a minha tensão — E de qualquer forma, estou anestesiada.

— Certo. Se sentir...

— Fernando!

Tudo bem, eu ficaria quieto e deixaria a equipe médica fazer o trabalho dela. Não tinha nada para me preocupar...

— Espera!

A minha voz saiu alta o suficiente para fazer todos olharem em minha direção e a médica parar o bisturi alguns milímetros antes de tocar o ventre de Lúdia.

— Algum problema? — indagou a Dra. Cunha.

— Você não vai testar?

— Testar o que?

— Se a anestesia deu certo.

— Sr. Brandão — ela iniciou, com muita paciência.

— Fernando, fica quieto ou juro que peço para te arrancarem dessa sala.

— Lúdia — A encarei, chocado que me ameaçasse com isso.

— Eu quero ver o rostinho do nosso filho logo — sua expressão de choro me fez voltar à realidade.

Esse era o momento dela. O seu milagre como mulher e mãe, e o meu medo de que qualquer coisa desse errado ou que ela sentisse a mínima dor não podiam eclipsar isso.

Ainda sentia a necessidade extrema de proteger Lúdia de tudo, acho que isso nunca iria mudar, só que, em algumas batalhas, precisava deixar que ela fosse a comandante.

— Desculpa, amor — Beije sua testa e a encostei na minha por alguns segundos — Vamos trazer nosso filho ao mundo.

Para que ela se sentisse forte, eu precisava ser. Então eu busquei a calma em algum lugar em mim, desculpei-me com os médicos e assisti, completamente emocionado, nosso bebê nascer.

Lúdia chorava. Eu chorava.

— É um menino — disse a médica, entregando nosso filho para que fizessem os procedimentos iniciais, antes de ele ser colocado no peito de Lúdia.

Ajoelhei-me ao lado dela para poder os observar melhor.

— O nosso filho, amor — murmurei, as lágrimas em meus olhos mal me permitiam enxergar muita coisa.

— O nosso pequeno milagre — chorou ela, igualmente emocionada — Ei, querido. A mamãe e o papai já te amam muito.

Não foi fácil chegar até aqui. A gestação de Lúdia foi o tempo todo monitorada. Depois da trigésima semana, ela foi obrigada a passar a maior parte do tempo na cama, fazendo o mínimo esforço possível. O que me deixou quase maluco, quando ela se esquecia e tentava fazer algo sem ajuda. Chegamos até aqui. Hoje tínhamos a grande felicidade de segurar o nosso filho.

— Oi, Marcelinho — Passei a ponta do dedo em seus poucos fios de cabelo.

— O quê? — Lúdia me encarou, chocada.

— É um menino, então eu posso escolher o nome, como combinamos.

— Vai dar o nome do meu pai ao nosso filho?

— Eu gostaria, porém, se vai te trazer recordações triste, podemos mudar.

Achei que seria uma boa forma de homenagear o homem que me presenteou com a mulher da minha vida, e que também foi como um pai para mim.

— Não... — ela soluçou, e com a mão trêmula, tocou o meu rosto — Eu ficarei muito feliz, meu amor.

Nos beijamos, e como dois bobões, ficamos admirando esse pequeno pedaço de nós dois.



Quando o quarto foi liberado para visitas, vi surgir duas gestantes animadas, mulheres com sorrisos nos rostos e lágrimas nos olhos, vovôs tentando parecer durões e os meus dois irmãos de coração, Nick e Pedro, que entraram por último.

— Escuta, pessoal, não era para entrar todos de uma vez — avisei em tom firme e baixo para não acordar o bebê no colo de Lúdia — Então vocês vão ficar quietos. Olhar rapidinho e sair.

Por alguns segundos, todos me encararam com ares sérios, depois, como se eu não tivesse falado nada, começaram a falar e passar por mim.

— Meu irmão — Pedro parou ao meu lado, apoiando o braço em meu ombro — De um lado temos uma família italiana, e do outro a típica brasileira. Acha mesmo que iria conter esse bando de gente que aguardava ansiosamente esse acontecimento?

Vendo a alegria com que eles falavam com Lúdia e olhavam, com certa distância o bebê, rasgando elogios ao nosso filho, que realmente era um bebê lindo, eu não tinha como refutar o argumento de Pedro. Todos aqui torceram pela gente e sabiam o quanto sonhamos com isso.

— E você ficou chateado, por causa da escolha do nome?

Assim como Lúdia, o Pedro também não fazia a menor ideia de que eu iria dar o nome do pai dele ao nosso filho. E como Clara estava grávida novamente, talvez dessa vez, ele pudesse ter desejado fazer o mesmo.

— Não. Eu sei que os meus pais foram importantes para você, Fernando. Foi uma homenagem bonita.

Me deixava aliviado que ele pensasse assim.

— Ok. Todo mundo — chamei a atenção de todos — Vocês já fizeram festa. Lúdia e o nosso filho precisam descansar.

Um a um, foram se despedindo devidamente. O último a se retirar foi Nick.

— Parabéns, cara — O seu abraço de urso me levantou do lugar — Não conheço ninguém que mereça isso tanto quanto você.

— Eu conheço, e essa pessoa está bem na minha frente.

O Nick passou por muita coisa. A barra que ele enfrentou não foi fácil, agora estava tudo bem. Todos estávamos em paz, aproveitando a felicidade merecida.

Quando o quarto voltou a ficar em silêncio, ocupei meu lugar ao lado de Lídia e peguei dos seus braços nosso filho, começando a ficar inquieto.

Ela precisava descansar depois de tanta agitação, e eu não arredaria o pé de perto dela, garantindo toda paz e tranquilidade.

— Sabe, ele me faz lembrar de você, quando foi colocada em meus braços — Com o polegar, alisei a bochecha redonda do nosso menino, que tinha os olhos azuis, como os meus, fixos em mim — Um pacotinho quase parecido com esse. Eu sabia que iria te amar, Lídia. Naquele momento, eu tive a certeza disso, que se tornaria a pessoa mais importante da minha vida. Prometi isso. Eu só não sabia o quanto.

— Deve ser por isso que sempre te amei — ela balbuciou, depois soltou um bocejo cansado.

A nossa história vinha de muito tempo. E nosso amor nasceu quando nem sabíamos exatamente o que era isso.

— Como se tivéssemos nascido um para o outro — Ergui o meu olhar para ela, seus olhos já estavam fechados, indicando que havia sucumbido ao cansaço — É, nascemos um para o outro, e vou te amar nessa e em todas as outras vidas.

Porque a eternidade era muito pouca para nós.

LÍDIA

Cinco anos depois

Enquanto algumas pessoas são apaixonadas pelo verão, para poder ir à praia, curtir um dia ensolarado na piscina, eu amava mais a primavera, principalmente aqui na fazenda. As flores colorindo tudo, as árvores repletas de folhas com cores vibrantes, o clima mais ameno deixava tudo mais especial, e eu estava muito feliz que fosse dar à luz, mais uma vez, nessa estação. Até porque, seria a última.

Já estava na casa dos trinta, e no meu caso, enfrentar outras gestações não era mais indicado. Tudo bem, porque dessa vez tivemos ainda mais sorte e nossa felicidade vinha em dobro.

Um sorriso veio ao meu rosto ao me lembrar da reação de Fernando quando fiz o ultrassom, que acusou dois bebês em meu ventre. Apesar de serem duas crianças, dessa vez me sentia mais forte, cheia de energia e disposição.

O que não mudou muita coisa. Os médicos ainda recomendaram cuidado, o que para Fernando significava eu não dar um suspiro sem que ele verificasse se isso era normal em meu estado.

Conseguir alguns minutos para me sentar na varanda e observar o dia lindo, enquanto ele e o pai dele ensinavam Marcelinho a cavalgar, foi um verdadeiro drama comigo ameaçando cair no choro.

E se existia uma coisa que Fernando ainda não sabia lidar, era com as minhas lágrimas. Eu tentava não abusar disso e só usava essa tática em extrema necessidade.

Eu era feliz. Tão feliz como uma pessoa poderia ser. Sim, passamos por problemas. Como quando Marcelinho ficou doente. Discussões normais entre casais. Crise econômica no país, que quase afetou os negócios. Os tipos de coisas normais que nos afetavam de forma normal. Ainda assim, se fosse apenas nossa família vivendo em uma ilha deserta, eu me consideraria a mulher mais feliz do mundo.

Bastava observar como os meus olhos brilhavam ao ver Fernando e nosso filho virem em direção à casa.

De mãos dadas, com o pai e o avô, meu pequeno cowboy não parava de tagarelar pelos cotovelos. Suspirei ao admirar as três gerações Brandão, com chapéu e botas, formando uma imagem linda o suficiente para ser colocada em um quadro.

— E um monte de filhotinho, né, vovô?

— Sim, um monte de filhotinhos também — respondeu animadamente o pai de Fernando, antes de jogar o sapeca do neto no ombro e os dois se dirigirem à cozinha, onde Serafina os esperavam com uma enorme mesa para o café da tarde.

Eu ainda não conseguia esquecer totalmente como foi a convivência do Sr. Brandão com o filho, e eles ainda tinham uma barreira entre eles que Marcelinho ajudava a quebrar. Precisava admitir que, com o neto, ele estava se esforçando bastante para ter uma relação próxima e mais amorosa.

— Como estão as minhas meninas? — Fernando ocupou um lado do banco, depois me fez encaixar em seu peito.

Isabella e Marta.

Dessa vez foi um pedido meu, homenagear nossas mães.

— Estavam calmas, até antes de você chegar.

Ele sorriu e passou a mão em meu ventre enorme. Às vezes, eu achava que carregava cinco bebês, ao invés de dois.

— Elas ficam animadas em ver o papai.

Permanecemos por um tempo interagindo com nossas filhas em minha barriga, até ele destacar que eu tinha passado tempo demais sentada aqui fora.

— Podemos ficar mais um pouco e ver o final do pôr do sol?

— Hum... eu tinha pensado em um banho relaxante — atçou ele, passando a mão nas minhas coxas cobertas pelo vestido — E, quem sabe, uma das massagens que você gosta, na cama.

Nunca era apenas uma massagem, e os nossos banhos juntos nunca eram apenas simples banhos.

— Sabe que acho o pôr do sol em nosso quarto muito mais bonito?

Fui presenteada com um dos seus sorrisos, prometendo pecados, e antes mesmo de ele se erguer, me carregando no colo, nossas bocas já estavam unidas em um beijo quente.

Depois dos mais maravilhosos anos de casamento, um lindo garotinho cheio de energia, duas lindas princesas a chegar, ainda tínhamos a mesma paixão do início. Acho que seria sempre assim, porque nosso amor queimava como o fogo.

Essa era a nossa história, e ela continuava sendo linda.

Fim.

Outros livros da série



QUANDO SEU ÚNICO ERRO FOI AMAR

SEU ERRO

CEOs IMPLACÁVEIS

ELIZABETH BEZERRA

Prólogo

Muitos se prendem ao enigma de descrever Pedro Alencar Santini.

Para começar, conhecido no meio dos negócios como *Santini*, descendente de italianos e implacável empresário no ramo automobilístico. A imprensa me via como um aclamado e misterioso CEO, alguém que gerava muita curiosidade e furor quando me apresentava. Um pouco devido às mulheres com quem costumo sair, sendo sempre destaque nas capas de diversas revistas. A outra parte, no caso as mulheres com quem costumo foder, sou apenas *O Senhor*, aquele que as faz ter orgasmos intensos e inesquecíveis.

Atualmente, empresário de sucesso e um dos solteiros mais cobiçados do Brasil; era o que dizia a revista *Forbes*, onde apareci nas últimas três edições, ao lado dos bilionários mais valiosos do mundo; e se ela estava dizendo isso, devia ser verdade.

Mas, até há pouco mais de oito anos, eu era apenas Pedro, um jovem aventureiro que amava viajar pelo mundo encarando desafios, fosse na água, com o iate da família; pelos ares aprendendo a pilotar; ou na terra, correndo por estradas íngremes, testando os novos modelos esportivos que a Santini fabricava.

Para alguns, na época, talvez fosse visto como um playboy metido, mas eu era apenas um jovem cheio de energia, que aproveitava muito bem as oportunidades que a vida e meus pais me davam. Conhecendo o mundo, exibindo carros caros, torrando dinheiro com amigos, desfilando com lindas mulheres e curtindo as festas mais disputadas.

Tudo isso mudou quando eles faleceram durante um assalto em nossa casa. Minha mãe foi assassinada na frente do esposo, sendo estrangulada e

morta com o próprio lenço no pescoço, presente do meu pai em seu último aniversário de casamento. O meu pai morreu em seguida, com dois tiros na cabeça, sem dúvida, ao tentar reagir para defendê-la.

Segundo a polícia, tudo indicava que alguém da empresa de segurança contratada para manter a residência inviolável esteve mancomunado com os bandidos que invadiram nossa casa, naquele dia. Tinha passado nossa rotina, mostrando os pontos falhos nas câmeras de vigilância. Os portões foram abertos para que funcionários de uma falsa empresa prestadora de serviços de TV a cabo entrassem sem levantar suspeitas dos vigias de plantão, que foram trancados em uma sala após a casa ser invadida.

Aquele foi um dia de divisor de águas, pois, não tive o pequeno sabor de justiça em ver os malditos pagando por seus crimes. Eu percebi, naquele momento, o quanto as pessoas podiam ser cruéis e sujas. E mesmo diante de tamanho sofrimento, tive de seguir em frente. O império Santini não era a única coisa com que eu precisava me preocupar. Havia minha irmã, Lídia, na época, apenas uma menina.

Fui obrigado a amadurecer e virar pai e mãe de minha irmãzinha. Às vezes, acho que eu a mimo demais, pelo menos era o que sempre dizia à nossa governanta, a Sra. Silva. Mas não conseguia fazer de outra maneira. Se para mim foi duro perder os nossos pais, imagine para uma garotinha, a quem a presença deles era muito importante.

Eu tive que sufocar a minha dor, assumir a Santini, deixar a vida de playboy festeiro de lado e virar o irmão responsável que Lídia merecia e precisava ter. Mas isso não me tornou um santo do dia para a noite. Tornei-me mais cínico e cético em relação às pessoas.

Nos negócios, alguém que os funcionários respeitavam, os concorrentes se intimidavam e o público desejava ser. Em casa, o irmão que

Lídia venerava. No duplex, onde levo as mulheres a quem quero foder, o amante exigente, insaciável, dominador e que não se apega a ninguém.

Minha família? Lídia.

Meu coração? A Santini.

Nessa ordem, e eu não tinha intenção alguma de mudar isso.

Uma boa parte das mulheres que já passou pela minha cama me via como alguém frio, e não fiz nada para que essa impressão mudasse no decorrer dos anos. Sou descrente com a humanidade e, principalmente, com as mulheres. Nenhuma com quem já tenha fodido havia pensado em realmente me conhecer; o verdadeiro Pedro, aquele que eu não apresentava a ninguém, sem todos esses rótulos que me colocaram. Apenas o irmão dedicado, o filho que ainda sente a perda dos pais, o amigo fiel de Nick e Fernando.

Não. As mulheres com quem costumo foder estavam apenas interessadas no amante que lhes dava prazer, no empresário rico que podia cobri-las de presentes caros, o que proporcionava viagens exóticas e garantia uma boa capa de revista. A meu ver, era uma troca justa; era generoso e elas eram as cadelas que eu buscava na cama, sempre que precisava aliviar a tensão do meu corpo através do sexo.

— Pedro? — O chamado melodioso fez com que eu me afastasse das minhas divagações.

Ergui o olhar dos contratos que deveria estar revisando e encontrei a loira curvilínea e com um olhar sensual. Observei-a levar os braços para trás das costas, tatear e, com um clique, fechar a porta em seguida.

— Natasha...

Um nome tão sensual quanto a mesma. Ela caminhou lentamente em minha direção. As mãos com unhas longas, bem-feitas, pintadas de um tom vibrante de vinho, percorreram o corpo até chegar aos botões do terninho

elegante que usava, desfazendo um a um. A primeira peça caiu sensualmente sobre seus pés, então, foi a vez da camisa de seda branca, que ela passou por cima da cabeça, fazendo os longos fios balançarem. Tive uma bela visão dos seios fartos saltando da peça rendada, e meus olhos deveriam agradecer ao bom cirurgião plástico que havia conseguido isso.

Em uma conversa descontraída entre amigos, já fui perguntado que partes femininas me agradavam mais. O brasileiro tem a fama de ser louco por bunda, mas não há uma parte específica do corpo de uma mulher que me deixe mais excitado; aprecio todo o conjunto. Das curvas salientes, os seios recheando um belo decote e, principalmente, as palmas das minhas mãos gostam do traseiro arredondado a uma boceta lisinha. Natasha tinha tudo o que apreciava: cabelos longos, pernas torneadas, um corpo voluptuoso.

— Pensei que você já houvesse partido — inclinei-me contra a cadeira, apoiando meus braços preguiçosamente sobre os encostos, enquanto a assistia seguir com seu show de strip-tease — Afinal, seu casamento não é nesse final de semana?

Natasha foi minha secretária por quase dois anos, ocupou o cargo após a antiga e fiel secretária do meu pai se aposentar.

Devo confessar que inicialmente contratei Natasha mais por ter me agradado fisicamente do que pelo seu currículo exemplar. Nick deu três meses para que eu a levasse para a minha cama. Comprovei que ele tinha razão, a fodi duas semanas depois, em minha mesa de trabalho.

Quando me sentia entediado para iniciar um novo caso amoroso, os serviços de Natasha, dentro e fora do escritório, serviam-me muito bem. Só precisava deixar bem claro que a única coisa que Natasha teria, enquanto eu quisesse, seria o meu pau fodendo-a. Ela tinha seus casos paralelos, e eu, minha fila de amantes.

No início, todas concordam com isso. Com os presentes, as viagens luxuosas, as horas de sexo quente e empolgante, então, começam a pensar que estão apaixonadas e que conseguiriam fazer com que eu mudasse de ideia e me ajoelhasse diante delas, com um lindo pedido de casamento. Isso nunca aconteceu. E jamais acontecerá.

— Não sem a nossa despedida — ronronou, em uma dança silenciosa e sensual, fazendo a saia deslizar por seu corpo — Acho que a gente merece uma.

Eu podia apostar toda a minha fortuna que sua calcinha preta rendada estava molhada antes mesmo de ela entrar aqui.

— E o que Aaron acharia sobre isso?

Até um cretino como eu sabe até que ponto é sensato ir. O meu foi quando Natasha surgiu no duplex com um belo anel no dedo, dizendo que iria se casar com um dos empresários europeus com quem fiz negócios. Ela sempre quis laçar um homem rico para dar a ela uma vida estabilizada. Como sempre, mantive-me irredutível em minha decisão de continuar solteiro, então, seus avanços sobre Aaron tiveram um resultado positivo. E naquela mesma noite, avisei que assim que a aliança de casamento fosse colocada em seu dedo e o padre abençoasse a união, nosso caso teria de terminar. E, de fato, irá acabar mesmo, pois, Natasha irá morar na Alemanha com o marido.

Ao que parecia, além de uma secretária qualificada, estaria perdendo uma boa companheira de foda.

— Natasha... — a alertei, mas minhas mãos já começavam a me livrar da gravata.

— Você disse que não teríamos nada quando a aliança de casamento fosse colocada em meu dedo — disse ela, fazendo um biquinho manhoso — Ainda não me casei, Pedro.

Nisso, ela estava certa, o casamento podia ser desfeito na porta da igreja e, em todo caso, quem devia fidelidade era ela. Que mal havia em ter sua boceta gostosa pulando sobre o meu pau uma última vez?

— Uma despedida, e nunca mais vamos nos ver — alertei, ao me erguer e tirar o meu paletó — Pelo menos, não mais deste jeito.

Afinal, seria um pouco desconfortável ter futuros encontros de negócios com Aaron, sabendo que horas antes tinha fodido gostoso a sua esposa.

Se eu seria capaz de algo assim?

Com certeza.

Uma mulher só traía um homem se ele a deixasse infeliz, e eu era conhecido por deixá-las muito felizes, dentro e fora da cama.

— Deixa que eu faço isso — ordenei, quando suas mãos foram para o fecho frontal de seu sutiã.

Com três passos rápidos, estava atrás dela. Ergui os cabelos soltos, caindo pelas costas como eu gostava, e os enrolei, jogando para frente de seus ombros. Alisei sua nuca, e a minha respiração sobre seu pescoço fez sua pele começar a arrepiar. Corri meus dedos por suas costas, massageei seu traseiro, arrancando um pequeno suspiro de Natasha. Segurei cada lateral de sua calcinha e a escorreguei pelas coxas, pelo comprimento das pernas, passando-a pelo salto finíssimo. Fiz o caminho de volta passando minhas mãos e lábios pelo seu corpo. Voltei a afagar a sua nuca e dei uma pequena mordida.

— Pedro! — gemeu ela.

Uma reação ao meu toque, ou medo do hematoma que ficaria ali? Foda-se, Natasha que havia me procurado e sabia como eu era intenso no sexo. Como iria explicar ao marido a marca em sua pele, na sua noite de

núpcias, era um problema dela. Natasha veio em busca de uma despedida inesquecível. Então, iríamos ter uma.

Deslizei minha mão por sua cintura, a corri lentamente pela lateral de seu corpo, acariciei seus cotovelos e cheguei aos seios volumosos. Testei o peso e tamanho, ainda que cobertos pela lingerie. Puxei a alça do ombro e expus o seio esquerdo. Apertei o mamilo, e isso fez com que Natasha esfregasse uma perna na outra, e um novo gemido escapasse de sua boca.

Abri finalmente o fecho do sutiã e arremessei a peça, unindo-a com as outras espalhadas no chão. Virei Natasha. Seus olhos brilhavam em antecipação, como um viciado eufórico pela próxima dose.

— Tire a minha camisa — ordenei a ela.

Suas mãos, assim como ela, vieram obedientes até mim. A cada botão que abria, seus lábios tocavam meu peito, e como recompensa, eu puxava e apertava seus mamilos, que sabia que ligava alguns pontos de prazer em seu corpo.

— Agora, o resto.

No sexo, e em todas as áreas da minha vida, eu gostava de estar no comando. Sou obcecado por controle, e não vou negar que de todos os defeitos que acumulo, esse é o que se destaca mais.

Sou a porra de um maldito obcecado em manter as rédeas da minha vida em minhas mãos. Os mais próximos se arriscavam a dizer que era um

reflexo do que aconteceu com meus pais. Talvez, sim, mas não acredito muito nisso. Sempre tive esse desejo de estar no comando, de que as pessoas se curvassem aos meus desejos e fizessem todas as minhas vontades. O que já não conseguia com um sorriso sedutor, agora, conquistava tendo um olhar duro e determinado. O restante? O dinheiro abria as portas. Um jeito cínico de olhar o mundo, mas para a maioria das pessoas que tem tudo, é assim. Fazemos nossos próprios castelos e os governamos como queremos.

— Pedro... — Natasha ronronou quando belisquei seus mamilos, testando sua rigidez.

Joguei os sapatos de lado para que a calça e a cueca deslizassem pelos meus pés. Como Adão e Eva, agora, ambos nus e prestes a degustar o fruto proibido.

Natasha deu um sorriso provocativo ao cravar as duas mãos em minhas coxas e retribuí, dando um sorriso lascivo a ela. Sua mão agarrou meu pau semiereto e começou a fazer os movimentos que o deixariam duro como uma rocha.

Afaguei seu rosto enquanto ela seguia em me masturbar. Seu rosto se inclinou em minha direção, mas agarrei seus cabelos, fazendo-a se erguer. Ela queria meu pau na sua boca safada, mas haveria o momento certo para que viesse a se fartar. Então, segurei sua cintura com firmeza, girei-a em direção à mesa e a fiz dar alguns passos até lá. Afastei as pastas com documentos para o chão e a joguei de costas sobre a madeira fria.

Deslizei minhas mãos dos seus seios até suas coxas, as apertei, curvei-me para uma lambida, arreganhei mais suas pernas, apoiando os pés ainda com os saltos sobre a mesa. Segurei os seus pulsos e os levei acima de sua cabeça, os seios empinaram em minha direção, e eu me curvei sobre ela para chupar o mamilo com força.

— Ah... Pedro — ela fechou os olhos, mordendo os lábios vermelhos.

Afastei-me dela, dando a volta na mesa. Peguei minha gravata caída sobre a cadeira, a enrolei nos pulsos de Natasha e amarrei as pontas no puxador da gaveta. Ela me encarava, alucinada, porque ela tinha uma ideia do que iria acontecer.

— Abra mais essas pernas, sua puta!

Existiam mulheres que gostavam de ser dominadas, as que amavam levar alguns tapas e as que ficavam loucas quando as tratávamos como vadias. Natasha enlouquecia com a terceira opção. Não era só enfiar o pau em uma mulher, precisávamos descobrir o que elas gostavam.

Com sua boceta molhada, brilhando e arreganhada, eu me inclinei em frente a ela. Primeiro, dei atenção aos seus seios, mordendo, puxando com os meus dentes, fazendo os mamilos ficarem ainda mais sensíveis e duros.

Ela gemia e puxava os pulsos, na tentativa de se soltar. Sabia o que ela queria, o que seu corpo desejava, mas era prazeroso entregar em pequenas doses, como se eu fosse um carrasco a torturando, lentamente. Depois dos seios, fui para suas coxas, acariciei, beijei, mordi. Eu gosto de deixar a minha marca, pensei, sorrindo cinicamente.

Ajoelhei-me, mas desta vez caí de boca entre suas pernas. Acho que talvez eu tenha sido evasivo demais, com certeza a parte que mais gostava em uma mulher era sua boceta molhada, com seus lábios carnudos, implorando por minha boca e pelo meu pau.

Passei a ponta dos meus dedos em minha boca, umedecendo-os com minha saliva, e os esfreguei nela, misturando com a sua lubrificação natural. Esfreguei minha mão nela, principalmente no seu brotinho.

— Ai... — o gemido fugiu de seus lábios, fazendo-me sorrir, arrogante.

Então, ataquei primeiro o grelinho, já inchado e sensível. Alternava as carícias de minha língua entre lambê-la e sugar o seu clitóris. Chupando e

lambendo até vê-lo se transformar em um brotinho duro.

Com uma mão, abri os seus lábios vaginais e com a outra, enfiei o dedo médio dentro dela. Depois, levei-o à sua boca, fazendo-a provar de si mesma. Retornei, agora socando dois dedos, cavando as paredes internas de sua vagina, arrancando sussurros que mais pareciam miados de uma felina, implorando por mais. Fui até o ponto que sabia que deixaria seu prazer ainda mais intensificado.

Continuei a chupar seu grelo e foder sua boceta. Seus olhos reviraram; Natasha rebolou seu quadril em minha direção. Ela queria mais.

— Ai, minha boceta, Pedro.... — Ela gemeu, como se as ondas de prazer que a faziam tremer e gritar também causassem algum tipo de dor angustiante.

Intercalava entre ataques com os dedos e apenas carícias em seu grelinho, com lambidas suaves, retardando seu gozo. Natasha queria gozar e eu cruelmente a impedia disso. Não era questão de ter um bom orgasmo, mas o quanto se esperava por isso.

Puxei seus grandes lábios e expus ainda mais seu clitóris. Chupava-o como um menino se deliciando com um pirulito.

— Isso... assim — ela gemia, dengosa — Assim, Pedro...

Voltei a socar com os meus dedos, girando-os dentro dela.

— Ai... — a cadela gostava disso — Pedro, que delícia.

Continuei sacudindo minha mão, socando dentro de sua boceta gulosa, esfregando seu brotinho com meu polegar.

— Gostoso! — Ela gemia, alucinada — Isso... assim.

Comecei a esfregar o meu pau enquanto a fodia. A cada segundo, a via se desfazendo um pouco mais.

— Vou gozar.... — gritou ela, como se eu já não tivesse antecipado isso pelas reações de seu corpo — Ai... tô gozando. Eu tô... — sufocou em

meio às suas palavras e boca salivando — Estou gozando!

Vejo-a lindamente chegar ao cume de seu prazer. Olhos esgazeados, bochechas coradas e quentes. Um sorriso satisfeito surgindo nos lábios.

Fiquei de pé e contornei a mesa. Segurei Natasha pelos ombros e a fiz deslizar um pouco pela madeira. Sua cabeça tombou, virei seu rosto de lado e segurando o meu pau, levei-o até sua boca, fazendo-a engolir. E Natasha tinha uma boca perfeita para isso.

— Caralho! — grunhi, vendo o volume que se formava em sua garganta, com a entrada e saída de meu pau.

Assistia seu rosto ficando vermelho, a saliva acumular e sair de sua boca, molhando seu rosto. A cada socada minha, via que Natasha perdia um pouco de ar. Eu não ligava, estava bom demais socar o meu pau no mais profundo de sua garganta. Eu podia foder sua boca gulosa por horas. Mas após alguns minutos de meu pau sendo bem tratado, decidi que era o momento de voltar a dar um pouco mais de prazer a ela.

Tirei meu pau de sua boca e soltei seus pulsos. Sentei-me na cadeira, a fiz deslizar pela mesa e virei-a de costas. Ajudei-a a subir na cadeira, um pé em cada lado do meu corpo.

— Espera! — mantive-a erguida no ar e abri a gaveta, procurando uma camisinha.

Eu sempre as tinha ali, pois, não era a primeira vez que a gente transava em minha sala. Enquanto eu colocava a camisinha, Natasha se livrava dos saltos. Assim, ficaria melhor para apoiar os pés no pouco espaço que tinha na cadeira, e eu não queria aquela arma assassina ferindo minha pele. Curtia causar dor, mas não gostava de receber.

— Agora, senta no meu pau! — ordenei, trazendo-a para mim — Ele é todo seu, minha putinha.

Ela deslizou pelo meu pau. Suas costas pressionadas contra meu peito. Ela se agarrou aos braços da cadeira, onde buscou apoio para começar a pular sobre meu pau. Segurava sua cintura e impulsionava meu quadril em direção a ela, socando com a mesma velocidade que a cadelinha saltava.

Usei uma mão para esfregar seu clitóris, enquanto ela seguia a cavalgar em meu pau.

— Isso, vadia — dei um tapa em sua boceta — Rebola no meu pau.

Ela saltava e eu esfregava seu grelinho com vontade.

— Ah... isso, Pedro — gemia ela — Assim... vem... vem... ai...

Coloquei seus pés sobre os braços da cadeira e deixei a putinha ainda mais arreganhada. Lambi meus dedos e esfreguei seu brotinho com vontade.

— Ah... — ela gemia, louca, enquanto dava o devido cuidado ao ponto que em breve liberaria seu prazer mais uma vez — Ai, gostoso!

— Caralho!

Então, segurei sua bunda com as duas mãos, ajudando-a a saltar mais forte e mais rápido. Meu tesão começava a chegar ao limite, mas ainda conseguia me segurar.

Ainda com Natasha empalada a mim, ergui-me e fomos para o chão. Deixei-a de costas, sentada sobre meu pau, saltando como uma verdadeira puta deveria fazer. Dei dois tapas em seu traseiro, vendo-o ficar rosa.

— Ai... — ela ronronava e apertava os seios — Pedro!

Bati mais uma e outra vez em sua bunda.

— Safada! — outro estalo, desta vez mais forte, podia ver os meus dedos ficarem marcados em sua pele.

Enquanto saltava, Natasha levou a mão à cintura e virou a cabeça para me olhar com um sorriso pervertido. Voltei a erguer o quadril, ajudando-a a foder mais o meu pau. Socava duro e sem piedade. Passei o meu polegar em seu cuzinho, esfregando meu dedo ali.

— Olha para mim — disse, quando ela virou a cabeça mais uma vez — Deixe-me ver essa cara de putinha.

Ela saltava me encarando, quando seus olhos reviraram. Assisti sua boceta quentinha subir e descer sobre meu pau, entrando e saindo. Dei outro tapa em sua bunda, que estalou pela sala.

— Isso, vadia, pula!

Fiz com que ela ficasse de quatro, a cabeça pressionada contra o chão e seu rabo empinado. Estoquei em um único impulso. Agarrei o seu braço, puxando-o para trás. Usando o braço retorcido e a lateral entre a bunda e a coxa para me apoiar, soquei forte meu pau em sua boceta.

— Ah... — Natasha tentava sufocar o grito mordendo o braço livre.

Soltei o animal rugindo dentro de mim, arremetendo cada vez mais forte e duro dentro dela. Segurei em suas costas, e enquanto ela gemia, volvei a colorir sua bunda com a palma da minha mão. Então, agarrei sua cintura e dei estocadas mais profundas e fortes.

— Porra! — gemi.

O suor começava a se formar em minha testa.

— Mexe o traseiro, mexe — ordenei a ela.

— Assim? — ela pranteou, dando do jeito que eu gostava — Tá gostoso?

Nos movemos juntos. Um batendo contra o outro em uma foda alucinada.

— Ai.... — Ela foi ao delírio quando coloquei a pontinha do polegar em seu cu — Você quer meu cu?

Já que seria uma despedida, que o serviço fosse completo.

Deitamos de lado. Acaricieei seu buraco apertado, enfiando um dedo lentamente, depois outro. Seu braço estava em volta do meu pescoço e ela me encarava com o rosto retorcido, em uma mistura de dor e prazer.

Enquanto enfiava meus dedos em seu cu, esfregava sua boceta.

— Ui.... cachorro!

Fui colocando um dedo após o outro, alisando suavemente, e quando vi que estava minimamente preparada, levantei mais sua perna e comecei a deslizar o meu pau para dentro de seu cuzinho apertado, sentindo cada prega começar a ser rasgada pelo meu pau.

— Ai — ela apoiou a mão sobre meu quadril, impelindo-me a ir mais devagar, o que não fiz — Ahh...

Natasha mordeu o lábio conforme eu fui preenchendo-a toda, e a dor inicial foi dando lugar ao prazer.

— Vem, gostoso! — agora ela implorava para que eu a fodesse.

— Segura a perna — exigi e passei minha mão novamente por trás de sua perna, buscando seu clitóris.

Socava seu cu e esfregava seu grelinho inchado. A cada estocada minha, o seu corpo saltava para frente. Umedeci os meus dedos, e lá estavam eles novamente, esfregando a boceta ferosa, enquanto meu pau fodia seu cuzinho apertado.

— Hum... Isso! — gemeu ela — Ai, meu rabo.

Esse era o melhor tipo de sexo que existia. Sujo. Quente. Selvagem. Pelo menos, eu não conhecia outra forma.

— Vou socar mais forte agora — disse, buscando a mão dela, colocando-a em seu clitóris — Esfrega ele, esfrega.

Cumpri minha promessa de socar seu cu, duro e forte. Visitava sua boceta, socava em seu cu e, depois, em sua boceta. Em seu cu e em sua boceta, até que a tinha gritando, alucinada, dizendo que iria gozar.

— Fode! — exigia ela — Me fode, Pedro!

Seus gemidos passaram a ser mais desesperados. Foquei minha atenção em seu cu, onde pretendia gozar, e me dediquei a fodê-la com força.

— Tô gozando! — Ela esfregou o grelinho com mais força, seu rosto se contorcendo eroticamente — Eu tô gozando!

E enquanto o corpo dela sacolejava de um prazer profundo, deixei que o meu perdesse o controle, chegando ao ápice, liberando meu gozo intenso.

Podia considerar que foi uma boa despedida. Começamos e terminamos de forma quente. Todas as relações deveriam ter essa mesma oportunidade. Mas essa minha conclusão positiva foi rapidamente estragada por Natasha, que se ajoelhou em frente a mim na cadeira, após eu ter colocado minha calça.

— Peça que eu não vá, Pedro — havia o início de lágrimas em seus olhos.

Isso era uma grande merda.

— Natasha, já falamos sobre isso... — alisei o rosto dela.

Não era porque a tinha fodido como uma cadela sedenta por um bom macho que precisava ser rude com ela, mas se não entendesse que nossa história só se resumia a isso, a um bom sexo, teria que ser frio e mais claro.

— Eu não me caso com ele, Pedro — sua voz chorosa começava a me incomodar — Não precisa se casar comigo. Só peça que eu fique.

— Não posso e não quero fazer isso, Natasha — uma vez que decidia pôr fim a um caso, não voltava atrás — Siga com seus planos.

Frio? Cruel? Implacável?

Sou tudo isso e um pouco mais. Mas ela sabia muito bem quem eu era e como sou. Nunca a enganei. Foi só sexo, caralho.

— Pedro... — uma lágrima saltou de seus olhos arrasados.

Meu celular começou a tocar e foi uma ótima oportunidade para fazê-la se calar e para colocar distância entre nós. Fui em busca de minha camisa e meu paletó, onde o aparelho estava.

— Fernando? — chamei ao identificar a chamada.

— *Pedro, você tem que me prometer que ficará calmo.*

Senti o meu sangue, que antes estivera fervendo devido à ótima foda de instantes, começar a congelar. Quando as pessoas vinham com avisos como esse, coisa boa não era. A única pessoa que poderia me afetar de forma esmagadora no mundo era Lídia.

— O que aconteceu com Lídia?

— *Um acidente de carro* — disse ele, com a calma que me faltava — *Está sendo operada agora, você pode vir para cá?*

— Passe a localização do hospital — disse a ele.

Vesti minha camisa e terno com pressa, sem me importar se estava fazendo isso certo, ou não. Saí do escritório apressado, sem dar ouvidos aos chamados lamuriosos de Natasha. Ela que se fodesse, minha atenção agora estava em Lídia.

Encontrei meu motorista na garagem. Dei a ele o endereço e voltei a ligar para Fernando. Infelizmente, ele não tinha nada de novo e o que tinha para me dizer queria falar pessoalmente. Minha cabeça estava um turbilhão quando cheguei ao hospital.

O que havia acontecido? Como foi o acidente? Eu iria perder a minha irmã?

— Fernando? — O encontrei próximo à janela, enviando uma mensagem.

— Que bom que você chegou.

— O que aconteceu, Fernando? — perguntei, angustiado — Cadê a Lídia? Quero ver minha irmã! Como esse acidente aconteceu? Como chegou até aqui?

— Vamos nos sentar — disse ele, guiando-me até um conjunto de sofás.

Estava bem de pé, mas como queria que ele respondesse logo às minhas perguntas, o segui.

— Eu vou começar explicando o que aconteceu antes do acidente — disse ele — Há uns meses, a Lídia me procurou. Estava desconfiada que Diogo estava tendo um caso com alguma mulher.

— O quê? — fiquei de pé — Por que você não me disse nada, porra?!

Meu berro fez com que algumas enfermeiras que passavam por perto me encarassem feio, tanto pelo palavreado grotesco como por gritar em um ambiente que exigia calma, mas as ignorei.

— Porque ela me pediu. Sinceramente, se tivesse ido até você e falado das suspeitas dela, o que teria feito?

— Dado uma boa surra no infeliz — me exaltei — E o afastado de Lídia.

— Não era isso que ela queria — disse Fernando — Ela não queria se afastar do Diogo, mas saber quem era a mulher e tentar reconquistá-lo, acho. Nunca entendi a fascinação da Lídia pelo Diogo, mas parece que ela o ama.

Também nunca entendi esse amor inesperado da minha irmã pelo ex-assistente do meu pai. Eu não o quis trabalhando ao meu lado e o enviei como supervisor de marketing, que era no que ele era formado. Foi uma surpresa retornar de uma viagem de trabalho, no ano anterior, e descobrir que minha irmãzinha havia ficado noiva de Diogo.

Achei que era fogo de palha e que, na verdade, ela via em Diogo a figura paterna, que por mais que eu tentasse suprir, ela sempre sentiu muita falta. Como sempre faço as vontades de Lídia, deixei que brincasse de estar apaixonada até isso acabar.

— E ele estava?

Fernando foi até uma poltrona, que só naquele momento vi ter uma bolsa que reconheci sendo de Lídia e um envelope ainda lacrado.

— Sim, ele estava, entreguei isso à sua irmã. Ela decidiu que iria confrontá-lo antes de usar as fotos. Ela estava nervosa, tentei impedir que saísse assim da minha sala, mas não consegui segurá-la. Então, a segui de carro. Estava lá quando o carro bateu.

— Cadê o Diogo?

Eu iria matar aquele desgraçado com minhas próprias mãos.

— Ainda não sabe. Depois de acompanhar a ambulância que trouxe Lília para cá, liguei para você.

Meu corpo estava congelado e eu não sabia se minhas mãos tremiam de frio ou se era o choque de medo do acidente de Lília que me desestabilizava. Mas busquei forças para abrir o envelope.

Havia muitas fotos de Diogo, e ao seu lado, uma mulher de cabelos pretos, de corte *Chanel*, que fazia seu rosto delicado, quase como o de uma boneca, se destacar. Boca generosa e incríveis e expressivos olhos castanhos.

Em uma das fotos, ela usava um vestido florido, estava em frente a um carro popular, beijando Diogo. Em outras fotos, seu sorriso não parecia como desses ensaiados, que procuravam alguma vantagem, ele parecia honesto e a fazia parecer como um próprio raio de sol. Apesar de não ter seios muito exagerados conseguidos com implantes e nem curvas generosas, era uma jovem, sem dúvida alguma, interessante. Dessas que pareciam guardar certos mistérios que qualquer homem desejaria desvendar.

Eu notei isso em simples fotos? Sim, isso e um pouco mais.

Quantos anos a garota deveria ter? Vinte e quatro, como Lília, no máximo, vinte cinco anos?

— A pedido de Lília, fiz com que seguissem Diogo e tirassem as fotos.

Algo na garota me deixava incomodado. Talvez seja porque ela, assim como Diogo, foram os culpados pelo acidente da minha irmã.

— Algum responsável pela Srt^a Santini?

Um homem vestindo um jaleco branco, por cima do uniforme azul, apareceu.

— Eu sou o irmão dela. E esse é Fernando.... — respondi, afobado, indo direto ao que me interessava — Como Lídia está?

— Foi preciso operar imediatamente. Ela teve uma válvula cardíaca rompida por parte das ferragens que atravessou o seu peito e o coração também sofreu uma lesão — explicou o médico — É uma cirurgia muito delicada, que se ela sobreviver, poderá deixar algumas sequelas.

— Doutor! — segurei o ombro dele com força — Faça o impossível para salvar minha irmã.

— Estamos tentando, Sr. Santini. Ela está nas mãos do melhor cirurgião deste hospital, se não do país — murmurou ele — Só que, embora estejamos fazendo todo o possível para salvar sua irmã, não conseguimos salvar o bebê.

Bebê? Fernando e eu sussurramos juntos. Enquanto eu tentava assimilar o que o médico tinha acabado de me dizer, ele olhou para o meu amigo.

— De que bebê está falando? — indagou Fernando.

— Você era o pai? — indagou o médico.

— Eu? — Ele o encarou, atordado — Eu... ela...

— Chamou por um Fernando, antes de a sedarmos.

Olhei para meu amigo, buscando explicações.

— Estive com a Lídia antes do acidente — disse ele, ficando cada vez mais pálido — Eu não o...

Fazia sentido Lília ter chamado por ele, se foi a última pessoa que ela viu, e Fernando era como um irmão para nós. Eles brigavam muito, mas nos conhecíamos desde criança. Acho que mais implicavam um com o outro do que realmente se detestavam, como costumavam dizer.

— Sua irmã estava com apenas dois meses, e nesse caso, é duro eu dizer isso, uma gravidez, agora, colocaria tanto ela como a criança em uma situação de risco.

Era muita coisa para absorver e eu me sentia como se o médico me desse golpes no estômago.

— Bem, eu trarei novas notícias em algumas horas.

Voltei para o mesmo lugar onde tinha deixado as fotos. Que Deus e o médico pudessem salvar Lília, pois, o mesmo não aconteceria com Diogo e sua amante, quando colocasse minhas mãos neles.

Um filho. Lília estivera esperando um bebê. Meu sobrinho, agora, morto. Eu não sabia como podia sofrer por alguém, um ser que nem existia ainda, mas isso me condeu.

— Qual o nome dela? — indaguei a Fernando, referindo-me à garota da foto — Sabe ao menos isso?

Ele se sentou ao meu lado, dando tapinhas reconfortantes em meus ombros.

— Eu não sei, apenas pedi que tirassem as fotos.

Olhei novamente para a garota de rosto e sorriso bonito. Feições angelicais que deviam esconder um coração de uma mulher fria e ambiciosa. E que iria pagar muito caro por, ao lado de Diogo, ter feito minha irmãzinha sofrer.

— Eu vou dar o troco — sussurrei, baixinho — Por Lília e pelo seu bebê também.

Não tinha conseguido fazer justiça em relação aos meus pais, mas faria por minha irmã. Eu vou me vingar, e eles vão me pagar.

Custe o que custar.

Capítulo 1

Clara

O meu celular tocava todas as manhãs às 4h45. Tomada pela preguiça, fazia o alarme desligar e voltava a dormir um pouquinho mais. E às 4h55 eu despertava de vez, atrasada como sempre. Por mais que eu quisesse dormir mais um pouquinho, as obrigações do dia não iriam me deixar.

Tinha de tomar banho para despertar completamente e perder aquela sonolência que fazia a gente querer voltar para a cama. Preparar o café e a lancheira de Suzana, minha irmãzinha de sete anos. Depois, eu tinha de fazer a Suzi sair da cama e colocar o uniforme da escola. Então, eu levava os remédios e o café da minha mãe até o quarto dela, receberia um beijo de bom dia, seguido de um gostoso abraço apertado, tendo sua benção logo depois. Apressaria Suzi para tomar logo seu café com leite, porque se perdêssemos o ônibus para a escola dela seria uma caminhada de meia hora, que a faria entrar atrasada e eu chegar no horário limite no meu trabalho.

E foi assim que comecei esta manhã.

Despertador.

Pular da cama.

Pegar o uniforme da loja, que passei na noite anterior.

Correr para o chuveiro.

Eu poderia ficar horas sentindo a água quentinha banhando meu corpo. Mas seria ruim, tanto pela conta de luz e de água, que viriam astronômicas, como para o meio ambiente. Às 5h20 saí do banheiro, sequei os cabelos com a toalha e passei o pente rapidamente. Mantinha-os curtos, próximo à nuca,

porque devido à vida agitada e corrida que levava, dava menos trabalho pela manhã, e me rendia alguns minutos preciosos de sono. E qualquer minuto a mais de descanso era sempre muito bem-vindo.

— Suziii... — fiz cosquinhas nos pés dela e fui subindo minha mão pelo seu corpo — Está na hora de acordar, mocinha.

Aprendi, a duras penas, que era melhor acordar Suzana com jeitinho do que berrando, como eu fazia no início.

— Ah, não, Clara — ela tentou cobrir a cabeça, mas a impedi — Só mais um pouquinho.

— Nada disso, mocinha — puxei suas cobertas, jogando-as sobre a minha cama — Disse para você não ver TV até tão tarde.

Não dava para controlar a TV da Suzi, porque à noite eu fazia faculdade e minha mãe sempre acabava adormecendo no sofá. Então, ela não tinha ninguém que colocasse rédeas nela.

— Clara, o meu short de Educação Física rasgou novamente!

Suzana geralmente era um doce, mas de manhã, e quando a arrancava da cama, tinha um mau humor infernal.

— Hoje à noite, costuro outra vez, e suas aulas de Educação Física são terças e quintas. — Eu a lembrei.

Suzana tinha meia bolsa, mas o uniforme que precisava ser trocado, materiais escolares e o restante da mensalidade, que aliás estava atrasada, não entravam no pacote. Crianças cresciam tão rápido, pensei.

Eu estava faltando em algumas das primeiras aulas, nada que pudesse me prejudicar, pelo menos, não em relação a faltas, porque estava fazendo algumas horas a mais na loja. Entre hoje e amanhã, receberia um vale e parte das horas extras que pedi ao Sr. Arthur, valor suficiente para pagar algumas contas e comprar o novo uniforme de Suzana. Mas não falei nada disso a ela, porque prometer algo à minha irmã era o mesmo que vender a alma ao diabo,

e eu não queria decepcioná-la se algo desse errado, imprevistos sempre acontecem bem quando não esperávamos por isso.

— Posso levar Todynho hoje? — disse ela, quando chegamos à cozinha.

— Tá, mas só se levar uma maçã também — peguei a fruta no cesto e joguei em direção a ela — E nem adianta jogar fora, porque eu vou saber, Suzana. E não esqueça de pegar o lanche.

Claro que eu não vou saber, mas as ameaças têm funcionado ou, pelo menos, eu acho que sim.

Depois, coloquei um copo de leite no micro-ondas e acrescentei meio dedo de café dentro dele. Eu sei, não deveria dar café a uma criança, mas não dá para discutir com Suzana toda manhã. E enquanto ela começava a tomar seu café da manhã, preparei o da nossa mãe. Com um copo de água, levei-o para o quarto dela.

— Obrigada, minha querida — murmurou, quando a ajudei a se ajeitar na cama, colocando o travesseiro em suas costas — Você é uma filha muito boa.

— Não faço mais que minha obrigação, dona Beatriz.

É, eu tenho problemas em receber elogios, eles geralmente me deixam envergonhada, mesmo os que vêm de minha mãe.

— Pode apostar, minha querida — disse ela, antes de engolir o primeiro comprimido que dei a ela — Nem todas as mães têm a sorte de ter uma filha carinhosa, preocupada e atenciosa como você.

Na verdade, eu queria poder ajudá-la muito mais. E eu estudava e trabalhava duro para conquistar um futuro melhor para a gente. Não tínhamos uma vida cheia de necessidades, mas, também, não vivíamos no luxo. A pensão que recebíamos do meu pai, somada ao que ganhava na loja como vendedora, era toda a nossa renda, servia para pagar as contas, manter os

armários abastecidos, pagar os gastos de Suzi na escola, comprar os remédios da minha mãe e alguma outra despesa que surgisse.

No caminho para o trabalho, eu passava por ruas onde havia muitos indigentes, barracos armados próximos ao viaduto e, nessas horas, eu agradecia por ter um teto sobre a minha cabeça, refeições todos os dias e uma família que me amava.

— Se a senhora se sentir mal, não hesite em me mandar uma mensagem pelo *WhatsApp*, ou então ligue. Bênção, mamãe.

Eu falava por falar, mesmo que ela sentisse muita dor, não iria me incomodar no serviço, o que só me fazia trabalhar mais preocupada com ela.

— Ficarei bem, minha filha — me curvei para que ela desse a sua bênção, um beijo em meu rosto e me abraçasse forte, o máximo que ela conseguia — Que Deus a acompanhe, guie e cuide de você.

A minha mãe sofria de Lúpus Eritematoso Sistêmico, conhecido como lúpus. É uma doença autoimune que afeta, na maioria, mulheres entre 20 e 45 cinco anos. Nos últimos tempos, os sintomas estavam cada vez mais agressivos com ela. Dores de cabeça, dificuldade em respirar, principalmente à noite, lesões na pele, feridas na boca, que muitas vezes dificultavam sua alimentação, rigidez nos músculos e articulações (principalmente nas mãos), às vezes, confusão mental e queda de cabelo.

Na maior parte das vezes, o tratamento era feito com anti-inflamatórios, mas quando as crises ficavam mais pesadas, os corticoides entravam em jogo e eram mais eficazes contra a inflamação decorrente do lúpus, porém, provocavam efeitos colaterais significativos. Isso sem contar que a utilização constante desses fármacos estava associada à obesidade e ao diabetes. No caso de minha mãe, era o diabetes que ela também adquiriu.

O médico, às vezes, receitava drogas como o metotrexato, a cloroquina e outros imunossupressores, com o objetivo de reduzir a atividade do sistema imunológico, mas com isso, outros danos podiam ser provocados por ele ao organismo. Esses medicamentos facilitavam o surgimento de infecções oportunistas, entre outras coisas.

Em casos avançados, também entrava em cena os chamados anticorpos monoclonais, que bloqueavam a ação de uma substância específica. No caso do lúpus, o alvo atendia pelo nome de TNF-alfa. Essa substância incitava inflamações pelo corpo – bloqueavam sua ação, portanto, amenizava o problema.

Sabia que a Lady Gaga, Selena Gomes e Astrid Fontenelle também sofriam com essa doença, sendo que Selena até precisou de um transplante de rins. Mas elas eram muito ricas e as duas primeiras viviam em um país onde a tecnologia e o tratamento eram bem mais avançados do que aqui. Não conseguia imaginar minha mãe precisando fazer um transplante. Quando as crises ficavam fortes e ela precisava ser internada, a gente gastava muito com hospital. Eu deixava contas acumularem, como a escola da Suzana, o IPTU atrasado, as parcelas do apartamento, menos o plano de saúde. Até tinha vendido o velho carro do meu pai para pagar as despesas.

Eu não gosto de assistir minha mãe sofrer, mas, infelizmente, só me restava fazer o melhor possível para que ela tivesse o máximo de conforto e tranquilidade.

— Vamos, baixinha! — berrei por Suzi após pegar minha mochila na sala, que não combinava em nada com o uniforme de trabalho, mas era melhor para carregar o material da faculdade e roupa extra que levava — Anda, Suzana, não posso perder o ônibus para sua escola hoje.

Se eu chegasse mais uma vez atrasada no trabalho, iria levar uma bela advertência assinada.

— Eu preciso pegar a Popy! — berrou ela de volta, correndo com a sua mochila nas costas até nosso quarto, em busca de sua girafa de pelúcia — Hoje é dia de levar brinquedo para a escola, Clara. Você sabe disso.

— Dê um beijo na mamãe antes de sairmos — gritei, já esperando-a na porta.

Ouvi apenas os ruídos da conversa delas e logo Suzana passou correndo ao meu lado. Seu mau humor já não existia mais, agora, ela estava ligada no 220 e seria o dia todo assim.

— Chama o elevador! — Falei para ela que, resmungando, disse que já sabia disso.

Tranquei a porta e pedi mentalmente que os anjos e o Senhor cuidassem da minha mãe.

— Clara, amanhã vamos ao parque? — perguntou Suzana, quando chegamos à calçada.

Não tinha muitos programas para fazer com Suzi, já que a grana era curta. Então, às vezes, a levava ao Ibirapuera para patinar. Foi lá que conheci Diogo, que me atropelou quando estava fazendo sua corrida. Nós rimos muito, apesar de eu ter ralado minha mão. Ele fez questão de pagar um sorvete para minha irmã e um suco para mim, como forma de se desculpar. Estamos juntos há um ano, após isso, e com onze meses de namoro, ele me pediu em noivado. Sei que ainda é cedo para assumirmos um compromisso tão importante, só tenho vinte e dois anos, vamos nos casar quando eu terminar a faculdade, e, juntos, poderemos começar a financiar um apartamento. O que eu morava com minha mãe e irmã, pretendia deixar para Suzi, se conseguíssemos quitá-lo com o banco, quando fôssemos só nós duas nessa vida, e Deus me livre, eu não gosto nem de pensar sobre isso.

— Eu não sei, Suzi. Diogo volta de viagem hoje — fiz o sinal para o ônibus, que surgiu no momento que chegamos ao ponto.

Estava lotado, como sempre. Fazia umas cinco paradas antes de descermos no nosso ponto, por isso, teríamos que ir em pé, sendo pressionadas por outras pessoas, como sardinhas dentro da lata.

— Mas se ele estiver muito cansado a gente pensa no domingo, ok?

— Tá legal.

Diogo é representante de vendas, mas ele não trabalha em uma loja física, como eu. Ele viaja muito, visitando clientes, tentando vender algum tipo de óleo para carros. Por isso o vejo tão pouco, duas vezes por semana, se tivermos muita sorte. Eu não reclamo, ele diz que pagam muito bem e que está juntando dinheiro para quando quisermos iniciar uma vida juntos. Ele é tão esforçado e trabalhador que só posso me sentir uma garota de muita sorte.

Suspirei e voltei meu olhar atento para Suzana. Com o ônibus lotado, não dava para falar muito com ela sem que metade das pessoas ao nosso redor escutasse nossa conversa. De qualquer forma, o percurso até a escola dela durava dez minutos, nesse tempo, ela ficava olhando as placas, avisos de lojas ou qualquer coisa escrita que ela conseguisse juntar as letras, formando palavras.

— Ba-ca-ca-la-au — murmurou ela, depois, puxou minha mão — Bacalhau, Clara!

Ela tinha lido uma placa de restaurante.

Eu sentia entre orgulho por seus progressos, como um pouco de vergonha por chamar a atenção sobre nós. O que Suzana tinha de extrovertida, eu tinha de tímida.

— Muito bem, Suzi — elogiei, passando a mão em seus cabelos.

Como uma boa irmã mais velha, precisava incentivar seus esforços.

Graças a Deus, o ônibus parou próximo à escola dela e pudemos descer. Às 6h45, observei Suzi atravessar o portão e ir para sua fila esperar

a professora. Dei um ok à distância para a inspetora de alunos, esperando que ela não me chamasse para falar mais uma vez sobre a mensalidade atrasada. Fiz o retorno rapidamente até o ponto para aguardar o meu ônibus chegar. Havia uma vaga no último banco, sacolejava muito, mas meus pés ficariam muito gratos, contudo, acabei deixando para uma jovem grávida, que entrou logo atrás de mim, já que os homens sentados em outros bancos dormiam, ou fingiam dormir.

Eu teria de passar a manhã e a tarde toda andando de um lado a outro na loja, que meus pobres pés se acostumassem logo a ficar em pé.

Já eram 7h30. Acreditava que Diogo estaria acordado, ou prestes a acordar. Peguei meu celular de dentro da mochila e enviei uma mensagem no *WhatsApp* para ele.

Bom dia, amor. Espero que tenha feito uma boa viagem de volta. Ainda morrendo de saudades.

Acrescentei à mensagem um emoji com rostinho apaixonado e enviei.

Desci na estação de metrô. Cheguei ao trabalho no momento que o gerente estava abrindo a loja. Da escola de Suzana até meu trabalho, foram quase duas horas entre trem e ônibus.

— Ah, Clara, eu queria dizer que mal posso esperar para o fim de semana chegar! — reclamou Letícia, uma mulata muito bonita e uma das vendedoras da loja, que tinha se tornado uma grande amiga — Mas aí, eu me lembro que fui escalada.

Às vezes, eu trocava minhas folgas com a Letícia, por ela ter uma filha pequena. Mas se cancelasse o dia no parque mais uma vez, aguentaria as lamúrias de Suzana por semanas.

— E como vai seu curso de enfermagem?

Letícia morava com os pais, mas por ser mãe solteira, eles não facilitavam nada para ela. Assim como eu, ela dava duro na loja, e à noite,

fazia um curso técnico de enfermagem. Faculdade, mesmo que pública como a minha, estava longe para ela, no momento.

— Graças ao meu bom Deus, o estágio está terminando — ela trazia um grande sorriso no rosto — Você e aquele seu namorado charmoso irão à minha formatura, certo?

— Me diz a data com antecedência, que vou pedir para Diogo tentar não viajar.

Qualquer programa futuro com ele tinha que ser combinado com antecedência, para que organizasse suas viagens de trabalho.

— Menos conversa e mais serviço — disse Arthur Santos, o gerente da loja — Tempo é dinheiro, e lembrem-se que é isso que paga o salário de vocês.

Não dava nem para ficar aborrecida com o Sr. Santos. Ouvimos esse discurso há tanto tempo, que já era meio que nosso grito de guerra para iniciar as atividades do dia.

A Huddu é uma loja de joias e semijoias que fica na 25 de Março. Vendemos a varejo para clientes que entravam por curiosidade e no atacado para revendedores de todo o país.

Foi uma manhã típica, cheia e corrida. Almoço de uma hora, que pareceu ter durado quinze minutos, e uma tarde igualmente cansativa. Acho que estava muito reclamona, porque o fim de semana estava próximo. Desconheço um trabalhador que chegue na sexta e não esteja exausto.

Queria muito um banho quente no fim do expediente, mas tinha que me contentar em trocar a camisa social e colete, com bordado da loja, por uma camiseta limpa, e estaria pronta para o segundo round, a faculdade. Ônibus lotado mais uma vez, baldeação e seis estações de metrô. Tudo bem, Clara, está tudo certo. Eu estava lutando por algo melhor, no fim dessa jornada tudo valeria a pena.

Cheguei ao campus e encontrei algumas alunas da minha sala na copiadora. Nós batemos um papo e eu peguei com uma delas a matéria da aula que perdi no dia anterior. Tinha poucos minutos para tentar copiar tudo, antes que a primeira aula se iniciasse.

Passei na faculdade pública, entrando na segunda chamada, após fazer muito cursinho gratuito, mas foi o suficiente para deixar minha mãe orgulhosa e eu, muito feliz. Porque ensino no Brasil não é uma coisa fácil, e para quem vinha de escola pública, mesmo uma boa como a minha, tornava o ingresso em uma ótima faculdade gratuita algo muito difícil de se conseguir.

— Clara, avisaram que o professor Gusta não virá hoje. Nós vamos lá para o barzinho da esquina, quer vir?

O próximo módulo seria aulas de inglês, que eu não era fluente na língua. E diferente da maior parte dos alunos aqui, não podia ter mais um gasto bancando um curso. Pretendia investir em um após me formar.

— Vou rever a matéria da próxima aula — disse ao rapaz que me convidou — Mas obrigada, Juninho.

Ele balançou a cabeça, mas, depois, sorriu.

— Isso aqui pode enlouquecer, garota — alertou ele, rindo — A vida não é só estudar, Clara.

Não, era zelar por uma mãe doente, cuidar de uma irmã pequena e ter oito horas de trabalho, sem contar as horas extras. Mas Juninho não tinha como saber, vinha de família de posses, sua única obrigação era ajudar o pai de vez em quando na loja de carros e tirar boas notas, coisa que nem sempre conseguia, por cabular demais, por ficar perdendo tempo no barzinho próximo à faculdade.

— Quem sabe na próxima — sorri, voltando minha atenção para o caderno.

Outras pessoas, inclusive Dandara, que me emprestou a matéria, ficaram na sala, nós aproveitamos para fazer um grupinho de estudos. Metade dos que tinham saído não retornou para o segundo módulo. Era sexta-feira, e quem não tinha suas grandes responsabilidades na vida queria curtir.

Essa professora, por mais que pedíssemos o contrário, sempre fazia a chamada perto do sinal tocar. Por sorte, meu nome era um dos primeiros da lista, antes que ela falasse meu nome, já estava na porta, respondendo à chamada.

Caminhava apressada pela calçada da rua da faculdade, quando ouvi uma buzina às minhas costas. Apressei os meus passos, odiava quando alguns caras nos assediavam dessa forma. Eu só queria chegar logo no ponto. Teria mais pessoas e eu me sentiria um pouco mais segura.

Buzinaram mais uma vez. Tinha alguns estudantes atrás de mim, ouvia os sussurros de suas conversas, mas não era garantia de nada. Se o louco me arrastasse para dentro do carro, haveria pouco ou nada que eles pudessem fazer.

Será que eu deveria correr até o ponto?

— Ei, Clara!

Estaquei no lugar ao reconhecer aquela voz e virei lentamente em direção ao carro parando ao meu lado no meio-fio.

— Diogo?

Fiquei surpresa, não apenas por vê-lo, mas pelo bonito automóvel que ele dirigia. Não era uma grande expert em carros, mas tinha quase certeza de que ele estava em um *BMW* novinho. O filho do dono da loja que trabalho tinha uma igual.

— Que carro é esse? — perguntei, quando ele começou a descer.

A maioria das vezes que Diogo me visitava de carro usava o *Corsa* vermelho de um primo dele.

— É do trabalho. Vou devolver na segunda — disse ele, esticando os braços para mim — Mas não vai me dar nem um beijinho? Seu recado essa manhã dizia que sentia saudade.

Deixei de lado minha curiosidade em relação ao *BMW* e corri até ele. Senti seus braços rodearem minha cintura e entreguei minha boca para um beijo. Estava feliz em ver Diogo, estava, sim.

Mas era estranho. Eu sempre achei que estar apaixonada por alguém fosse uma loucura febril. Que o chão tremia, que perdíamos a noção de todo mundo ao redor de nós. Que as peles, quando se tocassem, pegassem fogo, e que o sangue fervesse nas veias a cada vez que nos beijássemos. Sabe, essas coisas de livros e filmes.

Não era ruim beijar Diogo, ele sabia fazer isso muito bem, tinha experiência, mas não era nada extraordinário. Como eu disse, emoções assim só deveriam existir com toda essa intensidade nos romances que eu lia.

— Gostou da surpresa?

— Foi por isso que não respondeu à minha mensagem dessa manhã?

Ele nem sempre respondia às mensagens na mesma hora. E eu entendia, por causa do trabalho, e também pelos estudos, não era uma daquelas pessoas obcecadas, que se não me respondessem na hora começaria a surtar.

— Exatamente isso — ele apertou o meu queixo — Agora entra, vamos dar uma volta antes de te levar para casa.

E eu não podia reclamar da vida. Tinha um noivo atraente, que me amava e se preocupava comigo. Agora, em vez de mais uma hora dentro de um ônibus cheio, eu deslizaria por um confortável e macio banco de couro.

— Posso ligar o som? — indaguei, empolgada.

— Você pode fazer tudo que quiser, minha linda — ele buscou minha mão e deu um pequeno beijo em meu pulso.

Animada, coloquei na estação que eu costumava ouvir. A voz da Marília Mendonça logo tomou conta do ambiente fechado.

— *Aliança virou enfeite do dedo. A nossa cama, agora, é só pra dormir mesmo* — comecei a cantar com ela — *E no carro parece que eu 'tô levando um simples passageiro. Estranho.*

A gente, que é pobre, não tem muito o que comemorar ou o que fazer para aproveitar a vida, mas adoramos música e uma sofrência, então, estava no DNA.

— *Você me beija e minha boca estranha* — sigo a cantar a plenos pulmões — *O seu carinho parece que arranha. O seu abraço é tão solto, não consegue me prender.*

Eu não sabia por que gostava tanto dessa música, quem me viciou nela foi Letícia. Não tinha nada a ver com meu relacionamento atual, mas ela falava comigo de uma forma que não sabia explicar.

Tentei refletir sobre isso e buscar alguma resposta, mas logo a música terminou, começando uma mais animada, e decidi tirar essas caraminhas da cabeça.

Chegamos em meu prédio meia hora mais cedo. Convidei Diogo para subir, mas ele perguntou se minha mãe estava em casa, e quando respondi que sim, preferiu que ficássemos namorando no carro. Minha mãe não simpatizava muito com Diogo e ele se ressentia com ela.

— Diogo... — tirei sua mão sobre o meu seio e o empurrei.

Os beijos carinhosos começaram a ficar mais intensos e suas mãos mais ousadas.

— Caramba, Clara! — Ele se afastou, soltando um suspiro frustrado — Já estamos um ano juntos e há mais de um mês ficamos noivos. Não acha que já está na hora de dar o próximo passo?

Não é que eu queira me casar virgem e essas coisas, ninguém na minha idade hoje em dia pensava assim. Se dissesse às garotas da faculdade que nunca havia ido para a cama com um homem, iriam tirar sarro de mim e pensar que havia algum problema.

Mas como a maioria das garotas inexperientes como eu, gostaria que minha primeira vez fosse especial. Eu queria me sentir segura. E por mais que sentisse amar Diogo cada dia mais, não sei, não me sentia pronta. Além disso, não queria perder a virgindade dentro de um carro, por mais caro que ele fosse.

— Eu quero — mordi meus lábios e ajeitei minha camiseta — Mas assim não.

Ele estava sempre viajando. Eu trabalhando, estudando muito e cuidando da minha família. A gente também não saía muito para curtir a noite como casais normais. E Diogo parecia sempre querer me levar para um motel ou fazer sexo dentro do carro. Na pensão onde ele morava, e que só vi de longe quando passamos de carro por ela, também seria impossível criar um ambiente romântico. Em casa, sem qualquer chance, por causa de minha mãe e Suzana.

— Ouça, eu ganhei um belo desconto em uma pousada em Santos, de um cliente que visitei — disse ele, animado — As férias logo chegarão. Por que não fazemos essa viagem juntos?

Praia. Sol. Água de coco. Já nem me recordava há quanto tempo que não fazia isso. Quando meu pai era vivo nós íamos muito à praia.

— E o meu trabalho?

— É só um fim de semana, Clara — insistiu ele — Se falar com seu chefe, consegue agendar isso.

— Mas, e a mamãe? E a Suzi?

— As duas podem ficar com sua tia, no interior — disse ele, agora, já em um tom impaciente — Você sempre diz que ela pede para vocês iriem visitá-la e que gostaria de me conhecer. Levamos as duas e acertamos tudo em uma tacada só.

— Mas...

— Porra, Clara! — Ele bateu com força no volante, o gesto me fez saltar — Está procurando desculpas? Não quer transar comigo? Porque se é isso, é melhor falar de uma vez. Já aguentei muito tempo.

Eu estava tentando enrolá-lo?

Letícia sempre me dizia que Diogo era um santo e paciente demais, outros caras já teriam pulado fora há muito tempo. Mas eu tinha mesmo que ir para a cama com um homem apenas para mantê-lo comigo?

— Ok, só pensa, tá legal? — disse ele, acariciando meu rosto — Desculpe ter gritado, minha linda. Mas você deve entender que é difícil para mim. Eu sou homem e tenho as minhas necessidades.

Apesar de não gostar quando ele ficava bravo assim, procurei entender. Eu não precisava me render aos caprichos e desejos de um homem, mas tinha que admitir, Diogo vinha tendo muita paciência.

— Eu penso sobre a viagem se você for na formatura da Letícia comigo.

— Você sabe que eu não gosto desses eventos.

— Diogo...

— Tudo bem, mas nada de tirar fotos. Você sabe que eu não gosto disso, Clara.

— Por que não? Eu entendo que não goste dessas coisas de redes sociais — insisto no assunto, já que o levantamos — Eu também mal tenho tempo de verificar meu status. Só não entendo o problema de, vez ou outra, compartilharmos um momento feliz. Nem vou poder te marcar, já que você não tem uma conta.

Isso era algo que eu não conseguia compreender. Quase nunca tirávamos fotos e era proibido postar alguma de nós dois no meu *Facebook*, ou qualquer rede social que eu tivesse, e ele nem mesmo tinha alguma. Diogo dizia que não curtia essas coisas e que era melhor não exibirmos nossa felicidade e relacionamento para pessoas invejosas.

— Porque essas coisas só atrapalhariam a nossa relação. Outras garotas iriam curtir minhas fotos, outros caras as suas, começaria a rolar ciúmes — realmente não dava para controlar o que as outras pessoas faziam em nossas postagens, principalmente em modo público, mas alguma coisa nisso ainda me chateava — Já tive um relacionamento assim. Daqui a pouco, estaríamos exigindo a senha um do outro, cheios de desconfiança, e a nossa vida viraria um inferno. Além disso, por que o mundo tem de saber sobre nós? A gente não é o bastante? Por que as pessoas insistem tanto em alardear para o mundo uma felicidade e vida falsas?

— Eu nunca faria algo como o que você está dizendo. Eu respeito você, Diogo, e sei que um casal tem direito à sua individualidade — retuquei, ofendida — Mas vou tentar aceitar o seu ponto de vista, já que você não consegue enxergar as coisas de outra forma. Mas as fotos para o álbum da Letícia, essa, sim, vamos tirar. E nem venha dizer que é um homem tímido, que sei bem que não é. Ela é minha melhor amiga e quero estar nas suas lembranças de um dia tão especial.

Eu não era muito de ficar na internet, pois, esse negócio viciava, o pouco tempo livre que me restava dedicava à família, amigos, Diogo e aos

meus livros, adorava ler. Por isso, não ficava brigando por essas coisas, o que me importava eram as pessoas reais. Mas qual era o problema em tirar algumas fotos na formatura de uma amiga?

— Tudo bem, Clara. Tiramos as benditas fotos para o álbum de formatura. Só que ainda vou precisar ver minha agenda de trabalho, então, não confirme nada.

Como eu não queria levantar mais um desentendimento entre a gente, deixei o assunto passar. A vinda de carro foi confortável, mas eu estava esgotada e essa discussão com Diogo só me deixou mais estressada, tudo o que queria era tomar banho e descansar.

— A gente se vê amanhã? — perguntei a ele, antes de tocar a maçaneta da porta.

— Claro que sim.

Ele se inclinou para beijar meus lábios rapidamente e quase me esquivei. Ainda estava chateada com o assunto.

— Suzi ficará feliz — murmurei, cedendo ao seu gesto carinhoso.

Despedi-me dele com mais três beijos que roubou de mim e subi para o meu apartamento com as caraminholas ganhando força em minha cabeça.

O que havia de errado comigo? Por que não conseguia me entregar a Diogo, como uma mulher loucamente apaixonada?

Ele não era um juvenzinho em busca de aventuras. Estávamos noivos, contudo, eu não conseguia dar o próximo passo. Essas perguntas atormentaram minha mente até eu dormir.

Mas nada como uma noite de sono tranquila para nos fazer esquecer de tolices que, às vezes, rondavam nossa cabeça.

Eu acordei com os puxões animados de Suzana.

— Acorda, Clara! — Ela sacudia meus ombros com força — Hoje é dia de parque e nós temos muito o que fazer.

Puxa vida, eu queria que Suzi acordasse tão animada assim todas as manhãs para ir à escola.

— Ai, Suzana, ainda são oito horas — cobri minha cabeça, sorrindo — Deixe-me dormir.

Era bom fazer com que ela provasse um pouquinho do próprio veneno.

— Clara! Clara! Claraaaa... — ela cantou em volta da minha cama — Acorda! Acorda!

Não dava para resistir a isso. Saltei da cama, correndo atrás da pequena perturbadora. A verdade era que eu já tinha levantado no horário habitual, para dar os remédios de mamãe, e voltado para a cama, apenas para mais um cochilo ou outro.

A gente se acostumava a levantar cedo, e mesmo nos dias de folga, o máximo que conseguia era esticar duas ou três horas a mais. O que durante a semana me deixava muito irritada, pensando que eu poderia ter aproveitado melhor.

— Você é uma chata, Suzana! — A encurralei no sofá, enchendo-a de cócegas.

— Você é muito mais — gritou ela, entre um grito e outro — Para, sua boba. Eu estou com fome.

Resolvi deixá-la em paz e ficamos ambas ofegantes no sofá, por um ou dois minutos.

— Eu quero cereal — disse Suzanna, quando fomos para a cozinha.

Eu só permitia que ela comesse cereal nos fins de semana, então, não discuti sobre seu gosto alimentar. Depois de servir Suzanna e deixá-la entretida, caçando letrinhas no prato, fiz o café da minha mãe e o levei para ela.

— Não precisava, filha — a encontrei sentada na cama, olhando para a porta do guarda-roupa aberto — Hoje, eu me sinto melhor.

Se comparado aos outros dias, ela parecia ter acordado mesmo bem. Mas a minha mãe ocultava muitas coisas de mim, porque ela não gostava de me preocupar, ou como dizia, causar mais problemas.

Como uma mãe pode causar problemas a um filho? Geralmente era o contrário.

E ela estava doente, não se tratava de apenas obrigação minha em cuidar dela, fazia isso porque a amava muito e não conseguia imaginar nossas vidas sem ela.

— Se a senhora puder ficar um pouquinho na sala — disse ao colocar o prato com pão e o copo de leite na mesinha ao lado da cama —, vou começar a faxina pelo seu quarto.

— Eu mantive as janelas abertas ontem — disse ela ao começar a tirar o pijama com dificuldade. Queria ajudá-la, mas ela não iria permitir. Sei que suas articulações têm doido bastante nas últimas semanas, contudo, mamãe tenta ser independente o máximo que é capaz — Dei uma ajeitadinha. Você já faz demais, minha filha.

Não duvidava que mamãe tenha tentando arrumar o quarto dela quando estive fora, mas teria sido apenas o que fosse dentro de suas possibilidades. Em todas as minhas folgas, eu fazia uma faxina no apartamento, e durante a semana implorava a Suzanna que me ajudasse a manter a casa limpa.

— Sabia que fazer faxina é o que mantém esse meu corpinho em dia?

Ambas rimos da minha vergonhosa tentativa de piada.

— Você tem uma genética boa — disse mamãe, sorrindo — Como o seu pai. Aquele lá comia de tudo e parecia sempre um graveto.

Sentia saudades do meu pai. Ele faleceu quando Suzanna tinha apenas três aninhos, foi logo quando viemos para este apartamento, que ele havia começado a financiar no banco onde trabalhava.

— Além disso, você precisa economizar energia — disse a ela — Diogo está de carro hoje e vamos levá-la com a gente ao parque.

Notei mamãe ficar tensa. Eu sempre fazia o possível para juntar os dois, e na maioria das vezes não dava muito certo.

— Esqueci de avisar, mas receberei a visita das senhoras da igreja. Vão se divertir, vocês três.

Quando não podemos levá-la a algum passeio, mamãe convidava as senhoras da igreja para visitá-la. Ela dizia que já que eu não dava a mínima para ter uma vida social, que ao menos Suzana tivesse alguns momentos de diversão. Eu concordava com ela e tentávamos fazer da infância da minha irmãzinha a mais feliz possível. Mas, no caso de hoje, vejo que sua recusa era implicância com Diogo.

Será que eles nunca se dariam bem?

Deixei a questão de lado, e enquanto minha mãe seguia para a sala após tomar café, eu voltei ao quarto que dividia com Suzana para pegar o meu celular. Faxina comigo só funcionava com música. Também porque fazia com que minha irmãzinha se animasse e se unisse a mim.

Apesar de termos dado duro na faxina, o dia no parque estava sendo incrível. Depois de Suzana se cansar dos patins, paramos um pouquinho para comer e decidir a nova atração.

— Eu quero ir ao planetário — disse Suzana com a boca cheia, depois de ter devorado seu último pedaço de cachorro-quente.

O que me fez chamar a atenção dela sobre seus modos e limpar o queixo sujo de maionese.

— Você já foi lá tantas vezes — alertou Diogo, ele não parecia muito contente com a escolha dela.

— Mas é meu lugar preferido — disse Suzana, encarando-me com o olhar suplicante — Não é mesmo, Clara? Eu quero ver a *Janela Mágica*.

— Claro que sim — murmurei, olhando para Diogo, sendo a minha vez de suplicar — Você se importa?

Ele tirou algumas notas da carteira e as colocou sobre o balcão do Food Truck.

— Tudo bem — murmurou ele, caminhando na frente.

Puxei Suzana da cadeira e a fiz correr comigo até Diogo. Fiquei ao lado dele e abracei sua cintura, fazendo cócegas em suas costelas até vê-lo finalmente sorrir.

— A gente pode ir depois ao Obelisco ou no MAC, o que você acha?

Era um passeio para Suzana, mas eu queria que todos se divertissem.

Diogo parou no lugar e segurou meu rosto sorridente. Ele ficou a me observar por um longo tempo.

— Eu te amo tanto, Clara — tocou seus lábios nos meus e fiquei esperando aquela fagulha que faria meu corpo incendiar.

Eu amava Diogo. Amava, sim.

— Também te amo.

Depois disso, ele foi apenas sorrisos e carinhos comigo e com Suzana, e no domingo, até tentou ser o mais amigável possível com minha mãe. Diogo era um homem bom. Eu deveria ouvir mais os conselhos de Letícia e permitir que avançássemos o sinal. Sim, essa viagem nas férias, dentro de alguns meses, seria o momento ideal para finalmente me entregar a ele.

Eu estava decidida.

[1] Biting: O Dom dá mordidas em várias partes do corpo de sua parceira.

[2] Cock and ball torture: Atividade sexual BDSM sadomasoquista envolvendo os genitais masculinas com objetivo de manter a ereção.

[3] Cânhamo: tradicional fibra para corda. As cordas de cânhamo ou juta japonesas, são as mais tradicionais na prática do shibari.